



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

# **ESTUDO CONTRASTIVO SEMÂNTICO-LEXICAL DOS FALARES DE CUIABÁ E DA COVILHÃ**

**Jussara Maria Pettenon Dallemole**

Tese para Obtenção do Grau de Doutor em  
**Letras**

Orientador: Prof. Doutor Paulo Osório

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Jesus Carvalho Patatas

Covilhã, Janeiro de 2016



UBI  
Covilhã  
Portugal  
2016

# **ESTUDO CONTRASTIVO SEMÂNTICO-LEXICAL DOS FALARES DE CUIABÁ E DA COVILHÃ**

**Tese apresentada à Universidade da Beira Interior para obtenção do grau de  
Doutor em Letras**

**Orientador: Prof. Doutor Paulo Osório**

**Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Jesus Carvalho Patatas**

**Jussara Maria Pettenon Dallemole**

**Covilhã, Janeiro de 2016**

Ao Víctor,  
à Bárbara,  
amor eterno.



# A Revolta das Palavras

*Língua Portuguesa convocou todas as palavras para uma Assembleia Geral. O motivo foi o veemente apelo que lhe fizeram alguns de seus súditos mais fiéis que se vangloriavam de conhecê-la por dentro e por fora.*

*Ela ia passando faceira em seu gingado natural, engordando uns quilinhos aqui, ao ingerir palavrinhas novas, e emagrecendo acolá como sói acontecer às línguas, que, sendo gulosas por natureza, alimentam-se de gregos e troianos. Mas os súditos fiéis interromperam sua marcha normal para reclamar a deformação que vinha sofrendo sua bela figura, causada, principalmente, por estrangeirismos abomináveis [...].*

*O planejamento do conclave ficou a cargo dos seus Ministros: os Advérbios de Tempo, Modo e Lugar. Lugar determinou que a reunião realizar-se-ia na Mansão [...]. Advérbio de Tempo determinou que a Assembleia seria agora. Como Advérbio de Modo, que muito mente, disse que estava doente, a forma do conclave ficou meio indefinida.*

*Houve convocação compulsória para os formadores da estrutura gramatical como os Artigos, as Preposições, as Conjunções, as Flexões, os Verbos Auxiliares e outros, todos soldadinhos pequeninos, mas de tal eficiência que se constituem na guarda de sua Majestade [...].*

*As demais palavras foram convidadas, mas não estavam obrigadas a comparecer. Assim, os Arcaísmos decidiram não ir, por serem muito velhos [...].*

*No momento certo todos tomaram seus lugares. A tribuna de honra fora reservada para a nobreza. Latinos e gregos ocuparam-na.*

*Lá em cima, na galeria, instalaram-se os neologismos, as siglas, as abreviações famosas. Nos corredores e escadas, sentadas pelo chão, estavam as gírias, bem hippies, malcomportadas [...].*

*Finalmente foi aberta a sessão. Como Língua Portuguesa não havia tido a devida assessoria de seu Ministro, Advérbio de Modo, não sabia bem como encaminhar os trabalhos. Um pouco titubeante, ela começou solicitando que quem não fosse completamente brasileiro se retirasse. Foi um alvoroço. Levantou-se todo mundo. Só ficaram sentadas uma meia dúzia de palavras que, embora nuas, estavam revestidas de muita brasilidade [...].*

*Percebendo sua precipitação, Língua Portuguesa, pediu ordem no plenário e reformulou suas palavras, convidando a retirarem-se as palavras que não fossem legitimamente vernáculos.*

*Novamente deu confusão [...]. Alguns até alegaram pertencer à terceira ou quarta geração de aportuguesados e ter compatriotas com muito status, ocupando altos cargos governamentais e políticos e com poder econômico incontestável.*

*Língua Portuguesa pensou: "Assim não dá", e resolveu pedir que se apresentassem uma a uma as palavras estrangeiras para contar sua história. Assim, ela teria condições de julgar.*

*A primeira a apresentar-se foi Xicara, que disse ser natural pura, mas não sabia bem se do México ou da América Central (palavras não conhecem fronteiras). Disse que vivia bem em seu rincão natal, quando um espanhol dela usou e abusou. O mesmo fizeram muitos de seus compatriotas que por ela se apaixonaram. Então, ela saiu de casa para viver com os espanhóis. Mas esses latinos volúveis logo se cansaram de sua beleza. Como estava longe de casa, ela entrou pela porta do Brasil, onde foi muito bem recebida, e assim foi ficando por aqui. Lembrou até que causou confusão na Academia Brasileira de Letras, quando discutiram sua grafia x ou ch [...].*

*Aí... Futebol, sempre com a bola no pé, deu com o foot no ball e pediu a palavra. Levantou-se muito inglês, posudo, com o respaldo do Banco de Londres e da rainha, e com a aquiescência da Seleção, reivindicando que já tinha grafia própria. Que mais lhe faltava? Disse que se fosse banido não mais se faria jogo no Brasil [...].*

*O triunfo desses itens lexicais estimulou outros tantos. Piano levantou-se, liderando seus compatriotas, alguns bem famosos como Chau e Pizza, e reivindicou para os italianos o direito à vernaculanía.*

*Língua Portuguesa ficou atordoada. Viu-se diante de uma guerra sonora tão calamitosa que, se não fosse controlada rapidamente, desencadearia uma mudez continental [...]. Esta, embora sob protestos, deu fim à baderna. Pôs os pontos nos is explicando à mui formosa senhora toda a complexidade de sua estrutura [...]. Os súditos mais fiéis ficaram a ver navios e a Língua evoluiu...*

(PALÁCIO, Adair Pimentel. Apud: CARVALHO, Nelly. Empréstimos Linguísticos. São Paulo, Ática, 1989.)



## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Dilamar Dallemole, pela paciência, companheirismo e incentivo à concretização deste trabalho;

Ao Prof.<sup>o</sup> Doutor Paulo Osório, pela disponibilidade em orientar, atenção, confiança, compreensão e profissionalismo;

A Coorientadora Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Jesus Carvalho Patatas, pelo auxílio na avaliação dos dados coletados;

Aos meus pais, exemplos de vida e luta, pelo carinho, amor e dedicação à família;

Aos sujeitos desta pesquisa, cuiabanos e covilhanenses, sem os quais seria impossível a realização deste estudo.

A todos, “PAZ e BEM”!





## RESUMO

A presente investigação busca descrever o léxico e identificar variações ocorridas na Língua Portuguesa, em decorrência dos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade, além de particularidades locais que influenciam na constante variação dos falares regionais. Considera que a língua é um instrumento social de comunicação e, por estar intimamente ligada à cultura de um povo, reflete a diversidade e a variabilidade deste mesmo povo. Em atenção às referidas ponderações, de modo geral, este estudo almeja integrar-se ao conjunto de contribuições já compiladas pela Geolinguística e Sociolinguística, especificamente, àquelas direcionadas ao estudo do léxico, tendo em vista que estudar a variação linguística concerne na forma mais adequada de expor as principais características e transformações da língua no tempo e no espaço. Destarte, o objetivo central consiste na realização de um estudo descritivo e contrastivo, no aspecto semântico-lexical, entre dois falares de distintas regiões: o cuiabano, no Brasil e o covilhanense em Portugal. De forma específica, a primeira etapa incide no registro de aspectos inerentes aos referidos falares, com a tabulação e exposição cartográfica das variantes lexicais, obtidas *in loco* por meio de um Questionário Semântico Lexical (QSL) para, em uma segunda etapa, discorrer analiticamente sobre as referidas lexias. Os resultados da análise contrastiva permitiram identificar particularidades lexicais locais e inferir que 43% das variantes são coincidentes e 57% são divergentes entre os pontos linguísticos estudados, independente do conceito proposto. Quanto às principais contribuições sociolinguísticas, em sua essência, indicam um caráter conservador para as variantes de maior empregabilidade e um sistema linguístico estável nas referidas comunidades de fala.

**Palavras-chave:** Geolinguística; Sociolinguística; Semântica lexical; Variação linguística.



## ABSTRACT

The present investigation search describes the lexicon and to identify variations occurred in the Portuguese Language, due to the factors extra linguistic gender, of age groups, education level and naturalness, besides local particularities that influence in the constant variation of the regional speak. It considers that the language is a social communication instrument and, for being intimately linked to the culture of a people, reflects the diversity and the variability of this same people. In attention the referred weightings, in general this study craves integrate to the contributions set already compiled by Geolinguistic and Sociolinguistic, specifically, to those addressed to the lexicon study, having in mind that study the variation linguistics concerns in the main form of exposing the language main characteristics and transformations in time and in the space. Thus the main objective consists in the accomplishment of a descriptive and contrastive study in the semantic-lexical aspect, come in two speak of distinct regions: cuiabano, in Brazil and covilhanense in Portugal. Of specific form, the first stage happens in the register of inherent aspects to the referred dialects, with the table and cartographic exhibition of the variants obtained in loco by means of a Semantic Lexical Questionnaire (QSL) for in a second stage descant analytically about the referred expressions. The contrastive analysis allowed to identify lexical particularities local and to infer that 43% of the variants are coincident and 57% are divergent among linguistics points studied, independent of proposed concept. How much the main contributions sociolinguistics, in your essence, indicate a conservative character for the larger employability variants and a linguistic system stable in the speech communities referred.

**Keywords:** Geolinguistics; Sociolinguistics; Lexical semantics; Linguistic variation.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa da Localização de Cuiabá-MT, 2014. ....	66
<b>Figura 2:</b> Mapa da Localização de Covilhã-PT, 2014. ....	70
<b>Figura 3:</b> Faixa Etária dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013. ....	78
<b>Figura 4:</b> Gênero dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013. ....	79
<b>Figura 5:</b> Escolaridade dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013. ....	79
<b>Figura 6:</b> Naturalidade dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2012/2013. ....	80
<b>Figura 7:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Acidentes Geográficos, 2012/2013. ....	87
<b>Figura 8:</b> Carta Lexical da Questão 01, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	89
<b>Figura 9:</b> Carta Lexical da Questão 02, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	90
<b>Figura 10:</b> Carta Lexical da Questão 03, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	91
<b>Figura 11:</b> Carta Lexical da Questão 04, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	91
<b>Figura 12:</b> Carta Lexical da Questão 05, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	92
<b>Figura 13:</b> Carta Lexical da Questão 06, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	94
<b>Figura 14:</b> Carta Lexical da Questão 07, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	95
<b>Figura 15:</b> Carta Lexical da Questão 08, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	97
<b>Figura 16:</b> Carta Lexical da Questão 09, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	98
<b>Figura 17:</b> Carta Lexical da Questão 10, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	99
<b>Figura 18:</b> Carta Lexical da Questão 11, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	101
<b>Figura 19:</b> Carta Lexical da Questão 12, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	102
<b>Figura 20:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos A, 2012/2013. ....	105
<b>Figura 21:</b> Carta Lexical da Questão 13, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	106
<b>Figura 22:</b> Carta Lexical da Questão 14, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	107
<b>Figura 23:</b> Carta Lexical da Questão 15, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	107
<b>Figura 24:</b> Carta Lexical da Questão 16, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	108
<b>Figura 25:</b> Carta Lexical da Questão 17, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	108
<b>Figura 26:</b> Carta Lexical da Questão 18, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	109
<b>Figura 27:</b> Carta Lexical da Questão 19, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	110
<b>Figura 28:</b> Carta Lexical da Questão 20, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	111
<b>Figura 29:</b> Carta Lexical da Questão 21, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	111
<b>Figura 30:</b> Carta Lexical da Questão 22, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	112
<b>Figura 31:</b> Carta Lexical da Questão 23, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	112
<b>Figura 32:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos B, 2012/2013. ....	113
<b>Figura 33:</b> Carta Lexical da Questão 24, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	114
<b>Figura 34:</b> Carta Lexical da Questão 25, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	114
<b>Figura 35:</b> Carta Lexical da Questão 26, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	115

<b>Figura 36:</b> Carta Lexical da Questão 27, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	116
<b>Figura 37:</b> Carta Lexical da Questão 28, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	116
<b>Figura 38:</b> Carta Lexical da Questão 29, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	117
<b>Figura 39:</b> Carta Lexical da Questão 30, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	117
<b>Figura 40:</b> Carta Lexical da Questão 31, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	118
<b>Figura 41:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris A, 2012/2013. ....	120
<b>Figura 42:</b> Carta Lexical da Questão 32, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	122
<b>Figura 43:</b> Carta Lexical da Questão 33, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	123
<b>Figura 44:</b> Carta Lexical da Questão 34, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	123
<b>Figura 45:</b> Carta Lexical da Questão 35, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	124
<b>Figura 46:</b> Carta Lexical da Questão 36, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	125
<b>Figura 47:</b> Carta Lexical da Questão 37, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	126
<b>Figura 48:</b> Carta Lexical da Questão 38, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	126
<b>Figura 49:</b> Carta Lexical da Questão 39, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	127
<b>Figura 50:</b> Carta Lexical da Questão 40, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	128
<b>Figura 51:</b> Carta Lexical da Questão 41, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	129
<b>Figura 52:</b> Carta Lexical da Questão 42, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	130
<b>Figura 53:</b> Carta Lexical da Questão 43, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	130
<b>Figura 54:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B, 2012/2013. ....	131
<b>Figura 55:</b> Carta Lexical da Questão 44, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	132
<b>Figura 56:</b> Carta Lexical da Questão 45, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	133
<b>Figura 57:</b> Carta Lexical da Questão 46, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	134
<b>Figura 58:</b> Carta Lexical da Questão 47, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	135
<b>Figura 59:</b> Carta Lexical da Questão 48, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	137
<b>Figura 60:</b> Carta Lexical da Questão 49, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	138
<b>Figura 61:</b> Carta Lexical da Questão 50, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	140
<b>Figura 62:</b> Carta Lexical da Questão 51, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	141
<b>Figura 63:</b> Carta Lexical da Questão 52, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	141
<b>Figura 64:</b> Carta Lexical da Questão 53, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	143
<b>Figura 65:</b> Carta Lexical da Questão 54, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	144
<b>Figura 66:</b> Carta Lexical da Questão 55, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	145
<b>Figura 67:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Fauna, 2012/2013. ....	147
<b>Figura 68:</b> Carta Lexical da Questão 56, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	148
<b>Figura 69:</b> Carta Lexical da Questão 57, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	149
<b>Figura 70:</b> Carta Lexical da Questão 58, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	149
<b>Figura 71:</b> Carta Lexical da Questão 59, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	150
<b>Figura 72:</b> Carta Lexical da Questão 60, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	151
<b>Figura 73:</b> Carta Lexical da Questão 61, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	152
<b>Figura 74:</b> Carta Lexical da Questão 62, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	152
<b>Figura 75:</b> Carta Lexical da Questão 63, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	153

<b>Figura 76:</b> Carta Lexical da Questão 64, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	153
<b>Figura 77:</b> Carta Lexical da Questão 65, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	154
<b>Figura 78:</b> Carta Lexical da Questão 66, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	155
<b>Figura 79:</b> Carta Lexical da Questão 67, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	156
<b>Figura 80:</b> Carta Lexical da Questão 68, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	156
<b>Figura 81:</b> Carta Lexical da Questão 69, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	157
<b>Figura 82:</b> Carta Lexical da Questão 70, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	158
<b>Figura 83:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A, 2012/2013. ....	160
<b>Figura 84:</b> Carta Lexical da Questão 71, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	161
<b>Figura 85:</b> Carta Lexical da Questão 72, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	162
<b>Figura 86:</b> Carta Lexical da Questão 73, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	163
<b>Figura 87:</b> Carta Lexical da Questão 74, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	164
<b>Figura 88:</b> Carta Lexical da Questão 75, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	164
<b>Figura 89:</b> Carta Lexical da Questão 76, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	165
<b>Figura 90:</b> Carta Lexical da Questão 77, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	166
<b>Figura 91:</b> Carta Lexical da Questão 78, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	166
<b>Figura 92:</b> Carta Lexical da Questão 79, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	167
<b>Figura 93:</b> Carta Lexical da Questão 80, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	168
<b>Figura 94:</b> Carta Lexical da Questão 81, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	168
<b>Figura 95:</b> Carta Lexical da Questão 82, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	169
<b>Figura 96:</b> Carta Lexical da Questão 83, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	170
<b>Figura 97:</b> Carta Lexical da Questão 84, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	171
<b>Figura 98:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B, 2012/2013. ....	172
<b>Figura 99:</b> Carta Lexical da Questão 85, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	173
<b>Figura 100:</b> Carta Lexical da Questão 86, Informantes Nativos, 2012/2013.....	174
<b>Figura 101:</b> Carta Lexical da Questão 87, Informantes Nativos, 2012/2013.....	174
<b>Figura 102:</b> Carta Lexical da Questão 88, Informantes Nativos, 2012/2013.....	175
<b>Figura 103:</b> Carta Lexical da Questão 89, Informantes Nativos, 2012/2013.....	176
<b>Figura 104:</b> Carta Lexical da Questão 90, Informantes Nativos, 2012/2013.....	177
<b>Figura 105:</b> Carta Lexical da Questão 91, Informantes Nativos, 2012/2013.....	178
<b>Figura 106:</b> Carta Lexical da Questão 92, Informantes Nativos, 2012/2013.....	178
<b>Figura 107:</b> Carta Lexical da Questão 93, Informantes Nativos, 2012/2013.....	179
<b>Figura 108:</b> Carta Lexical da Questão 94, Informantes Nativos, 2012/2013.....	179
<b>Figura 109:</b> Carta Lexical da Questão 95, Informantes Nativos, 2012/2013.....	180
<b>Figura 110:</b> Carta Lexical da Questão 96, Informantes Nativos, 2012/2013.....	181
<b>Figura 111:</b> Carta Lexical da Questão 97, Informantes Nativos, 2012/2013.....	182
<b>Figura 112:</b> Carta Lexical da Questão 98, Informantes Nativos, 2012/2013.....	182
<b>Figura 113:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida, 2012/2013.....	184
<b>Figura 114:</b> Carta Lexical da Questão 99, Informantes Nativos, 2012/2013.....	185
<b>Figura 115:</b> Carta Lexical da Questão 100, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	186

<b>Figura 116:</b> Carta Lexical da Questão 101, Informantes Nativos, 2012/2013.....	186
<b>Figura 117:</b> Carta Lexical da Questão 102, Informantes Nativos, 2012/2013.....	187
<b>Figura 118:</b> Carta Lexical da Questão 103, Informantes Nativos, 2012/2013.....	188
<b>Figura 119:</b> Carta Lexical da Questão 104, Informantes Nativos, 2012/2013.....	188
<b>Figura 120:</b> Carta Lexical da Questão 105, Informantes Nativos, 2012/2013.....	189
<b>Figura 121:</b> Carta Lexical da Questão 106, Informantes Nativos, 2012/2013.....	190
<b>Figura 122:</b> Carta Lexical da Questão 107, Informantes Nativos, 2012/2013.....	191
<b>Figura 123:</b> Carta Lexical da Questão 108, Informantes Nativos, 2012/2013.....	192
<b>Figura 124:</b> Carta Lexical da Questão 109, Informantes Nativos, 2012/2013.....	193
<b>Figura 125:</b> Carta Lexical da Questão 110, Informantes Nativos, 2012/2013.....	193
<b>Figura 126:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social, 2012/2013. ..	195
<b>Figura 127:</b> Carta Lexical da Questão 111, Informantes Nativos, 2012/2013.....	196
<b>Figura 128:</b> Carta Lexical da Questão 112, Informantes Nativos, 2012/2013.....	198
<b>Figura 129:</b> Carta Lexical da Questão 113, Informantes Nativos, 2012/2013.....	200
<b>Figura 130:</b> Carta Lexical da Questão 114, Informantes Nativos, 2012/2013.....	201
<b>Figura 131:</b> Carta Lexical da Questão 115, Informantes Nativos, 2012/2013.....	202
<b>Figura 132:</b> Carta Lexical da Questão 116, Informantes Nativos, 2012/2013.....	203
<b>Figura 133:</b> Carta Lexical da Questão 117, Informantes Nativos, 2012/2013.....	204
<b>Figura 134:</b> Carta Lexical da Questão 118, Informantes Nativos, 2012/2013.....	205
<b>Figura 135:</b> Carta Lexical da Questão 119, Informantes Nativos, 2012/2013.....	206
<b>Figura 136:</b> Carta Lexical da Questão 120, Informantes Nativos, 2012/2013.....	207
<b>Figura 137:</b> Carta Lexical da Questão 121, Informantes Nativos, 2012/2013.....	208
<b>Figura 138:</b> Carta Lexical da Questão 122, Informantes Nativos, 2012/2013.....	208
<b>Figura 139:</b> Carta Lexical da Questão 123, Informantes Nativos, 2012/2013.....	209
<b>Figura 140:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Religião e Crenças, 2012/2013 .....	211
<b>Figura 141:</b> Carta Lexical da Questão 124, Informantes Nativos, 2012/2013.....	212
<b>Figura 142:</b> Carta Lexical da Questão 125, Informantes Nativos, 2012/2013.....	213
<b>Figura 143:</b> Carta Lexical da Questão 126, Informantes Nativos, 2012/2013.....	214
<b>Figura 144:</b> Carta Lexical da Questão 127, Informantes Nativos, 2012/2013.....	215
<b>Figura 145:</b> Carta Lexical da Questão 128, Informantes Nativos, 2012/2013.....	216
<b>Figura 146:</b> Carta Lexical da Questão 129, Informantes Nativos, 2012/2013.....	216
<b>Figura 147:</b> Carta Lexical da Questão 130, Informantes Nativos, 2012/2013.....	217
<b>Figura 148:</b> Carta Lexical da Questão 131, Informantes Nativos, 2012/2013.....	217
<b>Figura 149:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis, 2012/2013. ....	219
<b>Figura 150:</b> Carta Lexical da Questão 132, Informantes Nativos, 2012/2013.....	220
<b>Figura 151:</b> Carta Lexical da Questão 133, Informantes Nativos, 2012/2013.....	221
<b>Figura 152:</b> Carta Lexical da Questão 134, Informantes Nativos, 2012/2013.....	222
<b>Figura 153:</b> Carta Lexical da Questão 135, Informantes Nativos, 2012/2013.....	224
<b>Figura 154:</b> Carta Lexical da Questão 136, Informantes Nativos, 2012/2013.....	225
<b>Figura 155:</b> Carta Lexical da Questão 137, Informantes Nativos, 2012/2013.....	226



<b>Figura 156:</b> Carta Lexical da Questão 138, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	227
<b>Figura 157:</b> Carta Lexical da Questão 139, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	228
<b>Figura 158:</b> Carta Lexical da Questão 140, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	228
<b>Figura 159:</b> Carta Lexical da Questão 141, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	229
<b>Figura 160:</b> Carta Lexical da Questão 142, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	230
<b>Figura 161:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Habitação, 2012/2013. ....	232
<b>Figura 162:</b> Carta Lexical da Questão 143, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	234
<b>Figura 163:</b> Carta Lexical da Questão 144, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	235
<b>Figura 164:</b> Carta Lexical da Questão 145, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	236
<b>Figura 165:</b> Carta Lexical da Questão 146, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	237
<b>Figura 166:</b> Carta Lexical da Questão 147, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	237
<b>Figura 167:</b> Carta Lexical da Questão 148, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	238
<b>Figura 168:</b> Carta Lexical da Questão 149, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	238
<b>Figura 169:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Alimentação e Cozinha, 2012/2013. ....	241
<b>Figura 170:</b> Carta Lexical da Questão 150, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	242
<b>Figura 171:</b> Carta Lexical da Questão 151, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	242
<b>Figura 172:</b> Carta Lexical da Questão 152, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	243
<b>Figura 173:</b> Carta Lexical da Questão 153, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	243
<b>Figura 174:</b> Carta Lexical da Questão 154, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	245
<b>Figura 175:</b> Carta Lexical da Questão 155, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	246
<b>Figura 176:</b> Carta Lexical da Questão 156, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	247
<b>Figura 177:</b> Carta Lexical da Questão 157, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	248
<b>Figura 178:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário, 2012/2013. ....	250
<b>Figura 179:</b> Carta Lexical da Questão 158, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	251
<b>Figura 180:</b> Carta Lexical da Questão 159, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	251
<b>Figura 181:</b> Carta Lexical da Questão 160, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	252
<b>Figura 182:</b> Carta Lexical da Questão 161, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	253
<b>Figura 183:</b> Carta Lexical da Questão 162, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	254
<b>Figura 184:</b> Carta Lexical da Questão 163, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	255
<b>Figura 185:</b> Carta Lexical da Questão 164, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	256
<b>Figura 186:</b> Carta Lexical da Questão 165, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	257
<b>Figura 187:</b> Carta Lexical da Questão 166, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	258
<b>Figura 188:</b> Carta Lexical da Questão 167, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	259
<b>Figura 189:</b> Carta Lexical da Questão 168, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	260
<b>Figura 190:</b> Carta Lexical do Campo Semântico Vida Urbana, 2012/2013. ....	262
<b>Figura 191:</b> Carta Lexical da Questão 169, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	263
<b>Figura 192:</b> Carta Lexical da Questão 170, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	264
<b>Figura 193:</b> Carta Lexical da Questão 171, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	265
<b>Figura 194:</b> Carta Lexical da Questão 172, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	266
<b>Figura 195:</b> Carta Lexical da Questão 173, Informantes Nativos, 2012/2013. ....	267

<b>Figura 196:</b> Carta Lexical da Questão 174, Informantes Nativos, 2012/2013.....	268
<b>Figura 197:</b> Carta Lexical da Questão 175, Informantes Nativos, 2012/2013.....	269
<b>Figura 198:</b> Carta Lexical da Questão 176, Informantes Nativos, 2012/2013.....	270
<b>Figura 199:</b> Carta Lexical da Questão 177, Informantes Nativos, 2012/2013.....	271
<b>Figura 200:</b> Carta Lexical da Questão 178, Informantes Nativos, 2012/2013.....	272
<b>Figura 201:</b> Nível de Escolaridade dos Informantes com 56 Anos ou mais.....	273
<b>Figura 202:</b> Naturalidade dos Informantes com 56 Anos ou mais. ....	274
<b>Figura 203:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pingueta/Pontão em Cuiabá e Covilhã. ....	275
<b>Figura 204:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Lamaçal em Cuiabá e Covilhã. ....	276
<b>Figura 205:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pedra em Cuiabá e Covilhã. ....	277
<b>Figura 206:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Orvalho, em Cuiabá e Covilhã. ....	278
<b>Figura 207:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Estrela D'alva/Manhã em Cuiabá e Covilhã. .	279
<b>Figura 208:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Cansação/Urtiga(s) em Cuiabá e Covilhã. ..	280
<b>Figura 209:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Canga em Cuiabá e Covilhã. ....	281
<b>Figura 210:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Curral/Bardo em Cuiabá e Covilhã. ....	282
<b>Figura 211:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Chicote em Cuiabá e Covilhã. ....	283
<b>Figura 212:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Trieiro/Vereda em Cuiabá e Covilhã. ....	284
<b>Figura 213:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Mocho em Cuiabá e Covilhã.....	286
<b>Figura 214:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Libélula/Libelinha em Cuiabá e Covilhã. ....	287
<b>Figura 215:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Vesgo/Estrábico em Cuiabá e Covilhã. ....	288
<b>Figura 216:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Cambaio/Pernas Arqueadas em Cuiabá e Covilhã.	289
<b>Figura 217:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Guri/Garoto em Cuiabá e Covilhã. ....	290
<b>Figura 218:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Adolescente/Rapariga em Cuiabá e Covilhã.	292
<b>Figura 219:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Rude(o)/Burro em Cuiabá e Covilhã.....	293
<b>Figura 220:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Bituca/Beata em Cuiabá e Covilhã. ....	293
<b>Figura 221:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Benzedeira/Benta em Cuiabá e Covilhã. ....	294
<b>Figura 222:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Estilingue/Fisga(s) em Cuiabá e Covilhã.....	295
<b>Figura 223:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pipa/Papagaio em Cuiabá e Covilhã.....	296
<b>Figura 224:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pega-pegas/Apanhada(s) em Cuiabá e Covilhã. ...	296
<b>Figura 225:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Picumã/Fuligem em Cuiabá e Covilhã. ....	297
<b>Figura 226:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Cinza/Borrvalho em Cuiabá e Covilhã. ....	298
<b>Figura 227:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Empachado(a)/Enfartado(a) em Cuiabá e Covilhã.	298
<b>Figura 228:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Guloso(a)/Alarve em Cuiabá e Covilhã. ....	299
<b>Figura 229:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Guarda-chuva em Cuiabá e Covilhã. ....	300
<b>Figura 320:</b> Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Terreno em Cuiabá e Covilhã.....	301

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Campo Semântico Acidentes Geográficos, 2012/2013. ....	86
<b>Tabela 2:</b> Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos, 2012/2013. ....	104
<b>Tabela 3:</b> Campo Semântico Atividades Agropastoris, 2012/2013. ....	119
<b>Tabela 4:</b> Campo Semântico Fauna, 2012/2013. ....	146
<b>Tabela 5:</b> Campo Semântico Corpo Humano, 2012/2013. ....	159
<b>Tabela 6:</b> Campo Semântico Ciclos da Vida, 2012/2013. ....	183
<b>Tabela 7:</b> Campo Semântico Convívio e Comportamento Social, 2012/2013. ....	194
<b>Tabela 8:</b> Campo Semântico Religião e Crenças, 2012/2013. ....	210
<b>Tabela 9:</b> Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis, 2012/2013. ....	218
<b>Tabela 10:</b> Campo Semântico Habitação, 2012/2013. ....	231
<b>Tabela 11:</b> Campo Semântico Alimentação e Cozinha, 2012/2013. ....	240
<b>Tabela 12:</b> Campo Semântico Vestuário, 2012/2013. ....	249
<b>Tabela 13:</b> Campo Semântico Vida Urbana, 2012/2013. ....	261
<b>Tabela 14:</b> Variáveis Extralinguísticas de Cuiabá e Covilhã. ....	335



## LISTA DE ACRÔNIMOS

AIS	Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALCAT	Atlas Linguístico da Catalunha
ALE	Atlas Linguarum Europae
ALEAç	Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores
ALEC	Atlas Linguístico e Etnográfico da Colômbia
ALECE	Atlas Linguístico do Estado do Ceará
ALEIC	Atlas Linguístico-Etnográfico Italiano da Córsega
ALEPG	Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza
ALERS	Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul
ALES	Atlas Linguístico do Espírito Santo
ALESP	Atlas Linguístico do Estado de São Paulo
ALEUAC	Atlas Linguístico dos Estados Unidos e do Canadá
ALF	Atlas Linguístico da França
ALI	Atlas Linguístico Italiano
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALIMA	Atlas Linguístico do Maranhão
ALIMAT	Atlas Linguístico do Mato Grosso
ALiR	Atlas Linguistique Roman
ALIRN	Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALiRO	Atlas Linguístico de Rondônia
ALISPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALLP	Atlas Linguístico do Litoral Português
ALMS	Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPI	Atlas Linguístico da Península Ibérica
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALR	Atlas Linguístico Romeno
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
APERJ	Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
APR	Atlas de Porto Rico
CLUL	Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
EALLO	Atlas Linguístico de Londrina

EALMG	Atlas Linguístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LAJ	Atlas Linguístico do Japão
LANE	Atlas da Nova Inglaterra
NURC	Norma Urbana Culta
PTLPGP	Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português
QSL	Questionário Semântico-Lexical
USC	Universidade de Santiago de Compostela

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	25
CAPÍTULO 1: REFERENCIAL TEÓRICO .....	31
1.1. REVISITANDO CONCEITOS .....	32
1.1.1. A Dialectologia .....	33
1.1.2. A Sociolinguística .....	41
1.2. PROBLEMATIZANDO CONCEITOS .....	47
CAPÍTULO 2: ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	63
2.1. CARACTERIZAÇÃO DOS LOCAIS DE ESTUDO .....	66
2.1.1. Caracterização do Ponto Linguístico Cuiabá-BR.....	66
2.1.2. Caracterização do Ponto Linguístico Covilhã-PT .....	69
2.2. CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> LINGUÍSTICO.....	75
2.3. CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES .....	76
2.4. ANÁLISE QUANTITATIVA DAS VARIANTES LEXICAIS .....	80
2.5. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS .....	82
CAPÍTULO 3: ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DO FALAR	
CUIABANO E COVILHANENSE .....	85
3.1. CAMPO SEMÂNTICO ACIDENTES GEOGRÁFICOS .....	85
3.2. CAMPO SEMÂNTICO FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS .....	103
3.3. CAMPO SEMÂNTICO ATIVIDADES AGROPASTORIS.....	118
3.4. CAMPO SEMÂNTICO FAUNA .....	145
3.5. CAMPO SEMÂNTICO CORPO HUMANO .....	158
3.6. CAMPO SEMÂNTICO CICLOS DA VIDA .....	183
3.7. CAMPO SEMÂNTICO CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL .....	194
3.8. CAMPO SEMÂNTICO RELIGIÃO E CRENÇAS .....	210
3.9. CAMPO SEMÂNTICO JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS .....	218
3.10. CAMPO SEMÂNTICO HABITAÇÃO .....	231
3.11. CAMPO SEMÂNTICO ALIMENTAÇÃO E COZINHA .....	239
3.12. CAMPO SEMÂNTICO VESTUÁRIO .....	248
3.13. CAMPO SEMÂNTICO VIDA URBANA.....	261
CAPÍTULO 4: ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA .....	273
CONCLUSÃO .....	303
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	309
ANEXO I: QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL .....	315

ANEXO II: FICHA DA LOCALIDADE .....	331
ANEXO III: FICHA DO SUJEITO .....	333
ANEXO IV: VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS .....	335



# INTRODUÇÃO

O presente trabalho almeja integrar-se ao conjunto de contribuições já compiladas pela Dialetoлогия, especificamente, àquelas direcionadas ao estudo do léxico, que concernem a abordagens acerca dos diversos dialetos e auxiliam na mitigação de questionamentos relacionados ao ensino da Língua Portuguesa. Por meio dos estudos dialetológicos, a linguística pode revelar aspectos peculiares e peremptórios dos diferentes falares existentes em qualquer região do mundo. Ao se considerar a importância para a ciência da linguagem, registrar a evolução do léxico Português torna-se oportuno e relevante, uma vez que as transformações acabam por destruir o passado histórico da língua, muitas vezes, com traços interessantes que expressam a evolução socioeconômica e cultural de uma região.

Compete à geografia linguística, ou simplesmente Geolinguística, estudar as alterações da língua em suas mais variadas manifestações, correlacionando-a aos fatos linguísticos e aos mais variados fatores socioeconômicos. Estudar a variação linguística configura-se na principal forma de expor a heterogeneidade da língua falada e escrita, um papel também executado de forma irrepreensível nos principais Atlas Linguísticos.

As variações linguísticas são estudadas desde o início do Séc. XIX, fato que despertara o interesse pelos distintos dialetos, com investigações intensificadas ao longo dos anos, de forma estruturada e planificada, principalmente pela Academia. Atribui-se à Linguística Histórica o estudo das relações entre as variações da língua e o tempo, no entanto, quando se trata do falar, cabe à Dialetoлогия descrever os dialetos, inclusive de forma comparativa. Originária das pesquisas dos neogramáticos, busca estabelecer leis fonéticas, bem como, documentar particularidades linguísticas locais, que permite contrastar fatos linguísticos ocorridos em uma região com outras.

Os estudos dialetológicos são elaborados, basilarmente, a partir do método Geolinguístico, sob a proposição do registro das formas linguísticas por meio de pesquisas *in loco*, no espaço geográfico ao qual os fenômenos pertencem. Inicialmente, com base em estudos cartográficos, a geografia linguística aperfeiçoou seu método de investigação e passou a contemplar particularidades etnográficas e variações diastráticas, uma vez que a Dialetoлогия também tem interesse sobre os centros urbanos.

Todavia, estudar as relações entre linguagem e sociedade é a prioridade da sociologia linguística, ou Sociolinguística, tendo em vista que os seres humanos, por conviverem organizados em sociedade, possuem um sistema próprio de comunicação oral denominado língua. Assim, pode-se inferir que linguagem e sociedade estão interligadas e, por meio da língua, indivíduo e esta mesma sociedade se determinam e constroem suas relações. Inclusive, William Labov, em seus estudos sobre Padrões Sociolinguísticos, defende a heterogeneidade linguística como uma consequência das diferenças existentes entre as comunidades de fala. É, justamente, dos estudos labovianos que surge a denominada Sociolinguística Variacionista, cujo objetivo consiste na descrição da variação e da

mudança linguística, com base no contexto social e no uso real da língua. Considera que os processos contemporâneos de transformações, que ocorrem nas comunidades de fala, são aspectos imprescindíveis para a Sociolinguística, tendo em vista que não se trata apenas de um grupo de pessoas que falam de forma semelhante. Existem traços linguísticos distintos entre os falantes, que se comunicam mais entre si do que com os outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Destarte, a Dialetoлогия e a Sociolinguística estão alinhadas quanto a heterogeneidade da língua, que se apresenta como um conjunto de variedades, usadas diferentemente quando consideradas as características sociais do falante, a época, o local e a situação de comunicação. Parte destas variantes podem ser consideradas desprivilegiadas por não seguirem a norma culta padrão, ou a norma de maior prestígio social, contudo, podem constituir-se no elemento responsável pelas transformações da língua.

Neste contexto, o português falado no Brasil registra, ao longo das últimas décadas, transformações estruturais influenciadas pela plurinacionalidade de seus colonizadores, bem como, pelas condições políticas, sociais, econômicas e culturais que permeiam a história e a composição das classes sociais no país. Com o passar do tempo, originaram-se modalidades de pronúncia, mudanças superficiais de léxico e, até mesmo, diferenças de caráter semântico, com expressões distintas e significados semelhantes. Percebe-se que as variações linguísticas e os diferentes modos de falar, também estão condicionadas a fatores extralinguísticos como: nível de escolaridade, situação socioeconômica, faixa etária, gênero e etnia, mesmo ao se tratar da língua falada em uma mesma comunidade linguística. A fala brasileira apresenta características particulares e diferentes do português nativo, ainda preservado nos Concelhos de Portugal, no entanto, este processo não ocorreu de forma homogênea, visto que a colonização e o desenvolvimento socioeconômico deram-se de forma desordenada no território brasileiro, fato que, conseqüentemente, contribuiu para a origem de vários dialetos, com seu próprio sistema léxico, sintático e fonético-fonológico.

Dentre os milhões de brasileiros identifica-se a existência de um expressivo número de variantes linguísticas. Na Região Norte constata-se que a fala é diferente da fala nordestina, provavelmente em virtude de maior influência indígena e do fato de praticamente não ter havido escravidão, quando comparada às demais regiões do país. A Região Sul do Brasil foi ocupada, inicialmente por paulistas e pelos imigrantes das Ilhas dos Açores, no entanto, posteriormente à independência, ampliou-se o fluxo migratório de europeus, que se instalaram de forma aleatória, inclusive nas demais regiões. O centro-sul recebeu um número maior de colonizadores italianos, alemães e poloneses, enquanto que a região norte recebeu um expressivo número de portugueses.

Contudo, torna-se oportuno ressaltar que qualquer que seja a variante de uma mesma língua, esta adequa-se às necessidades linguísticas dos falantes e somente o que as diferencia são os valores impostos pela sociedade. No entanto a escola, como espelho desta mesma sociedade, tende a não admitir o diferente e prefere adotar as noções de “certo” e “errado” numa falsa visão da realidade. Nesse sentido, a escola, que tem por objetivo ampliar as competências linguísticas e comunicativas do educando, precisa aceitar a variação linguística como um fato linguístico, visto que é inerente a

todas as línguas, para acabar com o mito de que “a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” e de que a forma “certa” de falar espelha-se à escrita; visões impostas pela gramática tradicional (BAGNO, 1999).

No intuito de registrar os falares regionais e compreender as razões da existência dos diversos dialetos, ocorrem investigações ao longo de todo o território brasileiro, assim como na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Um número significativo de variantes linguísticas vem sendo registradas pelas pesquisas acadêmicas, na intenção de descrever o perfil linguístico brasileiro e da CPLP, além de identificar confluências e divergências com a língua falada e escrita em Portugal. Tal fato se reporta à necessidade de interpretação dos fenômenos responsáveis pelas variações, tendo em vista que há um grau diferenciado, se observado cada país de Língua Portuguesa.

Conforme Bagno (2002), “toda língua, qualquer língua, em qualquer momento histórico, em qualquer lugar do mundo, nunca é uma coisa compacta, monolítica e uniforme. A principal característica das línguas é sua heterogeneidade”. A língua, instrumento social de comunicação, por estar intimamente ligada à cultura de um povo, reflete a diversidade e a variabilidade deste mesmo povo. Emaranhada aos referidos fatos, a Sociolinguística mostra que a língua se transforma ao longo do tempo, varia no espaço e de acordo com a situação social do falante, no entanto, os sociolinguistas, diante das várias manifestações possíveis da língua, buscam manter a unidade do idioma, inferindo a esta pluralidade a designação de “variantes”.

Esta problemática é inerente à região central do Brasil, da mesma forma demudada pela colonização oriunda dos principais centros do país e responsável por transformações socioeconômicas expressivas para a cultura local. Como centro desta região, a capital Cuiabá absorve o maior fluxo de pessoas e, automaticamente, de características heterogêneas no que se refere à língua. Por esta natureza e também pela proximidade com um país de Língua Espanhola (Bolívia), torna-se um ponto linguístico primordial para a identificação de variações no léxico.

Um questionamento oportuno, quanto à identificação da variação dialetal de Cuiabá, consiste também no fato de ser uma das regiões de transição entre o Norte e o Centro-Sul do Brasil. No entanto, para que fosse possível realizar uma análise comparativa com a Língua Portuguesa em sua vertente lusitana, algumas particularidades importantes quanto à seleção do ponto linguístico português precisam estar alinhadas às relacionadas para o brasileiro. Por também ser considerado um local com cruzamento de estradas e caminhos, objeto de conquistas e reconquistas por várias oportunidades na luta contra os Mouros, o Concelho da Covilhã, localizado mais ao centro de Portugal e próximo à Espanha, também contempla uma heterogeneidade expressiva na sua formação sociolinguística. Devido a expansão da indústria de lanifícios, há de ter em conta que o deslocamento de pessoas vindas da Espanha, seguido de uma via romana que passava pela região, chegou a tornar este local conhecido como a Estrada da Lã.

Ambos os locais iniciaram a fase da organização econômica com base na agricultura de subsistência, no entanto, isso deixou de ser representativo ao longo das décadas, tanto para Cuiabá quanto para Covilhã. Toda essa conjuntura certamente tem impacto sobre a formação dialetal nos

referidos locais, por isso, a temática principal deste estudo passa pelo registro descritivo dos falares e remete a um questionamento central: a necessidade de estudar a variação lexical, de forma contrastiva entre os pontos linguísticos, no sentido de identificar e comparar possíveis mudanças no léxico entre ambos, bem como, para com a Língua Portuguesa.

Destarte, esta investigação tem como objetivo principal realizar um estudo, descritivo-contrastivo, no aspecto semântico-lexical, entre o falar cuiabano, no Brasil e o covilhanense em Portugal, sob a perspectiva Dialetológica e Sociolinguística. Especificamente, objetiva-se documentar a variedade linguística, sob a forma cartográfica para ambos os pontos linguísticos, com a finalidade de descrever os falares estudados. Ainda, de forma específica, faz-se uma análise das variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária, escolaridade e naturalidade dos informantes de Cuiabá e da Covilhã, no intuito de identificar possíveis mudanças linguísticas. Em ambos os casos, o método analítico contrasta entre si os falares descritos, assim como relaciona-os com o conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

No registro dos aspectos inerentes aos referidos dialetos, por meio da tabulação e exposição cartográfica das variantes lexicais, empregou-se o método Geolinguístico, com o registro da frequência, por questão e por campo semântico. No que se refere ao segundo objetivo específico, realizou-se a descrição das lexias catalogadas junto aos inquiridos dos referidos pontos linguísticos, com base na sociolinguística quantitativa de William Labov.

Como justificativa ao estudo proposto, faz-se necessário ressaltar a importância cultural proporcionada pela expressiva variedade dialetal encontrada no Brasil e em Portugal; descrever esta variedade, por si só validaria qualquer estudo acadêmico sobre aspectos linguísticos das falas regionais. Ainda, são raros os trabalhos publicados comparando os diferentes dialetos brasileiros e portugueses, principalmente em busca de uma justificativa do porquê das diferenças entre duas ou mais variações semânticas. Mais improvável ainda, é encontrar investigações que contrastem dialetos brasileiros com um dialeto de Portugal.

A tentativa de comparar alguns aspectos do dialeto cuiabano ao covilhanense, além de ampliar a descrição do português e dos registros dialetais, contribui para que as variedades linguísticas não sejam esquecidas, mas sim respeitadas. A importância da língua falada para o estudo científico da linguagem reside no fato de ser, nesta variedade linguística, o local em que ocorrem as mudanças e as variações que, incessantemente, transformam a própria língua.

Neste contexto, a estrutura a seguir contempla os pré-requisitos para um estudo semântico-lexical em conformidade com as bases já arrazoadas. O próximo capítulo sintetiza a discussão concernente à linguística e ao estudo de suas variações, que se constituem em objeto de investigação de várias ciências: a Sociolinguística, que estuda a relação entre a língua e a sociedade; a Linguística Histórica, que estuda a relação que existe entre a língua e o tempo, por meio de estudos diacrônicos e sincrônicos; além da Dialetologia, que analisa a relação existente entre a língua e o espaço geográfico.

Na sequência à base teórica, detalham-se os procedimentos metodológicos que orientam o desenvolvimento desta investigação, ao mesmo tempo em que se contemplam as discussões acerca do método Geolinguístico, designado ao estudo da linguagem humana e suas variações. No referido capítulo são delimitados os locais de estudo, com a discussão acerca da formação histórica, econômica, social e cultural dos referidos pontos linguísticos e dos sujeitos entrevistados, além do detalhamento do Questionário Semântico Lexical (QSL), instrumento arrolado para a obtenção das lexias que compõem o *corpus* em análise. Ainda, atenta para a estrutura de registro e exposição destas variantes em tabelas, gráficos e cartas lexicais, além da composição analítica disposta para contemplar a proposta de estudo delineada, de caráter semântico-lexical e contrastiva.

O capítulo seguinte ao método contempla os resultados da investigação e discorre acerca das variantes lexicais informadas pelos inquiridos, confrontando-as com os principais estudos dialetológicos. No primeiro capítulo analítico descreve-se a norma lexical, documenta-se a riqueza sinonímica de cada localidade pesquisada e as compara, tanto entre si, quanto em relação ao conceito proposto pelo QSL. A análise quantitativa e qualitativa, estruturada por campo semântico, faz alusões aos regionalismos, apontam os casos relacionados a palavras cujo significado remete para conteúdo semântico distinto, vocábulos diferentes para o mesmo significante, lexias coincidentes e divergentes, ocorrência de palavras polissêmicas e arcaísmos, em ambos os *corpora*. O segundo capítulo analítico contempla as características extralinguísticas e suas contribuições nas mudanças ou na conservação linguística em Cuiabá e Covilhã, com base na Sociologia Variacionista de William Labov.

Para finalizar, são dispostas as principais considerações que contemplam os objetivos propostos, ao mesmo tempo em que elucidam alguns dos principais questionamentos abordados na presente seção. No tocante, seguem as referências bibliográficas e demais fontes consultadas, bem como, os anexos que permitiram compor o *corpus* linguístico em questão: o Questionário Semântico Lexical (QSL), devidamente ajustado para a presente investigação, a Ficha da Localidade, a Ficha do Sujeito e as variáveis extralinguísticas, respectivamente.



# CAPÍTULO 1

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Linguística foi conceituada como estudo científico da linguagem a partir da publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. De acordo com Silva (2002), a Linguística consolidou-se no início do Séc. XIX como uma espécie de gramática comparativa, que objetivava confrontar as línguas de origem comum para depreender a protolíngua de que elas emergiram. Ao se desenvolver em uma perspectiva histórica, identificou alterações das línguas no decorrer do tempo e registrou, assim, vários fenômenos ocorridos como, por exemplo, a existência de um significativo número de dialetos derivados de uma mesma língua.

Trata-se da variação linguística definida por Murrie *et al* (2004) como a “seiva que mantém a língua viva”, se sobrepondo a regras, com uma diversidade surpreendente, intrínseca à evolução humana. A variação linguística apresenta-se como um retrato da vivência social dos indivíduos, influenciando ao mesmo tempo em que é influenciada pelo meio em que vive. Destarte, a linguagem, ao abranger todo um contexto de evolução de um indivíduo, torna-se um dos fatores preponderantes, relacionados à diferenciação dos povos e a formação da sociedade.

No que diz respeito às mudanças na língua, Ferdinand de Saussure define que:

Com efeito, a imobilidade absoluta não existe; tôdas as partes da língua estão submetidas à mudança; a cada período corresponde uma evolução mais ou menos considerável. Esta pode variar de rapidez e de intensidade sem que o princípio mesmo seja enfraquecido; o rio da língua corre sem interrupção; que seu curso seja tranquilo ou caudaloso é consideração secundária (SAUSSURE, 1999: p.163).

Com a linguística, todos os fatos da língua são estudados, motivo pelo qual a língua falada torna-se um objeto de estudo, significativamente privilegiado, ao se considerar que os critérios utilizados são prioritariamente científicos (DUBOIS *et al*, 2001). Tenta explicar o funcionamento da linguagem humana e suas particularidades, seja por meio do método descritivo ou a partir de conhecimentos adquiridos. O campo de estudo da Linguística pode ser dividido por meio de três dicotomias: *i)* sincrônica vs. diacrônica; *ii)* teórica vs. aplicada; *iii)* microlinguística vs. macrolinguística; esta última, de interesse para a presente investigação (WEEDWOOD, 2005).

Dentro da microlinguística incluem-se os estudos que se preocupam com a “língua em si”: fonética e fonologia, sintaxe, morfologia, semântica e lexicologia. A macrolinguística se refere a uma visão mais ampliada do escopo da linguística e a psicolinguística, a sociolinguística, a pragmática, a neurolinguística, a linguística do texto, a análise da conversação, a linguística histórica, a análise do discurso, a linguística antropológica, a dialetologia, a linguística matemática e computacional são disciplinas que a compõem. Estudar a língua é tomar conhecimento de suas

variedades, uma consciência que não é recente, tendo em vista que os gregos, no Sec. IV a. C., já distinguiram quatro variantes regionais de sua língua: o eólico, o jônico, o dórico e o ático (BRANDÃO, 1991).

Quando se pretende investigar a trajetória histórica da língua e as questões inerentes às suas mudanças, as contribuições da Sociolinguística apresentam-se como adequadas por possuírem instrumental para avaliação de estruturas complexas. Contudo, para este tipo de investigação depara-se com motivações de nível estrutural e sistemáticas, pertencentes ao contexto extralinguístico, nomeado com base no domínio social, geográfico, político, cultural, que apesar de pertencerem ao domínio externo da língua, em muito contribuem para as mudanças e a variação linguística (OSÓRIO, 2008).

Os estudos direcionados a explicar as variantes de uma língua, ou a formação dialetal no tempo e no espaço, requerem um instrumental científico amplo e com certa interdisciplinaridade, no sentido de revelar os aspectos responsáveis pelas transformações da língua falada. Além dos aspectos já relacionados nesta investigação, ainda são adicionados a Linguística Histórica e a Dialectologia. De acordo com Araújo (2004), a primeira estuda o desenvolvimento histórico de uma língua, ou seja, desde o surgimento, considera quais aspectos influenciaram sua estrutura e quais mudanças ocorreram durante o tempo; a segunda, estuda os distintos sistemas linguísticos ou dialetos, com base no espaço geográfico e nos agrupamentos sociais.

Destarte, faz-se necessário uma discussão mais aprofundada da base conceitual apontada, no sentido de estabelecer uma estrutura mais consistente para a argumentação analítica desenvolvida nas seções seguintes. Para tanto, as próximas subseções revisitam os conceitos e expõem problematizações análogas e inerentes ao objeto de estudo, no sentido de ampliar a referida base que sustenta as discussões acerca das variações da língua falada de modo geral, bem como, dos pontos linguísticos relacionados.

## 1.1. REVISITANDO CONCEITOS

Do ponto de vista cultural, a língua apresenta especificidades originárias de recortes da realidade interiorizada pelos falantes, no intuito de construir seus referenciais mínimos de convivência. Contudo, no que se refere ao aspecto comunicativo, a língua representa um conjunto de regras instituídas, capazes de determinar capacidades comunicativas que, cada ato verbal, resulta de um processo intencional de proposições que visam transformar pensamentos e ações (MURRIE *et al.*, 2004). Tratam-se de especificidades capazes de provocar mudanças na língua de uma região para outra; variações dentro de um mesmo país que fala uma mesma língua. No caso da Língua Portuguesa, existem diferenças de fala e escrita em Portugal e no Brasil, com regiões que apresentam marcas específicas, principalmente no que se refere à fala. Tratam-se de variações também denominadas de regionalismos, dialetos ou falares locais, com diferenças apresentadas de forma



mais clara, quando da pronúncia das palavras, nas construções sintáticas, nos significados de determinadas expressões e no léxico (ARAÚJO, 2014).

Os aspectos sociais também estão conectados com a linguagem, no momento em que passam a refletir a realidade do discurso humano e mostra como um dialeto pode ser descrito por meio da idade, do sexo e da classe social do falante, em uma espécie de codificação da função social da linguagem. Neste campo, de acordo com Araújo (2014), a Sociolinguística reflete a realidade do discurso humano, a partir do momento em que estuda as conexões entre linguagem e sociedade; estuda a variedade dialetal (de forma contrastiva), analisa comunidades de fala e suas formas linguísticas em variação.

Destarte, os estudos dialetais devem contemplar questões relativas à localização dos indivíduos e a influência do meio em que vivem, sua evolução no tempo e seus aspectos socioeconômicos. Trata-se do escopo da Dialetoлогия, do estudo conjunto da geografia linguística e dos fenômenos de diferenciação dialetal ou dialeção, pelos quais uma língua, relativamente homogênea, numa dada época, sofre no curso da história certas variações linguísticas, levando em consideração aspectos geográficos, políticos, socioeconômicos, socioculturais e linguísticos. Suas definições e propósitos são descritos a seguir, tendo por base a contribuição dos principais pensadores na formação conceitual em questão.

### 1.1.1. A Dialetoлогия

O estudo das variações linguísticas, no âmbito geográfico, teve início no Séc. XIX, com investigações *in loco* por linguistas comparatistas que visavam reconstruir a protolíngua do indo-europeu, estabelecendo comparações de famílias e subfamílias de línguas, o que resultou no interesse pelos dialetos. Toda língua é representada por um conjunto de variedades que se constituem em objeto de investigação de várias ciências. A Linguística Histórica estuda a relação que existe entre a língua e o tempo, por meio de estudos diacrônicos e sincrônicos e a Dialetoлогия analisa a relação existente entre a língua e o espaço geográfico.

De acordo com Saussure (1999: p.221), mesmo que “as divergências no tempo escapem ao observador, as divergências no espaço saltam imediatamente aos olhos (...). É exatamente por via dessas comparações que um povo toma consciência de seu idioma”. Ainda, assegura que a diversidade geográfica foi uma das primeiras constatações da Linguística, que culminou na forma inicial da pesquisa científica em matéria de línguas.

Contudo, antes de avançar nas discussões acerca da Dialetoлогия, faz-se necessário esclarecer alguns conceitos básicos: língua e dialeto. Para Saussure (1999), a língua é considerada:

[...] um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 1999: p.21).

A distinção dicotômica de Ferdinand Saussure entre *langue* (língua) e *parole* (fala) tem influência nos estudos semântico-linguísticos. Para Saussure (1999: p.17) a língua é uma parte essencial da linguagem; “é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”; é, portanto, “a parte social da linguagem”. Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua é de natureza homogênea; é “um sistema de signos”, ou seja, um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo.

Em Dubois (2001: p.378), língua é conceituada como “um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade”. É utilizada pelo homem como uma forma de expressar suas ideias; é uma parte da cultura que se destaca como instrumento social de comunicação. Trata-se, ao mesmo tempo, de um instrumento e elemento de uma mesma cultura, ao servir como meio de comunicação e cumprir com sua função social.

Lengua es, en la acepción que aquí nos ocupa, el sistema lingüístico del que se vale una comunidad hablante y que se caracteriza por estar fuertemente diferenciado, por poseer un alto grado de nivelación, por ser vehículo de una importante tradición literaria y, en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos de su mismo origen [...]. El alto grado de nivelación me parece necesario para que la lengua presente esa estructura coherente que debe tener el vehículo lingüístico de una numerosa colectividad [...] (ALVAR, 1961: p.55).

O filósofo russo Mikhail Bakhtin considera a “língua como uma *atividade social*, em que o importante não é o *enunciado*, o *produto*, mas sim a *enunciação*, o *processo* verbal”. Assim como Saussure, Bakhtin parte do princípio de que “a língua é um fato social, cuja existência funda-se nas necessidades de comunicação”. No entanto, afasta-se da linguística saussuriana e pós-saussuriana, que analisa a língua como um sistema sincrônico abstrato de formas linguísticas. Bakhtin enfatiza a fala, a *parole*, a enunciação, ou seja, valoriza a manifestação concreta da língua ao afirmar sua natureza social, não individual. Nas palavras de Bakhtin (2006), “a fala é o motor das transformações linguísticas” e encontra-se intimamente ligada às condições da comunicação, as quais estão continuamente atreladas às estruturas sociais (Weedwood 2005: p.151-152). Como assegura Bakhtin “é pelo contrário na fala, e não na língua, que é necessário recolher o aspecto social da linguagem”. Portanto, “é a fala que deve constituir o objecto de interesse primário para o linguista” (DUCROT e TODOROV, 1982: p.132-134).

De acordo com Bronckart (2007: p.141), Bakhtin declarava que seu objeto de estudo não pertencia nem à linguística pura (ou interna) nem à psicologia propriamente dita, mas situava-se em um nível intermediário, no dos mecanismos sócio enunciativos e, mais amplamente, nos de interação verbal.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação isolada nem pelo ato psíquico-fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação de linguagem, realizada através da enunciação e das enunciações. A interação de linguagem constitui, assim, a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2006: p.135-136).

Cardoso (1999: p.25) referindo-se a Bakhtin afirma que para este, o que de fato existe é o *processo linguístico*, sendo a enunciação o motor da língua: “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no

psiquismo individual dos falantes”. A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, ou seja, um *processo de criação contínua* que se realiza pela *interação verbal social* dos locutores. Em outras palavras, a língua é uma atividade, um processo criativo, que se materializa pelas enunciações.

Na perspectiva da análise do discurso, “a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento”; ao contrário, é “interação e, um modo de produção social”, não neutra e inocente, mas mediada por intencionalidade e manifestando ideologia (Brandão, 1998: p.12).

Esta concepção contemporânea que vê a linguagem como processo de interação é caracterizada pelo diálogo em sentido amplo, o que remete à linguística bakhtiniana, ao afirmar que, “só existe língua onde houver possibilidade de interação social, dialogal. [...] a língua é um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes, é uma atividade social, é enunciação. [...] a natureza da língua é essencialmente *dialogica*, e isso se reflete nas próprias estruturas linguísticas. A enunciação é de natureza social, portanto, ideológica” (WEEDWOOD, 2005: p.152-153). Desta forma, valores culturais, sociais, éticos, religiosos e morais estão presentes em qualquer enunciação. Para Bakhtin:

[...] Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana. A variação é inerente à língua e reflete variações sociais; se, efetivamente, a evolução, por um lado, obedece a leis internas (reconstrução analógica, economia), ela é, sobretudo, regida por leis externas, de natureza social [...] (BAKHTIN, 2006: p.16).

Fiorin (2000: p.8-9), em seu livro *Linguagem e Ideologia*, afirma que não é contraditório dizer que “a linguagem é determinada pelas condições sociais” e ao mesmo tempo “goza de uma certa autonomia em relação às formações sociais”, pois a linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, por pertencer a diferentes domínios. A linguagem é, ao mesmo tempo, individual e social, fisiológica e psíquica.

Para explicar as razões que nos permitem dizer que a linguagem sofre determinações sociais e também goza de autonomia em relação às formações sociais, Fiorin (2000) distingue o sistema virtual e abstrato (a língua), compreendido como um conjunto de elementos com uma organização interna, ou seja, com uma estrutura, de sua realização concreta, distinguindo o discurso da fala. Para Fiorin (2000: p.11), “o discurso são as combinações de elementos linguísticos, usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. A fala é a exteriorização psicofísico-fisiológica do discurso”.

Dessa forma, a fala, entendida como a exteriorização do discurso, não sofre determinação social, uma vez que ela “é o ato concreto, momentâneo e individual de manifestação da linguagem” (FIORIN, 2000: p.12). Assim, observa-se que na fala, as alterações de cunho fonológico ocorrem devido a causas internas do próprio sistema, isto é, de fatores linguísticos e não de ordem social ou econômica. Portanto, como afirma Fiorin, “o sistema [...] goza de certa autonomia em relação às formações sociais”. [...] “O sistema, em geral, altera-se devido a causas internas do próprio sistema”. Fatores sociais podem ter determinado o surgimento ou alteração de categorias

linguísticas, no entanto, estas perderam qualquer relação com as causas que lhe deram origem e, portanto, ganharam autonomia.

De acordo com Ferreira e Cardoso (1994: p.11), a língua consiste em um “sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação dos membros de uma comunidade”. Isso ocorre por meio de um processo histórico e evolutivo, sucessivamente em transformação de sua estrutura fônica, gramatical e lexical. No decorrer desta metamorfose, constitui-se um novo sistema léxico, sintático e fonético, definido por Dubois (2001) como dialeto. Trata-se de um sistema de signos e regras combinatórias, empregado como *dialeto regional* por oposição a língua, não adquirindo o *status* cultural e social dessa mesma língua. É considerado dialeto, qualquer variedade linguística, de natureza geográfica e/ou social, portanto, pode-se denominar desta forma, tanto a variedade falada em uma região do país, quanto às usadas em cada um dos segmentos que constituem a população que ali vive, desde que se determinem as normas que as caracterizam.

Contudo, língua e dialeto apresentam particularidades suficientes para elucidar sua distinção. Coseriu (1982b) define a diferença ao esclarecer que um dialeto não deixa de ser a essência de uma língua, no entanto, subordinado a outra língua, de ordem superior. Enquanto oposto à língua, figura como uma língua menor que faz parte ou constitui uma língua maior, também reconhecida como uma língua histórica (ou idioma).

Outro contributo à compreensão das diferenças entre língua e dialeto vem de Alvar (1961), ao considerar que a língua consiste em um “sistema lingüístico del que se vale una comunidad hablante y que se caracteriza por estar fuertemente diferenciado, por poseer un alto grado de nivelación, por ser vehículo de una importante tradición literaria y, en ocasiones, por haberse impuesto a sistemas lingüísticos de su mismo origen”. Já o dialeto é considerado um sistema divergente da língua comum, esteja ela viva ou não, geralmente com uma restrita delimitação geográfica, no entanto, sem forte diferenciação frente a outros de origem comum.

A denominação de dialeto considera os aspectos espaciais de uma língua histórica, normalmente com três tipos de diferenciação interna: variações diatópicas ou diferenças no espaço geográfico; variações diastráticas ou diferenças nos extratos socioculturais; e, variações diafásicas ou de caráter pragmático. Estas diferenças demarcam linhas unitárias que separam traços caracteristicamente unitários ou unidades sintópicas, denominadas dialetos. As referidas unidades constituem um tipo particular porque apresentam traços definidores (modo de falar, subordinação a uma língua histórica e delimitação no espaço), ou seja, definem-se dialeto por estarem em um único ponto no espaço e carentes de diversidade diatópica (COSERIU, 1981: p.120)

Na definição de Manuel Alvar,

Dialecto es, de acuerdo con lo que hemos dicho, un sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común. De modo secundario, pueden llamarse dialectos las estructuras lingüísticas, simultáneas a otra, que no alcanzan la categoría de lengua (ALVAR, 1961: p.57).

Câmara Jr. (1978) apresenta uma definição estritamente sincrônica de dialeto: “do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são línguas regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos essenciais”. Alguns linguistas distinguem, entre as variedades diatópicas, o dialeto do falar. Alvar, no artigo *Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas*, define o falar como “las peculiaridades expresivas propias de una región determinada, cuando carezcan de la coherencia que tiene el dialecto”. Segundo o filólogo espanhol, do ponto de vista diacrônico, os falares caracterizar-se-iam, por ser “dialectos empobrecidos, que han abandonado el uso escrito para limitarse a ser manifestaciones orales”. Este empobrecimento é consequência de um processo erosivo que ultimou com a autonomia lingüística dos dialetos. Portanto, são peculiaridades regionais dentro da língua comum. Da mesma forma em que existem dialetos primitivos e modernos, há também falares regionais recém aduzidos (mesmo de origem antiga), ao mesmo tempo em que outros estão apenas se formando. Sob esse aspecto, pode-se destacar dois tipos de falares: *i)* o falar regional, “aquellas innovaciones que por su insuficiente determinación, por la escasez o poco alcance social de sus rasgos propios, no logran la diferenciación de un dialecto” e *ii)* os falares locais, definidos como “estructuras lingüísticas de rasgos poco diferenciados, pero con matices característicos dentro de la estructura regional a la que pertenecen y cuyos usos están limitados a pequeñas circunscripciones geográficas, normalmente con carácter administrativo”(ALVAR, 1961: p.60).

Saussure definiu a *langue* (língua) como psíquica, portanto acervo lingüístico; social, tendo em vista que se trata de uma instituição construída coletivamente e abstrata, porque é um sistema funcional. Entretanto, definiu a *parole* (fala) como psicofísica, individual e de realização concreta pelo falante. Portanto, *langue* (língua) e *parole* (fala), formam a linguagem, que para Saussure “tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. “A linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma instituição atual e um produto do passado”. (SAUSSURE, 1999: p.16).

Na linguagem é importante o pólo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica: existe o falar porque existem indivíduos que pensam e sentem, e existem ‘línguas’ como entidades históricas e como sistemas e normas ideais, porque a linguagem não é só expressão, finalidade em si mesma, senão também comunicação, finalidade instrumental, expressão para outro, cultura objetivada historicamente e que transcende ao indivíduo (COSERIU, 1956, p.44-45).

Segundo Cunha e Cintra (2001), a pressuposição de que a linguagem é monolítica não condiz com a realidade multifacetada da língua e, a sua materialização nas gramáticas, tem sido desfavorável ao ensino dos diferentes idiomas. Neste sentido, escreve Roman Jakobson, “para qualquer comunidade lingüística, para todo indivíduo falante existe uma unidade de língua, mas esse código global representa um sistema de subcódigos em comunicação recíproca; cada língua abarca vários sistemas simultâneos, cada um dos quais se caracteriza por uma função diferente” (JAKOBSON, 1970: p.352). Depreende-se desta citação que, se uma língua pode abranger vários sistemas, isto é, as formas ideais de sua realização, o seu dinamismo, o seu poder de ação também pode reconhecer

várias normas, as quais constituem modelos, escolhas que representam um conjunto de alternativas linguísticas, usadas de acordo com as situações de comunicação. Coseriu, no seu famoso estudo sobre a divisão tripartida, afirma que:

[...] a norma é a realização coletiva do sistema e contém o próprio sistema e, mais, os elementos funcionalmente não-pertinentes, mas normais na fala de uma comunidade”. Ela é, com efeito, “um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais e varia segundo a comunidade. Dentro de uma mesma comunidade lingüística nacional e dentro de um mesmo sistema funcional podem-se comprovar várias normas (linguagem familiar, linguagem popular, língua literária, linguagem elevada, linguagem vulgar etc.) distintas, sobretudo no que concerne ao vocabulário, mas a miúdo também nas formas gramaticais e na pronúncia (COSERIU, 1967: p.90-104 in PRETI, 1982: p.46).

No campo de estudo dos diferentes falares e dialetos identifica-se a Dialetoologia como a “disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e de estabelecer-lhe os limites”. Emprega-se, ainda, para descrever as “falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família” (DUBOIS, 2001: p.185).

A Dialetoologia originou-se das pesquisas dos neogramáticos, mais precisamente na Alemanha por George Wenker, com o objetivo de estabelecer leis fonéticas. Documenta a realidade dos usos linguísticos em localidades, por meio de respostas coletadas junto aos habitantes. Os primeiros resultados foram “publicados em 1881, sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reichs*, com um conjunto de seis cartas: duas fonéticas e quatro morfológicas”. Nesta publicação Wenker “abre caminho para uma pesquisa diatópica ampla”, que permite a comparação de fatos ocorridos em uma região com outras (DUBOIS, 2001: p.185).

De acordo com Araújo (2004), a Dialetoologia estuda,

[...] as variações lingüísticas delimitadas no espaço geográfico e nos agrupamentos sociais dos diferentes sistemas lingüísticos ou dialetos que caracterizam as diversificações de uma língua, restritas ao espaço geográfico que ocupa. Seu campo de estudos é, conseqüentemente, os falares regionais com suas delimitações geográficas, caracterizadas por diferenças próprias na fonética, no léxico, na gramática [...] (ARAÚJO, 2004: p.02).

Câmara Jr. (1978: p.94-95), define a Dialetoologia como “o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços lingüísticos dos dialetos”. Demonstra dois métodos para o desenvolvimento da Dialetoologia: a Geolinguística, também, denominada Geografia Linguística, que busca distribuir geograficamente cada traço linguístico dialetal, consolidado nos Atlas Linguísticos e a descrição dos falares em monografias voltadas a uma região específica, compondo gramáticas e glossários regionais.

Para Silva (2002),

[...] a dialetoologia estuda os dialetos, pois busca, na verdadeira fonte - as falas -, os dados lingüísticos que traçam o perfil de uma dada língua [...]. Estudar a língua em uso no seio das comunidades de fala é correlacionar aspectos lingüísticos e sociais. No primeiro contexto, encontram-se arrolados os fatores fono-morfo-sintáticos, os lexicais, os discursivos e os semânticos; no segundo, estão agrupados ao indivíduo (sexo, idade e etnia), os sócio-geográficos (região, escolaridade, renda, profissão e classe social) (SILVA, 2002: p.18).

No que se refere aos elementos pertencentes ao primeiro contexto, os fatores fonéticos contemplam aspectos relacionados a natureza física da produção e da percepção dos sons da fala humana (BORBA, 1975). Trata-se da forma de expressão, por meio da linguagem, representada por palavras, cujo significado consiste no objeto de estudo da semântica, fator de interesse nesta investigação.

A semântica lexical, objeto da lexicologia, estuda o significado das palavras, interessando-se pela etimologia, pela polissemia, pela sinonímia, pelas metáforas e pelos neologismos, ou estudo do aparecimento de palavras novas ou de significados novos de palavras. Bagno (2002: p.34) conceitua semântica como “o estudo da relação que os signos lingüísticos mantêm com as coisas que eles designam, com as coisas do mundo real às quais eles se referem”.

À semântica cabe estudar o significado das palavras, que resulta da relação entre dois elementos indissociáveis que as compõem: o primeiro, perceptível, audível, envolve dimensões físicas, isto é, vibrações sonoras e aspectos psicológicos: definido como significante. O segundo, produto dele, nele contido, nomeia, de acordo com o linguista Eugenio Coseriu, “o conteúdo de um signo ou de uma expressão enquanto dado numa determinada língua e exclusivamente por meio dessa mesma língua”: definido como significado. (PROENÇA FILHO, 2003)

Para Dubois (2001: p.527) a “semântica é um meio de representação do sentido dos enunciados e a teoria semântica deve explicar as regras que condicionam a interpretação semântica dos enunciados” (...). Marques (1999: p.15) expõe que não há consenso entre os especialistas quanto a definição de semântica e a delimitação do seu objeto de estudo, entretanto, semanticistas a definem como “o estudo do significado em linguagem”; “a disciplina lingüística que estuda o sentido dos elementos formais da língua, aí incluídos morfemas, vocábulos, locuções e sentenças”; “o estudo da significação das formas lingüísticas”. Entende-se, portanto, que a semântica tem por objeto o estudo do significado (sentido, significação) das formas linguísticas: morfemas, vocábulos, locuções, sentenças, conjunto de sentenças, texto, etc., suas categorias e funções na linguagem. No entanto, estas definições são insuficientes para esclarecer um dado fundamental: o que é significado (sentido, significação).

Os estudos do significado, no plano lingüístico estrito, distribuem-se em três domínios básicos: o da semântica lexical, o da semântica da sentença e o da semântica do texto. A semântica lexical pode ser definida como o estudo das palavras isoladas de um contexto discursivo; a semântica da sentença (gramatical) independe de condicionamentos contextuais ou situacionais e a semântica do texto relaciona-se ao uso concreto da língua, em textos falados ou escritos, contextual e/ou situacionalmente condicionados. (MARQUES, 1999: p.16).

Segundo Dubois *et al.* (2001),

[...] a palavra *léxico* designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc. Por essa razão, *léxico* entra em diversos sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual é considerado o conceito (DUBOIS *et al.*, 2001: p.364).

De acordo com Katz (1975), o léxico só comporta os traços sintáticos e fonológicos, enquanto que o componente semântico da gramática compreende um dicionário e regras de projeção, que fornecem os processos combinatórios. Para Noam Chomsky, a unidade léxica é definida por três conjuntos de traços: sintáticos, semânticos e fonológicos. Trata-se de um símbolo complexo, tendo em vista que:

The syntactic component specifies an infinite set of abstract formal objects, each of which incorporates all information relevant to a single interpretation of a particular sentence [...]. The phonological component of a grammar determines the phonetic form of a sentence generated by the syntactic rules. That is, it relates a structure generated by the syntactic component to a phonetically represented signal. The semantic component determines the semantic interpretation of a sentence. That is, it relates a structure generated by the syntactic component to a certain semantic representation. Both the phonological and semantic components are therefore purely interpretive [...] (CHOMSKY, 1965: p.16).

Vilela (1994), citado por Cardoso (2005: p.163), afirma que o léxico do português atual é o resultado de um fio condutor essencial, proveniente do latim, do qual se acrescentaram empréstimos múltiplos. Para o autor, o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, por ser o elemento mais diretamente chamado a configurar, linguisticamente, o que há de novo e, por isso, é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas.

Para Cagliari (1999), a linguagem é constituída da soma de sons, significados e a semântica, áreas de estudo da linguística, se interessa pela natureza, função e usos desses significados. A semântica estuda como os significados ocorrem integrados nos textos falados e escritos, por exemplo, explica porque a palavra *manga* é ambígua, quando analisada isoladamente, mas que inserida num contexto linguístico não pressupõe ambiguidade. Mostra também, que a interpretação de um enunciado depende dos conhecimentos extralinguísticos possuídos pelo interlocutor.

As palavras distribuem-se no léxico por campos semânticos, isto é, associações para um certo número de semantemas, como os termos para a cor, para partes do corpo animal, para os fenômenos meteorológicos, etc. e, por famílias léxicas, isto é, conjunto de palavras que têm em comum o seu semantema, cuja função lexical se multiplica pelos processos de derivação e composição. Dubois (2001) define campo semântico como “a área coberta, no domínio da significação, por uma palavra, ou por um grupo de palavras da língua”, portanto, um estudo de base semântico-lexical, de caráter geolinguístico, opera na perspectiva dos campos semânticos, em que a constituição de um léxico nada mais é que a atualização de um sistema, a *langue* (língua), por meio da norma e da *parole*, o falar. (SILVA, 2002: p.33).

No entanto, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994: p.19), “A Dialetologia não deve ser confundida com a geografia lingüística ou geolingüística, pois esta é um método utilizado pela Dialetologia”. No entanto, esclarecem que os Atlas Lingüísticos sempre se constituíram em meta ou aspiração principal dos dialetólogos.

Coseriu apud Brandão (1991) designa geografia linguística como,

[...] o método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais)



comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (BRANDÃO, 1991: p.11).

A geografia linguística, enquanto método da Dialetoлогия, analisa as variações diatópicas da língua, ou seja, as variações linguísticas no espaço, por meio de um estudo cartográfico. Posteriormente, com o aperfeiçoamento do método geolinguístico, buscou-se retratar peculiaridades etnográficas e, modernamente, as variações diastráticas (diferenças entre os distintos estratos socioculturais de uma comunidade linguística), pois a Dialetoлогия interessou-se também pela língua falada dos grandes centros urbanos. Neste contexto, a Dialetoлогия interage com a Sociolinguística quando da investigação das diferenças diatópicas (geográficas) e diastráticas, objetivando conhecer melhor a língua falada e os fatores internos e externos à linguagem que contribuem para as mudanças que se processam.

### 1.1.2. A Sociolinguística

Dialetoлогия e Sociolinguística assemelham-se até certo ponto, pelo fato de ambas empregarem os mesmos recursos interpretativos e objetivarem o estudo da diversidade da língua falada. Além disso, antes mesmo da Sociolinguística tornar-se um novo ramo da ciência e da linguagem e estudar a variação linguística, à luz de causas sociais, a Dialetoлогия já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de escolaridade, faixa etária, sexo, dentre outros. A semelhança foi apontada por Corvalán, citado por Ferreira e Cardoso (1994), como se segue:

Sociolinguística e dialetoлогия se tem considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a sociolinguística, a dialetoлогия reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade lingüística (FERREIRA e CARDOSO, 1994: p.19).

Dubois define a Sociolinguística como “uma parte da lingüística cujo domínio se divide com o da etnolingüística, da sociologia da linguagem, da geografia lingüística e da Dialetoлогия. A Sociolinguística tem como tarefa revelar, na medida do possível, a covariação entre os fenômenos lingüísticos e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito” (DUBOIS, 2001: p.561).

A Sociolinguística surge como uma nova área da Linguística em 1964, mais precisamente, em um congresso na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright, do qual participaram vários estudiosos que, posteriormente, se constituíram em referências clássicas na tradição dos estudos referentes à questão da relação entre língua e sociedade; dentre eles: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona. Os trabalhos apresentados no referido congresso foram organizados e publicados em 1966, por Bright, sob o título *Sociolinguistics*. Cabe ressaltar que, também em 1964, foi realizado um congresso em Bloomington,

Indiana, em que linguistas e cientistas sociais discutiram questões alusivas às relações interdisciplinares, ao campo da dialetologia social, à escolarização de crianças estrangeiras, originárias de meio social pobre. A partir dos trabalhos apresentados nesse congresso, foram organizadas três obras de referência: *Directions in Sociolinguistics: report on a interdisciplinary seminar*, (Ferguson, 1965), *Explorations in Sociolinguistics* (Lieberson, 1966), e *Social Dialects and Language Learning* (Schuy, 1964).

A respeito do nascimento da Sociolinguística, Bachmann *et al.* (1981) afirmam que o novo campo de estudos interdisciplinar é o lugar “onde vão se encontrar os herdeiros de tradições antigas como a da antropologia lingüística - caso de Hymes - ou da dialectologia social - como Labov - e de especialistas da experimentação ou da intervenção social: psicólogos, sociólogos, e mesmo planejadores” (BACHMANN *et al.*, 1974: p.17). Os referidos autores ressaltam, também, que a Sociolinguística se constitui e se desenvolve no momento em que a abordagem formalista (formalismo) de análise linguística, traduzida (reproduzida) pela gramática gerativa de Noam Chomsky, registra expressiva repercussão.

É Bright quem afirma:

O termo Sociolingüística é razoavelmente novo. Como suas irmãs mais velhas, Etnolingüística e Psicolinguística, não é um termo fácil de ser definido com precisão; aliás, estes três termos tendem a se entrecruzar, quando tratam do mesmo assunto, e de certo modo refletem diferenças nos interesses e na abordagem dos investigadores ao invés de diferenças de material (BRIGHT, 1964: p.11, citado por PRETI, 1982: p.17-18).

Para William Bright, um dos mais importantes sociolinguistas norte-americanos, a finalidade da Sociolinguística é a comparação entre a estrutura linguística e a estrutura social. Afirmar que a Sociolinguística deve “demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social. Ou seja, relacionar as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade” (BRIGHT, 1974: p.34). O referido autor acrescenta que o objeto de estudo da Sociolingüística é a diversidade linguística e, identifica: *i*) a identidade social do emissor ou falante; *ii*) a identidade social do receptor ou ouvinte; *iii*) o contexto social e *iv*) o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento lingüístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes lingüísticas, como fatores socialmente definidos, relacionados à diversidade linguística. (ALKMIN, 2006: p.28-29)

Conforme Alkmin (2006),

[...] o objeto da Sociolingüística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade lingüística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos [...] (ALKMIN, 2006: p.31).

A Sociolinguística busca correlacionar as variações que existem na expressão verbal, com diferenças de natureza social, entendendo o domínio lingüístico e social como fenômenos regulares e estruturados. Para esclarecer tal colocação, o referido autor emprega o exemplo de que se um falante enuncia o verbo “vamos” como [vāmus] e outro falante o enuncia como [vāmu], pode-se afirmar, com base nos postulados da Sociolinguística, que essa variação na fala não é o resultado

aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas de um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação (CAMACHO, 2001: p.50).

A respeito do objeto de estudo da Sociolinguística:

Se as línguas naturais humanas consistem em sistemas organizados de forma e conteúdo, seria estranho que a variação não fosse uma de suas propriedades mais marcantes e significativas. Na realidade, a diversidade é uma propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos e o papel da Sociolinguística é exatamente enfocá-la como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e não-linguísticas (CAMACHO, 2001: p.55).

Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera casualidade. Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos cerca e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens. E toda a nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum de que dispomos para tal (PRETI, 1982: p.1).

Para o linguista francês, Émile Benveniste, “é dentro da e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”; é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com o seu semelhante. Afirma que: “a linguagem sempre se realiza dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular” (BENVENISTE, 1976: p.27 e p31). A língua é considerada um instrumento de análise da sociedade, pois ela contém a sociedade, passando a ser intérprete da mesma; logo, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra. Esse papel de interpretante da sociedade é assegurado pelo fato de que a língua é “o instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade”, facultando, assim, “a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas” (ALKMIN, 2006: p.26-27).

Benveniste é considerado um dos precursores da Linguística da Enunciação; dá continuidade à obra de Saussure, no entanto, alargou os horizontes da Linguística, ao incluir o discurso como objeto de estudo para o linguista, até então, negligenciado pelo estruturalismo. A língua, idealizada pelo estruturalismo como sistema invariante, bloqueava todo o processo de significação e de mudança linguística. Faltava à Linguística um aparelho que pusesse a língua em ação, em funcionamento, libertando-a do domínio fechado e da imobilidade do sistema: a enunciação, definida por Benveniste como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006: p.82). A partir desta definição, pode-se inferir que a enunciação, na perspectiva de Benveniste, permanece circunscrita ao espaço do subjetivo e do individual, visto que analisa a enunciação como o ato individual de colocar a língua em funcionamento ou de transformá-la em discurso, também concebido como um “produto subjetivo e individual”, aproximando-se do conceito de fala proposto por Saussure (CARDOSO, 1999). A concepção Benvenistiana sobre a enunciação, traz para o cenário das preocupações linguísticas, o sujeito, personagem secundário na linguística saussuriana. O sujeito de Benveniste é, em resumo, “um eu que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com um tu - alocutário - opondo-se ambos à não-pessoa, ele (eu - tu x ele)” (BRANDÃO, 1991: p.49).

Para Saussure (1999), o único e verdadeiro objeto de estudo da Linguística é a língua considerada em si mesma, e por si mesma, e não a fala. Com a noção de subjetividade, introduzida pela teoria enunciativa proposta por Benveniste, também surgiram as noções de sentido e contexto, que juntas possibilitaram uma nova forma de pensar a língua/linguagem.

Conforme destaca Cardoso (1999), a linguagem, na perspectiva da Linguística da Enunciação, não é vista apenas como um instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, mas como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso. As formas da língua se apresentam aos sujeitos falantes como possibilidades, que poderão ser colocadas em ação quando por eles administradas nos atos enunciativos em determinados contextos comunicativos; isto é, sem a enunciação a língua é apenas uma possibilidade. Como assegura Benveniste (2006: p.83-84) “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” e “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso”. Neste aspecto, pode-se dizer que, “como forma, a língua constitui uma estrutura, mas como funcionamento, a língua se transforma em discurso, que é o fenômeno temporal da troca, do estabelecimento do diálogo, é a manifestação interindividual da enunciação, é o seu produto” (CARDOSO, 1999: p.22-23).

De acordo com Labov (1972) a Sociolinguística estuda os padrões de comportamento linguístico observáveis em uma comunidade de fala, por meio de um sistema analítico heterogêneo de regras variáveis. Busca responder o porquê da variação linguística, a partir de dois princípios basilares: *i)* o sistema linguístico deve ser heterogêneo, uma vez que a comunidade não é homogênea e *ii)* as mudanças que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação; a mudança implica necessariamente em variação, no entanto, a variação não implica necessariamente mudanças.

Dos estudos de Willian Labov surge a Sociolinguística Variacionista, também conhecida como a “Teoria da Variação e Mudança, tendo por objetivo descrever a variação e a mudança linguística, levando em consideração o contexto social de produção, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala”, que utiliza um método de análise quantitativa dos dados obtidos a partir da fala espontânea dos indivíduos, ou seja, “do vernáculo, estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala” (LABOV, 1972: p.208).

De acordo com Felício Margotti, a Sociolinguística Variacionista,

[...] se orienta por uma concepção de língua como sistema socialmente determinado: um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade de fala. Opõe-se, assim, à concepção de língua como sistema homogêneo e autônomo que se impõe unitariamente a todos os falantes da comunidade linguística indistintamente. Esse conceito permite superar a dicotomia sincronia e diacronia no sentido que havia adquirido no estruturalismo, uma vez que a análise sincrônica deve-se fundamentar no conceito de língua como um sistema de regras variáveis, no qual um contínuo processo de variação e mudança opera na estrutura linguística (MARGOTTI, 2003: p.150).

Willian Labov, em seus estudos sociolinguísticos, direcionados para a relação entre língua e sociedade, sistematizou as variações ocasionadas na língua falada, por meio de pesquisas que consideraram fatores extralinguísticos, como classe social, idade, sexo e escolaridade, no sentido de demonstrar a interlocução entre o conteúdo linguístico do falante e o meio social em que vive.

Valeu-se de um método inédito: o estatístico; comprovou que a variação existe em todas as línguas naturais humanas, sendo inerente ao sistema linguístico e ocorre na fala de uma comunidade, ou até mesmo, de uma mesma pessoa. Seu estudo permitiu concluir que a variação sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa (LABOV, 1972). A esse respeito, escreve:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está de fato provada. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar... a heterogeneidade não é apenas comum, é também o resultado natural de fatores linguísticos básicos. Alegamos que é a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional (LABOV, 1972: p.203).

Segundo Tarallo (2006: p.8), as variantes linguísticas são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. O referido autor cita como exemplo de variável linguística, no português falado do Brasil, a marcação do plural no sintagma nominal, a qual se realiza por meio de duas variantes linguísticas, “as adversárias do campo de batalha da variação”: a presença do segmento fônico /s/, e a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero” /ø/. As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão *versus* não-padrão; conservadoras *versus* inovadoras; de prestígio *versus* estigmatizadas. Pode-se dizer que, no exemplo acima, a variante [s] é considerada padrão, conservadora e de prestígio; enquanto que, a variante [ø] é inovadora, estigmatizada e não-padrão (TARALLO, 2006: p.8-12).

Para Mollica e Braga,

Antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no sentido de recuo da inovação. [...] deve definir se o caso é de variação estável ou de mudança em progresso (MOLLICA e BRAGA, 2004: p.10).

Para Camacho (2001: p.60) a diversidade linguística não se limita a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica, visto que um mesmo indivíduo pode empregar alternadamente diferentes formas linguísticas, de acordo com a variação das circunstâncias da interação verbal, inserindo-se o contexto social, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc., isto é, um mesmo indivíduo pode fazer diferentes usos da língua dependendo da situação, de quem é seu interlocutor e de suas intenções. Dessa forma, a heterogeneidade linguística se explica também por meio de variação social e estilística.

O estudo de qualquer comunidade linguística identificará diversidade ou variação, caracterizada pelo emprego de diferentes modos de falar, ou das denominadas variedades linguísticas, identificadas na língua falada de qualquer comunidade. Para a Sociolinguística, essa diversidade é tida como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico (ALKMIN, 2006).

Alkmin (2006: p.34) afirma que, “no plano sincrônico, as variações observadas nas línguas são relacionáveis a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferentes falam distintamente”, portanto estudar a língua em uso no seio das comunidades de fala, em um determinado momento, é correlacionar aspectos linguísticos e

sociais. No primeiro contexto, encontram-se arrolados os fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos, pragmáticos e discursivos; no segundo, estão os fatores relacionados ao indivíduo (sexo, idade e etnia) e aos aspectos sociogeográficos (região, escolaridade, renda, profissão e classe social).

Dessa forma, a Sociolinguística irá investigar as diferenças diatópicas (geográficas) e diastráticas (diferenças entre os distintos estratos socioculturais de uma comunidade linguística), objetivando conhecer melhor a língua que falamos, e os fatores internos e externos à linguagem que contribuem para as mudanças que se processam. Essas diferenças linguísticas dentro de uma mesma comunidade de fala são motivadas por fatores extralinguísticos, como: origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais. Portanto, correlacionando estes aspectos aos fenômenos linguísticos, tem-se um retrato mais fiel da realidade da língua falada no Brasil e em Portugal.

Os falantes possuem variedades linguísticas próprias da sua região e classe social, sendo que cada variedade pode ser descrita a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (diatópica), que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observadas em falantes de origens geográficas distintas, e a variação social (diastrática), relacionada a vários fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e com a organização sociocultural da comunidade de fala. A classe social, a idade, o sexo e a situação ou contexto social são fatores extralinguísticos que estão relacionados às variações de natureza social (ALKMIN, 2006: p.34-36).

Para Bortoni-Ricardo (2006: p.25) “a variação é inerente à própria comunidade lingüística”, pois qualquer comunidade, independentemente de sua extensão territorial e localização geográfica, sempre apresenta variação linguística, que decorre de vários fatores sociais e linguísticos. Marcuschi in Bagno (2002: p.24) afirma que a língua tem aspectos estáveis e instáveis, ou seja, ela é um sistema variável, indeterminado e não fixo. Portanto, a língua apresenta sistematicidade e variação a um só tempo.

A língua é um conjunto heterogêneo de variedades linguísticas. Gnerre (1998: p.6) afirma que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Dessa forma, constata-se a existência de variedades de prestígio (variedade padrão) e de variedades não-prestigiadas (estigmatizadas), nas sociedades em geral. A variedade padrão de uma comunidade, também denominada norma culta, não é a língua por excelência; é a variedade linguística socialmente mais valorizada, é uma atitude social perante a língua que se traduz, pela escolha de um dos modos de falar entre os vários existentes na comunidade e pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo “correto” de falar.

Os estudos linguísticos modernos têm revelado que “*não existe erro em língua*, o que existe é variação e mudança, e a variação e mudança não são “acidentes de percurso”: muito pelo contrário, elas são constitutivas da natureza mesma de todas as línguas humanas vivas (...)” (BAGNO, 2002: p.71-72). Existem formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição

gramatical. Só se considera erro, em língua, aquilo que compromete a comunicação entre os interlocutores. Portanto, o ensino da Língua Portuguesa deve propiciar o conhecimento de todas as variedades sociolinguísticas.

De acordo com Bagno (2003: p.117) “A gramática tradicional tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento - toda língua viva é uma *língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação*”.

São do mesmo autor as seguintes palavras:

A língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada *norma culta*. [...] Enquanto a *língua* é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a *gramática normativa* é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia [...] (BAGNO, 2003, 9-10).

Faz-se oportuno registrar o dizer de Magda Soares:

[...] um ensino de língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais (SOARES, 1995: p.78).

Destarte, com base nas considerações de Labov (1972), os processos contemporâneos de mudanças ocorridas nas comunidades de fala, são imprescindíveis para a Sociolinguística, tendo em vista que esta estrutura vai além de um grupo de pessoas que apenas falam de forma semelhante. Trata-se também, de traços linguísticos que distinguem um grupo de falantes de outros, que se comunicam mais entre si do que com os outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Portanto, a Dialetoлогия e a Sociolinguística estão alinhadas quanto a heterogeneidade da língua, que se apresenta como um conjunto de variedades, usadas diferentemente, de acordo com a época, o lugar, as características sociais do falante (faixa etária, nível de escolaridade, sexo, classe social, profissão) e a situação de comunicação. Muitas destas variantes são consideradas desprivilegiadas, pois não seguem a norma culta padrão, ou seja, a norma de maior prestígio social, contudo, constituem-se no elemento responsável pelas transformações da língua no tempo e no espaço.

## 1.2. PROBLEMATIZANDO CONCEITOS

A Dialetoлогия, nascida das pesquisas dos neogramáticos para estabelecer as “leis fonéticas”, foi concebida, de maneira sistemática, na Alemanha por Georg Wenker, o qual

documenta a realidade de usos linguísticos em 40.736 localidades com um total de 44.251 respostas coletadas (DUBOIS, 2001: p.185). Esses resultados foram publicados em 1881, sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reichs*, com um conjunto de seis mapas fonéticos. Nessa pesquisa, portanto, privilegiou-se o aspecto fonético da língua, estudado a partir de um questionário constituído por quarenta frases em alemão estandardizado, que fora enviado a professores e pessoas ditas ‘cultas’ das regiões rurais, do norte e centro da Alemanha, as quais deveriam transcrevê-las no dialeto local. Wenker abre caminho para uma pesquisa diatópica ampla, permitindo a intercomparação de fatos de uma região com outras.

Segundo Bassetto (2001: p.70), “o linguista alemão Georg Wenker pretendeu fixar em mapas o domínio dos dialetos alemães”. O estudo empreendido por Wenker foi retomado em 1926 por Ferdinand Wrede, a quem coube a publicação do primeiro fascículo dos mapas elaborados, manualmente, por Wenker em 1881, sob o título *Deutscher Sprachatlas* (Atlas Linguístico Alemão). No entanto, essa obra só foi concluída em 1956 por W. Mitzka e B. Martin, cujos dados fornecidos pelo linguista alemão seriam complementados, por meio de um questionário fonético endereçado a 50.000 escolas de todas as regiões da Alemanha e da Áustria, o qual compreendia duzentas questões relativas a nomes simples dados às partes do corpo, plantas ou objetos de uso cotidiano, bem como, doze frases elementares para tradução em dialeto regional. Esse trabalho de pesquisa resultou num total de cento e vinte e oito mapas, que apresentam dados opostos aos esperados por Wenker: “de fato não é possível delimitar claramente os dialetos, pois verificou-se a existência de grande influência mútua, de mutações constantes e muitas permutas, tanto que não foi possível traçar isoglossas”. (BASSETTO, 2001: p.70). Outro exemplo de atlas de caráter integralmente fonético é o de Gustav Weigand, publicado em 1909 sob o título de *Linguistischer Atlas des Dakorumänischen Sprachgebiets* (Atlas Linguístico do Domínio da Língua Daco-Romena), fruto de pesquisas anteriores, que resultaram num total de sessenta e sete mapas fonéticos.

A geografia linguística ou a Geolinguística, método da Dialectologia, destina-se a estudar a linguagem humana, mais especificamente, a variação linguística no espaço físico. Trata-se da variação diatópica que se processa a nível fonético, morfológico, sintático e semântico-lexical. Para Bassetto (2001: p.70), “a Geografia Linguística se ocupa com a situação em que uma língua se encontra num determinado momento, em localidades ou em regiões previamente escolhidas. Não se utiliza de documentos escritos como objeto de sua pesquisa, mas investiga sobretudo a linguagem falada”.

Em 1891, o abade Rousselot, considerado o fundador da fonética experimental, publica a primeira obra dialetológica de base sólida, *Les Modifications Phonétiques du Langage Étudiées dans le Patois d’une Famille de Cellefrouin (Charente), Paris*, de influência considerável no estudo dos dialetos. De acordo com Brunot “Ce travail, à première vue si limite, a une portée considérable, car l’auteur y pose définitivement les bases d’une Science nouvelle: la linguistique expérimentale” (BRUNOT, 1892: p.97). Nessa obra, Rousselot verificou, por exemplo, que não existe unidade linguística absoluta, nem mesmo dentro de um pequeno grupo familiar.



No entanto, a criação da Dialetologia é atribuída ao linguista e dialetólogo italiano Graziadio Isaia Ascoli, fundador da revista *Archivio Glottologico Italiano* (1873), na qual publicou o trabalho *Saggi Ladini* (Ensaio Ladinos), ensaios sobre os dialetos reto-românicos (rético, italiano e o franco-provençal) sob o ponto de vista histórico-geográfico. No oitavo volume (1882-1885), Ascoli publica o artigo *L'Italia Dialettale*, no qual estabelece os princípios e métodos da Dialetologia italiana, lançando as bases de uma Dialetologia científica, que se solidifica a partir da publicação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF) (1902-1910) por Jules Gilliéron.

A geografia linguística consolida-se como método de investigação científica, a partir da publicação do ALF, resultado de uma pesquisa de campo empreendida por Edmond Edmont entre os anos de 1897 e 1901, que consistia em aplicar um questionário de 1920 perguntas, em 639 pontos linguísticos, situados no território dialectal galo-românico. A aplicação do questionário tinha por objetivo fazer um levantamento de dados relativos aos aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos das regiões estudadas. Edmond Edmont era um comerciante que tinha alguma familiaridade com os estudos de Dialetologia, pois já havia realizado um trabalho sobre o léxico de Saint-Pol-sur-Ternoise, no qual demonstra, pela exatidão das transcrições, ter acuidade auditiva para distinguir peculiaridades fonéticas; capacidade que, aliada ao fato de não ser nem filólogo, nem linguista e, portanto, estar isento de influências teóricas, como desejava Gilliéron, fazia dele o inquiridor ideal. As respostas dos informantes eram transcritas por Edmont no mesmo instante e *in loco*, com a recomendação de não as retocar ou corrigir a fim de que se obtivessem “verdadeiros instantâneos da linguagem” (POP e POP, 1959: p.72).

Os cadernos com o material recolhido eram, regularmente, enviados a Gilliéron que, de imediato, realizava a sua triagem e análise. Os dados obtidos por meio desta pesquisa *in loco* resultaram no *Atlas Linguistique de la France* (ALF), publicação concluída em 1912, constituindo trinta e seis fascículos e mil e novecentos e vinte mapas, sendo cada forma dialetal representada num mapa diferente e transcrita foneticamente e cada localidade numerada segundo rigorosos critérios científicos. Com base nos dados descritos nas cartas que compõem o ALF, Gilliéron escreveu ensaios e artigos em que demonstrava muitos problemas ignorados pelos neogramáticos como, por exemplo, os da homonímia e da etimologia popular, processos significativos para explicar a mudança linguística.

A obra de Gilliéron marcou o início da aplicação do método da geografia linguística que, nas colocações de Bassetto (2001: p.74), “mostra como as palavras se chocam entre si, migram, arcaizam-se, renascem ou desaparecem”. As cartas de um Atlas linguístico são instrumentos de trabalho valiosos, que permitem identificar e analisar as variações e as mudanças linguísticas que se operam em determinado espaço geográfico. Segundo Manuel Alvar nenhum método será capaz de abranger, em sua totalidade, a variabilidade de uma língua: “nunca possuiremos a realidade de qualquer fala, porque a realidade é mutável em cada comunidade, em cada indivíduo dessa coletividade e nos momentos, distintos, de cada indivíduo” (ALVAR, 1968: p.30).

Outro método da filologia românica relacionado com a geografia linguística é a Teoria das Ondas ou *Wellentheorie*, hipótese expressa inicialmente por Schuchardt em *Der Vokalismus der*

*Vulgärlatein* (O Vocalismo do Latim Vulgar), em 1866 e formulada por Johannes Schmidt, na obra *Die Verwandtschaftsverhältnisse der Indogermanischen Sprachen* (As Relações de Parentesco das Línguas Indo-européias), de 1872. Para Schmidt, que se opunha à Teoria da Árvore Genealógica ou *Stammbaumtheorie*, desenvolvida pelo neogramático August Schleicher, “as inovações linguísticas se propagam como ondas, irradiadas continuamente de centros geográficos de prestígio, que se cruzam e entrecruzam com frequência”. De acordo com a Teoria da Árvore Genealógica, que está relacionada com o método histórico-comparativo, as línguas são vistas como “organismos naturais que surgem, crescem e se desenvolvem conforme leis fixas e depois envelhecem e morrem, sem que a vontade humana possa intervir” (BASSETTO, 2001: p.82).

A partir da publicação do Atlas *Linguistique de la France*, o método da geografia linguística, inaugurado por Gilliéron, foi aos poucos aperfeiçoando-se e outros atlas linguísticos foram elaborados, buscando retratar particularidades etnográficas e, modernamente, variações diastráticas, sobretudo porque o interesse da Dialectologia volta-se também para a fala dos grandes centros urbanos. Um exemplo de atlas linguístico de caráter etnográfico é o AIS - *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional) de Jaberg e Jud, composto por oito volumes “in folio”, publicado entre 1928 e 1940. Outro atlas a mencionar é o ALR - *Atlasul Linguistic Român* (Atlas Linguístico Romeno - 1956), coordenado por Sextil Pușcariu. Essa obra foi organizada em duas séries: ALR I, com 2.160 perguntas, aplicadas em 301 localidades; ALR II, constituído por 4.800 perguntas para serem formuladas em 85 pontos de inquérito. Os pesquisadores e redatores do ALR, Sever Pop e Emil Petrovic, também publicaram dois atlas menores, intitulados ALRM I e ALRM II (*Micul Atlas Linguistic Român*), em que abordam aspectos fonéticos, morfológicos e léxicos.

Outros Atlas Linguísticos foram sendo elaborados como, por exemplo, o *Petit Atlas Linguistique d'une Région des Landes* (Millardet, 1910); *Novo Atlas Lingüístico da França por Regiões* (1939); *Atlante Linguistico Etnografico Italiano della Corsica* (ALEIC) (Gino Bottiglioni, 1935-1942); *Atlante Linguistico Italiano* (ALIt) ( Benvenuto Terracini); *Saggio di Atlante Linguistico della Sardegna* (Terracini e T. Franceschi, 1964); *Linguistic Atlas of New England* (LANE), publicado sob o título geral de *Linguistic Atlas of the United States and Canada* (Kurath e Bloomfield, 1939-1943); *Atlas de Porto Rico* (APR) (Tomas, 1948); *Atlas Lingüístico do Japão* (LAJ) (Instituto de Pesquisa da Língua Nacional, 1974); *Atlas Lingüístico e Etnográfico da Colômbia* (ALEC) (Instituto Caro y Cuervo, 1983).

Na Península Ibérica, Antonio Griera, discípulo de Jules Gilliéron, dá início ao *Atlas Lingüistic de Catalunya* (ALCAT) em 1912, cuja publicação só foi concluída em 1964, devido à guerra civil espanhola. Tomás Navarro iniciou, em 1925, o *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), idealizado por Ramón Menéndez Pidal em 1914, cujo primeiro volume só foi publicado em 1962, com um total de setenta e cinco mapas que abrangem apenas o espaço linguístico românico da Península. No território português, convém ressaltar o trabalho desenvolvido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), que coordena, na atualidade, vários projetos relacionados à variação linguística e à elaboração de atlas. Dentre estes projetos, pode-se citar: o

*Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), o *Atlas Linguistique Roman* (ALiR), o *Atlas Linguarum Europae* (ALE), o *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP) e o *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores* (ALEAç). Transcorrem, simultaneamente, outros dois projetos de caráter geolinguístico, que utilizam os dados obtidos para o ALEPG: o Corpus dialectal com anotação sintáctica (CORDIAL\_SIN) e o Estudo das variantes flexionais do verbo em Português (VarV).

O *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG) constitui-se em projeto de atlas nacional iniciado em 1970, sob a coordenação de Luís Lindley Cintra. O questionário linguístico que norteou a coleta de dados, de 2.000 perguntas, é essencialmente lexical, de base onomasiológica e incide sobre o léxico relacionado às tecnologias tradicionais, à agricultura e à agropecuária. Os inquéritos foram iniciados em finais de 1973 e concluídos no ano de 2004. A rede de inquéritos deste atlas compreende 166 pontos em território continental, 17 no arquipélago dos Açores, sete na Ilha da Madeira e 12 em zonas fronteiriças do território espanhol, totalizando 212 pontos de inquérito.

O projeto *Atlas Linguarum Europae* (ALE) focaliza todas as línguas da Europa e a maioria dos respectivos dialetos. Dele participam 51 equipes de pesquisadores. Foi instituído oficialmente na Holanda em 1970, cuja publicação iniciou-se em 1975. Cada fascículo deste atlas é composto por dois volumes: um de mapas e outro de comentários. Até a presente data foram publicados cinco fascículos, destinados ao léxico, apresentando os dados referentes à 43 conceitos diferentes: *sol, lua, nuvem, nevoeiro, arco-íris, vento, relâmpago, raio, trovão, chove, granizo, pingo de gelo, neve, charco, represa, lago, ribeiro, mar, serra, cobre, estanho, chumbo, carvalho, videeiro, choup, pinheiro, zimbro, ramo, flor, Centaurea Cyanus, pepino, amora, pera, milho, cevada, girassol, gafanhoto, joaninha, borboleta, pirilampo, doninha, cão, Natal*. O enfoque das denominações obtidas para estes conceitos, em 2.631 localidades europeias, foi de caráter essencialmente etimológico. A colaboração portuguesa neste projeto teve início em 1974 pelo Grupo de Estudos de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, então Instituto de Linguística, que realizou inquéritos em 53 aldeias portuguesas, de acordo com o questionário de 550 perguntas, no ano de 1975. Realizaram-se sínteses nacionais das designações de cerca de 30 conceitos, para posterior elaboração de sínteses, mapas e comentários a nível românico. Os mapas resultantes da pesquisa *in loco* são denominados “mapas onomasiológicos”.

O *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) objetiva apresentar uma visão de conjunto da situação linguística dos domínios românicos da Europa (ibero-românico, galo-românico, ítalo-românico, reto-românico, romeno) por meio de uma análise lexical, fonética, fonológica e morfossintática. A cada mapa segue-se um comentário que propõe, de modo resumido, a análise e classificação dos dados coletados, do ponto de vista sincrônico e diacrônico. Para o estudo do aspecto lexical dessa família de línguas, foram indicados 592 conceitos diferentes, enquanto que, para abranger os aspectos fonéticos, selecionaram-se 284 configurações representativas da evolução do vocalismo e do consonantismo latinos. O projeto do ALiR nasceu em 1987, por iniciativa de Gaston Tuailon e Michel Contini, cuja sede localiza-se no Centre de Dialectologie da Université Stendhal de Grenoble e conta

com o apoio financeiro da União Europeia. Está estruturado em 10 comitês: português, galego, espanhol, catalão, francês, valão, suíço, italiano, romeno e moldavo, que integram pesquisadores de 31 universidades ou organismos de investigação dos países participantes. Portugal está representado por uma rede de 110 pontos de inquérito, dentre os quais, 10 situam-se no arquipélago dos Açores e quatro no da Madeira. Estes pontos coincidem com os pontos da rede do ALEPG.

O *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP) tem por objetivo estudar o “léxico associado à vida piscatória na orla marítima portuguesa”. É composto por um questionário com cerca de 1.200 perguntas que recobrem os seguintes campos semânticos: a pesca e os processos de pesca, as embarcações e a navegação, a companhia e a comercialização do pescado, a fauna e a flora marinhas, aspectos da costa e do mar e os fenômenos atmosféricos. A rede de pontos abrange 23 localidades continentais, cinco na ilha da Madeira e doze no arquipélago dos Açores, totalizando 40 pontos de inquérito. Com um questionário de cerca de 300 perguntas, os trabalhos iniciaram-se com a coleta do léxico referente às espécies da fauna e flora marinhas, nas 23 localidades da costa continental portuguesa (1984/85). Os dados coletados na pesquisa de campo no arquipélago dos Açores deram origem a um volume de 156 mapas lexicais, que constituem o Vol. IX do ALEAç, o qual aguarda publicação.

Quanto ao *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores* (ALEAç) objetiva elaborar um conjunto de mapas linguísticos de interesse lexical, fonético, fonológico e morfológico, que representem as particularidades dos dialetos açorianos. Insere-se num projeto mais amplo, o ALEPG, com dados coletados em 17 localidades, das nove ilhas que compõem o arquipélago dos Açores. Este atlas é constituído por 1.174 mapas linguísticos, dos quais 1.104 são essencialmente lexicais e 70 são de carácter morfológico. Estão previstos a publicação de nove volumes de mapas de natureza fundamentalmente lexical. Os mapas abordam os seguintes conteúdos semânticos: a criação de gado; a vinha e o vinho; os trabalhos do linho e da lã; dos cereais ao pão; as árvores e o seu aproveitamento; as árvores de fruto; os produtos da horta; as ervas, as flores e os arbustos; a agricultura e as alfaías agrícolas; ofícios e profissões; os animais domésticos e de capoeira; os equídeos e os arreios; a fauna selvagem e, a fauna e a flora marinhas. O léxico é apresentado em transcrição fonética, demonstrando, portanto, a variação (lexical e fonética) existentes nas diferentes localidades pesquisadas para um dado conceito.

Após a publicação dos primeiros atlas linguísticos, surgiu, no final do Séc. XIX, com os trabalhos relativos ao estudo das línguas românicas, a onomasiologia, cuja finalidade é identificar as designações, que correspondem a um determinado conceito. De acordo com Grzega e Schöner:

Lexicology is the study of words, and onomasiology is a branch of it. The goal in onomasiology is to find the linguistic forms, or the words, that can stand for a given concept/idea/object. Like many words denoting sciences, the word onomasiology is derived from two ancient Greek words - *ónoma*, which means ‘name’, and *logos*, which can be translated as ‘science’ or ‘study of’. Onomasiology could thus be rendered as “the study of designations”. However, some also speak of onomasiology when they are looking for grammatical forms that can stand for a given function, e.g. “How can I express future time?”, and when they are looking for conversational patterns that can be used in a given communicative task, e.g. “How can I greet somebody?” In any case, you always depart from an idea and look for adequate expressions (GRZEGA e SCHÖNER, 2007: p.7).

Segundo Dubois *et al.* (2001: p.441), a Onomasiologia é “o estudo semântico das denominações; ela parte do conceito e busca os signos lingüísticos que lhe correspondem”. Opõe-se, portanto, à Semasiologia, que parte do significante (signo), em busca do significado (conceito). Os princípios da Onomasiologia, também designada “lexicologia científica”, foram estabelecidos por Carlo Salvioni em um trabalho sobre as denominações italianas do vagalume (1892) e pelo romanista suíço Ernest Topolet, com um estudo sobre os nomes românicos de parentesco. Entretanto, o termo onomasiologia foi empregado, primeiramente, em 1902, por Adolf Zauner, em um estudo relativo às designações românicas das partes do corpo humano, intitulado *Die Romanischen Namen der Körperteile: eine onomasiologische studie*. Fora do domínio românico, citam-se como precursores do método onomasiológico, A. Fr. Pott, que estudou os nomes do arco-íris (*Bennennungen des Regenbogen*) em línguas do mundo todo (1853); Jakob Grimm, que publicou *Über die Namen des Donners* (1853), um estudo sobre os nomes do trovão e, F. Miklosich, que pesquisou *Die Slavischen Monatsnamen* (Os Nomes Eslavos dos Meses) (1868). Destacam-se, ainda, Brinkmann, que estudou os nomes do cavalo nas línguas românicas e no inglês (1872); Morandi, que examinou as expressões italianas para “morrer” (1883); Clemente Merlo, que edita, em 1904, *I Nomi Romanzi delle Stagioni e dei Mesi* (Os Nomes Românicos das Estações e dos Meses), com o subtítulo *Saggio di Onomasiologia* (Ensaio de Onomasiologia); Wartburg e Hallig, que, em 1952, publicaram a obra *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie/Système Raisonné des Concepts pour Servir de Base à la Lexicographie* (Sistema Racional de Conceitos), considerada um marco nos estudos alusivos à onomasiologia. O método onomasiológico, segundo Bassetto (2001: p.77), “permite sentir a linguagem viva, traduzindo a vivência cultural do povo”.

No domínio da Língua Portuguesa, convém ressaltar alguns estudos sobre onomasiologia: *Designações Portuguesas para “Embriaguês”*, de Heinz Kröll (1955); *Géographie Linguistique et Expressivisme Phonétique: les noms de la balançoire em portugais* (1957), do romanista suíço Karl Jaberg que, com base nos materiais fornecidos pelo inquérito linguístico por correspondência, organizado por Paiva Boléo, elaborou uma carta léxica das designações portuguesas para *baloiço*. Identificou a distribuição geográfica das designações: i) *redoiça, redoioço*; ii) *baloiço, balouço, baloicho*, etc.; iii) *trapézio*; iv) *bambão, bambuadoiro, de bombo* e concluiu que as variantes *redoiça, redoioço* figuram em pontos periféricos, os quais constituem áreas em retrocesso, enquanto que as demais formas léxicas se distribuem por todo o território português.

Ainda, destacam-se *As Designações para “Fígado” nas Línguas Românicas* (1958) de Serafim da Silva Neto e *Áreas Lexicais no Território Português* (1962) de Lindley Cintra, em que se representa, sob a forma de mapas, a distribuição geográfica dos tipos lexicais correspondentes às noções de: i) “extrair, tirar o leite das tetas de uma vaca”; ii) “úbere da vaca”; iii) “parte aquosa que se separa do leite, quando este se coagula ou quando se forma o queijo”; iv) “fêmea estéril”; v) “cria da ovelha”; vi) “cria da cabra”; vii) “espiga do milho”; viii) “queixo”. Da análise dos oito conceitos escolhidos, o linguista concluiu que o Sul e o Leste do território português caracterizam-se pela presença de inovações de vários tipos: *ordenhar* (mapa 1); *amojo, amonjo, mojo* (mapa 2); *almece ou almice* (mapa 3); *borrego* (mapa 5); *chibo* (mapa 6); *maçaroca* (mapa 7) e *barba* (mapa

8), opondo-se à região Noroeste-oeste, onde mantêm-se termos arcaicos, “alguns deles quase totalmente desaparecidos do resto da România” (CINTRA, 1995: p.91): *moger, monger, munger, mugir, mungir ou mongir* (Mapa 1); *úbere* (Mapa 2); *soro* (Mapa 3); *anho, cordeiro* (Mapa 5); *cabrito* (Mapa 6); *espiga* (Mapa 7) e *queixo, queijo, papo, barbela ou barbadela* (Mapa 8). Com relação ao Mapa 4, que registra a distribuição geográfica dos adjetivos *maninha* e *machorra*, empregados para designar “fêmea estéril”, o autor assinala que a última designação se encontra a Leste e a Nordeste e *maninha* conserva-se no Centro e Ocidente do território português. Segundo o linguista, este trabalho “procura ser uma contribuição para o estudo da ainda tão imperfeitamente conhecida estrutura lexical do território português” (CINTRA, 1995: p.57) e conclui:

A oposição entre um Portugal permanentemente povoado, ocupado por uma população que, na sua maior parte, tem raízes muito antigas na terra em que habita, população fundamentalmente avessa a inovações, e um Portugal repovoado nos séculos XII e XIII - o Portugal de colonização - ocupado nessa época relativamente tardia por uma população de várias proveniências que nele se misturou em localidades fundadas de novo ou totalmente reorganizadas, população propensa a criar ou a admitir formas de viver e de falar novas ou modificadas, tem sem dúvida consequências da maior importância. É ela que me parece estar na base de um dos traços essenciais - talvez o mais significativo - na estruturação lexical do território português (CINTRA, 1995: p.94).

Segundo Cintra (1995), o primeiro passo na definição da estrutura lexical do território português foi dado por José G. Herculano de Carvalho, no livro *Coisas e Palavras*, publicado em 1953, que discorre sobre os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica. Nesta obra, analisa e interpreta mapas correspondentes à distribuição geográfica dos vários tipos lexicais empregados para designar o antigo instrumento de debulha denominado *mangual* e os seus diversos componentes. Evidencia que, para o estabelecimento da verdadeira estrutura lexical do cenário português, o que importa é “o vocabulário relativo a objetos, atividades e conceitos alheios ou pouco familiares ao habitante dos centros urbanos”, na expressão do qual “a influência da língua comum dificilmente se pode fazer sentir”; o vocabulário que segue “o seu próprio destino regional, agrupando-se em áreas bem definidas, que se interpenetram, se deslocam e se recobrem mutuamente, seguindo correntes culturais de direcção igualmente definida” (CINTRA, 1995: p.59-60).

Os estudos de dialetologia brasileira se iniciam na primeira metade do Séc. XIX, quando Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, escreve em 1826 um capítulo sobre o léxico do português do Brasil, para o livro *Introduction à l' Atlas Ethnographique du Globe* de Adrien Balbi. A história dos estudos dialetológicos no Brasil divide-se em três grandes fases: A primeira inicia-se em 1826 e se estende até 1920; nessa época destacam-se os estudos de cunho lexicográfico e de carácter dialetal relativos a aspectos gramaticais, com o objetivo de retratar o Português do Brasil.

A segunda fase inicia-se com a publicação de *O Dialeto Caipira* (1920), de Amadeu Amaral, primeira tentativa de descrever um falar regional. Nesta obra, o primeiro dialetólogo brasileiro fornece algumas peculiaridades fônicas, mórficas, sintáticas e lexicais do que denomina de “um aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo” (AMARAL, 1976: p.14). Após a descrição dos aspectos fonéticos, lexicográficos e morfológicos, o autor dedica a maior parte de sua obra ao

vocabulário caipira, oriundo de três bases: a indígena, a africana e a portuguesa. Como afirma Amadeu Amaral, citado por Aguilera (2005),

O vocabulário do dialeto caipira é, naturalmente, bastante restrito, de acordo com a simplicidade de vida e de espírito, e, portanto, com as exíguas necessidades de expressão dos que o falam. Esse vocabulário é formado, em parte: a) de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaizaram na língua culta; b) de termos provenientes das línguas indígenas; c) de vocábulos importados de outras línguas, por via indireta; d) de vocábulos formados no próprio seio do dialeto (AGUILERA, 2005: p.122).

Amadeu Amaral preocupou-se com o método de abordagem das questões, chamando a atenção para a necessidade da pesquisa *in loco* que, segundo ele, eliminaria falsas hipóteses e conclusões distanciadas da verdadeira realidade linguística. Embora não houvesse menção a um atlas linguístico, já se via a necessidade de realizá-lo.

A obra “*O Linguajar Carioca em 1922*”, de Antenor Nascentes, publicada no ano de 1923, apresenta uma proposta de divisão do Brasil em áreas linguísticas, que fora reformulada em sua segunda edição, datada de 1953, dividindo o território nacional em seis subfalares (amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista), reunidos em dois grupos de dialetos - o do Norte e o do Sul - e um território incaracterístico. Essa divisão apoia-se em observações pessoais colhidas em suas viagens “do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá” que, nas palavras do autor, não pode ser “considerada definitiva, mas sim um tanto próxima da realidade” (NASCENTES, 1953: p.24). A base desta proposta fundamenta-se, assim como no caso dos dialetos do Português Europeu, em diferenças de pronúncia.

Segundo Antenor Nascentes, a distinção entre os dois grupos de dialetos brasileiros - o do Norte e o do Sul - incide em dois traços linguísticos fundamentais: “a abertura das vogais pretônicas, nos dialetos do Norte, em palavras que não sejam diminutivos nem advérbios em -mente: *pègar* por *pegar*, *còrrer* por *correr* e a “cadência” da fala: fala “cantada” no Norte, fala “descansada” no Sul”. A fronteira entre os dois grupos de dialetos brasileiros - o do Norte e o do Sul - passa por “uma zona que ocupa uma posição mais ou menos equidistante dos extremos setentrional e meridional do país. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no estado do mesmo nome” (NASCENTES, 1953: p.18-25).

Essa proposta serve como ponto de partida a todos os que estudam o português do Brasil. Antenor Nascentes define o objeto do seu estudo como sendo “a língua do povo”, com a justificativa de que “pouco nos interessa a língua das classes cultas, primeiro porque é correta, segundo porque lhe falta a naturalidade, e espontaneidade da língua popular” (BRANDÃO, 1991: p.45).

Essas duas obras marcam a segunda fase dos estudos dialetológicos no Brasil que se estende até 1951. Segundo Ferreira e Cardoso (1994) a terceira fase caracteriza-se pela produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática, assinalada pelo início das preocupações com o desenvolvimento e implementação dos estudos de geografia linguística no Brasil. Dentre os estudiosos comprometidos com esta causa, além de Antenor Nascentes, convém destacar Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi. Manifesta-se a intenção de elaborar-se

o Atlas Linguístico do Brasil, que toma forma de lei, por meio do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, cujo Art. 3º determinava, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a “elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”.

O interesse por questões de dialetologia brasileira sempre esteve presente na obra de Antenor Nascentes, dialetólogo que anotava os fenômenos linguísticos no campo da fonética, morfologia, sintaxe e do léxico. Compreendia que o conhecimento efetivo do português do Brasil somente seria possível após a descrição da língua em todo o território nacional. Ao publicar a obra *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958-1961), lança as bases para o Atlas Linguístico do Brasil, como o próprio título já indica. Propõe a elaboração de atlas regionais, ideia defendida também por Serafim da Silva Neto e Celso Cunha, os quais no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa no ano de 1957, apresentaram a ideia de um Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil, por regiões, tarefa ainda em execução por meio do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Serafim da Silva Neto dedicou-se ao estudo do Português Brasileiro desde a década de 30. Na introdução do *Guia para Estudos Dialectológicos*, Serafim da Silva Neto enfatiza a necessidade e a urgência de empreender-se investigações *in loco* para estudar os falares brasileiros, como bem afirma: “No Brasil, ... é preciso, antes de mais nada, criar mentalidade dialectológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo” (SILVA NETO, 1955: p.5). No 2º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros (1954) defendeu “a necessidade e a urgência de se estudarem os nossos falares”. Expõe, claramente, as tarefas que julgava urgentes para a concretização dos estudos dialetais no Brasil: realização de sondagens preliminares; recolha de vocabulários de acordo com as exigências técnicas; elaboração de monografias etnográfico-linguísticas sobre determinadas áreas semânticas e falares regionais; elaboração de atlas regionais e elaboração de atlas nacional.

Em seu *Guia para Estudos Dialectológicos* (1957), discorre em orientações para a elaboração do inquérito linguístico; destaca a pesquisa *in loco* e sua realização pelo próprio pesquisador; sugere um questionário, à conversa dirigida, que enfoque atividades cotidianas, por áreas semânticas e seja aplicado, preferencialmente, a comunidades antigas, de vida tradicional e conservadora, além de isoladas de grandes centros urbanos. Apresenta observações sobre o pesquisador e o informante, sugere temas para estudo, apresenta um esboço de questionário dividido por áreas semânticas e anexa, na segunda edição da obra, um questionário dividido em três grandes campos semânticos (terra, animais e homem), para ser aplicado na região do Amazonas.

Celso Cunha, sempre atento às questões do ensino, defendia a necessidade do conhecimento pleno da língua, como afirma em *Uma Política do Idioma*: “Abandonemos, pois, esse ensino inoperante de regras e exceções. Estudemos a língua”. (CUNHA, 1968: p.20). Focaliza em seus trabalhos os problemas linguísticos do ponto de vista histórico-cultural. Demonstrou um grande empenho pelo desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos no Brasil e buscou conhecer também a língua falada nos grandes centros urbanos, como coordenador do projeto NURC (Norma Urbana Culta), que contribuiu para os estudos da dialetologia urbana.



No âmbito da dialetologia urbana destaca-se o Projeto de Estudo Conjunto da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil - Projeto NURC. Trata-se de um projeto de documentação e pesquisa da norma urbana culta, que começou a ser executado no ano de 1969, em cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre por professores de Língua Portuguesa. O Projeto NURC objetiva dispor de material sistematicamente levantado, que possibilite o estudo da modalidade oral culta da Língua Portuguesa, em seus aspectos fonético, fonológico, morfossintático, sintático, lexical e estilístico; ajustar o ensino da Língua Portuguesa, em todos os seus graus, a uma realidade linguística concreta, evitando a imposição indiscriminada de uma só norma histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescritivo e mais ajustado às diferenças linguísticas e culturais do país; conhecer as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas, a fim de não sobrecarregar o ensino com fatos linguísticos inoperantes. (BAGNO, 2002: p.53). O *corpus* é constituído por mil oitocentas e setenta entrevistas gravadas, com dois mil trezentos e cinquenta e seis informantes, totalizando mil quinhentas e setenta horas de gravação. O Projeto NURC tem sido utilizado à elaboração de trabalhos sobre o português do Brasil como, por exemplo, a série *A Linguagem Culta na Cidade de São Paulo* e a *Gramática do Português Falado* (1990), organizada por Ataliba Teixeira de Castilho.

O trilhar do caminho das pesquisas dialetais sobre a diversidade linguística do Brasil, resultou na publicação até o momento de onze Atlas Linguísticos Regionais: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) (ROSSI, 1963); *O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) (RIBEIRO, et al., 1977); *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) (ARAGÃO; MENEZES, 1984); *Atlas Linguístico de Sergipe I* (ALS) (FERREIRA et al., 1987); *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) (AGUILERA, 1994); *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul* (ALERS) (KOCH et al., 2002); *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALiSPA) (RAZKY, 2004); *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS) (CARDOSO, 2005); *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS) (OLIVEIRA, 2008); *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM) (BORTONI, 2005) e o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE) (BESSA, 2010), que, segundo Aguilera (2005), contêm “um tesouro léxico-semântico” obtido sob rigorosos critérios científicos.

Esses atlas apresentam dezenas de cartas geolingüísticas, que permitem constatar a diversidade do léxico regional, registrada por meio de rigorosos procedimentos metodológicos, na fala de indivíduos nativos das localidades investigadas. Os dados lexicais coletados constituem um *corpus* fecundo de estudos referentes aos aspectos linguísticos (fonéticos, morfológicos, sintáticos, lexicais, discursivos e semânticos) e sociais (sexo, faixa etária, composição étnica do grupo, nível de escolaridade, renda, profissão, classe social, região), analisados em uma perspectiva tanto diacrônica quanto sincrônica da língua. A soma dos fatores sociais pode contribuir para que determinada variante lexical se mantenha, da mesma forma que fora recebida de um período histórico antecedente ou, ao contrário, seja substituída por um neologismo lexical ou semântico. As cartas desses atlas permitem, inclusive, a reconstituição e compreensão da sociohistória do Português Brasileiro, pois os atlas, conforme Silva Neto (1955: p.33) “dão-nos a resposta para uma série de indagações do tipo das seguintes: Como exprime a língua de determinada época e de um determinado lugar um dado conceito?” Na concepção de Silva Neto:

Cada carta representa um instantâneo dialetal; ou, em suma, um corte lingüístico sincrônico. Mas o extraordinário, nos Atlas Lingüísticos é que, para além do comparatismo sincrônico, eles nos proporcionam, ainda, a reconstituição de antigas fases. Quer dizer, a distribuição geográfica atual das palavras e das formas enseja-nos situá-las cronologicamente, definir-lhes as relações e em suma reconstituir-lhes a gênese. Assim uma carta lingüística opera o milagre de oferecer-nos, ao mesmo tempo, uma visão sincrônica e uma visão diacrônica. Isto é, um instantâneo fotográfico e uma sucessão de fases, tal como um filme cinematográfico (SILVA NETO, 1955: p.34).

De acordo com Brandão “Um atlas lingüístico é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. [...] é um repositório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema lingüístico e que configuram seus dialetos e/ou falares” (BRANDÃO, 1991: p.25). Tem-se também a seguinte definição: “Um Atlas Lingüístico ou as cartas de um Atlas são veículos ou instrumentos que permitem identificar e analisar a variação e as mudanças lingüísticas que se operam em determinado espaço geográfico” (SILVA, 2002: p.18).

Ao lado desses Atlas publicados, encontram-se em elaboração outros de cunho regional, como o *Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ); *Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo* (ALESP); *Atlas Lingüístico do Estado do Acre* (ALAC); *Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará* (AGSP); *Atlas Lingüístico do Maranhão* (ALIMA); *Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte* (ALIRN); *Atlas Lingüístico do Espírito Santo* (ALES); *Atlas Lingüístico de Rondônia* (ALiRO) e o *Atlas Lingüístico do Mato Grosso* (ALIMAT). Os atlas e as monografias dialetais contribuem para a constatação da diversidade lingüística do país, “diversidade que não anula a unidade, apenas lhe dá a verdadeira dimensão, tornando-a menos “esplendida” ou menos “notável” como, inadvertidamente, alguns a defendiam ou ainda a defendem. Unidade e diversidade não se defende, constata-se” (FERREIRA e CARDOSO, 1994: p.21). De acordo com Manuel Alvar “as descobertas feitas por um atlas são como brechas na muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado. E será necessário voltar sobre a brecha para ampliá-la e encontrar o fruto perseguido” (ALVAR, 1958: p.85).

Após o estudo dos dialetos regionais, faz-se necessário definir as características da Língua Portuguesa falada em todo o território nacional. Retoma-se a ideia de um Atlas Lingüístico do Brasil, lançada em 1952, por meio do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - Projeto ALiB, iniciado em 1996, por ocasião do Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*. O referido projeto é dirigido por um Comitê Nacional constituído por pesquisadores da área de Dialetologia.

O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB, objetiva, em caráter geral, descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à Língua Portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolingüística Pluridimensional e oferecer aos estudiosos da Língua Portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos e das demais áreas dos estudos lingüísticos), aos pesquisadores de áreas afins (História, Antropologia, Sociologia) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o 1º e 2º graus, professores) subsídios para o

aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil irá contribuir para o entendimento da língua e de suas variações e mudanças, eliminando concepções distorcidas que privilegiam uma variante tida como culta e estigmatizam as demais variantes, causando, assim, prejuízos ao ensino-aprendizagem da língua materna. Em conclusão, portanto, os Atlas Linguísticos oferecem-nos, nas palavras de Silva Neto:

[...] a) o instantâneo do panorama lingüístico de um dado território; b) a possibilidade de reconstituir, em base firme e com dados concretos a história da língua; c) registrando formas periféricas, de regiões isoladas, menos expostas às comunicações com os grandes centros e que, por isso, não acompanharam a evolução neles operada, a carta não nos oferece, apenas, um corte sincrônico, porém vários cortes sincrônicos; d) a distribuição geográfica atual proporciona, em consequência, a reconstituição de áreas outrora vivas e hoje desaparecidas, submersas por outras camadas, devidas quer a empréstimos vindos de fora, quer a novas criações; e) oferece-nos, assim, um quadro sinótico da história da língua, pois nos evidencia viagens de palavras, centros de inovação e expansão, cruzamentos, regressões e falsas regressões, colisões e atrações homônimas, pressão constante da língua comum sobre os falares (SILVA NETO, 1955: p.35).

Convém destacar algumas obras monográficas de cunho dialetológico, citadas por Aguilera (2005): *O Dialeto Caipira* (Amaral, 1920), *O Linguajar Carioca* (Nascentes, 1922), *A Língua do Nordeste* (Marroquim, 1934), *O Falar Mineiro* (Teixeira, s.d), *Estudos de Dialectologia Portuguesa: a linguagem de Goiás* (Teixeira, 1944), *A Fala do Pantaneiro* (Albano, 1992). Especificamente sobre o léxico, dentre outros, cita-se o *Glossário Paraense* (Miranda [1905], 1968), *Algumas Vozes Regionais do Paraná do Extremo Oeste* (Muricy, 1938), o *Glossário do Vale do Iguaçu* (Filipak, 1976), o *Vocabulário de Tibagi* (Toniolo, 1981), e, mais recentemente, *Para um Glossário da Fala Popular Rural Paranaense* (Rodrigues, 2000) e *O Léxico Rural* (Cardoso e Ferreira, 2000).

Em *O Léxico Rural* constam as entrevistas realizadas para o Atlas prévio dos falares baianos (Rossi *et al*, 1963). Os verbetes foram extraídos das 198 cartas e caracterizam-se por apresentar a maior recorrência de vocábulos de base africana, dada a presença acentuada de afrodescendentes na constituição da população baiana. O vocabulário rural baiano também se constitui de tupinismos, que designam elementos do mundo vegetal e animal. As autoras destinam uma parte dessa obra aos Comentários, de interesse para o estudo do léxico, em que discorrem sobre os aspectos conservadores, designações de inspiração cristã, aspectos inovadores, designações metafóricas e empréstimos linguísticos.

Em Mato Grosso, o primeiro estudo descritivo de caráter dialetológico, relativo ao léxico cuiabano, concentra-se na obra *Do Falar Cuiabano* (1978), da pesquisadora contemporânea Maria Francelina Drummond, elaborada nos moldes de *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral. Nesse estudo verificou que:

Excetuando 'Subsídios para estudo da dialetologia em Mato Grosso', de Franklin Cassiano da Silva, publicado em 1921, ao qual tivemos acesso, e 'Alguns aspectos do falar mato-grossense, terra e gente', de Antônio de Arruda, desconhecemos a existência de trabalho sistemático e ordenado sobre o assunto, o qual nos apresentasse a preocupação no sentido de registrar e analisar o como fala o povo cuiabano (DRUMMOND, 1978).

Vanderaci de Andrade Aguilera aborda essa temática no artigo *Léxico Regional, Léxico Rural ou Vocabulário de Curiosidade? Um olhar sobre aspectos lexicais de Cuiabá*, no qual, depois de perfilar o campo das pesquisas lexicográficas regionais, afirma “desconhecer qualquer trabalho científico sobre o léxico cuiabano”, visto que os pesquisadores abordam os aspectos fonético-fonológico e o morfossintático, combinando as abordagens descritivas, sociolinguísticas, históricas e dialetológicas, como adverte a estudiosa: “quanto ao léxico, ao contrário, parece não ter merecido a atenção dos estudiosos até o presente, seja pela dificuldade aqui apontada de distinguir brasileirismo de regionalismo, seja pelo entrave para definir o que pertence à norma culta urbana e o que se restringe à fala rural” (AGUILERA, 2005: p.126). Posteriormente, propõe-se a perscrutar o léxico cuiabano com um olhar mais científico.

Segundo a autora, os dados coletados junto a informantes nativos de Cuiabá, nas faixas etárias de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, com nível de escolaridade fundamental e superior, não se mostraram, em sua essência, totalmente diferentes do léxico das demais regiões brasileiras. Analisa as variantes, dividindo-as em três grupos: *i*) variantes rurais comuns a outras regiões; *ii*) variantes léxicas próprias da fala cuiabana e *iii*) variantes fônicas e morfofonêmicas próprias de Cuiabá. Destaca, primeiramente, algumas lexias tidas como cuiabanas que, na realidade, pertencem ao português popular rural, vigentes em outras regiões do país, portanto, já documentadas em outros atlas ou já dicionarizadas, como por exemplo: *bainha* (vagem do feijão); *barra do dia* (fim do dia); *bituca* (toco de cigarro); *cê-cê* (mau cheiro do corpo, sobretudo das axilas); *córrego, corgo* (designações para rio pequeno); *picada, trilha* (caminho feito a machado no meio da mata), o que reforça a tese, defendida por Almeida (2000), da base linguística caipira do falar cuiabano, difundida pelos bandeirantes paulistas.

Em seguida, apresenta as variantes léxicas próprias da fala cuiabana: *amassa-barro* (‘a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa’); *armador* (‘o osso que vai do pescoço até o ombro’); *bagana* (‘o resto do cigarro que se joga fora’); *nambu* (‘galinha sem rabo’); *invisível* (‘objeto fino de metal para prender o cabelo’); *mãe-de-peixe* (‘inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água’) e *supitado* (‘Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou...’). Quanto às variantes léxicas *amassa-barro* e *armador*, explicita que ambas estão num processo de arcaização, devido à uniformização do léxico local com a incorporação de lexias inovadoras, que passarão a integrar a norma de prestígio. Por último, tece algumas observações sobre três aspectos morfofonêmicos próprios de Cuiabá, elucidados pelas variantes *rudo* (*a*) para designar a pessoa ‘que tem dificuldade para aprender’, pela variante *pandoga* por *pandorga* e pela variante fônica -on no lugar de -ão. Esta variante, ao contrário das duas anteriores (*rudo* e *pandoga*), mantém-se entre os informantes idosos e de nível de escolaridade primária (AGUILERA, 2005).

Nos últimos anos, o dialeto cuiabano tem servido de *corpora* para estudos linguísticos, cuja abordagem prioriza o aspecto fonético-fonológico e o morfossintático. Pode-se destacar os seguintes estudos, apresentados sob a forma de artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, acerca do falar cuiabano: *Variação Fonológica entre Segmentos Africados e Fricativos*

*em Mato Grosso: um estudo sociolinguístico* (PALMA, 1980); *Aquisição de um Traço de Prestígio por Adolescentes Cuiabanos* (1983); *Valor Social do Falar Cuiabano* (1984); *Variação Fonológica na Fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico* (1984b); *O Falar Cuiabano em Mato Grosso - estigma, status e atalhos* (2005); *Fonologia do Português Mato-grossense: perspectiva crioulista* (SOUZA, 1999); *As Vogais do Português Falado no Vale do Cuiabá* (ALMEIDA, 1999); *Aspectos Fonológicos do Português Falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII)* (2000); *Para a História do Português Brasileiro: lote cuiabano e Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano*, publicados no livro *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*, em 2005; *O Rotacismo no Falar Cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do Português Brasileiro* (COX, 2005).

Quanto ao estudo do aspecto morfossintático no falar cuiabano, destaca-se o trabalho intitulado *A Concordância de Gênero na Anáfora Pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana - Mato Grosso* (DETTONI, 2003). No artigo, *A Concordância de Gênero no Falar Cuiabano: a trajetória de uma mudança linguística em curso* (2005), a sociolinguista analisa a concordância de gênero no falar cuiabano, mais especificamente, nas construções sintáticas em que as formas pronominais de terceira pessoa *ele/ela* são empregadas de modo alternado para retomar um item lexical feminino, como no exemplo: “Uai, MANDIOCA, a senhora casca ELA, lava bem lavadinho. A senhora vai co ELE no ralo, se não tem caititu, rela ELE no ralo, daí a senhora imprensa a massa no tipiti...” (DETTONI, 2005: p.52). Aborda a trajetória da mudança linguística no falar cuiabano em relação à concordância de gênero. Segundo Dettoni (2005), a variação na concordância de gênero no falar cuiabano pode ser encontrada em construções que apresentem as seguintes estruturas sintáticas: *i)* estruturas de Sintagma Nominal (N + Adjetivo ou modificador); *ii)* estruturas em que há uma relação sujeito/predicativo; e *iii)* estruturas em que há uma anáfora pronominal.

Outra característica morfossintática do falar cuiabano é a ausência de artigo definido em sintagmas nominais, como neste exemplo citado por Rachel do Valle Dettoni: “Mãe de meu vovô, que é pai de papai, foi índia”. No entanto, a variação no sintagma nominal em construções do tipo DETERMINANTE + NOME, quase não ocorrem mais como estruturas variáveis, mas, sim, nas construções NOME + ADJETIVO, que ainda estão presentes na fala de usuários de nível superior de escolarização, como no exemplo: “A comida lá em casa é assim bem apimentada, coisa bem pesada, aquela coisa pesada, bucho, carne de porco, carne seca com arroz, farofa de BANANA FRITADO NA MANTEIGA, peixe...” (DETTONI, 2005: p.57).

Com base nas contribuições de Dettoni (2005), a mudança na concordância de gênero no falar cuiabano direciona-se para a neutralização do uso da variante local em prol da aquisição da variante padrão do português do Brasil. Esta mudança, que iniciou no contexto sintático ARTIGO + NOME, já atingiu as construções em que há a retomada pronominal de itens lexicais femininos por “ele(s)/ela(s)”, com tendência nítida para o desaparecimento da variante cuiabana “ele(s)”, encontrando-se em estágio mais avançado do que nas construções NOME + ADJETIVO e SUJEITO + PREDICATIVO. Embora a variação na concordância de gênero não componha um dos traços mais

marcantes do falar cuiabano, inclui-se corretamente no rol das formas estigmatizadas, o que permite concluir que a mudança na concordância de gênero enquadra-se em um movimento mais generalizado de mudanças que envolvem a neutralização das mais distintas características dialetais e tendência a um processo de morte para o falar cuiabano.

## CAPÍTULO 2

### ASPECTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo estão relacionados os procedimentos metodológicos necessários à execução da pesquisa, de modo a assegurar os objetivos propostos. A delimitação dos parâmetros relacionados à estrutura, métodos e análise dos resultados consideram a base teórica, a coleta de dados, a tabulação e tratamento das informações colhidas, além da disposição e estruturação dos capítulos analíticos.

Realiza-se um estudo descritivo e comparativo, no aspecto semântico-lexical, entre os falares de Cuiabá (BR) e Covilhã (PT), nas perspectivas Geolinguística e Sociolinguística. As particularidades relativas à seleção dos pontos linguísticos e ao método de investigação dialetal atendem ao rigor científico desejado para estudos dessa natureza, devidamente contextualizado nas subseções que se seguem.

Em virtude das características da pesquisa, optou-se pelo método de investigação geolinguístico, tendo em vista a necessidade de registrar e comparar os falares de localidades, geograficamente distintas, num recorte sincrônico. Dubois *et al* (2001: p.307) define a Geolinguística como “o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes”.

Eugênio Coseriu, lexicógrafo romeno, designa por geografia linguística:

[...] o método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU, 1982: p.79).

A geografia linguística ou a Geolinguística, método da Dialectologia, destina-se a estudar a linguagem humana, mais especificamente, a variação linguística no espaço físico. Trata-se da variação diatópica que se processa a nível fonético, morfológico, sintático e semântico-lexical. Para Basseto (2001: p.70), “a Geografia Linguística se ocupa com a situação em que uma língua se encontra num determinado momento, em localidades ou em regiões previamente escolhidas. Não se utiliza de documentos escritos como objeto de sua pesquisa, mas investiga sobretudo a linguagem falada”.

O embrião do método geográfico encontra-se nos ensaios sobre os dialetos reto-românicos *Saggi Ladini*, (rético, italiano e o franco-provençal) de Graziadio Isaia Ascoli, publicados na revista *Archivo Glottologico Italiano*, fundada pelo linguista, em 1873. No 8º volume (1882-1885), Ascoli

publicou um artigo intitulado “*L’Italia Dialettale*”, no qual estabelece os princípios e métodos da Dialectologia italiana.

A Geografia Linguística consolida-se como método de investigação científica, a partir da publicação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF) (1902-1910), do linguista suíço Jules Gilliéron, resultado de uma expressiva pesquisa de campo, empreendida por E. Edmont, entre os anos de 1897 e 1901, que consistia em aplicar um questionário de 1920 perguntas em 639 pontos linguísticos, situados no território dialectal galo-românico. Desde então, esta disciplina é entendida como o “estudo cartográfico dos dialectos” (FERREIRA, *et al.* 1996: p.484). A cartografia linguística é considerada por Eugenio Coseriu o único método verdadeiramente adequado para estudar a variação diatópica:

[...] la dialectología no es simplemente gramática, sino, precisamente, gramática comparada hecha en el plano de los dialectos [...]. Por ello, el único método enteramente adecuado para la dialectología es la geografía lingüística, que encara directa e inmediatamente la variedad idiomática (COSERIU, 1981: p.18).

O método geolinguístico pressupõe a seleção dos pontos de inquérito, em um determinado território previamente estabelecido, a elaboração de um questionário, a recolha de dados, o registro do material coletado em tabelas e, posteriormente, em mapas especiais. Deste todo, deriva o Atlas Linguístico, de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta com os falantes nativos; constituição de um *corpus* para análise e, por fim, estudo e interpretação deste *corpus* (SILVA, 2002).

Este estudo elucida que o método geolinguístico tende a proporcionar uma compreensão importante referente a atualização da *langue* (língua), em sua realização concreta, a *parole* (fala), em uma determinada comunidade linguística, compreendida como um “conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que partilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (ALKMIM, 2006: p.31).

As etapas para a realização do estudo proposto consistem, primeiramente, na delimitação e caracterização dos locais de estudo, seguido da elaboração do questionário, seleção e caracterização dos sujeitos e realização das entrevistas. Na sequência, ocorre o registro dos dados por meio da digitalização para constituição de um *corpus* linguístico, com base em tabelas e documentação cartográfica da variação lexical por campo semântico e por questão.

Posteriormente, procedeu-se a análise semântico-lexical, de cunho quantitativo, com base nas lexias de maior frequência no corpus, por campo semântico e por questão, pormenorizadas a seguir. Tais procedimentos metodológicos permitiram a realização do registro das variações diatópicas, que se processam a nível semântico-lexical, de duas variedades linguísticas: a brasileira e a portuguesa, mais especificamente, a cuiabana e a covilhanense, respectivamente, num recorte sincrônico.

A seção introdutória do *Guia para Estudos Dialectológicos* (1955), “o mais atualizado lingüista-filólogo que tivemos em qualquer época”, no dizer de Celso Cunha, enfatiza a necessidade e a urgência de empreender-se investigações *in loco* para estudar os falares brasileiros: No Brasil



“é preciso, antes de mais nada, criar mentalidade dialectológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo”. No 2º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros (1954) defendeu “a necessidade e a urgência de se estudarem os nossos falares”.

Todo método de investigação dialetal exige a realização de um inquérito. Segundo Serafim da Silva Neto há dois tipos de inquéritos: os inquéritos linguísticos *in loco* e os inquéritos linguísticos por correspondência. Os últimos, propiciam a obtenção mais rápida de dados linguísticos e com menos custos, quando a pesquisa é realizada em uma vasta área geográfica circunscrita, com múltiplos pontos de inquérito. Todavia, esta técnica apresenta imperfeições, tais como: “transcrição fonética muito defeituosa; falta de unidade, pois não é possível conseguir homogeneidade lidando-se com um número tão grande de correspondentes”. Para o filólogo, “O tipo ideal de inquérito linguístico é a pesquisa *in loco*, a pesquisa no terreno”, que deve ser realizada, sempre que possível, pelo próprio investigador (SILVA NETO, 1955: p.23).

Em Portugal, existe um inquérito linguístico por correspondência que fora empreendido por Manuel de Paiva Boléo em 1942, conhecido como ILB, ou seja, *Inquérito Linguístico Boléo*, enviado aos párocos e professores primários de vilas e aldeias portuguesas. Configura-se como o primeiro estudo sistemático dos dialetos portugueses, perfazendo um total de 1900 respostas recolhidas no país.

O inquérito linguístico, seja por correspondência, seja de campo, exige, pois, um trabalho preliminar, que consiste na elaboração de um questionário onde se reúnem, distribuídas por “esferas semânticas”, as mais numerosas perguntas, respeitantes às mais variadas atividades da vida diária. Esse instrumento prévio da pesquisa é trabalho delicado e complexo, do qual vai depender, em grande parte, o êxito dela. Aqui cabe, porém uma dúvida. Se, para uma pesquisa global, como um atlas linguístico, o questionário é uma pedra angular, sê-lo-á igualmente para a pesquisa limitada a uma comunidade? Apesar de alguns poucos dialectólogos preferirem o processo a que chamam “conversação dirigida”, parece-nos que o emprêgo do questionário oferece resultado mais proveitoso e materiais mais dignos de confiança (SILVA NETO, 1955: p.24).

Segundo afirma Serafim da Silva Neto, o questionário linguístico oferece vantagens, tais como: “a de se poder, metodicamente, investigar determinados grupos de designações e auxiliar, portanto, a memória do inquiridor ou dos inquiridores; e a de ser aplicável a todo o território, conferindo, assim, a possibilidade de se comparar os materiais”. O método da “conversação dirigida” não mostra eficácia, em se tratando de pesquisa dialetal, que engloba todas as áreas semânticas (SILVA NETO, 1955: p.25).

O processo de seleção dos pontos de inquérito “em pesquisas dialectológicas, ou cada uma das localidades em que se recolhem dados de natureza linguística”, simplesmente denominados de pontos linguísticos, leva em consideração alguns pré-requisitos necessários para a aplicação do método de análise proposto (BRANDÃO, 1991: p.81). Neste caso, tratam-se de dois locais que foram colonizadas por imigrantes de diversas outras regiões. Sob esse aspecto, presume-se que a língua falada possa ter sofrido alterações ao longo das décadas e, portanto, abre precedentes para estudos de caráter dialetal. Contudo, previamente, faz-se necessário a caracterização dos locais de estudo e o possível registro de particularidades que permitam realizar inferências substanciais, em conformidade com os objetivos propostos.

## 2.1. CARACTERIZAÇÃO DOS LOCAIS DE ESTUDO

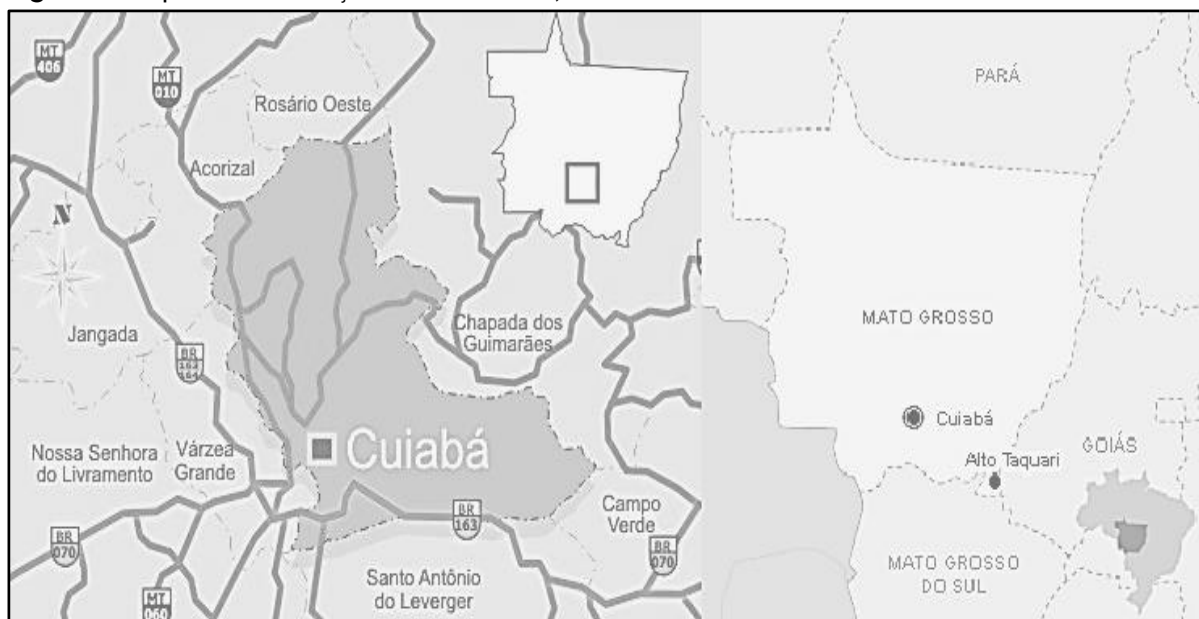
Como instrumento para o levantamento e registro de dados relativos aos aspectos sociais, geoeconômicos e históricos de cada ponto linguístico pesquisado, foi utilizada a Ficha da Localidade (Anexo 2), elaborada com base na ficha proposta pelo Comitê do Projeto ALiB, cujo objetivo é, de forma sucinta, conhecer cada ponto linguístico. Em complementariedade, utilizaram-se informações secundárias das principais instituições de pesquisa em geografia e estatística de ambos os locais, pois entende-se que o detalhamento é de suma importância no entendimento de possíveis modificações na língua falada.

### 2.1.1. Caracterização do Ponto Linguístico Cuiabá-BR

A cidade de Cuiabá consiste na capital do estado de Mato Grosso e está localizada nas coordenadas 15° 35'46" de latitude Sul e 56° 05'48" de longitude Oeste. Faz limite com os municípios de Chapada dos Guimarães, Campo Verde, Santo Antônio do Leverger, Várzea Grande, Jangada e Acorizal (Figura 1). Trata-se de um entroncamento rodoviário-aéreo no centro geodésico da América do Sul.

De acordo com dados do IBGE (2014), Cuiabá apresentava, em 2013, uma população estimada de 569,8 mil habitantes. A área do município corresponde à 3.495,4km<sup>2</sup>, o que reporta a uma densidade populacional de 163 habitantes/km<sup>2</sup>. Com altitude média de 125 metros, possui clima tropical quente e duas estações definidas: um período chuvoso e outro com baixa pluviosidade.

**Figura 1:** Mapa da Localização de Cuiabá-MT, 2014.



Fonte: Portal Mato Grosso, 2014.

O surgimento e a elevação de Cuiabá a capital, faz parte de uma história de descobertas de ricos veios auríferos no início do Sec. XVIII pelo bandeirante Antônio Pires de Campos. Até então, a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, por ordem do Governo de Portugal, era a sede da Capitania. No entanto, a descoberta do ouro imprimiu ao Arraial de Cuiabá um crescimento rápido, a ponto de torná-la uma das cidades mais populosas do Brasil (PORTAL MATO GROSSO, 2013).

Dada a magnitude da atividade econômica, não demorou para o poder político começar a se estabelecer em Cuiabá. A Lei nº. 09, de 28 de agosto de 1835, encerrou definitivamente a questão da capital e, atualmente, Vila Bela da Santíssima Trindade é vista como um local de expressiva riqueza étnico-cultural, com traços marcantes da colonização portuguesa, também identificados em Cuiabá, nova capital (PORTAL MATO GROSSO, 2013).

Cuiabá faz parte de uma região que nasceu subjugada pelo imperialismo europeu, no entanto, é um dos poucos estados brasileiros onde se identifica uma pureza cultural e uma fidelidade na preservação das suas raízes. Naturalmente, as raízes culturais mato-grossenses são carregadas pelas influências dos colonizadores, que visavam nada além da sustentação do processo capitalista que já se desenvolvia no “além-mar” (PORTAL MATO GROSSO, 2013).

Além da influência europeia, identifica-se na região uma mestiçagem com índios e negros, agregado ao espaço geográfico, por contingência do processo histórico da formação econômico-social brasileira. Na segunda metade do Sec. XX ainda ocorrem as migrações sulistas, ou de imigrantes da Região Sul do Brasil, além de paulistas, composta basicamente por descendentes de italianos e alemães. Nesse contexto, a cultura mato-grossense espelha uma síntese cultural dos vários grupos étnicos, também responsáveis pela própria característica racial de seu povo (PORTAL MATO GROSSO, 2013).

Esse breve histórico de Cuiabá permite inferir que o falar cuiabano, influenciado, principalmente, pela língua dos colonizadores portugueses, línguas africanas trazidas pelos escravos, língua dos bandeirantes paulistas, em contato com as línguas indígenas, resultou em um amálgama linguístico, como explicita Dettoni (2003):

Conviveram, nesta região, em diferentes momentos e em diversos graus de intensidade, as línguas indígenas nativas, a variedade castelhana da fronteira, a língua dos bandeirantes colonizadores, diversas variedades do português ali introduzidas pelos sertanistas migrantes, além da variedade falada pelos escravos para lá transferidos. Foi nesse contexto multilíngue e multidialetal que floresceu e se fixou a variedade de português falada, ainda hoje, na baixada cuiabana (DETTONI, 2003: p.197).

Os estudos de Santiago-Almeida (2005) conjecturam a hipótese de que a paulistanidade caipira trazida pelos bandeirantes no início do Sec. XVIII, influenciou decisivamente na formação do perfil sociocultural dos habitantes da Baixada Cuiabana<sup>1</sup>. Deste modo, o falar cuiabano pode ser

---

<sup>1</sup> Denomina-se “Baixada Cuiabana toda a região ribeirinha, cujo alcance geográfico inclui a capital de Mato Grosso, Cuiabá, e os municípios e vilarejos adjacentes que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes, confluente e defluente. [...] as águas desses rios foram utilizadas pelos monçoeiros e bandeirantes paulistas, no Séc. XVIII, como principal caminho de acesso, primeiramente, às aldeias indígenas (minas de escravos) e, depois, às minas auríferas da dita região” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005: p.21).

o resultado do contato, bastante estreito, entre o dialeto caipira, recheado de elementos próprios do português arcaico e as línguas indígenas faladas na região, em especial o bororo.

Souza (2005) esclarece que traços do falar cuiabano podem ser explicados por meio da hipótese da origem crioula ou semicrioula do Português Brasileiro. Retrata o cenário linguístico predecessor do Português Brasileiro:

O Português Europeu e a língua tupi deram origem à língua geral. As línguas nativas e línguas francas africanas, bem como a variedade crioula de São Tomé, em contato com o Português Europeu, muito provavelmente, originaram um crioulo ou variedade(s) crioula(s) do português. Nos vários locais de aglomeração e aglutinação humana, especialmente na efervescência das minas, caldearam-se povos e línguas em todos os sentidos, resultando numa formação linguística híbrida, com tendências marcadamente crioulizantes (SOUZA, 2005: p.33).

Santiago-Almeida (2005) filia-se à tese da arcaicidade, já defendida por Cunha (1986), de inúmeros traços fonético-fonológicos que singularizam o português falado em Cuiabá. Dentre os traços linguísticos que particularizam o falar cuiabano, pode-se citar, no aspecto fonológico, a realização das consoantes fricativas palatais [ʃ] e [ç], respectivamente, como africadas [tʃ] e [dʒ]. Estas, foram atestadas em diferentes fases do Português Europeu, como afirma Santiago-Almeida no artigo intitulado *Ecos Fonético-fonológicos no Falar Cuiabano*. Os traços do sistema consonântico [tʃ] e [dʒ] “estão presentes em mais de uma fase histórica da língua portuguesa e permanecem vivos até hoje na expressão oral de muitos cuiabanos, provavelmente porque encontrou lá um terreno fértil, adubado com línguas indígenas, em particular o bororo, que possuem tais fonemas” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005: p.87).

A realização da africada [tʃ] do *ch* gráfico em regiões mal delimitadas de São Paulo e Paraná e na área delimitada da Baixada Cuiabana - Mato Grosso, é interpretada por Celso Cunha (1986: p.205) como um arcaísmo pelas razões apontadas por Révah (1958) e (1959): pertencer ao sistema fonológico do português quinhentista; estar documentada em áreas altamente conservadoras de Portugal e do Brasil; e não ser um dos fonemas fundamentais do tupi antigo. Quanto à realização da africada [dʒ], acrescenta que também para Révah representa “um notável arcaísmo” com vitalidade restrita a certas regiões do Portugal quinhentista. Santiago-Almeida opta por uma “tendência conservadora no português do Brasil” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005: p.87).

O rotacismo<sup>2</sup> apresenta-se como um traço característico do falar cuiabano, pela sua intensidade, mesmo não sendo exclusivo dessa variedade do Português Brasileiro. Tal fenômeno fora trazido do Português Europeu para o brasileiro pelos colonizadores portugueses e conserva-se, até hoje na variedade cuiabana caracterizada como um:

[...] fenômeno pancrônico e pandialetal, um traço de fala notadamente luso no cenário das línguas românicas que acompanhou, primeiro, a rota dos colonizadores portugueses e, depois, a rota dos bandeirantes paulistas, através de que chegou à Baixada Cuiabana, onde, encontrando condições favoráveis, pôde florescer sem barreiras, ao menos até a década de 70 (COX, 2005: p.96).

<sup>2</sup> O rotacismo consiste na transformação da consoante lateral [...] na vibrante simples [...], nos encontros consonantais, ou na retroflexa [...], no final de sílaba (COX, 2005: p.96).

Cox (2005) interpreta o fenômeno linguístico do rotacismo a partir do modelo sociolinguístico proposto por Bortoni-Ricardo (1997), em que a variação linguística é analisada com base em três *continua*: *continuum* rural-urbano, *continuum* oralidade-letramento e *continuum* de monitoração estilística. Afirma que “o rotacismo parece se comportar de modo idiossincrático no falar cuiabano”. Enquanto que, em outras regiões do Brasil, o fenômeno é considerado um traço estigmatizado por se concentrar mais no contínuo da ruralidade, oralidade e não-monitoração. Na Baixada Cuiabana, o rotacismo estende-se “por todo os *continua*, fazendo-se presente inclusive no extremo da urbanidade, letramento e monitoração” estilística (COX, 2005: p.108).

O fenômeno do rotacismo, em outras regiões brasileiras, por estar associado à ruralidade, oralidade e ao analfabetismo, é considerado um traço estigmatizado e “timbrado com a pecha de caipirismo, é um marcador<sup>3</sup> social”. Entretanto, na região da Baixada Cuiabana, é um “indicador<sup>4</sup> linguístico”, pois reúne falantes das zonas rural e urbana, independentemente de variáveis como faixa etária, nível de escolaridade, condição socioeconômica e ocorre em contextos de interação formais ou informais (COX, 2009: p.79).

Cox demonstra que, atualmente, a rotacização de /l/ em /r/ é um fenômeno bastante produtivo na fala dos cuiabanos, não havendo, para o momento, indicativos de uma tendência à sua neutralização. Esse traço, altamente estigmatizado, vem resistindo ao processo de mudança que afeta o falar cuiabano como um todo. Assim, refere-se à “inusitada sobrevivência” de um traço singular no falar cuiabano: “Revigorado por um mameluquismo linguístico, o rotacismo nos encontros consonantais viça nas terras da Baixada Cuiabana, resistindo à conjunção de forças centrípetas que agem sobre ele para transformá-lo em /l/” (COX, 2005: p.112).

### 2.1.2. Caracterização do Ponto Linguístico Covilhã-PT

O Concelho da Covilhã localiza-se ao Norte do distrito de Castelo Branco, nas coordenadas 40°28'26" de latitude e -75°03'26" de longitude Oeste. Encontra-se limitado ao norte pelo Concelho da Guarda, ao sul pelo de Fundão, a este pelo de Belmonte, a oeste pelos de Pampilhosa da Serra e de Arganil e a noroeste pelos de Seia e de Manteigas (Figura 2).

De acordo com dados da Câmara Municipal (2014), Covilhã apresentava, em 2013, uma população estimada de 53,5 mil habitantes. A área do município corresponde à 555,6km<sup>2</sup>, o que reporta a uma densidade populacional de 96,2 habitantes/km<sup>2</sup>. Com altitude média de 661 metros, possui clima mediterrâneo com influências continentais, sendo uma área de elevadas intensidades

---

<sup>3</sup> Marcadores são traços de linguagem que distinguem subgrupos - classes sociais diversas - dentro de uma mesma região e indicam maior ou menor formalidade (POSSENTI, 2002: p.322).

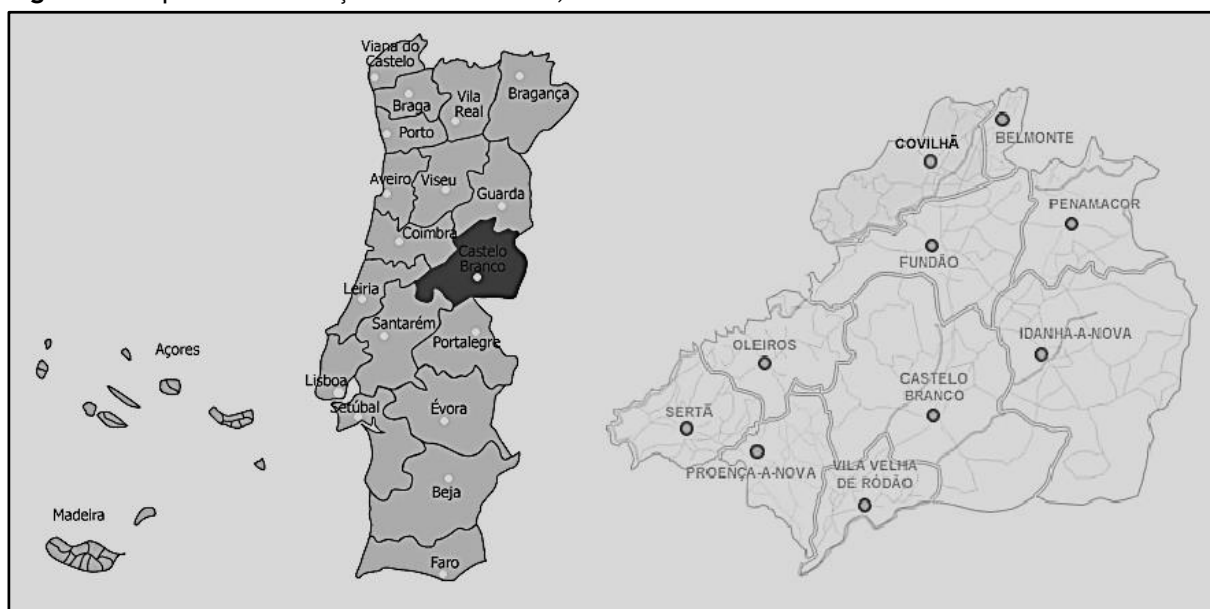
<sup>4</sup> Indicadores são traços de linguagem que distinguem um grupo de outro - digamos, uma região de outra -, mas não distinguem um subgrupo de outro na mesma região (POSSENTI, 2002: p.321).

térmicas em virtude da proximidade com a cordilheira da Serra da Estrela. Sua localização é responsável por elevadas temperaturas no verão, alternando com valores negativos no inverno.

Ainda, sua localização torna seus habitantes em homens e mulheres da montanha, atribuindo à Serra da Estrela sua fonte de coragem, espírito de luta e perseverança. Em complemento, a extensa Cova da Beira, que se prolonga até Espanha, transmite confiança, autonomia e determinação (CÂMARA MUNICIPAL, 2014).

Estudos arqueológicos indicam que os primeiros habitantes não foram os Romanos. Devido a navegabilidade do Rio Zêzere, afluente do Rio Tejo, pessoas das mais variadas partes vinham comerciar. A existência de inúmeros castros, atestam a passagem de muitos povos da pré-história, que foram se instalando devido às condições de subsistência consideradas satisfatórias (CÂMARA MUNICIPAL, 2014).

**Figura 2:** Mapa da Localização de Covilhã-PT, 2014.



Fonte: Portal Regional da Beira Baixa Digital, 2014.

Destarte, desde a antiguidade, Covilhã tornou-se um ponto de cruzamento de estradas e caminhos, objeto de conquistas e reconquistas por várias oportunidades. Tratam-se de fatos tidos como responsáveis pela criação do povoado e, mais tarde Concelho, para poderem se organizar e defender-se. Viveu-se este espírito até o final do reinado de D. Sancho II, em lutas contra os mouros, a ponto de ser denominada capital da Reconquista, um local em que, por várias vezes abrigou o rei e a corte (CÂMARA MUNICIPAL, 2014).

Após a fase da Reconquista no Séc. XIII e a paz com os mouros, começou a fase da organização econômica, que deveria ir além da agricultura de subsistência. No Séc. XVI se fortalece a indústria de lanifícios e há de ter em conta o deslocamento de pessoas vindas da Espanha, almocreves que levavam lãs para Tomar, seguindo uma via romana que passava por Paúl, Casegas, Sobral de São Miguel, a ponto de se tornar conhecida como a Estrada da Lã (CÂMARA MUNICIPAL, 2014).

A Carta de Foral apontava para muitas indústrias artesanais, inclusive a de lanifícios, fato que abria a porta a todos aqueles que desejavam investir na região. A burguesia, também composta por um núcleo influente de judeus, tornara-se cada vez mais forte e fomentava o progresso local (CÂMARA MUNICIPAL, 2014).

A partir das diferentes propostas de classificação dos dialetos galego-portugueses evidenciadas no artigo *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses*, publicado no Boletim de Filologia (Lisboa), tomo XXII, em 1971, por Luís Filipe Lindley Cintra, buscar-se-á inserir a variedade do falar do Concelho da Covilhã, nas diferentes terminologias empregadas pelos dialetólogos.

Segundo Lindley Cintra, “a mais antiga tentativa de classificação sistemática dos dialectos portugueses continentais” deve-se a José Leite de Vasconcelos, contextualizada no *Mapa Dialectológico do Continente Português* de 1893-1897. Nesta proposta, emprega o termo dialecto beirão, “falado no principado da Beira”, que o mapa divide em subdialecto da Beira Ocidental; subdialecto alto-beirão; subdialecto baixo-beirão e subdialecto de Fundão, Castelo Branco, até Portalegre. Também esclarece que “o dialecto beirão fica intermédio aos do Norte e ao meridional” (Vasconcelos, 1897: p.795). Na segunda proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses (1901), integrada a *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, refere-se ao dialecto beirão, subdividido em alto-beirão, baixo-beirão e ocidental. No *Mapa Dialectológico* (1929), reeditado no volume IV dos *Opúsculos*, o dialecto Beirão apresenta-se dividido nos subdialectos da Beira Alta, Beira Baixa e Beira-Mar ou ocidental.

Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva, na publicação do *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal* (1959-1962), referem-se ao “falar de Castelo Branco e Portalegre”, fragmentado nos “subfalares” de Castelo Branco e de Portalegre. Na visão de Pilar Vásquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, na sua *Gramática Portuguesa* de 1961, as variedades ou falares regionais do português distribuem-se por três “zonas dialectais”: o Norte, arcaizante, “berço do reino e, de certo modo, da língua, embora não se possa esquecer a importante contribuição dos dialectos moçárabes do Sul para a fixação do idioma português” (Cuesta e Luz, 1971: p.58) e constituído pelas províncias do Minho, Douro e Trás-os-Montes; o Centro, que abrange as Beiras e “não é senão uma região de transição”; o Sul, constituído pela Estremadura, Ribatejo, Alentejo e Algarve e que inclui a linguagem da capital, Lisboa, considerada pelas autoras como a língua padrão.

Luís Fernando Lindley Cintra, em sua proposta de classificação dos dialetos, bem como, Saramago e Segura, no artigo *Variedades Dialectais Portuguesas* (2001), distinguem os “dialectos portugueses setentrionais”, subdivididos em dialectos transmontanos e alto minhotos e dialectos baixo-minhotos-durienses-beirões, dos “dialectos portugueses centro-meridionais”, separados em dialectos do Centro-Litoral (estremenho-beirões) e dialectos do Centro-Interior e Sul (ribatejano-baixo-beirão-alentejano-algarvios). Estes autores destacam a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo como um grupo linguístico singular, por apresentar traços fonéticos diferenciadores que contemplam o sistema vocálico, inserido no espaço delimitado ao português centro-meridional e, dentro desse, no grupo dos dialectos do Centro-Interior e Sul, como afirma Cintra:

Além disso, há duas zonas dialectais com forte personalidade própria, como aquela cuja existência há pouco assinalávamos dentro da zona dos dialectos setentrionais, zonas em que, aos traços comuns ao grupo maior, se vêm sobrepor alguns outros profundamente individualizadores: refiro-me, em primeiro lugar, à zona, já destacada do conjunto por Leite de Vasconcelos em 1893-97, mas não em 1901, e novamente salientada, em 1959-62, por Paiva Boléo, e que é formada pela Beira Baixa e pelo Alto Alentejo, e também a outra, muito menos vezes isolada dos falares vizinhos, mas com igual número de razões para o ser: a região do Barlavento algarvio (CINTRA, 1995: p.153).

Estas duas variedades dialetais, apesar de situadas em extremidades geográficas opostas (nordeste e sudoeste), caracterizam-se por apresentar uma profunda alteração de timbre do sistema das vogais tônicas, como esclarece Cintra:

Num segundo passo, destacaremos, no grande conjunto formado pelos dialectos que vão da Beira Baixa e do Ribatejo até ao Algarve, antes de mais nada, a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo, correspondendo a uma região que tem como principais núcleos urbanos Castelo Branco e Portalegre e cujos dialectos se caracterizam por uma profunda alteração de timbre de todo o sistema vocálico, principalmente do tónico. Como isófona que possa marcar o limite da zona, parece-me preferível escolher, a da palatalização, em maior ou menor grau, da vogal tónica u (CINTRA, 1995: p.155).

Cintra seleciona, como traço fonético distintivo entre os dialectos setentrionais e centro-meridionais, a isófona correspondente às realizações ápico-alveolares a Norte e às realizações predorsodentais a Sul, para os fonemas /s/ e /z/. No grupo dos dialectos do Norte, em especial, os dialectos transmontanos e alto-minhotos, verifica-se a coexistência das sibilantes - [s] e [z] ápico-alveolares, correspondentes aos grafemas s e ss, e [s] e [z] predorsodentais, que correspondem aos grafemas c<sup>e</sup>, c<sup>j</sup>, ç e z -enquanto que, nos dialectos baixo-minhotos, durienses e beirões, o sistema reduz-se a duas consoantes fricativas realizadas como ápico-alveolares, uma surda e uma sonora [s] e [z], que caracterizam todos os dialetos setentrionais. Já, no grupo dos dialectos do Sul, o sistema conservador de quatro sibilantes simplifica-se nas duas sibilantes predorsodentais, uma surda [s] e uma sonora [z], que, atualmente, caracterizam a norma linguística portuguesa.

Saramago e Segura assinalam no artigo *Variação Linguística: perspectiva dialectológica*, os traços fonéticos que particularizam a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo : palatalização de [u] em [y], definida como isófona para demarcar o limite geográfico da variedade e ultrapassa, a norte, o limite escolhido entre os dialectos setentrionais e os dialetos centro-meridionais; palatalização de [a] em [ɛ], devido a um fenómeno de harmonização vocálica, quando na sílaba anterior existe, ou existiu, [i] ou [u] ou as semivogais [j] ou [w] ou ainda quando a vogal é precedida de uma consoante palatal; palatalização de [o] em [ø], vogal proveniente da monotongação do ditongo [ow]; labialização das vogais [e] e [ɛ]; queda da vogal final não-acentuada [u], grafada -o, ou a sua redução a [i]. (FERREIRA *et al.*, 1996: p.496).

Além destes traços fonéticos diferenciadores, a nível do sistema vocálico do Português Europeu, evidenciados pelos referidos autores, que tornam a região dialetal da Beira Baixa idiossincrática, dentro da extensa área geográfica que compreende o grupo dos dialetos do Centro-Interior e Sul, também pode-se citar a monotongação do ditongo *ei*, ou nas palavras de Cintra, “a passagem de *ei* a *ê*”, o qual se conserva na escrita oficial e na língua falada padrão, ainda que, nesta última, se realize como [aj]. Este fenómeno linguístico é interpretado, por Silva e Osório



citado por Nunes (2010), como uma “inovação vinda do Sul”, mas que não chegara a afetar a norma padrão da Língua Portuguesa.

Segundo Cintra, a isófona que corresponde à monotongação do ditongo [ej] em [e], serve para separar, dentro da área circunscrita ao Português centro-meridional, o subgrupo dos dialectos do centro-litoral ou estremenho-beirões, dos dialectos do Centro-Interior e Sul ou ribatejano-baixo-beirão-alentejano-algarvio, como elucida o referido autor: “servindo-nos, para estabelecer o limite entre ambos, a partir da fronteira dos dialectos setentrionais com os meridionais, a isófona correspondente à monotongação do ditongo *ei*, que acompanha quase paralelamente o curso do Tejo, alguns quilómetros ao norte do rio” (CINTRA, 1995: p.154).

A partir da delimitação da faixa linguística galego-portuguesa proposta por Cintra, constata-se que, entre os dialectos portugueses setentrionais e os dialectos centro-meridionais, a fronteira é demarcada por,

[...] uma linha que parte, a oeste, da região da Ria de Aveiro, próximo da foz do rio Vouga, desce de aí em direcção ao rio Mondego que atravessa a montante de Coimbra mas ao sul do Caramulo, de Seia e de S. Romão, de aí caminha em direcção ao rio Zêzere, contornando pelo sul os maciços mais altos da serra da Estrela, que, na sua parte meridional, não parece contribuir para a formação de qualquer limite linguístico importante, atravessa o referido rio a jusante de Ourondo e segue em direcção a leste, ao sul da serra da Gardunha, até atingir a fronteira política, depois de deixar, a norte, Monsanto e, a sul, Alcains, a própria cidade de Castelo Branco e todas as povoações do sul do distrito, como por exemplo, o Rosmaninhal (CINTRA, 1995: p.149).

Essa descrição circunscreve, nitidamente, a variedade linguística falada no Concelho da Covilhã nos dialectos setentrionais. Tal inferência é corroborada por meio da observação do Mapa 2: classificação dos dialectos galego-portugueses, que consta no artigo de Lindley Cintra, *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses* (1995: p.162-163), em que o distrito de Castelo Branco está inserido na zona dos dialectos baixo-minhotos-durienses-beirões, analisada como uma unidade dialetal menor dentro do grupo dos dialectos setentrionais. Deste modo, e considerando os traços fonéticos enumerados por Cintra (1995: p.142-144) como característicos dos falantes do Norte de Portugal, o falar da Covilhã também deveria apresentar as seguintes particularidades gerais: o desaparecimento da oposição fonológica entre os fonemas /v/ e /b/ e a sua fusão num fonema único /b/; a realização do fonema /s/ e do seu correlativo sonoro /z/, como fricativas ápico-alveolares, mais ou menos palatalizadas, variante conhecida por *s* beirão; a permanência da distinção fonológica, em posição inicial de sílaba, entre o fonema /ç/, representado pelo grafema *ch* e o fonema /ʃ/, representado pelo grafema *x*; a conservação do ditongo /ou/, realizado de formas distintas. Ainda, referente ao Mapa 2, pode-se verificar que a região em estudo se contextualiza, nas palavras de Cintra, em uma “região subdialetal com características peculiares bem diferenciadas”.

Ao analisar o Mapa 1: alguns traços fonéticos diferenciadores dos dialectos galego-portugueses, publicado na nova proposta (CINTRA, 1995: p.160-161), verifica-se que o Concelho da Covilhã se insere numa área geográfica caracterizada pelos seguintes traços fonéticos: oposição fonológica entre os fonemas /v/ e /b/; permanência da oposição fonológica entre o fonema /ç/ e

o fonema /š/; realização do fonema /s/ e do seu correlativo sonoro /z/ como fricativas ápico-alveolares; monotongação do ditongo *ei*. Esse contexto evidencia o caráter transicional da área geográfica em estudo, como preconizado por Cuesta e Luz (1961), visto que o primeiro e o último traços linguísticos são peculiares aos dialectos centro-meridionais, enquanto que o segundo e o terceiro caracterizam os dialectos setentrionais. Paralelamente, Cintra também admite o “facto de se tratar efectivamente, do ponto de vista dialectal, de uma região de fronteira, de uma zona de transição” (CINTRA, 1995: p.139), e reconhece um problema de delimitação de fronteiras:

A fronteira cruza-se com a que escolhemos como limite entre os dialectos setentrional e o meridional entre os pontos 248 (Arganil) e 250 (Ourondo, conc. da Covilhã). Para leste deste cruzamento há uma zona de monotongação de *ei* situada ao norte do limite meridional do [ʃ] ápico-alveolar e que abrange os pontos 251 (Ourondo), 249 (Belmonte) e 251 (Monsanto, conc. de Idanha-a-Nova), o que cria evidentemente um problema de limites de difícil resolução. Parece preferível aceitar convencionalmente que, apesar de certas características meridionais, essa região, onde o *s* é de tipo «beirão», pertence ao grupo de dialectos do Norte, embora formando uma zona de transição (CINTRA, 1995: p.154).

Cunha e Cintra, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, assinalam, no contexto dos dialetos portugueses centro-meridionais, “uma extensa área da Beira Baixa e do Alto Alentejo (compreendendo uma faixa pertencente aos dialetos setentrionais, mas, principalmente, uma vasta zona dos dialetos centro-meridionais)”, que apresenta uma profunda alteração do timbre do sistema vocálico e evidenciam como “traços mais salientes”: a articulação do *u* tônico como [ü] (próximo do *u* francês); a queda da vogal átona final grafada -o ou a sua redução ao som [ð] e, a monotongação do antigo ditongo *ou* por [ö] (CUNHA e CINTRA, 2001: p.15).

A monotongação do ditongo *ou*, assim como a monotongação de *ei*, traço fonético peculiar e distintivo da região sul do território linguístico português, em uma “pequena e curiosíssima região da Beira Baixa e Alto Alentejo” (CINTRA, 1995: p.30), o ditongo *ou* é reduzido não à vogal [o], como é usual, mas a [ö], o que é anômalo. Como afirma Cintra, no artigo *Os Ditongos Decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico*, é “uma evolução completamente anómala e isolada no panorama geral da fonética hispânica e que nos aparece surpreendentemente associada às paralelas e também anómalas transformações de *u* em *ü*, *a* em *e* (em certas condições), *e* em *ëi* (através de um grau intermediário *ë*), todas elas bem conhecidas da Galo-România” (CINTRA, 1995: p.53).

O linguista, apoiado na investigação de H. Lüdtke, referente aos limites atuais do fenómeno fonético da monotongação do ditongo *ou* em *ö*, publicada no artigo *Beiträge zur Lautlehre Portugiesischer Mundarten* da Miscelânea-Martinet de 1957, afirma que a delimitação do fenómeno se dá às margens do Rio Zêzere: “De um modo geral, o Zêzere parece delimitar o fenómeno. Na margem direita encontramos apenas uma ou outra “testa de ponte”, como as estreminhas mencionadas por Leite de Vasconcelos e Lüdtke” (Cintra, 1995: p.47).

De acordo com os autores estudados, pode-se verificar que a variedade do falar do Concelho da Covilhã, comumente designado como “dialecto beirão”, ora se integra num dialecto descrito como transicional ou intermédio entre um Norte arcaizante e um Sul inovador; ora se encontra isolada,

devido às características diferenciadoras e invulgares, especialmente, no aspecto fonético, dentro do território linguístico continental.

## 2.2. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* LINGUÍSTICO

Para a constituição do *corpus* linguístico, optou-se pela aplicação do Questionário Semântico-Lexical (QSL), baseado no *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) e complementado por alguns conceitos do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG). O referido questionário (Anexo 1) é constituído por 178 questões, distribuídas em 13 Campos Semânticos: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Ciclos da Vida, Convívio e Comportamento Social, Religião e Crenças, Jogos e Diversões Infantis, Habitação, Alimentação e Cozinha, Vestuário e Acessórios, Vida Urbana, numa perspectiva onomasiológica. O Questionário Semântico-lexical permite homogeneizar os dados linguísticos de vários informantes para posterior análise comparativa.

Apesar do questionário usado para a coleta de dados, em muitos casos, ocultar particularidades dos falares locais, sua validade sustenta-se no fato de ser um instrumento de orientação e aplanamento das informações. Por propiciar o registro das variantes lexicais possíveis e previstas inicialmente, bem como, permitir a análise comparativa das variantes semântico-lexicais entre áreas geográficas distintas, o questionário afirma-se como um instrumento estruturalmente adequado (SILVA, 2002). Também, como recurso para a obtenção dos dados, fora utilizado gravuras de alguns objetos, principalmente daqueles característicos da vida e das atividades rurais.

As entrevistas transcorreram entre os meses de setembro a dezembro de 2012, no Concelho da Covilhã, onde foram auscultados cinquenta (50) informantes. Para dar mais equidade ao banco de dados, o questionário também fora aplicado a cinquenta (50) habitantes de Cuiabá, no período compreendido entre julho a setembro de 2013, perfazendo um total de cem entrevistas, as quais decorreram nos mais variados ambientes, tais como: residências, cafés, hotel, ruas de aldeias, bancos de jardim, estabelecimentos comerciais, juntas de freguesia, escolas, universidades e sempre precedidas de uma conversa introdutória de orientação sobre a atividade proposta.

Ao considerar ambos os pontos linguísticos, as entrevistas totalizaram o tempo de 93 horas e 55 minutos (93'55"), fato que remete à uma média de 56 minutos e 21 segundos (56'21") para cada entrevista. No entanto, trata-se de uma média relativa, pois a duração das entrevistas não foi semelhante entre as localidades. Na Covilhã, a média de cada inquérito corresponde à 1 hora, 1 minuto e 12 segundos (1'1"12") enquanto que em Cuiabá fora de 51 minutos e 30 segundos (51'30"). Durante a realização das entrevistas, houveram interferências na gravação, ocasionadas por familiares, ruídos externos, porém, nada que prejudicasse o registro da informação, para o qual, optou-se pela gravação digital e posterior transcrição ortográfica. De modo geral, não houveram

restrições impostas pelos informantes que, em alguns casos, apenas sugeriram a anotação da informação em detrimento à gravação. Uma vez selecionado o método de registro, as entrevistas transcorreram normalmente e o tempo gasto foi computado da mesma forma.

As variantes lexicais auscultadas foram compiladas em um banco de dados semântico-lexical no Microsoft Excel, versão 2013 e organizadas por campo semântico, mantendo a estrutura da coleta dos dados linguísticos. Em várias circunstâncias registraram-se duas ou mais expressões lexicais para designar o mesmo conceito, remetendo à seleção da primeira para a constituição do *corpus* a ser analisado, por compreender que se trata da designação mais usual pelo entrevistado e a que particulariza o falar local. Como exemplo, pode-se citar as respostas à questão 113, *forreta/fuinha/agarrado*, registradas na Covilhã e *pão-duro/sovina/cainha*, registradas em Cuiabá. Nestes casos, selecionaram-se as variantes lexicais *forreta* e *pão-duro*, ou seja, para a constituição do *corpus* foram excluídas as demais respostas dos sujeitos, pelo volume de dados a serem considerados, o que não exclui a possibilidade desse conjunto de dados linguísticos excluídos serem trabalhados posteriormente.

Para compor o *corpus* fora necessário o agrupamento de algumas formas linguísticas, por considerá-las variantes fonéticas, como é o caso da questão nº. 13, relativa ao Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos, cujas respostas foram: *redemoinho/redemunho*. Também, foram agrupadas as respostas que apresentavam variação de gênero (masculino/feminino) como, por exemplo, *falecido/a*, relativas à questão nº. 110 e ao Campo Semântico Ciclos da Vida e de número (singular/plural) como, por exemplo, *chuvisco/s*, relativa à questão nº. 20 do Questionário Semântico-Lexical, entre outras.

Especificamente à questão 45, não se obteve designação, no falar da Covilhã, para “a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca (ou cercado), representada, neste caso, pela variante zero (Ø). Tal fato decorre da falta de conhecimento ou do esquecimento, por parte do entrevistado, visto que se recorreu a utilização de gravura para facilitar o registro da variante lexical. No entanto, o expressivo número de informantes foi suficiente à obtenção de dados linguísticos adequados à análise de cada campo semântico.

## 2.3. CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

A seleção dos informantes é um passo fundamental para que a pesquisa apresente resultados consistentes. Segundo Manuel de Paiva Boléo:

É uma das tarefas mais difíceis a escolha do informador idóneo. Nos inquéritos que tenho feito, muitas vezes me sucede gastar um dia inteiro à procura dele, rejeitar todos os que me indicam e encontrar depois um em que ninguém tinha pensado. As conversas do povo que fomos surpreendendo aqui e acolá puseram-nos desde logo em condições de saber se o informador que escolhemos é ou não representante fiel da linguagem da terra (BOLÉO, 1974: p.76).

De acordo com Brandão (1991: p.31) e sob a égide da Geolinguística, deve-se dar atenção, quando da seleção dos informantes, a alguns princípios gerais que preconizam que este, “deve ser nativo da localidade; deve ser inteligente e loquaz; não deve apresentar problemas de dentição ou de fonação”. Acrescenta ainda que as variáveis extralinguísticas, como faixa-etária, sexo, nível de escolaridade e condição socioeconômica são de indubitável importância para que melhor se compreendam os fatores que determinam a conservação de certos traços linguísticos ou a difusão de inovações. Outro parâmetro importante é destacado por Silva (2002: p.42), ao sugerir uma preferência por sujeito natural da localidade em estudo, que não tenha morado mais de 1/3 de sua vida fora da localidade, nem exercer ou ter exercido profissão que o tenha obrigado a constantes viagens e a contatos com outros falares.

Os comentários de Luís Filipe Lindley Cintra, referentes aos métodos empregados por ele à elaboração do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI), contemplam os critérios para a seleção dos informantes:

Para responder ao questionário, terá o dialectólogo de procurar alguém que represente com fidelidade o tipo de falar característico da localidade - em geral um homem ou uma mulher de meia-idade, nascidos no lugar e ali residentes sempre ou quase sempre, analfabetos (de modo a não haver o perigo de estarem influenciados pela linguagem escrita). Do acerto na escolha deste informante depende muitas vezes o êxito de todo o trabalho (CINTRA, 1983: p.11; apud BRANDÃO, 1991: p.30).

No entanto, de acordo com Brandão (1991: p.30), em sua obra *A Geografia Linguística no Brasil*, os critérios mencionados por Cintra corroboram para o “registro de formas dialetais antigas, em detrimento da dinâmica sincrônica dos falares”. Dessa forma, linguistas que discordam desta prescrição postulam que se deve selecionar vários informantes por localidade, considerando as variáveis extralinguísticas que revelem a realidade social do espaço geográfico a ser analisado. Estudar a língua em uso no seio das comunidades de fala é correlacionar aspectos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, discursivos, semânticos) e sociais (sexo, faixa-etária, etnia, escolaridade, situação socioeconômica).

As questões não carregam nenhum tipo de complexidade, contudo, trata-se de um expressivo número de informações, com os mais variados temas, o que pode dificultar o entendimento e a capacidade de responder de alguns informantes. Por exemplo, no ponto linguístico Cuiabá, todos os informantes residem no perímetro urbano, o que pode dificultar a obtenção das lexias relacionadas ao campo semântico Atividades Agropastoris.

Da mesma forma como fora feito para a obtenção dos dados relativos as localidades, utilizou-se a Ficha do Sujeito<sup>5</sup> com a finalidade de registrar informações que caracterizem cada entrevistado e, ao mesmo tempo, permitam traçar o seu perfil, devidamente previsto para o estudo em questão, bem como validar a aplicabilidade da pesquisa. Os informantes não foram identificados em nenhuma oportunidade no decorrer do trabalho, tendo em vista os princípios éticos da

---

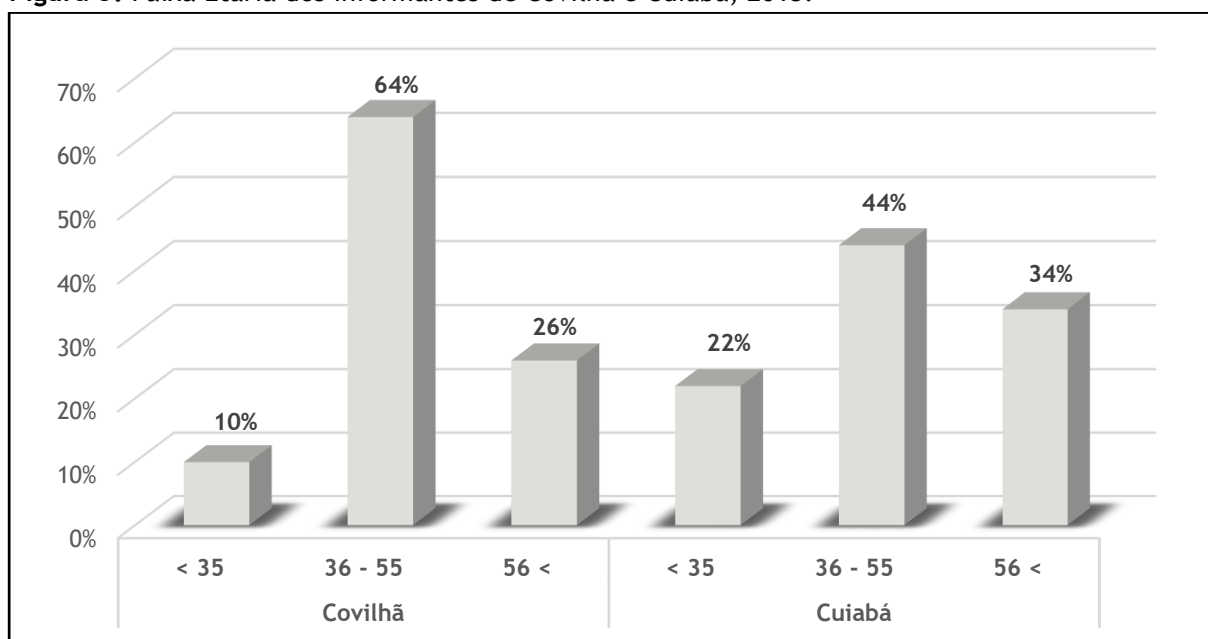
<sup>5</sup> A ficha do sujeito foi elaborada com base na ficha proposta pelo Comitê do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), descrita no Anexo 3.

investigação científica, além do fato da variante informada constituir o único insumo para o desdobramento dos resultados esperados.

Uma vez selecionadas as variantes a serem analisadas, foram elaborados os gráficos referentes a Ficha do Sujeito, para traçar um perfil socioeconômico dos informantes, os quais foram distribuídos em três faixas etárias, com base nas recomendações do Projeto NURC<sup>6</sup>: de 25 a 35 anos; 36 a 55 anos; acima de 56 anos e, nos seguintes níveis de escolaridade: ensino fundamental, médio, superior e pós-graduação, o que permite realizar uma amostragem diversificada, para detectar e avaliar, com maior precisão, traços lexicais conservadores e inovadores dos falares em estudo.

A distribuição quanto a variável faixa etária, aponta que 10% dos entrevistados na Covilhã possuíam, até a data da entrevista, menos de 35 anos. Outros 64% encaixavam-se na faixa etária entre 36 a 55 anos, seguido de 26% com 56 anos ou mais, como pode ser observado na Figura 3. Para Cuiabá, 22% possuem menos de 35 anos, 44% encontram-se com a idade entre 36 e 55 anos e 34% possuem 56 anos ou mais.

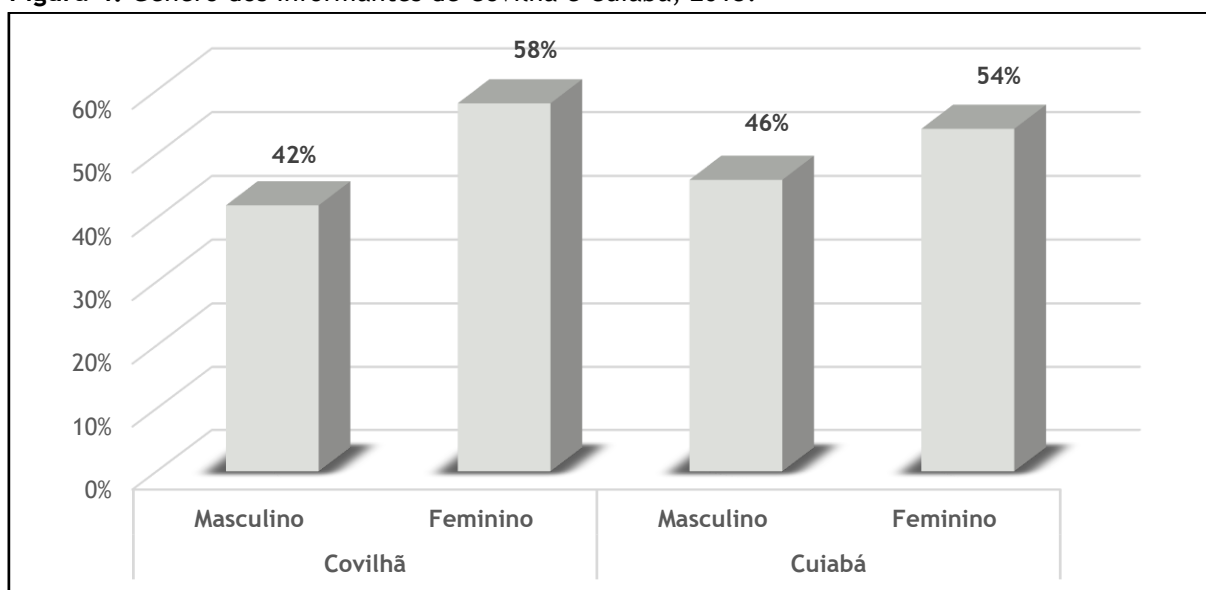
**Figura 3:** Faixa Etária dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

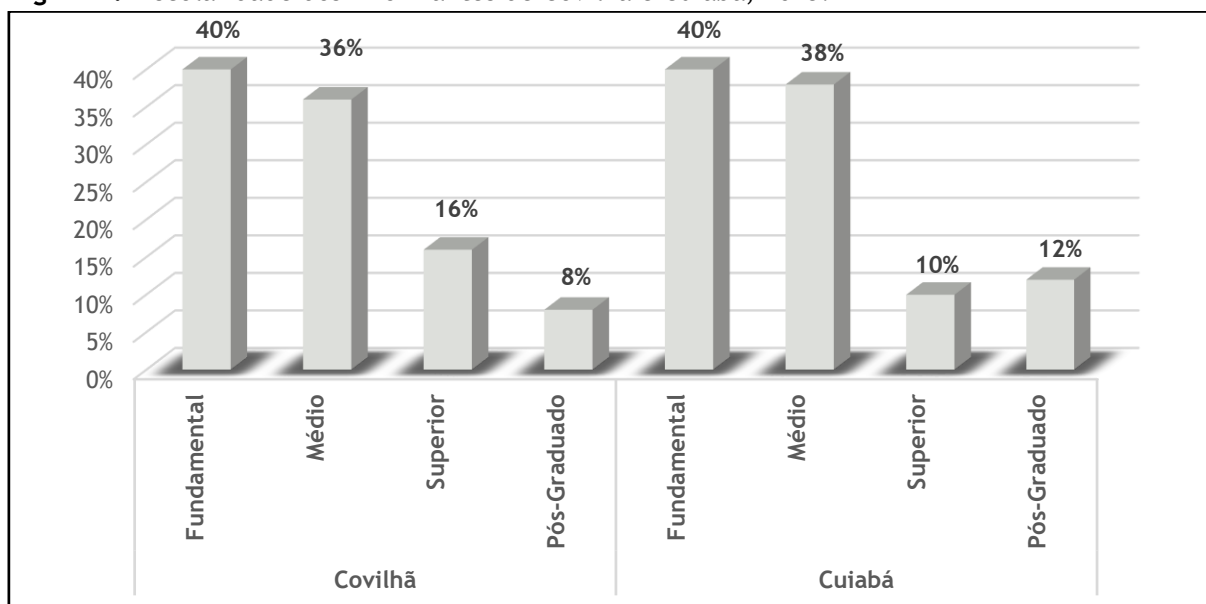
Quanto à variável gênero, houve certa equidade, tendo em vista que a relação de entrevistados masculinos e femininos se manteve próxima, como pode ser observado na Figura 4. No ponto linguístico Covilhã, dentre os 50 entrevistados, ocorreu o registro de 42% de informantes do sexo masculino e 58% do sexo feminino. Para o ponto linguístico Cuiabá, os entrevistados perfazem 46% de homens e 54% de mulheres.

<sup>6</sup> “O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) teve início em 1969 e vem se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras – Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Objetiva descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social constituído de falantes com escolaridade de nível superior. O Projeto NURC está vinculado, quanto à metodologia e aos objetivos, ao Proyecto de Estudio Conjunto y Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica. Fonte: <https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AlibNurc>.”

**Figura 4:** Gênero dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

No que diz respeito a variável escolaridade, a grande maioria dos informantes entrevistados, em ambos os pontos linguísticos, não possui ensino superior. Na Covilhã, somam 76%, sendo 40% com ensino fundamental e 36% com ensino médio. Os demais 24% possuem ensino superior e destes, 8% são pós-graduados. Para Cuiabá, o percentual de informantes sem nível superior é de 78%, mantendo os mesmos 40% com ensino fundamental e 38% com ensino médio. Outros 22% possuem nível superior e destes, 12% possuem pós-graduação em alguma área do conhecimento.

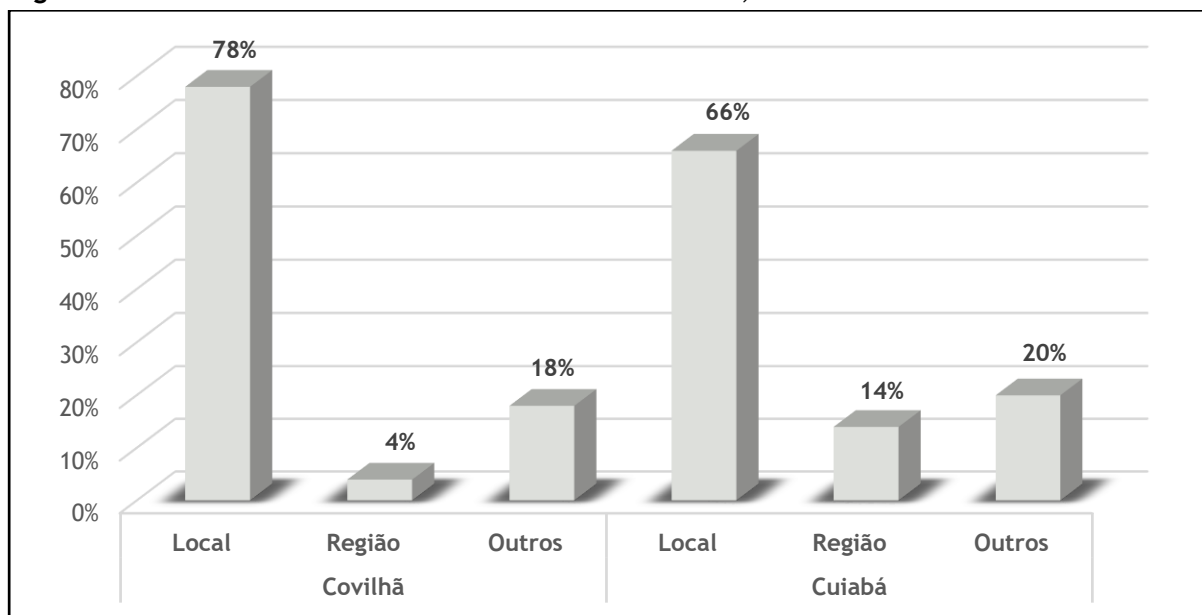
**Figura 5:** Escolaridade dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Na Figura 6 registra-se a naturalidade dos informantes responsáveis pela composição do *corpus* linguístico. Cabe ressaltar que a maioria são naturais e residentes da localidade em estudo, como preconiza a Geolinguística, fato que enriquece a investigação dialetal. Dentre os 50 informantes cuiabanos, 66% são considerados nativos, ou seja, cuiabanos de “Chapa e Cruz”. O

homem cuiabano de “Chapa e Cruz” não se restringe somente aos nascidos dentro dos limites geopolíticos do município de Cuiabá, mas, genericamente, a todos aqueles que, além de nascidos na área de alcance da Baixada Cuiabana, têm um passado genealógico e cultural ligado ao mesmo *hábitat* e sempre viveram e vivem em contato diário e, para alguns, exclusivo com o linguajar nativo de seus pares” (SANTIAGO-ALMEIDA, 2005: p.24). Os 14%, apesar de residirem em Cuiabá, nasceram em municípios que compõem seu entorno. Apenas 20% são oriundos de outros estados brasileiros.

**Figura 6:** Naturalidade dos Informantes de Covilhã e Cuiabá, 2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

No ponto linguístico Covilhã, dentre os 50 informantes observados, 78% são considerados nativos, por terem nascido e ainda residirem no local. Outros 4%, apesar de residirem na Covilhã, nasceram na região, ou nos municípios ao entorno e somente 18% são nativos de outras regiões ou países. Desta forma, quando da referência nas cartas lexicais das questões, a nomenclatura infere que se trata das variantes informadas pelos 66% dos cuiabanos e 78% dos covilhanenses.

## 2.4. ANÁLISE QUANTITATIVA DAS VARIANTES LEXICAIS

Com relação à estrutura de análise dos dados coletados, que constituirá o primeiro capítulo de resultados, na sequência, optou-se pelo agrupamento temático proposto no QSL. Desta forma, a análise descritiva e comparativa será regida pela ordem das questões, no entanto apontará, primeiramente, a variante lexical de maior frequência em cada ponto linguístico para, posteriormente, subordinar-se a referida ordem. No decorrer da análise quantitativa, também, constam as demais variantes lexicais registradas e seus respectivos percentuais.

A análise quantitativa tem por base tabelas, cartas lexicais por campo semântico e cartas lexicais por questão, devidamente numeradas. A base desta análise segue as inferências destacadas



por Muller (1968), que permite empregar noções de frequências absoluta e relativa, no intuito de estabelecer uma norma referente aos aspectos semântico-lexicais de uma determinada comunidade linguística. Neste caso, o falar cuiabano e o falar covilhanense.

As variantes obtidas foram dispostas, primeiramente, em tabelas, por campo semântico, para evidenciar o número de variantes registradas, a ocorrência da variante lexical de maior frequência e o respectivo percentual, nos contextos examinados, para cada conceito proposto pelo QSL. O percentual foi calculado com base na frequência absoluta, ou o número total de 50 sujeitos entrevistados em cada ponto linguístico. Estes, correspondem a 100% no *corpus*, ou uma relação percentual que sempre corresponderá ao dobro da frequência, como por exemplo: 80% equivale a 40 sujeitos que responderam as questões, 50% igual a 25, 2% igual a 1 e assim, sucessivamente. Destarte, sempre que for informado o percentual, automaticamente a frequência apresentar-se-á, desta forma, subentendida, tanto nas tabelas quanto no restante do capítulo analítico.

Posteriormente, procede-se a documentação cartográfica da variação lexical dos vocábulos encontrados. A carta léxica é, na concepção de Eugenio Coseriu, um “mapa em que se registram as palavras empregadas para expressarem o mesmo conceito, independentemente das variações fônicas, isto é, da pronúncia peculiar comprovada em cada ponto” (COSERIU *apud* BRANDÃO, 1991: p.78). As cartas lexicais por campo semântico exibem todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses, enquanto que a carta lexical por questão contempla a variante lexical de maior frequência auscultada junto aos informantes nativos e residentes nos pontos linguísticos pesquisados.

A numeração das cartas lexicais por questão respeita a ordem das perguntas determinada pelo QSL. As cartas lexicais por campo semântico são compostas pelos mapas dos pontos linguísticos, seguidas do registro da variante de maior frequência no interior do território representado. Na parte superior, constam as variantes léxicas propostas pelo QSL e na parte inferior, as variantes brasileiras, à esquerda e, as variantes portuguesas, à direita. A carta lexical por questão permite visualizar o tema da pergunta, com a variante proposta pelo questionário e o registro da lexia de maior frequência, entre os informantes nativos dos territórios representados.

As 178 questões que compõem o QSL deram origem a 13 Cartas Lexicais por Campo Semântico e 178 cartas lexicais por questão, isto é, cartas linguísticas que documentam cartograficamente a variação diatópica de duas variedades da Língua Portuguesa. Por meio das cartas linguísticas pode-se visualizar, de forma sinóptica, as variantes linguísticas de determinada lexia, em uma área geográfica. Devido a influência da colonização, podem ocorrer variações semânticas nos pontos linguísticos, no entanto, a probabilidade de registrar expressões típicas do falar local aumenta no grupo de informantes nativos. Destarte, esta etapa permite identificar particularidades do falar local, caso elas ainda sejam expressadas no cotidiano deste grupo de pessoas.

Para finalizar, com os resultados obtidos intenciona-se descrever a norma lexical, representada pela ocorrência da lexia de maior frequência no *corpus*, documentar a riqueza

sinonímica de cada localidade pesquisada e compará-las, tanto entre si, quanto com o conceito proposto pelo QSL. Durante a análise quantitativa e qualitativa, estruturada por campo semântico, far-se-á alusões a regionalismos e a respectiva etimologia quando particularidades locais forem identificadas. Ainda, são apontados os casos de palavras cujo significado remete para conteúdo semântico distinto, vocábulos diferentes para o mesmo significante, lexias coincidentes/divergentes, ocorrência de palavras polissêmicas e arcaísmos, em ambos os *corpora*.

Como instrumentos de consulta e descrição das variantes lexicais, registradas entre os inquiridos de ambos os pontos linguísticos, foram utilizados dois dicionários da Língua Portuguesa: o de Houaiss e Villar, edição 2010 e o da Porto Editora, edição 2014. Ainda, em complemento e de significativa importância, recorreu-se a base de dados do *Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (PTLPGP), que teve início em 2009, promovido pelo Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela (USC), que permite consultar, de forma online e simples, toda a informação completa contida em obras lexicográficas e dialetais do galego, do Português Europeu e do Português Brasileiro.

## 2.5. ANÁLISE DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Outra proposta desta investigação, responsável pela composição do segundo capítulo analítico, consiste na avaliação da correlação existente entre as variantes de maior frequência e as variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes. A finalidade desta proposição consiste na identificação de possíveis tendências inovadoras ou conservadoras nos pontos linguísticos Cuiabá e Covilhã, com base na Teoria da Variação Linguística de William Labov.

No que se refere à variável gênero, Labov (1972) conclui que as mulheres estão mais predispostas a inovar, quando comparadas aos homens, por serem mais propensas ao emprego da norma padrão ou de maior prestígio, diferentemente dos homens que tendem a empregar formas estigmatizadas com maior frequência. Tal fato está atribuído à preocupação das mulheres com as normas locais e seu papel na estrutura social, o que as proporciona maior consciência em relação as formas de prestígio, tanto na fala concreta, quanto em suas atitudes, em todas as classes sociais. Em complemento, Chambers e Trudgill (1980) atribuem às mulheres todas as tendências de mudanças em direção às formas de prestígio, enquanto que os homens lideram as mudanças que tendem a abandonar o uso de alguma forma padrão.

Contudo, Labov (1982) afirma que, apesar da maioria das mudanças linguísticas serem estimuladas pelas mulheres, proporcionalmente uma geração à frente dos homens, a questão da mudança linguística nem sempre pode ser identificada de forma clara. Neste caso, “é importante ter em mente que essa propensão das mulheres para as formas de maior prestígio (no sentido do padrão normativo) é limitada àquelas sociedades em que as mulheres desempenham um papel na vida

pública”, caso contrário, esse comportamento tende a não ser identificado (LABOV, 1981: p.184). Nestes termos, para este estudo, a variável gênero tem sua indicação considerada quando esta convergir com alguma tendência indicada nos grupos etários, escolarização ou naturalidade.

Quanto à faixa etária, a distribuição em tempo aparente de William Labov acrescenta a dimensão histórica ao estudo da variação linguística. Quando a correlação da variante em questão ao fator idade for constatada, identifica-se alguma tendência, seja ela inovadora ou conservadora, de acordo com a distribuição nos grupos etários. Por exemplo, se o uso da variante inovadora for mais frequente entre os mais jovens, decrescendo em relação aos informantes mais velhos, identifica-se uma tendência de mudança em progresso, uma vez que aqueles de maior idade tendem a empregar a variante conservadora na medida em que o percentual decresce para a variante inovadora. Neste caso, identifica-se uma correlação do tipo curvilínea, linearmente decrescente, a partir de um dos grupos etários mais jovens (TARALLO, 2006. LABOV, 2008).

No entanto, a tendência pode ser conservadora, quando a correlação se apresentar de forma curvilínea, linearmente crescente dos mais jovens para os mais velhos, ou apenas indicar um processo de variação estável quando a faixa etária intermediária apresentar os maiores indicadores. Isso tende a ocorrer em virtude da inserção dos jovens no mercado de trabalho e a predileção neste ambiente pela norma de maior prestígio social, uma pressão que deixa de ocorrer com a aposentadoria. Este comportamento explica a incidência de percentuais baixos nos grupos mais jovens e mais velhos, contrário ao grupo intermediário, responsável por uma variação estável, dada a repetição do fenômeno a cada geração futura (LABOV, 1981. LUCCHESI, 2001).

Outro fator com contributo importante para a inovação linguística consiste no nível de escolaridade, uma vez que a escola provoca mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam. Por outro lado, estimula a preservação das formas de prestígio, toda vez que esta for a norma empregada em uma comunidade de fala. Apesar da escolarização ser correlata, tanto aos mecanismos de promoção quando de resistência à mudança, é considerada propagadora da norma de maior prestígio social (VOTRE, 2003). Significa dizer que, quanto maior for o nível de escolaridade, maior tende a ser a predileção pela variante de prestígio e as duas formas de correlação mencionadas tendem a apresentarem-se graficamente da seguinte maneira: *i)* se a variante em questão na comunidade de fala for aquela considerada de prestígio, a curva tende a ser linearmente crescente, do menor nível de escolaridade para o maior; *ii)* no caso da variante mais empregada ser a considerada estigmatizada, a curva tende a ser linearmente decrescente, do menor nível de escolaridade para o maior.

Para finalizar, o grupo de variáveis extralinguísticas consideradas nesta pesquisa, a origem dos informantes também tem parcela no contributo à inovação ou preservação da variedade linguística. De acordo com Alvar (1961), estruturas linguísticas locais são mais delimitadas as circunscrições geográficas e, portanto, menos influenciadas pela variedade regional, bem como, de outras regiões ou países. Este fator contribui para a preservação da norma vigente na comunidade, de modo a haver uma tendência conservacionista quando considerados apenas os informantes nativos. Esta percepção é compartilhada por Brandão (1991) quando afirma que, para a determinação dos

traços linguísticos de uma localidade, deve-se considerar a preferência por informantes nativos, que não tenham morado mais de 1/3 de sua vida em outras regiões (comunidades de fala). Quando o horizonte se amplia para a região, há a possibilidade da inserção de variantes inovadoras, tendência acentuada quando se trata de informantes de outras regiões ou países. Assim, a inovação é graficamente identificada quando a curva se apresentar linearmente crescente, dos informantes locais (nativos) para os oriundos de outras regiões ou países. Ao contrário, a tendência conservadora apresenta uma curva linearmente decrescente, dos informantes locais para aqueles advindos de outras regiões ou países.

Quanto à estruturação, todas as variantes são consideradas para efetivo cálculo dos percentuais nos grupos de cada variável extralinguística. No entanto, são analisadas apenas as variantes que indicam alguma tendência, em pelo menos um dos locais de estudo, por meio de exposições gráficas, com base na sequência proposta pelo QSL. No entanto, todas as variantes de maior frequência tiveram seus percentuais devidamente estimados e encontram-se dispostas na Tabela 14 do Anexo IV desta pesquisa.

## CAPÍTULO 3

### ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DO FALAR CUIABANO E COVILHANENSE

Neste capítulo estão dispostos os dados coletados junto aos informantes dos pontos linguísticos Cuiabá (Brasil) e Covilhã (Portugal). A estruturação dos resultados leva em consideração as temáticas específicas de cada campo semântico, busca evidenciar as particularidades dialetais, para que os resultados apontem possíveis semelhanças ou diferenças semântico-lexicais, conforme proposto. A necessidade em realizar a referida estruturação deriva do expressivo volume de lexias coletadas, ao mesmo tempo em que facilita a identificação de formas linguísticas, com significados distintos para o mesmo referente, ou vocábulos diferentes para o mesmo significante.

#### 3.1. CAMPO SEMÂNTICO ACIDENTES GEOGRÁFICOS

As questões numeradas de 01 a 12, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico I - Acidentes Geográficos e compõem a Tabela 1 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. Como pode ser observado, a lexia de maior frequência registrada no ponto linguístico Cuiabá fora *onda* (90%), para designar “o movimento da água do mar”. A carta lexical do campo semântico supracitado (Figura 7), também registra as variantes lexicais *maré* (6%) e *marola* (4%), esta última, considerada regionalismo do Brasil (HOUAISS e VILLAR 2010). Para o mesmo conceito, no ponto linguístico Covilhã, a lexia de maior frequência fora *ondulação* (50%). Neste caso, pode-se afirmar que se está perante um caso de “derivação por extensão de sentido”: “movimento lento que lembra o das ondas” (HOUAISS e VILLAR, 2010). Ainda, registram-se as lexias *onda/s* (48%) e *maré* (2%), como pode ser observado na referida figura.

No ponto linguístico Covilhã a variante lexical de maior frequência identificada, para este campo semântico, fora *foz* (92%), para designar “o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio”. Na Figura 7, também identificam-se as variantes *deságua* (6%) e *junção* (2%). Para o mesmo conceito, em Cuiabá, a variante de maior frequência fora *encontro de rio* (46%), com uma representatividade inferior, no entanto, complementada pelas variantes *foz* (10%), *deságua* (10%), *desemboca* (8%), *barra* (4%), *delta* (4%) e *entroncamento* (4%). Deste modo, verifica-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas nove lexias distintas e

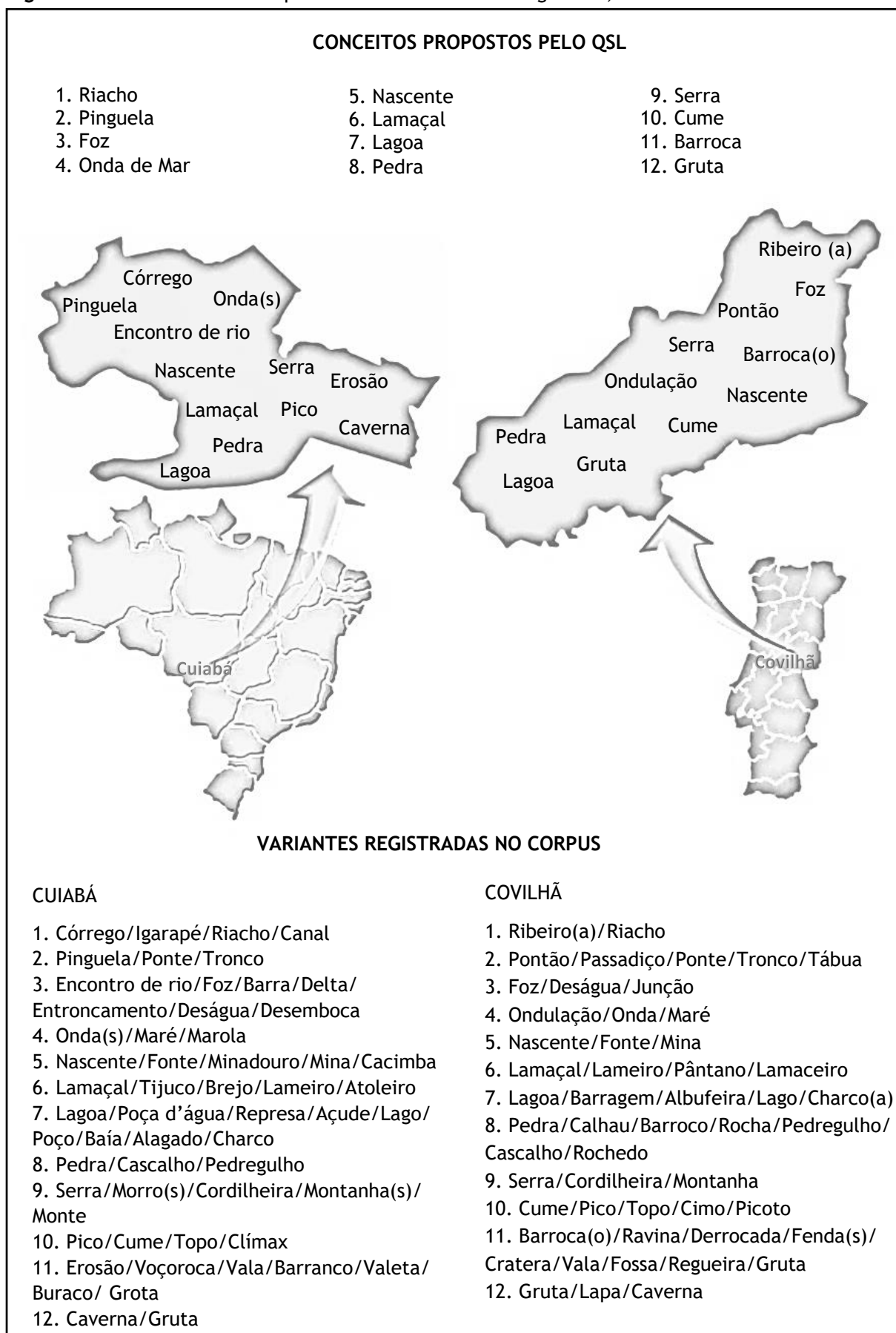
apenas uma coincidente (*foz*) para designar o mesmo referente. Dentre os informantes cuiabanos, 14% afirmaram desconhecer o termo específico. No que se refere aos informantes nativos, não foram registradas particularidades exclusivas para a variante de maior frequência, referente ao conceito de *foz* proposto pelo QSL. No entanto, o mesmo não ocorre para o conceito de *onda de mar* no ponto linguístico Covilhã, em que a designação mais usada é *onda*, assemelhando-se a Cuiabá (Figura 7).

**Tabela 1:** Campo Semântico Acidentes Geográficos, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
01	Riacho	04	Córrego	80%	02	Ribeiro (a)	82%
02	Pinguela	03	Pinguela	70%	05	Pontão	54%
03	Foz	07	Encontro de rio	46%	03	Foz	92%
04	Onda de mar	03	Onda	90%	03	Ondulação	50%
05	Nascente	05	Nascente	50%	03	Nascente	90%
06	Lamaçal	05	Lamaçal	44%	04	Lamaçal	80%
07	Lagoa	09	Lagoa	30%	05	Lagoa	58%
08	Pedra	03	Pedra	80%	07	Pedra	54%
09	Serra	05	Serra	40%	03	Serra	80%
10	Cume	04	Pico	80%	05	Cume	48%
11	Barroca	07	Erosão	28%	09	Barroca (o)	44%
12	Gruta	02	Caverna	72%	03	Gruta	72%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada em Álvares (2013), citação recomendada pelo/para o Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *barra* é indicada no Português Brasileiro para designar: “desembocadura de um rio” em Brandão 1988:206, anexa ao Campo Semântico Água; “orla inferior da copa do cafeeiro, quase ao nível do chão” em CastroD 2000:70, associada ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação; “pedaço de argila beneficiada no amassador e pronto para venda”; “pedaço de argila bruta cortado com a cortadeira no barreiro” em CostaO 2012, vinculada ao Campo Semântico Telheiras e Olaria e “aparelho que consiste num assento composto de travessa, tábua e cadeirinha, suspenso pelas extremidades por cordas ou correntes, onde as pessoas se sentam para se balançarem...{Aurélio},” em Lino 2000:98, anexa ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais).

**Figura 7:** Carta Lexical do Campo Semântico Acidentes Geográficos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O termo linguístico *barra*, apesar de não ter sido identificado na Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “jogo de destreza que consiste no lançamento de pedras pesadas” em Buescu 1961:337; “jogo infantil” em Nunes 1965:138, anexado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais); “núvem comprida” em Caldeira 1960:300; “Faixa de nuvens paralela ao mar, que se apresenta na direcção do vento. Quanto mais escura, mais *feia* e anunciadora de mau tempo para a navegação” em Monteiro 1950:126, associado ao Campo Semântico Meteorologia; “banhna” em Martins 1954:409, anexo ao Campo Semântico Vestuário e Higiene; “cama; dizem barra da cama ou simplesmente “barra” em Medeiros 1964:102; “cama” em Mendonça 1962:275; “armação de ferro ou madeira a que vulgarmente se chama cama” em Moura 1960:168, associado ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica e “linha do horizonte” em Nunes 1965:138, vinculado ao Campo Semântico Firmamento, inferindo-se deste modo, que a diferença de significado da lexia *barra* remete para áreas semânticas distintas.

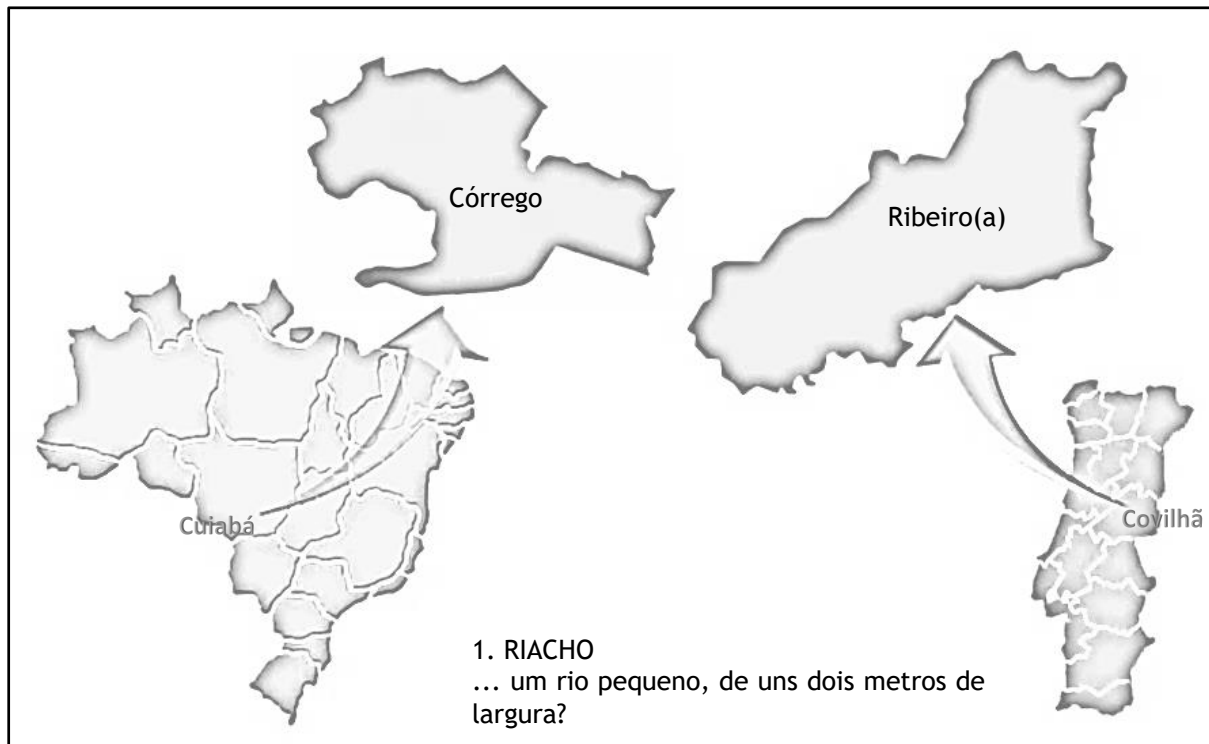
As variantes lexicais *córrego/corgo* e *ribeiro/a* diferentes e correspondentes à noção de “rio pequeno” foram registradas com expressiva frequência, 80% e 82%, respectivamente, em Cuiabá e Covilhã. No ponto linguístico brasileiro, além da variante de maior frequência, *córrego/corgo*, empregam-se as lexias *riacho* (16%), *canal* (2%) e *igarapé* (2%), esta última, de acordo com Silva (2002), uma variante oriunda da Região Amazônica, algo compreensível por se tratar de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, que possui a parte norte composta pelo bioma amazônico. O Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010), indica que *igarapé* é um regionalismo da Amazônia e provém da língua Tupi “*iara’pe* ‘pequena corrente de água entre ilha ou trechos de um rio’ (*i’ara* ‘canoa’ + ‘*pe* ‘caminho’))”, o que identifica a influência da língua indígena no falar cuiabano. Para Covilhã, ainda fora registrada a lexia *riacho* (18%), correspondente a variante proposta pelo QSL. Para este conceito, não foram identificadas particularidades distintas entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 8. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *igarapé* é indicada no Português Brasileiro para designar: “canal ou estreito natural situado entre duas ilhas, ou ainda, entre ilha e terra firme...” em Assis 1985:89 e “via de acesso ao barreiro” em CostaO 2012, anexa ao Campo Semântico Água.

Quanto à lexia *córrego*, consta em Houaiss e Villar (2010) como regionalismo do Brasil na acepção de “pequeno rio com fluxo de água bastante tênue; corgo, riacho”. No verbete *córrego*, Houaiss e Villar (2010) registram as variantes lexicais: *arroio, corga, levada, regato, riacho, ribeira, ribeirada, ribeirão, ribeiro, sanga, veia e veio*; destas variantes, três concernem ao *corpus* em análise. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o item lexical *córrego* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:30, 31) para designar “pequeno rio”, associado ao Campo Semântico Água. O ALPB:30, 31 também registra as designações *baixio, corrente, vertente, valeta, olheirinho, fonte, fontezinha, correnteza, riacho, corgo, cóligo, correntezinha*. Destas variantes lexicais, *riacho* e *corgo* concernem ao *corpus* em análise. A variante léxica *corgo*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do



Português Europeu com a acepção de “ribeiro pequeno que corre entre os terrenos cultivados” em CarvalhoA 1970:502, anexa ao Campo Semântico Água; “córrego” em Moura 1960:177, associada ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações.

**Figura 8:** Carta Lexical da Questão 01, Informantes Nativos, 2012/2013.



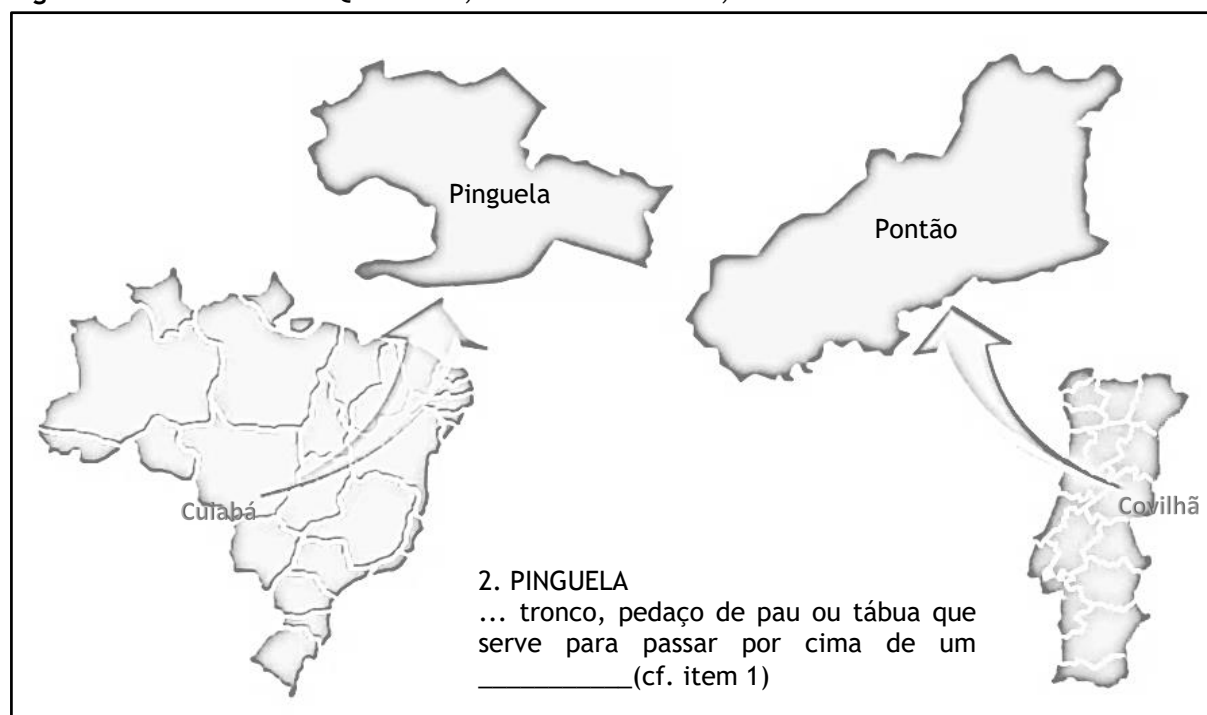
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Esta pesquisa também evidencia o emprego da lexia *ribeiro*, no Português Europeu, para designar “local onde se lava” em CarvalhoA 1970:599; “regato (‘corrente de água a que se dá o nome de ribeiro’)” em Netto 1949; “pequeno curso de água” em Pereira 1970:305, anexa ao Campo Semântico Água. Quanto à variante *ribeira*, está documentada nas seguintes acepções: “rio pequeno” em CarvalhoA 1970:599; “qualquer curso de água” em Medeiros 1964:224, associada ao Campo Semântico Água; “campo húmido próprio para semear milho” em Netto 1949:139, anexa ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação; “campo que fica junto dos ribeiros e consequentemente são húmidos” em OliveiraR 1948:130, vinculada ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais.

Apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, a lexia *canal* integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “cada uma das peças do tear que se fixam no pentem” em Buescu 1961:349; “rectângulo de madeira de castanho, onde se encaixa o pente no tear” em Sousa 1955:276, anexa ao Campo Semântico Fiação e Tecido; “intervalo entre duas telhas” em Cruz 1991:342; “passagem estreita que conduz as águas para o rodete, nos moinhos de água...” em Gusmão 1935:57, vinculada ao Campo Semântico Construção; “o mesmo que canada (‘azinhaga; atalho entre muros de propriedades rurais ou sebes’)” em Gouveia 1951: 171, associada ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação. No Brasil, está documentada com a acepção de “corredor de água pequeno que liga um igarapé ao outro” em CostaO 2012, anexa ao Campo Semântico Água.

Para o conceito de *pinguela*, proposto pelo QSL, houve semelhança no ponto linguístico Cuiabá em 70% dos casos. Já na Covilhã, a variante de maior frequência registrada fora *pontão* (54%), conforme Tabela 1. No entanto, ainda foram registradas as lexias *ponte* (28%) e *tronco* (2%) na cidade brasileira e as lexias *ponte* (28%), *tronco* (10%), *passadiço* (6%) e *tábua* (2%), na cidade portuguesa. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas e apenas uma coincidente (*ponte*) para designar o mesmo referente. Como pode ser observado na Figura 9, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e, também, não indicam particularidades locais.

**Figura 9:** Carta Lexical da Questão 02, Informantes Nativos, 2012/2013.



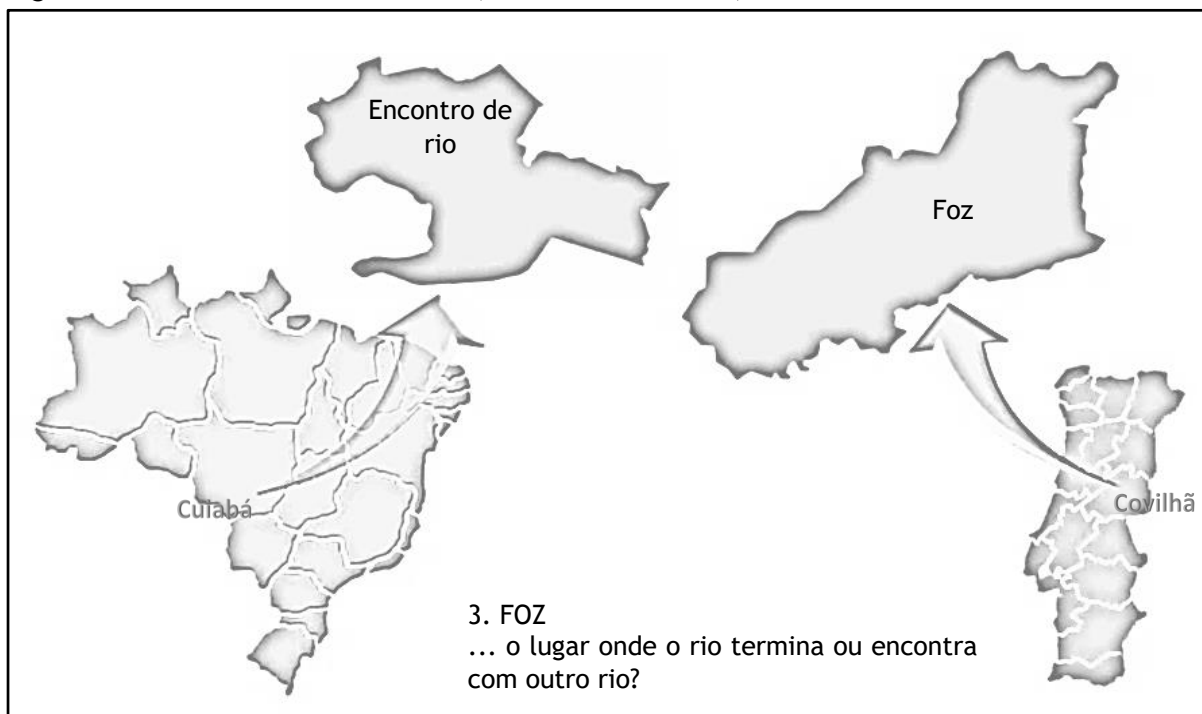
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

De acordo com a pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *pinguela* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, em Lino 2000:100, para designar “pequena ponte”, associada ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações. Esta pesquisa também confirma o emprego da lexia *pontão*, em Portugal, com as seguintes acepções: “pequena ponte”, em Carreiro 1948:266 e Gouveia 1951:195; “pequena ponte feita de tábuas (variante *pontã*)” em Baptista 1967:310; “cada uma das alpondras dum rio ou ribeira” em Gamas 1941:79; “grande lage que se coloca sobre um ribeiro para dar passagem” em Gouveia 1951:195, anexa ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações; “pedra no fundo do mar de altura superior às que a rodeiam” em Caldeira 1960:310, vinculada ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “cada uma das pequenas pontes ao longo da levada”, associada ao Campo Semântico Construção, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *pontão* remete para área semântica distinta.

A Carta Lexical da Questão 05 (Figura 12) registra o vocábulo *nascente* como a variante lexical de maior frequência empregada pelos cuiabanos e covilhanenses à noção de “local onde brota água

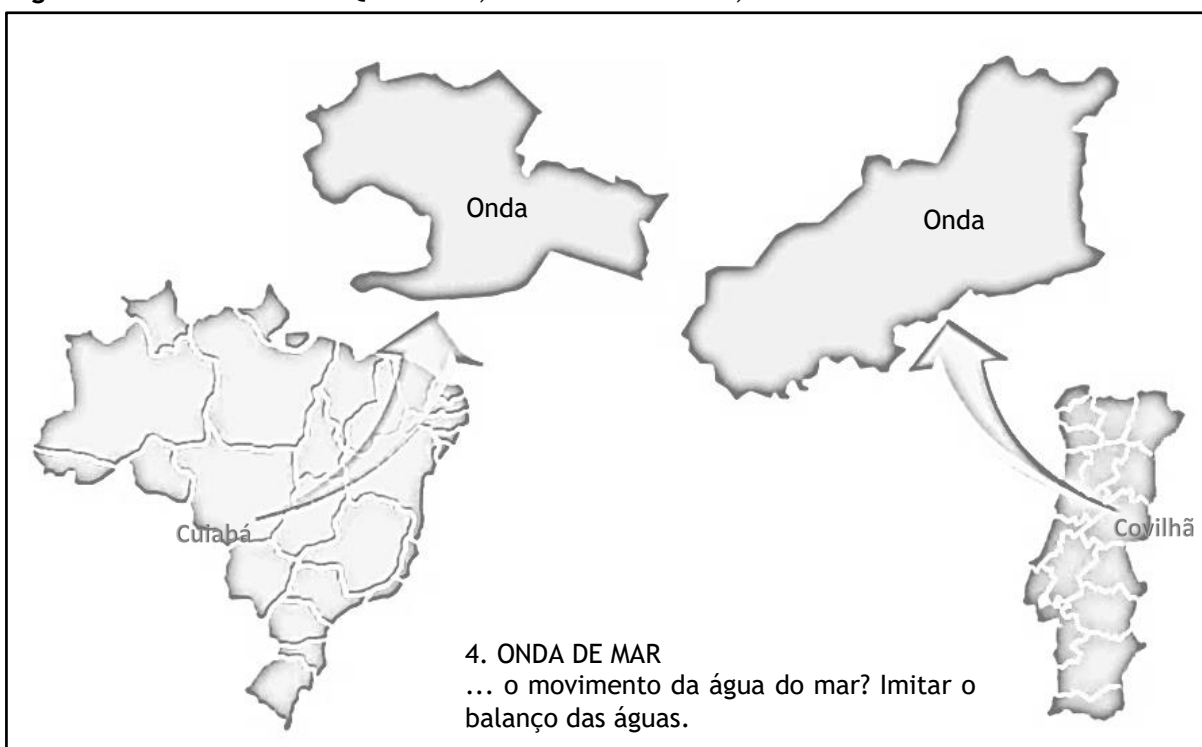
do solo”. A Tabela 1, que se refere ao Campo Semântico Acidentes Geográficos, apresenta à variante lexical *nascente* as frequências de 50% e 90% para Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Essa noção também se manifesta por meio das lexias: *mina/s* (36%), *fonte* (6%), *minadouro* (6%) e *cacimba* (2%) em Cuiabá; *fonte* (6%) e *mina* (4%) na Covilhã, conforme Figura 7.

**Figura 10:** Carta Lexical da Questão 03, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 11:** Carta Lexical da Questão 04, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *minadouro* é um regionalismo do Brasil, cujo significado remete à “nascente de riacho ou ribeirão, ou olho-d’água dentro de grotas (‘cavidade’)”. De forma análoga, o vocábulo *cacimba* também se configura como um regionalismo, porém, do Sul do Brasil e denomina “olho-d’água, fonte de água potável; vertente”; provém da língua quimbundo *kixima* ‘poço’. Fato que evidencia a influência das línguas africanas trazidas pelos escravos na formação sociocultural do povo cuiabano.

**Figura 12:** Carta Lexical da Questão 05, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o item lexical *fonte* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:33) para designar “olho d’água [5: água que sai do chão]”, associado ao Campo Semântico Água. O ALPB:33 também registra as variantes *vertente*, *água da natureza*, *água de nascente*, *vertensa*, *cachoeira*, *mineração d’água*, *correnteza d’água*, *bomba d’água*, *oitada*, *minador*, *caçimba*, *veia d’água*, *olheiro*, *fonte d’água*, *olho d’água*, *água minada*, *minação* e *mina*. Destas variantes, quatro são concernentes ao *corpus* em análise. Em Portugal, este termo linguístico também é empregado nas seguintes acepções: “lugar onde se vai buscar água para beber e onde se lava a roupa” em Capão 1957:282; “local onde nasce a água” em MaiaB 1965:141, associado ao Campo Semântico Rego e Fontes; “Travessa de esmalte. Do espanhol *fuelle*, prato grande, comprido ou circular, para servir carnes” em Fonseca 1945:65; “saladeira” em Teixeira 1947:124, anexo ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica; “Nascente de água potável, a pequena profundidade nos terrenos mais ou menos planos e brotando em cascata, ou jorro quando nas encostas abruptas. A água é empregada para abeberar o gado e para usos domésticos” em Mendonça 1962:257, integrado ao Campo Semântico Água; “ao orifício das tetas chamam fonte” em Pires 1966:113, anexado ao Campo Semântico Gado Vacum.

Quanto à variante *mina*, está registrada no Português Europeu, para designar “cavidade que fazem geralmente nas encostas para extraírem água” em Moura 1960:192; “cavidade artificial na terra, para extracção de água” em Pereira 1970:318, associada ao Campo Semântico Rego e Fontes. No Brasil, a lexia *mina* está documentada no ALPB:33 para denominar “olho d’água”. Também é indicada para nomear o “lugar onde a argila é extraída” em CostaO 2012, anexa ao Campo Semântico Pedreiras. A variante léxica *cacimba* é indicada no Português Brasileiro para designar: “barreiro [10: água que não corre, empoçada e que os animais bebem]”, no ALPB:38; “espécie de poço raso, feito com escavação na beira do rio, a fim de que a água se acumule” e “olho d’água” em Assis 1985:78, associada ao Campo Semântico Água. No Português Europeu designa “chuva miúda” em Paulino 1959:251 e Pereira 1970:306, anexa ao Campo Semântico Meteorologia, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

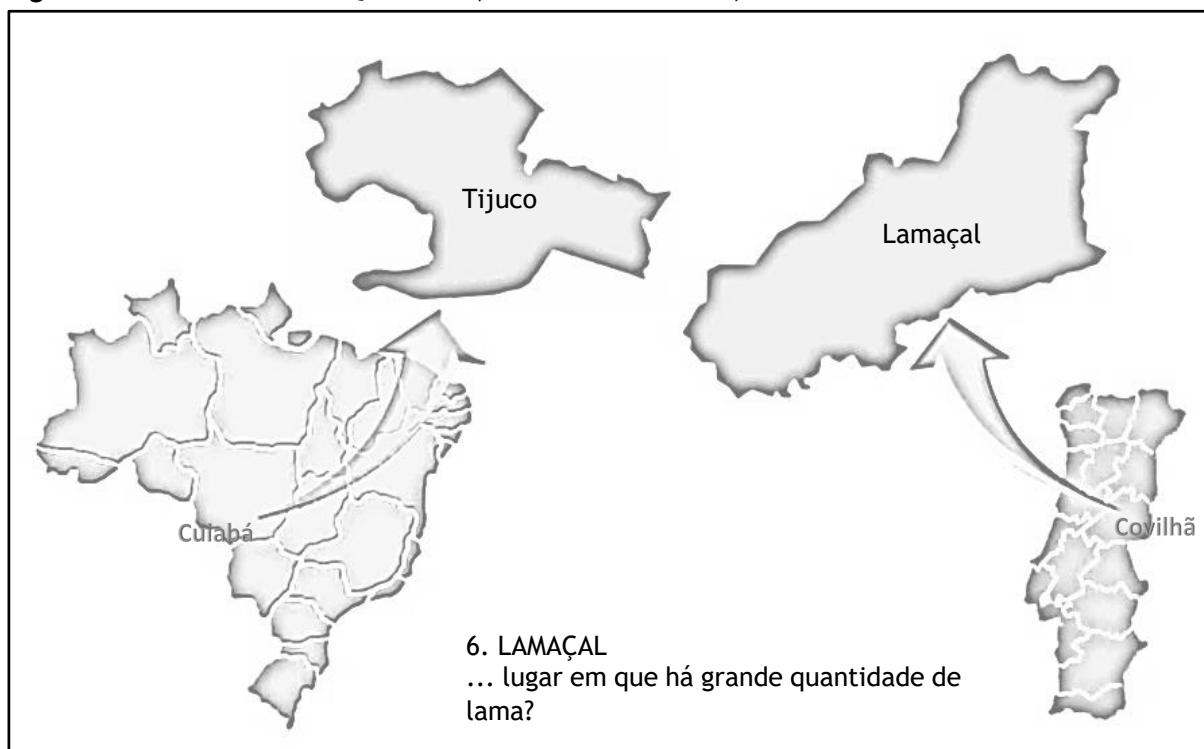
Para a significação de “lugar em que há grande quantidade de lama”, o QSL propõe a lexia *lamaçal*, registrada no ponto linguístico Cuiabá com a percentagem de 44% (Tabela 1). Já na Covilhã, esse percentual eleva-se para 80% dos registros. Para o mesmo conceito, como observado na Figura 7, registraram-se as variantes *lameiro* (8%), *lamaceiro* (8%) e *pântano* (4%) para a cidade portuguesa; *tijuco* (28%), *brejo* (20%), *lameiro* (4%) e *atoleiro* (4%) para a cidade brasileira. Para o conceito de *lamaçal*, não houve distinção entre a variante lexical de maior frequência entre os informantes nativos do ponto linguístico Covilhã.

No ponto linguístico Cuiabá, registrou-se a variante lexical *tijuco* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”, como exposto na Figura 13. De acordo com Houaiss e Villar (2010), o vocábulo *tijuco* é um regionalismo do Brasil e designa “lugar de solo mole, pantanoso; atoleiro, charco, pântano, lameiro”. Segundo Antônio Geraldo da Cunha, registrado em Houaiss e Villar (2010), a lexia *tijuco* provém do “tupi *tu’yuca* ‘lameiro, charco’”, fato que comprova o emprego de termos provenientes das línguas indígenas para compor o vocabulário cuiabano. Inclusive, foram registrados relatos junto a informantes nativos de que um dos bairros de Cuiabá se desenvolveu em uma área de tijuco e por isso teria recebido o nome de Tijucal. Conclui-se, portanto, que o vocábulo *tijuco* é mais representativo do falar cuiabano, no entanto, está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, em Assis 1985:105, com a acepção de “atoleiro, pântano, lama de barro”, associado ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

Esta pesquisa indica que a lexia *lameiro* é empregada no Português Europeu para designar, por exemplo: “campo para erva” em Amorim 1971:261; “lama” em MaiaB 1965:152; “lamaçal” em Pereira 1970:304, anexa ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais; “campo que dá forragens e pasto” (Cf. L. Vasc., Op., (II, pág. 51)) em Teixeira 1947:128; “terra alagadiça onde se cria erva” em Braga 1971:252; “local onde os animais pastam”; “terra muito produtiva, onde se dão bem os legumes” em CarvalhoA 1970:555; “terra alagadiça que produz muito pasto” em Moura 1960:189; “grande extensão de terreno plano só de um dono” em SilvaG 1960:252, associada ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação. Quanto à lexia *atoleiro*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu com a acepção de “lamaçal”, por

meio da variante *atulêro*, em Cruz 1991:304, anexa ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais e, “parte do palheiro que serve de curral para o gado” em Monteiro 1950:125, associada ao Campo Semântico Gado. O *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:38) registra o item lexical *atoleiro* como designativo de “barreiro [10: água que não corre, empoçada e que os animais bebem]”. O termo linguístico *brejo* designa, no Português Europeu, “campo não cultivado” em MaiaB 1965:139 e, “terreno de silvado e urze” em Mendonça 1962:257, anexo ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação. No Brasil, está documentado com a acepção de “local de água rasa e vegetação abundante nas imediações de rios e lagoas” em Brandão 1988:211, associado ao Campo Semântico Água.

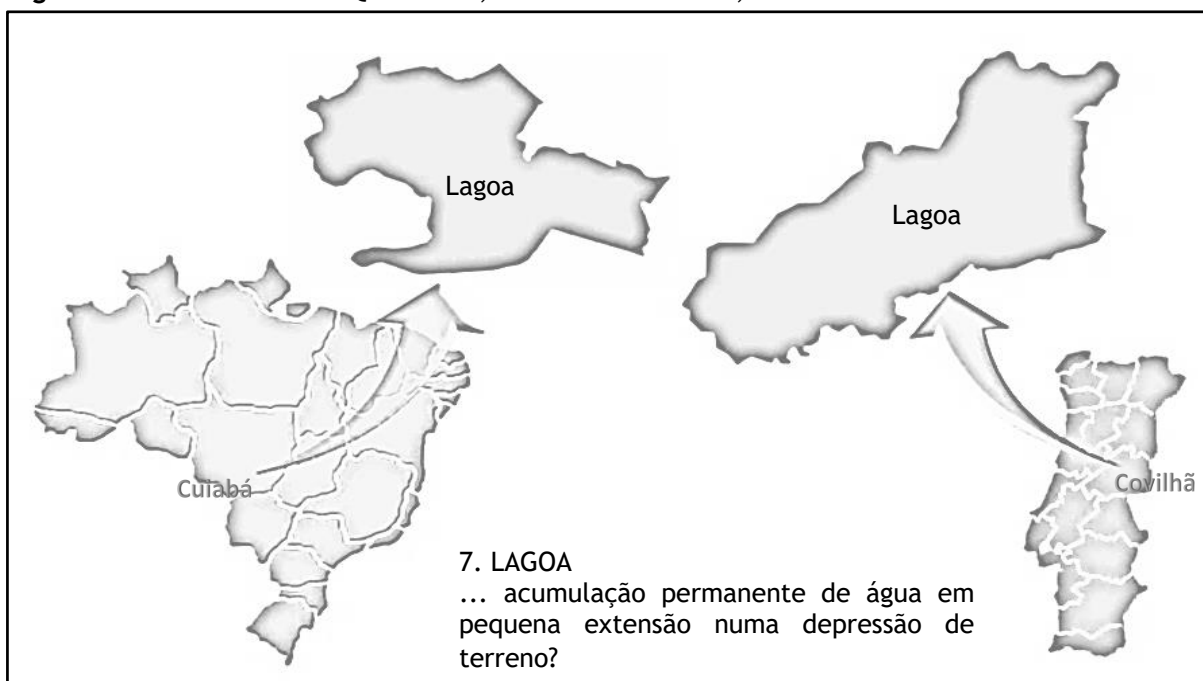
**Figura 13:** Carta Lexical da Questão 06, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Para o conceito de *lagoa*, proposto pelo QSL, não houveram diferenças no registro da variante de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, cuja lexia identificada fora *lagoa*, com o percentual de 30% e 58%, respectivamente. (Tabela 1; Figura 14). No ponto linguístico Cuiabá, a partir da Carta Lexical do Campo Semântico (Figura 7), pode-se constatar o registro de um expressivo número de significantes para o mesmo significado, tais como *poça d'água* (20%), *represa* (12%), *açude* (6%), *lago* (6%), *poço* (4%), *alagado* (4%), *charco* (4%) e *baía* (2%). Conforme Houaiss e Villar (2010), o item lexical *açude* é um regionalismo do Brasil e provém do “árabe *as-sudd* ‘obstáculo, obstrução, represa’”. A lexia *baía*, também regionalismo do Brasil, configura-se como um caso de derivação “por extensão de sentido”: “lagoa em comunicação com um rio através de um canal”. Enquanto que, para o ponto linguístico Covilhã obtiveram-se as lexias: *lago* (20%), *albufeira* (10%), *charco/a* (8%) e *barragem* (4%). Destas variantes, *lago* e *charco* são coincidentes nos dois *corpora*. Dentre os informantes cuiabanos, 12% afirmaram desconhecer o termo específico.

Figura 14: Carta Lexical da Questão 07, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:38) registra a lexia *lagoa* com a acepção de “barreiro [10: água que não corre, empoçada e que os animais bebem]”. Também há registro deste termo linguístico, no Brasil, para designar “corpo d’água represado geologicamente pelo mar e dele separado” em Brandão 1988:251, anexado ao Campo semântico Água, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Esta pesquisa também evidencia o emprego da lexia *lagoa* (variante *alagoa*) nas seguintes acepções: “terreno pantanoso” em Carrancho 1969:190; “pântano” em MaiaB 1965:147, integrada ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais; “pequeno lago ou charco” em Costa 1961:284; “lago de águas paradas provenientes das chuvas e sem saída; o mesmo que pego e charco” em Cruz 1991:304; “charco que serve de bebedoiro ao gado” em Dias 1982:425, associada ao Campo Semântico Água. Quanto à variante léxica *açude*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “construção de pedra para represar a água da levada, destinada à moagem” em Buescu 1961:347; “construção para represar a água” em Cruz 1991:348, anexa ao Campo Semântico Construção; “represa que se faz nas ribeiras para derivar a água para as regas ou azenhas” em Gouveia 1951:164, associada ao Campo Semântico Rego e Fontes.

A variante léxica *poço* designa, no Português Europeu, por exemplo: “parte do moinho por onde a água corre depois de bater no rodete” em Cruz 1991:349, anexada ao Campo Semântico Construção; “reservatório de água onde o gado vai beber”; local da ribeira para onde converge a água e onde o gado vai beber”; “local da ribeira para onde converge a água e as mulheres vão lavar roupa” em MaiaB 1965:147, associada ao Campo Semântico Rego e Fontes. No Português Brasileiro também é empregada para denominar “barreiro” (ALPB:38), inclusa no Campo Semântico Água. Quanto ao vocábulo *charco*, integra o léxico do Português Europeu, por meio da variante lexical *tcharco*, com as seguintes acepções: “pântano” em Moura 1960:202, anexo ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e

Minerais; “lago de águas provenientes das chuvas e sem saídas” em Pereira 1970:305, incluso no Campo Semântico Água; “pequena poça” em Pereira 1970:319, associado ao Campo Semântico Rego e Fontes. Também está documentado em Cruz 1991:305, com o mesmo significado de “alagoa”, mencionado no parágrafo anterior. Com relação à *charca*, designa “água estagnada” em Buescu 1961:319, anexa ao Campo Semântico Água.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante *barragem*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Cuiabá, integra o léxico do Português Brasileiro para designar “construção para represamento de águas” em Brandão 1988:206, associada ao Campo Semântico *Rego e Fontes*. Quanto à lexia *albufeira*, está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Europeu, nas seguintes acepções: “água negra das azeitonas” em Carreiro 1948:116 (variante *abufeira*), anexa ao Campo Semântico Azeite; “açude” em Baptista 1967:309 (variante *almufêra*), associada ao Campo Semântico Rego e Fontes.

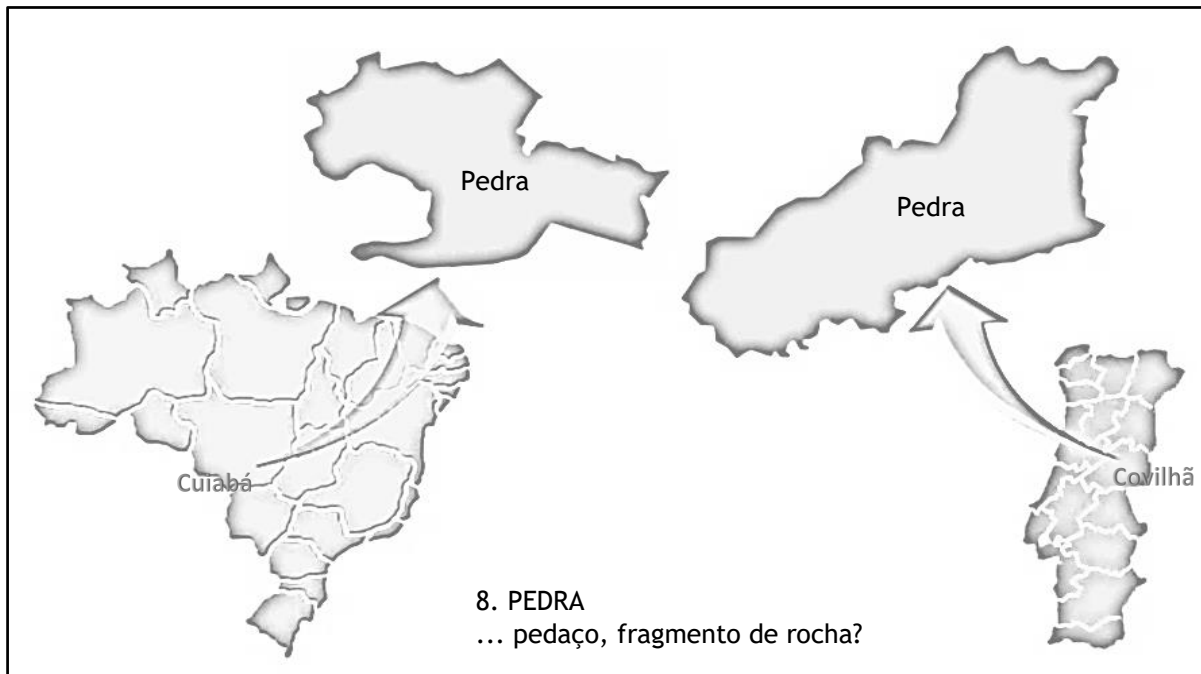
As semelhanças mantiveram-se para a variante lexical *pedra*, proposta pelo QSL, com a frequência de 80% e 54% nos pontos linguísticos Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Verifica-se que, na Covilhã, também se empregam à noção de “pedaço, fragmento de rocha”, as seguintes lexias: *calhau* (26%), *rocha* (8%), *pedregulho* (6%), *barroco* (2%), *cascalho* (2%) e *rochedo* (2%). Enquanto que, em Cuiabá obteve-se as lexias *cascalho* (10%) e *pedregulho* (10%). (Tabela 1, Figuras 7 e Figura 15). Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *pedra* está documentada em trabalhos anteriores sobre o Português Brasileiro com as seguintes acepções: “formação rochosa existente no fundo do mar ou da lagoa” em Brandão 1988:268; “pedaço de mineral que prejudica a confecção da peça no torno” em CostaO 2012, anexa ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais; “pedaço de pedra ou de tijolo que substitui o chumbo utilizado na rede de pesca” em Brandão 1988:268, associada ao Campo Semântico Artes e Pesca.

No Português Europeu, a variante léxica *pedra* é indicada para designar: “mó do moinho” em SilvaM 1972:325; “galga” em Buescu 1961:348, anexa ao Campo Semântico Construção; “calhau” em Nunes 1965:12, integrada ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais; “chapa de ferro onde se cozem bolos e escapiadas” em Monteiro 1950:143, inclusa no Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica; “peso de oito arráteis (na venda do linho)” em Fernandes 1965:296; “antiga medida correspondente a 6,5 quilos, usada pelas tecedeiras para venderem o linho em rama” em Cruz 1991:360, associada ao Campo Semântico Medição e Medidas; “granizo” em Delgado 1970:328, anexada ao Campo Semântico Meteorologia; “mó do lagar de azeite para moer a azeitona” em Cruz 1991:35, vinculada ao Campo Semântico Azeite; “nome dado ao peso que se coloca sobre a extremidade do cavaleiro do burro” em CarvalhoA 1970:582, anexada ao Campo Semântico Rego e Fontes; “rocha” em Caldeira 1960:305, associada ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho. Quanto ao termo linguístico *calhau*, integra o léxico do Português Europeu com as seguintes acepções: “homem encarregado de chamar, de noite, a companhia do seu barco, para irem para o mar” em Caldeira 1960:296, anexado ao Campo Semântico Ofícios e Profissões; “praia pedregosa” em Macedo 1939:46; “a zona confinante com o mar, quer seja de enrocamento, de penedia ou de seixo rolado” em Mendonça 1962:257; “praia de calhaus” em Nunes 1965:138; “praia pedregosa formada por



pequenos calhaus rolados” em Rezende 1961:278, associado ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “pedra solta” em Salgueiro 1945:63, integrado ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais.

**Figura 15:** Carta Lexical da Questão 08, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

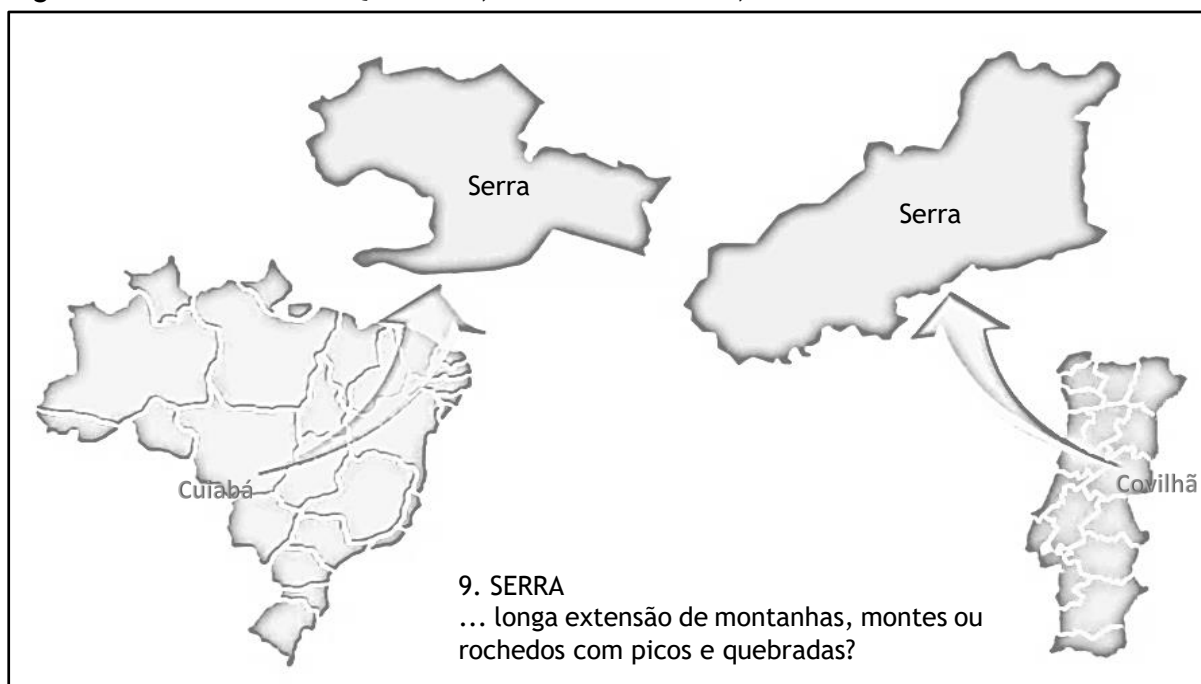
O item lexical *barroco* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Europeu para designar, por exemplo, “rocha, penedo” em Braga 1971:266; “penedo insulado e de forma irregular” em Buescu 1961:319; “penedo” em Fernandes 1965:234, anexo ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “rocha” em Fernandes 1965:234, associado ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais. Quanto ao vocábulo *rochedo* designa “rocha alta, à beira do mar” em Caldeira 1960:305, anexo ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho.

Da observação da Tabela 1, relativa ao Campo Semântico Acidentes Geográficos, pode-se inferir que, a variante lexical *serra*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 40% dos informantes cuiabanos e 80% dos informantes covilhanenses. A carta lexical do referido campo semântico também registra as lexias: *morro/s* (36%), *montanha/s* (12%), *cordilheira* (8%) e *monte* (4%) em Cuiabá. Sendo que, os vocábulos *cordilheira* (16%) e *montanha* (4%) também são empregados na Covilhã para o mesmo referente. (Figura 7). Da mesma forma que no caso anterior, não foram registradas particularidades entre os informantes nativos, visto que a variante de maior frequência permanece a mesma, como pode ser observado na Figura 16.

O termo linguístico *morro*, segundo Houaiss e Villar (2010), designa o “m.q. favela” (‘conjunto de habitações populares’) e configura-se como regionalismo do Brasil, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *morro* remete para área semântica distinta. Em Portugal, este vocábulo é empregado para denominar “monte pequeno, formado ou coberto de fragas” em CarvalhoS 1974:533; “cabeço” em Salgueiro 1945:90, associado ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho

e, “pedra grande”, anexado ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Esta pesquisa evidencia o emprego da variante lexical *serra*, nas seguintes acepções: “conjunto de montes” em Carrancho 1969:191; “montanha; monte” em Baptista 1967:311, anexa ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “variedade de peixe que se assemelha ao bonito” em BaptistaF 1970:669, integrada ao Campo Semântico Animais Bravios (denominações); “monte de sargaço, na costa” em BaptistaF 1970:669, associada ao Campo Semântico Plantas (denominações); “instrumento feito com três peças de madeira, uma lâmina com dentes ligada a estas e uma corda fina, que, torcendo por meio de um paizito, vai esticando a folha e prepara-a para cortar” em Capão 1957:318, inclusa no Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria Agrícola; “monte de palha” em Cruz 1991:321, “designação dada ao monte que formam, na eira, com o trigo acabado de debulhar” em Mendonça 1962:285, associada ao Campo Semântico Cereais e erva. No Brasil, também é indicada para designar o “nome do vento que sopra da direção da serra para a lagoa: vento da serra” em Brandão 1988:290, anexa ao Campo Semântico Meteorologia.

**Figura 16:** Carta Lexical da Questão 09, Informantes Nativos, 2012/2013.



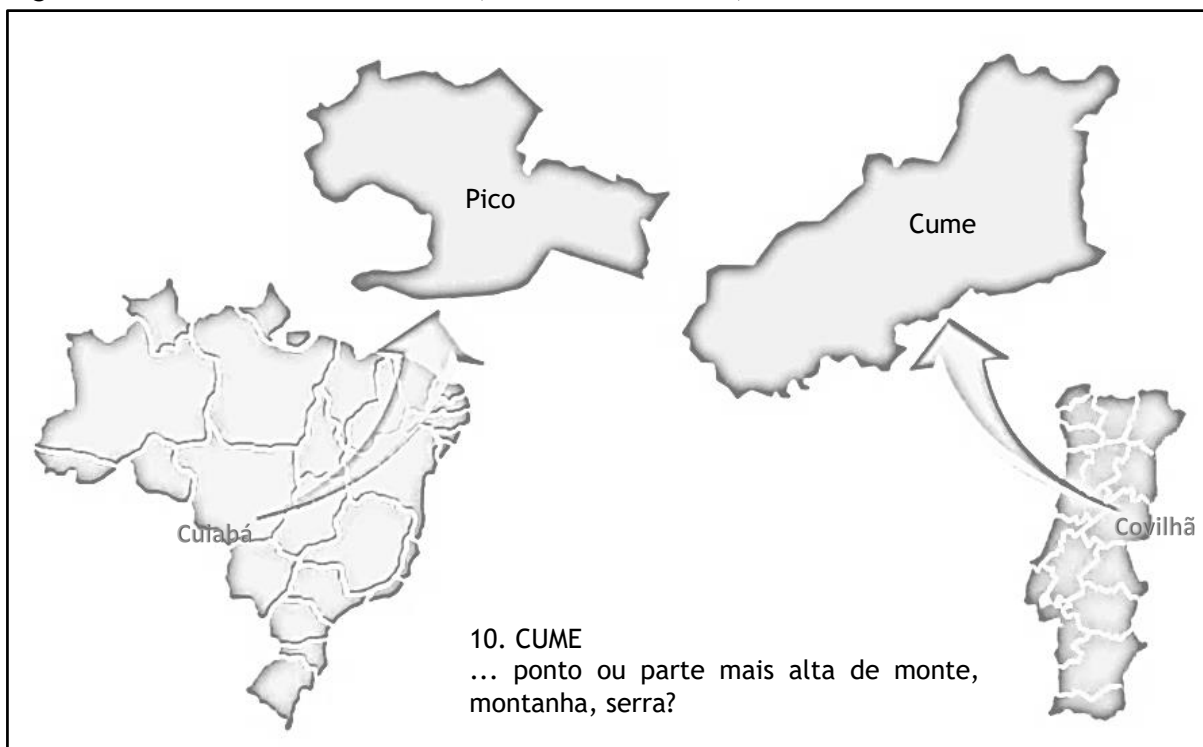
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *monte* é indicada no Português Europeu para designar, por exemplo: “conjunto das pedras, e de tudo o que as cerca, na atafona de moer e no moinho de vento” em BaptistaF 1970:638; “casal de herdade” {regionalismo próprio do Alentejo} em Paulino 1959:277, integrada ao Campo Semântico Construção; “quinhão ou parte dos ganhos da pesca” em Alves 1993:222, associada ao Campo Semântico Comércio e Emigração; “lugarinho com limitado número de casas” em Cruz 1991:305; “conjunto de casas, situadas geralmente no cimo de uma colina e que fazem parte das grandes herdades” em Delgado 1970:323, anexa ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações; “quinta grande” em Martins 1954:439; “Campo. *Homem do monte* =

*Homem do campo; aldeão*” em Dias 1982:468; “terreno inculto, onde cresce o mato”; “mato”; “o mesmo que baldio (‘terreno inculto’)” em Sousa 1955:308, anexada ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação. No Português Brasileiro também é registrada para designar “Qualquer amontoado de coisa em forma de monte ({Aurélio})”. Ex.: “A gente pega direto do monte de café no terreirão com balaio” em Castro 2000:103, associada ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação.

As respostas à questão 10 do QSL relativas ao “ponto mais alto de montanha, monte, serra” registradas no ponto linguístico Covilhã foram: *cume* (48%), variante lexical de maior frequência, *pico* (42%), *cimo* (6%), *topo* (2%) e *picoto* (2%). Em Cuiabá registram-se as lexias *pico* em 80% dos casos, *cume* (14%), *topo* (4%) e *clímax* (2%). Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 17). O termo linguístico *cume* integra o léxico do Português Europeu para designar, por exemplo: “espigão dos telhados, ou seja: trave horizontal culminante que remata as suas águas” em Buescu 1961:341; “cumieira do telhado” em Maia 1965:156, associado ao Campo Semântico Construção, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Quanto ao vocábulo *picoto* é indicado para denominar “pedra aguçada, quer à beira-mar, quer no fundo” em Alves 1993:226 e “o ponto mais alto de um cabeço” em Carvalho 1974:552, anexado ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho.

**Figura 17:** Carta Lexical da Questão 10, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Para a noção de “escavação no solo causada por erosão das águas”, no ponto linguístico Cuiabá, empregam-se as variantes lexicais: *erosão* (28%), *voçoroca* (18%), *vala* (18%), *valeta* (10%), *buraco* (10%), *barranco* (8%) e *grot* (2%), todas distintas ao conceito proposto pelo QSL. Conforme

pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o termo linguístico *barranco* está documentado no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:36) como designativo de “margem [8: terra que fica de um lado e do outro do rio]”, associado ao Campo Semântico Água. Também há registro deste termo linguístico, no Brasil, para designar “margens do rio, descobertas na vazante”, anexo ao Campo Semântico Água; “escavação natural ou artificial”, associado ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “ilha flutuante de capim” em Assis 1985:75, integrado ao Campo Semântico Plantas (denominações). Quanto à lexia *buraco*, também é registrada no Português Brasileiro para designar “vala pequena resultante da extração da argila” em CostaO 2012, anexa ao Campo Semântico Água e, “... picador, o local onde se deixa o barro de molho para curtir” em FonsecaS 1996:103, associada ao Campo Semântico Telheiras e Olaria.

O item lexical *barranco*, apesar de não ter sido registrado no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “Pequeno curso de água proveniente das chuvas e que corre numa parte baixa em direcção às ribeiras; se for pouco profundo chama-se um regato. Leite de Vasconcelos diz que no Alentejo e no Algarve, o sentido normal de <<escavação feita normalmente por chuvas, por enxurradas>>, desenvolveu-se na acepção de <<rio que se forma no inverno e seca, ou pode secar no verão>> (Filologia Barranquenha, p.4)” em Cruz 1991:304, anexo ao Campo Semântico Água; “cova feita pelas enxurradas e pelos ribeiros” em Delgado 1970:309; “pedaço de parede de câmara que caiu” em Gouveia 1951:169; “precipício” em Lourdes 1946:4, associado ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “valado” em Silva 1944:36, integrado ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação.

Para o ponto linguístico Covilhã, a lexia de maior frequência *barroca/o* (44%), corresponde à variante proposta pelo QSL. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que *barroca* é um regionalismo do Brasil e designa “escavação formada por erosão das águas; cova, barranco”, etimologia que radica no empréstimo do português *barroco* ‘barroca, terreno irregular’. No entanto, essa lexia não fora registrada no ponto linguístico Cuiabá. O Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora também registra o vocábulo *barroco* como regionalismo: “escavação natural resultante da erosão causada por chuvas; barroca”; termo linguístico originário do português *barroco* “pérola de forma irregular”. Ainda, foram identificadas as variantes *ravina* (18%), *derrocada* (12%), *fenda/s* (10%), *vala* (6%), *cratera* (4%), *fossa* (2%), *gruta* (2%) e *regueira* (2%) para o conceito anteriormente mencionado, no ponto linguístico Covilhã. Considerando ambos os pontos linguísticos, foram registradas 16 variantes lexicais distintas e apenas uma coincidente (*vala*), como pode ser observado na Figura 7. Dentre os inquiridos cuiabanos, 6% alegaram desconhecer o termo específico.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante *barroca* está documentada em trabalhos anteriores sobre o Português Europeu para designar: “curso de água que se pode atravessar saltando” em Buescu 1961:319, anexa ao Campo Semântico Água; “escavação natural” em Pereira 1970:304, associada ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “fornilha (‘cova onde se faz o carvão’)” em Pereira 1970:380, integrada ao Campo Semântico Madeira e Borracha. Quanto à variante léxica *vala* é indicada para designar “escavação bastante longa para receber as águas e conduzi-las aos sítios que necessitam rega” em

Delgado 1970:310, associada ao Campo Semântico Rego e Fontes; “o mesmo que levada” em Martins 1954:455, anexada ao Campo Semântico Construção. No Português Brasileiro designa “pequena depressão do fundo do mar ou da lagoa”, anexa ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho e “pequeno riacho de águas lânticas, natural ou artificial” em Brandão 1988:303, integrada ao Campo Semântico Água. O termo linguístico *regueira* é empregado no Português Europeu com as seguintes acepções: “grande rego” em Buescu 1961:320; “vala semelhante, em largura, à levada” em Martins 1954:447, associado ao Campo Semântico Rego e fontes; “rego: pequena vala por onde corre a água das regas” em Buescu 1961:324, anexo ao Campo Semântico Trabalhos Agrícolas; “rodeira (‘marcas deixadas pelas rodas do carro de bois’)” em Amorim 1971:283, integrado ao Campo Semântico Carro.

**Figura 18:** Carta Lexical da Questão 11, Informantes Nativos, 2012/2013.



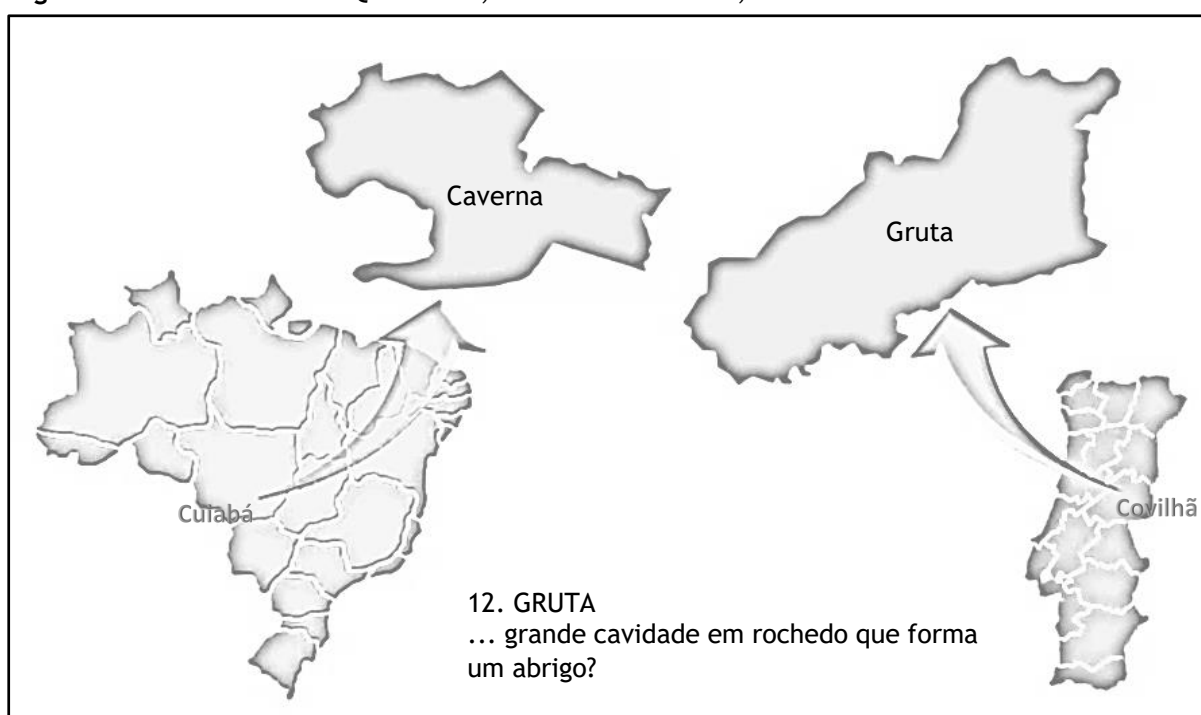
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

De acordo com pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *grota*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “terreno que fica a um nível inferior, junto de montes, por onde corre água quando chove” em BaptistaF 1970:617; “leito normalmente estreito, que recebe, por ocasião de chuvas abundantes, as águas dos terrenos sobrejacentes, conduzindo-as ao mar ou a alguma ribeira” em Mendonça 1962:257, associada ao Campo Semântico Água; “passagem entre as montantes provenientes das enxurradas” em Dias 1982:458; “Vale profundo talhado no terreno pelas águas”. Francisco Evaristo Leoni no *Génio da Língua Portuguesa* diz a respeito desta, que se trata de “...um vocábulo popularíssimo nas ilhas dos Açores, onde designa uma escavação feita pelas águas no terreno, menos larga e funda que o valle, e com as paredes quase perpendiculares. - Este vocábulo desconhecido em nosso Continente, deve ser aproveitado como termo técnico-geológico de que carecemos, em vez de “ravina” que não é português. C.F. registra como Açor. e

Bras.” em Medeiros 1964:168, anexa ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “leito de antiga ribeira” (açoreano) em MaiaB 1965:147 {Recolhido no Vocabulário Regional Terceirense do Tenente Coronel Frederico Lopes}, anexa ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais.

Para finalizar o Campo Semântico Acidentes Geográficos, a variante *gruta*, proposta pelo QSL, para o sentido de “grande cavidade em rochedo que forma um abrigo”, fora registrada como a de maior frequência no ponto linguístico Covilhã, com o percentual de 72%. A variante lexical *caverna* registra o mesmo percentual no ponto linguístico Cuiabá. Não houve distinção entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 19. Ainda, foram registradas as variantes *gruta* (28%) em Cuiabá; *caverna* (20%) e *lapa* (8%) na Covilhã.

**Figura 19:** Carta Lexical da Questão 12, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A variante léxica *caverna* designa, no Português Brasileiro, “cada uma das peças curvas, de madeira, que se fixam transversalmente à quilha e servem para dar formato arredondado ao casco dos botes e das lanchas” em Brandão 1988:222, anexada ao Campo Semântico Embarcações, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Em Portugal é empregada para denominar: “cavidade na rocha” em Caldeira 1960:304, anexa ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “travessa no interior do bojo do barco, que pode ser coberta pelos paneiros e que constitui parte do esqueleto da embarcação” em Caldeira 1960:316; “cada uma das peças que assentam sobre a quilha do barco para lhe formarem o arcaboço” em Netto 1949:112, associada ao Campo Semântico Embarcações. Quanto ao vocábulo *lapa*, está documentado no Português Europeu com as seguintes acepções: “gruta” em Buescu 1961:320, incluído no Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho; “grande pedra, deitada sob a qual os pastores se abrigam da chuva” em Gouveia 1951:189; “pedra grande que forma um abrigo” em Pereira 1970:304, associado ao Campo Semântico Terrenos, Rochas e Minerais; “marisco provido de concha que se agarra aos

rochedos muito batidos pelo mar” em BaptistaF 1970:625, anexado ao Campo Semântico Animais Bravios (denominações).

### 3.2. CAMPO SEMÂNTICO FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

As questões numeradas de 13 a 31, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico II - Fenômenos Atmosféricos e compõem a Tabela 2 do *corpus* analisado. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. Devido ao expressivo número de variantes selecionadas para este campo semântico, foi necessária a elaboração de duas cartas lexicais (A e B) para que houvesse a possibilidade de registrar todas as variantes informadas.

Da observação da Tabela 2, verifica-se que as lexias simples *relâmpago* e *ontem*, relativas às questões 14 e 30, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado e coincidem com as variantes das questões propostas pelo QSL, inclusive, com o registro de 100% nos dois pontos linguísticos em estudo. As variantes lexicais *redemoinho* e *remoinho*, empregadas para designar “o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves”, foram registradas, com expressiva frequência, 98% e 92%, respectivamente, em Cuiabá e Covilhã, como pode ser observado na Tabela 2. No primeiro ponto linguístico, também fora encontrada a lexia *rebojo* (2%), considerada regionalismo do Brasil, cujo significado remete ao “movimento de rotação em espiral causado por queda de cachoeira; remoinho” e configura-se como “derivação por analogia”: “remoinho de vento, quando muda repentinamente de direção ao encontrar obstáculo” (HOUAISS e VILLAR 2010). Também, obteve-se no ponto linguístico Covilhã as lexias *ventania* (4%), *vendaval* (2%) e *barborinho* (2%). Esta variante encontra-se registrada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), sobre o lema *burburinho*, em Braga 1971:315, “s.m. borborinho”. No Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora registra-se o vocábulo *burburinho*, de origem onomatopeica, com o sentido de “popular redemoinho”.

A Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos A (Figura 20) registra as lexias *raio* (92%), *corisco* (6%) e *fuzilo* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *raio* (86%), *peste* (12%) e *faísca* (2%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 15. As lexias de maior frequência, visualizadas na Tabela 2, correspondentes ao conceito de *raio*, proposto pelo QSL, mantêm-se inclusive entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 23. A lexia *peste*, na acepção de “raio”, encontra-se registrada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Braga 1971:316 e CarvalhoA 1970:583.

Para designar “o barulho forte que se escuta logo depois de um raio”, no ponto linguístico Cuiabá, empregam-se as lexias *trovão* (94%) e *estrondo* (6%), enquanto que, no ponto linguístico

Covilhã, registram-se as variantes lexicais *trovão* (96%) e *trovoada* (4%), como pode ser observado na Tabela 2 e na carta lexical do campo semântico (Figura 20). As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* coincidem com o conceito proposto pelo QSL. Dentre os informantes nativos, manteve-se a mesma variante, vide Figura 24.

**Tabela 2:** Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
13	Redemoinho	02	Redemoinho	98%	04	Remoinho	92%
14	Relâmpago	01	Relâmpago	100%	01	Relâmpago	100%
15	Raio	03	Raio	92%	03	Raio	86%
16	Trovão	02	Trovão	94%	02	Trovão	96%
17	Tempestade	04	Tempestade	48%	07	Tempestade	40%
18	Chuva de pedra	03	Granizo	70%	03	Granizo	82%
19	Arco-íris	02	Arco-íris	98%	02	Arco-íris	96%
20	Garoa	03	Garoa	76%	06	Chuvisco (s)	46%
21	Úmida	03	Úmida	94%	02	Húmida	92%
22	Orvalho	02	Orvalho	52%	04	Orvalho	44%
23	Geadas	03	Geadas	78%	02	Geadas	98%
24	Nevoeiro	04	Neblina	62%	02	Nevoeiro	94%
25	Amanhecer	07	Amanhecer	50%	06	Amanhecer	74%
26	Anoitecer	05	Anoitecer	56%	03	Anoitecer	94%
27	Estrela-d'alva	04	Estrela-d'alva	72%	09	Estrela da manhã	30%
28	Estrela cadente	03	Estrela cadente	78%	04	Estrela cadente	92%
29	Via Láctea	04	Via Láctea	16%	04	Via Láctea	36%
30	Ontem	01	Ontem	100%	01	Ontem	100%
31	Anteontem	02	Antes de ontem	56%	02	Anteontem	80%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013



**Figura 20:** Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos A, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Em todos os casos supracitados, para este campo semântico, as variantes lexicais de maior frequência registradas entre os informantes nativos corroboram com os conceitos, de igual forma mais frequentes entre todos os informantes, como pode ser observado nas Figuras 21, 22, 23 e 24. No entanto, no que se refere ao conceito proposto pelo QSL *tempestade*, dentre os informantes nativos, a variante de maior frequência no ponto linguístico Covilhã fora *trovoada*, distinguindo-se da variante de maior frequência que, inclusive, coincide com a proposta do QSL em 40% dos casos, no referido local. Já em Cuiabá, este percentual corresponde a 48%, bem como, é complementado pelas variantes *vendaval* (26%) *temporal* (16%), e *ventania* (10%). Na Covilhã, ainda foram registradas as seguintes designações para “chuva com vento forte que vem de repente”: *trovoada* (34%), *temporal* (8%), *vendaval* (6%), *saraivada d’água* (6%), *rajada* (4%) e *tornado* (2%), o que nos remete a uma coincidência em três casos, ao se considerar a variante de maior frequência.

O Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que *vendaval* é um “diacronismo antigo”, que significa “vento do sul” e/ou “vento forte e tempestuoso; ventania, temporal”. Os lexicógrafos, atribuem ao verbete *trovoada*, seis acepções, dentre as quais a primeira “sucessão de trovões” e, a segunda “tempestade acompanhada de trovões” aplicam-se, respectivamente, ao conceito de trovão e tempestade, propostos pelo Questionário Semântico Lexical.

**Figura 21:** Carta Lexical da Questão 13, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Tabela 2, relativa à área semântica Fenômenos Atmosféricos, registra *granizo* como a variante lexical de maior frequência empregada pelos cuiabanos e covilhanenses, a qual diverge do conceito *chuva de pedra* proposto pelo QSL e inscreve à variante lexical *granizo* as frequências de 70% e 82% para Cuiabá e Covilhã, respectivamente. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 20), também registra as lexias *chuva de pedra* (26%) e *chovendo gelo* (2%) em Cuiabá; *saraiva/ada* (14%) e *granizada* (4%) na Covilhã. Como pode ser observado na Figura 26, as variantes

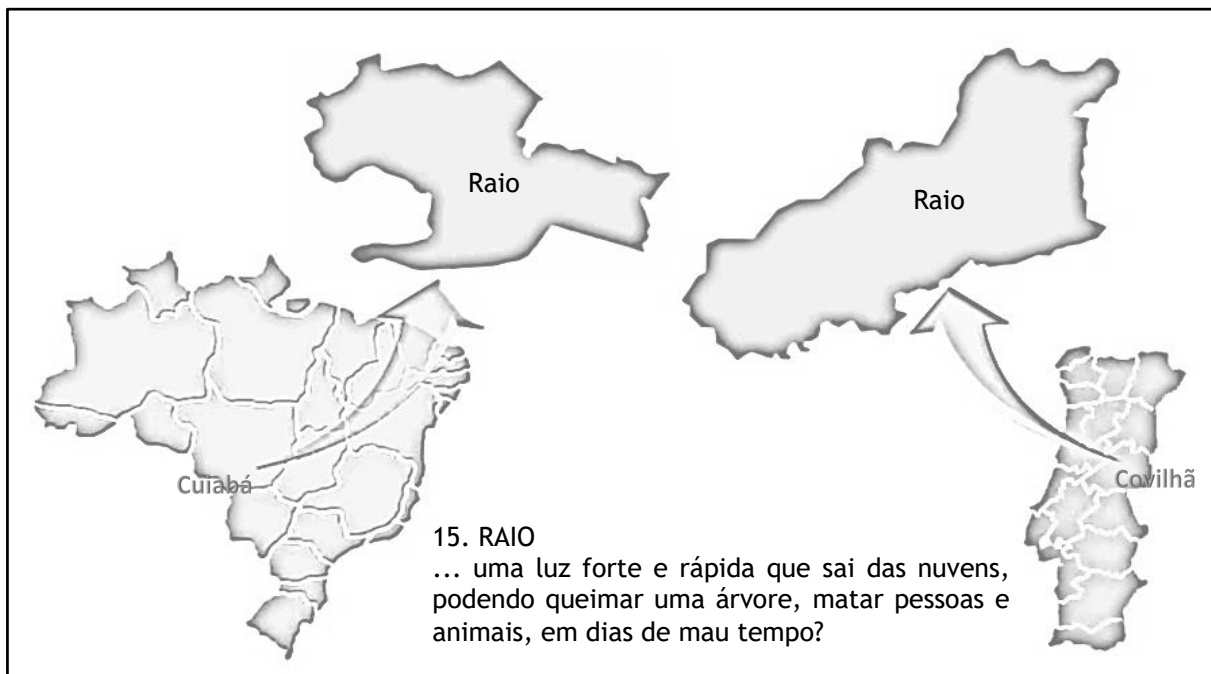
lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 22:** Carta Lexical da Questão 14, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 23:** Carta Lexical da Questão 15, Informantes Nativos, 2012/2013.

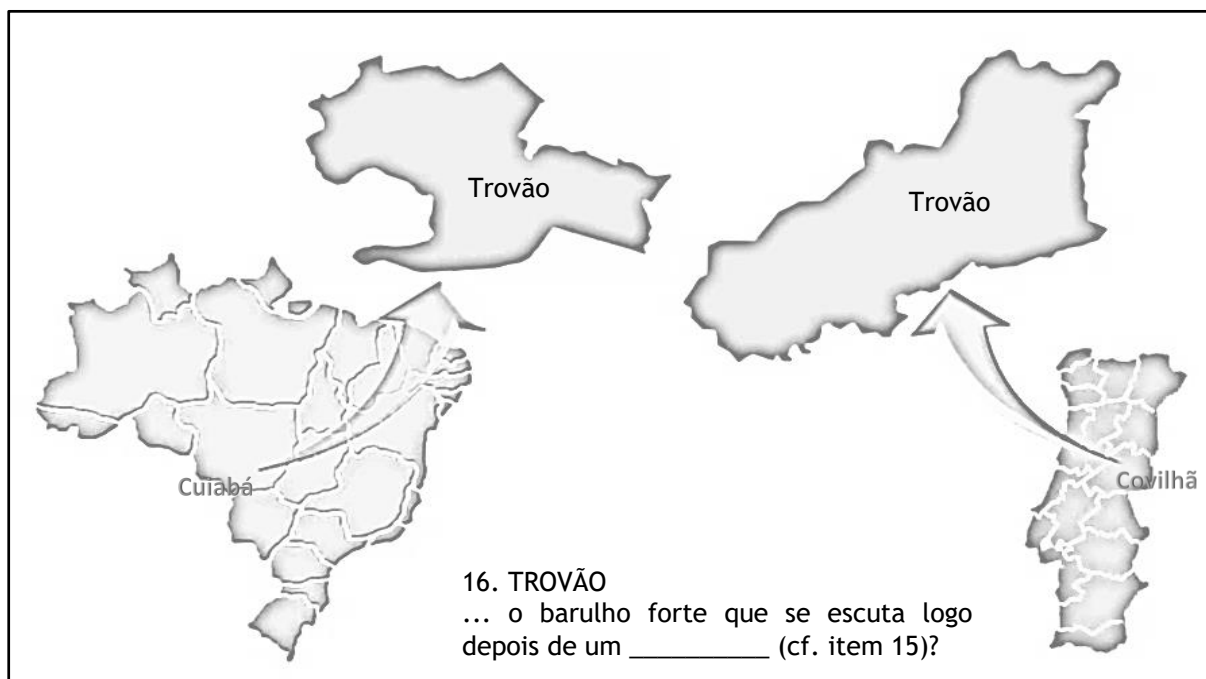


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos A (Figura 20) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “uma chuva bem fininha”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *garoa* (76%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *chuvisco* (12%) e *chuvisqueiro/a*

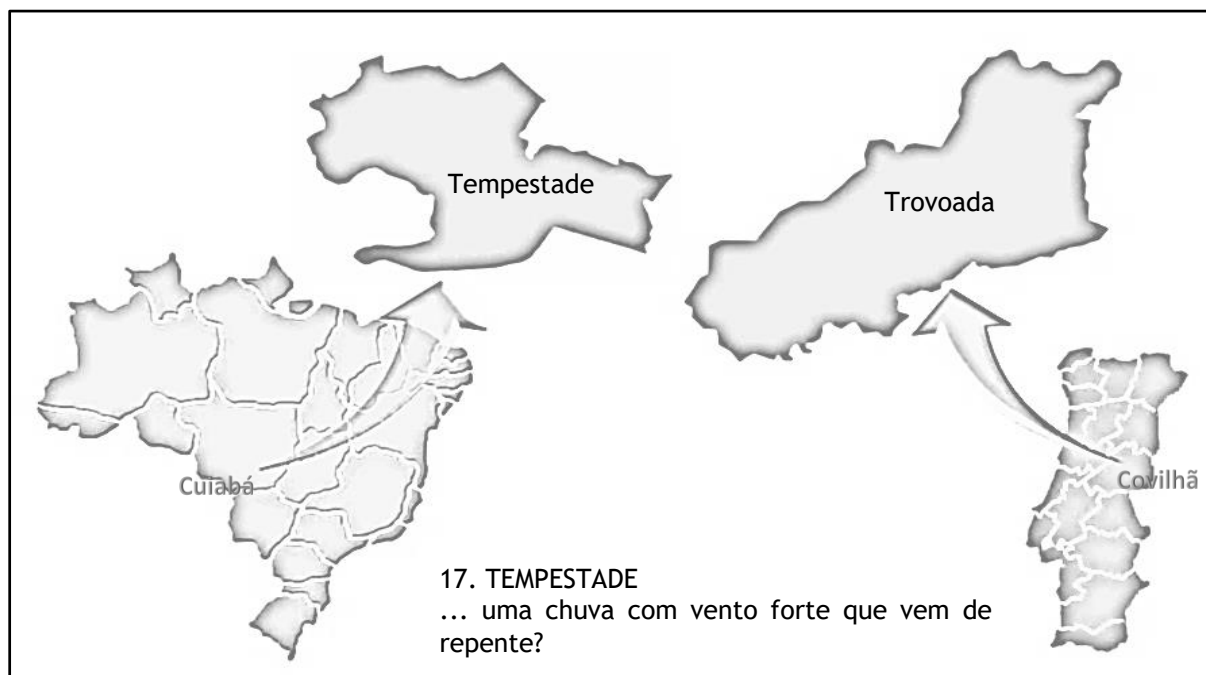
(12%). O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que *chuvisqueiro* é um regionalismo do Sul do Brasil e do Centro-Oeste do Brasil, região onde insere-se Cuiabá e designa “chuva fina; chuvisco”. No ponto linguístico Covilhã, obteve-se as seguintes designações: *chuvisco/s* (46%), variante lexical de maior frequência, *chuva molha parvos* (44%), *cacimba* (4%), *moinha* (2%), *neblina* (2%) e *molinho* (2%). Houaiss e Villar (2010) registram a lexia *moinha* e, na 3ª acepção, remetem ao verbete *molhe-molhe*, que significa “chuva miúda e persistente; moinha, molinha, molinho”.

**Figura 24:** Carta Lexical da Questão 16, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

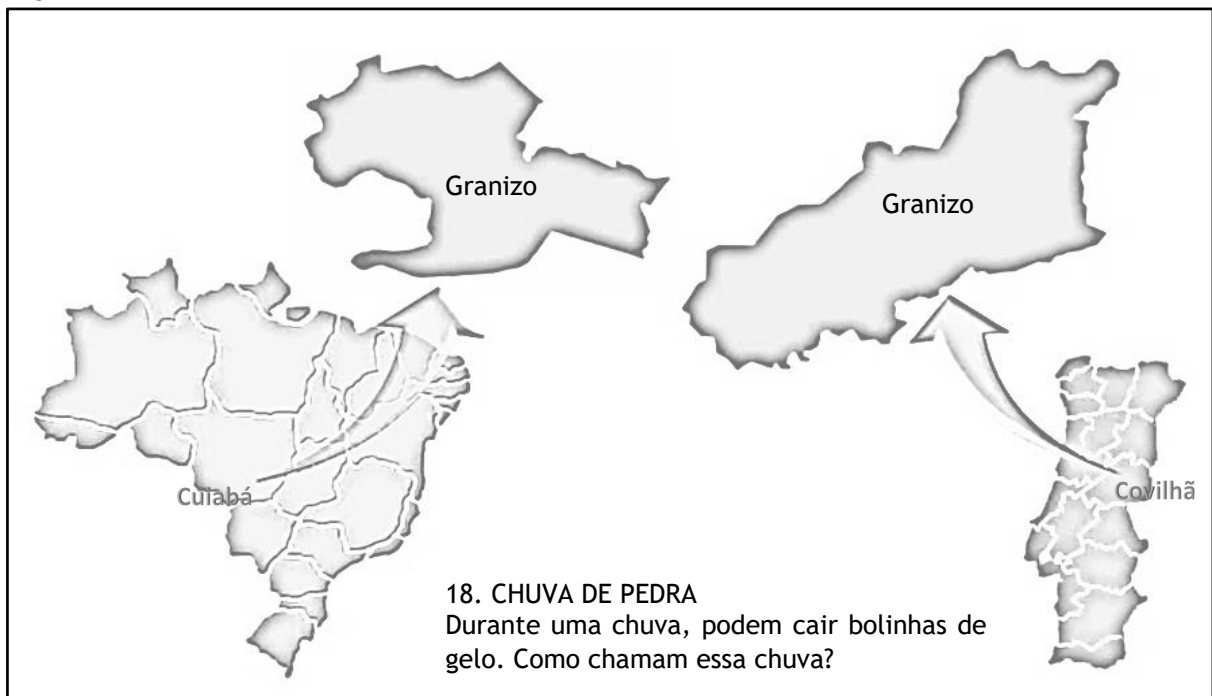
**Figura 25:** Carta Lexical da Questão 17, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A lexia *moinha*, na acepção de “chuva miudinha, muito leve”, encontra-se registrada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Dias 1982:468. Também há registros deste termo linguístico, para designar a “palha miúda que fica na eira depois da debulha dos cereais” em Cruz 1991:320, por meio da variante fonética *munha*, por exemplo, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *moinha* remete para área semântica distinta, no caso, cereais e erva. No ponto linguístico Cuiabá, registrou-se a variante lexical *garoa* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”, enquanto que entre os informantes nativos de Covilhã emprega-se a lexia *chuvisco/s*, como exposto na Figura 28.

**Figura 26:** Carta Lexical da Questão 18, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

As respostas à questão 19 do QSL relativas à “faixa com listras coloridas e curvas que aparece no céu depois de uma chuva” registradas no ponto linguístico Covilhã foram: *arco-íris* (96%), variante lexical de maior frequência e *arco-da-velha* (4%). Em Cuiabá também registra-se a lexia *arco-íris* em 98% dos casos, e *arco-da-aliança* (2%), conforme Tabela 2 e Figura 20. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 27).

Para a questão 21, no ponto linguístico Cuiabá, obteve-se as respostas *úmida* (94%), *apagou a poeira* (4%) e *sereno* (2%). No ponto linguístico Covilhã foram registradas a lexia *húmida* (92%), semelhante ao conceito proposto pelo QSL e a perífrase *nem sequer o pó apagou* (8%), conforme Tabela 2 e Figura 20. Convém ressaltar que as variantes lexicais *úmida/húmida*, evidenciam ortografia diferente, no entanto, são equivalentes e remetem ao mesmo contexto semântico. Dentre os informantes nativos manteve-se a mesma variante. Vide Figura 29.

Da observação da Tabela 2, relativa ao Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos, pode-se inferir que a variante lexical *orvalho*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 52% dos informantes cuiabanos e 44% dos informantes covilhanenses. A carta lexical do referido campo semântico também registra as lexias *sereno* (48%) em Cuiabá; *orvalhada* (30%), *maresia* (24%) e *cacimba* (2%) na Covilhã, para o mesmo referente. No ponto linguístico Cuiabá, registrou-se a variante lexical *sereno* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”, no entanto, mesmo sendo a lexia mais recorrente, não evidencia uma particularidade do falar cuiabano, visto que já fora registrada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:55). Entre os informantes nativos de Covilhã emprega-se a lexia *orvalho*, como exposto na Figura 30.

Cumprе salientar que a variante *cacimba*, também fora registrada para designar “o local onde brota água do solo”, no ponto linguístico Cuiabá, conforme Figura 7, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Acidentes Geográficos. Ainda, fora indicada como termo designativo de “garoa” e “orvalho”, no ponto linguístico Covilhã, como explicitado nos parágrafos anteriores. Destarte, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

**Figura 27:** Carta Lexical da Questão 19, Informantes Nativos, 2012/2013.

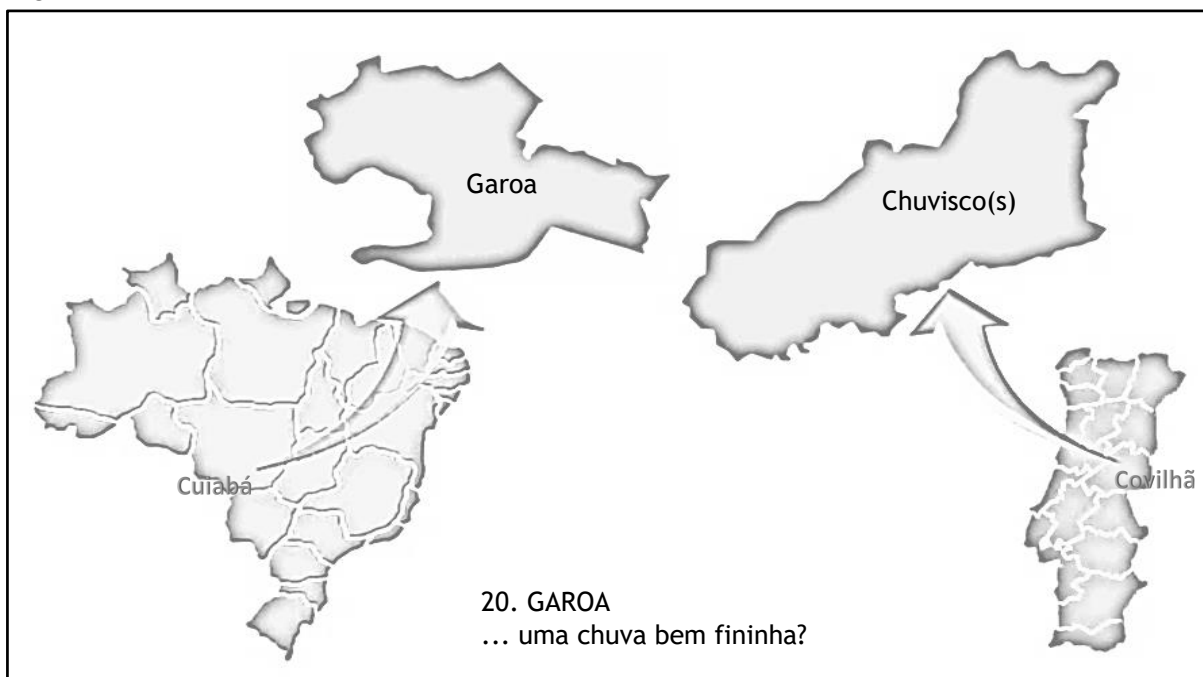


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Figura 31 dá sequência à exposição cartográfica dos dados referentes ao Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos. À questão 23 do Questionário Semântico Lexical relativa ao “orvalho congelado”, a resposta de maior frequência, nos dois pontos linguísticos fora *geada*, indicada com o percentual de 78% e 98% para Cuiabá e Covilhã, respectivamente, inclusive entre os informantes nativos e corresponde à variante lexical proposta pelo QSL, conforme Tabela 2 e Figura 32. No primeiro ponto linguístico, também, registraram-se as lexias *gelo* (12%) e *orvalho* (4%). Vale ressaltar

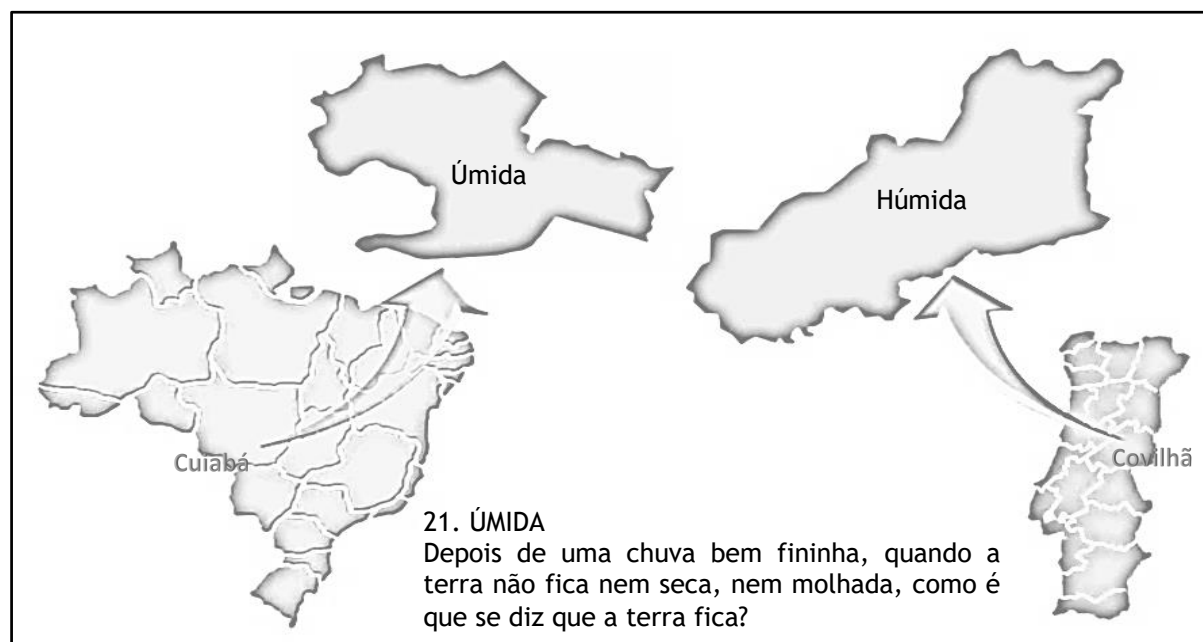
que 6% dos informantes não responderam a questão. No segundo fora selecionada a variante *gelo* (2%), coincidente nos dois *corpora*.

**Figura 28:** Carta Lexical da Questão 20, Informantes Nativos, 2012/2013.



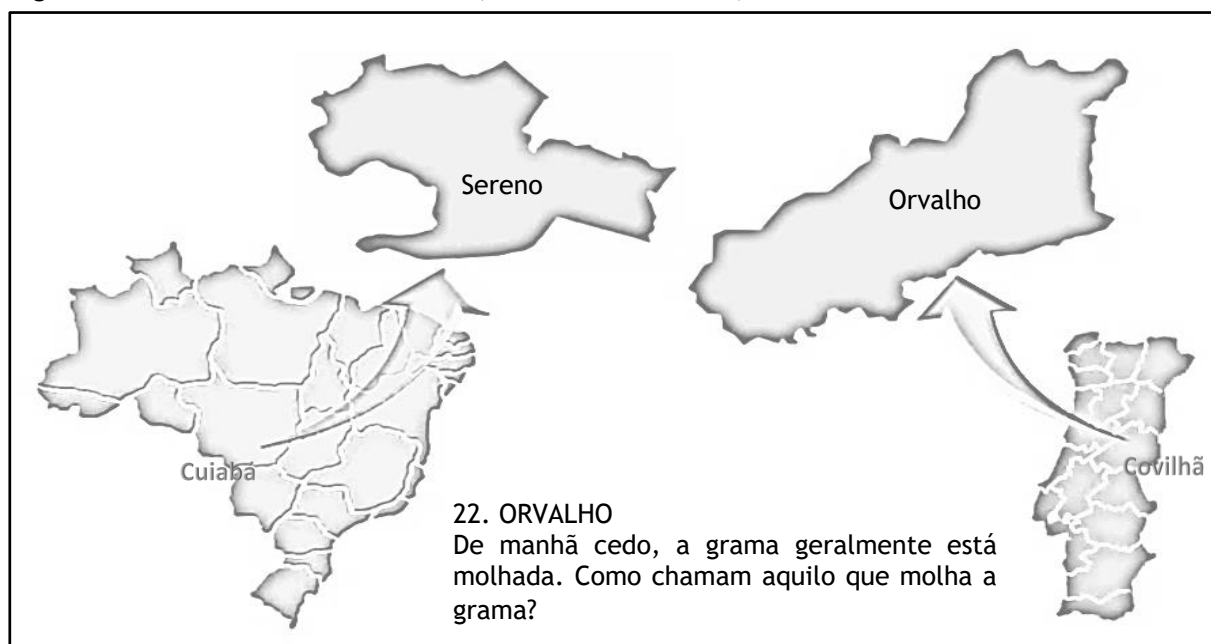
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 29:** Carta Lexical da Questão 21, Informantes Nativos, 2012/2013.

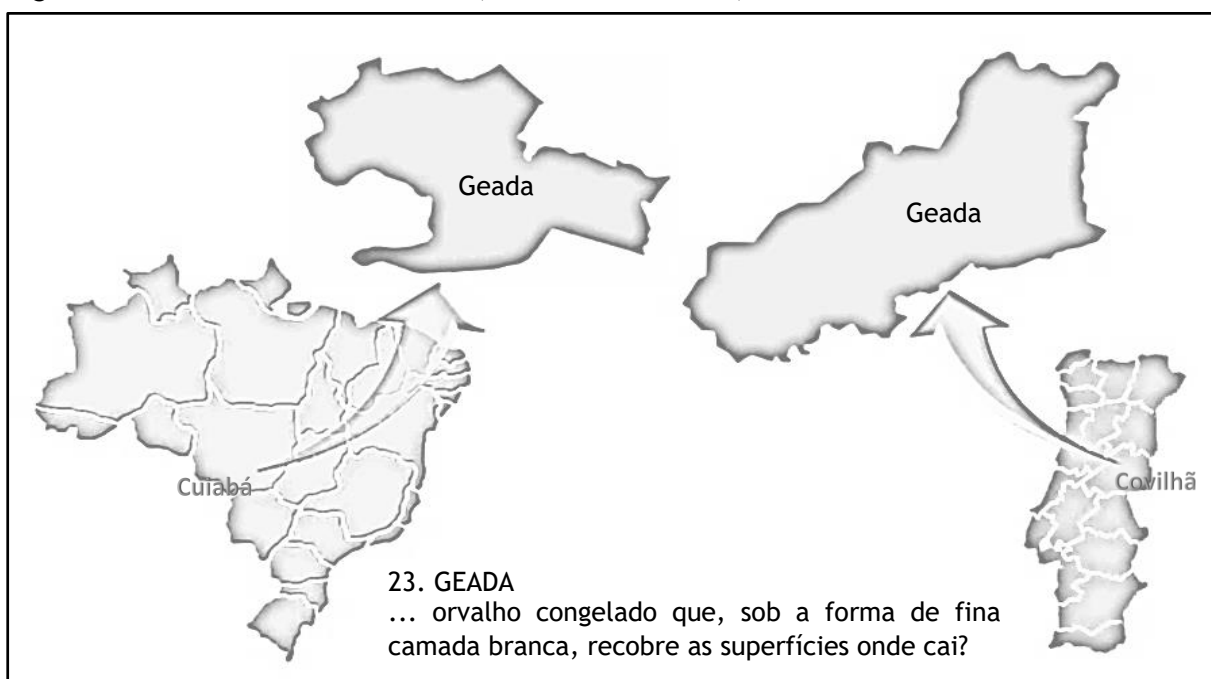


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos B (Figura 32) registra as lexias *neblina* (62%), *cerração* (20%), *nevoeiro* (16%) e *névoa* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *nevoeiro* (94%) e *neblina* (6%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 24. As lexias de maior frequência, visualizadas na Tabela 2, correspondentes ao conceito de *nevoeiro* proposto pelo QSL, mantêm-se, inclusive, entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 33.

**Figura 30:** Carta Lexical da Questão 22, Informantes Nativos, 2012/2013.

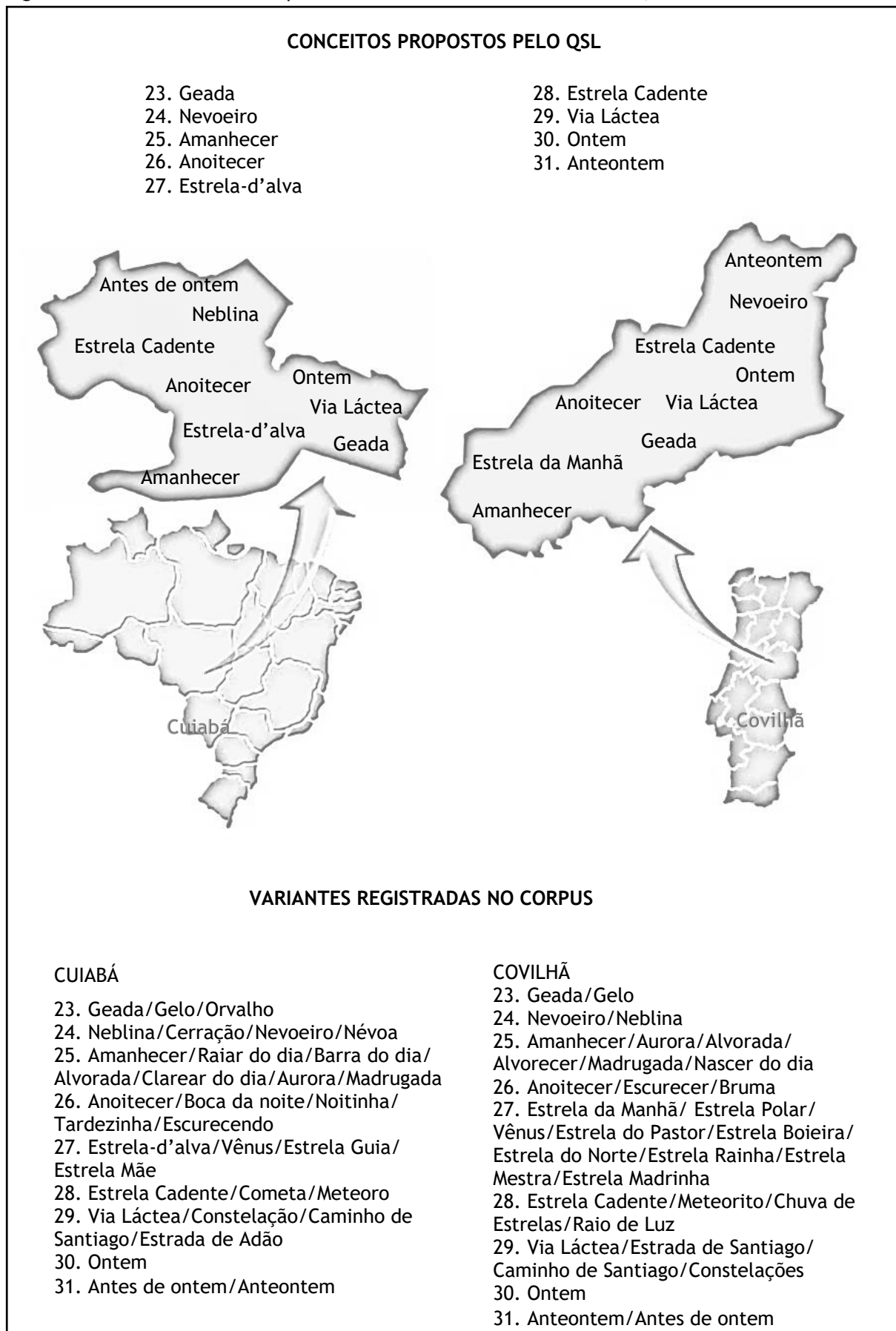
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 31:** Carta Lexical da Questão 23, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos B (Figura 32) indica as variantes léxicas que se empregam nos dois pontos linguísticos para designar “a parte do dia quando começa a clarear”: *amanhecer* (50%), *raiar do dia* (14%), *barra do dia* (12%), *alvorada* (12%), *clarear do dia* (8%), *aurora* (2%) e *madrugada* (2%) para Cuiabá; *amanhecer* (74%), *madrugada* (10%), *aurora* (8%), *alvorada* (4%), *alvorecer* (2%) e *nascer do dia* (2%) para Covilhã. Destas, quatro são coincidentes nos dois *corpora*. Constata-se, portanto, o registro de um expressivo número de significantes para o mesmo significado, ou seja, a riqueza sinonímica da Língua Portuguesa.



**Figura 32:** Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos B, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 33:** Carta Lexical da Questão 24, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A variante da questão proposta pelo QSL, *amanhecer*, fora considerada a lexia de maior frequência em ambos os pontos linguísticos, inclusive entre os informantes nativos, conforme Tabela 2 e Figura 34, alusiva à Carta Lexical da Questão 25.

**Figura 34:** Carta Lexical da Questão 25, Informantes Nativos, 2012/2013.



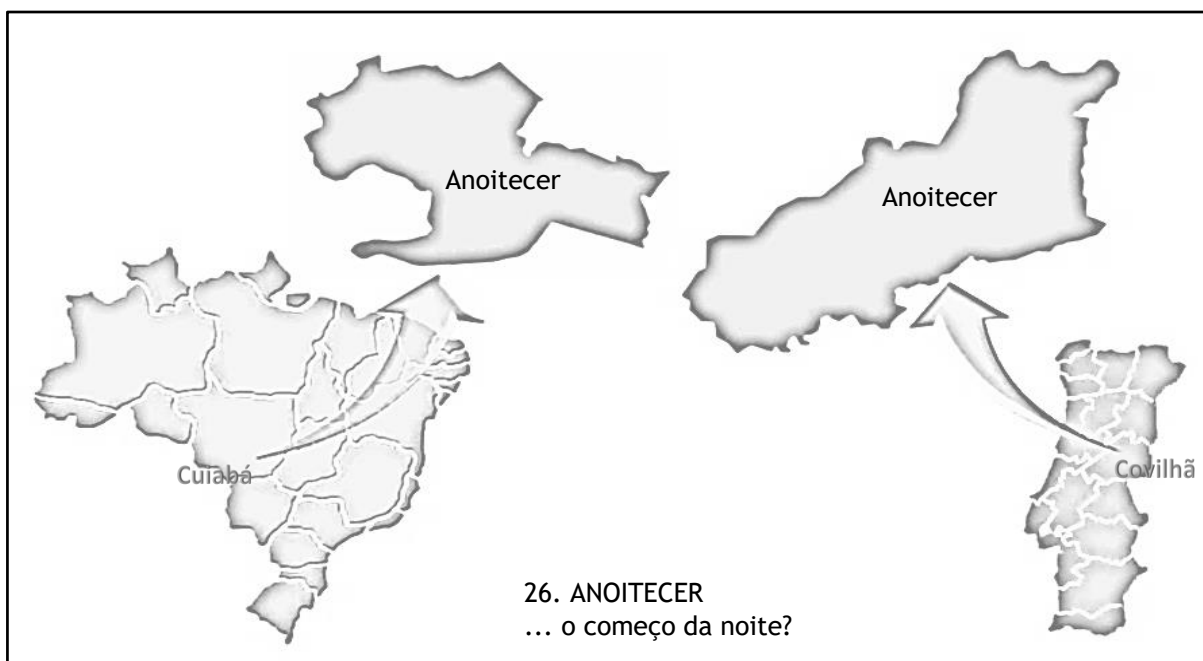
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Para designar “o começo da noite”, o QSL propõe a lexia *anoitecer*, registrada no ponto linguístico Cuiabá com a percentagem de 56%. Já na Covilhã, esse percentual eleva-se para 94% dos registros, conforme Tabela 2. A Figura 32, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos

Atmosféricos B, inscreve, além da variante de maior frequência anoitecer para ambos os pontos linguísticos, os vocábulos *boca da noite* (26%), *noitinha* (8%), *escurecendo* (4%), *tardezinha* (2%), para a cidade brasileira; *escurecer* (4%) e *bruma* (2%) para a cidade portuguesa. Como pode ser observado na Figura 35, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

No ponto linguístico Cuiabá, registrou-se a variante lexical *estrela-d'alva* (72%) como a de maior frequência entre os cuiabanos, enquanto que no ponto linguístico Covilhã, fora selecionado o item lexical *estrela da manhã* (30%), como exposto na Tabela 2. A carta lexical do campo semântico em análise, inscreve para o ponto linguístico Cuiabá, as lexias: *estrela guia* (4%), *estrela mãe* (2%) e *vênus* (2%). O baixo percentual da variante de maior frequência *estrela da manhã*, no ponto linguístico luso, pode estar relacionado ao registro de mais oito itens lexicais, que correspondem ao mesmo sentido preconizado à questão 27. São eles: *estrela polar* (28%), *vênus* (6%), *estrela do pastor* (6%), *estrela boieira* (2%), *estrela do Norte* (2%), *estrela rainha* (2%), *estrela mestra* (2%) e *estrela madrinha* (2%). Considerando ambos os pontos linguísticos, foram registradas 12 variantes lexicais distintas e apenas uma coincidente (*vênus*), como pode ser observado na Figura 32. Vale ressaltar que em ambos os pontos linguísticos 20% dos entrevistados não responderam a referida questão.

**Figura 35:** Carta Lexical da Questão 26, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A partir da Tabela 2, referente ao Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos, pode-se inferir que a variante lexical *estrela cadente*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 78% dos informantes cuiabanos e 92% dos informantes covilhanenses. A carta lexical do referido campo semântico também registra as lexias *cometa* (8%) e *meteoro* (8%) em Cuiabá; *meteorito* (2%), *chuva de estrelas* (2%) e *raio de luz* (2%) na Covilhã, para o mesmo referente. Como pode ser observado na Figura 37, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 36:** Carta Lexical da Questão 27, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

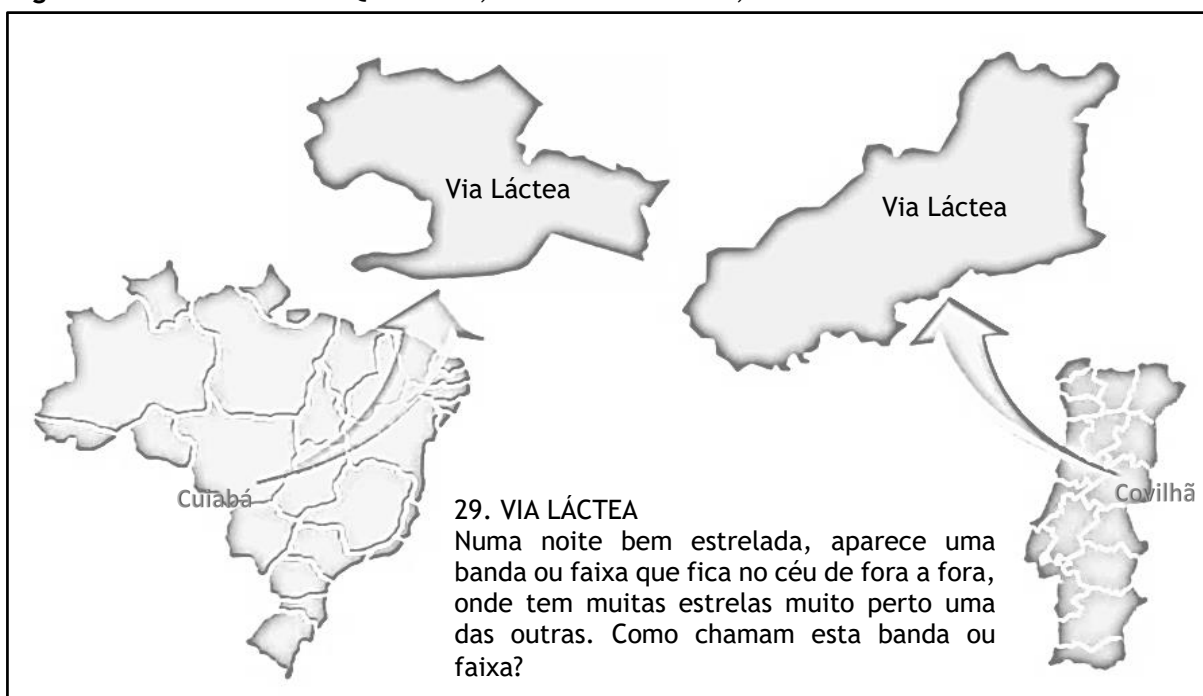
**Figura 37:** Carta Lexical da Questão 28, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A variante léxica *via láctea*, resposta à questão 29 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, com o percentual de 16% e 36%, respectivamente. (Tabela 2; Figura 38). Dentre os entrevistados cuiabanos, 70% desconhecem o fenômeno. Este percentual reduz-se a 22% na Covilhã. A Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos B também inscreve as designações *constelação* (8%), *caminho de Santiago* (4%) e *estrada de Adão* (2%), no ponto

linguístico Cuiabá; *estrada de Santiago* (28%), *caminho de Santiago* (8%) e *constelações* (6%) no ponto linguístico Covilhã, para designar o mesmo referente.

**Figura 38:** Carta Lexical da Questão 29, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 39:** Carta Lexical da Questão 30, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Tabela 2 e a Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos B assinalam os itens lexicais *antes de ontem* e *anteontem* para denominar “o dia que foi antes de ontem”, variantes coincidentes nos dois corpora, diferindo-se, apenas, quanto à lexia de maior frequência. No ponto

linguístico Cuiabá, a variante de maior frequência *antes de ontem* fora identificada com a percentagem de 56%, seguida de *anteontem* com 44%.

**Figura 40:** Carta Lexical da Questão 31, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Covilhã ocorre o inverso: a variante lexical de maior frequência fora *anteontem* com 80%, complementada por *antes de ontem* com 20%. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos, fato que não indica a existência de particularidades locais para este referente.

### 3.3. CAMPO SEMÂNTICO ATIVIDADES AGROPASTORIS

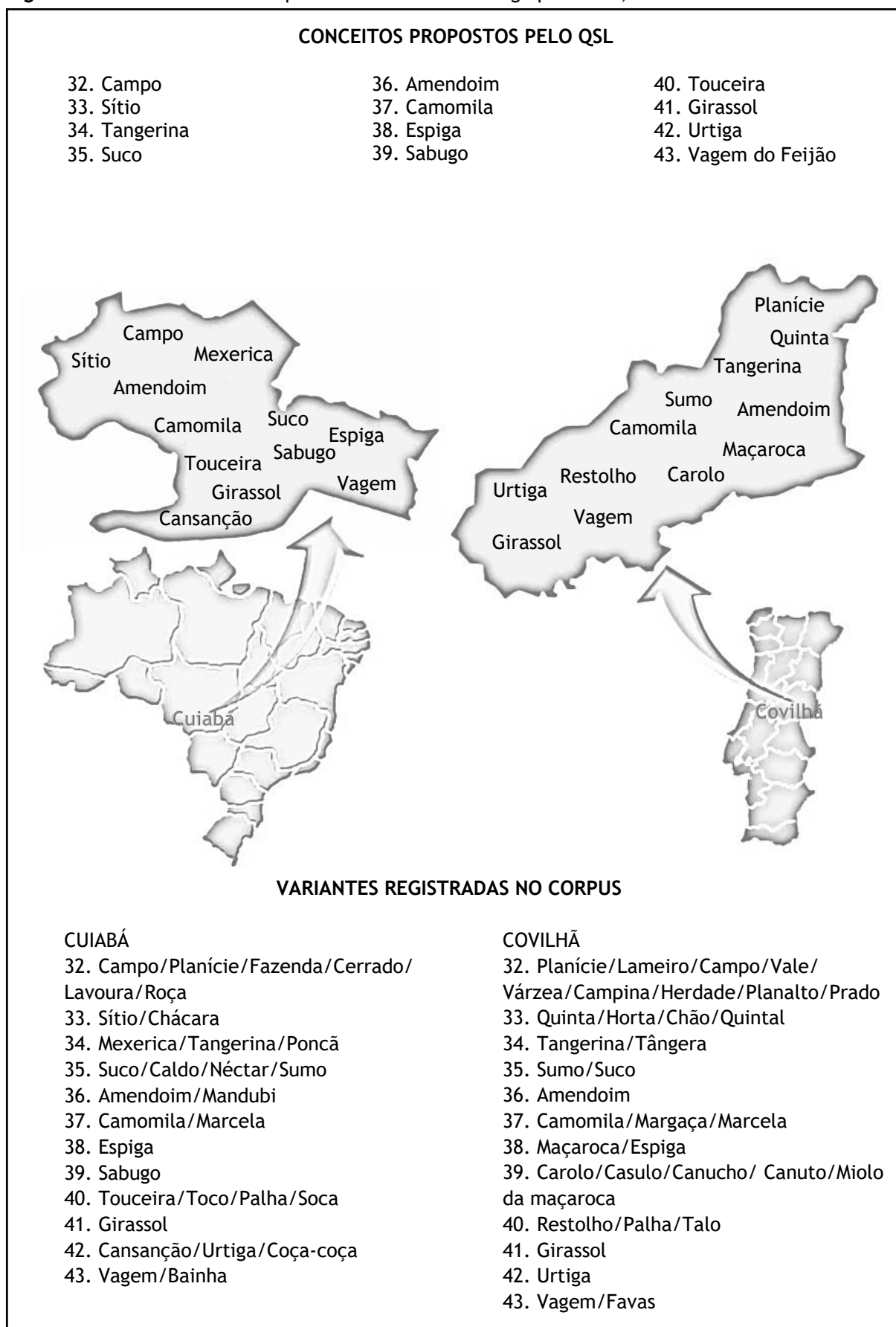
As questões numeradas de 32 a 55, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico III - Atividades Agropastoris e compõem a Tabela 3 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. Devido ao expressivo número de variantes, fez-se necessário elaborar duas cartas lexicais (A e B) para o referido campo semântico.

A partir da análise da Tabela 3, verifica-se que a lexia de maior frequência obtida no campo semântico supracitado, coincidente nos dois *corpora*, fora *girassol*, a qual corresponde à variante da questão proposta pelo QSL e inscreve-se com o percentual de 100%, para ambos os pontos linguísticos. Em Cuiabá registra-se a lexia *espiga*, referente à questão 38, com o percentual de 100%. Da mesma forma, no ponto linguístico Covilhã, as lexias simples *amendoim*, *urtiga* e *leitão*, relativas às questões 36, 42 e 53, respectivamente, também são apresentadas com o percentual de 100% e coincidem com as variantes lexicais propostas pelo QSL.

Tabela 3: Campo Semântico Atividades Agropastoris, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
32	Campo	06	Campo	30%	09	Planície	46%
33	Sítio	02	Sítio	66%	04	Quinta	82%
34	Tangerina	03	Mexerica	42%	02	Tangerina	46%
35	Suco	04	Suco	74%	02	Sumo	88%
36	Amendoim	02	Amendoim	96%	01	Amendoim	100%
37	Camomila	02	Camomila	92%	03	Camomila	78%
38	Espiga	01	Espiga	100%	02	Maçaroca	80%
39	Sabugo	01	Sabugo	96%	05	Carolo	36%
40	Touceira	04	Touceira	32%	03	Restolho	84%
41	Girassol	01	Girassol	100%	01	Girassol	100%
42	Urtiga	03	Cansanção	52%	01	Urtiga (s)	100%
43	Vagem do feijão	02	Vagem	90%	02	Vagem	98%
44	Carrinho de mão	02	Carrinho de mão	70%	02	Carro(inho) de mão	98%
45	Cangalha	02	Forquilha	74%	00	ø	0%
46	Canga	02	Canga	58%	01	Canga	76%
47	Rastelo	02	Rastelo	88%	04	Ancinho (s)	92%
48	Celeiro	05	Celeiro	32%	06	Celeiro	62%
49	Curral	04	Curral	94%	05	Bardo	44%
50	Pocilga	03	Chiqueiro	92%	04	Curral	70%
51	Chicote	04	Chicote	58%	03	Chicote	96%
52	Borrego	05	Cordeiro/inho	22%	04	Borrego	90%
53	Leitão	02	Leitão	92%	01	Leitão	100%
54	Trabalhador Roça Alheia	03	Diarista	50%	07	Jornaleiro	56%
55	Trilha(o)	04	Trieiro	52%	06	Vereda	50%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 41:** Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris A, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.



Na Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris A (Figura 41) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “um terreno plano e extenso destinado à agricultura ou às pastagens”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de seis itens lexicais: *campo* (30%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *planície* (22%), *fazenda* (16%), *cerrado* (14%), *lavoura* (12%) e *roça* (6%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes designações: *planície* (46%), variante lexical de maior frequência, *lameiro* (24%), *campo* (12%), *vale* (6%), *várzea* (4%), *campina* (2%), *herdade* (2%), *planalto* (2%) e *prado* (2%). Destas variantes, *campo* e *planície* são coincidentes nos dois *corpora*. Como pode ser observado na Figura 42, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

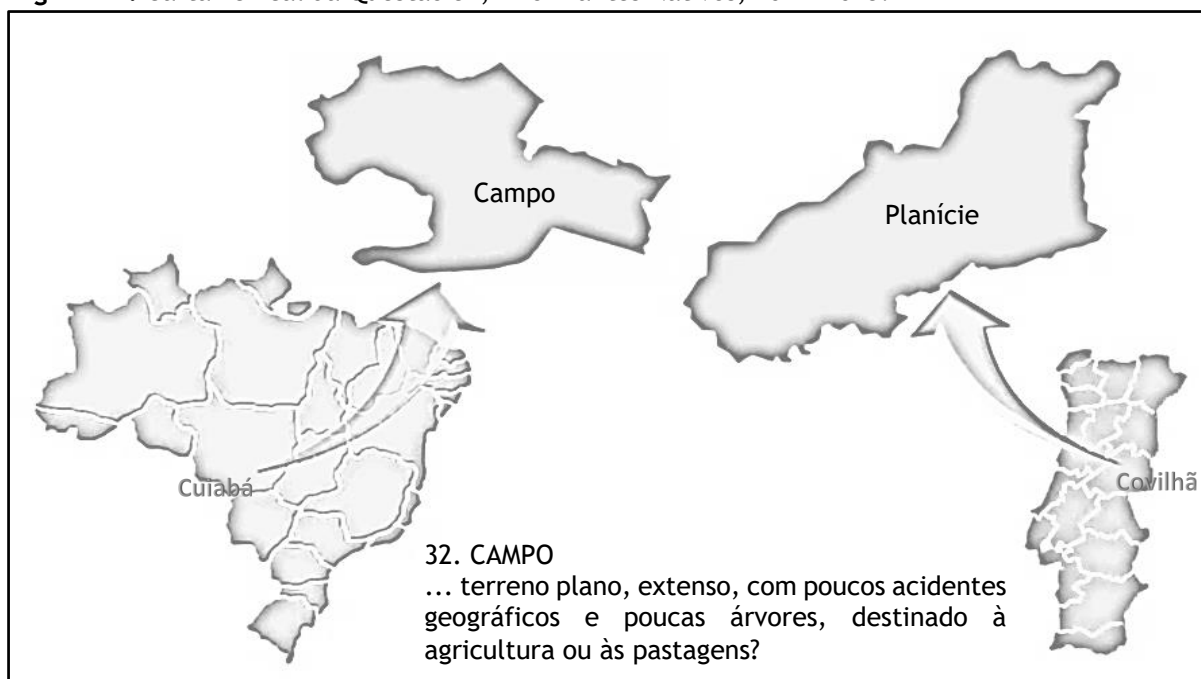
Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o item lexical *campo* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro, na acepção de “terreno extenso e mais ou menos plano que tanto se pode destinar as pastagens do gado como ao cultivo agrícola” em CastroD 2000:78, anexa ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação. No Português Europeu é indicada para designar: “espaço” em Cruz 1991:361, integrada ao Campo Semântico Dimensões e Relações Espaciais; “região do distrito de Castelo Branco, donde são naturais os ceifeiros que a esta região se deslocam para as ceifas” em Fernandes 1965:245, associada ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações; “mercado de gado” em Medeiros 1964:116, anexa ao Campo Semântico Comércio e Emigração; “disco inferior do torno que o oleiro faz girar com o pé” em Vieira 1960:80, vinculada ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *campo* remete para áreas semânticas distintas.

Quanto à variante léxica *roça*, é empregada no Português Brasileiro para designar: “terreno de pequena lavoura”, anexada ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação; “nome dado à mandioca {Vocabulário da Paraíba}” em Assis 1985:102, integrada ao Campo Semântico Horta e Fruta; “área de baixa densidade populacional, considerada culturalmente atrasada, do ponto de vista de uma determinada comunidade” em Brandão 1988:285, associada ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações; “terreno preparado para a lavoura, onde se planta milho, feijão” em CastroD 2000:114, anexa ao Campo Semântico Trabalhos Agrícolas. Em Portugal designa “acto ou efeito de roçar (‘esfregar o soalho’)” em Buescu 1961:343, anexada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica e “dinheiro; bens” em Carreiro 1948:278, associada ao Campo Semântico Comércio e Emigração. Apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, a variante *cerrado* integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “pastagem com mais de 5 alqueires. Variante *çarrado*” em BaptistaF 1970:576; “terreno limitado por muros ou hortênsias” em Dias 1982:440; “terra de cultivo rodeada de muros ou sebes” em Medeiros 1964:123, anexa ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação; “boi adulto, com a dentição de leite já mudada” em Teixeira 1947:117, associada ao Campo Semântico Gado Vacum.

Cumprе salientar que a variante *lameiro* também fora registrada para designar “lugar em que há grande quantidade de lama”, inclusive, em ambos os pontos linguísticos, conforme Figura 7,

relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Acidentes Geográficos. Destarte, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

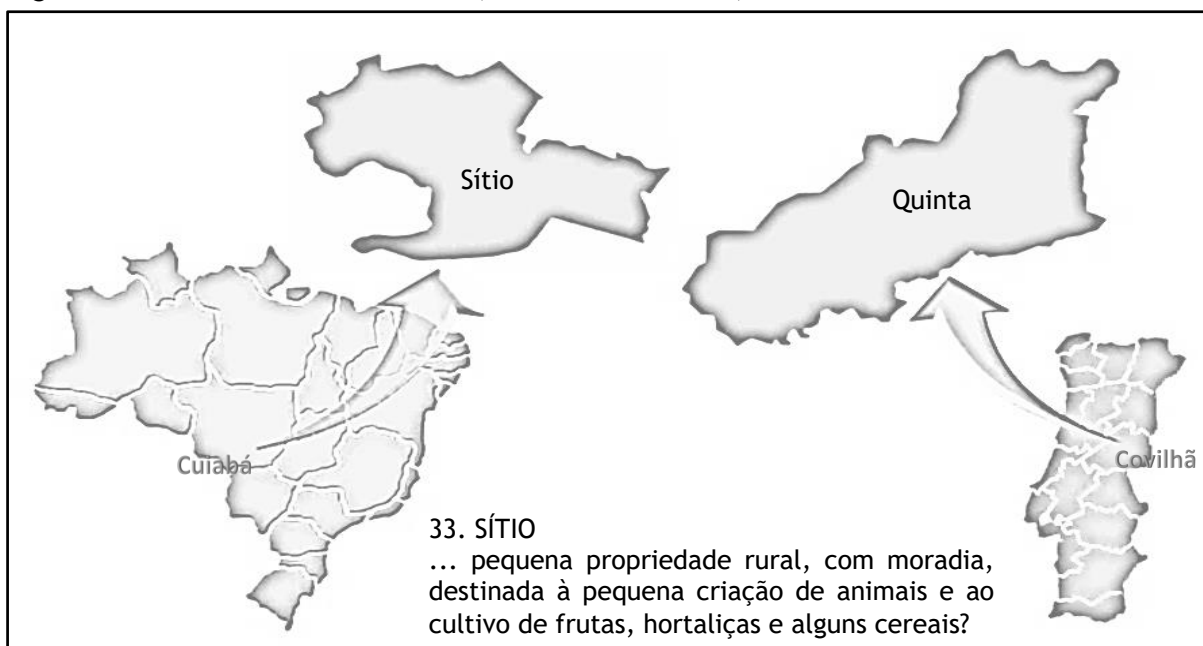
**Figura 42:** Carta Lexical da Questão 32, Informantes Nativos, 2012/2013.



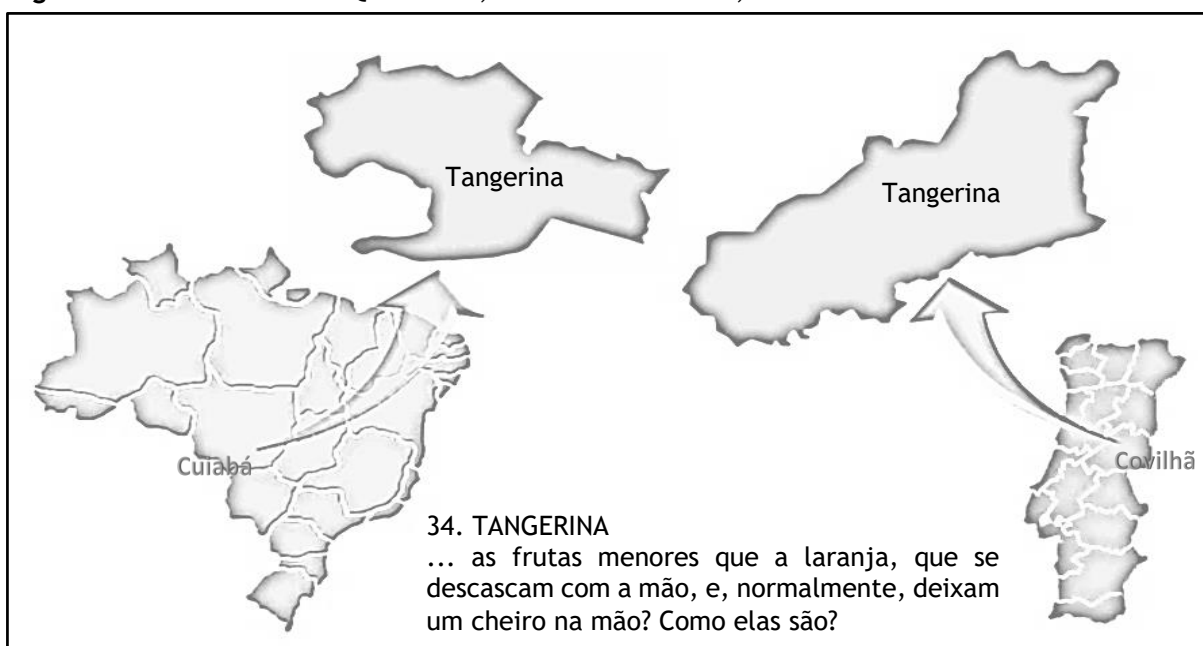
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Os itens lexicais *sítio* e *chácara* são empregados em Cuiabá para nomear “uma pequena propriedade rural”. O primeiro, inscrito com o percentual de 66%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, a qual corresponde ao conceito proposto pelo QSL, enquanto que o vocábulo *chácara* fora resposta de 34% dos informantes. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica na 5ª acepção que *sítio* é um regionalismo do Brasil, cujo significado remete a “pequena propriedade agrícola; fazendola, chácara”. O termo equivalente, *chácara*, também é considerado um regionalismo e provém da língua quíchua ‘*chacra*’, outro fator que expressa a influência da língua indígena no falar cuiabano. Para o mesmo conceito, no ponto linguístico Covilhã, a lexia de maior frequência fora *quinta* (82%), complementada pelas variantes: *quintal* (8%), *horta* (6%) e *chão* (4%). Constata-se, a partir da análise da Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris A, uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas seis lexias distintas para o mesmo referente. Da mesma forma que no caso anterior, não foram registradas particularidades entre os informantes nativos, visto que a variante de maior frequência permanece inalterada, como pode ser observado na Figura 43.

Para a questão 34, no ponto linguístico Cuiabá, obtiveram-se as respostas: *mexerica* (42%), variante lexical de maior frequência, *tangerina* (38%) e *poncã* (20%). No ponto linguístico Covilhã foram identificadas as lexias *tangerina* (92%), a qual coincide com a variante proposta pelo QSL e *tângera* (8%), conforme exposto na Tabela 3 e Figura 41. A Figura 44, relativa à Carta Lexical da Questão 34, registra a variante lexical *tangerina* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã.

**Figura 43:** Carta Lexical da Questão 33, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 44:** Carta Lexical da Questão 34, Informantes Nativos, 2012/2013.

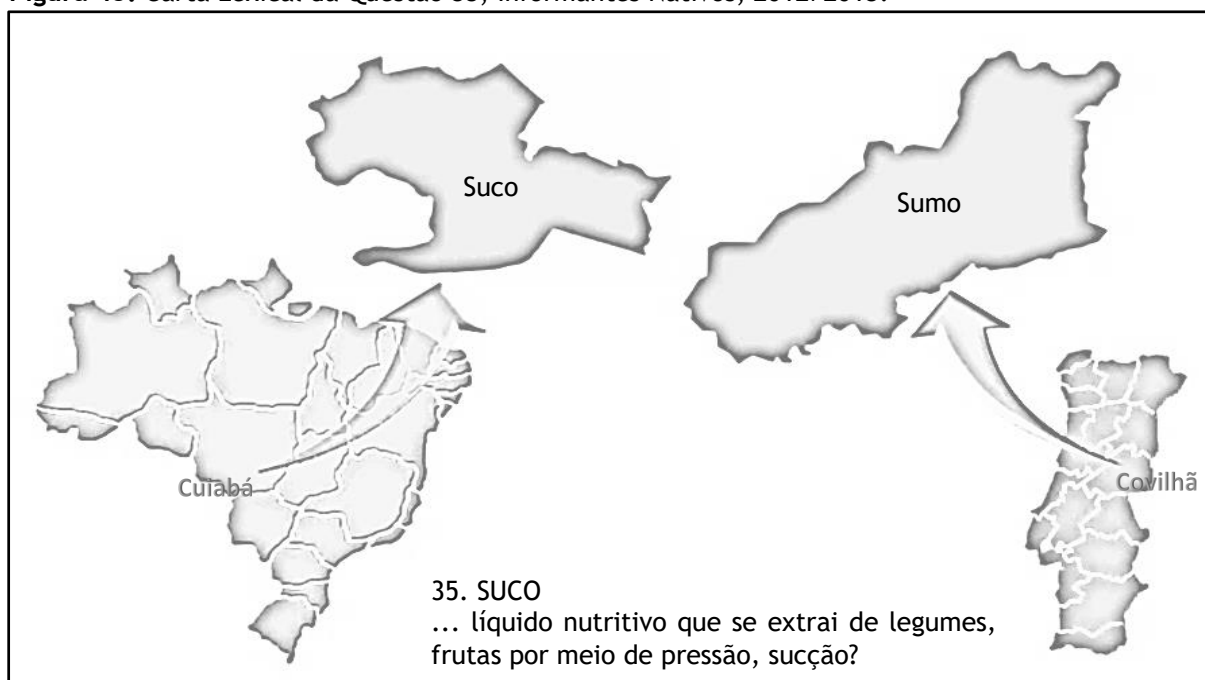
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris A (Figura 41) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar o “líquido nutritivo que se extrai de legumes, frutas por meio de pressão, sucção”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de quatro itens lexicais: *suco* (74%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *sumo* (14%), *caldo* (8%) e *néctar* (4%). Neste caso, pode-se afirmar que se está perante um caso de “derivação por extensão de sentido”: “qualquer bebida deliciosa” (HOUAISS e VILLAR, 2010). No ponto linguístico Covilhã, obteve-se as seguintes designações: *sumo*

(88%), variante lexical de maior frequência e *suco* (12%). Com relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência para ambos os pontos linguísticos (Figura 45).

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *caldo*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu, por exemplo, nas seguintes acepções: “sopa” em Amorim 1971:228 e Braga 1971:289; “sopa de hortalíça e batata, temperada de azeite” em Buescu 1961:344; “a sopa; alimento líquido com que se inicia a refeição” em CarvalhoS 1974:442, anexa ao Campo Semântico Comida e Bebida; “couves” em Amorim 1971:228; “Couves que se destinam a sopa. Ex.: *Vou à horta buscar caldo. / - Emprésteme umas folhinhas de caldo*” em CarvalhoS 1974:442, associada ao Campo Semântico Horta e Fruta. Quanto ao vocábulo *sumo*, também é indicado no Português Europeu para designar “tutano; parte interior e mole do osso” em CarvalhoS 1974:577, integrado ao Campo Semântico Gado.

**Figura 45:** Carta Lexical da Questão 35, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Para designar “o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído”, o QSL propõe a lexia *amendoim*, registrada no ponto linguístico Cuiabá com a percentagem de 96%. Já na Covilhã, esse percentual eleva-se para 100% dos registros (Tabela 3). Para o mesmo referente, como observado na Figura 41, obteve-se a variante lexical *mandubi* (4%), no falar cuiabano. O termo linguístico *mandubi*, segundo Houaiss e Villar (2010), é o “m.q. amendoim” e configura-se como um regionalismo do Brasil. Os referidos lexicógrafos assinalam que o vocábulo *amendoim* provém do “tupi *mandu’wi*, ‘nome comum a diversas plantas da família das leguminosas’”. Fato que evidencia a influência da língua indígena no falar cuiabano. Como pode ser observado na Figura 46, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 46:** Carta Lexical da Questão 36, Informantes Nativos, 2012/2013.

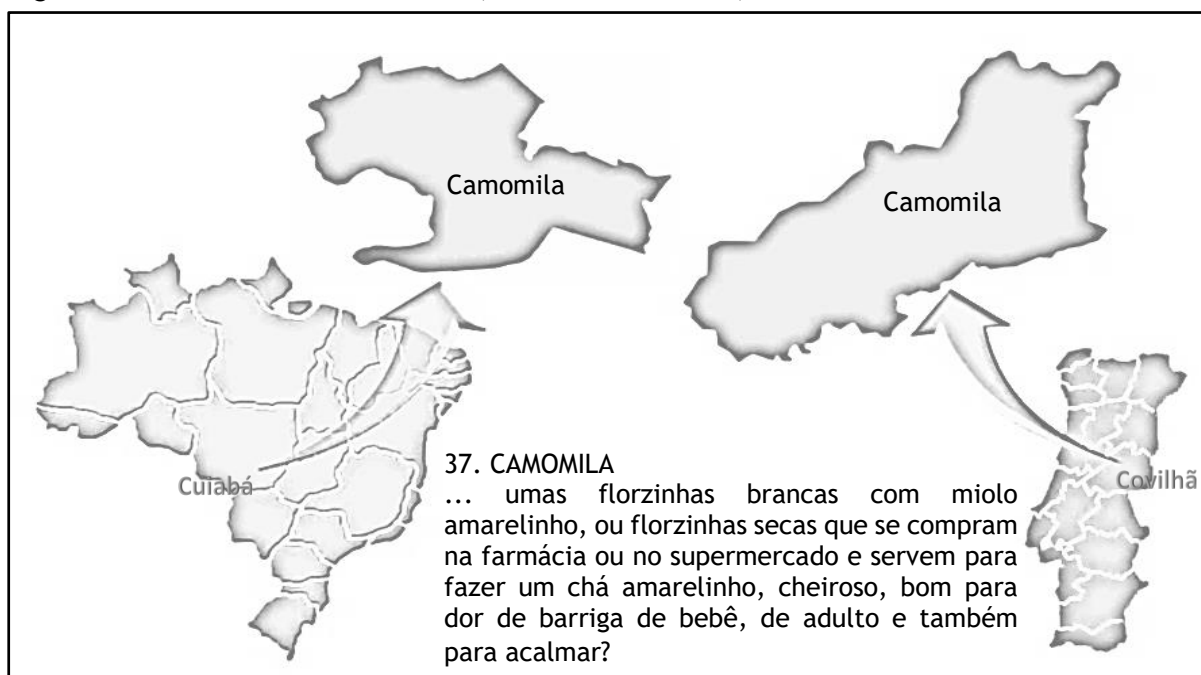
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Para o conceito de *camomila*, proposto pelo QSL, não houveram diferenças no registro da variante lexical de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, cuja lexia identificada fora *camomila*, com o percentual de 92% e 78%, respectivamente (Tabela 3; Figura 47). A Carta Lexical do Campo Semântico (Figura 41), também registra as variantes léxicas *marcela* (2%), no ponto linguístico brasileiro; *marcela/macela* (10%) e *margaça* (8%), no ponto linguístico português. O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *marcela* é o “m.q. macela” e trata-se de um regionalismo do Rio Grande do Sul. Neste caso, verifica-se a influência dos migrantes da região Sul do Brasil na formação sociocultural do povo cuiabano.

Lindley Cintra, no artigo intitulado *Áreas Lexicais no Território Português* registra a distribuição geográfica dos itens lexicais *espiga* e *maçaroca*, empregados em Portugal para designar a ‘espiga do milho’. O linguista afirma que a designação *espiga*, originária do latim SPICA, encontra-se “no Minho, no Douro Litoral, no ocidente de Trás-os-Montes, no ocidente da Beira Alta, na Beira Litoral, no norte da Estremadura e em certa zona do Ribatejo”. O vocábulo *maçaroca*, este provavelmente um “híbrido românico-árabe, proveniente do cruzamento do árabe *masura* ‘canudo da lançadeira’ com o port. *roca*”, como presume Corominas, “emprega-se em todo o Algarve e Alentejo, em grande parte da Estremadura e do Ribatejo, na Beira Baixa, no oriente da Beira Alta e no oriente de Trás-os-Montes” (CINTRA, 1995, p.85-86).

Orlando Ribeiro afirma, no artigo *A Propósito de Áreas Lexicais no Território Português: algumas reflexões acerca do seu condicionamento*, que o vocábulo *maçaroca*, primeiramente empregado com o sentido de ‘porção de linho ou de lã que se põe no fuso’, configura-se como uma inovação vocabular aplicada à espiga de milho, visto que a cultura do milho só chegou ao Sul do território português com as grandes arroteias do fim do Séc. XIX. (RIBEIRO, 1995, p.179).

**Figura 47:** Carta Lexical da Questão 37, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A partir destas considerações e da análise da Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris A, verifica-se que no ponto linguístico Covilhã emprega-se o antigo vocábulo *espiga* e a inovação vocabular *maçaroca* para designar a ‘espiga de milho’. A designação *maçaroca* configura-se como a variante lexical de maior frequência, registrada com o percentual de 80%, enquanto que à lexia *espiga*, coincidente nos dois *corpora*, inscreve-se a percentagem de 20%. A Figura 48 indica a ocorrência dos vocábulo *espiga* e *maçaroca*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

**Figura 48:** Carta Lexical da Questão 38, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris A (Figura 41) registra as variantes lexicais *sabugo* (96%), correspondente à variante proposta pelo QSL, no ponto linguístico brasileiro; *carolo* (36%), *casulo* (32%), *canuto* (6%), *miolo da maçaroca* (6%) e *canucho* (2%), todas distintas ao conceito proposto pelo QSL, no ponto linguístico português, como respostas à questão 39. Dentre os entrevistados brasileiros, 4% afirmaram desconhecer o termo específico, percentual que se eleva para 18% entre os inquiridos portugueses. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas seis lexias distintas para designar o mesmo referente. O item lexical *sabugo*, na acepção de “interior da espiga do milho, depois de retirados os grãos”, apesar de não ter sido registrado no ponto linguístico Covilhã, integra o acervo do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em BaptistaF (1970:666), associado ao Campo semântico Cereais e Erva. As lexias de maior frequência, visualizadas na Tabela 3, correspondentes ao conceito de *sabugo*, mantêm-se inclusive entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 49.

**Figura 49:** Carta Lexical da Questão 39, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o termo linguístico *carolo* integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “farinha de milho” em Braga 1971:253 e Fernandes 1965:247; “farinha de milho moída grossa” em Martins 1945:415; “fatia de pão” em Sosal 1955:278; “um pedaço grande de pão...” em CarvalhoS 1974:447, anexo ao Campo Semântico Farinha e Derivados; “farinha de milho moída grosseiramente, da qual se fazem papas” em Buescu 1961:344, integrado ao Campo Semântico Comida e Bebida; “pedaços de caroço que ficam depois de debulhar as espigas” em Capão 1957:264, “maçaroca do milho, sem o grão” em Oliveira 1966:244; “milho moído grosso” em Carreiro 1948:164; “espiga de milho depois de tirados os grãos” em CarvalhoA 1970:490; “milho moído para pintos” em BaptistaF 1970:572, associado ao Campo Semântico Cereais e Erva. Fernandes 1965:247, também registra as designações *canutcho*, *canuto*, *catchutcho*, *côscio* e *casulo* para o conceito de *carolo* (“interior da

maçaroca do milho’). Quanto à lexia *canucho* é indicada para designar: “base das penas das aves, incrustada na pele” em Buescu 1961:330, anexa ao Campo Semântico Animais Bravios (partes, costumes...); “parte do pé do milho que sustenta a maçaroca” em Buescu 1961:321; “pedaço da cana do milho que fica agarrado à terra depois de cortado o caule (canoilo)” em Gouveia 1951:172 e “interior da maçaroca” em Martins 1954:414, associada ao Campo Semântico Cereais e Erva.

A Carta Lexical da Questão 40 indica os vocábulos *touceira* e *restolho* como as variantes lexicais, de maior frequência, empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. A primeira, coincidente com a variante proposta pelo QSL. Estas lexias foram registradas com o percentual de 32% e 84%, conforme Tabela 3. A carta lexical do referido campo semântico também registra as lexias: *toco* (16%), *palha* (10%) e *soca* (8%) em Cuiabá; *palha* (8%) e *talo* (2%) na Covilhã. Dentre os informantes portugueses, 6% alegaram desconhecer o termo específico, percentual elevado para 34% entre os cuiabanos.

**Figura 50:** Carta Lexical da Questão 40, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *soca*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “espiga de milho” em Dias 1982:482; “maçaroca” em MaiaB 1965:142, anexa ao Campo Semântico Cereais e Erva; “toca, rizoma de qualquer planta” em Medeiros 1964:231, associada ao Campo Semântico Plantas (partes...); “calçado grosseiro das mulheres, semelhante ao soco” em PereiraS 1952:162; “tamanca” em Sosal 1955:326, integrada ao Campo Semântico Vestuário e Higiene; “bananeira pequena que se planta a fim de nascer uma grande” em Rezende 1961:306, vinculada ao Campo Semântico Plantas (denominações). Quanto à lexia *restolho* é indicada para designar, por exemplo: “parte do caule que fica agarrado à terra depois da ceifa” em Braga 1971:254; “parte inferior do caule das gramíneas que ficou enraizada

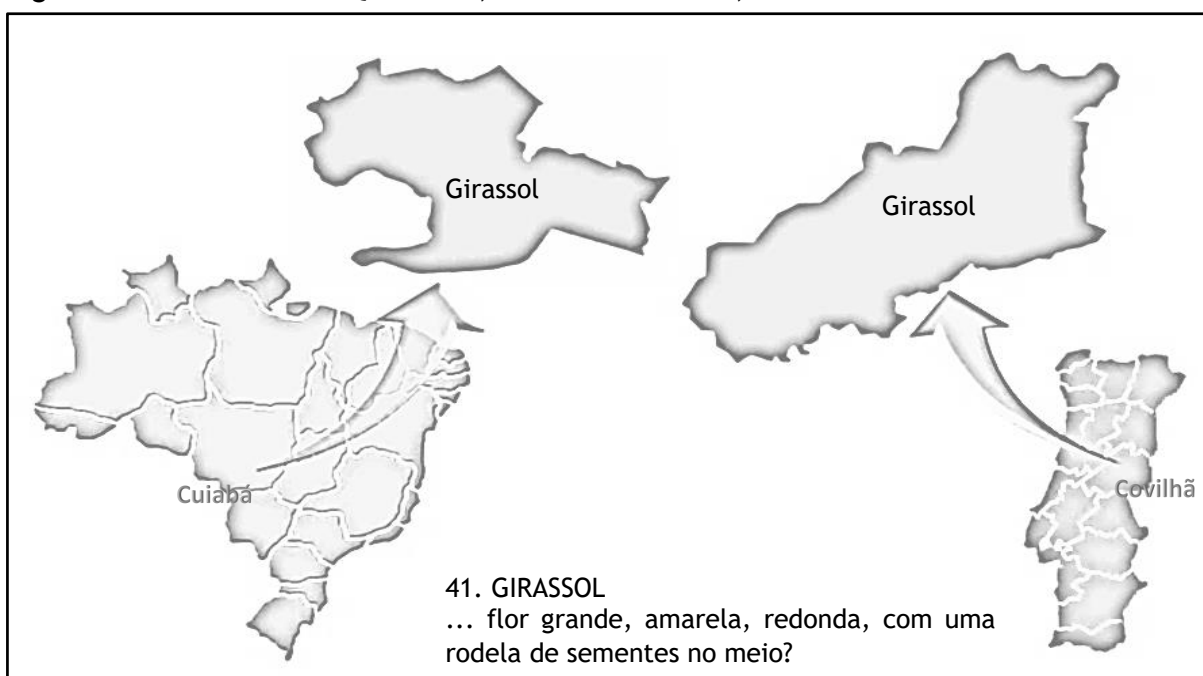


depois da ceifa” em Buescu 1961:325 e Costa 1961:268, anexa ao Campo Semântico Cereais e Erva; “terreno depois de cortado o trigo ou o centeio” em SilvaM 1972:337, associada ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação.

O item lexical *toco* integra o léxico do Português Europeu com as seguintes acepções: “o pau do tronco junto à raiz, quando é pequeno; se é grande chama-se-lhe toíço” em CarvalhoS 1974:582; “madeiro do Natal” em Fernandes 1965:315, anexado ao Campo Semântico Madeira e Borracha; “parte da maçaroca sem o milho” em Dias 1982:485; “o mesmo que sôco (açoreano) carolo” em MaiaB 1965:142, associado ao Campo Semântico Cereais e Erva. No Português Brasileiro também designa “pedaços de pau, madeira” em CastroD 2000:118 e “... parte de tronco vegetal ligado à terra, depois de cortada a árvore” em Lino 2000:95, vinculado ao Campo Semântico Plantas (partes ...), conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Quanto ao vocábulo *palha*, é indicado para nomear “a casca do café após ter sido descascado” em CastroD 2000:106, integrado ao Campo Semântico Plantas (partes ...).

Para designar a “erva de folhas pungentes que causam irritação à pele quando tocadas” o QSL propõe a lexia *urtiga*, registrada no ponto linguístico Cuiabá com a percentagem de 36%. Já na Covilhã, esse percentual eleva-se para 100% dos registros. Para o mesmo referente, como observado na Tabela 3, obtiveram-se as lexias *cansação* (52%), variante lexical de maior frequência e *coça-coça* (12%), no falar cuiabano, conforme Figura 41. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 52).

**Figura 51:** Carta Lexical da Questão 41, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Da observação da Tabela 3, relativa à área semântica atividades agropastoris, pode-se inferir que a variante lexical *vagem*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 90% dos informantes cuiabanos e 98% dos informantes covilhanenses. A carta lexical do referido campo semântico também

registra a lexia: *bainha* (6%) em Cuiabá e *favas* (2%) na Covilhã, para o mesmo referente. Outros 4% dos informantes cuiabanos informaram desconhecer o termo específico. Como pode ser observado na Figura 53, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos.

**Figura 52:** Carta Lexical da Questão 42, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 53:** Carta Lexical da Questão 43, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B (Figura 54) dá sequência à exposição cartográfica dos dados. Nesta, registram-se todas as variantes lexicais referentes às questões 44 a 55, coletadas em ambos os pontos linguísticos.

**Figura 54:** Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

À questão 44 do Questionário Semântico Lexical relativa ao “veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para cargas em trechos curtos”, a resposta de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos, nos dois pontos linguísticos fora *carrinho de mão*, indicada com o percentual de 70% e 98% para Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Também, correspondente à variante lexical proposta pelo QSL, conforme Tabela 3 e Figura 55, em complemento ao mesmo conceito, foram selecionadas as lexias *carriola* (30%) em Cuiabá e *carro de mina* (2%) na Covilhã.

**Figura 55:** Carta Lexical da Questão 44, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Os itens lexicais *forquilha* e *cangalha* foram selecionados, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “a armação de madeira que se coloca no pescoço de animais para não atravessarem a cerca (o cercado)”. Registrados com o percentual de 74% e 18%, respectivamente, são coincidentes com as variantes da questão proposta pelo QSL. Dentre os inquiridos cuiabanos, 8% afirmaram desconhecer o termo específico. No ponto linguístico Cuiabá, registrou-se a variante lexical *forquilha* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”, como exposto na Figura 56. No ponto linguístico Covilhã não se obteve nenhuma designação para o conceito anteriormente mencionado, ou seja, os portugueses inquiridos da região em estudo desconhecem o objeto.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *cangalha*, apesar de não ter sido identificada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “canga (‘jugo de madeira ou cangalhe’), em Baptista 1967:320; “canga destinada a um único animal” em BaptistaF 1970:571; “parte da estaca de prender os bois; também usado na Terceira (cf. L. Ribeiro in AÇOREANA I, 15)” em Medeiros 1964:117, anexa ao Campo Semântico Jugo e Canga; “engradamento de madeira com correntes de ferro para pôr nas bestas, para transporte de cântaros, pequenas vasilhas, etc.” em Delgado 1970:335, integrada ao Campo Semântico Gado Equino; “linha de pesca muito semelhante à

gorazeira, mas tendo apenas braça e meia e três anzóis” em Dias 1982:438, inclusa no Campo Semântico Artes de Pesca; “espécie de padiola sôbre a qual se colocam os caixões dos mortos que devem ser conduzidos ao cemitério” em Macedo 1939:48, vinculada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais); “âncora rudimentar feita de três ramos de tamargueira cruzados sobre uma pedra volumosa - a poita” em Monteiro 1950:130, associada ao Campo Semântico Embarcações. No Português Brasileiro, a lexia *cangalha* designa “pernas arqueadas” (ALPB:109), associada ao Campo Semântico Ser humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais) e “peça triangular colocada no pescoço do animal para que não vare a cerca” em Lino 2000:96, anexa ao Campo Semântico Animais Domésticos e Criação de Gado.

**Figura 56:** Carta Lexical da Questão 45, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

De forma análoga, o termo linguístico *forquilha* também não fora registrado na Covilhã. No entanto, integra o léxico do Português Europeu para denominar “instrumento munido de quatro dentes curvos de ferro e um mais pequeno, com um grande cabo e que serve para carregar estrume” em Amorim 1971:250; “utensílio de madeira formado de uma haste e três dentes e que se utiliza para separar a palha do trigo” em Baptista 1967:319; “alfaia agrícola, com o feitio de um garfo, utilizada especialmente nas eiras” em BaptistaF 1970:610; “forcado com quatro ou cinco dentes” em Paulino 1959:281, associado ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria Agrícola.

A Tabela 3, relativa à área semântica Atividades Agropastoris, registra *canga* como a variante lexical de maior frequência empregada pelos brasileiros e portugueses para nomear a “peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado” e a inscreve com as frequências de 58% e 76% para Cuiabá e Covilhã, respectivamente. A Carta Lexical B do referido campo semântico (Figura 54) também registra a lexia *cambão* (8%) em Cuiabá. Cabe ressaltar o fato de que no ponto linguístico Covilhã, 24% dos inquiridos desconhecem o objeto, percentual que se eleva para 34% dentre

os cuiabanos. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos, conforme Figura 57.

**Figura 57:** Carta Lexical da Questão 46, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *canga* é indicada no Português Europeu para designar, por exemplo: “jugo de madeira com que se unem os bois para o trabalho” em Buescu 1961:326; “alfaia agrícola que serve para jungir os bois ou as vacas” em CarvalhoA 1970:488; “instrumento de madeira com que se atrelam os bois ao carro, à charrua e ao arado, etc.” em Capão 1957:261; “espécie de jugo para os muares e burros, conforme é de ferro ou pau...” em Braga 1971:263, anexa ao Campo Semântico Jugo e Canga; “engajo da uva” em Salgueiro 1945:65, associada ao Campo Semântico Vinha e Vinho. No Português Brasileiro, também fora documentada por Lino 2000:86, na acepção de “trave de madeira adaptada ao pescoço de bovinos e usada nos carros de bois”, integrada ao Campo Semântico Jugo e Canga. Quanto ao termo linguístico *cambão*, apesar de não haver registro no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “pau comprido que liga o arado aos bois” em Amorim 1971:229, anexado ao Campo Semântico Arado; “peça de pau que liga a charrua à canga” em Braga 1971:263, associado ao Campo Semântico Jugo e Canga; “pau com gancho com que se atrela ao jugo ou canga o arado, grade, zorra, etc.; tirante” em Buescu 1961:326, integrado ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria Agrícola; “aparelho tosco que serve para tirar água dos poços” em Costa 1961:283, vinculado ao Campo Semântico Rego e Fontes; “conjunto de maçarocas, amarradas em número par, e que difere da cambada por deixarem alguma casca nas maçarocas” em BaptistaF 1970:570, anexo ao Campo Semântico Cereais e Erva.

As variantes lexicais *rastelo* e *ancinho/s* empregadas para denominar a “ferramenta agrícola, dentada, própria para juntar palha” foram registradas com expressiva frequência, 88% e 92%,

respectivamente, em Cuiabá e Covilhã, como pode ser observado na Tabela 3. No ponto linguístico Cuiabá, além da variante de maior frequência, emprega-se a lexia *ancinho* (12%), enquanto que no ponto linguístico Covilhã também foram indicados os itens lexicais *rastilha* (4%), *engaço* (2%) e *garrancho* (2%), como exposto na Figura 54. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 58).

**Figura 58:** Carta Lexical da Questão 47, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *engaço* é indicada no Português Europeu para designar: “a parte que fica do cacho esbagoado” em Buescu 1961:351; “o que fica dos cachos depois de se terem tirado os bagos (os pés, portanto)” em CarvalhoS 1974:474; “cacho de uvas imperfeito” em Medeiros 1964:143, anexa ao Campo Semântico Vinha e Vinho; “o mesmo que ancinho” em CarvalhoS 1974:474; “instrumento em forma de T, com seis ou oito dentes de ferro ou de pau, para juntar palha ou feno” em PereiraS 1952:127, associada ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria Agrícola; “parte que fica duma maçã, pera ou fruto semelhante quando comidos sem serem cortados” em Carreiro 1948:198, integrada ao Campo Semântico Horta e Fruta; “pessoa magra” em Carreiro 1948:198, vinculada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais). Houaiss e Villar (2010) registram a lexia *engaço* como regionalismo de Portugal na acepção de “ancinho (‘ferramenta’)”. Quanto ao vocábulo *garrancho*, apesar de não ter sido registrado no ponto Linguístico Cuiabá, integra o léxico do Português Brasileiro com a acepção de “galho fino”, anexo ao Campo Semântico Plantas (partes...) e “letra ruim”, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais) em Assis 1985:88.

No Português Europeu, o termo linguístico *garrancho* designa: “espécie de gancho de madeira de que os lenhadores se servem para esgalhar lenha seca dos ramos altos” em Buescu 1961:353;

“utensílio agrícola” em Martins 1954:428; “espécie de forquilha de quatro ou cinco dentes, muito curvados, que serve para puxar o estrume” em CarvalhoS 1974:497, anexado ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria Agrícola; “o mesmo que cambanitos (‘pequeno instrumento usado na cozinha e que substitui a trempe, quando se põe ao lume um tacho ou uma caçarola’)” em Martins 1954:428, associado ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica; “utensílio de que se servem para tirar as brasas do forno” em Moura 1960:187, integrado ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria; “nuvem amarelada” em Medeiros 1964:165, anexo ao Campo Semântico Meteorologia e “ave ribeirinha conhecida também pelo nome de pernilongo” em Netto 1949:124, vinculado ao Campo Semântico Animais Bravios (denominações).

As respostas à questão 48 do QSL, relativas à “construção rural onde se armazenam cereais, forragem ou palha”, registradas no ponto linguístico Covilhã foram: *celeiro* (62%), variante lexical de maior frequência, *palheiro/a* (18%), *armazém* (8%), *barracão* (6%), *loja* (4%) e *palhota* (2%). Em Cuiabá foram selecionadas as seguintes designações: *celeiro* (32%), variante lexical de maior frequência, *silo* (24%), *paiol* (22%), *tulha* (12%) e *galpão* (10%), conforme Tabela 3 e Figura 54. Constata-se, a partir da análise da Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B, uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas dez lexias distintas e apenas uma semelhante (*celeiro*) para o conceito mencionado anteriormente. A carta lexical da referida questão (Figura 59) indica a variante lexical *silo/s* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”. Entre os informantes nativos do Concelho da Covilhã, a variante léxica de maior frequência permanece inalterada.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica na terceira acepção que o item lexical *paiol* é um regionalismo do Brasil e significa: “armazém para depósito de produtos agrícolas em geral”, proveniente do “catalão *pallol* ‘compartimento ou despensa de um navio onde se guardam víveres e munições’”. De forma análoga, o vocábulo *galpão*, cuja etimologia radica no “hispano-americano *galpón* ‘cobertura; barracão de construção rápida’”, também se configura como um regionalismo. Quanto ao vocábulo *tulha*, os lexicógrafos, na quarta acepção assinalam um caso de derivação por extensão de sentido: “m.q. celeiro (‘construção’, ‘depósito’)”. O Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora indica que a lexia *palheira* é um regionalismo de Portugal e designa “casa onde se guarda palha; palheiro”.

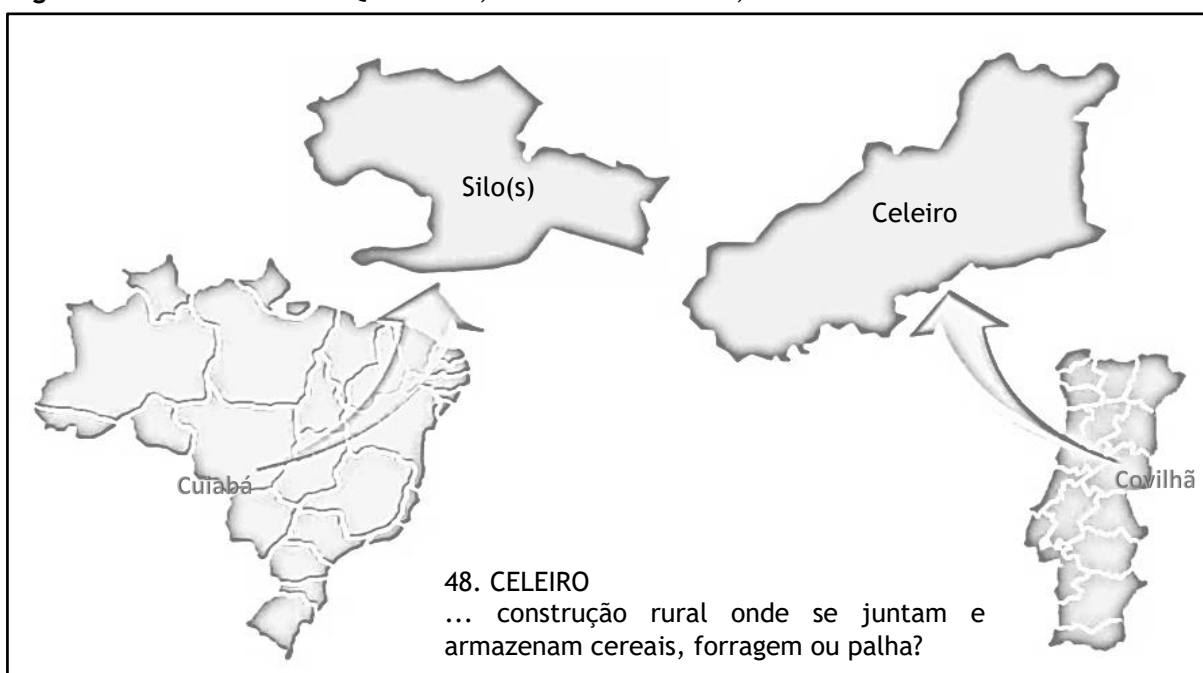
Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *tulha* designa, no Português Brasileiro, “o mesmo que eira (‘montes de sal’)” em AmorimC 1988:301 e “casa onde se guarda café em coco” em CastroD: 2000:120. Apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “recipiente de pedra onde se põe a azeitona antes de ir para o lagar” em Baptista 1967:363 e Cruz 1991:351; “lugar onde se deposita a azeitona antes de ser levada ao moinho” em Buescu 1961:349, associada ao Campo Semântico Azeite; “reservatório onde se depositam cereais em grão” em Buescu 1961:325; “casa onde se guardam os cereais em grão” em Martins 1954:455, anexa ao Campo Semântico Cereais e Erva; “recipiente de pedra para conservar alimentos em salmoura: azeitonas, carne, etc.” em Cruz 1991:345, integrada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica;



“Monte das batatas” em Fernandes 1965:317, inclusa no Campo Semântico Horta e Fruta; “depósito de cal” em Medeiros 1964:242, associada ao Campo Semântico Pedreiras.

Esta pesquisa também evidencia o emprego da lexia *palheiro* no Português Europeu para designar, por exemplo: “construção rudimentar onde se guarda a palha e diferentes objectos rurais e onde dormem animais” em Buescu 1961:342; “compartimento térreo existente em todas as casas dos lavradores, onde arrumam palha, batatas e até utensílios de lavoura” em Capão 1957:302; “casa de pedra e telha onde dormem os ganhões ou se guarda comida para os animais” em Carreiro 1948:255, anexa ao Campo Semântico Construção; “monte de palha” em Moura 1960:194, anexa ao Campo Semântico Cereais e Erva; “habitação dos bovinos” em Nunes 1965:136, integrada ao Campo Semântico Gado Vacum. Quanto à variante léxica *loja*, está documentada nas seguintes acepções: “pavimento térreo da casa” em Buescu 1961:341; “pavimento térreo de uma casa (onde se guardam os animais, ou a palha, ou as batatas, etc.)” em CarvalhoS 1974:514; “casa térrea, rés-do-chão que tanto pode servir de arrumação das alfaías e dos produtos agrícolas, como pode servir de corte para o gado, ou loja de bois” em Moura 1960:190; “local da casa que serve para guardar as batatas e o vinho” em Nunes 1965:156, associada ao Campo Semântico Construção; “taberna” em OliveiraR 1948:116; “casa comercial” em Amorim 1971:263, anexa ao Campo Semântico Comércio e Emigração. No Brasil designa, por exemplo, “lugar onde as peças cerâmicas são comercializadas” em CostaO 2012, vinculada ao Campo Semântico Comércio e Emigração. O item lexical *barracão*, apesar de não ter sido identificado no ponto linguístico Cuiabá, integra o léxico do Português Brasileiro com as seguintes significações: “construção de madeira aberta onde os barreirenses fazem o beneficiamento e o armazenamento da argila bruta e beneficiada” em CostaO 2012, anexo ao Campo Semântico Telheiras e Olaria e “construção rústica feita de troncos de árvores nativas, sobretudo eucaliptos, coberto de eternite, telha mesmo ou sapé...” em FonsecaS 1996:95, associado ao Campo Semântico Construção.

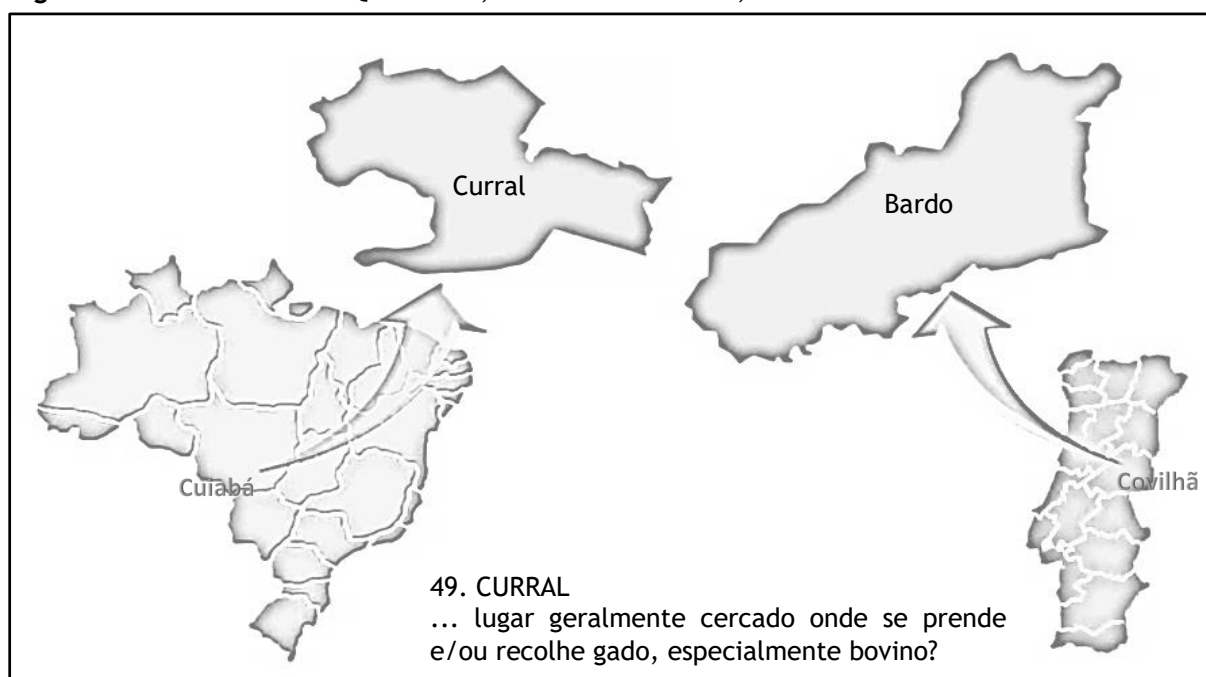
**Figura 59:** Carta Lexical da Questão 48, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B (Figura 54) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar o “lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado, especialmente bovino”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio dos itens lexicais *curral* (94%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *mangueira* (2%), *mangueiro* (2%) e *invernada* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes designações: *bardo* (44%), variante lexical de maior frequência, *curral* (24%), *cerca* (22%), *estábulo* (8%) e *vacaria* (2%). Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas e apenas uma coincidente (*curral*) para designar o mesmo referente. Como pode ser observado na Figura 60, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 60:** Carta Lexical da Questão 49, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *mangueira* é um regionalismo dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Goiás, cujo significado remete a “curral usado em trabalhos com gado manso e bravo, localizado próximo à casa principal e feito de pedra, pau a pique, varas etc....”. O vocábulo *mangueiro*, regionalismo do Brasil, designa “curral, estábulo de tamanho reduzido”. De forma análoga, o vocábulo *invernada*, também se configura como um regionalismo, porém da região Sul do Brasil, empregado para denominar “pasto de longa extensão, cercado de obstáculos naturais ou artificiais, que se destina ao descanso, à engorda de animais de criação ou ainda a outros fins”. O emprego destas lexias em Cuiabá demonstra a influência dos migrantes paulistas e sulistas na cultura mato-grossense.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *curral* é indicada, no Português Brasileiro, para designar: “Lugar cercado para apanhar peixes. O mesmo que caiçara, cacuri (‘armadilha para pegar peixes’), anexa ao Campo

Semântico Artes de Pesca e “lugar cercado para prender o gado” em Assis 1985:85, associada ao Campo Semântico Gado. No Português Europeu está documentada nas seguintes acepções: “Cerca feita com cancelas de madeira, onde se reúne o gado no campo” em CarvalhoS 1974:465, anexa ao Campo Semântico Gado. Também registra os termos equivalentes aprisco, bardo e curralada; “terreno murado: se é grande chama-se tapada e se é pequeno chama-se côrela” em Baptista 1967:309; “pequeno cercado de pedra destinado a proteger as plantações de vinha, nos terrenos à beira-mar” em MaiaB 1965:147, associada ao Campo Semântico Terras de Cultivo e Delimitação; “casa onde se guardam as palhas e o gado” em CarvalhoS 1974:466; “recinto murado, contíguo à casa de habitação, onde se fazem os estrumes e guardam as alfaias agrícolas” em Fernandes 1965:255, integrada ao Campo Semântico Construção; “lugar onde se recolhem as ovelhas e as cabras” em Cruz 1991:324, vinculada ao Campo Semântico Gado Ovino e Caprino; “recinto em forma de quadrado onde está o porco” em Martins 1954:420, anexada ao Campo Semântico Gado Suíno. Com relação ao vocábulo *mangueira*, está registrado em Portugal para denominar: “utensílio usado nas malhadas, para malhar o cereal, o mesmo que mangual” em Salgueiro 1945:87; “mangual” em Carreiro 1948:241 e CarvalhoS 1974:521; “cabo do mangual” em CarvalhoA 1970:562, “o pau maior do mangual (‘instrumento composto de dois paus ligados por uma correia, utilizado para debulhar cereais’)” em Buescu 1961:327; “uma das três partes do malho (‘Instrumento de debulha composto de três partes: moira, pinto e correia’), a moira” em Capão 1957:294, associado ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria Agrícola.

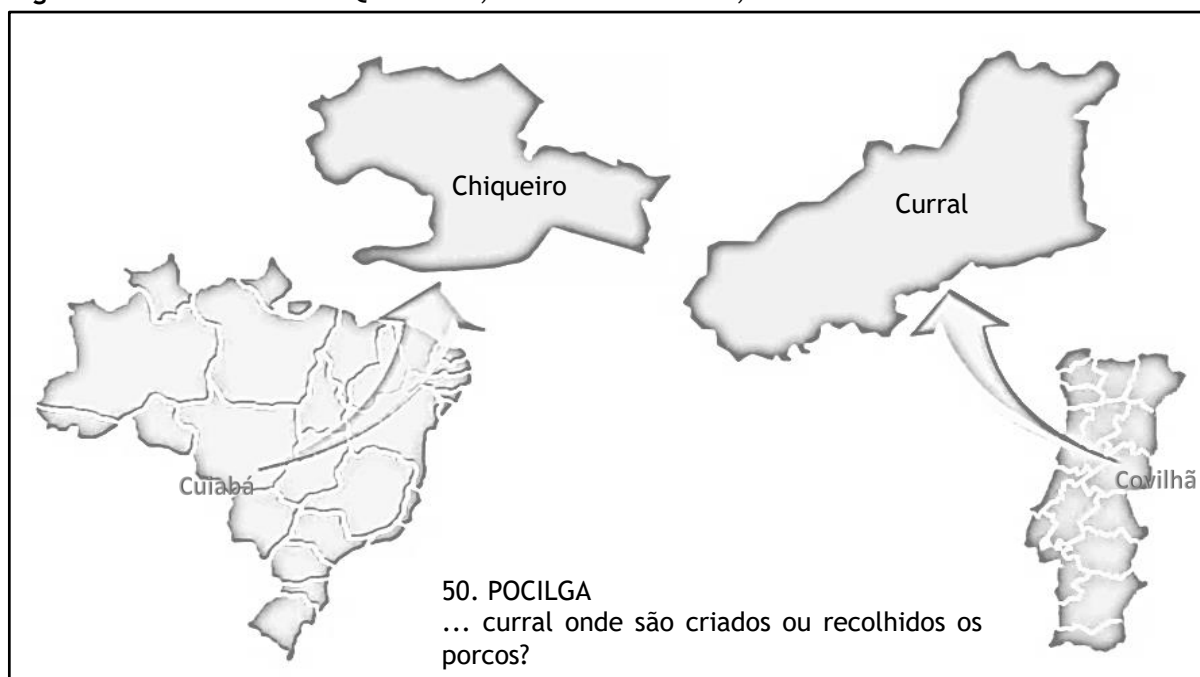
A Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B (Figura 54) registra as lexias *chiqueiro* (92%), *pocilga* (6%) e *mangueirão* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *curral* (70%), *pocilga* (24%), *cortelho* (4%) e *loja* (2%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 50. As lexias de maior frequência, *chiqueiro* e *curral*, distintas e correspondentes ao conceito de *pocilga*, proposto pelo QSL, visualizadas na Tabela 3, mantêm-se inclusive entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 61. Deste modo, verifica-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas seis lexias distintas e apenas uma coincidente (*pocilga*) para designar o mesmo referente. Segundo Houaiss e Villar (2010) o vocábulo *mangueirão* configura-se como um regionalismo do Rio Grande do Sul e designa “mangueira com capacidade para muitos animais, também usado para abrigo de tropas”.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *chiqueiro*, apesar de não ter sido identificada na Covilhã, integra o léxico do Português Europeu, nas seguintes acepções: “pocilga” em Nunes 1965:135; “curral do porco” em BaptistaF 1970:579, anexa ao Campo Semântico Gado Suíno; “curral de bezerros, ovelhas, etc.” em Buescu 1961:346, associada ao Campo Semântico Animais Domésticos e Criação de Gado; “lugar imundo” e “imundície” em Buescu 1961:356; “casa muito suja” em Medeiros 1964:126, vinculada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica.

A Carta Lexical da Questão 51 (Figura 62) indica o vocábulo *chicote* como a variante de maior frequência empregada pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã para designar o “instrumento resistente e flexível feito de longas tiras de couro ou de cordões entrançados e presos a um cabo que

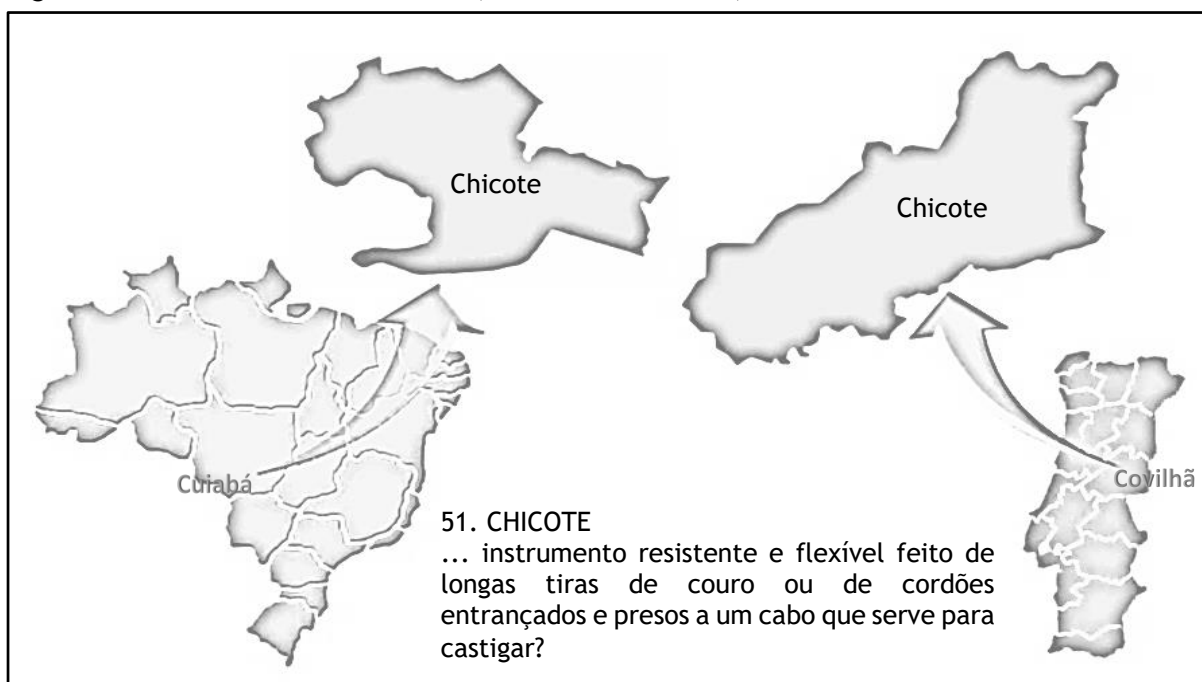
serve para castigar”. Esta variante lexical fora registrada com o percentual de 58% e 96% dentre os inquiridos brasileiros e portugueses, respectivamente, conforme exposto na Tabela 3. A partir da Figura 54, verifica-se que em Cuiabá também se empregam para o conceito anteriormente mencionado as seguintes lexias: *piraim* (30%), *chibata* (10%) e *relho* (2%). Enquanto que na Covilhã se obteve as lexias *açoite* (2%) e *verdasca* (2%). Dentre as lexias selecionadas no ponto linguístico Cuiabá, somente *piraim* não está dicionarizada, portanto pode-se identificá-la como regionalismo do falar cuiabano. Integra o léxico do dicionário Houaiss e Villar (2010), o vocábulo de origem tupi *pirai*, que designa ‘azorrague feito de couro cru’, denominação que mais se aproxima da variante léxica *piraim* coletada na pesquisa de campo. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010), indica na terceira acepção que a lexia *chibata* é um regionalismo do Brasil e significa o “m.q. chicote” (‘instrumento de couro’). Quanto à variante *verdasca*, está documentada em trabalhos anteriores sobre o Português Europeu na acepção de “vara flexível” em Buescu 1961:356, anexa ao Campo Semântico Madeira e Borracha, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

**Figura 61:** Carta Lexical da Questão 50, Informantes Nativos, 2012/2013.

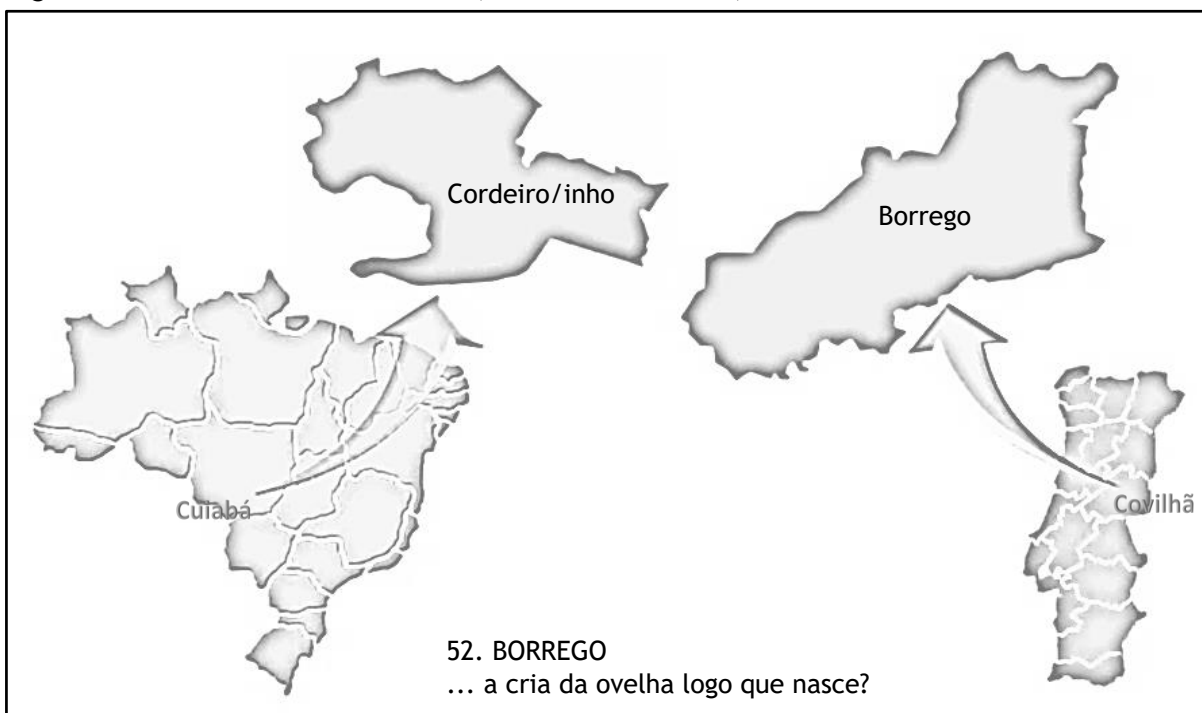


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Figura 54, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B, apresenta as designações para “a cria da ovelha”. No ponto linguístico Cuiabá foram selecionadas as variantes *cordeiro/inho* (22%), *carneiro/inho* (14%), *ovelhinha* (10%), *filhote de ovelha* (6%) e *borrego* (8%). No ponto linguístico Covilhã foram registradas as seguintes designações: *borrego* (90%), que coincide com a variante lexical da questão proposta pelo QSL, *anho* (4%), *cordeiro* (4%) e *ovelhinha* (2%). Dentre os informantes cuiabanos 40% informaram desconhecer o termo específico. A Carta Lexical da Questão 52 indica a ocorrência dos vocábulos *cordeiro/inho* e *borrego*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

**Figura 62:** Carta Lexical da Questão 51, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 63:** Carta Lexical da Questão 52, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Lindley Cintra, no artigo intitulado *Áreas Lexicais no Território Português* registra a distribuição geográfica dos itens lexicais *anho*, *cordeiro* e *borrego*, empregados em Portugal para designar a “cria da ovelha”. O linguista afirma que a designação latina *anho* encontra-se no Minho, no Douro Litoral e no ocidente de Trás-os-Montes. A inovação *cordeiro* emprega-se “numa faixa formada pelo resto de Trás-os-Montes, ocidente da Beira Alta, a maior parte da Beira Litoral e grande

parte da Estremadura (com esporádicas extensões, até ao centro da Beira Alta e ocidente da Beira Baixa)” e, a posterior inovação terminológica *borrego*, conserva-se no Alentejo, Algarve, Ribatejo e parte da Estremadura, na maior parte da Beira Baixa, em alguns pontos da Beira Litoral, no leste da Beira Alta e no extremo oriental de Trás-os-Montes (CINTRA, 1995, p.77).

A variante léxica *carneiro* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:116), com a acepção de “cachaceiro [110: pessoa que bebe muito]”, associada ao Campo Semântico Comida e Bebida, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). No Português Europeu é indicada para designar: “Marido enganado pela mulher. O mesmo que corno, coronel, vacão e xavier” em SilvaG 1960:235, vinculada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos sociais); “insecto que aparece nas sementes de leguminosas” em Medeiros 1964:119 e “peixe avermelhado de cabeça grande” em Nunes 1965:141, anexa ao Campo Semântico Animais Bravios (denominações). Quanto ao termo linguístico *borrego*, é empregado no Português Europeu nas seguintes acepções: “cria da ovelha” em Cruz 1991:323; “o filho da ovelha” em CarvalhoS 1974:434, anexo ao Campo Semântico Gado Ovino e Caprino; “braçado de palha, ou feno, que constitui metade de uma facha” em Fernandes 1965:239; “pequeno molho de feno” em CarvalhoS 1974:434, integrado ao Campo Semântico Cereais e Erva; “grumo do leite-gordo” em Carreiro 1948:153, vinculado ao Campo Semântico Leite e Derivados; “... criança sossegada, que não dá trabalho à mãe” em CarvalhoS 1974:434, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais).

A lexia simples *anho* integra o léxico do Português Europeu, em distribuição substantiva e acepção de “cordeiro” em Amorim 1971:214 e Salgueiro 1945:53, associada ao Campo Semântico Gado Ovino e Caprino. Também há registro deste termo linguístico, em distribuição adjetiva, para designar “estranho” e “cobarde” em Fernandes 1965:225, anexo ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais). Dessa forma, a lexia *anho* apresenta mobilidade, pois transita, reciprocamente, de um campo semântico para outro, isto é, sai do campo semântico Ser Humano e se estende para o do animal, mais especificamente, o do Gado Ovino e Caprino e vice-versa.

Para a questão 53, no ponto linguístico Cuiabá, obteve-se as respostas: *leitão* (92%), variante lexical de maior frequência, que corresponde ao conceito proposto pelo QSL e *porquinho* (8%). Na Covilhã registra-se o vocábulo *leitão*, com o percentual de 100%, conforme Tabela 3. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos, como exposto na Figura 64.

A Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B (Figura 54) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para denominar “o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio dos itens lexicais: *diarista* (50%), variante de maior frequência, *peão* (34%) e *orelha seca* (16%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se sete tipos lexicais diferentes e correspondentes ao conceito anteriormente mencionado: *jornaleiro* (56%), variante de maior frequência, *trabalhador ao dia* (22%), *trabalhador a jorna* (10%), *homem a dia* (4%), *ganhão* (4%),

*agricultor* (2%) e *ardina* (2%). Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas dez lexias distintas para designar o mesmo referente. Como pode ser observado na Figura 65, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 64:** Carta Lexical da Questão 53, Informantes Nativos, 2012/2013.



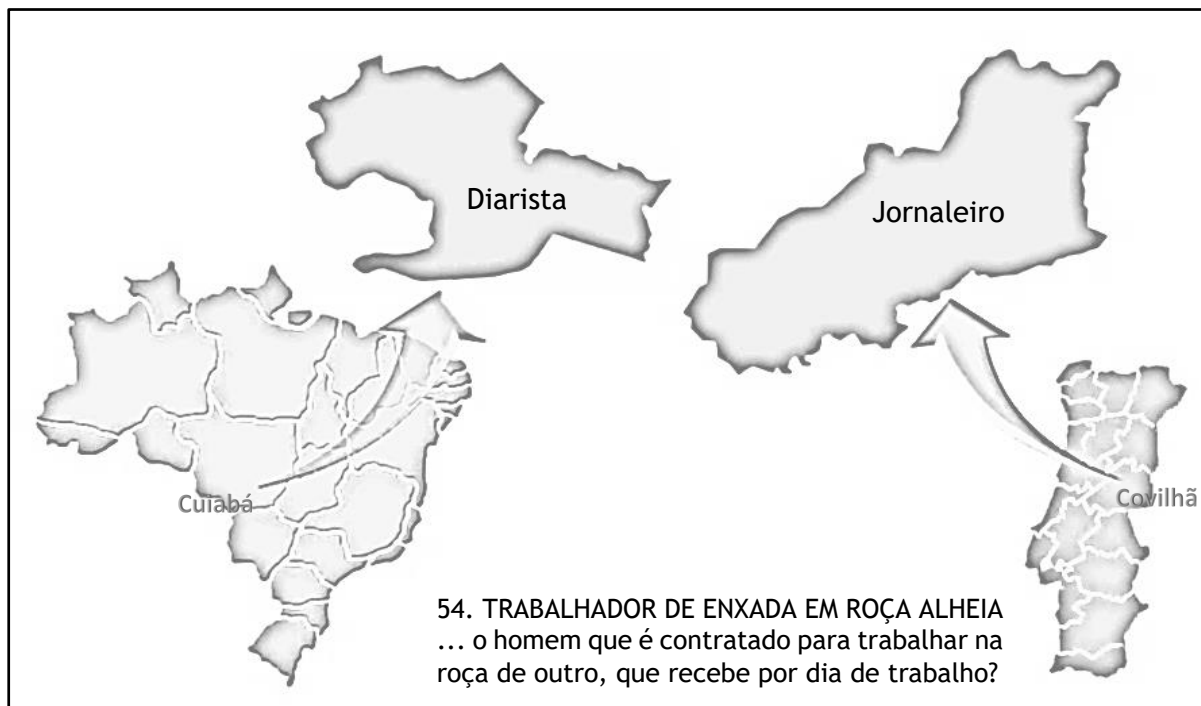
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve o termo linguístico *peão* como regionalismo do Brasil, nas seguintes acepções: “empregado no trabalho rural”, “auxiliar de boiadeiro”, “amansador de animais”, “condutor da tropa de animais”, “servente de obras”, “trabalhador de estradas de rodagem, estradas de ferro e outras obras de engenharia civil”. Os referidos lexicógrafos assinalam que a lexia *peão*, na acepção de “pessoa que anda a pé; pedestre”, caracteriza-se como regionalismo de Portugal. Também há registro do termo linguístico *peão* para designar “armação de madeira com quatro pés, onde se põe o milho a secar” em MaiaB 1965:141, e “burra [de milho] (‘armação piramidal, com quatro “pernas”, que se destina a deixar secar o milho)’” em Pires 1966:123, associado ao Campo Semântico Cereais e Erva, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Esta pesquisa também confirma o emprego da variante léxica *jornaleiro*, no Português Europeu, para designar: “aquele que trabalha de jornal (‘retribuição de um dia de trabalho’)” em Buescu 1961:328; “operário a quem se paga jornale (‘salário diário’)” em Pereira 1970:381; “trabalhador do campo que anda à jorna (variante jornalêr)” em Baptista 1967:371, associado ao Campo Semântico Ofícios e Profissões; “nome dado às pessoas que andam a *ganhar o dia* nos trabalhos de campo” em CarvalhoS 1974:506, anexa ao Campo Semântico Comércio e Emigração. No Português Brasileiro, emprega-se a lexia *jornaleiro* para designar o “vendedor ou entregador de jornais (‘publicação’)” (HOUAISS e VILLAR, 2010).

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *ganhão* é indicada, no Português Europeu, para designar, por exemplo:

“homem que anda com a junta” em Martins 1945:428; “trabalhador de lavoura, ceifeiro, etc....” em Carreiro 1948:223; “pastor das vacas; o que as dirige” em Braga 1971:272; “o que trabalha com uma junta de bois” em Buescu 1961:328, associada ao Campo Semântico Ofícios e Profissões. Com relação à lexia composta *orelha seca*, pode ser considerada como regionalismo do falar cuiabano, visto que não está dicionarizada e fora o registro de 16% dos informantes.

**Figura 65:** Carta Lexical da Questão 54, Informantes Nativos, 2012/2013.

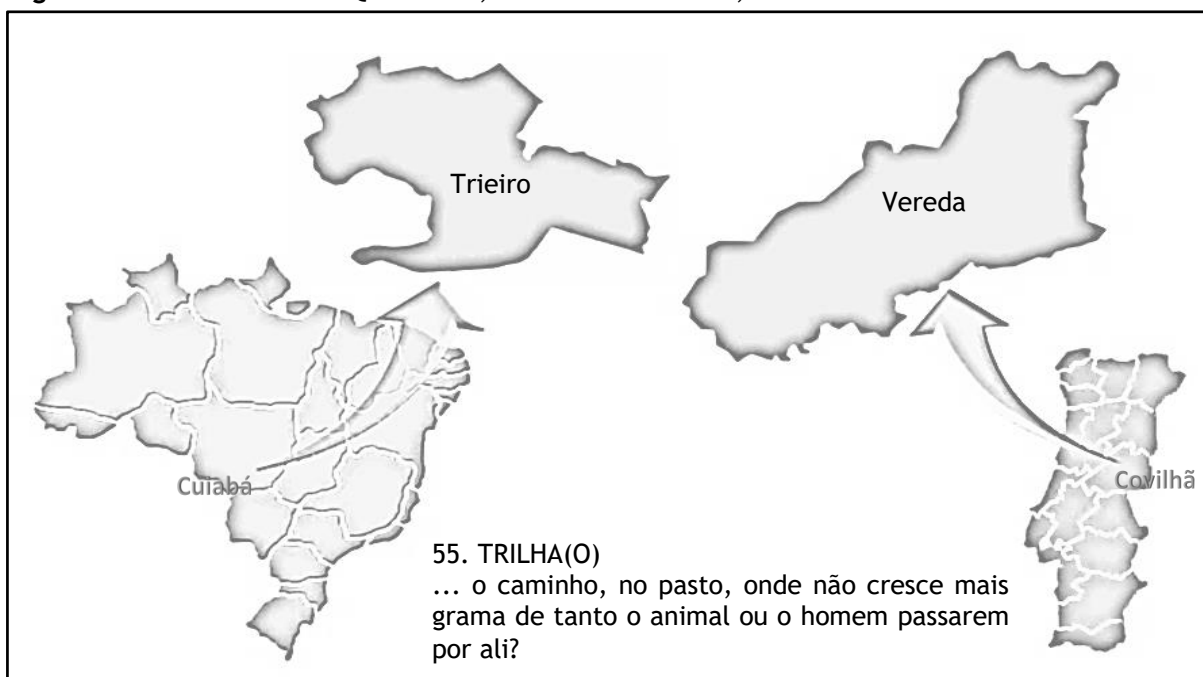


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 55 (Figura 66) registra as lexias *trieiro* e *vereda* como as variantes de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã. Estas lexias, diferentes e correspondentes à noção de “caminho estreito” foram indicadas com o percentual de 52% e 50%, respectivamente, conforme Tabela 3. A Carta Lexical do Campo Semântico Atividades Agropastoris B também registra os vocábulos: *trilha/o* (30%), *caminho* (12%) e *picada* (6%) em Cuiabá; *caminho* (16%), *trilha/a* (14%), *carreiro* (14%), *passadiço* (4%) e *estrada* (2%) na Covilhã, para designar o mesmo referente. A variante léxica *trieiro*, pode ser considerada como regionalismo do falar cuiabano, visto que não está dicionarizada e fora registrada em 52% dos informantes, inclusive apresenta o maior percentual de registro entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *trilha* é indicada, no Português Europeu, para designar: “processo de debulha do trigo e da cevada por meio do trilho” em Sousa 1955:332; “debulha dos cereais”, associada ao Campo Semântico Cereais e Erva; “trepa; sova” em Teixeira 1947:140; “sova” em CarvalhoS 1974:587; “Tareia” | < trilhar < tribulare. | C.F. - Acto ou efeito de trilhar. | Acto de debulhar cereais na eira. | Rasto; peûgada. Vereda, trilho. | Prov. trasm. - Trepa, sova, carga de pau” em Silva 1944:85, anexa ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos sociais).



**Figura 66:** Carta Lexical da Questão 55, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Quanto ao termo linguístico *carreiro* está documentado nas seguintes acepções: “caminho” em Amorim 1971:232; “viela” em CarvalhoA 1970:573; “Atalho, caminho estreito”; “trilho dos animais quando andam à atafona” em Medeiros 1964:119; anexo ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações; “homem que é contratado para fazer transportes de coisas pesadas em carros de bois” em Amorim 1971:232; “carpinteiro de carros” em MaiaB 1965:162, associado ao Campo Semântico Ofícios e Profissões; “constelação em que as estrelas estão em fila” em BaptistaF 1970:573, integrado ao Campo Semântico Firmamento; “risca a separar o cabelo” em Pereira 1970:336, vinculado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais).

### 3.4. CAMPO SEMÂNTICO FAUNA

As questões numeradas de 56 a 70, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico IV - Fauna e compõem a Tabela 4 e a Figura 67 do *corpus* em análise. Apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses.

A partir da análise da Tabela 4, verifica-se que as lexias simples *urubu*, *crina*, *chifre* e *rabo*, relativas às questões 56, 61, 63 e 66, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado e coincidem com as variantes das questões propostas pelo QSL, inscritas com o percentual de 100%, no ponto linguístico Cuiabá. A lexia de maior frequência registrada no ponto linguístico Covilhã fora *papagaio* (100%), empregada para designar “a

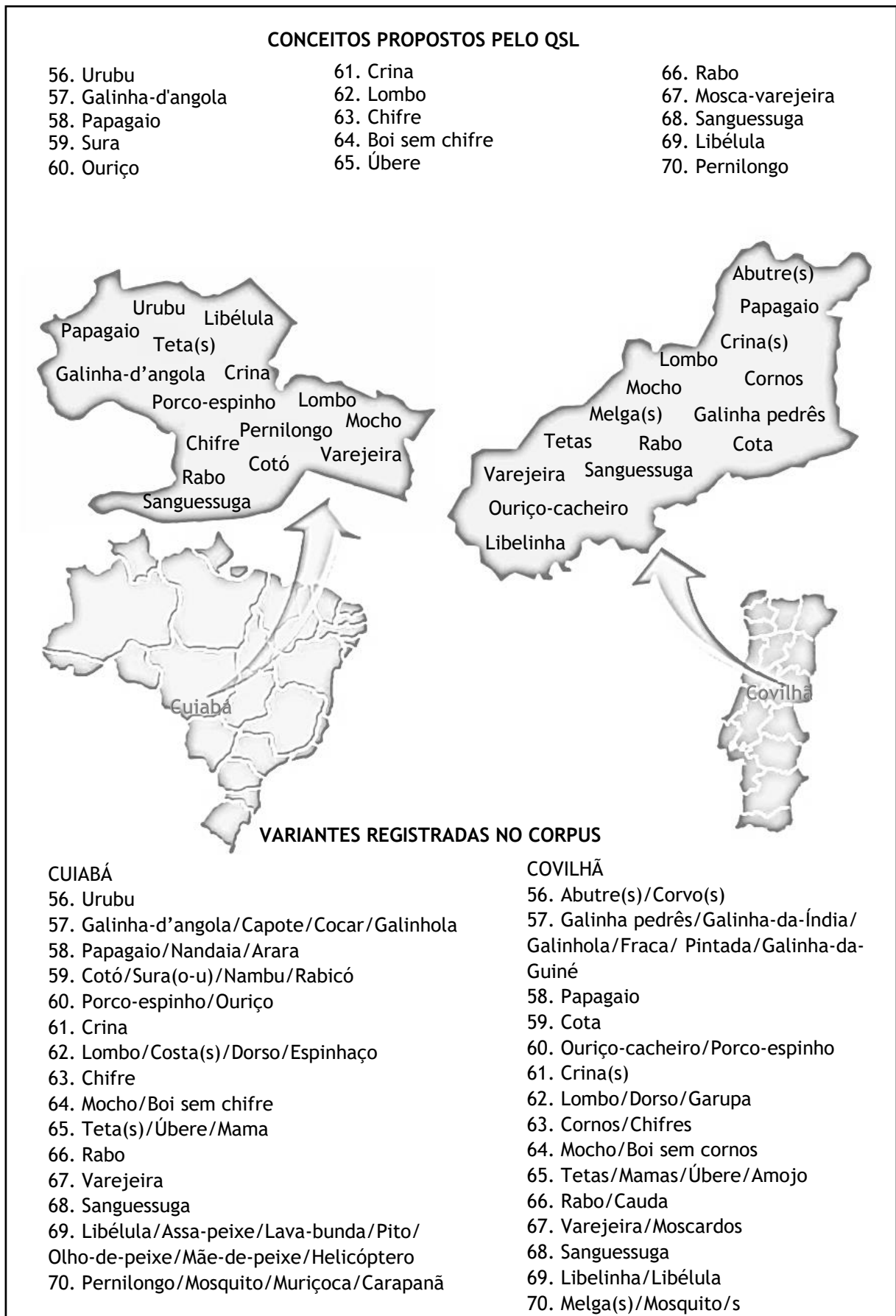
ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar”. Para o mesmo conceito, no ponto linguístico Cuiabá, a lexia de maior frequência também fora *papagaio*, identificada com a percentagem de 98%. A Carta Lexical do Campo Semântico Fauna (Figura 67), também registra o termo tupi *nandaia* (2%), que, em Houaiss e Villar (2010) é assinalado como um regionalismo do campo da ornitologia.

**Tabela 4:** Campo Semântico Fauna, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
56	Urubu	01	Urubu	100%	02	Abutre (s)	56%
57	Galinha-d'angola	04	Galinha-d'angola	90%	06	Galinha pedrês	28%
58	Papagaio	02	Papagaio	98%	01	Papagaio	100%
59	Sura	04	Cotó	36%	01	Cota	14%
60	Ouriço	02	Porco-espinho	72%	02	Ouriço-cacheiro	70%
61	Crina	01	Crina	100%	01	Crina (s)	98%
62	Lombo	04	Lombo	76%	03	Lombo	70%
63	Chifre	01	Chifre	100%	02	Cornos	78%
64	Boi sem Chifre	02	Mocho	60%	02	Mocho	76%
65	Úbere	03	Teta (s)	48%	04	Tetas	76%
66	Rabo	01	Rabo	100%	02	Rabo	96%
67	Mosca-varejeira	01	Varejeira	96%	02	Varejeira	98%
68	Sanguessuga	01	Sanguessuga	98%	01	Sanguessuga	96%
69	Libélula	07	Libélula	50%	02	Libelinha	94%
70	Pernilongo	04	Pernilongo	50%	02	Melga (s)	90%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

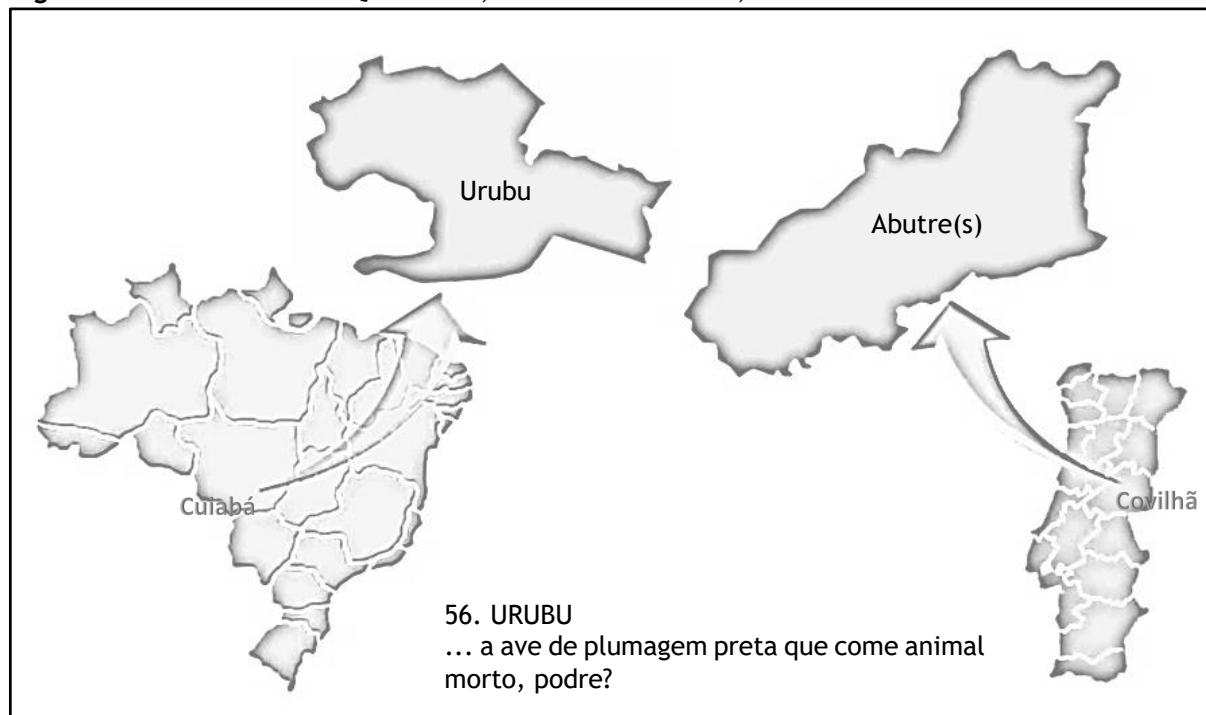
Os itens lexicais *abutre/s* e *corvo/s*, distintos ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical, são empregados na Covilhã para nomear “a ave de plumagem preta que se alimenta de animal morto, podre”. O primeiro, inscrito com o percentual de 56%, configura-se na variante léxica de maior frequência, enquanto que o vocábulo *corvo/s* fora a resposta de 44% dos informantes.

**Figura 67:** Carta Lexical do Campo Semântico Fauna, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 56 indica a ocorrência dos vocábulos *urubu* e *abutre/s*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Neste caso também não foram identificadas particularidades locais.

**Figura 68:** Carta Lexical da Questão 56, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Fauna (Figura 67) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “a ave parecida com a galinha, de plumagem cinzenta com pintinhas brancas”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de quatro itens lexicais: *galinha-d’angola* (90%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *capote* (6%), *cocar* (2%) e *galinhola* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes designações: *galinha pedrês* (28%), variante lexical de maior frequência, *galinha-da-índia* (26%), *galinhola* (12%), *fraca* (8%), *pintada* (6%) e *galinha-da-guiné* (2%). Constata-se, a partir da análise da Carta Lexical do Campo Semântico Fauna, uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas nove lexias distintas e apenas uma semelhante (*galinhola*) para designar o conceito proposto. Dentre os inquiridos portugueses, 18% afirmaram desconhecer o termo específico. A Figura 69, relativa à Carta Lexical da Questão 57, registra as variantes léxicas *galinha-d’angola* e *galinha-da-índia* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente. Destarte, registra-se uma particularidade local na Covilhã, pois o termo mais empregado por este grupo de pessoas difere do contexto geral para este referente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *cocar*, proveniente do francês *cocarde* ‘id.’, de *coq* ‘galo’, é um regionalismo do campo da etnografia, quando usado na acepção de “adorno de cabeça feito de penas com suporte trançado ou tecido para a cabeça, usado pelos indígenas”, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do

vocábulo *cocar* remete para área semântica distinta. De forma análoga, o vocábulo *galinhola* também se configura como um regionalismo, porém, do campo da ornitologia e significa o “m.q. galinha-d’angola”.

**Figura 69:** Carta Lexical da Questão 57, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 70:** Carta Lexical da Questão 58, Informantes Nativos, 2012/2013.

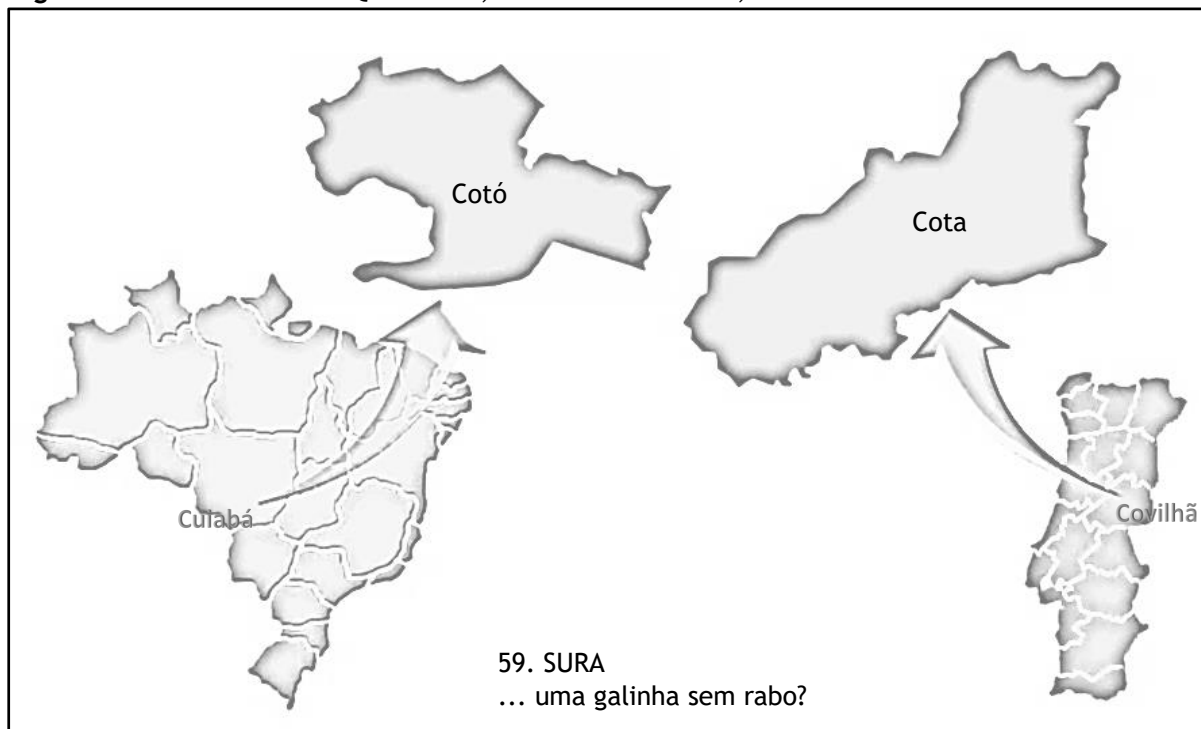


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Fauna (Figura 67) registra as variantes *cotó* (36%), *sura/o/u* (20%), *nambu* (12%) e *rabicó* (8%) no ponto linguístico brasileiro para recobrir o conceito de “galinha sem rabo”. No ponto linguístico português obteve-se a lexia *cota*, representando 14% do total dos

informantes; outros 86% alegaram desconhecer o termo específico, um percentual reduzido à 18% entre os cuiabanos. As lexias de maior frequência, visualizadas na Tabela 4 e correspondentes ao conceito proposto *sura*, mantêm-se entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 71.

**Figura 71:** Carta Lexical da Questão 59, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *suro* é um regionalismo do Brasil, cujo significado remete ao animal “sem cauda ou que apresenta apenas um coto de cauda; sura, suri, suru, surote”. Quanto ao vocábulo *nambu*, variante do termo linguístico “inhambu”, proveniente do tupi *ina’mbu* ‘ave da família dos tinamídeos’, também se configura como um regionalismo da área da zoologia que designa as “aves tinamiformes, da família dos tinamídeos, (...), de corpo robusto, pernas grossas e cauda rudimentar ou inexistente”. Neste caso, ocorreu uma extensão do significado para a galinha que também é desprovida de cauda. No artigo intitulado *Léxico Regional, Léxico Rural ou Vocabulário de Curiosidade? Um olhar sobre aspectos lexicais de Cuiabá*, Aguilera (2005) apresenta a variante léxica (*galinha*) *nambu* como própria do falar cuiabano. No entanto, a lexia *nambu* também está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Assis 1985:89, o qual remete à variante *inambu* que significa “ave preta semelhante à galinha”, associado ao Campo semântico Animais Bravios (denominações).

Os itens lexicais *porco-espinho* e *ouriço* foram selecionados em Cuiabá para designar um “pequeno mamífero, com o dorso coberto por espinhos curtos e lisos”. O primeiro, inscrito com o percentual de 72%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que o vocábulo *ouriço* fora a resposta de 28% dos informantes e corresponde à variante proposta pelo QSL. O termo *ouriço-cacheiro* fora o registro mais frequente, dentre os inquiridos portugueses, representando 70%

do total dos informantes e, 30% registraram a lexia *porco-espinho* para recobrir o conceito anteriormente mencionado, como exposto na Tabela 4 e Figura 67. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos, como pode ser observado na Figura 72.

**Figura 72:** Carta Lexical da Questão 60, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 61 (Figura 73) registra o vocábulo *crina/s* como a variante lexical de maior frequência empregada pelos cuiabanos e covilhanenses para nomear “o cabelo em cima do pescoço do cavalo”. A Tabela 4, referente ao Campo Semântico Fauna, apresenta à variante lexical *crina/s* as frequências de 100% e 98% para Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Dentre os informantes portugueses, 2% alegaram desconhecer o termo específico.

A Tabela 4, relativa à área semântica Fauna, registra *lombo* como a variante lexical de maior frequência empregada pelos brasileiros e portugueses para nomear “a parte do cavalo onde vai a sela” e a inscreve com as frequências de 76% e 70% para Cuiabá e Covilhã, respectivamente. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 67), também registra as lexias *dorso* (12%), *costa/s* (10%) e *espinhaço* (2%) em Cuiabá; *dorso* (28%) e *garupa* (2%) na Covilhã. As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* coincidem com o conceito proposto pelo QSL. Dentre os informantes nativos, manteve-se a mesma variante, vide Figura 74.

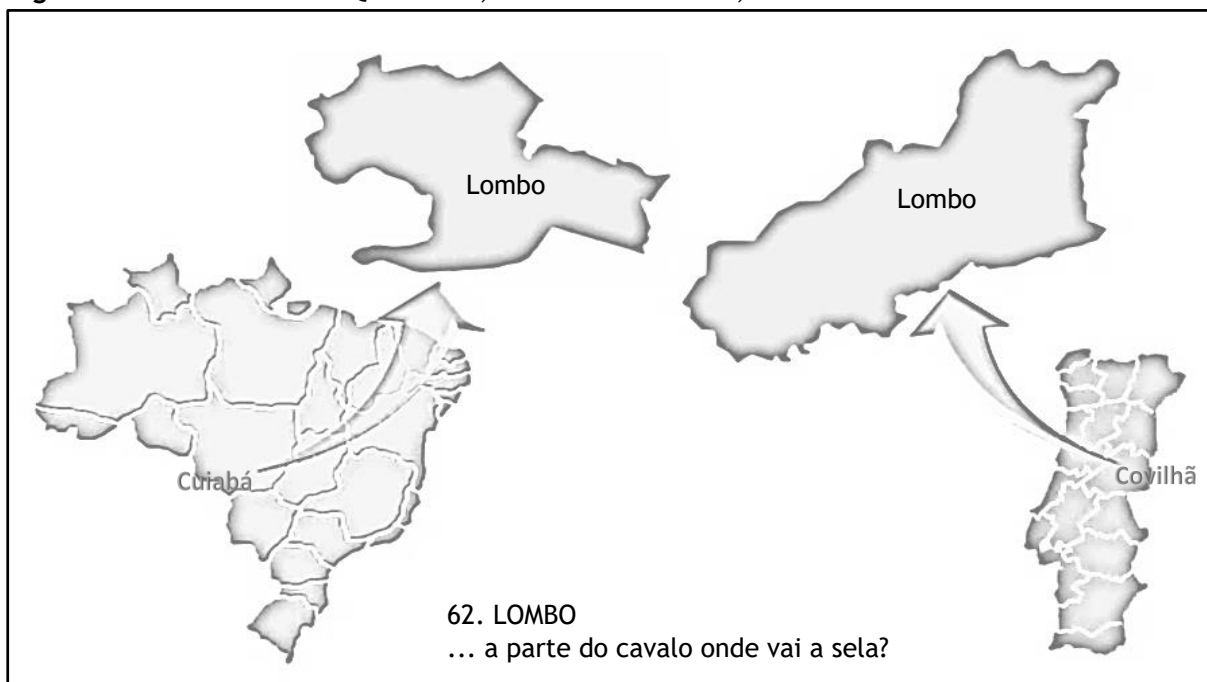
Para a questão 63, no ponto linguístico Covilhã, obteve-se as respostas *cornos* (78%), variante lexical de maior frequência e *chifres* (22%) que corresponde ao conceito proposto pelo QSL. Em Cuiabá registra-se o vocábulo *chifre* com o percentual de 100%, conforme Tabela 4. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos, como exposto na Figura 75.

**Figura 73:** Carta Lexical da Questão 61, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 74:** Carta Lexical da Questão 62, Informantes Nativos, 2012/2013.



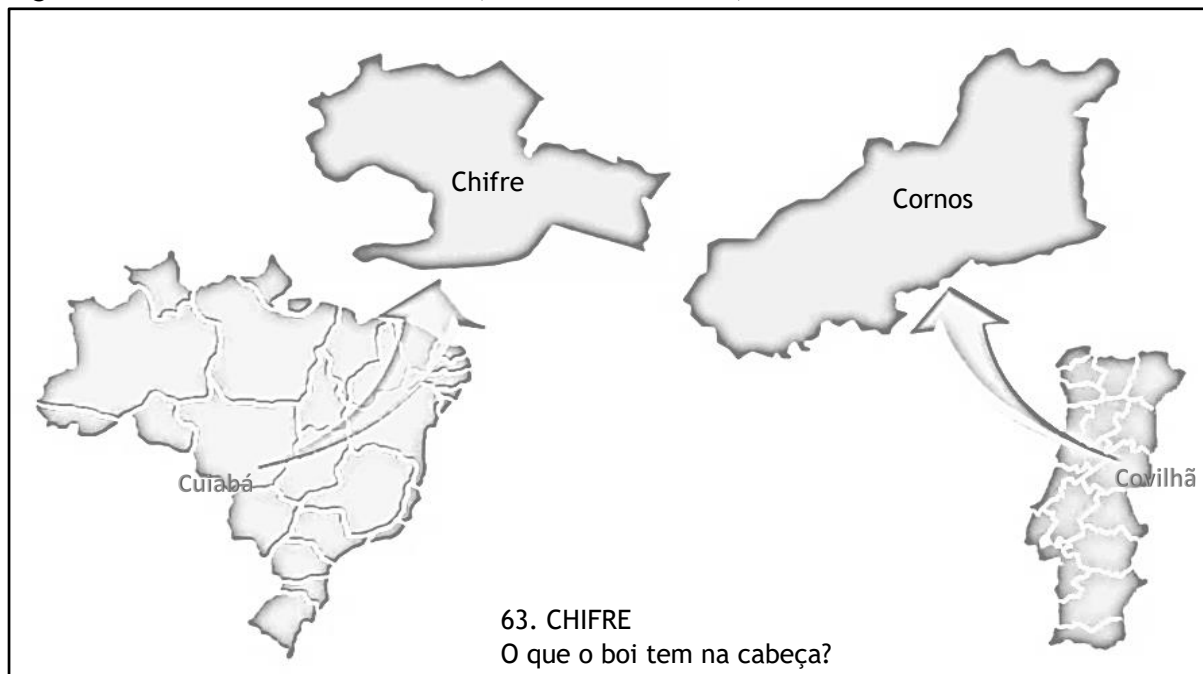
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Fauna (Figura 67) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para denominar “o boi sem corno/chifre”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de dois itens lexicais: *mocho* (60%), variante de maior frequência e *boi sem chifre* (26%), que corresponde ao conceito proposto pelo QSL. No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes denominações: *mocho* (76%), variante lexical de maior frequência e *boi sem cornos* (2%). Dentre os informantes cuiabanos 14% afirmaram desconhecer o



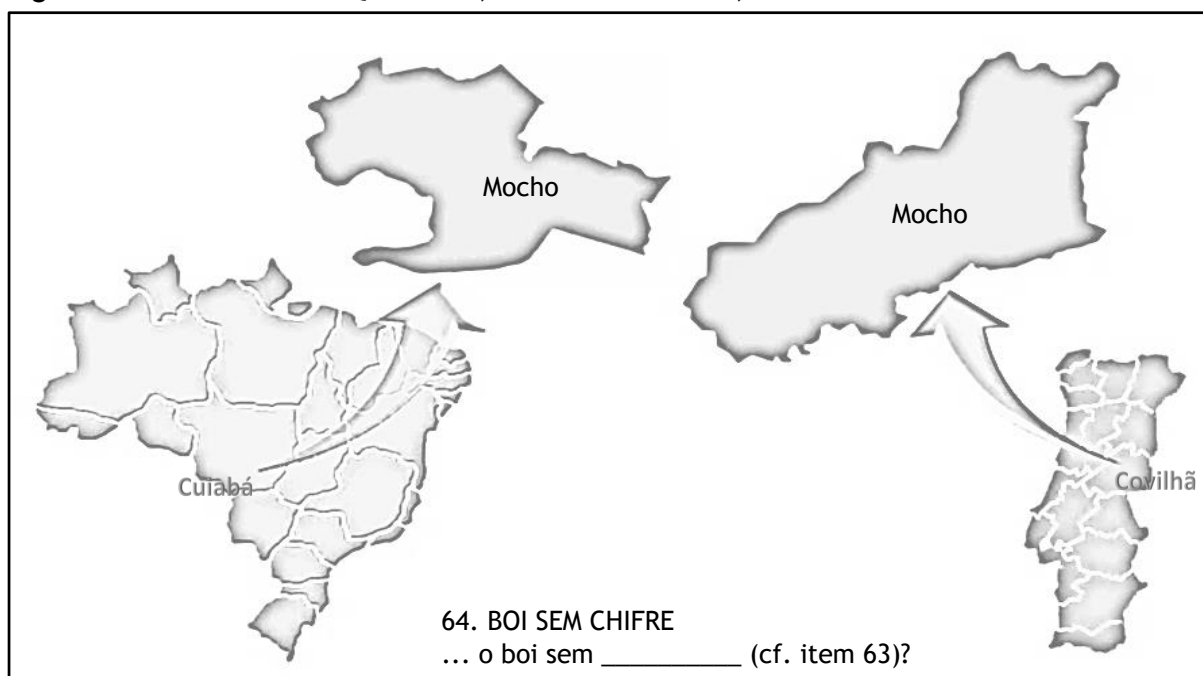
termo específico, percentual que se eleva para 22% na Covilhã. Como pode ser observado na Figura 76, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 75:** Carta Lexical da Questão 63, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 76:** Carta Lexical da Questão 64, Informantes Nativos, 2012/2013.



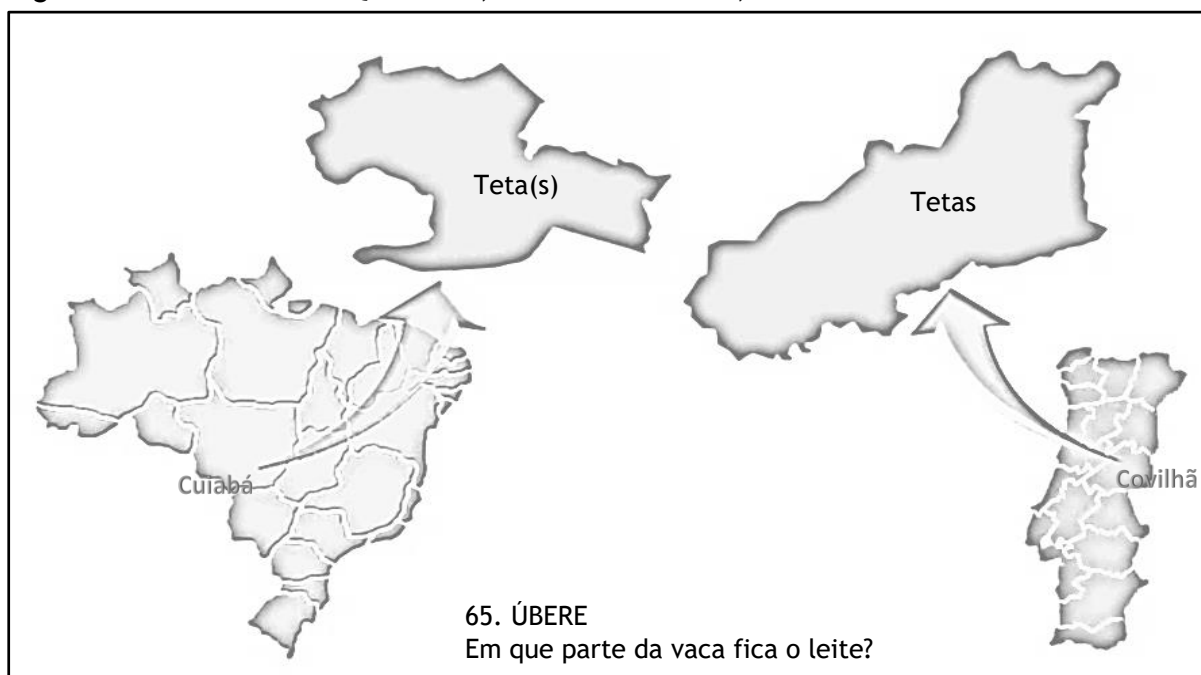
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) registra o item lexical *mocho* para designar as “corujas da família dos estrigídeos, (...), que não possuem penachos ou tufos de penas na cabeça”. Também há registro deste termo linguístico, no Brasil, para designar “tamborete,

escabelo, banco de madeira com quatro pés, assento redondo ou quadrado sem encostos”, em Assis (1985:94), associado ao campo semântico Enxoval e vida doméstica, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Esta pesquisa destaca o emprego do vocábulo *mocho*, em Portugal, nas seguintes acepções: “ave nocturna”, em Paulino (1959:264) e Buescu (1961:330); “linho cuja baganha não abriu no tempo próprio”, em Cruz (1991:354); “variedade de feijão”, em SilvaG (1960:256); “banco tosco sem encosto”, em Paulino (1959:290), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *mocho* remete para área semântica distinta.

A Figura 67, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Fauna, apresenta as designações para “úbere da vaca”. No ponto linguístico Cuiabá foram selecionadas as lexias *teta/s* (48%), variante de maior frequência, *úbere* (44%) e *mama* (8%). No ponto linguístico Covilhã foram registradas as seguintes designações: *tetas* (76%), variante de maior frequência, *mamas* (16%), *úbere* (4%), que coincide com a variante lexical da questão proposta pelo QSL e *amojo* (4%). De forma análoga à questão anterior, não foram registradas particularidades entre os informantes nativos, visto que a variante de maior frequência permanece a mesma, como pode ser observado na Figura 77.

**Figura 77:** Carta Lexical da Questão 65, Informantes Nativos, 2012/2013.



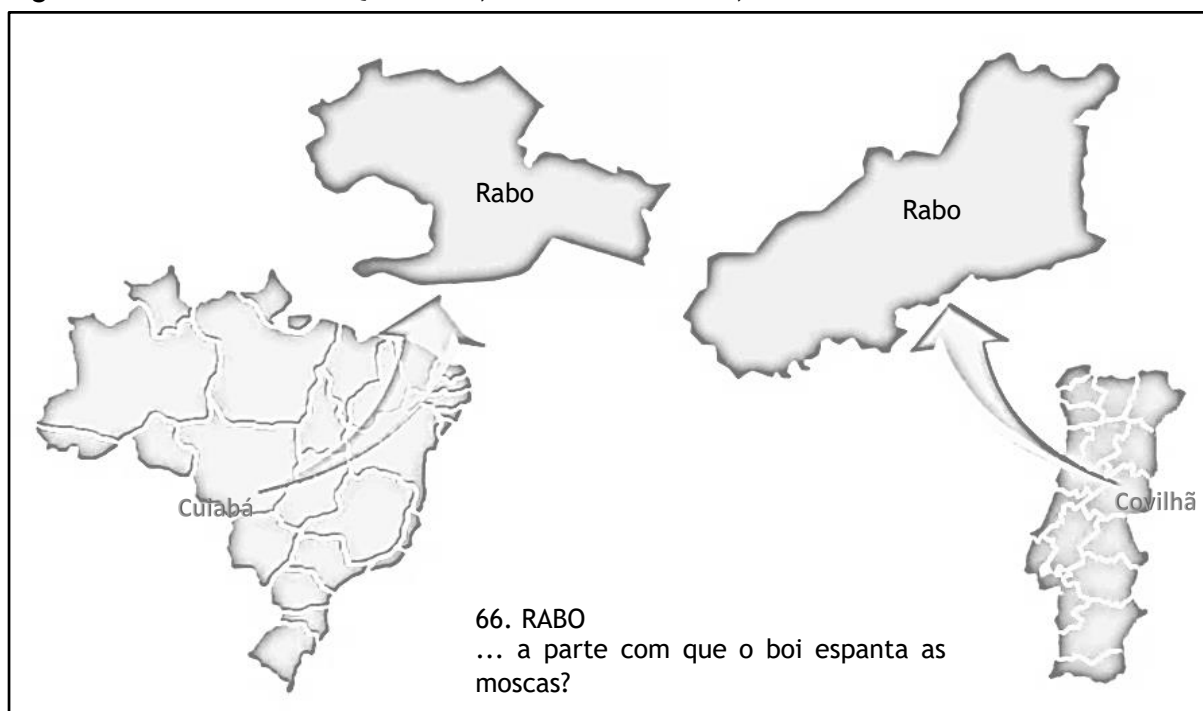
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Lindley Cintra, no artigo intitulado *Áreas Lexicais no Território Português*, registra a distribuição geográfica dos itens lexicais *úbere* e *amojo*, empregados em Portugal para designar “úbere de vaca”. O primeiro, provém do latim *uber, ěris*, ‘peito, mama (de mulher), teta (de animal)’ (HOUAISS e VILLAR, 2010). Segundo Lindley Cintra, a palavra *amojo* é “um deverbais de (a)moger, (a)monger ou de (a)mugir, (a)mungir”. O linguista afirma que o emprego da designação *úbere* se restringe ao “Minho, ocidente de Trás-os-Montes, Douro Litoral, o extremo norte da Beira Litoral e uma pequena região da Beira Alta”. Também, diz-se *úbere* em algumas áreas isoladas: “em Lagoaça, no oriente de Trás-os-Montes (...), na Estremadura (Maфра e Cartaxo) e na Beira Baixa (Monsanto),

geralmente convivendo com *(a)mojo*, *(a)monjo*". A inovação *amojo* emprega-se em "todo o Algarve, todo o Alentejo, a maior parte da Estremadura e da Beira Litoral, o Ribatejo, a Beira Baixa, a maior parte da Beira Alta e o oriente de Trás-os-Montes" (CINTRA, 1995, p.65-67). No Português Europeu o vocábulo *amojo* também é empregado na acepção de "apojadura dos animais", integrando o acervo do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Buescu (1961:329), associado ao Campo semântico Gado Vacum.

A variante léxica *rabo*, resposta à questão 66 do QSL, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, com o percentual de 100% e 96%, respectivamente. (Tabela 4; Figura 78). A Carta Lexical do Campo Semântico Fauna também inscreve a lexia *cauda* (4%) no ponto linguístico Covilhã, para denominar o mesmo referente.

**Figura 78:** Carta Lexical da Questão 66, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Fauna (Figura 67) registra as lexias *varejeira* (96%), no ponto linguístico brasileiro; *varejeira* (98%) e *moscardo* (2%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 67. Dentre os informantes cuiabanos, 4% alegaram desconhecer o termo específico. As lexias de maior frequência, visualizadas na Tabela 4 e correspondentes ao conceito proposto *mosca-varejeira*, mantêm-se entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 79. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica, na terceira acepção, que o item lexical *moscardo* é um regionalismo de Portugal, cujo significado remete à "agressão física; safanão, sopapo, bofetão", quando empregado na linguagem informal.

Da observação da Tabela 4, relativa à área semântica Fauna, pode-se inferir que a variante lexical *sanguessuga*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 98% dos informantes cuiabanos e 96%

dos informantes covilhanenses. Não foram registradas particularidades entre os informantes nativos, visto que a variante de maior frequência permanece a mesma. Vide Figura 80.

**Figura 79:** Carta Lexical da Questão 67, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 80:** Carta Lexical da Questão 68, Informantes Nativos, 2012/2013.

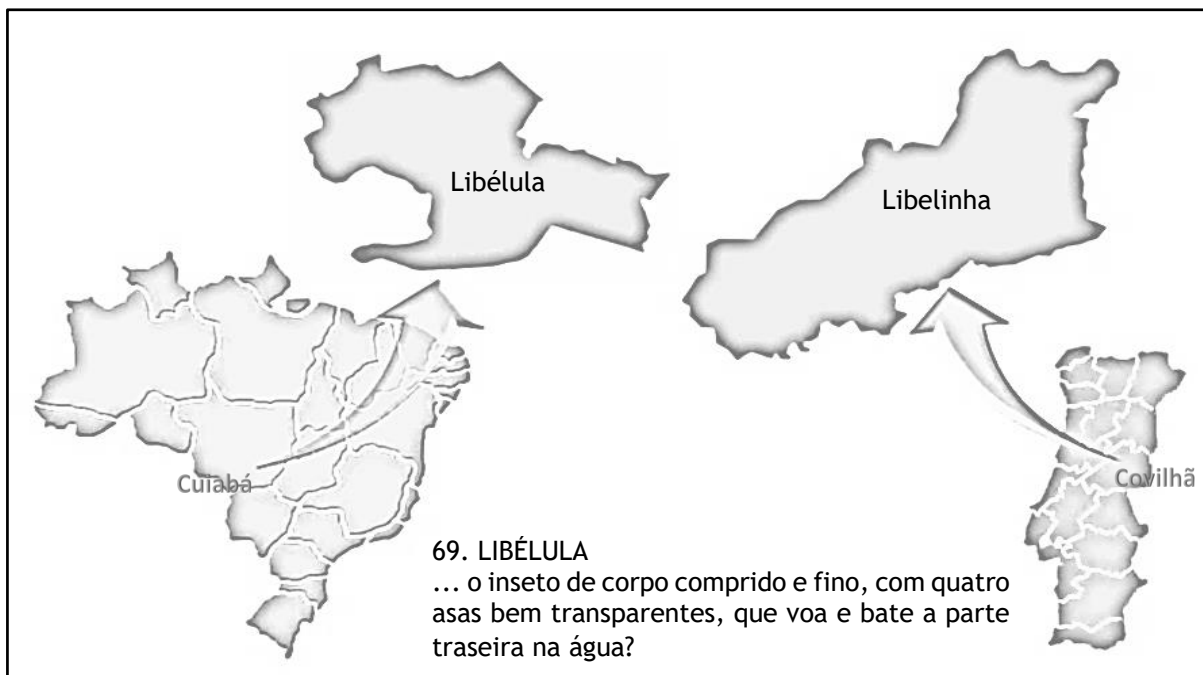


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Fauna (Figura 67) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para denominar “o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de sete itens lexicais: *libélula* (50%), variante de maior frequência e

correspondente ao conceito proposto pelo QSL, *assa-peixe* (20%), *lava-bunda* (8%), *olho-de-peixe* (6%), *mãe-de-peixe* (4%), *pito* (4%) e *helicóptero* (2%). Dentre os informantes cuiabanos, 6% afirmaram desconhecer o termo específico. No ponto linguístico Covilhã obteve-se as lexias *libelinha* (94%), variante lexical de maior frequência e *libélula* (6%). Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas oito lexias distintas e apenas uma coincidente, que correspondem ao mesmo sentido. Como pode ser observado na Figura 81, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 81:** Carta Lexical da Questão 69, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Das variantes coletadas na pesquisa *in loco*, somente não está lexicalizada *mãe-de-peixe*. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *olho-de-peixe* é um regionalismo do Mato Grosso e significa o “m.q. libélula”. De forma análoga, os vocábulos *lava-bunda*, *pito* e *helicóptero* também se configuram como regionalismos. O primeiro do Sul do Brasil; o segundo do estado de Minas Gerais e o último recobre o conceito de *libélula* em todo o território brasileiro.

O termo linguístico *assa-peixe*, por sua vez, encontra-se dicionarizado na acepção de planta. No Brasil, a lexia *pito* também é empregada nas seguintes acepções: “tubo de borracha pelo qual se enche a bola de futebol”; “cachimbo (‘utensílio para fumar’)”;

“cigarro (‘rolo de tabaco’)” e “repreensão, reprimenda, descompostura”. Em Portugal, este termo linguístico é empregado, por exemplo, para designar “pinto”; “frango”, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Fernandes (1965:299) e Moura (1960:197), associado ao Campo semântico Avicultura. No artigo intitulado *Léxico Regional, Léxico Rural ou Vocabulário de Curiosidade? Um olhar sobre aspectos lexicais de Cuiabá*, Aguilera (2005: p.132) inclui a variante léxica *mãe-de-peixe* como regionalismo do falar cuiabano.

A Carta Lexical do Campo Semântico Fauna registra as lexias *pernilongo* (50%), variante de maior frequência, correspondente ao conceito proposto pelo QSL, *mosquito* (42%), *muriçoca* (6%) e *carapanã* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *melga/s* (90%) e *mosquito/s* (10%), distintas ao conceito proposto pelo QSL, no ponto linguístico português, como respostas à questão 70. A Figura 82, relativa à Carta Lexical da Questão 70, expõe os vocábulos *mosquito* e *melga/s* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

**Figura 82:** Carta Lexical da Questão 70, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O termo linguístico *pernilongo*, segundo Houaiss e Villar (2010), é o “m.q. mosquito (‘designação comum’)” e configura-se como um regionalismo do Brasil. De forma análoga, a variante *muriçoca* também é considerada um regionalismo, no entanto, da região Nordeste do Brasil e de Minas Gerais. Os referidos lexicógrafos assinalam que o vocábulo *carapanã* consiste em um regionalismo da Amazônia e provém do tupi *karapa’nã*, que, segundo Nascentes, significa ‘mosquito’. Este fato elucida a influência da língua indígena no falar cuiabano.

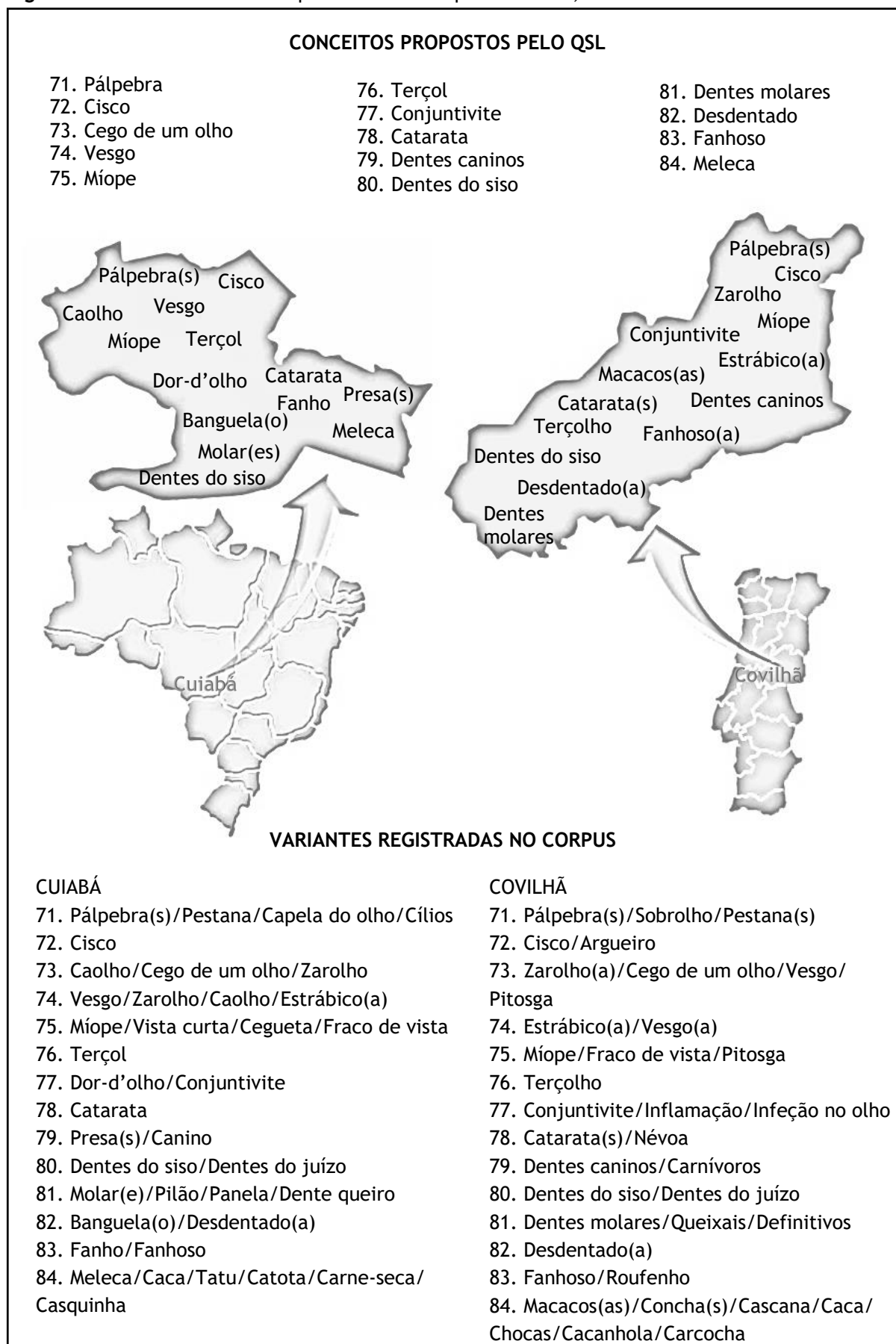
### 3.5. CAMPO SEMÂNTICO CORPO HUMANO

As questões numeradas de 71 a 98, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico V - Corpo Humano e compõem a Tabela 5 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses. Em virtude do expressivo número de variantes, fez-se necessário elaborar duas cartas lexicais (A e B) para o referido campo.

Tabela 5: Campo Semântico Corpo Humano, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
71	Pálpebras	04	Pálpebra (s)	62%	03	Pálpebra (s)	84%
72	Cisco	01	Cisco	96%	02	Cisco	90%
73	Cego de um olho	03	Caolho	44%	04	Zarolho (a)	84%
74	Vesgo	04	Vesgo	48%	02	Estrábico (a)	52%
75	Míope	04	Míope	74%	03	Míope	90%
76	Terçol	01	Terçol	98%	01	Terçolho	100%
77	Conjuntivite	02	Dor-d 'olho	52%	03	Conjuntivite	94%
78	Catarata	01	Catarata	100%	02	Catarata (s)	86%
79	Dentes caninos	02	Presa (s)	64%	02	Dentes Caninos	98%
80	Dentes do siso	02	Dentes do siso	74%	02	Dentes do siso	78%
81	Dentes molares	04	Molar (es)	44%	03	Dentes molares	86%
82	Desdentado	02	Banguela (o)	80%	01	Desdentado (a)	100%
83	Fanhoso	02	Fanho	58%	02	Fanhoso (a)	96%
84	Meleca	06	Meleca	34%	07	Macacos (as)	50%
85	Pomo-de-Adão	02	Gogó	80%	06	Maça-de-Adão	52%
86	Clavícula	02	Clavícula	74%	01	Clavícula	100%
87	Corcunda	01	Corcunda	100%	03	Corcunda	44%
88	Axila	02	Sovaco	64%	03	Sovaco	44%
89	Cheiro nas axilas	04	Cê-cê	68%	07	Suor	36%
90	Canhoto	02	Canhoto (a)	84%	02	Canhoto (a)	90%
91	Seios	03	Seios	68%	03	Mamas	56%
92	Vomitar	01	Vomitar	100%	02	Vomitar	98%
93	Roncar	03	Ronco	48%	02	Ressonar	92%
94	Útero	05	Útero	48%	03	Útero	62%
95	Perneta	06	Perneta	36%	03	Perneta	90%
96	Manco	04	Manco (a)	74%	02	Coxo (a)	76%
97	Pess. pernas arqueadas	05	Cambaio (a)	66%	04	Pernas arqueadas	74%
98	Rótula	04	Rótula	56%	01	Rótula	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 83:** Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A, 2012/2013.

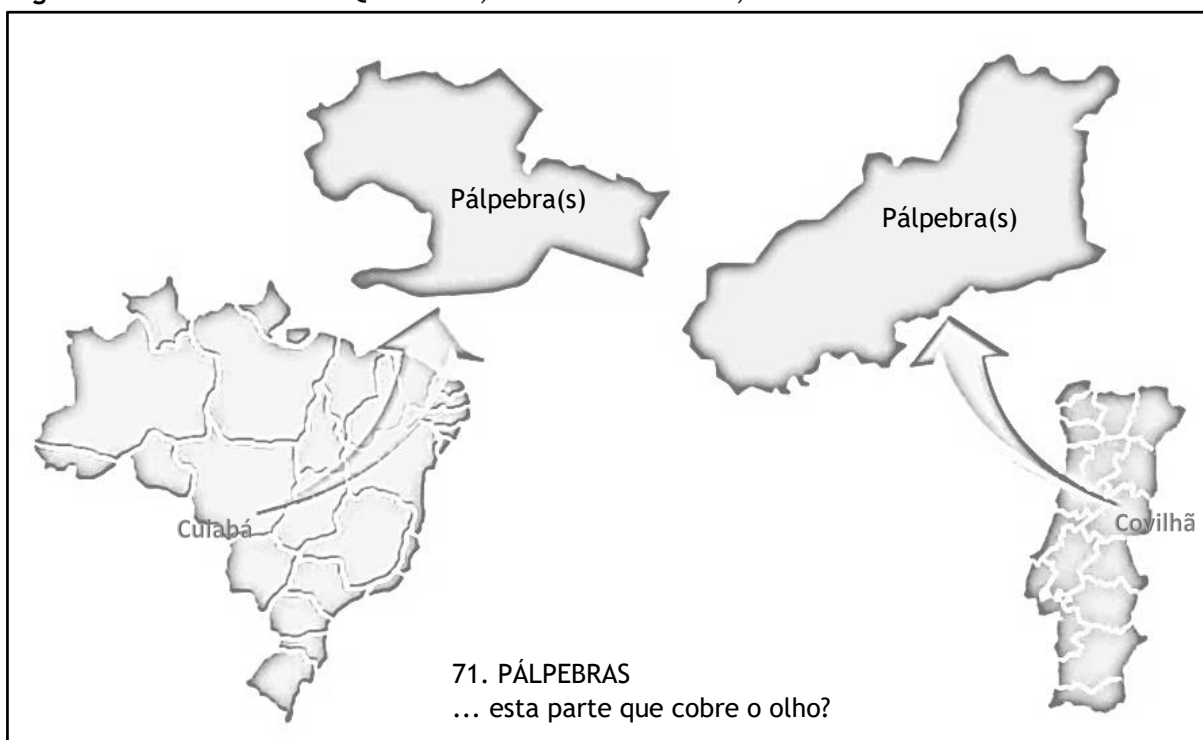
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.



A partir da análise da Tabela 5 verifica-se que as lexias simples *catarata*, *corcunda/o* e *vomitare*, relativas às questões 78, 87 e 92, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado e coincidem com as variantes das questões propostas pelo QSL, inscritas com o percentual de 100%, no ponto linguístico Cuiabá. No ponto linguístico Covilhã, as lexias simples *terço*, *desdentado/a*, *clavícula* e *rótula*, relativas às questões 76, 82, 86 e 98, respectivamente, também são apresentadas com o percentual de 100% e coincidem com as variantes lexicais propostas pelo QSL.

A variante léxica *pálpebra/s*, resposta à questão 71 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, com o percentual de 62% e 84%, respectivamente, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, conforme Tabela 5 e Figura 84. A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A também inscreve as designações: *pestana* (22%), *capela do olho* (6%) e *cílios* (2%), no ponto linguístico Cuiabá; *sobrolho* (8%) e *pestana/s* (8%) no ponto linguístico Covilhã, para denominar o mesmo referente. Dentre os informantes cuiabanos, 8% afirmaram desconhecer o termo específico. Apesar de não ter sido identificada na Covilhã, a locução *capela do olho*, na acepção de “pálpebras”, encontra-se registrada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Cruz 1991:330 e Paulino 1959:267. Também há registro deste termo linguístico para designar “pestanas”, em Monteiro 1950:130. De acordo com Houaiss e Villar (2010), a lexia *pestana* significa o “m.q. cílio”. Não há nenhuma referência ao emprego deste termo linguístico na acepção de “pálpebras”. O item lexical *sobrolho* integra o léxico do Português Europeu com o significado de “sobrancelha”, por exemplo, em Cruz 1991:332 e Delgado 1970:355, inferindo-se, deste modo, que o significado dos vocábulos *pestana/s*, *cílios* e *sobrolho* remete para um conteúdo semântico distinto.

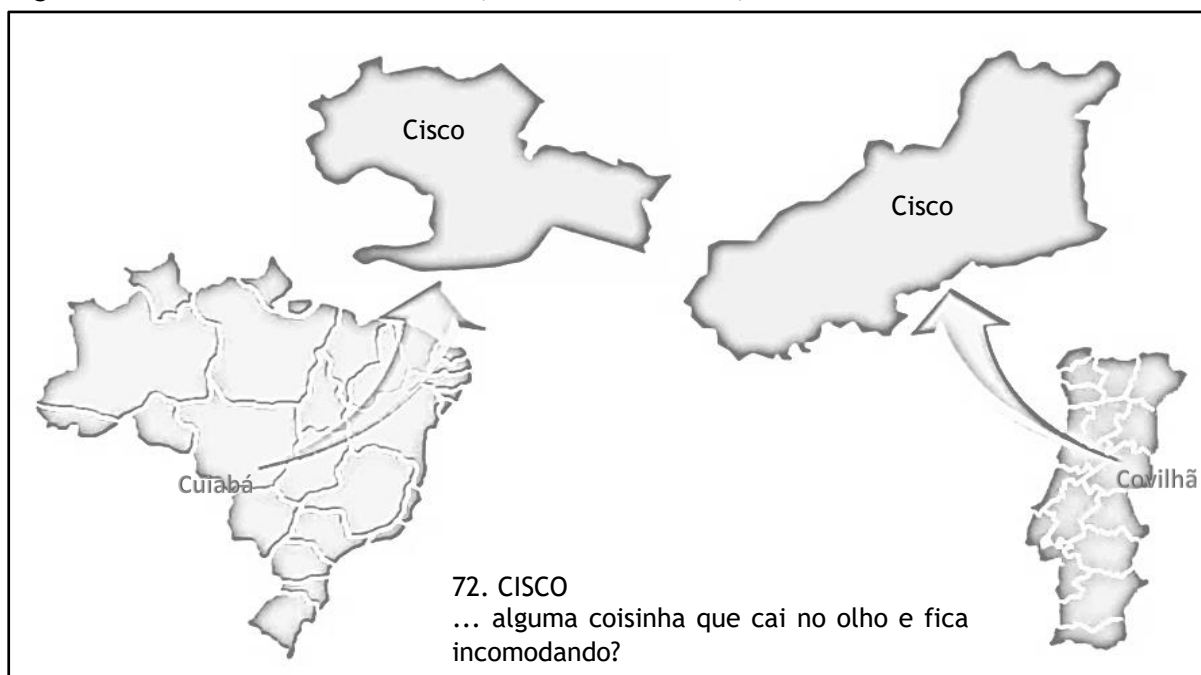
**Figura 84:** Carta Lexical da Questão 71, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Da observação da Tabela 5, relativa à área semântica Corpo humano, pode-se inferir que a variante lexical *cisco*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 96% dos informantes brasileiros e 90% dos informantes beirões. A carta lexical do referido campo semântico também registra o termo equivalente *argueiro* (10%) na Covilhã. Dentre os informantes cuiabanos, 4% alegaram desconhecer o termo específico. Como pode ser observado na Figura 85, as variantes léxicas de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 85:** Carta Lexical da Questão 72, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica, na quinta acepção, que o item lexical *cisco* é um regionalismo do Brasil, cujo significado remete à “partícula ou grânulo (de poeira, etc.) que entra acidentalmente no olho; argueiro”. Também há registro deste termo linguístico, no Brasil, para designar “restos de sujeira, lixo” em Assis 1985:83, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Esta pesquisa também evidencia o emprego do vocábulo *cisco*, em Portugal, nas seguintes acepções: “folha seca de pinheiro”, em Netto 1949:114, anexo ao Campo Semântico Plantas; “lixo”, em SilvaM 1972:343; “cinza” e “brasa”, por meio da variante fonética “cisque”, em Carrancho 1969:198, associados ao Campo Semântico Enxoval e vida doméstica, inferindo-se deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *cisco* remete para área semântica distinta.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A (Figura 83) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “a pessoa que só enxerga com um olho”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *caolho* (44%), variante de maior frequência, *cego de um olho* (40%) e *zarolho* (16%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes designações: *zarolho/a* (84%), variante lexical de maior frequência, *cego de um olho* (12%), *vesgo* (2%) e *pitogsa* (2%). Dentre os informantes cuiabanos 4% afirmaram desconhecer o termo

específico. A Figura 86, relativa à Carta Lexical da Questão 73, registra as variantes léxicas *cego de um olho* e *zarolho/a* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

**Figura 86:** Carta Lexical da Questão 73, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 74 (Figura 87) indica o vocábulo *vesgo/a* como a variante de maior frequência empregada pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã para denominar “a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes”. Esta variante lexical fora registrada com o percentual de 48% dentre os inquiridos brasileiros, conforme exposto na Tabela 5. A partir da Figura 83, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A, verifica-se que em Cuiabá também se empregam para o conceito anteriormente mencionado as seguintes lexias: *zarolho* (26%), *caolho* (16%) e *estrábico* (10%). Na Covilhã obteve-se as lexias *estrábico/a* (52%), variante de maior frequência, e *vesgo/a* (48%).

A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A (Figura 83) registra as lexias *míope* (74%), *vista curta* (14%), *fraco de vista* (10%) e *cegueta* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *míope* (90%), *fraco de vista* (8%) e *pitosa* (2%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 75. As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* coincidem com o conceito proposto pelo QSL, como exposto na Tabela 5. Como pode ser observado na Figura 88, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

As variantes lexicais *terçol* e *terçolho*, empregadas para designar “a bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha”, foram registradas com expressiva frequência, 98% e 100%, respectivamente, em Cuiabá e Covilhã (Tabela 5); cabe registrar que 2% dos inquiridos cuiabanos não responderam a questão. Como pode ser observado na Figura 89, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não sugerem particularidades locais. O

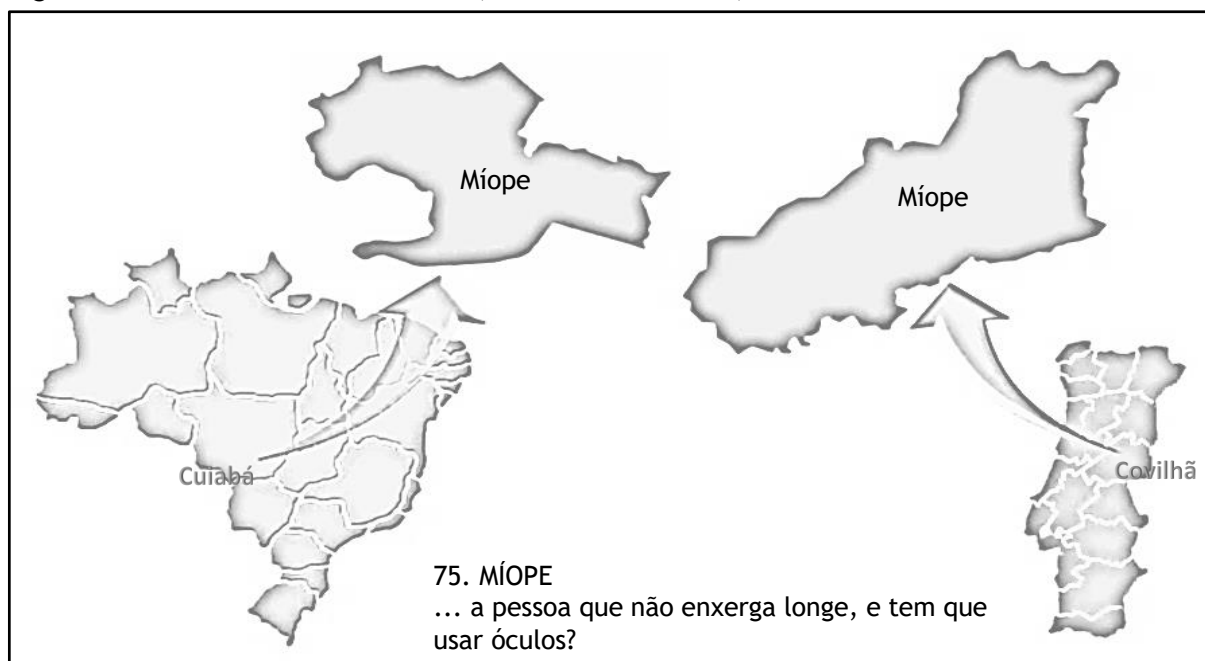
dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *terçol*, de uso informal, significa o “m.q. hordéolo”: “abscesso pequeno, do tamanho de um grão de cevada, que cresce na borda da pálpebra; terçol”.

**Figura 87:** Carta Lexical da Questão 74, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 88:** Carta Lexical da Questão 75, Informantes Nativos, 2012/2013.

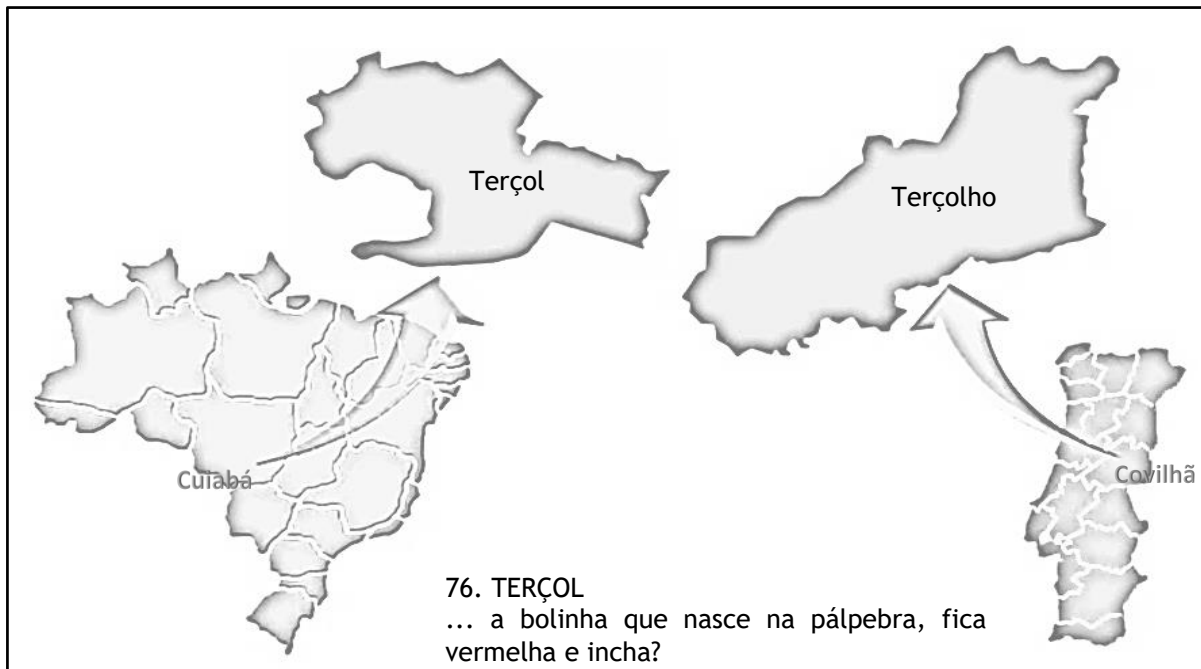


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora assinala que o vocábulo *terçol* é popularmente conhecido por *terçogo*, *terçolho* e *treçolho*. Também há registros deste termo linguístico, em Portugal, nas seguintes acepções: “o mais novo de vários irmãos” em Medeiros 1964:236; “último porco duma ninhada e por isso o mais enfezado”, por meio da variante *treçolho*,

em Silva 1944:84, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), inferindo-se deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *terçol* remete para áreas semânticas distintas.

**Figura 89:** Carta Lexical da Questão 76, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 77 (Figura 90) registra as lexias *dor-d'olho* e *conjuntivite* como as variantes de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã. Estas lexias, diferentes e correspondentes à noção de “inflamação no olho” foram indicadas com o percentual de 52% e 94%, respectivamente, conforme Tabela 5. A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A, também registra os termos linguísticos: *conjuntivite* (48%) em Cuiabá; *inflamação* (4%) e *infecção no olho* (2%) na Covilhã, para designar o mesmo referente. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que a lexia *dor-d'olho* é um regionalismo do Brasil, cujo emprego denota uma linguagem informal. Esta lexia pode ser considerada como mais representativa do falar cuiabano, visto que fora a resposta de maior frequência, inclusive entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”.

A variante léxica *catarata/s*, resposta à questão 78 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, com o percentual de 100% e 86%, respectivamente, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã. (Tabela 5; Figura 91). A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A também inscreve a designação *névoa* (14%) no ponto linguístico Covilhã, para o mesmo referente. Este termo linguístico também integra o léxico do Português Europeu, na acepção de “núvem”, por meio da variante *néboa*, em Amorim 1971:272; “nevoeiro”, por meio da variante fonética *néuva*, em Costa 1961:289, ambos associados ao campo semântico Meteorologia, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), inferindo-se deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *névoa* remete para áreas semânticas distintas. Conforme Houaiss e Villar (2010) o vocábulo latino *catarata* também é empregado para designar “queda-d'água, cachoeira”. Cumpre salientar que

a variante *névoa*, também fora registrada para designar o referente “nevoeiro”, no ponto linguístico Cuiabá, conforme Figura 32, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Fenômenos Atmosféricos. Deste modo, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

**Figura 90:** Carta Lexical da Questão 77, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 91:** Carta Lexical da Questão 78, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A (Figura 83) registra as lexias *presa/s* (64%) e *canino* (24%), para o ponto linguístico brasileiro; *dentes caninos* (98%) e *carnívoros* (2%) no

ponto linguístico português, como respostas à questão 79. Dentre os informantes cuiabanos, 12% afirmaram desconhecer o termo específico. As lexias de maior frequência, visualizadas na Tabela 5, correspondentes ao conceito *dentes caninos*, proposto pelo QSL, mantêm-se entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 92. O item lexical *presa*, na acepção de “dente canino”, apesar de não ter sido registrado no ponto linguístico Covilhã, integra o acervo do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Cruz 1991:332, associado ao Campo semântico Ser Humano.

**Figura 92:** Carta Lexical da Questão 79, Informantes Nativos, 2012/2013.

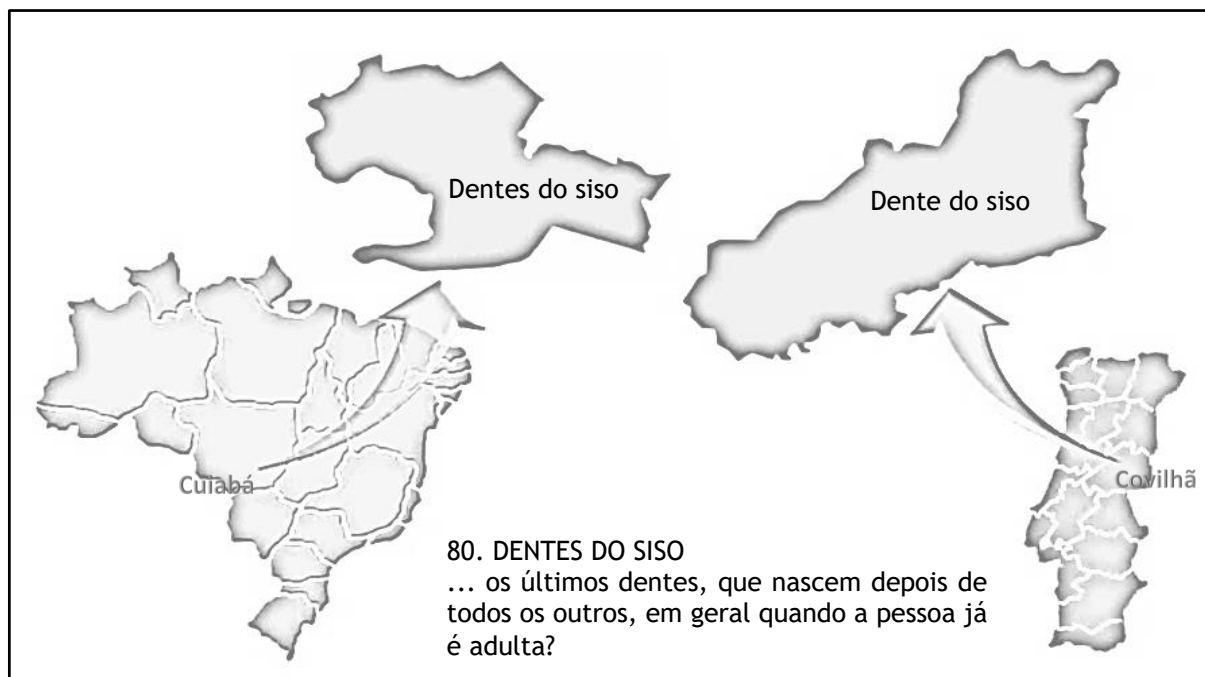


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Figura 93, relativa à Carta Lexical da Questão 80, indica a lexia complexa *dentes do siso* como a variante lexical de maior frequência empregada pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã para nomear “os últimos dentes que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta”. Esta lexia fora registrada com o percentual de 74% e 78% dentre os inquiridos brasileiros e portugueses, respectivamente, conforme exposto na Tabela 5. A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A registra, em ambos os pontos linguísticos, a lexia complexa *dente do juízo*, indicada com as frequências de 16% e 22% para Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Dentre os inquiridos cuiabanos, 10% afirmaram desconhecer o termo específico.

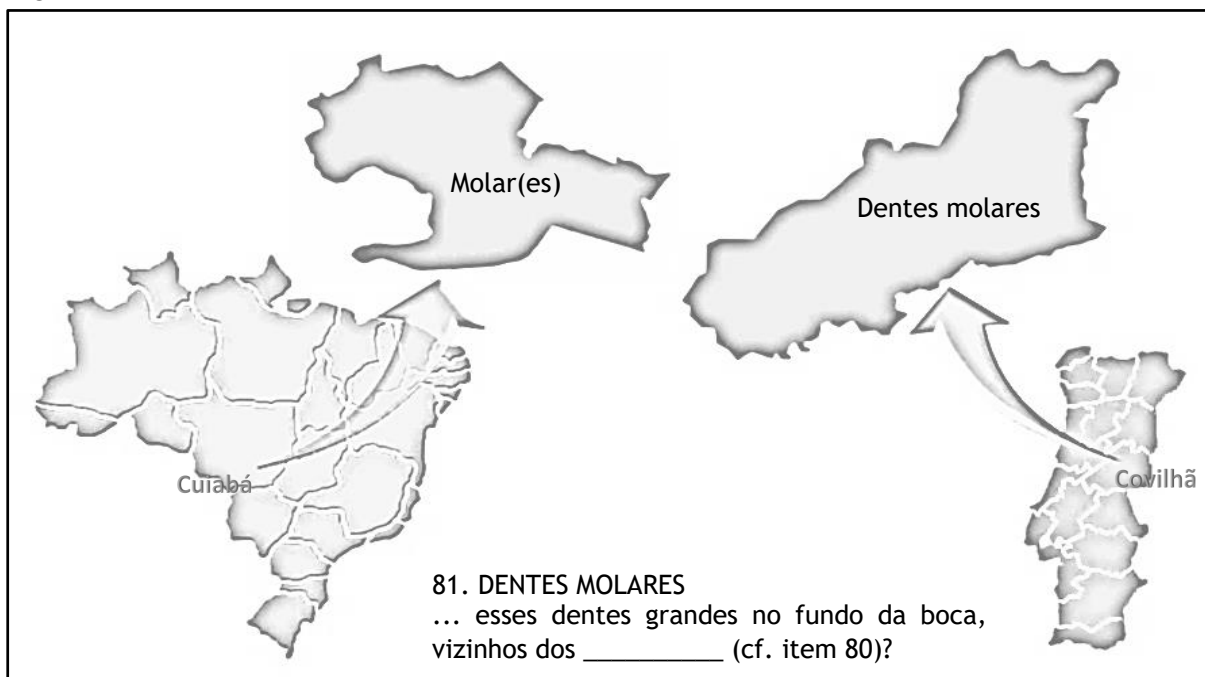
Para a questão 81, no ponto linguístico Cuiabá, obteve-se as seguintes respostas: *molar/es* (44%), variante lexical de maior frequência, *pilão* (8%), *panela* (4%) e *dente queiro* (2%). No ponto linguístico Covilhã foram identificadas as lexias *dentes molares* (86%), a qual coincide com a variante proposta pelo QSL, *queixais* (12%) e *definitivos* (2%), conforme exposto na Tabela 5 e Figura 83. Dentre os inquiridos cuiabanos, 42% afirmaram desconhecer o termo específico. Como pode ser observado na Figura 94, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 93:** Carta Lexical da Questão 80, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 94:** Carta Lexical da Questão 81, Informantes Nativos, 2012/2013.



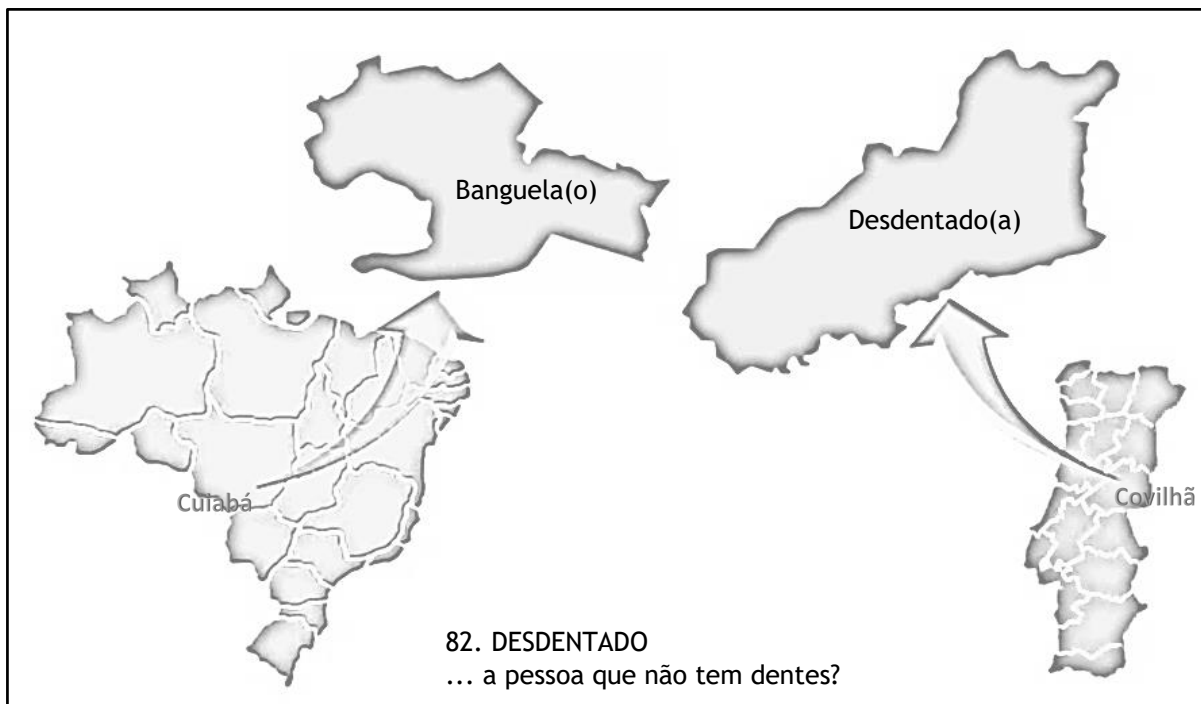
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o termo linguístico *queiro* é um “diacronismo antigo”, empregado na acepção de “dente de siso; queixeiro”. Os lexicógrafos atribuem ao verbete *panela* o significado de “cárie muito grande”, configurando-se, neste caso, como um regionalismo do Brasil. O item lexical *pilão*, na acepção de “grande almofariz, de madeira rija, com uma ou duas bocas, onde se descasca arroz, café, ou se tritura milho, etc., batendo com a mão de pilão”, integra o acervo do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em



CastroD 2000:108, associado ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria. Esta pesquisa também evidencia o emprego do vocábulo *pilão*, em Portugal, no sentido de “miserável, pelintra”, em Silva 1944:77; inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *pilão* remete para um conteúdo semântico distinto.

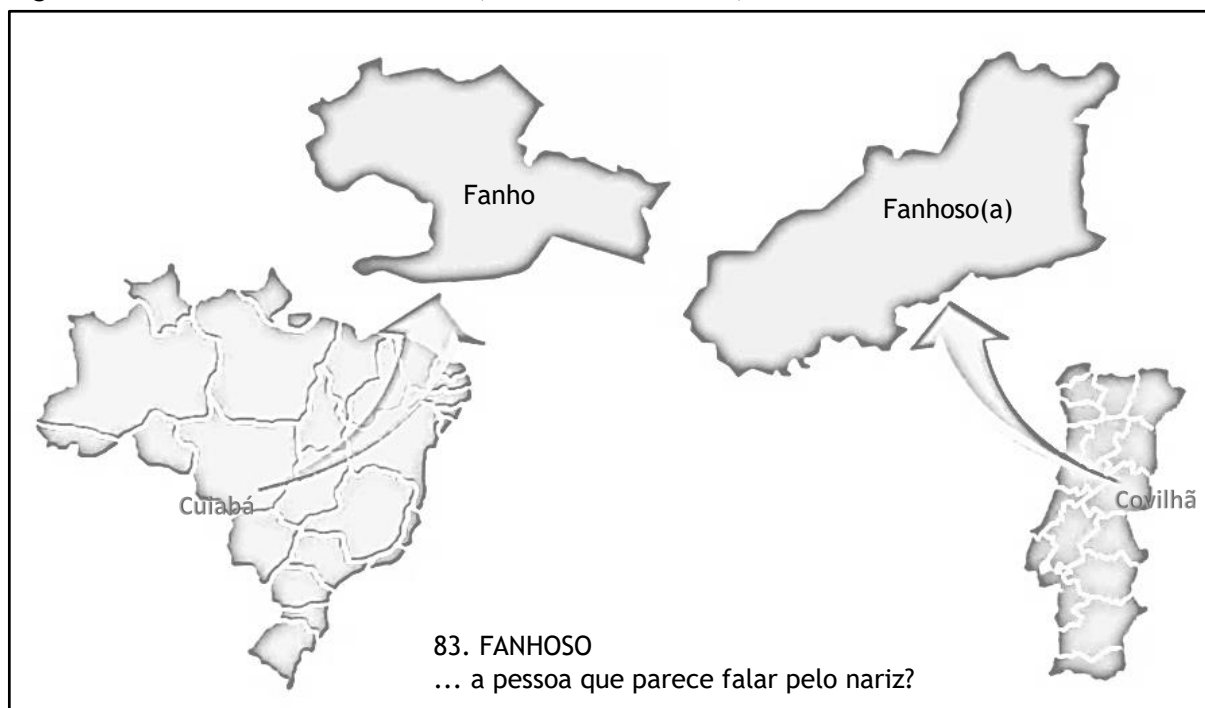
**Figura 95:** Carta Lexical da Questão 82, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Os itens lexicais *banguela/o* e *desdentado/a* foram selecionados, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “a pessoa que não tem dentes”. O primeiro, inscrito com o percentual de 80%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que o vocábulo *desdentado/a* fora a resposta de 20% dos informantes e corresponde à variante proposta pelo QSL, conforme Tabela 5 e Figura 83. A Carta Lexical da Questão 82 indica a ocorrência dos vocábulos *banguela/o* e *desdentado/a*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

Os itens lexicais *fanho* e *fanhoso* foram selecionados em Cuiabá para denominar “a pessoa que parece falar pelo nariz”. O primeiro, inscrito com o percentual de 58%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que o segundo, indicado por 42% dos informantes, corresponde à variante da questão proposta pelo QSL. O termo linguístico *fanhoso/a* fora o registro mais frequente dentre os inquiridos portugueses, representando 96% do total dos informantes e 4% registraram a lexia *roufenho* para recobrir o conceito anteriormente mencionado, como exposto na Tabela 5 e Figura 83. No ponto linguístico Cuiabá registrou-se a variante lexical *fanho* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”, enquanto que, entre os informantes nativos de Covilhã emprega-se a lexia *fanhoso/a*, como exposto na Figura 96. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *fanho* é um regionalismo do Brasil e designa o “m.q. fanhoso” (‘que parece falar pelo nariz’).

**Figura 96:** Carta Lexical da Questão 83, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano A (Figura 83) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para denominar “a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de seis itens lexicais: *meleca* (34%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *caca* (32%), *tatu* (16%), *carne-seca* (12%), *casquinha* (4%) e *catota* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes denominações: *macacos/as* (50%), variante lexical de maior frequência, *concha/s* (32%), *cacanas/cascanas* (8%), *caca* (4%), *chocas* (2%), *cacanhola* (2%) e *carcocha* (2%). Constata-se, a partir da análise do Semântico Corpo Humano, uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas doze lexias distintas e apenas uma semelhante (*caca*) para o conceito proposto. A Figura 97, relativa à Carta Lexical da Questão 84, registra as variantes léxicas *meleca* e *macacos/as* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *meleca*, de uso informal, é um regionalismo do Brasil quando empregado na acepção de “muco ressecado do nariz”. A lexia *tatu*, proveniente do tupi *ta’tu* ‘mamífero dasipodídeo’, também se configura como um regionalismo do campo da etnografia, porém, das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, cujo significado remete à “dança de roda, virtuosística e de caráter satírico, em que um dos participantes narra, cantando, uma caçada ao tatu”. Este fato evidencia a influência da língua indígena no falar cuiabano. O vocábulo *catota* é apresentado como um regionalismo da região Nordeste do Brasil, empregado na linguagem informal para recobrir o conceito de *meleca*. A lexia *carne-seca*, por sua vez, encontra-se dicionarizada na acepção de “charque feito com bastante sal e ressecado geralmente em estufa”, configurando-se como um regionalismo brasileiro da área alimentícia.

**Figura 97:** Carta Lexical da Questão 84, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o termo linguístico *macaco* emprega-se, por exemplo, nas seguintes acepções: “candeeiro de cozinha” em Martins 1954:434; “jogo que consiste em percorrer um desenho feito no chão a pé-cochinho” em Paulino 1959:305, ambas associadas a campos semânticos distintos. No Brasil, esta lexia remete à brincadeira infantil “amarelinha”. Também, evidencia-se o emprego do vocábulo *choca*, em Portugal, para designar “excremento de ovelha que suja a rabeja” em Buescu 1961:346; “ramos com vários ouriços” em Braga 1971:270; “galinha choca” em Pereira 1970:331.

A lexia *carcocha* integra o léxico do Português Europeu para designar “pedaço da casca do pinheiro que salta sob a acção do lume {Póvoa de Atalaia}” em Martins 1954:415, associado ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) registra o vocábulo *choca*, na acepção de “mancha de lama na barra de uma roupa”, como um regionalismo de Portugal, usado informalmente.

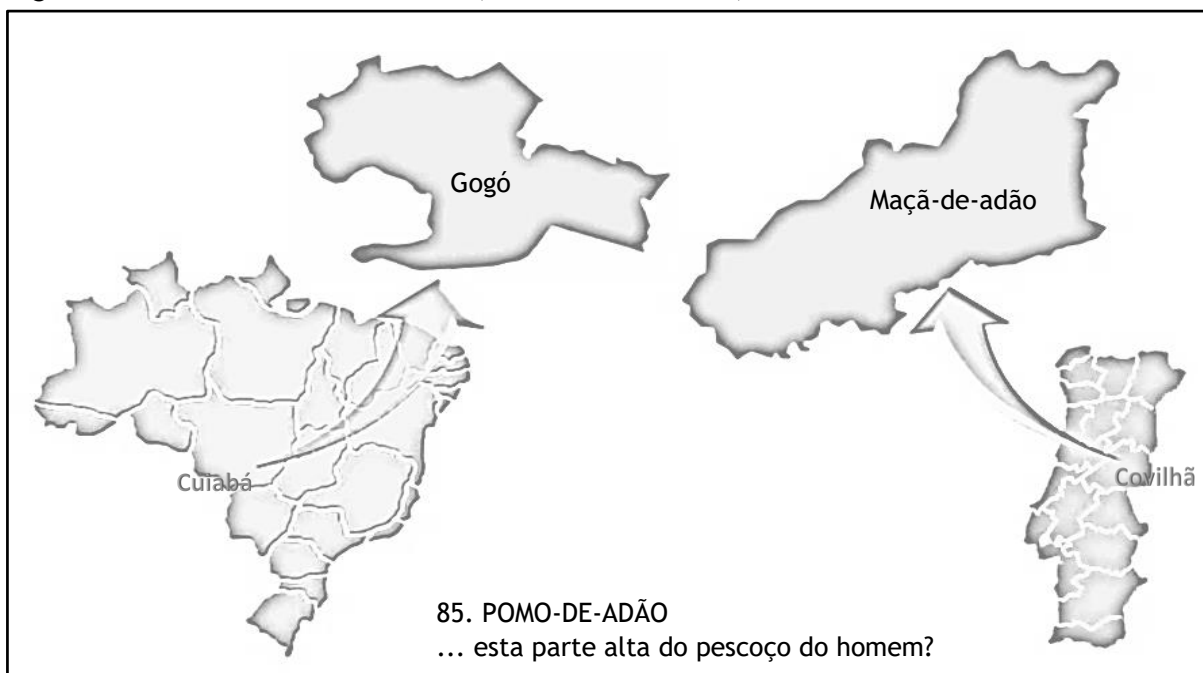
A Figura 98 dá sequência à exposição cartográfica dos dados referentes ao Campo Semântico Corpo Humano. A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B registra as lexias *gogó* (80%), variante de maior frequência e *pomo-de-adão* (16%), que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, no ponto linguístico brasileiro; *maçã-de-adão* (52%), variante lexical de maior frequência, *caroço-de-adão* (20%), *nó-de-adão* (16%), *caroço-da-maçã* (6%), *nó-da-maçã* (4%) e *maçã-da-garganta* (2%), todas distintas ao conceito proposto pelo QSL, no ponto linguístico português, como respostas à questão 85. Dentre os informantes cuiabanos, 4% alegaram desconhecer o termo específico. A Figura 99, relativa à Carta Lexical da Questão 85, indica a ocorrência dos vocábulos *gogó* e *maçã-de-adão*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

**Figura 98:** Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *gogó*, de uso informal, é um regionalismo do Brasil e designa o “m.q. pomo de adão”. O Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora registra a forma popular *maçã-de-adão* para denominar a “saliência formada pela cartilagem tireoide, na parte anterior do pescoço dos homens; pomo de adão”.

**Figura 99:** Carta Lexical da Questão 85, Informantes Nativos, 2012/2013.



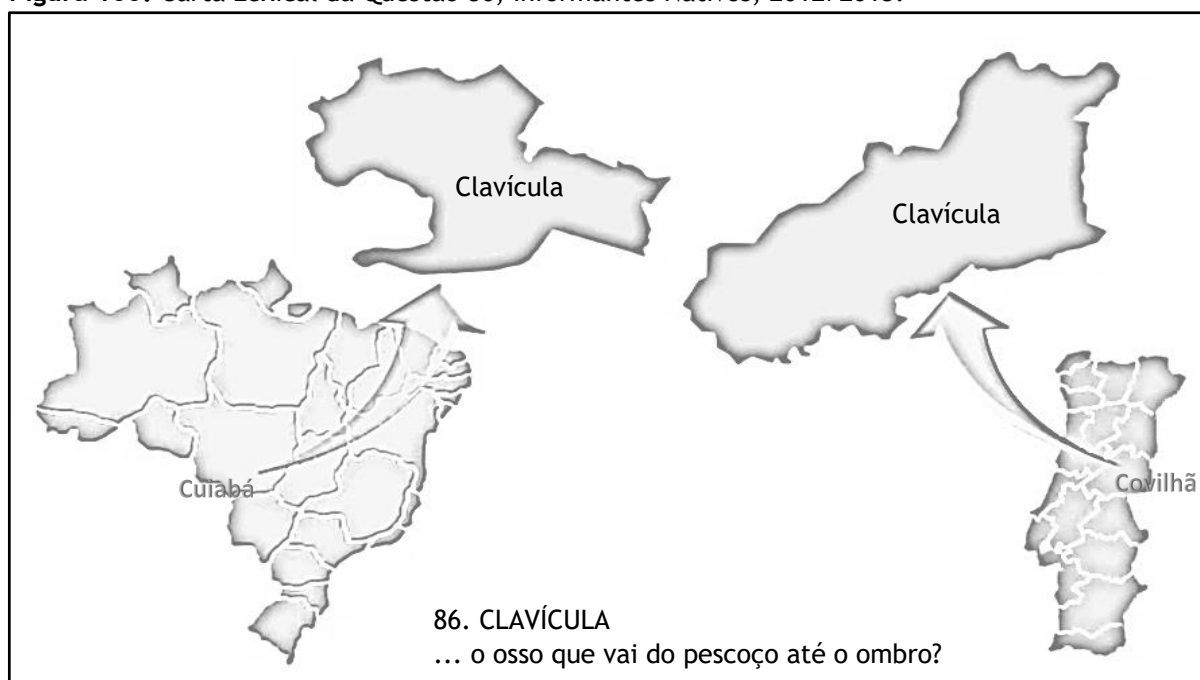
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Os itens lexicais *clavícula* e *saboneteira* foram selecionados em Cuiabá para designar “o osso que vai do pescoço até o ombro”. O primeiro, inscrito com o percentual de 74%, configura-se como a variante léxica de maior frequência e corresponde à variante proposta pelo QSL, enquanto que o vocábulo *saboneteira* fora resposta de 4% dos informantes, conforme Tabela 5 e Figura 98. Dentre os informantes cuiabanos, 22% afirmaram desconhecer o termo específico. A Carta Lexical da Questão 86 indica a ocorrência do vocábulo *clavícula*, como a variante léxica de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que a lexia *saboneteira* é um regionalismo do Brasil, de uso informal, cujo significado remete à “depressão situada acima da clavícula”. É provável que tenha ocorrido uma extensão desse significado à clavícula na fala cuiabana. Os referidos lexicógrafos não mencionam *saboneteira* no sentido de osso correspondente à clavícula, a registra na acepção de “recipiente para o sabonete; saboeira, saboeiro, saboneira, saboneiro”.

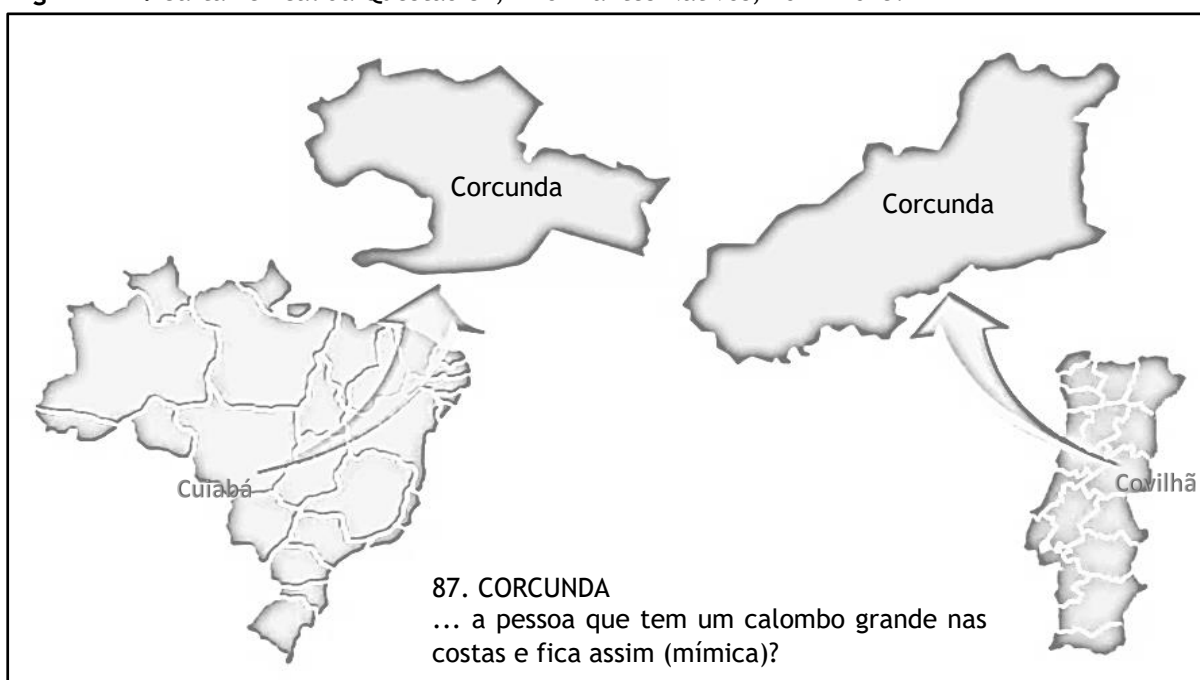
Para a questão 87, no ponto linguístico Covilhã, obteve-se as respostas *corcunda* (44%), variante lexical de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *chiba* (32%) e *marreca/o* (24%). Em Cuiabá registra-se a lexia simples *corcunda/o*, com o percentual de 100%, conforme Tabela 5 e Figura 98. A Carta Lexical da Questão 87 (Figura 101) registra a variante lexical *corcunda* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã.

**Figura 100:** Carta Lexical da Questão 86, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 101:** Carta Lexical da Questão 87, Informantes Nativos, 2012/2013.



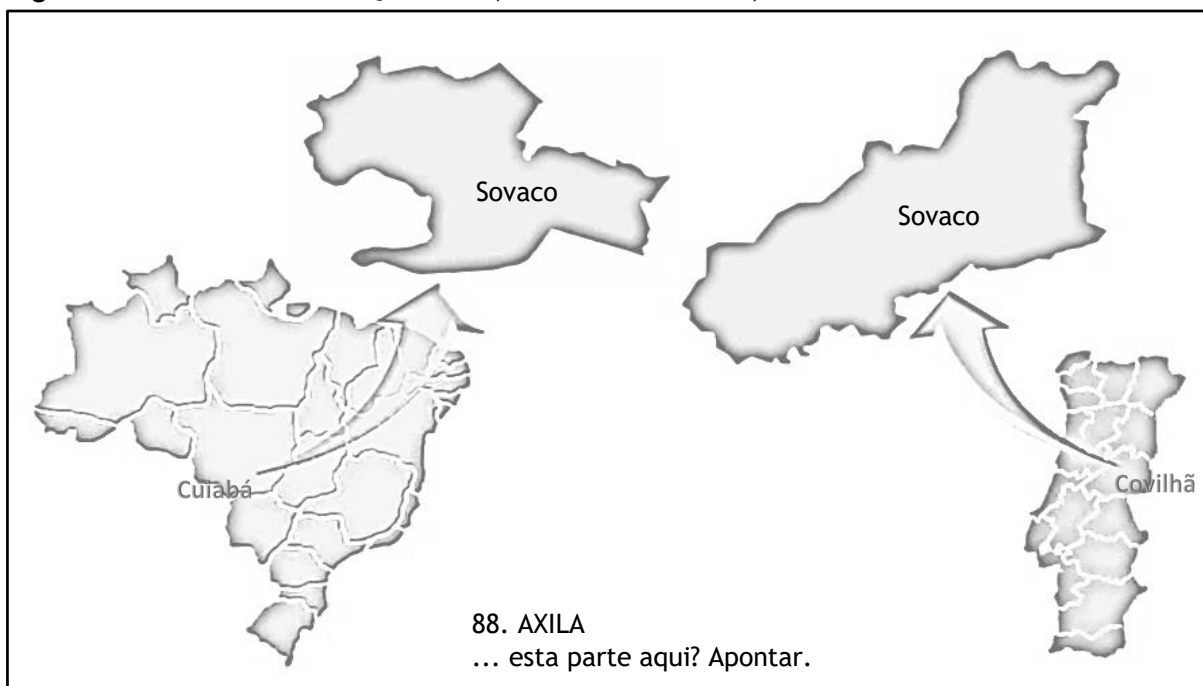
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *chiba* é indicada para designar: “cabra nova” em Buescu 1961:346; “rapariga estouvada” em Carreiro 1948:169; “bebedeira” em SilvaG 1960:237, associada aos campos semânticos Gado Ovino e Caprino; Ser Humano; Comida e Bebida, respectivamente. Esta pesquisa também evidencia o emprego do vocábulo *marreca*, em Portugal, nas seguintes acepções: “galinhola” em Mendonça 1962:265; “espécie de corvo marinho” em Carrancho 1969:235; “pessoa com o pescoço

curto e grosso” em Carrancho 1969:193; “ave marítima” em Caldeira 1960:366. Enquanto que a lexia *marreco* designa “ave palmípede semelhante ao pato, mas mais pequena” em Buescu 1961:330; “... homem baixo” em Cruz 1991:334; “... pessoa que tem qualquer enfermidade física que a torna trôpega” (Idem); “pato marreco” em Delgado 1970:342, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado destes vocábulos remete para áreas semânticas distintas.

A variante léxica *sovaco*, resposta à questão 88 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, com o percentual de 64% e 44%, respectivamente, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã (Tabela 5; Figura 102). A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B também inscreve as lexias *axila/s* (36%) no ponto linguístico Cuiabá; *axila/s* (36%) e *cova do braço* (20%) no ponto linguístico Covilhã, para o mesmo referente. A lexia complexa *cova do braço*, na acepção de “sovaco”, encontra-se registrada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Braga 1971:299, por meio da variante fonética *coba do braço*.

**Figura 102:** Carta Lexical da Questão 88, Informantes Nativos, 2012/2013.

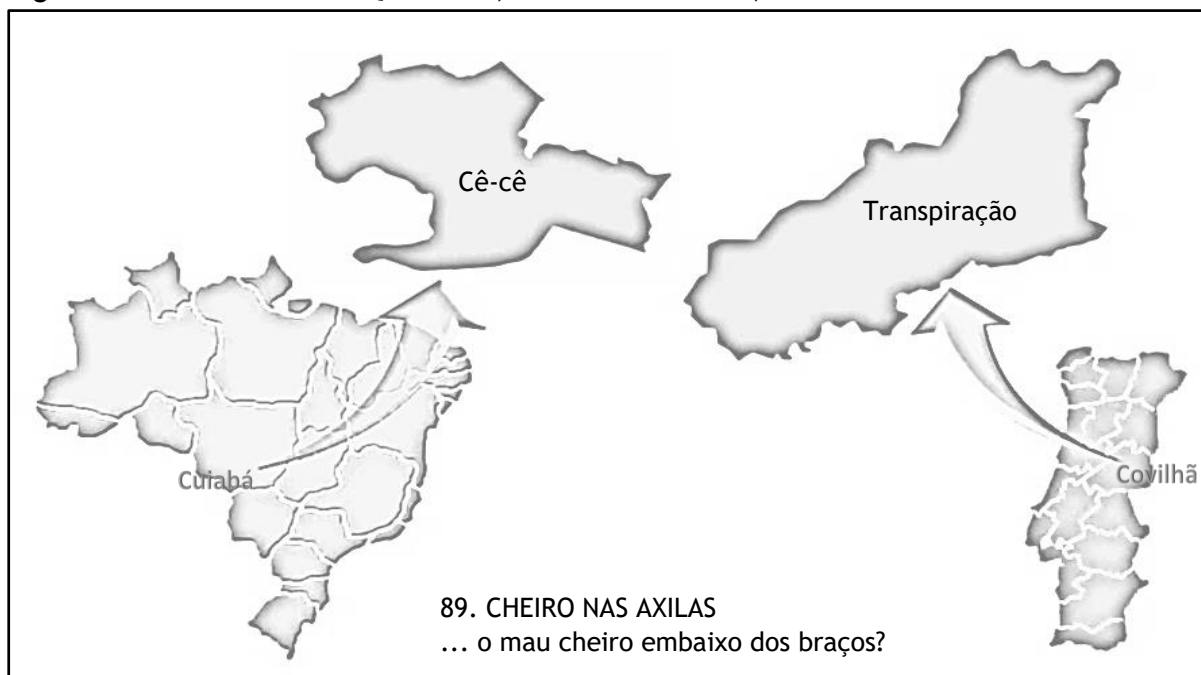


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B (Figura 98) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “o mau cheiro embaixo dos braços”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de quatro itens lexicais: *cê-cê* (68%), variante de maior frequência, *sovaqueira* (16%), *suor* (8%) e *mau-cheiro* (6%). No ponto linguístico Covilhã, obteve-se as seguintes designações: *suor* (36%), variante lexical de maior frequência, *transpiração* (28%), *odor* (20%), *cheira a cavalo* (6%), *catinga* (4%), *cheira a sovaco* (4%) e *cheira mal* (2%), todas distintas ao conceito proposto pelo QSL. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas dez lexias distintas e apenas uma coincidente (*suor*) para o

mesmo referente. Dentre os entrevistados cuiabanos, 2% afirmaram desconhecer o termo específico. A Figura 103, relativa à Carta Lexical da Questão 89, registra as variantes léxicas *cê-cê* e *transpiração* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente. Este fato remete à uma particularidade: no ponto linguístico português, a lexia *transpiração* é própria do falar, ou mais usual entre os nascidos no local.

**Figura 103:** Carta Lexical da Questão 89, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que a lexia *cê-cê* é um regionalismo do Brasil, de uso informal, cujo significado remete a “cheiro de corpo, fedor de suor”. Esta lexia pode ser considerada como mais representativa do falar cuiabano, visto que fora a resposta de maior frequência, inclusive entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”, contudo, também está documentada no *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), Carta Lexical 39. O vocábulo *sovaqueira* também se configura como um regionalismo quando empregado nas seguintes acepções: “axila (‘cavidade’); “suor de sovaco” e “odor desse suor; sovaquinho”. O item lexical *catínga*, na acepção de “odor forte e desagradável, tanto de animal quanto do homem; fedor, inhaca”, apesar de não ter sido registrado no ponto linguístico Cuiabá, integra o acervo do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Assis 1985:81, associado ao Campo semântico Ser Humano. Também há registro deste termo linguístico, em Portugal, para designar o indivíduo “mísero; avarento” em Delgado 1970:349.

Da observação da Tabela 5, relativa à área semântica Corpo Humano, pode-se inferir que, a variante lexical *canhoto/a*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 84% dos informantes cuiabanos e 90% dos informantes covilhanenses. A carta lexical do referido campo semântico também registra a lexia: *canhoteiro/a* (14%) em Cuiabá e *esquerdinho/a* (10%) na Covilhã, para o mesmo referente. Dentre os entrevistados cuiabanos, 2% desconhecem o termo específico. Como pode ser observado na



Figura 104, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *canhoto/a* é um regionalismo do Brasil e designa o “m.q. canhoto”.

**Figura 104:** Carta Lexical da Questão 90, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 91 indica os vocábulos *seio/s* e *mamas*, como as variantes léxicas de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Estas lexias foram registradas com o percentual de 68% e 56%, conforme Tabela 5. A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B também registra as lexias *peito* (28%) e *mama* (4%) em Cuiabá; *peito* (26%) e *seios* (18%) na Covilhã.

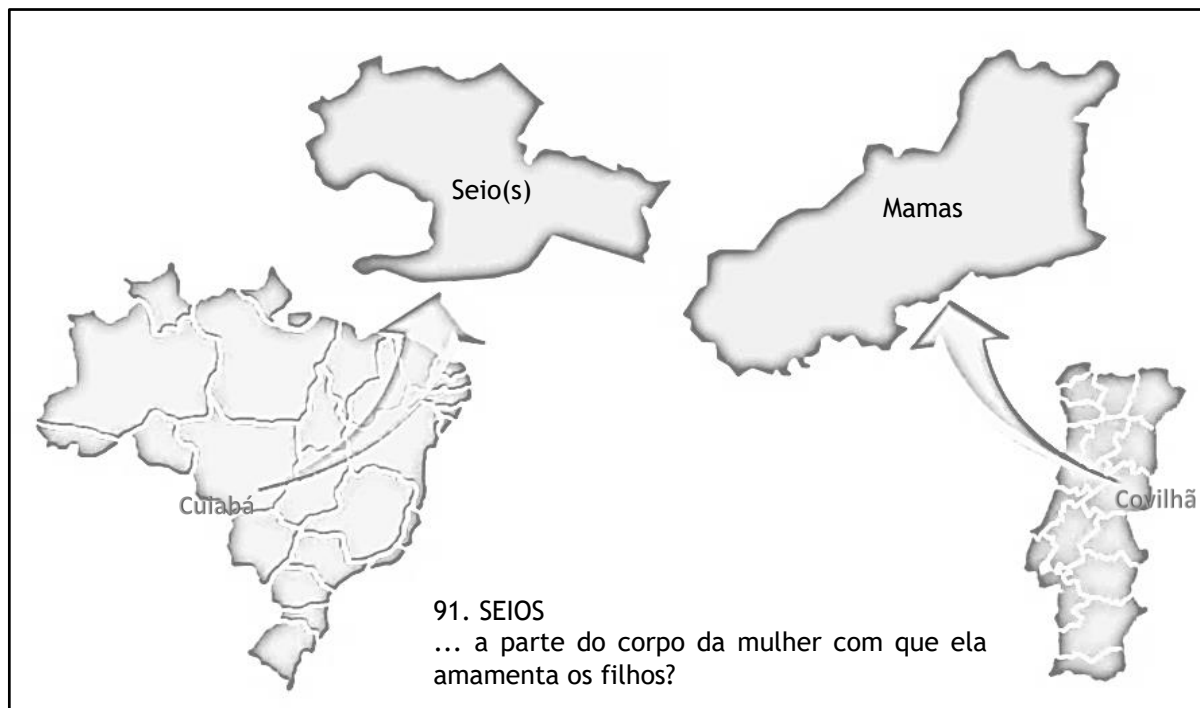
Para a questão 92, no ponto linguístico Covilhã, obtiveram-se as respostas: *vomitare* (98%), variante lexical de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL e *chamar o gregório* (2%). Em Cuiabá também se registra o vocábulo *vomitare*, com o percentual de 100%, conforme Tabela 5. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos, como exposto na Figura 106.

A Carta Lexical da Questão 93 (Figura 107) registra as lexias *ronco* e *ressonar* como as variantes de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã. Estas lexias, diferentes e correspondentes à noção de “respirar (com ruído) durante o sono” foram indicadas com o percentual de 48% e 92%, respectivamente, conforme Tabela 5. A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B também registra as variantes lexicais *roncar* (8%) na Covilhã; *roncar* (44%) e *roncando* (8%) em Cuiabá, para designar o mesmo referente.

A variante léxica *útero*, resposta à questão 94 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, com o percentual de 48% e 62%, respectivamente, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, conforme Tabela

5 e Figura 108. A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B também inscreve as designações: *barriga* (32%), *ventre* (12%), *placenta* (4%) e *bucho* (2%) no ponto linguístico Cuiabá; *ventre* (20%) e *barriga* (18%) no ponto linguístico Covilhã, para o mesmo referente. Dentre os inquiridos cuiabanos 2% afirmaram desconhecer o termo específico. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *ventre*, na acepção de “útero”, como um caso de “derivação por metonímia”.

**Figura 105:** Carta Lexical da Questão 91, Informantes Nativos, 2012/2013.

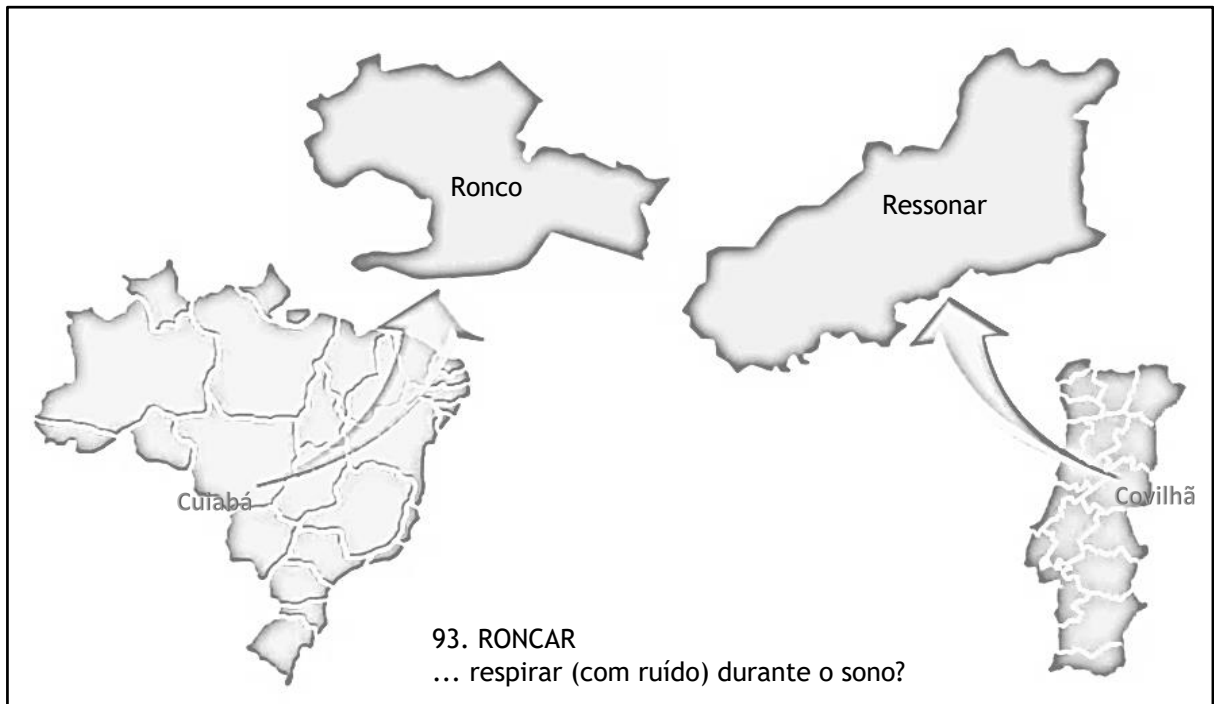


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

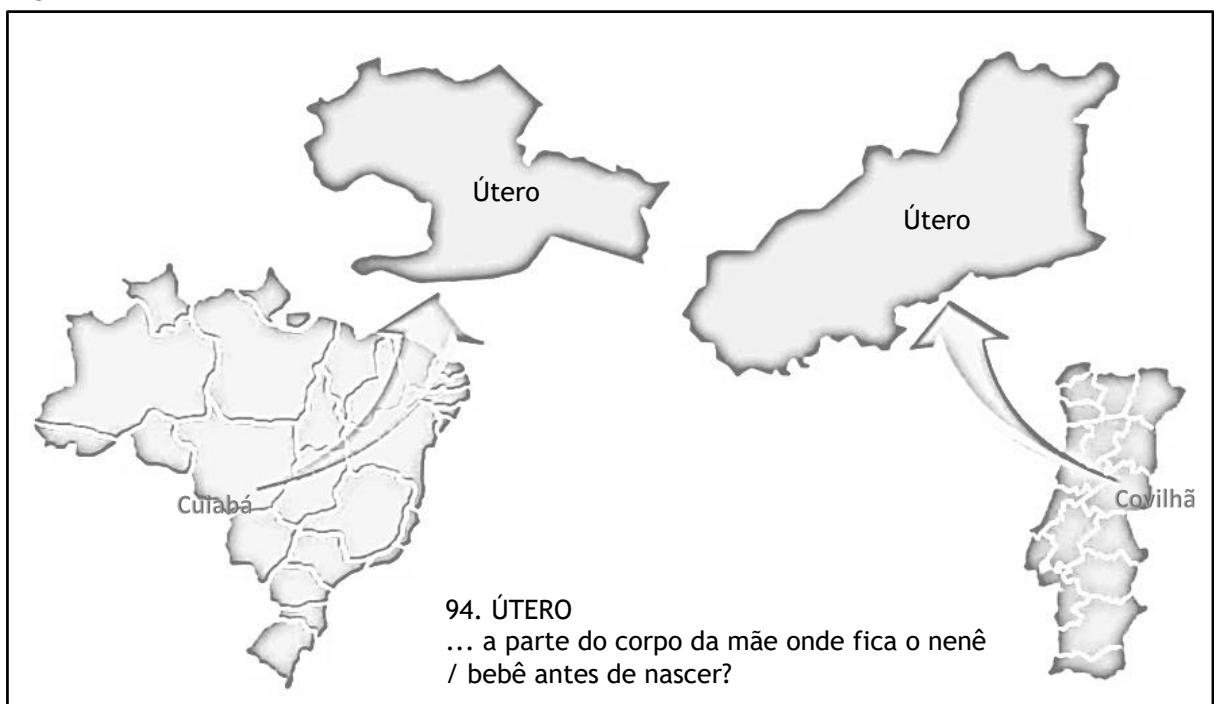
**Figura 106:** Carta Lexical da Questão 92, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 107:** Carta Lexical da Questão 93, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

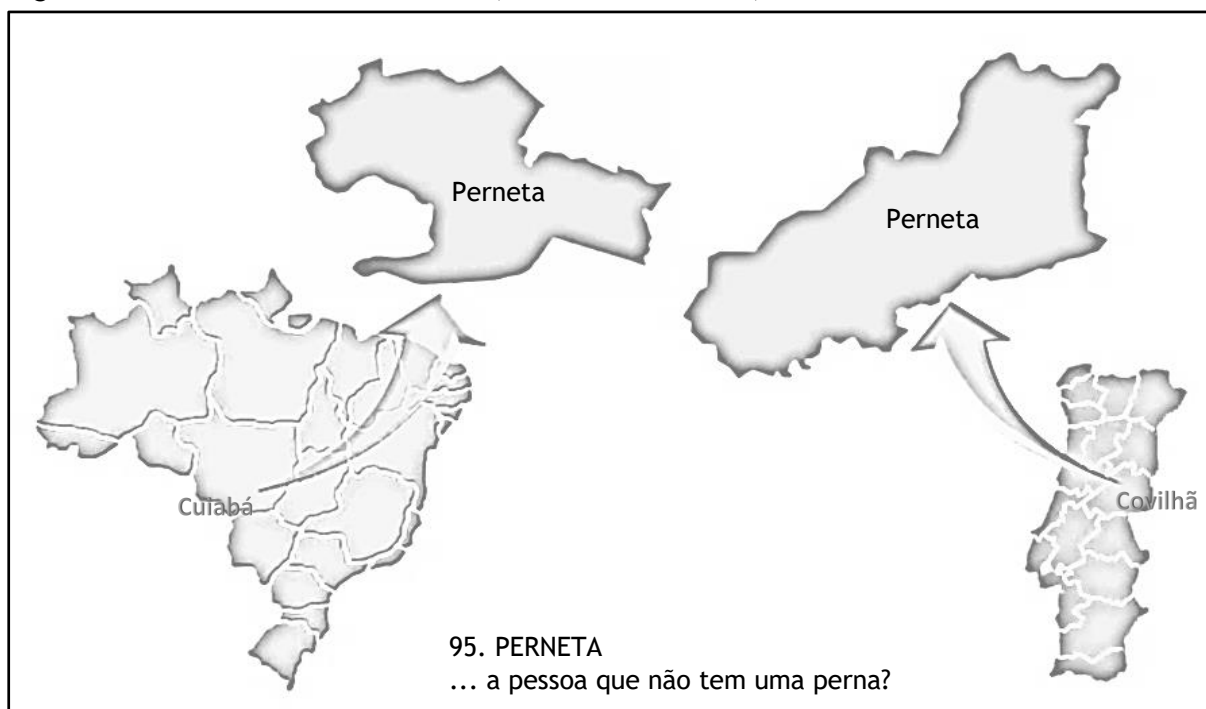
**Figura 108:** Carta Lexical da Questão 94, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B (Figura 98), registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para denominar “a pessoa que não tem uma perna”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de seis itens lexicais: *perнета* (36%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *aleijado* (28%), *deficiente* (24%), *saci* (8%), *cotó* (2%), e *manco* (2%). No ponto linguístico Covilhã, obteve-se as seguintes

denominações: *pernetá* (90%), variante lexical de maior frequência, *manco* (6%) e *coxo/a* (4%). Destarte, verifica-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas para designar o mesmo referente. Somente os termos linguísticos *pernetá* e *manco* são coincidentes nos dois *corpora*. Como pode ser observado na Figura 109, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 109:** Carta Lexical da Questão 95, Informantes Nativos, 2012/2013.



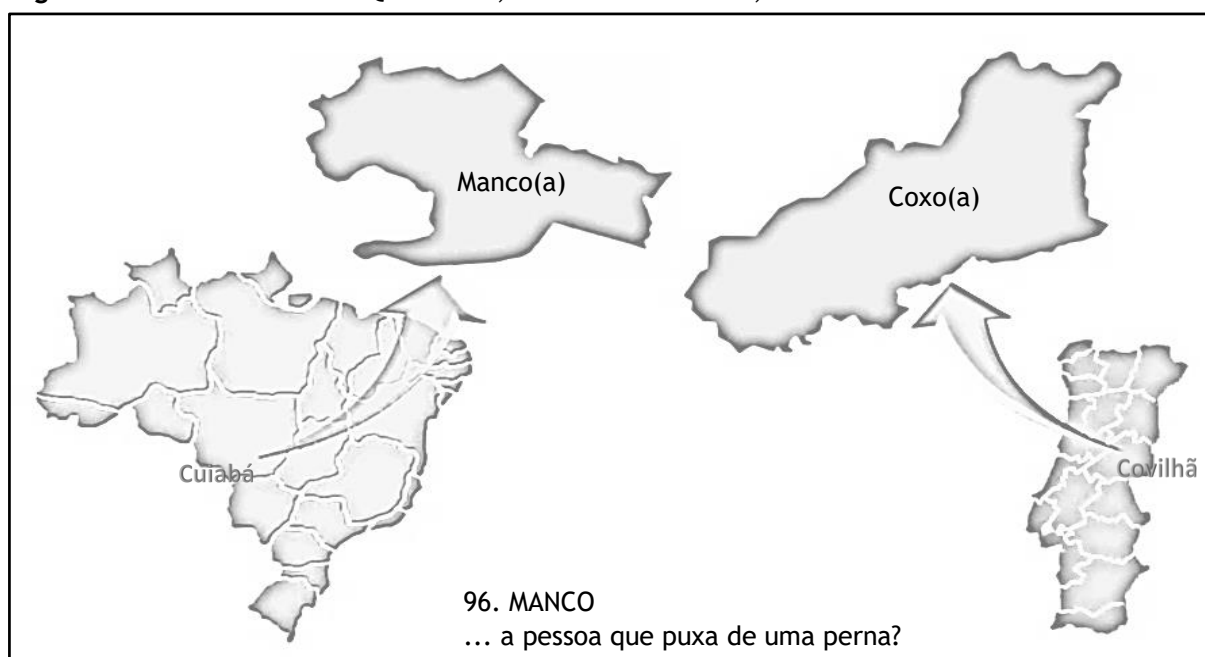
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

De acordo com Houaiss e Villar (2010), o vocábulo *saci* é um regionalismo do Brasil e designa “entidade fantástica, negrinho de uma perna só, que fuma cachimbo e usa um barretinho vermelho, fonte de seus poderes de magia e que, segundo a crença popular, diverte-se espantando o gado e espavorindo os viajantes nos caminhos solitários com seus assobios no meio da noite; *saci-cererê*, *saci-pererê*”. Segundo Antônio Geraldo da Cunha, citado por Houaiss e Villar (2010), a lexia *saci* provém do tupi *sa’si* ‘entidade fantástica’. Esta lexia refere-se também a uma espécie de ave.

A Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B (Figura 98) registra as variantes lexicais *manco/a* (74%), *rengo* (14%), *mancueba* (10%) e *coxo* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *coxo/a* (76%) e *manco/a* (24%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 96. A Figura 110, relativa à Carta Lexical da Questão 96, registra as variantes léxicas *manco/a* e *coxo/a* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente. O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *rengo* é um regionalismo do Brasil, cujo significado remete ao indivíduo “que coxeia; coxo”. Quanto ao vocábulo *cambaio*, pode-se afirmar que se está perante um caso de “derivação por extensão de sentido”: “coxo, manco” (HOUAISS e VILLAR, 2010).

Na Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B (Figura 98) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “a pessoa de pernas curvas”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de cinco itens lexicais: *cambaio/a* (66%), variante de maior frequência, *pernas tortas* (8%), *cambota* (6%), *perna de alicate* (6%) e *perna de garrincha* (4%), todas distintas à variante da questão proposta pelo QSL. Outros 10% informaram desconhecer o termo específico. No ponto linguístico Covilhã, obteve-se as seguintes designações: *pernas arqueadas* (74%), variante lexical de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *pernas arcadas* (14%), *pernas tortas* (8%) e *escanchado/a* (4%). Destas, somente a lexia complexa *pernas tortas* coincide nos dois *corpora*. Destarte, verifica-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas oito lexias distintas para designar o mesmo referente.

**Figura 110:** Carta Lexical da Questão 96, Informantes Nativos, 2012/2013.

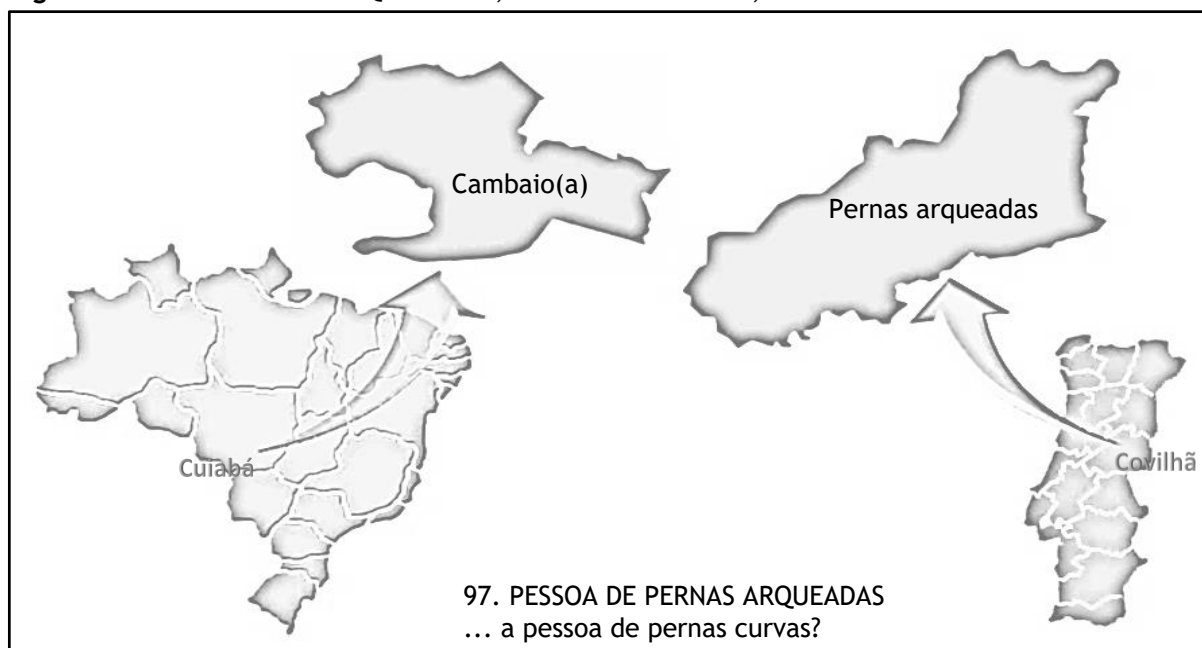


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Figura 111, relativa à Carta Lexical da Questão 97, registra as lexias *cambaio/a* e *pernas arqueadas* como as variantes de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *cambota* é um regionalismo do Maranhão e do Rio Grande do Sul e designa o “m.q. *cambaio* (‘de pernas tortas’, ‘coxo’)”. A lexia *cambaio/a* pode ser considerada como mais representativa do falar cuiabano, visto que fora a resposta de maior frequência, inclusive entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”.

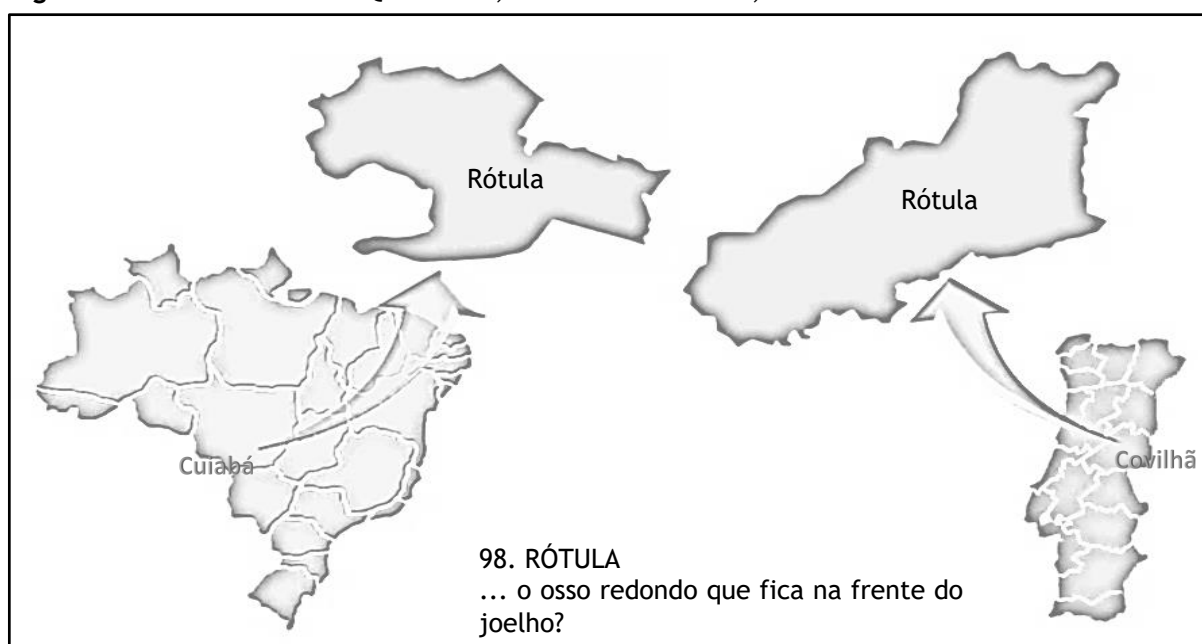
Para designar “o osso redondo que fica na frente do joelho” o QSL propõe a lexia *rótula*, registrada no ponto linguístico Cuiabá com a percentagem de 56%. Já na Covilhã, esse percentual eleva-se para 100% dos registros, conforme Tabela 5. Para o mesmo referente, no ponto linguístico brasileiro, obteve-se as variantes lexicais *joelho* (10%), *pataca* (8%) e *patela* (6%); outros 20% alegam desconhecer o termo específico. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 112).

**Figura 111:** Carta Lexical da Questão 97, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 112:** Carta Lexical da Questão 98, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Os lexicógrafos Houaiss e Villar (2010) afirmam que a lexia *pataca*, datada de 1598, é um regionalismo do Brasil, cujo significado remete à “moeda antiga de prata, que valia 320 réis”. Em Portugal, este termo linguístico é empregado, por exemplo, para designar “bolsa de couro para tabaco” em Buescu 1961:358, associado ao Campo Semântico Tabaco; “tratamento que se dá ao escudo (moeda)” em Nunes 1965:151; “escudo” em Rezende 1961:299, ambos associados ao Campo Semântico Medição e Medidas, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *pataca* remete para área semântica distinta.

### 3.6. CAMPO SEMÂNTICO CICLOS DA VIDA

As questões numeradas de 99 a 110, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico VI - Ciclos da Vida e compõem a Tabela 6 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 113) expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses.

A partir da análise da Tabela 6, verifica-se que as lexias simples *gêmeos/as* e *aborto*, relativas às questões 101 e 102, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado e coincidem com as variantes das questões propostas pelo QSL, inscritas com o percentual de 100% no ponto linguístico Covilhã e 98% no ponto linguístico Cuiabá. A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida também registra o item lexical *gemelar* (2%) para designar “duas crianças que nasceram no mesmo parto” e a expressão *perdeu o filho* (2%) como resposta à questão 102.

**Tabela 6:** Campo Semântico Ciclos da Vida, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
99	Menstruação	04	Menstruação	88%	02	Menstruação	62%
100	Entrar na menopausa	01	Menopausa	96%	03	Menopausa	46%
101	Gêmeos	02	Gêmeos (as)	98%	01	Gêmeos (as)	100%
102	Aborto	02	Aborto	98%	01	Aborto	100%
103	Filho adotivo	03	Filho adotivo (a)	52%	04	Filho adotivo (a)	54%
104	Primogênito	05	Primogênito	42%	05	Primogênito	64%
105	Caçula	02	Caçula	92%	03	Filho mais novo	72%
106	Menino	05	Guri	52%	03	Garoto	48%
107	Menina	04	Menina	76%	04	Menina	48%
108	Moço	05	Adolescente	56%	05	Adolescente	46%
109	Moça	05	Adolescente	50%	05	Rapariga	38%
110	Falecido	02	Finado (a)	62%	03	Falecido (a)	60%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 113:** Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

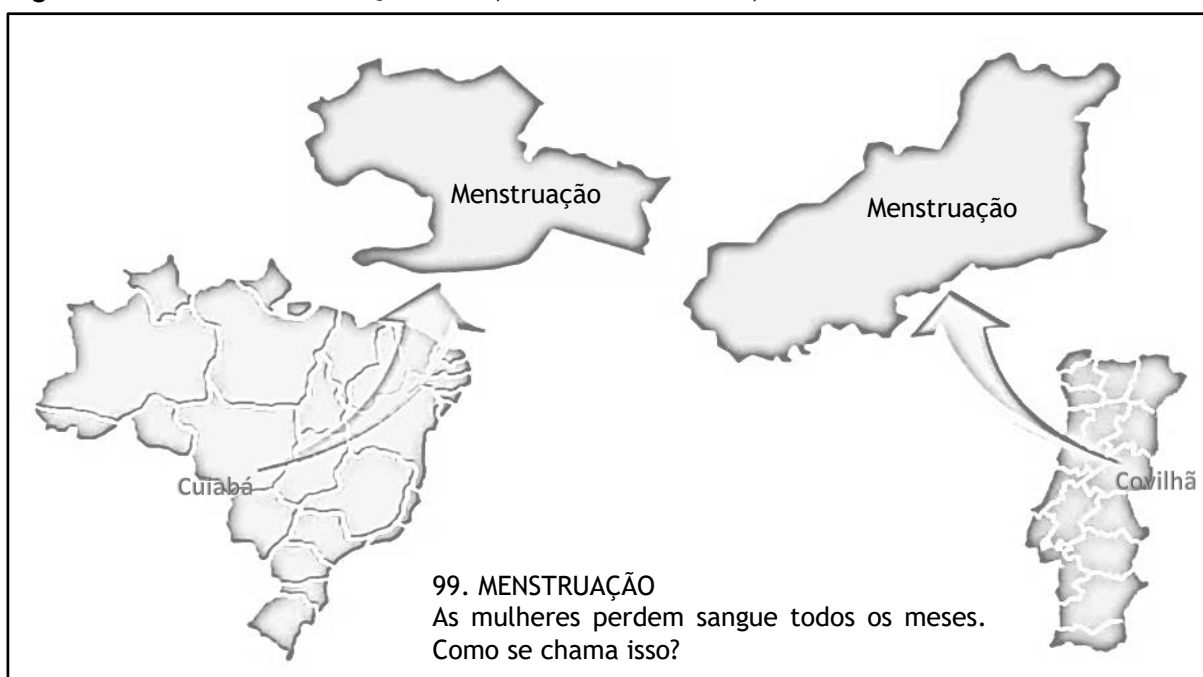


A variante léxica *menstruação*, resposta à questão 99 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, com o percentual de 88% e 62%, respectivamente, conforme Tabela 6 e Figura 114. A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida também inscreve as lexias: *período* (38%) no ponto linguístico Covilhã; *chico* (8%), *regra* (2%) e *paquete* (2%), no ponto linguístico Cuiabá, para o mesmo referente.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) inscreve o item lexical *paquete*, proveniente do inglês *packet boat* ‘embarcação pequena e veloz para transporte de correspondência e transmissão de ordens’, como regionalismo do Brasil, nas seguintes acepções: “menstruação”, “embarcação a vela do rio São Francisco; leoba” e “jangada de dimensões avantajadas e veloz, para navegação em alto-mar”. Os lexicógrafos também se referem ao vocábulo *paquete*, datado de 1707, como um diacronismo obsoleto, cujo significado remete ao “navio mercante a vapor que prestava serviço de correio e transportava mercadoria e passageiros”.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *paquete* é indicada para designar: “moço de recados” em Paulino 1959:277; “os rapazes e raparigas que se destinam a pequenos trabalhos são os *paquetes* e *paquetas*, por exemplo - *paquete do pipo* - o que distribui a água num pequeno barril durante o corte das uvas” em Pinho 1960:46, 112, ambas associadas ao Campo Semântico Ofícios e Profissões; “barco de grande tonelagem, em viagem de recreio” em Gonçalves 1956:143, associado ao Campo Semântico Povoamento, instituições e comunicações; “criado” em Salgueiro 1945:93, anexo ao Campo Semântico Ser Humano, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *paquete* remete para áreas semânticas distintas.

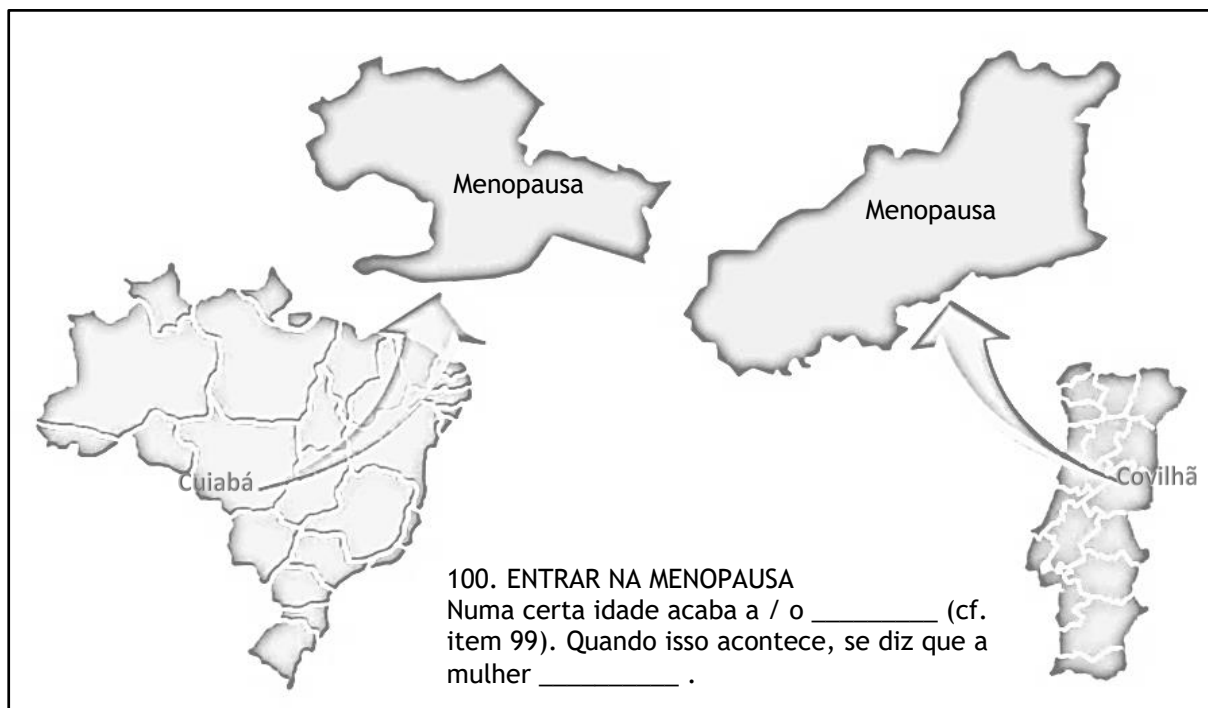
**Figura 114:** Carta Lexical da Questão 99, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

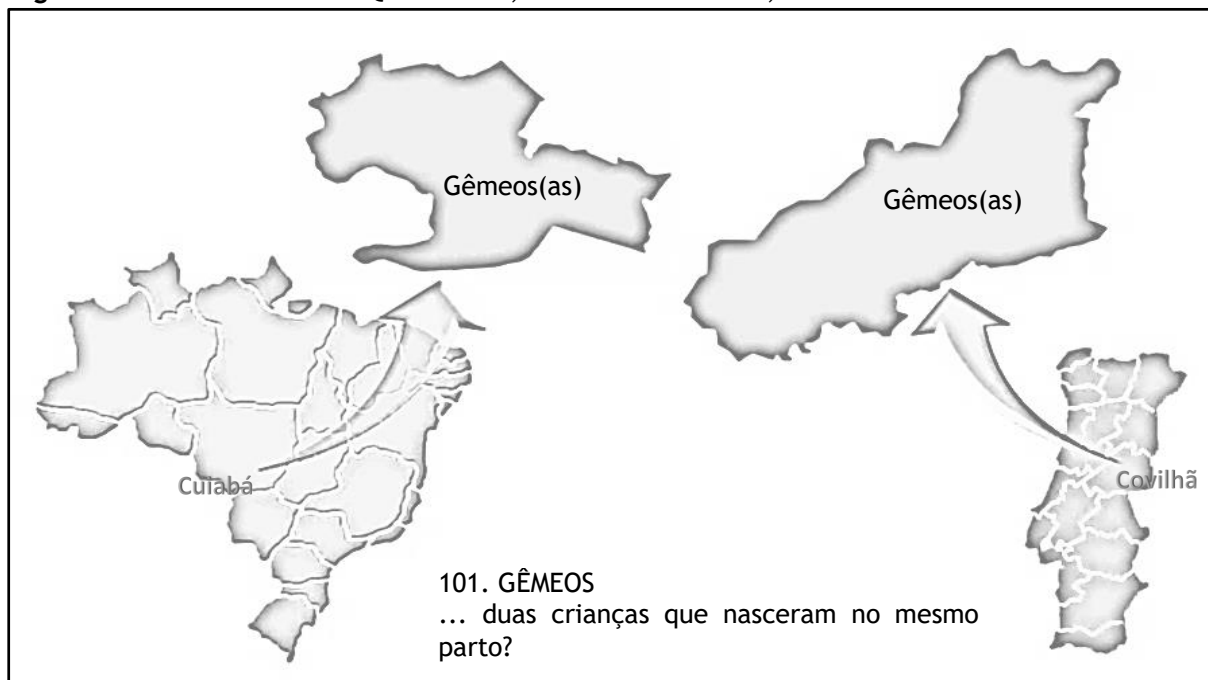
A variante léxica *menopausa*, resposta à questão 100 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, com o percentual de 96% e 46%, respectivamente. (Tabela 6; Figura 115). A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida também inscreve as expressões: *entrou na menopausa* (40%) e *está na menopausa* (14%) no ponto linguístico Covilhã, para o mesmo referente. Dentre os informantes cuiabanos 4% afirmaram desconhecer o termo específico.

**Figura 115:** Carta Lexical da Questão 100, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 116:** Carta Lexical da Questão 101, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 117:** Carta Lexical da Questão 102, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida (Figura 113) registra as lexias *filho adotivo/a* (52%), *adotado/a* (34%) e *filho de criação* (14%) no ponto linguístico brasileiro; *filho adotivo/a* (54%), *adotado/a* (36%), *enteado/a* (8%) e *bastardo* (2%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 103. As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* coincidem com o conceito proposto pelo QSL, como exposto na Tabela 6. Como pode ser observado na Figura 118, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e, também, não indicam particularidades locais. A lexia *filho adotivo* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico do Ceará* (ALECE:175), na acepção de “órfão: aquele que não tem pai e nem mãe”, associado ao Campo Semântico Ser humano (aspectos sociais), conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

Esta pesquisa também evidencia o emprego do vocábulo *bastardo*, em Portugal, nas seguintes acepções: “Vela triangular dum só pano. O mesmo que vela bastarda”, em Alves 1993:199, anexo ao Campo Semântico Embarcações; “cacho pequeno, muito fechado, bagos elípticos”, em Pinto 1947:29, 59, associado ao Campo Semântico Vinha e vinho; “mau (adjetivo)”, em Delgado 1970:349, incluso no Campo Semântico Ser humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *bastardo* remete para áreas semânticas distintas. O item lexical *bastardo*, apesar de não ter sido registrado no ponto linguístico Cuiabá, integra o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB: 126, 127), na acepção de “filho ilegítimo”, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos sociais).

Na Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida (Figura 113), registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “o primeiro filho de um casal”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de cinco itens lexicais: *primogênito* (42%), variante de

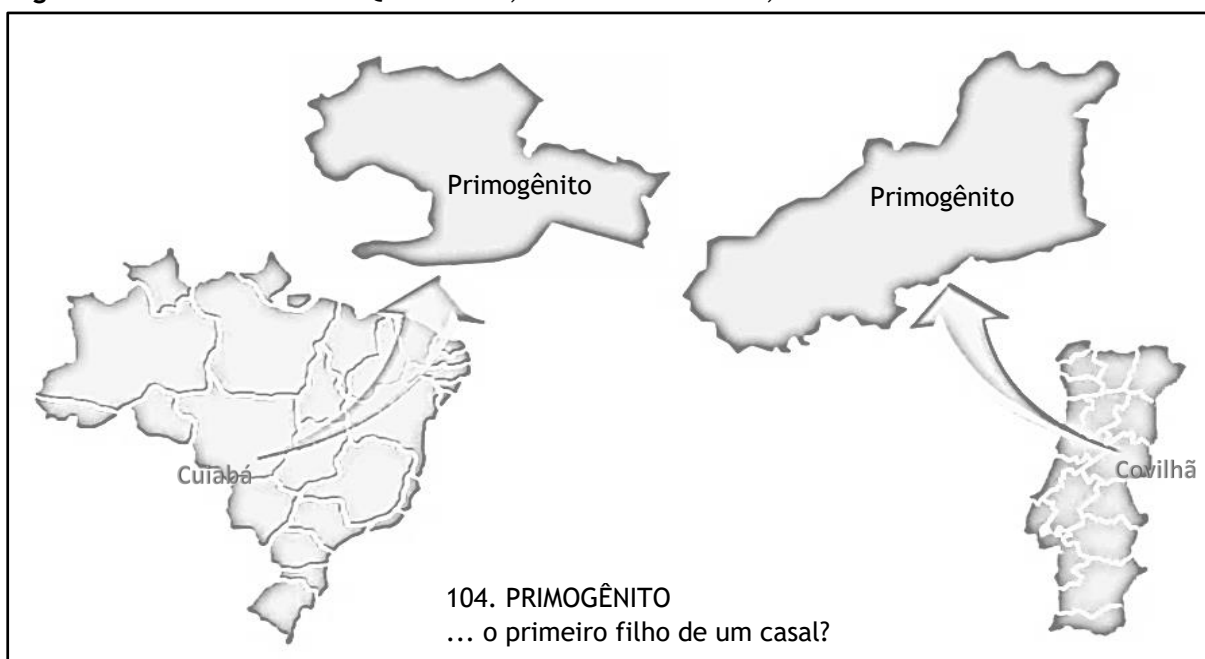
maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *filho mais velho* (30%), *primeiro filho* (20%), *varão* (6%) e *rebento* (2%). No ponto linguístico Covilhã, obteve-se as seguintes designações: *primogênito* (64%), variante lexical de maior frequência, *filho mais velho* (22%), *varão* (6%), *primeiro filho* (6%) e *primeiro rebento* (2%).

**Figura 118:** Carta Lexical da Questão 103, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 119:** Carta Lexical da Questão 104, Informantes Nativos, 2012/2013.



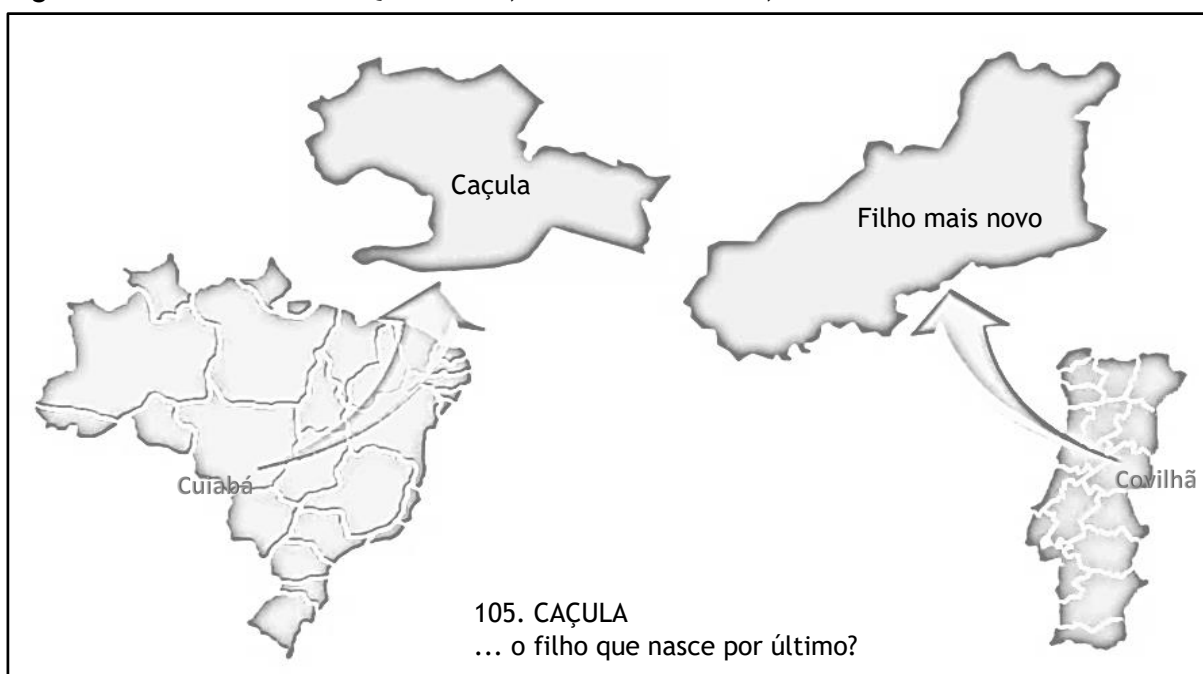
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Como pode ser observado na Figura 119, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais. O dicionário de

Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *reberto*, na acepção de “filho, descendente”, como um caso de “derivação por metáfora”.

A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida (Figura 113) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para denominar “o último filho de um casal”. Esse conceito manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio das lexias: *caçula* (92%), variante de maior frequência, que corresponde ao conceito proposto pelo QSL e *rapa do tacho* (4%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes denominações: *filho mais novo* (72%), variante lexical de maior frequência, *caçula* (14%) e *benjamim* (14%). Dentre os informantes cuiabanos 4% afirmaram desconhecer o termo específico. A Figura 120, relativa à Carta Lexical da Questão 105, registra as variantes léxicas *caçula* e *filho mais novo* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

**Figura 120:** Carta Lexical da Questão 105, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *caçula*, proveniente do quimbundo *kasule* ‘último filho’, configura-se como um regionalismo do Brasil. Fato que evidencia a influência das línguas africanas trazidas pelos escravos na formação sociocultural do povo cuiabano. De forma análoga, o vocábulo *benjamim*, antropônimo do nome latino *Benjamin*, cuja etimologia radica no hebraico *biniamin* ‘filho da mão direita e, na Bíblia, filho mais moço e preferido de Jacob’, também é considerado um regionalismo do Brasil, quando usado na acepção de “plugue ou extensão com três ou mais tomadas em que se ligam três ou mais plugues de lâmpadas ou aparelhos elétricos”, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *benjamim* remete para um conteúdo semântico distinto.

A Carta Lexical da Questão 106 (Figura 121) registra as lexias *guri* e *garoto* como as variantes de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã. No contexto geral

estas lexias, distintas ao conceito proposto pelo QSL, foram indicadas com o percentual de 52% e 48%, respectivamente, conforme Tabela 6. A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida, também registra os termos linguísticos: *menino* (28%), *moleque* (12%), *garoto* (6%) e *piá* (2%) em Cuiabá; *menino* (36%) e *miúdo* (16%) na Covilhã, para designar o mesmo referente. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que a lexia *guri*, na acepção de “menino, criança”, é um regionalismo do Brasil, cuja etimologia radica no tupi *gwi’ri* ‘bagre, bagre novo, por extensão criança’, o que evidencia a influência da língua indígena na constituição do falar cuiabano. Ainda, assinala o vocábulo como designação comum aos bagres marinhos. Esta lexia pode ser considerada como mais representativa do falar cuiabano, visto que fora a resposta de maior frequência, inclusive entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”.

**Figura 121:** Carta Lexical da Questão 106, Informantes Nativos, 2012/2013.



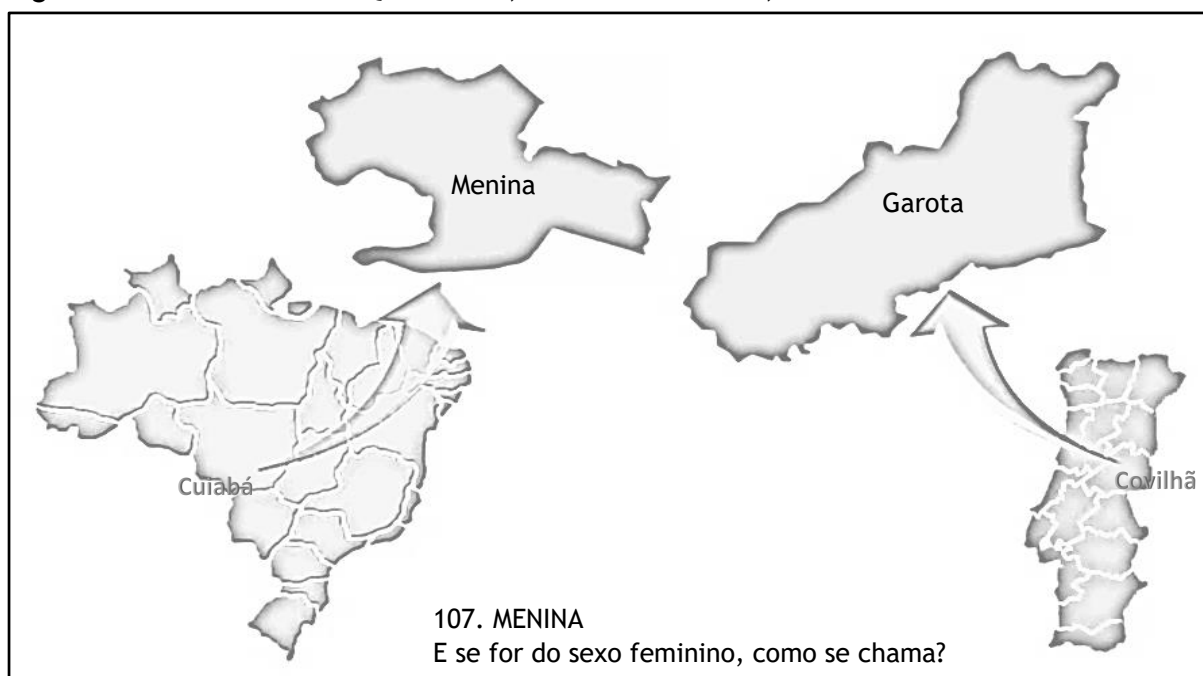
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

De forma análoga, o item lexical *moleque*, proveniente do quimbundo *muleke* ‘garoto, filho pequeno’, configura-se como um regionalismo do Brasil nas seguintes acepções: “garoto de pouca idade”, “menino criado à solta; menino de rua”, “garoto travesso”, “pessoa brincalhona, trocista, engraçada”, “indivíduo sem integridade, capaz de procedimentos e sentimentos vis; canalha”. Também há registro deste termo linguístico, no Brasil, para designar “conjunto de quatro estacas de madeira que servem para sustentação da torre do moinho; peça onde se fixam as vigas metálicas das torres; escora em que se fixa a torre do moinho” em AmorimC 1988:292, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), anexo ao Campo Semântico Salinas. Segundo Houaiss e Villar, o vocábulo *garoto* consiste em um regionalismo de Portugal, cujo significado remete ao “café com leite servido em xícara pequena”. Segundo Nascentes, citado por Houaiss e Villar (2010), a lexia *piá* provém do tupi *pi’a* ‘coração, estômago, entranhas’ e caracteriza-se como um regionalismo do Brasil ao denominar “menino indígena”. Também é empregada para designar “menino mestiço de indígena com branco” e “qualquer criança do sexo masculino; menino”. Nestes casos, trata-

se de derivação por extensão de sentido. Ainda, como regionalismo dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul significa, “nas estâncias, peão menor de idade que não é de raça branca”.

Da observação da Tabela 6, relativa à área semântica Ciclos da Vida, pode-se inferir que a variante lexical *menina*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 76% dos informantes brasileiros e 48% dos informantes beirões. A carta lexical do referido campo semântico também registra a ocorrência das lexias: *guria* (14%), *garota* (6%) e *moleca* (4%) em Cuiabá; *garota* (46%), *miúda* (4%) e *rapariga* (2%) na Covilhã, para designar o mesmo referente. No ponto linguístico Cuiabá, registrou-se a variante lexical *menina* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”, enquanto que, entre os informantes nativos de Covilhã emprega-se a lexia *garota*, como exposto na Figura 122.

**Figura 122:** Carta Lexical da Questão 107, Informantes Nativos, 2012/2013.

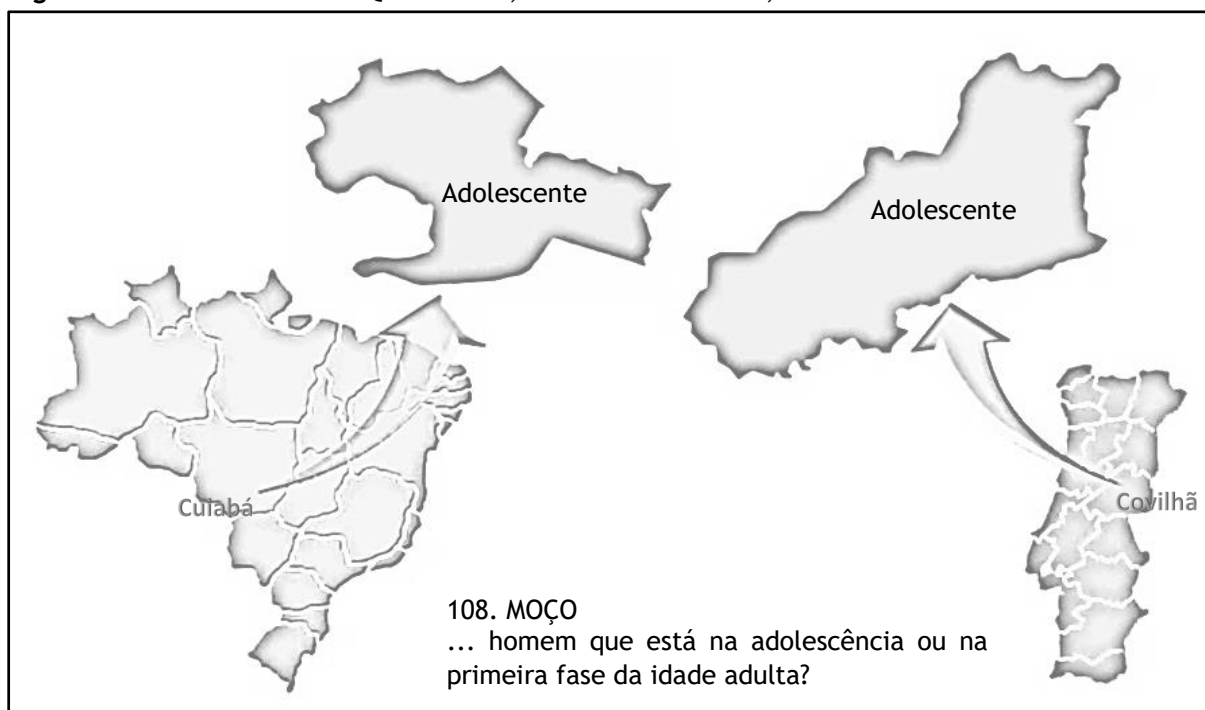


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

No Português Europeu o vocábulo *menina* também designa “variedade de abóbora”, integrando o acervo do Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em SilvaM 1972:316, associado ao Campo Semântico Horta e fruta. O termo linguístico *guria*, segundo Houaiss e Villar (2010), é um regionalismo do Brasil, cujo significado remete à “criança do sexo feminino; menina” e à “moça com quem se namora; namorada, garota”. De forma análoga a variante *garota* também é considerada um regionalismo, porém, de uso informal.

A variante léxica *adolescente*, resposta à questão 108 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, com o percentual de 56% e 46%, respectivamente, conforme Tabela 6 e Figura 123. A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida também inscreve as designações: *rapaz* (22%), *jovem* (16%), *moço* (4%), variante da questão proposta pelo QSL, e *garoto* (2%) no ponto linguístico Cuiabá; *rapaz* (32%), *jovem* (14%), *moço* (6%) e *miúdos* (2%) no ponto linguístico Covilhã, para designar o mesmo referente.

**Figura 123:** Carta Lexical da Questão 108, Informantes Nativos, 2012/2013.



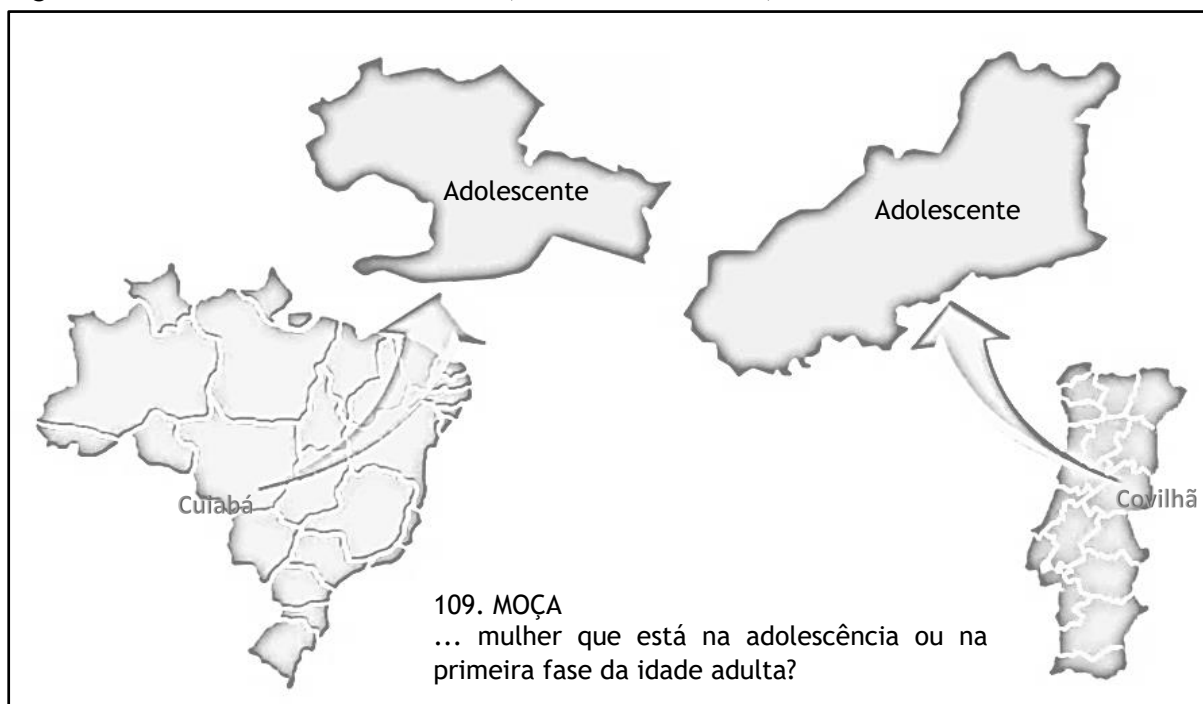
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida (Figura 113) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para designar a “mulher que está na adolescência ou na primeira fase da idade adulta”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de cinco itens lexicais: *adolescente* (50%), variante de maior frequência, *moça* (34%), que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *jovem* (6%), *menina* (6%) e *garota* (4%). No ponto linguístico Covilhã, obteve-se as lexias *rapariga* (38%), variante lexical de maior frequência, *adolescente* (36%), *jovem* (14%), *moça* (10%) e *miúdas* (2%). As variantes lexicais de maior frequência identificadas nos dois *corpora* são distintas ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical. A Carta Lexical da Questão 109 (Figura 124) registra a variante lexical *adolescente* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz”, bem como, entre os informantes nativos do Concelho da Covilhã e indica que não existem particularidades locais para este referente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *rapariga* com seis acepções. Dentre elas, duas destacadas como de uso geral, sem atribuição de uso específico no Português Brasileiro ou no europeu: “mulher na fase adolescente; jovem, moça, raparigota”, “aquela a quem se namora, a quem se corteja; namorada” e quatro com marcação de uso regional. Destas, uma inscrita como regionalismo da Amazônia, cujo significado remete à “moça virgem; donzela”, duas como regionalismos da região Nordeste e dos Estados de Minas Gerais e Goiás com o significado de: “mulher que vive da prostituição; meretriz, prostituta”, “mulher que vive maritalmente com um homem; concubina”, as quais assumem uma conotação pejorativa e, a última, consta como regionalismo de Portugal, na acepção de “moça do campo; roceira”. Também há registro do termo linguístico *rapariga*, em Portugal, para designar “namorada” em Nunes 1965:151, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).



**Figura 124:** Carta Lexical da Questão 109, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 125:** Carta Lexical da Questão 110, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 110 (Figura 125) indica os vocábulos *finado/a* e *falecido/a*, como as variantes léxicas de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Estas lexias foram registradas com o percentual de 62% e 60%, conforme Tabela 6. A Carta Lexical do Campo Semântico Ciclos da Vida também registra as lexias: *falecido/a* (38%) em Cuiabá; *defunto/a* (34%) e *finado* (6%) na Covilhã, para designar o mesmo referente.

### 3.7. CAMPO SEMÂNTICO CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

As questões numeradas de 111 a 123, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico VII - Convívio e Comportamento Social e compõem a Tabela 7 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses (Figura 126).

A partir da análise da Tabela 7, verifica-se que as lexias simples *caloteiro*, *cidade*, *vila* e *aldeia*, relativas às questões 114, 121, 122 e 123, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado, inscritas com o percentual de 100%, no ponto linguístico Covilhã. Enquanto que, a lexia de maior frequência registrada no ponto linguístico Cuiabá fora *açougueiro* (100%), como resposta à questão 120, a qual coincide com a variante lexical proposta pelo Questionário Semântico Lexical.

**Tabela 7:** Campo Semântico Convívio e Comportamento Social, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
111	Pessoa tagarela	11	Tagarela	50%	04	Fala barato	40%
112	Pess. pouco inteligente	05	Rude (o)	62%	09	Burro (a)	62%
113	Pessoa sovina	07	Pão-duro	36%	06	Forreta	72%
114	Mau pagador	06	Mau pagador	42%	01	Caloteiro	100%
115	Marido enganado	03	Corno	44%	04	Cornudo	48%
116	Prostituta	06	Prostituta	64%	02	Prostituta	80%
117	Xará	02	Xará	92%	02	Homônimo (a)	72%
118	Bêbado	08	Bêbado	50%	03	Bêbado	96%
119	Toco do cigarro	04	Bituca	70%	02	Beata	56%
120	Açougueiro	01	Açougueiro	100%	04	Carniceiro	42%
121	Cidade	02	Cidade	84%	01	Cidade	100%
122	Vila	05	Vila	44%	01	Vila	100%
123	Aldeia	04	Corrutela	72%	01	Aldeia	100%

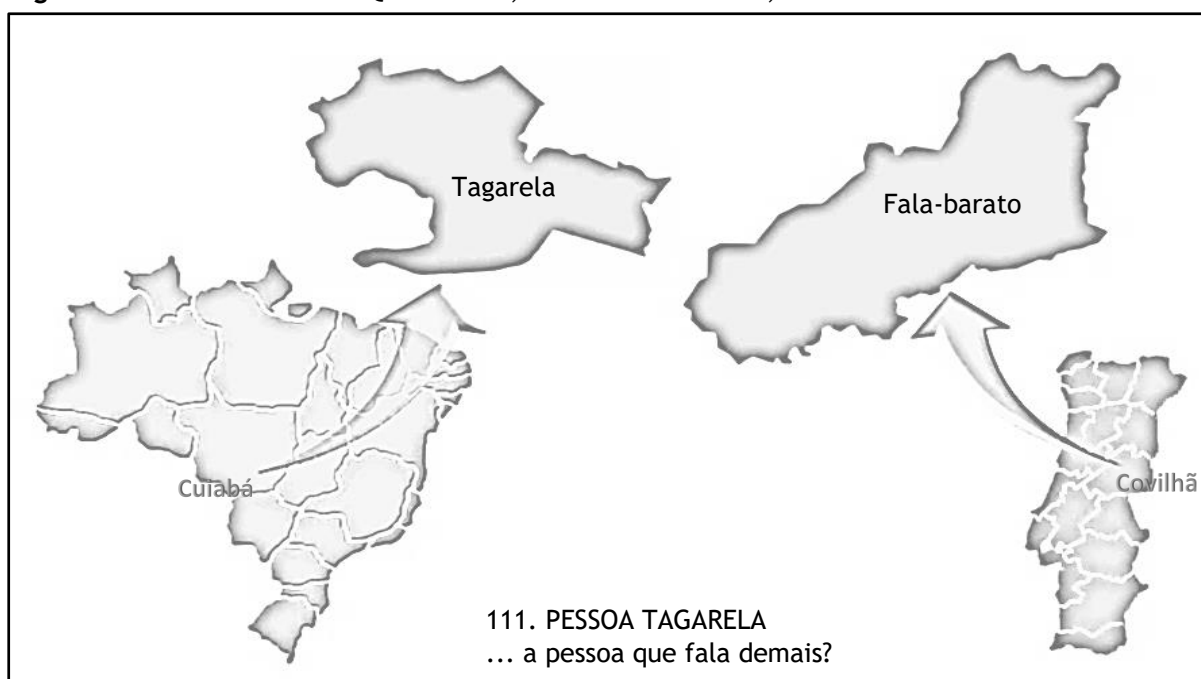
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 126:** Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social (Figura 126) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “a pessoa que fala demais”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de onze itens lexicais: *tagarela* (50%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *falador* (16%), *fofoqueira* (8%), *gralha* (8%), *matraca* (4%), *pararaca* (4%), *fuxiqueira* (2%), *vitrola* (2%), *bocaiúdo* (2%), *linguaruda* (2%) e *falastrona* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes designações: *fala-barato* (40%), variante lexical de maior frequência, *tagarela* (30%), *falador* (28%) e *linguaruda* (2%). Destas, três são coincidentes nos dois *corpora*. Constata-se, portanto, o registro de um expressivo número de significantes para o mesmo significado, ou seja, a riqueza sinonímica da Língua Portuguesa. A Figura 127, referente à Carta Lexical da Questão 111, também indica a ocorrência das lexias *tagarela* e *fala-barato* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

**Figura 127:** Carta Lexical da Questão 111, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *fofoqueiro*, de uso informal, é um regionalismo do Brasil e designa “... aquele que faz fofoca, que se intromete em assuntos alheios”. De forma análoga, o vocábulo *fuxiqueiro* também consta como regionalismo do Brasil, usado informalmente para designar “... o que fuxica, faz intrigas; fuxiquento”. Com relação à *gralha*, Houaiss e Villar (2010) assinalam a ocorrência de uma derivação por analogia: “pessoa que fala muito, lembrando o grasnar das gralhas; tagarela”.

Apesar de não ter sido identificada na Covilhã, a lexia simples *gralha*, em distribuição de adjetivo e aceção de “tagarela”, encontra-se documentada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Pereira 1970:341, por meio da variante *grailha*. Também há registro deste termo

linguístico, em distribuição substantiva, para designar “pessoa que fala muito” em Cruz 1991:334, anexo ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais) e “gralha” em Cruz 1991:328, associado ao Campo Semântico Animais Bravios (denominações).

A lexia *matraca* está dicionarizada em Houaiss e Villar (2010), primeiramente, para denominar a “peça de madeira com uma plaqueta ou argola que se agita barulhentemente em torno de um eixo; malho”. É assinalada como um caso de “derivação: sentido figurado” nas seguintes acepções: “pessoa que fala muito; tagarela, palrador”; “palavrório, tagarelice; boca”, configurando-se como regionalismo do Brasil. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o item lexical *matraca* também integra o léxico do Português Europeu com o significado de “instrumento de madeira formado por três tabuinhas movediças que se agitam para fazer barulho em certas cerimônias da Quaresma” em Buescu 1961:355, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais).

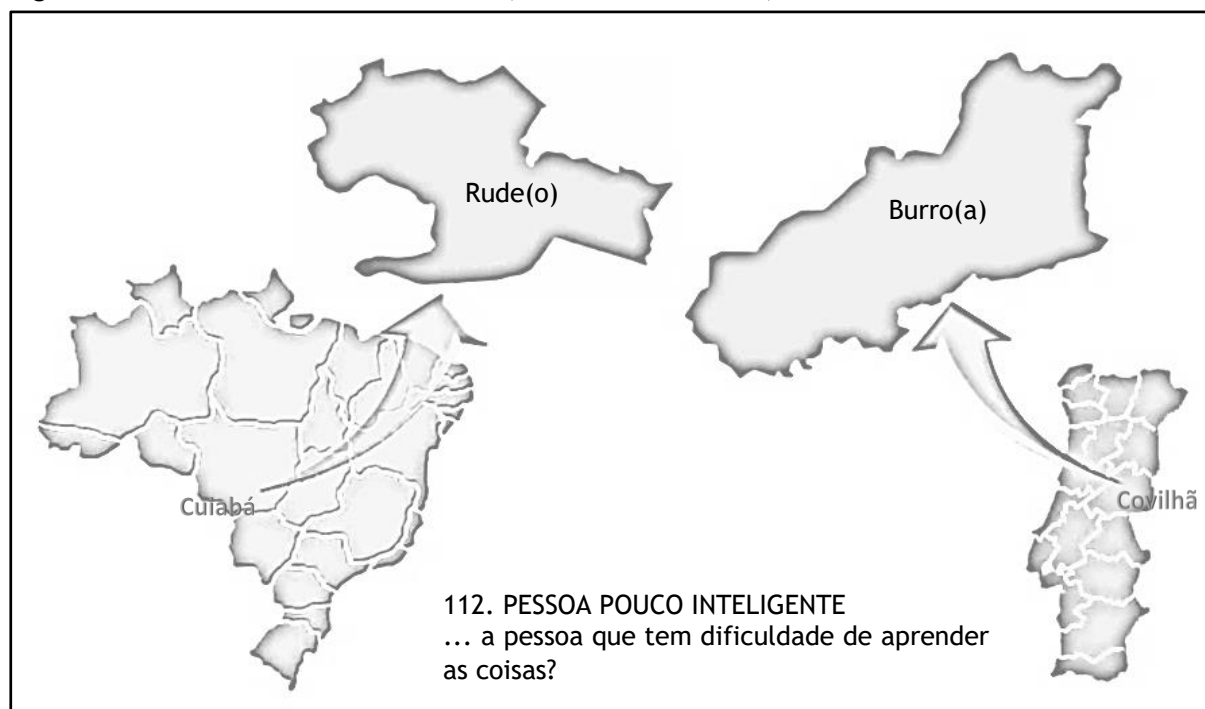
O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *vitrola*, proveniente do inglês *Victrola*, como regionalismo do Brasil, empregada, informalmente, na acepção de “pessoa que fala muito; tagarela”. É também, comumente, utilizado para designar “toca-discos”. Com relação à lexia *pararaca* que, segundo Nascentes, citado por Houaiss e Villar (2010), provém do tupi *pa’ra* ‘mar’, *ra* desin. e ‘*aka* ‘chifres’, em distribuição de adjetivo, significa “que faz ou é dado a fazer barulho ou a falar muito: barulhento, tagarela” e, em distribuição substantiva, designa o “local, nos rios, onde a água passa agitada e barulhenta, removendo as pedras”, configurando-se, como regionalismo dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás, outro fator que evidencia a influência da língua indígena na constituição do falar cuiabano.

O dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora assinala que a lexia complexa *fala-barato*, de caráter depreciativo, designa “pessoa que fala muito e frequentemente a despropósito; palrador irresponsável”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *fala-barato* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Europeu como, por exemplo, em Pereira 1970:340, o qual remete à variante *bate-folha*, que significa a “pessoa que fala e mente muito” e, cita como sinônimos “fala-barato, faroleiro, lareadeiro e tabaréu”. Ainda, documenta-se a variante *fala-barata*, cujo significado remete à “mulher que fala muito”, em CarvalhoA 1970:526, ambas associadas ao Campo Semântico Ser humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais).

A Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social (Figura 126) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para designar “a pessoa que tem dificuldade para aprender”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de cinco itens lexicais: *rude/o* (62%), variante de maior frequência, *burro* (30%), *lerda* (4%), *limitado* (2%) e *boiota* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as lexias *burro/a* (62%), variante lexical de maior frequência, *atrasado/a* (12%), *pessoa pouco inteligente* (10%), *limitada* (4%), *disléxico/a* (4%), *lesma* (2%), *lerdo* (2%), *lenta* (2%) e *bruta* (2%). As variantes lexicais de maior frequência identificadas nos dois *corpora* são distintas ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical. A Figura 128, relativa à Carta Lexical da Questão 112, registra as variantes léxicas *rude/o* e *burro/a* como as de maior frequência

entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente, e não indicam particularidades locais. Em Houaiss e Villar (2010) encontra-se, no verbete *rudo*, datado do Séc. XIII, a informação de ser uma forma linguística pouco usada, a qual designa o “m.q. rude”.

**Figura 128:** Carta Lexical da Questão 112, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *rude*, em distribuição adjetiva, com dez acepções, destacadas como de uso geral, sem atribuição de uso específico no Português Europeu ou no Brasileiro, são elas: “não cultivado; agreste, inculto”, “que apresenta asperezas; áspero, rugoso”, “desagradável, duro, insensível”, “áspero no trato; grosseiro, incivil, indelicado”, “falta de inteligência, de instrução, de sensibilidade; ignorante, boçal, estúpido”, “desprovido de beleza, de leveza; tosco, pesado”. Apesar de não ter sido identificada na Covilhã, a lexia *rude*, em distribuição de adjetivo e acepção de “pouco inteligente; estúpido”, encontra-se documentada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em BaptistaF 1970:665. Também se registra a variante lexical *ruda*, em distribuição substantiva, para designar o indivíduo “pouco esperto” em Amorim 1971:286; ambas anexadas ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais).

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *burro* é indicada para designar: “armação de madeira sobre a qual apoiam a lenha para melhor a serrar” em BaptistaF 1970:565, associada ao Campo Semântico Madeira e borracha; “jogo de cartas” (Idem), porém anexa ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais); “nevoeiro” em Braga 1971:316, “nevoeiro que se forma na serra, sinal de chuva” em Fernandes 1965:241, associada ao Campo Semântico Meteorologia; “instrumento utilizado para tirar

água” em CarvalhoA 1970:481; “engenho para tirar água dos poços, também conhecido por picota, cegonha e que se compõe de três partes essenciais: espeque, rabadão, vara” em Moura 1960:171 ( Campo Semântico Rego e Fontes); “burro; banco de três pés” em Delgado 1970:361, anexo ao Campo Semântico Enxoval e Vida doméstica; “nome vulgar de um mamífero perissodáctilo, da família dos Equídeos” em Alves 1993:202, pertencente ao Campo Semântico Gado Equino.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve o item lexical *burro* como um caso de “derivação: sentido figurado”, empregado para designar “...aquele que é falto de inteligência; estúpido, tolo”, atribuindo-lhe uma conotação pejorativa. De forma análoga, a lexia *lesma* assume um sentido pejorativo para referir-se a “pessoa que revela lentidão na maneira de pensar e agir”. Os lexicógrafos assinalam que o vocábulo *boiota*, de origem obscura, configura-se como um regionalismo dos Estados de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Goiás, cujo significado remete ao indivíduo considerado “bobo, tolo; paspalhão, bolha”. Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *lerdo*, em distribuição adjetiva, com três acepções: “que se move com dificuldade; lento, vagaroso, pesado”, “que se mostra tolo; estúpido, pateta, lerdão”, “que denota rudeza; grosseiro, tosco”.

A Carta Lexical da Questão 113 (Figura 129) registra as lexias *pão-duro* e *forreta* como as variantes de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã. Estas lexias, distintas ao conceito proposto pelo QSL, foram indicadas com o percentual de 36% e 72%, respectivamente, conforme Tabela 7. A Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social, também registra os termos linguísticos: *mão-de-vaca* (20%), *seguro* (16%), *cainha* (14%), *muquirana* (6%), *unha-de-fome* (4%) e *sovina* (4%) em Cuiabá; *avarento/a* (18%), *sovina* (4%), *fuinhas* (2%), *agarrado* (2%) e *mão-fechada* (2%) na Covilhã. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas doze lexias distintas e apenas uma coincidente (*sovina*) para designar o mesmo referente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve a lexia complexa *pão-duro*, como regionalismo do Brasil, usada informalmente, com o mesmo significado de *avarento*: “que ou aquele que é obcecado por adquirir e acumular dinheiro; sovina”. Os referidos lexicógrafos assinalam, na 11ª acepção que o vocábulo *seguro*, de uso informal, designa “sovina, avarento”. A lexia simples *seguro* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:112), com a acepção de “sovina”, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais), conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). O ALPB:112 também registra as variantes *amarrado*, *unha de fome*, *pica fumo*, *mesquinho*, *tacanha*, *sovina*, *econômico*, *chula*, *fona*, *sumítico*, *fominha*, *arrochado*, *morto a fome*, *usurário*, *morto de fome*, *papagaio no arame*, *agarrado*, *enforcado*, *miserável*, *rezina*, *dominado pelo dinheiro*, *amarrado que nem catarro na parede*, como respostas à questão 104, que indagava sobre “a pessoa que tem muito dinheiro e não gasta”. Apesar de não ter sido identificada na Covilhã, a lexia *seguro*, em distribuição substantiva e acepção de “avarento”, encontra-se documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Europeu, em SilvaG 1960:266.

O item lexical *cainho* está inscrito no Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) como um caso de “derivação: sentido figurado”, empregado para designar o indivíduo “que dá mostras de ou age com mesquinhez, avareza, excesso de zelo por coisas sem importância”. Com relação à lexia *muquirana*, que provém do tupi moki’rana ‘piolho do corpo humano’, os lexicógrafos distinguem três acepções. A primeira, em distribuição de substantivo e acepção de “piolho”, como um regionalismo do Brasil, do campo da entomologia e as demais com marcação de uso regional, isto é, como regionalismo do Sudeste do país, empregada na linguagem informal, nas seguintes acepções: “que ou aquele que se mostra maçante, aborrecido; indivíduo enfadonho; chato” e/ou “que ou aquele que se mostra sovina; avarento, mesquinho”. Nestes casos, trata-se de derivação por analogia.

**Figura 129:** Carta Lexical da Questão 113, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) inscreve o item lexical *fuinha*, proveniente do francês *fouine*, ‘pequeno mamífero particularmente voraz’, por extensão de sentido ‘avaro, voraz’, em distribuição substantiva para designar, informalmente, “indivíduo avaro (mais usado no plural); sovina”, “indivíduo muito magro”, “pessoa que gosta de intrigas, fofocas; indivíduo mexeriqueiro”. A lexia *fuinhas*, na acepção de “avarento”, encontra-se registrada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em Carvalho 1970:534, anexa ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais). Também há registro deste termo linguístico para designar “indivíduo magro” em Paulino 1959:268 e “ave” em Ratinho 1959:267, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *fuinha* remete para área semântica distinta, neste caso, Animais Bravios (denominações).

Evidencia-se, por exemplo, o emprego da lexia *agarrado* em distribuição de adjetivo e acepção de “avarento” em Fernandes 1965:220; Braga 1971:305 e Carvalho 1974:405. Também se



registra com a acepção de “forreta” em Delgado 1970:349, associada ao Campo Semântico Comércio e Emigração. Quanto ao vocábulo *forreta*, além de designar “indivíduo avarento” em Dias 1982:456, também está documentado na acepção de “utensílio de ferro para tirar as boroas do forno” em OliveiraR 1948:112, associado ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria. A lexia *sovina* integra o léxico do Português Europeu, em distribuição de adjetivo e acepção de “pessoa agarrada” em Fernandes 1965:309 e, em distribuição substantiva, na acepção de “pau aguçado com que picam os animais” em Fernandes 1965:309, anexa ao Campo Semântico Gado.

A Figura 126, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social, registra as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para denominar “o indivíduo que não paga suas contas”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de seis itens lexicais: *mau pagador* (42%), variante de maior frequência e correspondente ao conceito proposto pelo QSL, *caloteiro* (36%), *nó-cego* (10%), *fintador* (8%), *velhaco* (2%) e *inadimplente* (2%). No ponto linguístico Covilhã, obteve-se a denominação *caloteiro*, inscrita com o percentual de 100%, a qual coincide nos dois *corpora*. Esta lexia também integra o léxico do Português Europeu na acepção de “comilão” em CarvalhoS 1974:443, associada ao Campo Semântico Ser humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais), conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Como pode ser observado na Figura 130, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e, também, não indicam particularidades locais.

**Figura 130:** Carta Lexical da Questão 114, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social registra as lexias *cornu* (44%), variante de maior frequência, *chifrudo* (40%) e *traído* (16%) no ponto linguístico brasileiro; *cornudo* (48%), variante de maior frequência, *cornu* (32%), *traído* (14%) e *marido enganado* (6%), que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, no ponto linguístico português, como respostas à questão

115. A Figura 131, relativa à Carta Lexical da Questão 115, indica a ocorrência dos vocábulos *chifrudo* e *cornudo*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. De acordo com o dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010), o termo linguístico *chifrudo*, de uso informal, configura-se como um regionalismo do Brasil e designa “corno (‘cônjuge enganado’). O vocábulo *cornudo*, mais representativo do falar da Covilhã, está lexicalizado em Houaiss e Villar (2010) como um caso de “derivação: sentido figurado”, usado de forma pejorativa para referir-se ao “homem traído pela mulher”.

**Figura 131:** Carta Lexical da Questão 115, Informantes Nativos, 2012/2013.



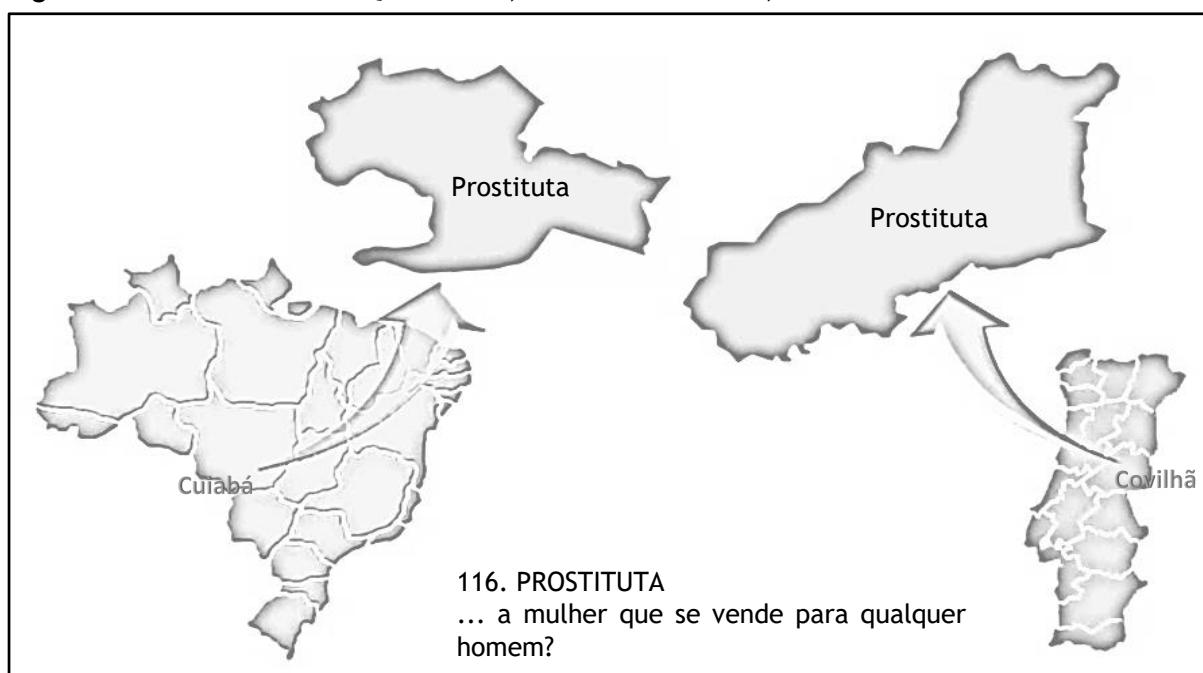
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o vocábulo *corno* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB: 120) para designar “o marido enganado pela mulher”, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos sociais). Este vocábulo integra o léxico do Português Europeu em CarvalhoA 1970:502 e Delgado 1970:347 com a acepção proposta acima e, ainda, com a acepção de “chifre” em CarvalhoA 1970:502 e Delgado 1970:335. Dessa forma, o vocábulo *corno* apresenta mobilidade, pois transita, reciprocamente, de um campo semântico para outro, isto é, sai do campo semântico Ser Humano e se estende para o do animal, mais especificamente, o do Gado.

A variante léxica *prostituta*, resposta à questão 116 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, com o percentual de 64% e 80%, respectivamente, conforme Tabela 7 e Figura 132. A Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social também inscreve as lexias: *rapariga* (12%), *puta* (12%), *vagabunda* (6%), *biscate* (4%) e *piranha* (2%) no ponto linguístico Cuiabá e *puta* (20%) no ponto linguístico Covilhã, para designar o mesmo referente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica, na terceira acepção, que o item lexical *rapariga* é um regionalismo da Amazônia, cujo significado remete à “moça virgem; donzela”. Ainda, configura-se como um regionalismo da região Nordeste e dos Estados de Minas Gerais e Goiás nas seguintes acepções: “mulher que vive da prostituição; meretriz, prostituta”, “mulher que vive maritalmente com um homem; concubina”. De acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora, no Brasil, atribui-se à lexia *rapariga* uma conotação pejorativa quando empregada na acepção de “amante” e “prostituta”. Também há registro deste termo linguístico, em Portugal, para designar “namorada” em Nunes 1965:151, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

**Figura 132:** Carta Lexical da Questão 116, Informantes Nativos, 2012/2013.



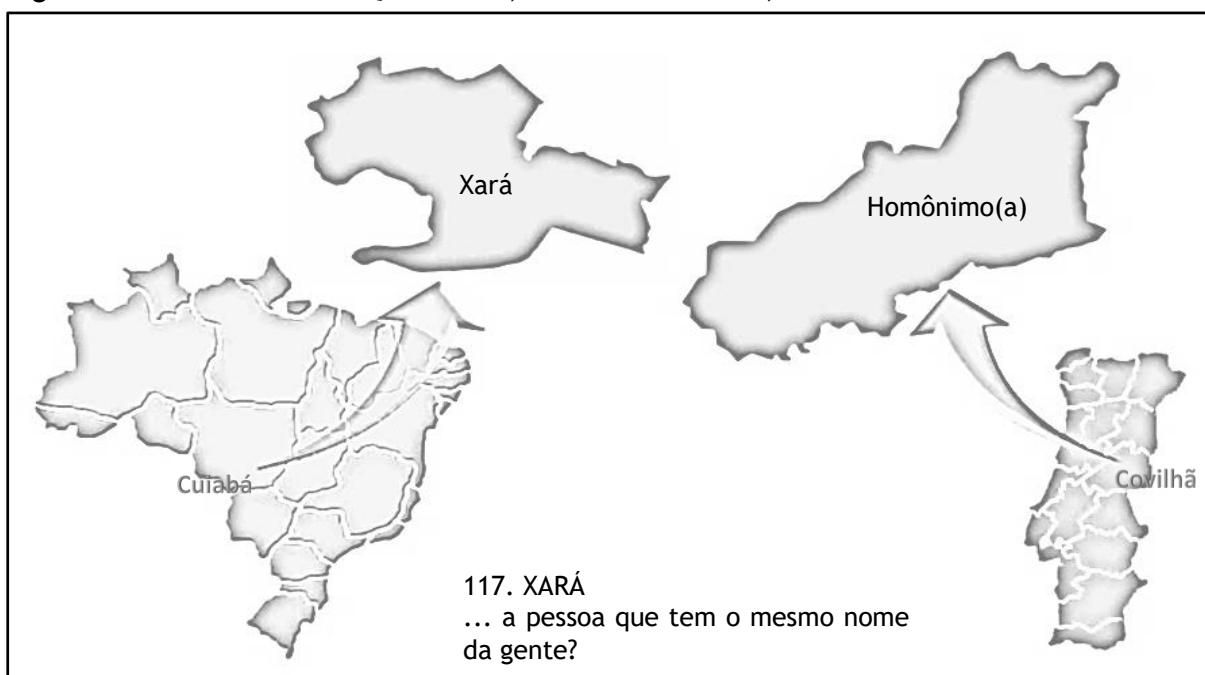
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Houaiss e Villar (2010) assinalam que a lexia *puta*, em distribuição substantiva, assume um caráter disfêmico na acepção de “prostituta”. Também é empregada para, pejorativamente, referir-se a “qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem” e, em distribuição de adjetivo, configura-se como regionalismo do Brasil, empregado como termo hiperbolizante, no sentido de ‘enorme, fantástico, excelente, sensacional’.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) inscreve o item lexical *piranha*, proveniente do tupi *pi'rāya*, literalmente ‘peixe com dente’, como regionalismo do Brasil, usado pejorativamente para referir-se a “mulher que mantém relações sexuais por dinheiro; prostituta, meretriz”. Este vocábulo integra o léxico do Português Brasileiro em Leão 1988:102, porém, com a acepção de “candango: aquele que não sabe trabalhar bem, que está aprendendo”, anexo ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais), conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

As variantes lexicais *xará* e *homônimo*, empregadas para designar “a pessoa que tem o nome idêntico ao de outra”, foram registradas com a expressiva frequência de 92% e 72% em Cuiabá e Covilhã, respectivamente, como pode ser observado na Tabela 7. No ponto linguístico Cuiabá, além da variante de maior frequência, *xará*, emprega-se a lexia *homônimo/a* (8%), enquanto que no ponto linguístico Covilhã fora indicado o item lexical *sósia* (8%) para o mesmo referente, como exposto na Figura 126. Dentre os informantes portugueses, 20% afirmaram desconhecer o termo específico. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 133).

**Figura 133:** Carta Lexical da Questão 117, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *xará* é um regionalismo do Brasil, cujo significado remete à “pessoa com nome de batismo idêntico ao de outra; xarapim, tocaio”. Segundo Antônio Geraldo da Cunha, citado por Houaiss e Villar (2010), a lexia *xará* provém do tupi \**xa’ra*, de *xe rera* ‘meu nome’, o que evidencia a influência da língua indígena no falar cuiabano. Também se emprega, informalmente, como indeterminador de pessoa. Com relação à lexia *sósia*, encontra-se dicionarizada na acepção de “indivíduo muito parecido com outro, podendo mesmo ser confundido com este; menecma”.

A variante léxica *bêbado*, resposta à questão 118 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, com o percentual de 50% e 96%, respectivamente, conforme Tabela 7 e Figura 134. A Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social também inscreve as designações: *xilado* (10%), *pinguço* (10%), *cachaceiro* (10%), *beberrão* (8%), *embriagado* (6%), *tonto* (4%) e *pau-d’água* (2%) no ponto linguístico Cuiabá; *borrachão* (2%) e *alcoholizado* (2%) no ponto linguístico Covilhã. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos,

visto que foram obtidas nove lexias distintas e apenas uma coincidente, que correspondem ao mesmo significado.

**Figura 134:** Carta Lexical da Questão 118, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) registra a lexia composta *pau-d'água*, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil, usada informalmente para designar “aquele que tem o hábito de embriagar-se; bêbedo, ébrio”. De forma análoga, o vocábulo *xilado*, de origem obscura, também se configura como um regionalismo do Brasil, de uso informal, cujo significado remete ao indivíduo “intoxicado com bebida alcoólica; alcoolizado, bêbedo”. A variante *tonto*, em distribuição de adjetivo e acepção de “embriagado, toldado”, também se configura como um regionalismo do Brasil. Os referidos lexicógrafos indicam a lexia *pinguço*, derivada da palavra *pinga* ‘bebida alcoólica, esp. aguardente de cana’ + -uço, como regionalismo das regiões Nordeste e Sul do Brasil e do Estado de Minas Gerais, empregada para denominar “... aquele que se embriaga; bêbedo, cachaceiro”. As lexias simples *bêbedo*, *embriagado*, *pinguço* e *cachaceiro* estão documentadas em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:116, 117), na acepção de “cachaceiro”, associado ao Campo Semântico Comida e Bebida, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

A Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social (Figura 126) registra as lexias *bituca* (70%), *toco do cigarro* (24%) *guimba* (4%) e *pitoco* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *beata* (56%) e *prisca* (44%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 119. Verifica-se, portanto, um contraste linguístico entre as áreas em estudo, visto que foram obtidos seis vocábulos diferentes para o mesmo significante. As lexias de maior frequência, *bituca* e *beata*, distintas e

correspondentes ao conceito de “toco do cigarro” (proposto pelo QSL na Tabela 7) mantêm-se, inclusive, entre os informantes nativos, como pode ser observado na Figura 135.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) registra a lexia simples *toco*, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil, empregada para designar “resto de algo que se quebrou ou consumiu; ponta, coto. Exemplos: toco de cigarro, toco de vela”. De forma análoga, o vocábulo *pitoco* na acepção de “cachimbo quebrado; pedaço de cachimbo”, configura-se como regionalismo do Brasil, porém, de uso informal. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), este vocábulo encontra-se documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro, no entanto, para designar o animal que tem rabo curto, em Lino 2000:99, associado ao Campo Semântico Animais Domésticos e Criação de Gado.

**Figura 135:** Carta Lexical da Questão 119, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O termo linguístico *prisca*, em distribuição substantiva, configura-se como um regionalismo da região Sul do Brasil, usada informalmente, cujo significado remete ao verbete *guimba*: “a parte restante de um charuto, cigarro ou baseado já fumado”. Segundo Nei Lopes, citado por Houaiss e Villar (2010), “possivelmente, do quimbundo *kima* ‘coisa’, através da expressão *kambundu ia kima* ‘pedaço’. Trata-se de outro fato que evidencia a influência das línguas africanas trazidas pelos escravos na formação sociocultural do povo cuiabano.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra o termo linguístico *bituca*, cuja etimologia radica na “alteração de *içabitu* <tupi *i’sa* ‘formiga’ + *ibi’tu* ‘vento, que voa, com asas para voar’, como regionalismo do Brasil, usado na linguagem de delinquentes, para designar o “indivíduo que não paga as dívidas”. Os referidos lexicógrafos não fazem referência à variante léxica *bituca* na acepção de “toco de cigarro”, entretanto, o Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora indica que o termo linguístico *bituca*, no Brasil, designa “beata, prisca”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *beata* encontra-

se documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Europeu na acepção de “papel em que se enrola o tabaco; mortalha” em Gouveia 1951:169 e “ponta do cigarro” em Paulino 1959:302, por meio da variante fonética *biata*, ambas anexadas ao Campo Semântico Tabaco.

A Carta Lexical da Questão 120 (Figura 136) indica os vocábulos *açougueiro* e *carniceiro*, como as variantes de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, para denominar o “indivíduo que abate e esfolia as reses nos matadouros”. Estas variantes lexicais foram registradas com o percentual de 100% e 42%, respectivamente, dentre a totalidade dos informantes como pode ser observado na Tabela 7. A partir da Figura 126, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social, verifica-se que na Covilhã também se empregam para o conceito anteriormente mencionado os termos equivalentes: *talhante* (26%), *matador* (26%) e *esfolador* (2%). Dentre os inquiridos portugueses, 4% alegaram desconhecer o termo específico.

**Figura 136:** Carta Lexical da Questão 120, Informantes Nativos, 2012/2013.

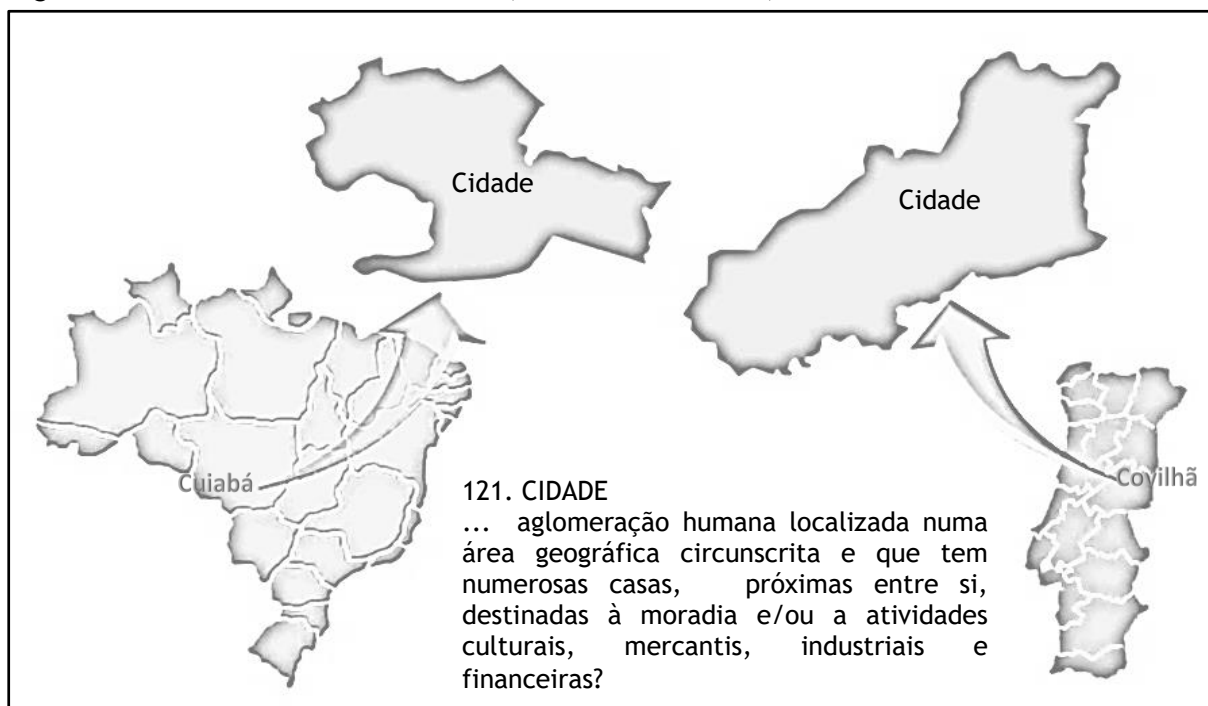


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A variante léxica *município*, resposta à questão 121 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, inclusive entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, com o percentual de 84% e 100%, respectivamente, conforme Tabela 7 e Figura 137. A Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social também inscreve a lexia *município* (16%) em Cuiabá, para o mesmo referente.

Para designar a “povoação de categoria inferior a cidade e superior a aldeia” o QSL propõe a lexia *vila*, registrada no ponto linguístico Cuiabá com a percentagem de 44%. Na Covilhã, esse percentual eleva-se para 100% dos registros, conforme Tabela 7. Para o mesmo referente, como observado na Figura 126, obteve-se as variantes lexicais: *vilarejo* (26%), *distrito* (16%), *povoado* (12%) e *comunidade* (2%) no falar cuiabano. Em relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 138).

**Figura 137:** Carta Lexical da Questão 121, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 138:** Carta Lexical da Questão 122, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Segundo Houaiss e Villar (2010), a lexia *distrito*, proveniente do latim medieval *distriatus*, us ‘território dependente da cidade’, configura-se como regionalismo do Brasil, cujo significado remete à “divisão de município ou cidade, que pode compreender um ou mais bairros”. Apesar de não ter sido identificada na Covilhã, a lexia *distrito* na acepção de “Freguesia”, integra o léxico do Português Europeu, em BaptistaF 1970:592, por meio da variante *destrito*, anexa ao Campo Semântico

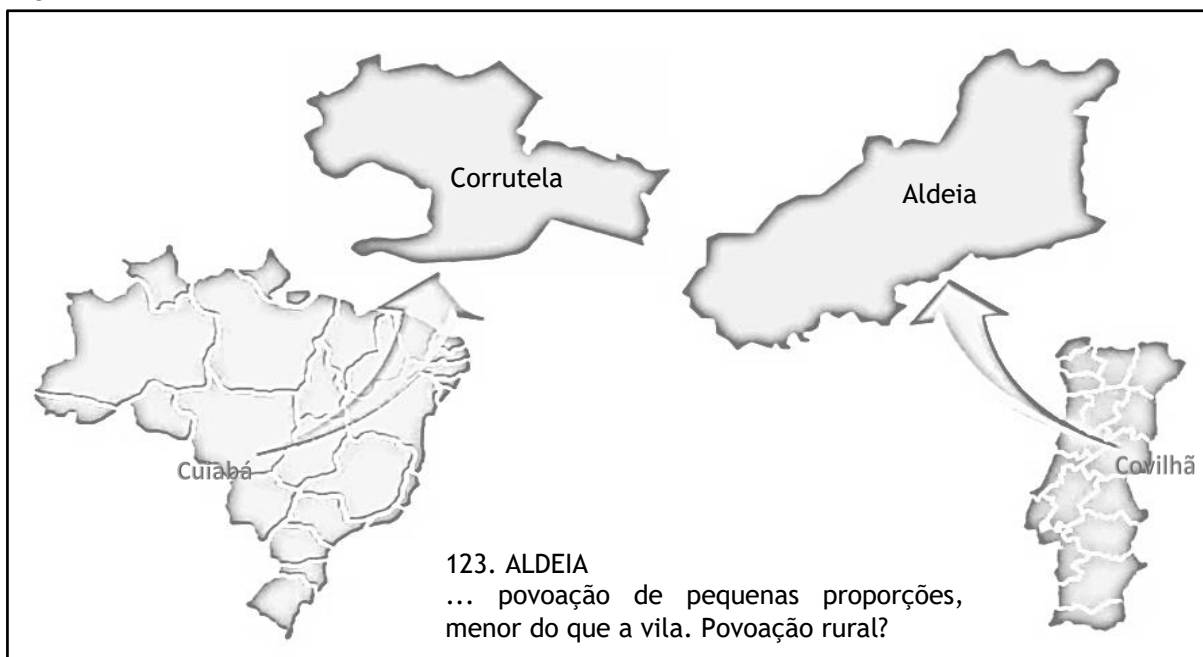


Povoamento, Instituições e Comunicações, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

A Carta Lexical da Questão 123 (Figura 139) indica os vocábulos *corrutela* e *aldeia*, como as variantes léxicas de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Estas lexias foram registradas com o percentual de 72% e 100%, como pode ser observado na Tabela 7. A Carta Lexical do Campo Semântico Convívio e Comportamento Social também registra as lexias: *povoado* (14%), *arraial* (10%) e *vilarejo* (4%) no ponto linguístico Cuiabá, para o mesmo referente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *corruptela* com quatro acepções, três destacadas como de uso geral, sem atribuição de uso específico no Português Brasileiro ou no Europeu e uma com marcação de uso regional, isto é, como regionalismo de Goiás, com o significado de “reunião temporária de garimpeiros em aldeias, acampamentos”. Os lexicógrafos assinalam que o vocábulo *aldeia*, na acepção de “povoação habitada apenas por índios; maloca, aldeamento” configura-se como regionalismo do Brasil.

**Figura 139:** Carta Lexical da Questão 123, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

De acordo com pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *arraial* é indicada para designar: “agrupamento de construções pertencentes ao mesmo dono e anexos à habitação” em Buescu 1961:341, associada ao Campo Semântico Construção; “aglomeração festiva” em Paulino 1959:275, anexa ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais) e “grande quantidade” em SilvaG 1960:227, inclusa no Campo Semântico Medição (outros). Segundo Houaiss e Villar (2010) o vocábulo *arraial* designa “lugarinho de caráter provisório, temporário”; “pequena aldeia, lugarejo” e “local onde são realizadas festividades populares”.

### 3.8. CAMPO SEMÂNTICO RELIGIÃO E CRENÇAS

As questões numeradas de 124 a 131, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico VIII - Religião e Crenças e compõem a Tabela 8 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 140) expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses. A partir da análise dos dados expostos na Tabela 8, verifica-se que a lexia de maior frequência obtida no campo semântico supracitado, coincidente nos dois *corpora*, fora *presépio*, a qual corresponde à variante da questão proposta pelo QSL e inscreve-se com o percentual de 100%.

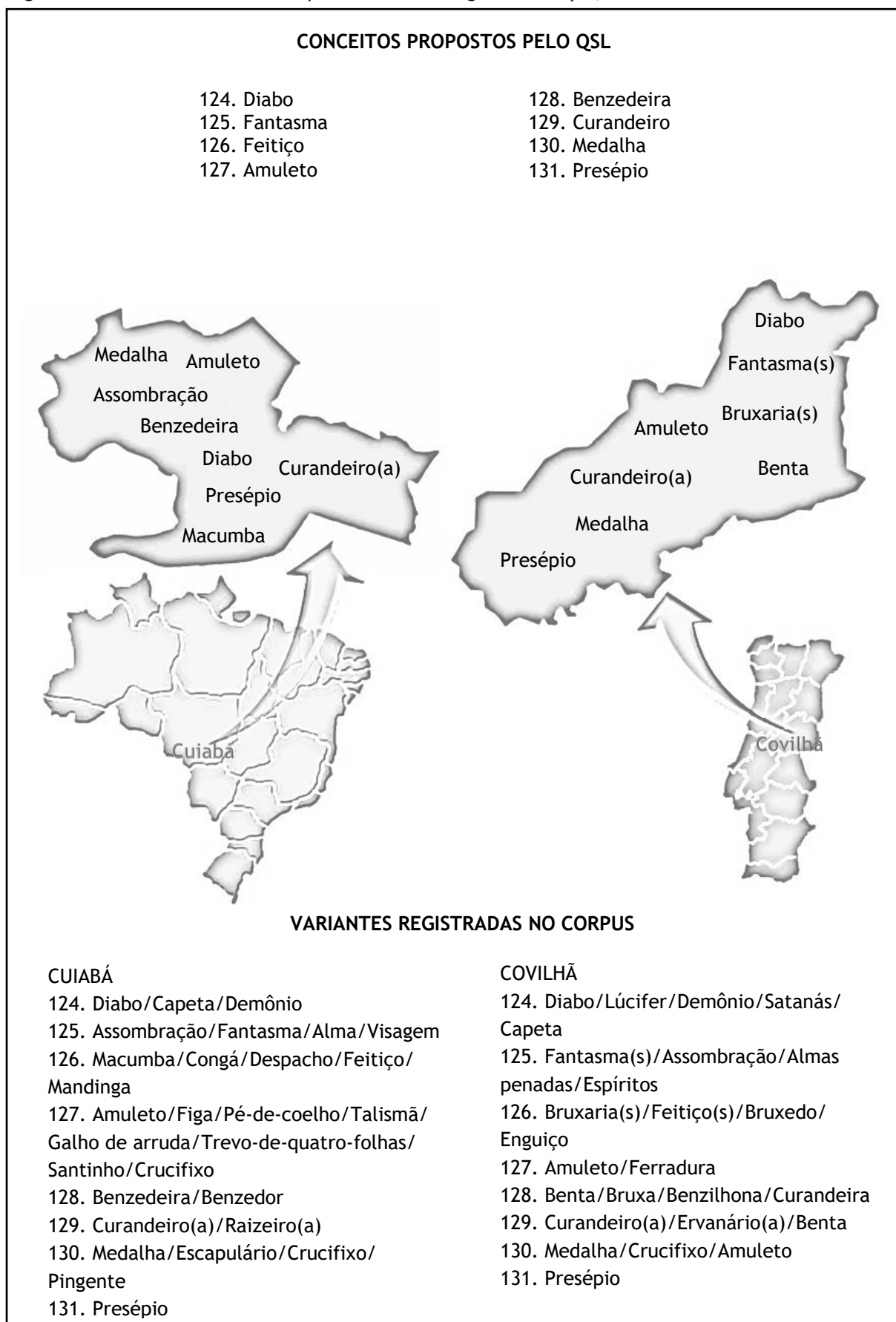
A Carta Lexical do Campo Semântico Religião e Crenças registra as lexias *diabo* (68%), variante de maior frequência, *capeta* (24%) e *demônio* (8%) no ponto linguístico brasileiro; *diabo* (90%), variante de maior frequência, *Lúcifer* (4%), *demônio* (2%), *Satanás* (2%) e *capeta* (2%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 124. As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* coincidem com o conceito proposto pelo QSL, como exposto na Tabela 8. Como pode ser observado na Figura 141, as variantes lexicais de maior frequência mantêm-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais. O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve a lexia simples *capeta*, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil empregada, informalmente, com o mesmo significado de *diabo*: “segundo a religião cristã, o anjo rebelde (Satanás) que foi expulso do céu e precipitado no abismo (inferno)”. Em distribuição de adjetivo designa “... aquele que é levado, traquinas”.

**Tabela 8:** Campo Semântico Religião e Crenças, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGUÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
124	Diabo	03	Diabo	68%	05	Diabo	90%
125	Fantasma	04	Assombração	76%	04	Fantasma(s)	88%
126	Feitiço	05	Macumba	46%	04	Bruxaria(s)	56%
127	Amuleto	08	Amuleto	60%	02	Amuleto	98%
128	Benzedeira	02	Benzedeira	92%	04	Benta	34%
129	Curandeiro	02	Curandeiro(a)	82%	03	Curandeiro(a)	78%
130	Medalha	04	Medalha	54%	03	Medalha	84%
131	Presépio	01	Presépio	100%	01	Presépio	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Figura 140: Carta Lexical do Campo Semântico Religião e Crenças, 2012/2013



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 125 indica os vocábulos *assombração* e *fantasma/s*, como as variantes lexicais de maior frequência, empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Estas lexias foram registradas com o percentual de 76% e 88%, como pode ser observado na Tabela 8. A carta lexical do referido campo semântico ainda registra as seguintes lexias: *fantasma* (20%), *alma* (2%) e *visagem* (2%) em Cuiabá; *assombração* (4%), *almas penadas* (4%) e *espíritos* (4%) na Covilhã. O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *visagem*, proveniente do francês *visage* ‘parte anterior da cabeça humana, expressão dos traços da face’, como regionalismo do Brasil, na acepção de “aparição sobrenatural; assombração, fantasma”.

**Figura 141:** Carta Lexical da Questão 124, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o item lexical *alma* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:168, 170) para designar “espírito”, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais). A lexia simples *visagem*, em distribuição substantiva e acepção de “fantasma”, integra o léxico do Português Brasileiro em Lino 2000:92, por meio da variante *visage*.

A Tabela 8, relativa ao Campo Semântico Religião e Crenças, registra as lexias *macumba* e *bruxaria/s* como as variantes de maior frequência empregadas pelos inquiridos brasileiros e covilhanenses. Estas lexias, distintas ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical, foram indicadas com o percentual de 46% e 56%, respectivamente. A Carta Lexical do Campo Semântico Religião e Crenças, também registra os termos linguísticos: *congá* (26%), *despacho* (20%), *feitiço* (6%) e *mandinga* (2%) em Cuiabá; *feitiço/s* (34%), *bruxedo* (8%) e *enguiço* (2%) na Covilhã. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas oito lexias distintas e apenas uma coincidente (*feitiço*) para designar o mesmo referente. No ponto linguístico Cuiabá registrou-se a variante lexical *congá* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa

e Cruz”, enquanto que, entre os informantes nativos do Concelho da Covilhã emprega-se a lexia *bruxaria/s*, como exposto na Figura 143.

**Figura 142:** Carta Lexical da Questão 125, Informantes Nativos, 2012/2013.



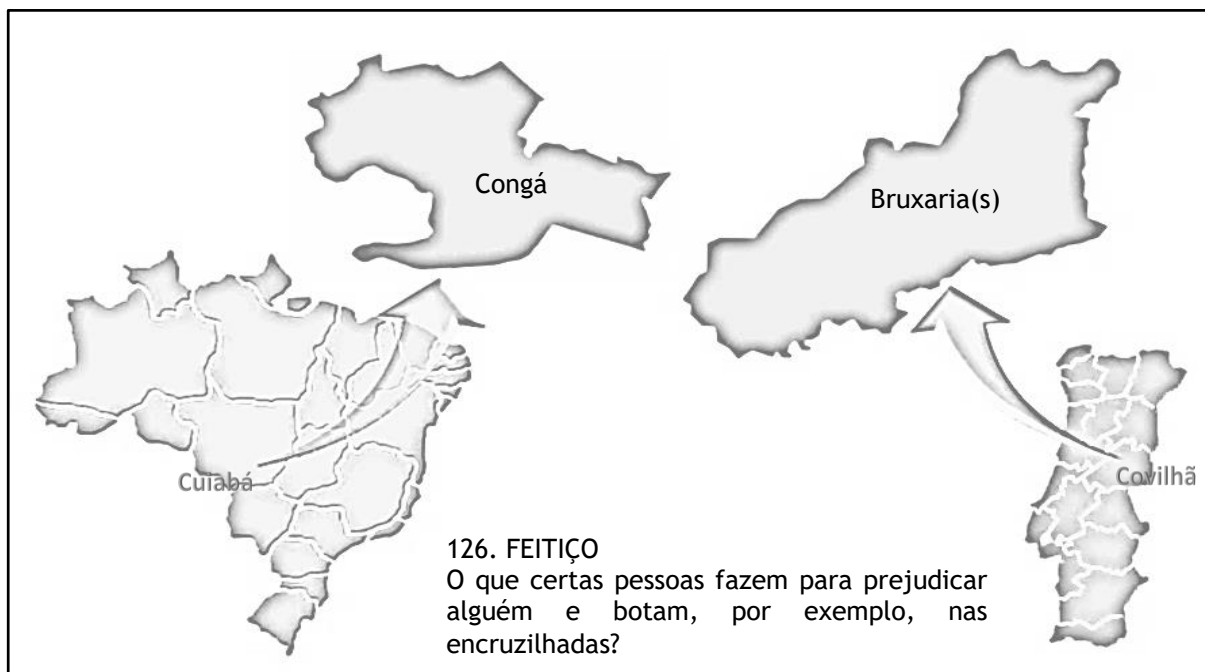
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Houaiss e Villar (2010) atribuem ao verbete *macumba* nove significados, dentre os quais o sétimo, por extensão de sentido ‘magia negra, feitiçaria; feitiço, despacho’, aplica-se ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical. É assinalado como um caso de “derivação: por metonímia” na acepção de: “oferenda a Exu, esp. nas encruzilhadas; despacho”, configurando-se como regionalismo do Brasil. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o vocábulo *macumba* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro, com o significado de “magia negra, bruxaria”, em Lino 2000:89, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais). Ainda, registra o item lexical *macumba*, proveniente do quimbundo *ma’kumba*, como brasileirismo, cujo significado remete ao “sincretismo religioso afro-brasileiro, derivado do Candomblé, com elementos de várias religiões africanas, de religiões indígenas brasileiras e do Cristianismo”. Registra-se outro fato que evidencia a influência das línguas africanas, trazidas pelos escravos, na formação sociocultural do povo cuiabano.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve o item lexical *congá* como regionalismo do Brasil, o qual designa o “m.q. gongá (‘altar; seu recinto’)”. Os referidos lexicógrafos, atribui ao verbete *despacho*, catorze acepções, dentre as quais, oito são destacadas como de uso geral, sem atribuição de uso específico no Português Brasileiro ou no Europeu e seis constam como regionalismo do Brasil. No entanto, somente quatro aplicam-se ao conceito de feitiço proposto pelo Questionário Semântico Lexical. São elas: “padê”, “na umbanda, no catimbó ou em alguns candomblés de caboclo, ação de depositar em um lugar determinado (freq. encruzilhada, cachoeira,

mata) uma oferenda a Exu, ger., para que este faça mal a alguém; ebó”, “essa oferenda; ebó”, “oferenda que se faz a Exu para que desfaça algum efeito maléfico de bruxaria”. No verbete *feitiço*, Houaiss e Villar (2010) registra os seguintes sinônimos: *bruxaria*, *bruxedo*, *coisa-feita*, *despacho*, *ebó*, *encantamento*, *encanto*, *encomenda*, *envultamento*, *feitiçaria*, *macumba*, *magia*, *malefício*, *mandinga*, *mandraquice*, *milongo*, *muamba*, *mundrunga*, *padê*, *pajelança*, *serviço*, *sortilégio*, *trabalho*. Destas variantes, três concernem ao *corpus* em análise.

**Figura 143:** Carta Lexical da Questão 126, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Religião e Crenças (Figura 140) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para designar “o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de oito itens lexicais: *amuleto* (60%), variante de maior frequência, *trevo-de-quatro-folhas* (10%), *pé-de-coelho* (8%), *figa* (6%), *talismã* (4%), *santinho* (4%), *galho de arruda* (2%) e *crucifixo* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as designações *amuleto* (98%), variante lexical de maior frequência, e, *ferradura* (2%). As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* coincidem com o conceito proposto pelo QSL, conforme exposto na Figura 8. Dentre os informantes cuiabanos, 4% afirmaram desconhecer o termo específico. A Carta Lexical da Questão 127 (Figura 144) registra a variante lexical *amuleto* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã. O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *santinho*, como regionalismo do Brasil, empregada informalmente, na acepção de “pequeno prospecto de propaganda eleitoral com retrato e número do candidato a cargo público”.

Os itens lexicais *benzedeira* e *benzedor* foram selecionados, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “uma mulher que tira o mau-olhado com rezas...”. O primeiro, inscrito com o percentual de 92%, configura-se como a variante léxica de maior frequência e coincide com a variante da questão

proposta pelo QSL, enquanto que o vocábulo *benzedor* fora a resposta de 8% dos informantes, conforme Tabela 8 e Figura 140. No ponto linguístico Covilhã foram registradas as lexias *benta* (34%), variante lexical de maior frequência, *bruxa* (30%), *benzilhona* (30%) e *curandeira* (6%), todas distintas ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas seis lexias distintas e correspondentes ao conceito anteriormente mencionado.

**Figura 144:** Carta Lexical da Questão 127, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Figura 145, relativa à Carta Lexical da Questão 128 indica a ocorrência dos vocábulos *benzedeira* e *bruxa*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Das variantes coletadas na pesquisa de campo, somente *benta* não está lexicalizada em Houaiss e Villar (2010). Entretanto, integra o léxico do Português Europeu, nas seguintes acepções: “espécie de bruxa ou feiticeira que se considera benfazeja e destrutora dos malefícios daquelas; benzedeira”, em Buescu 1961:355, associada ao Campo Semântico Ofícios e Profissões; “bruxa” em CarvalhoA 1970:474, anexa ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais) e “pequeno furúnculo”, em Martins 1954:410, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

Da observação da Tabela 8, relativa à área semântica Religião e Crenças, pode-se inferir que a variante lexical *curandeiro/a*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 82% dos informantes brasileiros e 78% dos informantes beirões. A carta lexical do referido campo semântico também inscreve a ocorrência das lexias *raizeiro/a* (18%) em Cuiabá; *ervanário/a* (16%) e *benta* (6%) na Covilhã, para designar “a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas”. Dentre os informantes nativos, manteve-se a mesma variante. Vide Figura 146. Houaiss e Villar (2010) inscrevem

a lexia *raizeiro/a* como regionalismo do Nordeste do Brasil e de Minas Gerais na acepção de “curandeiro que faz tratamentos com raízes; raizista, remedista”.

**Figura 145:** Carta Lexical da Questão 128, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 146:** Carta Lexical da Questão 129, Informantes Nativos, 2012/2013.

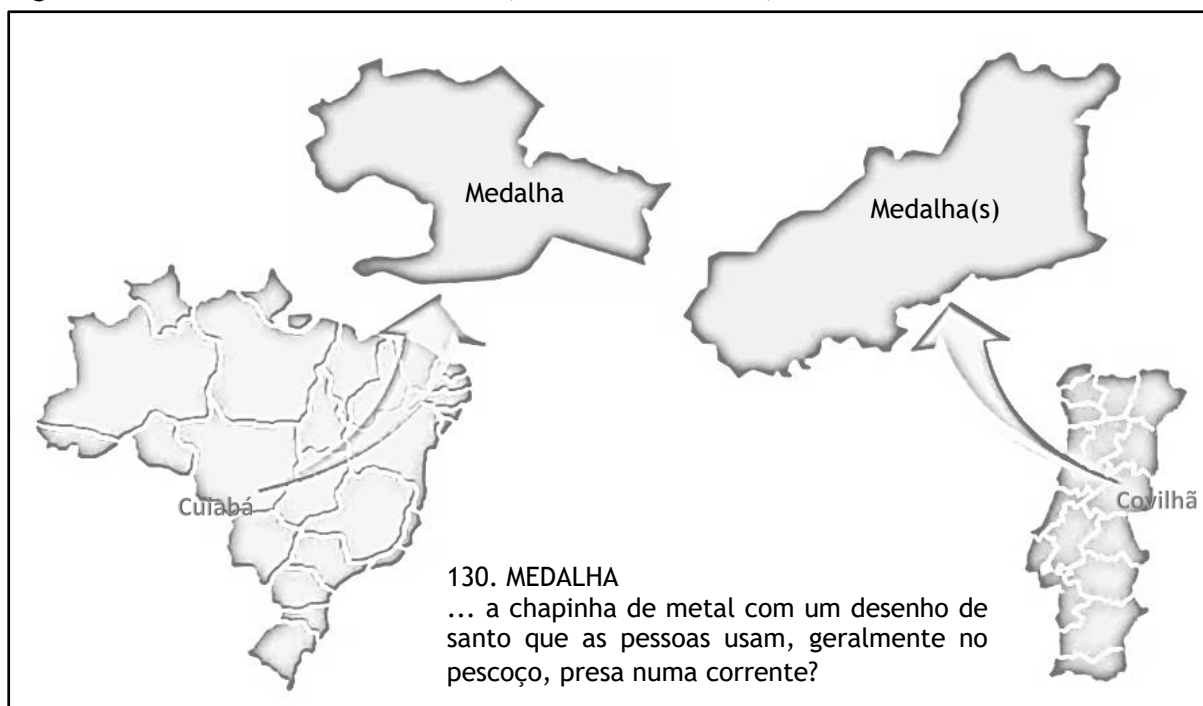


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A variante léxica *medalha*, resposta à questão 130 do Questionário Semântico Lexical, fora registrada nos dois pontos linguísticos como a variante de maior frequência, com o percentual de 54% e 84%, respectivamente. Também, se destaca entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, como pode ser observado na Tabela 8 e Figura 147.

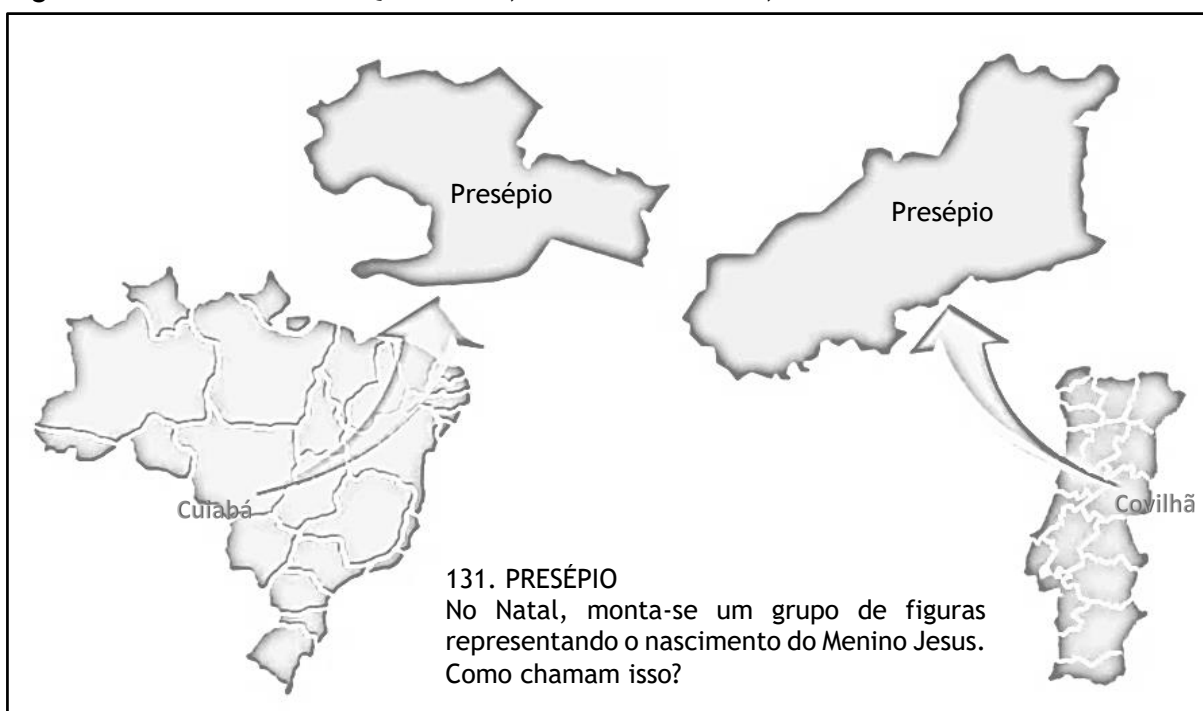


**Figura 147:** Carta Lexical da Questão 130, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 148:** Carta Lexical da Questão 131, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Religião e Crenças também inscreve as lexias: *escapulário* (14%), *crucifixo* (14%) e *pingente* (6%) no ponto linguístico Cuiabá; *crucifixo* (8%) e *amuleto* (8%) no ponto linguístico Covilhã, para designar o mesmo referente. Dentre os informantes cuiabanos, 12% alegaram desconhecer o termo específico. A variante linguística *pingente* integra o léxico do Português Europeu para designar “pessoa sem importância” em Paulino 1959:273, associado

ao Campo semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais), conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

### 3.9. CAMPO SEMÂNTICO JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

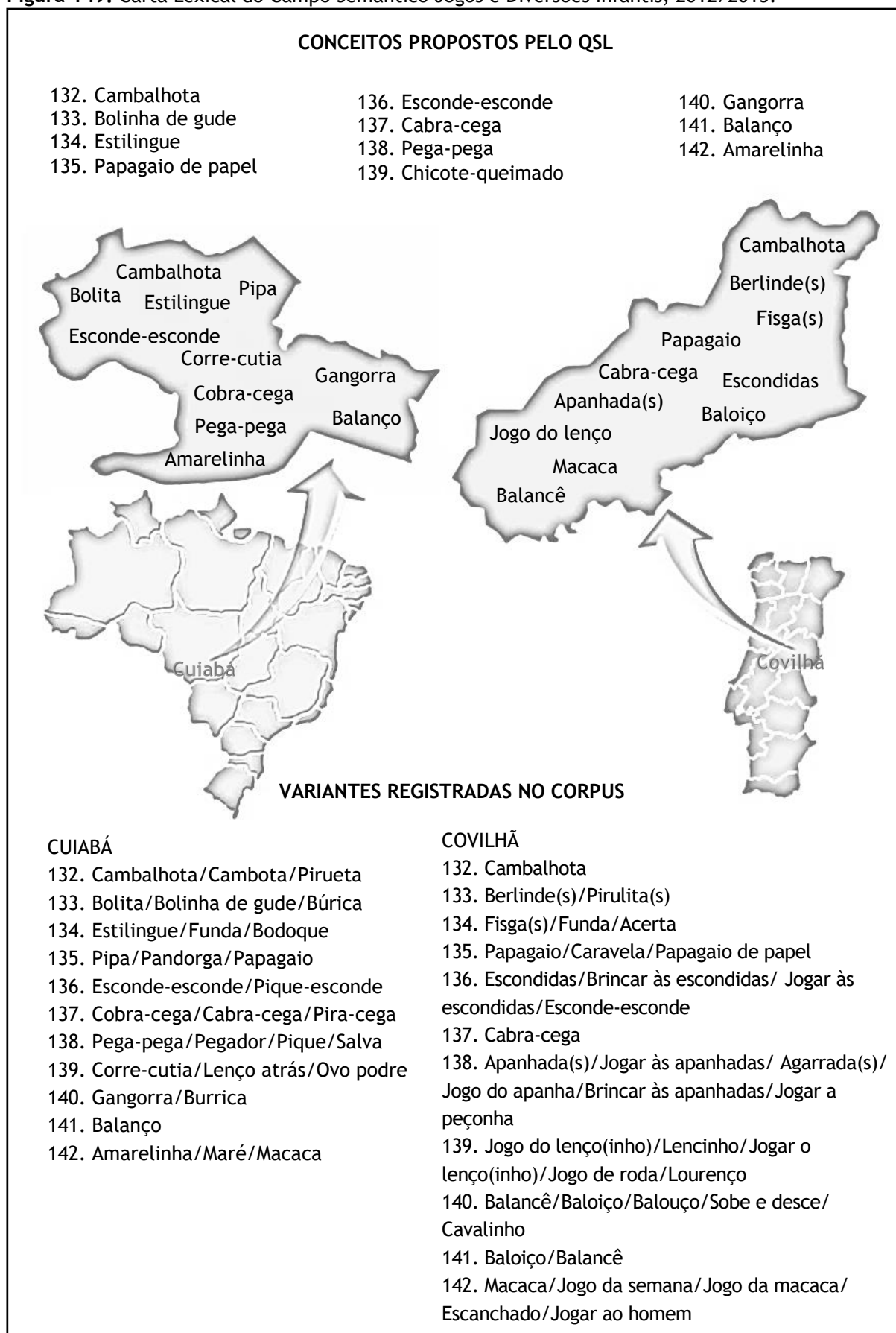
As questões numeradas de 132 a 142, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico IX - Jogos e Diversões Infantis e compõem a Tabela 9 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 149) expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses.

A partir da análise dos dados expostos na Tabela 9 verifica-se que as lexias *cambalhota* e *cabra-cega*, relativas às questões 132 e 137, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado e coincidem com as variantes das questões propostas pelo QSL, inscritas com o percentual de 100%, no ponto linguístico Covilhã. De forma semelhante, a lexia de maior frequência registrada no ponto linguístico Cuiabá fora *balanço* (100%), como resposta à questão 141, também coincidente com a variante lexical proposta pelo QSL.

**Tabela 9:** Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
132	Cambalhota	03	Cambalhota	76%	01	Cambalhota	100%
133	Bolinha de gude	03	Bolita	80%	02	Berlinde(s)	86%
134	Estilingue	03	Estilingue	52%	03	Fisga(s)	94%
135	Papagaio de papel	03	Pipa	42%	03	Papagaio	84%
136	Esconde-esconde	02	Esconde-esconde	94%	04	Escondidas	70%
137	Cabra-cega	02	Cobra-cega	80%	01	Cabra-cega	100%
138	Pega-Pega	04	Pega-pegas	62%	06	Apanhada(s)	52%
139	Chicote-queimado	03	Corre-cutia	54%	05	Jogo do lenço(inho)	50%
140	Gangorra	02	Gangorra	90%	05	Balancê	54%
141	Balanço	01	Balanço	100%	02	Baloioço	96%
142	Amarelinha	03	Amarelinha	96%	05	Macaca	44%

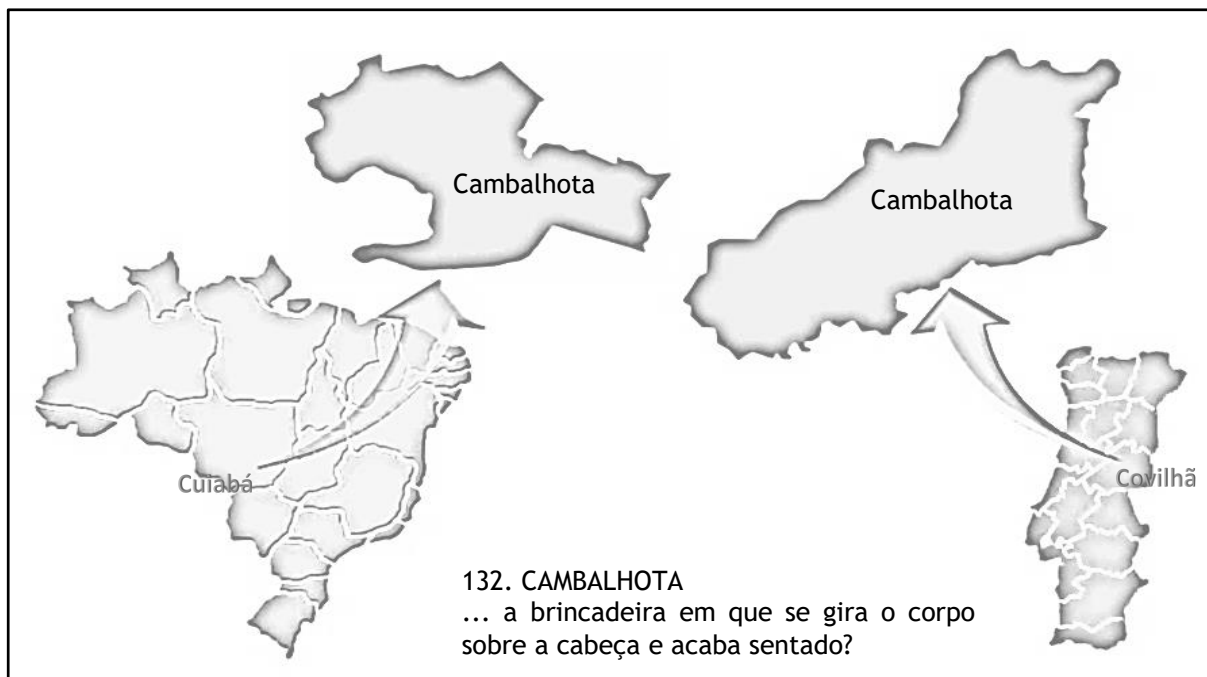
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 149:** Carta Lexical do Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Da observação da Tabela 9, relativa à área semântica Jogos e Diversões Infantis, pode-se inferir que a variante lexical *cambalhota*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 76% dos informantes brasileiros e 100% dos informantes beirões. A carta lexical do referido campo semântico também inscreve as lexias *cambota* (20%) e *pirueta* (4%) no ponto linguístico Cuiabá, para o mesmo referente. Dentre os informantes nativos manteve-se a mesma variante. Vide Figura 150. O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *cambota*, de uso informal, é um regionalismo do Brasil e designa o “m.q. cambalhota (‘movimento ou exercício’, ‘reviravolta’)”.

**Figura 150:** Carta Lexical da Questão 132, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

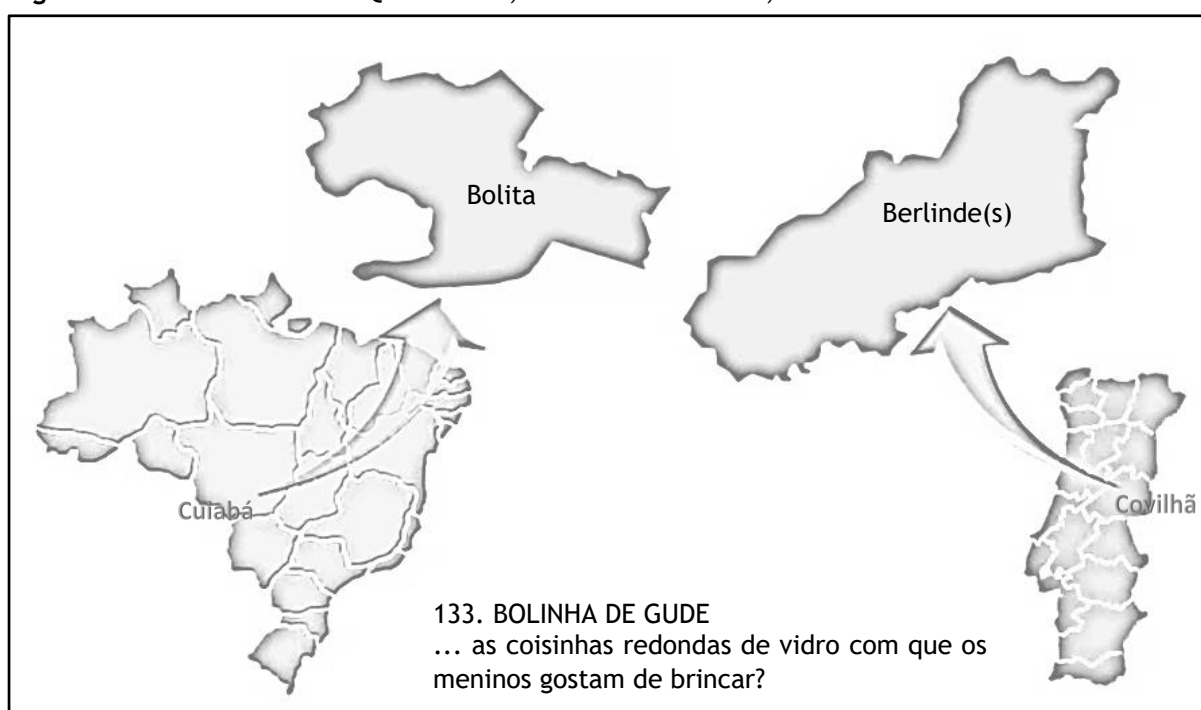
Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o item lexical *cambota* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:109, 110) para designar “pernas arqueadas”, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais). O ALPB:109, 110 também registra as variantes *zambeta*, *cambeta*, *aleijado*, *cangalha*, *perna de cangalha*, *zambito*, *perna aberta*, *perna de cambito*, *pernas tortas* e *pernas de canção*. Em Lino 2000:92, registra-se com a acepção de “reviravolta”. Em Portugal este termo linguístico é empregado, por exemplo, para designar “vara do engenho que, para tirar água, sustenta a pedra que contrabalança o peso do balde”, em Costa 1961:283, anexa ao Campo Semântico Rego e Fontes; “cada um dos taipais de madeira que ladeiam a mó para impedir a fuga da farinha”, em Pereira 1970:378, associada ao Campo Semântico Construção, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *cambota* remete para áreas semânticas distintas.

Cabe ressaltar que a variante *cambota* também fora registrada para designar “pessoa de pernas arqueadas”, como exposto na Figura 98, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Corpo

Humano B. Destarte, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

A Carta Lexical da Questão 133 (Figura 151) registra as lexias simples *bolita* e *berlinde/s* como as variantes de maior frequência, empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã. Estas lexias, distintas ao conceito proposto pelo QSL, foram indicadas com o percentual de 80% e 86%, respectivamente, conforme Tabela 9. A Carta Lexical do Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis também registra os termos linguísticos *bolinha de gude* (16%) e *búrica* (4%) em Cuiabá; *pirulita/s* (14%) na Covilhã. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas cinco lexias distintas para designar o mesmo referente.

**Figura 151:** Carta Lexical da Questão 133, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *bolita* é um regionalismo do Rio Grande do Sul e significa o “m.q. gude” (‘jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial’). Neste caso, verifica-se a influência dos migrantes da região Sul do Brasil para a formação sociocultural do povo cuiabano. Os referidos lexicógrafos afirmam que a lexia *gude* é um regionalismo do Brasil, cuja etimologia radica no provincianismo minhoto *gode* ‘pedrinha redonda e lisa’. É assinalada como um caso de derivação por metonímia no sentido de “bolinha usada no jogo de gude”. No verbete *gude*, Houaiss e Villar (2010) registram as seguintes variantes lexicais: *belindre*, *berlinde*, *biloca*, *bilosca*, *birosca*, *bolita*, *búraca*, *búrica*, *peteca*, *pirosca*, *ximbra*. Destas variantes, três concernem ao *corpus* em análise.

De forma análoga, a variante *búrica* também se configura como um regionalismo, porém, do Rio de Janeiro e significa o “m. q. búraca” (‘pequena cova que se abre na terra para jogar gude;

imba, boco’). A lexia *búraca* também é assinalada como um caso de “derivação: por metonímia” na acepção de “jogo de gude”. Houaiss e Villar (2010) inscrevem a lexia simples *berlinde*, de origem obscura, como regionalismo de Portugal, empregada com o mesmo significado de *belindre*: “bola de gude” e assinala a ocorrência de uma derivação por metonímia na acepção de “gude (‘jogo’)”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *berlinde* (“o mesmo que belindre”) está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Europeu, como em Martins 1954:410, vinculada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais). Registra-se também as variantes lexicais *belindre*, *belindris*, *berlinda* e *burlinde*.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis (Figura 149) registram-se as lexias, que se empregam em Cuiabá e Covilhã, para designar “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (um par de elásticos), presas a uma lingueta de couro, que os meninos lançam pedras para matar passarinho”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *estilingue* (52%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical, *funda* (46%) e *bodoque* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes designações: *fisga/s* (94%), variante lexical de maior frequência, *acerta* (4%) e *funda* (2%), todas distintas ao conceito proposto pelo QSL. Destas, apenas a lexia *funda* é coincidente nos dois *corpora*. A Figura 152, referente à Carta Lexical da Questão 134, indica a ocorrência das lexias *funda* e *fisga/s*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Segundo Houaiss e Villar (2010), a lexia *estilingue*, de origem obscura, consiste em um regionalismo do Brasil e designa “arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros; atiradeira, bodoque”.

**Figura 152:** Carta Lexical da Questão 134, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o item lexical *estilingue* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, em Lino 2000:94, associado ao Campo Semântico Caça. Esta pesquisa também confirma o emprego da lexia *funda*, em Portugal, com o significado de “atiradeira”, em Capão 1957:284, anexa ao Campo Semântico Caça e na acepção de “produção” em Carreiro 1948:220, associa-se ao Campo Semântico Trabalhos Agrícolas inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *funda* remete para área semântica distinta.

O dicionário da Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra o termo linguístico *bodoque*, originário do “grego *pontikón* (*káruon*) '(noz) pôntica', através do árabe *bunduq* 'noz, avelã, bolota, bala de pedra ou barro para espingarda ou atiradeira”, como um regionalismo do Brasil, o qual designa o mesmo que “atiradeira” (‘arma ou brinquedo infantil para arrojear pedras ou objetos afins, de dimensões reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, ger. borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha de madeira, plástico ou metal’). No verbete *atiradeira*, registra os seguintes sinônimos/variantes: *badogue*, *badoque*, *baladeira*, *baleeira*, *beca*, *bodoque*, *estilingue*, *funda*, *peteca*, *seta*, *setra*. Destas variantes, três concernem ao *corpus* em análise. Quanto à *fisga*, consta como regionalismo de Portugal na acepção descrita anteriormente.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *fisga* é indicada para designar: “espécie de arpão utilizado pelos terrestres, na pesca da beira-mar” em Alves 1993:215, associada ao Campo Semântico Artes e Pesca; “fresta” em Buescu 1961:341; “fenda na parede” em CarvalhoA 1970:530; “intervalo entre as tábuas no sobrado de uma casa” em Martins 1954:426, ambas anexadas ao Campo Semântico Construção; “pequeno instrumento formado por um pau bifurcado e um elástico, que os rapazes usam para caçar pássaros” em CarvalhoS 1974:491, inscrita no Campo Semântico Caça; “bebedeira” em Fernandes 1965:268, anexa ao Campo Semântico Comida e Bebida; “amuleto, figa” em Netto 1949:122, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *fisga* remete para áreas semânticas distintas.

A Carta Lexical do Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis (Figura 149) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para denominar “o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *pipa* (42%), variante de maior frequência, *pandorga* (40%) e *papagaio* (18%). No ponto linguístico Covilhã, obteve-se as lexias *papagaio* (84%), variante lexical de maior frequência, *papagaio de papel* (12%) e *caravela* (4%). As variantes lexicais de maior frequência identificadas nos dois *corpora* são distintas ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical. A Figura 153, relativa à Carta Lexical da Questão 135, registra as variantes léxicas *pandorga* e *papagaio* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve a lexia simples *pandorga* como regionalismo do Brasil, na acepção de “papagaio de papel”. De forma análoga, a variante *pipa*

também se configura como regionalismo do Brasil, porém, para designar, informalmente, “pessoa gorda e de baixa estatura” e “pessoa que bebe em excesso; bebedor, ébrio”. É comumente utilizada com o significado de “papagaio (‘brinquedo’)”.

**Figura 153:** Carta Lexical da Questão 135, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o vocábulo *pipa* está documentado em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro, na acepção de “máquina que amassa o barro de fazer tijolo...” em FonsecaS 1996:122, o qual remete às variantes amassador, maromba e marombinha, integrada ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria. No *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:129) consta com o significado de “papagaio”, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais). A lexia *pipa* integra o léxico do Português Europeu, por exemplo, nas seguintes acepções: “Cabo de cebolas ou de alhos. Diz-se também pé” em Baptista 1967:316, associada ao Campo Semântico Horta e Fruta; “Pipa. Vasilha bojuda de madeira, que utilizam principalmente para o vinho, tem a capacidade de 25 ou 21 almudes” em Delgado 1970:332; “Vasilha bojuda de madeira com capacidade de 500 litros” em Pereira 1970:370; “vaso para vinho, de 200 litros” em Caldeira 1960:292, anexadas ao Campo Semântico Vinha e Vinho; “bêbado” em CarvalhoA 1970:585, integrada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais); “Medida de capacidade equivalente a 500 litros. Existe também a meia-pipa” em Pereira 1970:384, vinculada ao Campo Semântico Medição e Medidas.

O termo linguístico *papagaio* integra o léxico do Português Europeu para designar “brinquedo de papel que as crianças agitam ao vento, preso por um cordel” em Cruz 1991:340, integrado ao Campo Semântico Ser humano (aspectos espirituais) e “prateleira onde se coloca o candeeiro de petróleo” em Caldeira 1960:276, anexado ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Esta pesquisa

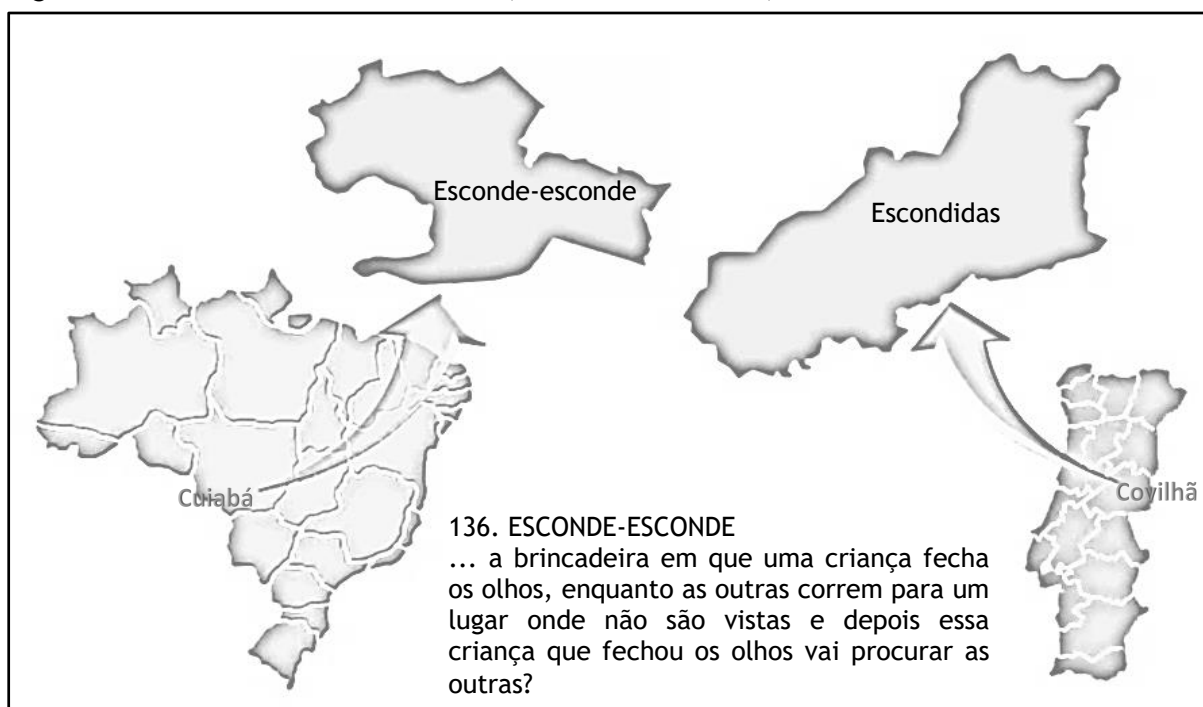


também evidencia o emprego da lexia *caravela* para designar o “brinquedo de papel, semelhante às asas de um moinho, que gira quando dá o vento” em CarvalhoS 1974:446, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais).

Cabe ressaltar que a variante léxica *papagaio*, também fora registrada para designar “a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar”, em ambos os pontos linguísticos, conforme Figura 67, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Fauna. Deste modo, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

A Tabela 9, relativa ao Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis, registra as lexias *esconde-esconde* e *escondidas* como as variantes de maior frequência empregadas pelos inquiridos brasileiros e covilhanenses para nomear “a brincadeira infantil em que um participante deve encontrar os demais que estão escondidos”. Estas lexias foram indicadas com o percentual de 94% e 70%, respectivamente. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 149) também registra os termos linguísticos *pique-esconde* (6%) em Cuiabá; *brincar às escondidas* (16%), *jogar às escondidas* (12%) e *esconde-esconde* (2%) na Covilhã. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas cinco lexias distintas e apenas uma coincidente (*esconde-esconde*) para designar o mesmo referente. Como pode ser observado na Figura 154, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 154:** Carta Lexical da Questão 136, Informantes Nativos, 2012/2013.

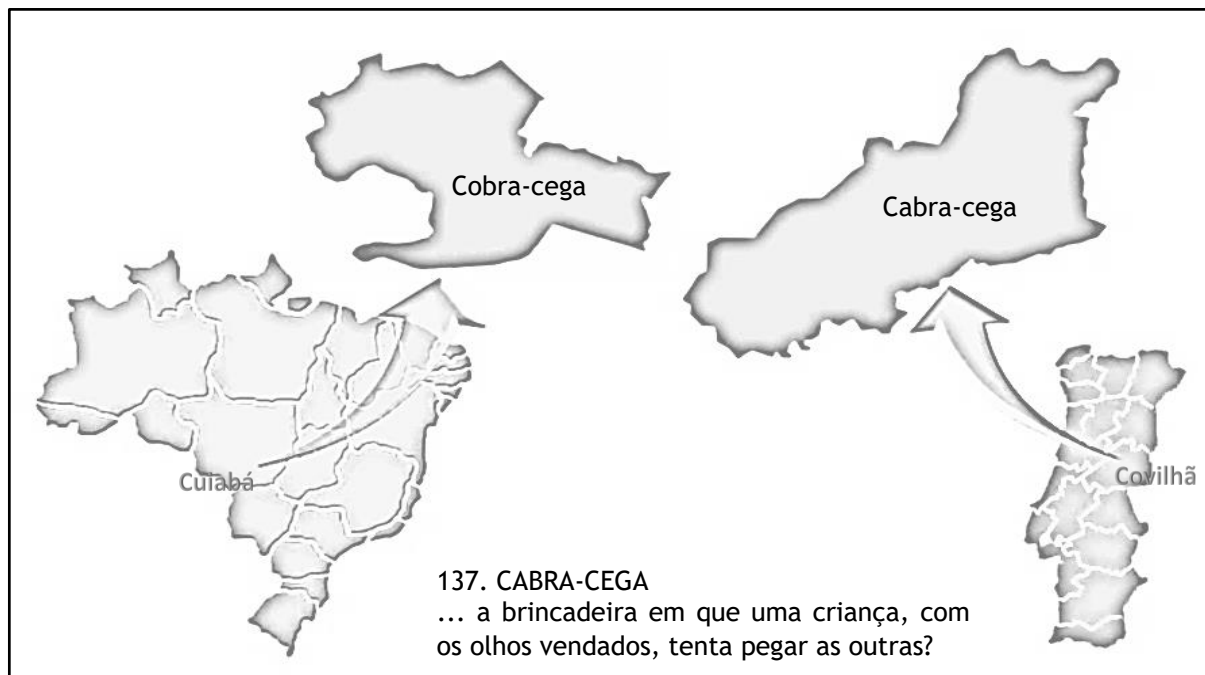


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

As lexias compostas *cobra-cega* e *cabra-cega* foram selecionadas, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras”. A primeira, inscrita com o percentual de 80%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que a lexia *cabra-cega* fora a resposta de 20% dos informantes e coincide com a variante da

questão proposta pelo QSL, como pode ser observado na Tabela 9 e Figura 149. A Figura 155, relativa à Carta Lexical da Questão 137 indica a ocorrência das lexias *cobra-cega* e *cabra-cega* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

**Figura 155:** Carta Lexical da Questão 137, Informantes Nativos, 2012/2013.



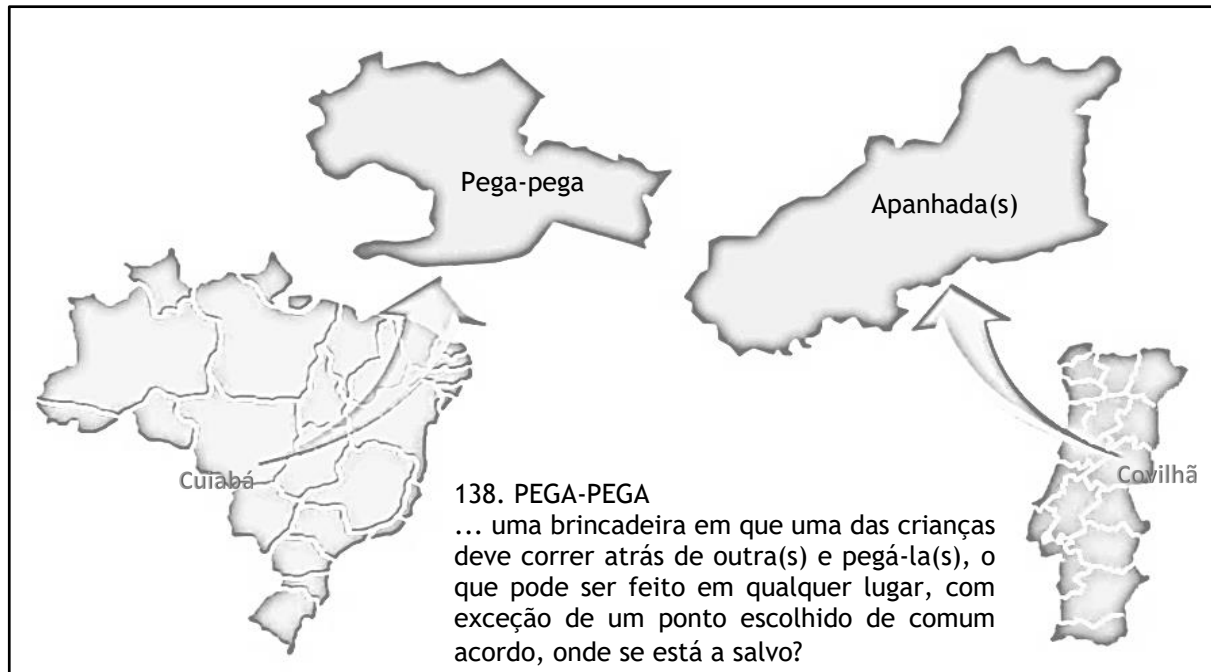
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis registra as lexias *pega-pega* (62%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *pegador* (32%), *pique* (4%) e *salva* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *apanhada/s* (52%), variante de maior frequência, *jogar as apanhadas* (18%), *agarrada/s* (12%), *jogo do apanha* (8%), *brincar as apanhadas* (6%) e *jogar a peçonha* (4%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 138. Verifica-se, portanto, um contraste linguístico entre as áreas em estudo, visto que foram obtidas dez lexias diferentes para o mesmo significante. A Figura 156, relativa à Carta Lexical da Questão 138, indica que as lexias *pega-pega* e *apanhada/s* mantêm-se como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve o item lexical *pegador*, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil, o qual designa o “m.q. pique” (‘brincadeira infantil’). Os referidos lexicógrafos atribuem ao verbete *pique* nove acepções, dentre as quais, duas são destacadas como de uso geral, sem atribuição de uso específico no Português Brasileiro ou no Europeu e seis constam como regionalismo do Brasil. No entanto, somente a oitava acepção aplica-se ao conceito de pega-pega, proposto pelo Questionário Semântico Lexical: “brincadeira infantil em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto, escolhido de comum acordo, onde se está a salvo; pega-pega”. No verbete *pega-pega* registra as seguintes variantes: *angapanga*, *cerca-lourenço*, *maria-macumbé*,

*pega, pegador, picula, pique, toca*; destas, duas concernem ao *corpus* em análise. Também, assinala que o termo linguístico *pique* designa “o lugar em que os participantes dessa brincadeira estão a salvo; bandeira-vogais, bota, ganzola”.

**Figura 156:** Carta Lexical da Questão 138, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 139 (Figura 157) registra as lexias *corre-cutia* e *jogo do lenço/inho* como as variantes de maior frequência, empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Estas lexias, distintas ao conceito proposto pelo QSL, foram indicadas com o percentual de 54% e 50%, conforme Tabela 9. A Carta Lexical do Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis (Figura 149) também registra os termos linguísticos: *lenço atrás* (4%) e *ovo podre* (4%) em Cuiabá; *lencinho* (24%), *jogar o lenço/inho* (10%), *jogo de roda* (4%), *Lourenço* (2%) na Covilhã, para designar o mesmo referente. Dentre os inquiridos portugueses, 10% afirmaram desconhecer o termo específico, percentual que se eleva para 38% entre os inquiridos brasileiros.

Os itens lexicais *gangorra* e *burrica* foram selecionados, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “uma tábua retangular, comprida, apoiada no centro, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce”. O primeiro, inscrito com o percentual de 90%, configura-se como a variante léxica de maior frequência e coincide com a variante da questão proposta pelo QSL, enquanto que o vocábulo *burrica* fora a resposta de 4% dos informantes (Tabela 9 e Figura 149). No ponto linguístico Covilhã foram registradas as lexias *balancê* (54%), variante lexical de maior frequência, *baloiço* (36%), *balouço* (4%), *sobe e desce* (4%) e *cavalinho* (2%), todas distintas ao conceito proposto pelo QSL. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas e correspondentes ao conceito anteriormente mencionado. Dentre os informantes cuiabanos, 6% alegaram desconhecer o termo específico. A Figura 158, relativa à Carta Lexical da Questão 140, registra as variantes léxicas *gangorra* e *balancê* como

as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

**Figura 157:** Carta Lexical da Questão 139, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 158:** Carta Lexical da Questão 140, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *gangorra*, de origem obscura, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil na acepção de “prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que duas crianças, cada qual sentada numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo, de tal modo que, quando

uma das extremidades toca o chão, a outra chega ao alto”. No verbete *gangorra*, Houaiss e Villar (2010) registram as seguintes variantes: *burrica*, *coximpim*, *jangalamarte*, *jangalamaste*, *joão-galamarte*, *zanga-burrinha*, *zanga-burrinho*. Destas, somente a primeira concerne ao *corpus* em análise. Quanto à lexia *burrica*, consta como regionalismo de Pernambuco na acepção de “gangorra” (‘prancha’). A lexia simples *gangorra* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Europeu para designar “alçapão para apanhar aves” e “alçapão para apanhar pássaros” em Nunes 1965: 137, 153, associada ao Campo Semântico Caça, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

Os itens lexicais *baloioço* e *balancê*, distintos ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical, foram selecionados no ponto linguístico Covilhã para designar “uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás”. O primeiro, inscrito com o percentual de 96%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que a lexia *balancê* fora a resposta de 4% dos informantes, conforme Tabela 9 e Figura 149. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas três lexias distintas e correspondentes ao conceito anteriormente mencionado. A Figura 159, relativa à Carta Lexical da Questão 141, indica a ocorrência das lexias *balanço* e *baloioço* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

**Figura 159:** Carta Lexical da Questão 141, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Jogos e Diversões Infantis (Figura 149) indica as variantes lexicais, empregadas em Cuiabá e Covilhã, para designar “a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *amarelinha* (96%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo

Questionário Semântico Lexical, *maré* (2%) e *macaca* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as designações *macaca* (44%), *jogo da semana* (22%), *jogo da macaca* (20%), *escanchado* (8%) e *jogar ao homem* (6%), todas distintas ao conceito proposto pelo QSL. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas e apenas uma coincidente (*macaca*) para designar o mesmo referente. A Figura 160, relativa à Carta Lexical da Questão 142, registra as variantes léxicas *amarelinha* e *macaca* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

Cabe ressaltar, que a variante léxica *escanchado* também fora registrada para designar “pessoa de pernas curvas”, no ponto linguístico Covilhã, conforme Figura 98, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Corpo Humano B. Deste modo, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

**Figura 160:** Carta Lexical da Questão 142, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A variante *amarelinha* está lexicalizada em Houaiss e Villar (2010) como regionalismo do Brasil na acepção de “brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio numa só perna, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra achatada, ou objeto semelhante, em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto”. No verbete *amarelinha* constam as seguintes variantes: *academia*, *macaca*, *macaco*, *maré*, *marela*, *sapata*; destas, duas concernem ao *corpus* em análise. Com relação à lexia *maré*, os referidos lexicógrafos a identificam como regionalismo dos estados de Minas Gerais e Goiás, na acepção descrita acima.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *maré* é indicada, no Brasil, para designar: “movimento periódico das águas do mar, que se elevam ou embaixam por influência da ação conjunta da Lua, do Sol e dos planetas” em

Brandão 1988:260; “movimento da água que regula a extração da argila pelo barreirense” em CostaO 2012 e “onda de rio” em Lino 2000:97, todas anexadas ao Campo Semântico Água. Também há registro deste termo linguístico, em Portugal, nas seguintes acepções: “movimento das águas do mar que periodicamente e duas vezes por dia se elevam e se abaixam alternativamente” em Caldeira 1960:310; “onda, vaga” em Medeiros 1964:186, anexadas ao Campo Semântico Água; “época; altura” em Carreiro 1948:243; “Ocasão” em OliveiraR 1948:117, associadas ao Campo Semântico Tempo Cronológico; “Vento. *Maré norte*” em PereiraS 1952:144, vinculada ao Campo Semântico Meteorologia, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo *maré* remete para áreas semânticas distintas.

Cabe ressaltar, que a variante *maré* também fora registrada para designar “o movimento da água do mar”, como exposto na Figura 7, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Acidentes Geográficos. Destarte, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

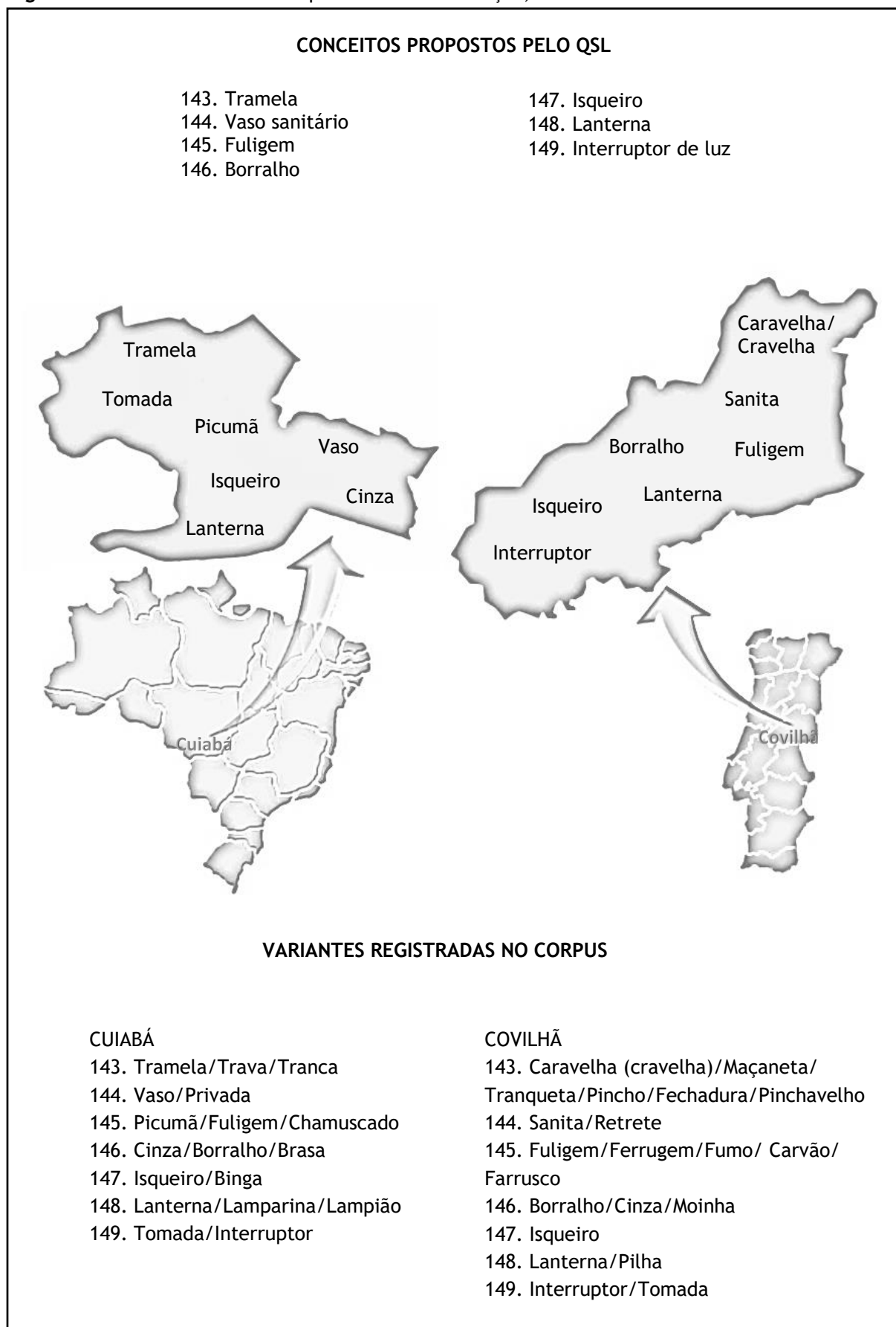
### 3.10. CAMPO SEMÂNTICO HABITAÇÃO

As questões numeradas de 143 a 149, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico X - Habitação e compõem a Tabela 10 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 161) expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses.

**Tabela 10:** Campo Semântico Habitação, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
143	Tramela	03	Tramela	94%	06	Caravelha/ Cravelha	88%
144	Vaso sanitário	02	Vaso	82%	02	Sanita	94%
145	Fuligem	03	Picumã	40%	05	Fuligem	78%
146	Borrvalho	03	Cinza	54%	03	Borrvalho	82%
147	Isqueiro	02	Isqueiro	96%	01	Isqueiro	100%
148	Lanterna	03	Lanterna	82%	02	Lanterna	80%
149	Interruptor de luz	02	Tomada	54%	02	Interruptor	96%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 161:** Carta Lexical do Campo Semântico Habitação, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.



A partir da análise dos dados expostos na Tabela 10 verifica-se que a lexia de maior frequência obtida no campo semântico supracitado, coincidente nos dois *corpora*, fora *isqueiro*, que também corresponde à variante da questão proposta pelo QSL e inscreve-se com o percentual de 100% no ponto linguístico Covilhã e 96% no ponto linguístico Cuiabá. A Carta Lexical do Campo Semântico habitação (Figura 161) também registra o item lexical *binga* (4%) como resposta à questão 147.

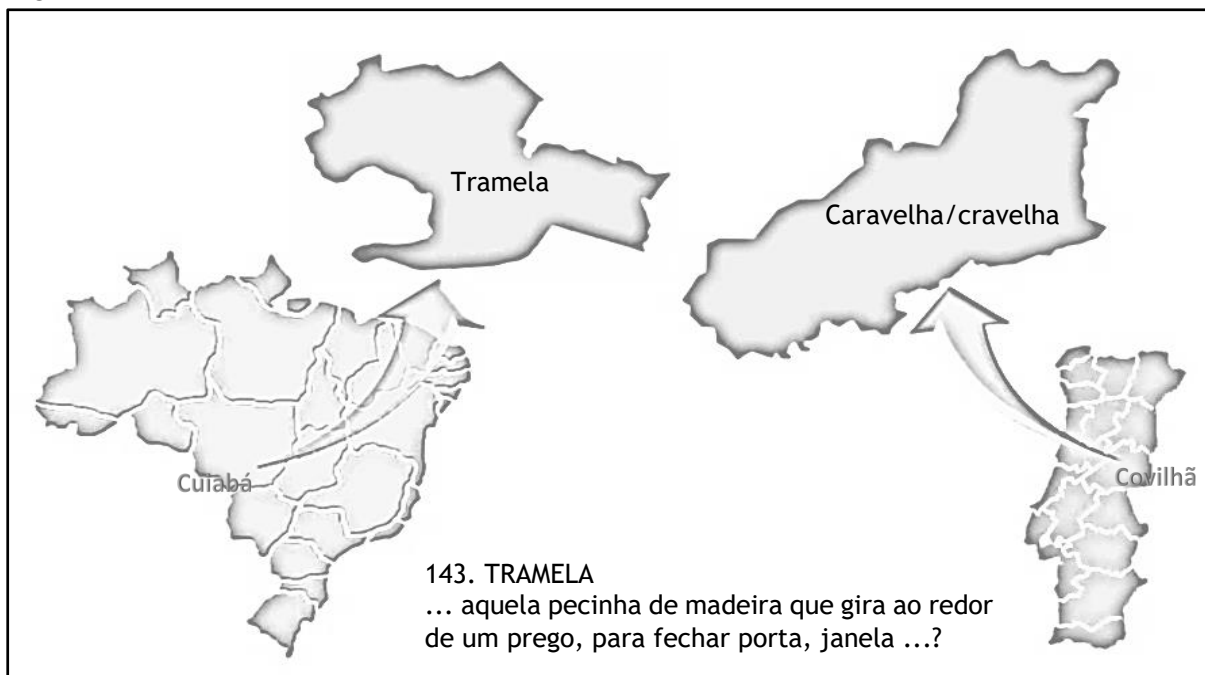
O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia *binga*, proveniente do quimbundo *mbinga* ‘chifre’, como regionalismo do Brasil, empregada nas seguintes acepções: “corno” (‘apêndice ósseo’); “isqueiro feito com a ponta de um chifre e uma lasca de pedra, que se atrita com uma lâmina de ferro ou de aço (ger. um pedaço de lima), provocando uma faísca que inflama a bucha de algodão; artifício, fuzil, papa-fogo”; “lâmpião de querosene”; “espécie de cascalho”; “pessoa reles”; “beija-flor” (designação comum às aves apodiformes da família dos troquilídeos, encontradas nas três Américas; de asas longas, bico longo e fino e língua muito comprida, usada para retirar o néctar das flores; binga, chupa-flor, chupa-mel, colibri, cuitelinho, cuitelo, guainumbi, guanambi, guanumbi, guinumbi, pica-flor...”, o que evidencia a influência das línguas africanas trazidas pelos escravos na formação sociocultural do povo cuiabano.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Habitação (Figura 161) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “aquela pecinha de madeira que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *tramela* (94%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical, *trava* (4%) e *tranca* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes designações: *caravelha/cravelha* (88%), variante lexical de maior frequência, *fechadura* (4%), *maçaneta* (2%), *tranqueta* (2%), *pincho* (2%) e *pinchavelho* (2%), todas distintas ao conceito proposto pelo QSL. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas nove lexias distintas para designar o mesmo referente. A Figura 162, referente à Carta Lexical da Questão 143, indica a ocorrência das lexias *tramela* e *caravelha/cravelha* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. Segundo Houaiss e Villar (2010), a lexia *tramela* significa o mesmo que *taramela* “trava, geralmente de madeira ou metal, que gira presa a prego ou similar pregado em porta, postigo etc. para fechá-los; cravelha, cravelho”. Os referidos lexicógrafos inscrevem o vocábulo *pincho*, de origem obscura, como regionalismo de Portugal na acepção de “lingueta de ferro que levanta a tranqueta da aldraba”.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *pincho* é indicada no Português Europeu para designar: “jogo de rapazes, na lama” em Carreiro 1948:264; “pau com que o jogam [pincho]”; “o mesmo que espeque (pau pequeno de que os rapazes se servem no jogo do mesmo nome)” em Martins 1954:443, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais); “trinco da porta” CarvalhoA 1970:584; “o mesmo que cravelho” em Gouveia 1951:195, anexadas ao Campo Semântico Construção; “salto” em SilvaG

1960:261 e “cambalhota” em Teixeira 1947:134, ambas vinculadas ao Campo Semântico Ser humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais).

**Figura 162:** Carta Lexical da Questão 143, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Apesar de não ter sido identificada na Covilhã, a lexia simples *tramela* está documentada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “peça de madeira que bate na mó do moinho e faz sair pouco a pouco o grão da canoura” em Baptista 1967:367; “taramela usada nas portas para as fechar” em Capão 1957:323, anexadas ao Campo Semântico Construção e “mulher que fala muito” em CarvalhoA 1970:620, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais). Quanto à variante *cravelha*, além de designar “peça grosseira de madeira com que se fecham cancelas, algumas portas, postigos, etc.” em Buescu 1961:341, associado ao Campo Semântico Construção, também fora identificada para nomear “cada um dos ferros com que se apertam as extremidades móveis das alças, no arado de ferro” em PereiraS: 1952:113, anexada ao Campo Semântico Arado.

A Carta Lexical do Campo Semântico Habitação (Figura 161), registra as lexias *vaso* (82%), variante de maior frequência e *privada* (18%) no ponto linguístico brasileiro; *sanita* (94%), variante de maior frequência e *retrete* (6%), distintas ao conceito proposto pelo QSL, no ponto linguístico português, como respostas à questão 144. A Figura 163, relativa à Carta Lexical da Questão 144, indica a ocorrência dos vocábulos *vaso* e *sanita* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

A lexia simples *vaso* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:139), com a acepção de “urinol”, associada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). O ALPB:139 registra as variantes *penico*,

*urinol*, *bacio*, *corajoso*, *capitão*. Também há registro deste termo linguístico para designar “peça cerâmica sem alças confeccionada pelo oleiro no torno e utilizada para pôr plantas” em CostaO 2012. No Português Europeu, a lexia *vaso* está documentada na acepção de “peça côncava com a forma de tronco de cone, que se enche de terra para cultivo de plantas” em Vieira 1960:99, associada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica.

A Carta Lexical do Campo Semântico Habitação (Figura 161) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para designar “o resíduo preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *picumã* (40%), variante de maior frequência, *fuligem* (36%) e *chamuscado* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as designações *fuligem* (78%), variante lexical de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *ferrugem* (8%), *fumo* (6%), *carvão* (6%) e *farrusco* (2%). Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas e apenas uma coincidente (*fuligem*) para designar o mesmo referente. Dentre os informantes cuiabanos, 22% afirmaram desconhecer o termo específico. A Figura 164, relativa à Carta Lexical da Questão 145, registra as variantes léxicas *picumã* e *fuligem* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

**Figura 163:** Carta Lexical da Questão 144, Informantes Nativos, 2012/2013.



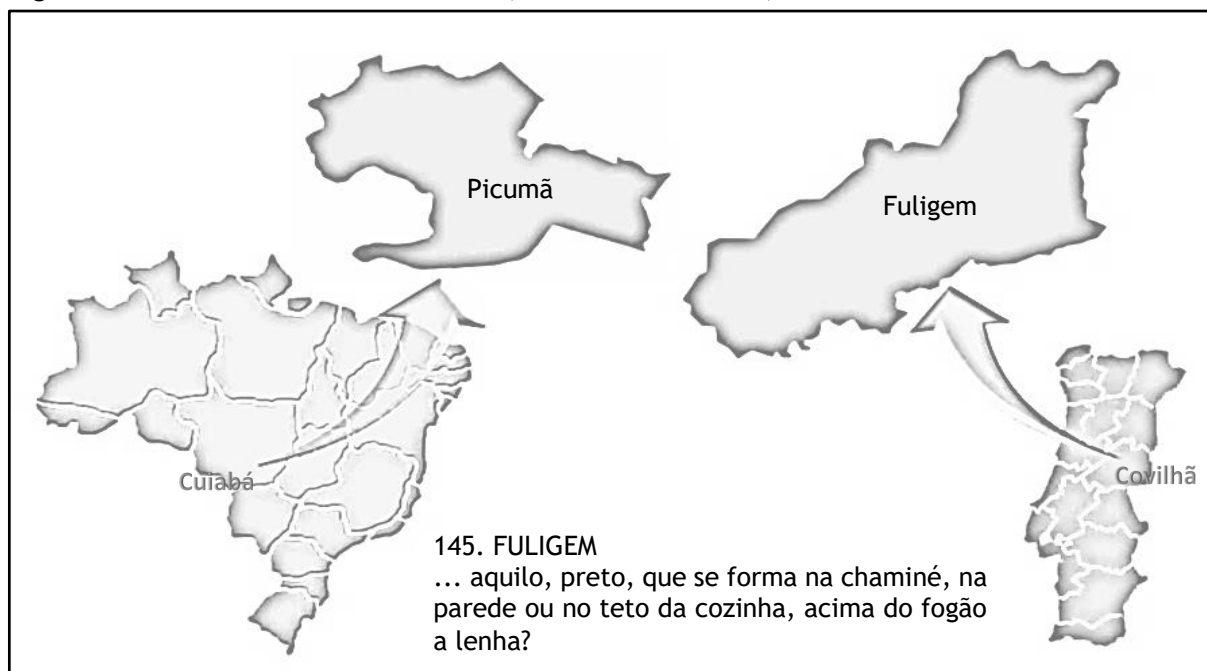
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A lexia simples *picumã* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, em Lino 2000:89, associada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Ferreira (2010) registra o termo linguístico *picumã*, do tupi *apeku'mã*, na acepção de “teia de aranha enegrecida pela fuligem”, como brasileirismo e remete ao verbete *fuligem*, do qual consta a

seguinte definição: “substância preta formada por depósito de fumaça; picumã, tisne”. A lexia *fumo* também integra o léxico do Português Europeu, na acepção de “tira preta que colocam na manga do casaco ou na gola, indicativa de luto” em BaptistaF 1970:612, anexa ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais).

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *ferrugem*, em distribuição substantiva, é indicada para designar: “fuligem” em Netto 1949:122 e SilvaG 1960:247, associada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica; “ferragem”, por meio da variante ferruge, em Delgado 1970:362, anexada ao Campo Semântico Construção; “ferrugem”, por meio da variante ferruge, em Pereira 1970:355, inclusa no Campo Semântico Vida Quotidiana (outros). A lexia *ferrugem* integra o léxico do Português Europeu, em distribuição de adjetivo e acepção de “avarento” em Braga 1971:305, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais). No Brasil, este termo linguístico é empregado para designar “... várias doenças das plantas cultivadas, em que a esporulação dos fungos atacantes dá aos órgãos um revestimento e pústulas ferruginosas, alforra” em CastroD 2000:95, associado ao Campo Semântico Plantas (partes, frutos, doenças, etc.), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado do vocábulo ferrugem remete para áreas semânticas distintas. O vocábulo *farrusco* integra o léxico do Português Europeu, em distribuição de adjetivo, com a acepção de “sujo de carvão ou de fuligem” em Buescu 1961:358 e “sujo, escuro, negro” em Gouveia 1951:185, associado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais).

**Figura 164:** Carta Lexical da Questão 145, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Figura 161, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Habitação, registra as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para denominar “a cinza quente que fica dentro do fogão à lenha”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de três itens lexicais: *cinza* (54%),

variante de maior frequência, *borralho* (28%) e *brasa* (18%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as denominações: *borralho* (82%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical, *cinza* (14%) e *moinha* (4%). Como pode ser observado na Figura 165, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 165:** Carta Lexical da Questão 146, Informantes Nativos, 2012/2013.



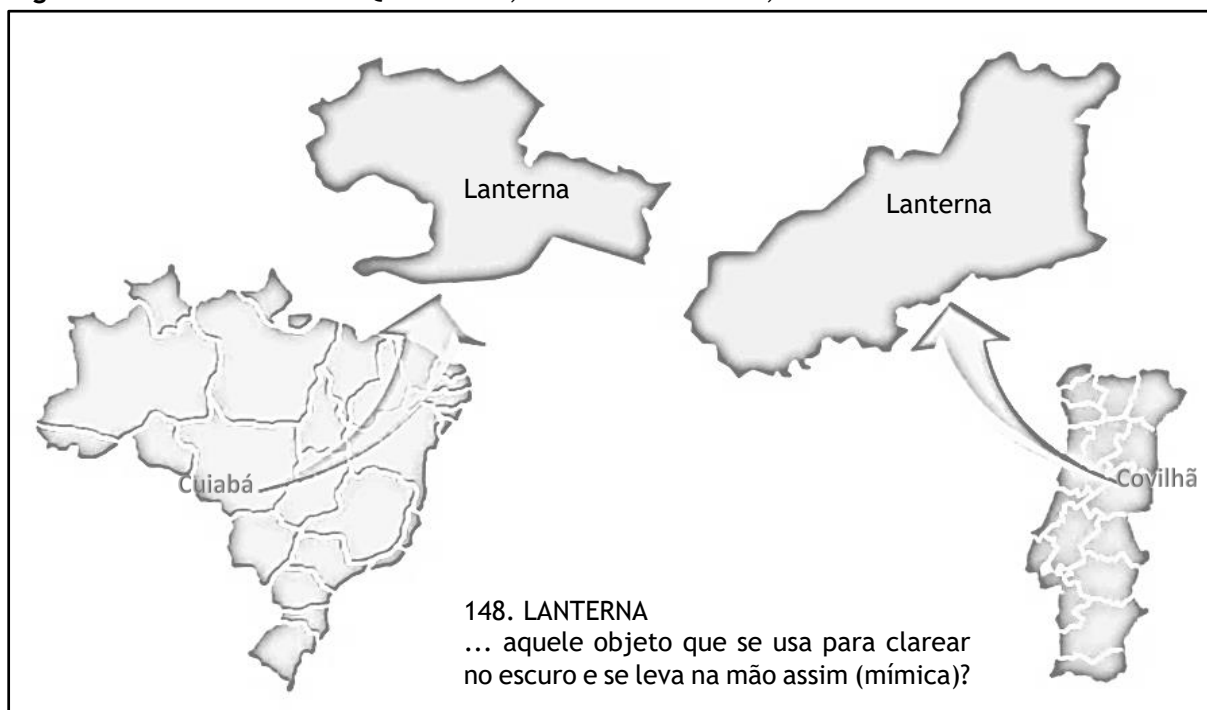
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 166:** Carta Lexical da Questão 147, Informantes Nativos, 2012/2013.



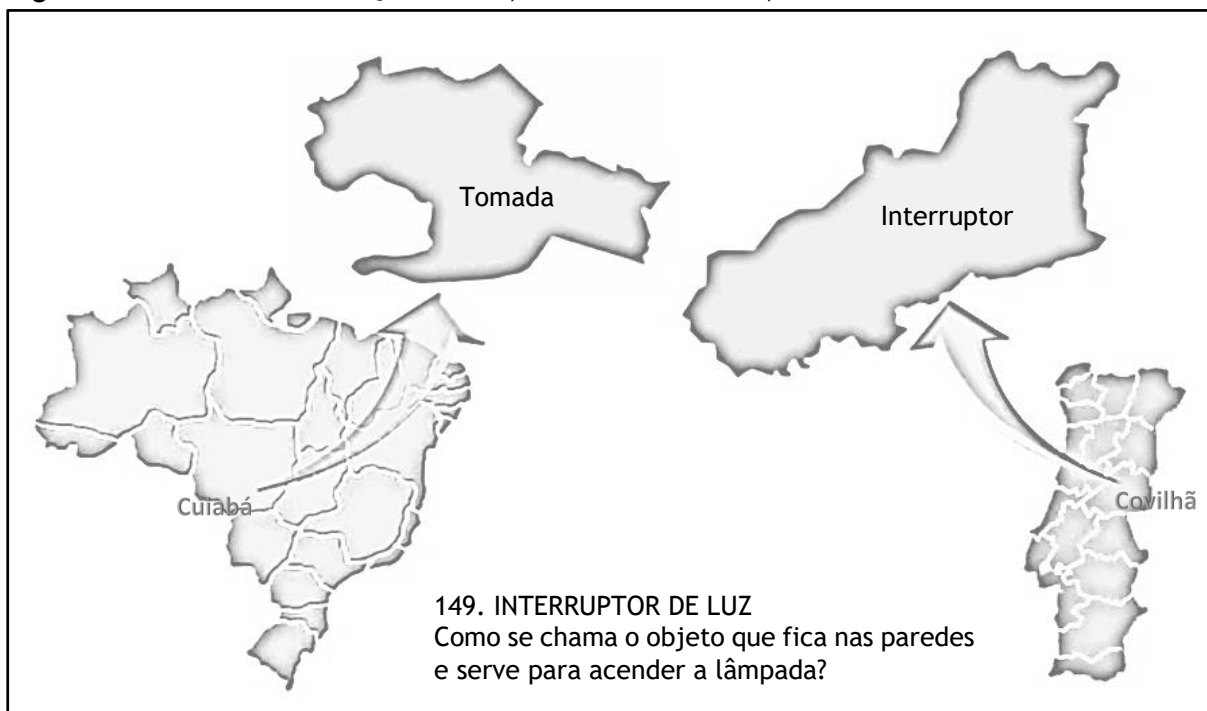
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 167:** Carta Lexical da Questão 148, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 168:** Carta Lexical da Questão 149, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o vocábulo *borralho* integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “parte da cozinha que fica debaixo da chaminé e onde se faz a fogueira e se cozem os alimentos” em Capão 1957:253; “cavidade geralmente situada debaixo do forno e utilizada para depositar a cinza da lareira e do forno” e “lareira” em OliveiraR 1948:94, associado ao Campo Semântico Construção; “brasido

bem ateado” em Fernandes 1965:239; “o mesmo que borralha” (‘lareira acesa’) em Silva 1972:266; “cinza; borralheira” em Gouveia 1951:169; “cinza quente” em Alves 1993:201; “brasas quase mortas”, em Amorim 1971:225; “brasido extinto” em Buescu 1961:343, anexado ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica. Quanto à lexia *cinza*, está documentada com o significado de “doença que ataca as uvas” em Macedo 1939:54, associada ao Campo Semântico Trabalhos Agrícolas.

Da observação da Tabela 10, relativa à área semântica Habitação, pode-se inferir que a variante lexical *lanterna*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 82% dos informantes brasileiros e 80% dos informantes beirões. A carta lexical do referido campo semântico também inscreve as lexias: *pilha* (20%) no ponto linguístico Covilhã; *lamparina* (12%) e *lampião* (6%) no ponto linguístico Cuiabá, para designar o mesmo referente. Dentre os informantes nativos, manteve-se a mesma variante. Vide Figura 167. A lexia *lamparina* integra o léxico do Português Europeu na acepção de “bofetada” em Martins 1954:432 e SilvaG 1960:252, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos sociais), conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

A Tabela 10, relativa ao Campo Semântico Habitação, registra as lexias *tomada* e *interruptor*, como as variantes de maior frequência empregadas pelos inquiridos cuiabanos e covilhanenses para nomear “o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada”. Estas lexias foram indicadas com o percentual de 54% e 96%, respectivamente. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 161), também registra os termos linguísticos: *interruptor* (46%) em Cuiabá e *tomada* (4%) na Covilhã. Como pode ser observado na Figura 168, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

### 3.11. CAMPO SEMÂNTICO ALIMENTAÇÃO E COZINHA

As questões numeradas de 150 a 157, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico XI - Alimentação e Cozinha e compõem a Tabela 11 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 169) expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses.

A partir da análise dos dados expostos na Tabela 11, verifica-se que as lexias *pequeno-almoço* e *frigorífico*, relativas às questões 150 e 157, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado e diferem-se das variantes das questões propostas pelo QSL, inscritas com o percentual de 100%, no ponto linguístico Covilhã. Da mesma forma, a lexia de maior frequência registrada no ponto linguístico Cuiabá fora *carne moída* (100%), como resposta à questão 152, a qual coincide com o conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Alimentação e Cozinha (Figura 169) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “a primeira refeição do dia, feita pela

manhã”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de quatro itens lexicais: *café-da-manhã* (54%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *quebra-torto* (34%), *desjejum* (8%) e *tomar chá* (4%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se a designação *pequeno-almoço* (100%), a qual difere-se da variante da questão proposta. Verifica-se, portanto, um contraste linguístico entre as áreas em estudo, visto que foram obtidos cinco vocábulos diferentes para o mesmo significante.

**Tabela 11:** Campo Semântico Alimentação e Cozinha, 2012/2013.

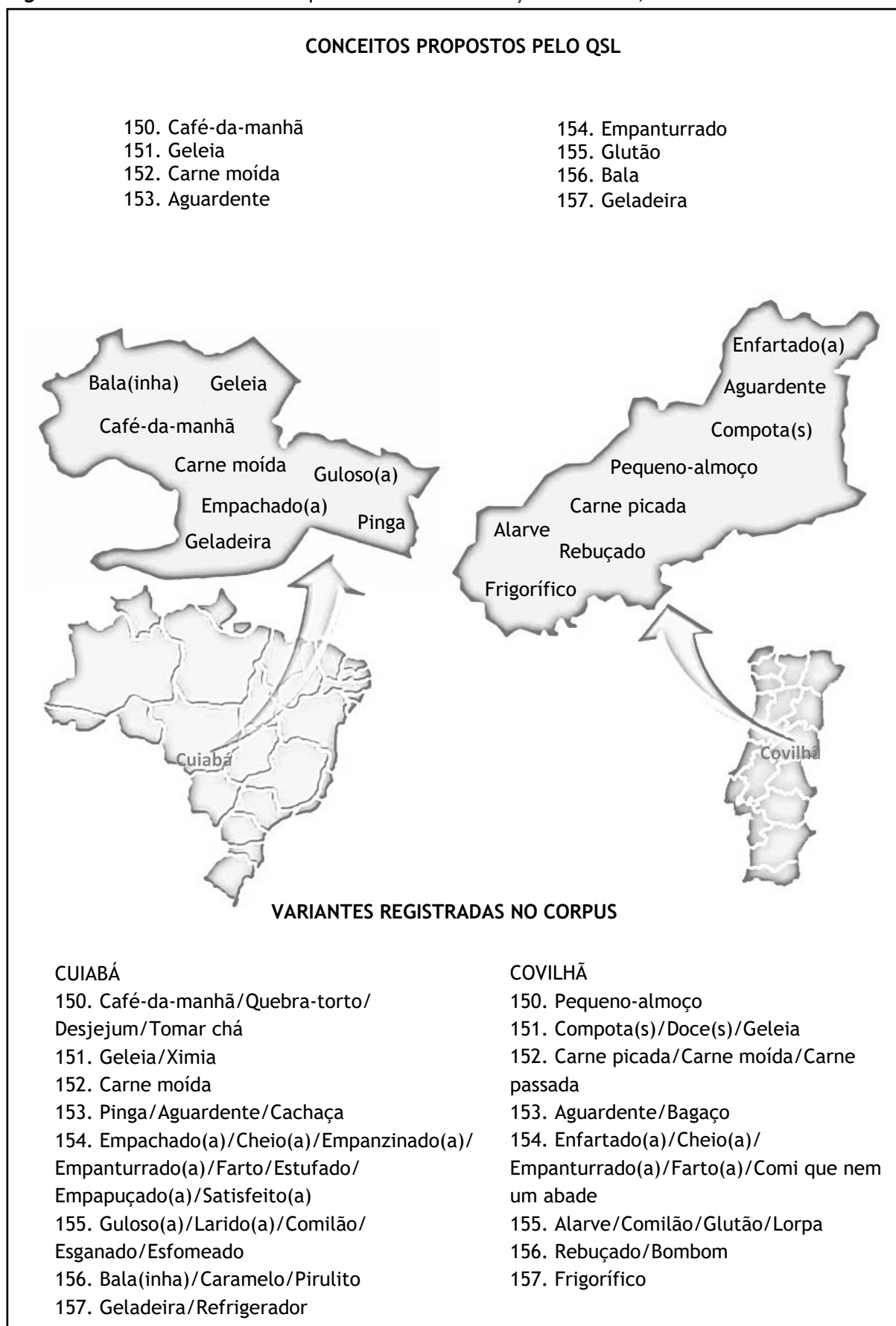
QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
150	Café da manhã	04	Café-da-manhã	54%	01	Pequeno-almoço	100%
151	Geleia	02	Geleia	96%	03	Compota(s)	50%
152	Carne moída	01	Carne moída	100%	03	Carne picada	78%
153	Aguardente	03	Pinga	84%	02	Aguardente	94%
154	Empanturrado	08	Empachado(a)	26%	05	Enfartada(o)	44%
155	Glutão	05	Guloso(a)	50%	04	Alarve	70%
156	Bala	03	Bala(inha)	48%	02	Rebuçado	98%
157	Geladeira	02	Geladeira	98%	01	Frigorífico	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Figura 170, referente à Carta Lexical da Questão 150, indica a ocorrência das lexias *café-da-manhã* e *pequeno-almoço* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente. A variante léxica composta *quebra-torto*, informada por 34% dos inquiridos cuiabanos, não se encontra dicionarizada até a presente data, fato que permite registrá-la como um regionalismo do falar cuiabano, até que estudos posteriores possam ratificar ou retificar esta interpretação.

A Carta Lexical do Campo Semântico Alimentação e Cozinha (Figura 169) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para denominar “a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito”. Essa noção manifesta-se, no ponto linguístico Covilhã, por meio de três itens lexicais: *compota/s* (50%), variante de maior frequência, *doce/s* (42%) e *geleia* (8%). No ponto linguístico Cuiabá obteve-se as denominações *geleia* (96%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL e *ximia* (4%). A Figura 171, relativa à Carta Lexical da Questão 151, registra as variantes léxicas *geleia* e *compota/s* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

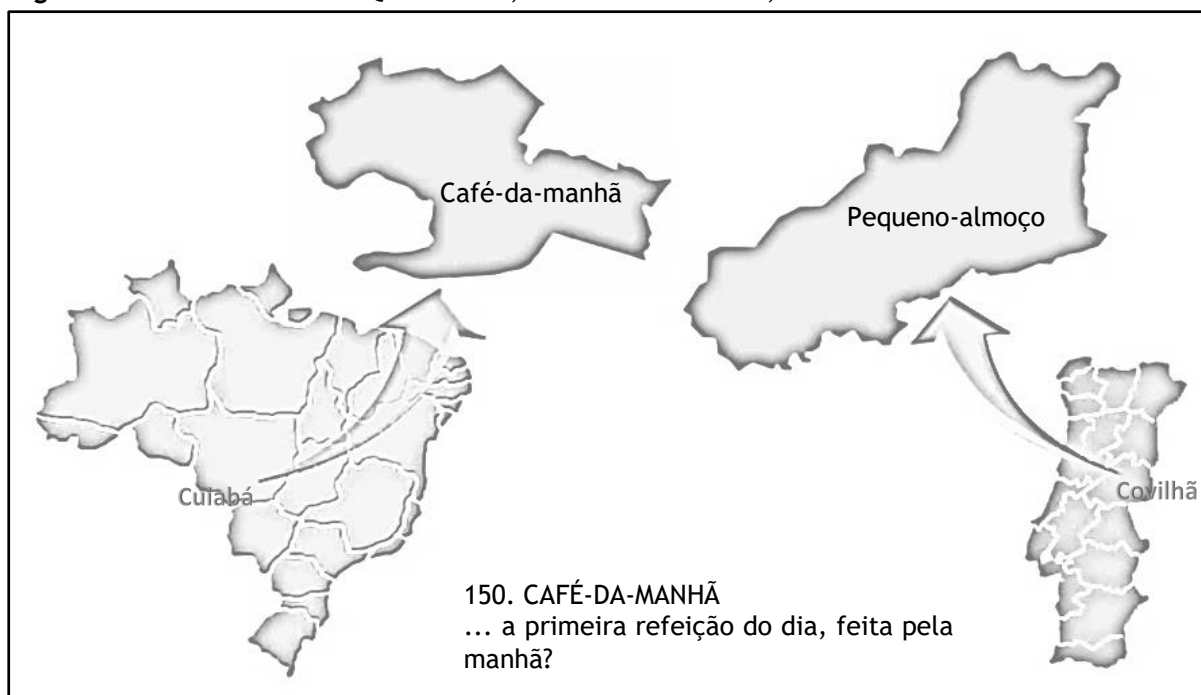


**Figura 169:** Carta Lexical do Campo Semântico Alimentação e Cozinha, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 152 (Figura 172) registra as lexias complexas *carne moída* e *carne picada* como as variantes de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã. Estas lexias também foram indicadas com o percentual de 100% e 78%, respectivamente, como pode ser observado na Tabela 11. A Carta Lexical do Campo Semântico Alimentação e Cozinha ainda registra os termos linguísticos *carne passada* (12%) e *carne moída* (10%) na Covilhã, para designar o mesmo referente.

**Figura 170:** Carta Lexical da Questão 150, Informantes Nativos, 2012/2013.

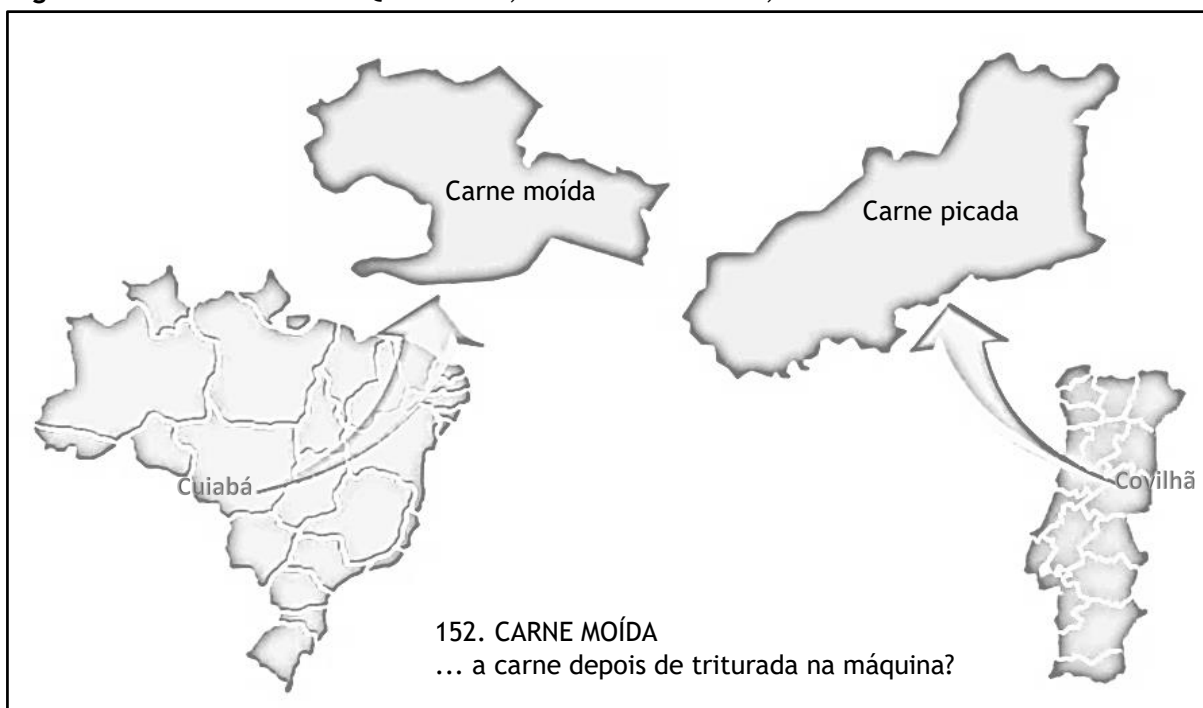


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 171:** Carta Lexical da Questão 151, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 172:** Carta Lexical da Questão 152, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 173:** Carta Lexical da Questão 153, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Tabela 11, relativa ao Campo Semântico Alimentação e Cozinha, inscreve as lexias *pinga* e *aguardente* como as variantes de maior frequência empregadas pelos inquiridos brasileiros e covilhanenses para nomear “a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar, de vinho”. Estas lexias foram indicadas com o percentual de 84% e 94%, respectivamente. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 169) registra, complementarmente, os termos linguísticos *bagaço* (6%) na Covilhã;

*cachaça* (10%) e *aguardente* (6%) em Cuiabá. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas quatro lexias distintas e apenas uma coincidente (*aguardente*) para designar o mesmo referente. Como pode ser observado na Figura 173, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia simples *pinga*, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil, empregada informalmente na acepção de “bebida alcoólica, especialmente aguardente de cana”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *pinga* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB: 118) para designar “aguardente”, associada ao Campo Semântico Vinho e Vinha. O ALPB:118 registra as denominações *dose*, *cachaça*, *bicada*, *tufão*, *aguardente*, *pitu*, *cana*, *temperada*, *caeba*, *brejeira*, *caranguejo*, *bichona*, *papuda*, *lambito*, *espedichona*, *branquinha*, *melado*, *naca*, *meiota* para o conceito de “pinga”. Destas, duas concernem ao *corpus* em análise. Este termo linguístico, apesar de não ter sido identificado na Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “bebedeira” em Nunes 1965:148, associada ao Campo Semântico Comida e Bebida; “golada de vinho” em SilvaM 1972:327; “pequena quantidade de vinho” em Teixeira 1947:134, ambas associadas ao Campo semântico Vinha e Vinho; “cabaça” (‘mucosidade nasal que as crianças trazem, por vezes, na ponta do nariz’) em Baptista 1967:337, anexada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *pinga* remete para áreas semânticas distintas.

O termo linguístico *bagaço* consta em Houaiss e Villar (2010) como regionalismo de Portugal na acepção de “aguardente de bagaço de uva; aguardente bagaceira; bagaceira”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *bagaço* é indicada no Português Europeu para designar, por exemplo: “resíduo da azeitona moída” em Martins 1954:408; “resíduo das frutas que foram espremidas para se lhe tirar o suco” em Oliveira 1966:239; “o mesmo que baga” (‘azeitona espremida’) em Sousal 1955:267, associadas ao Campo Semântico Azeite; “resíduo de uvas espremidas” em SilvaM 1972:260; “o que fica dos cachos depois de se terem tirado os bagos ou espremido as uvas” em CarvalhoS 1974:423; “grogue” (‘aguardente’) em Gonçalves 1956:94, anexadas ao Campo Semântico Vinha e Vinho. Dessa forma, o vocábulo *bagaço* apresenta mobilidade, pois transita, reciprocamente, de um campo semântico para outro, isto é, sai do Campo Semântico Azeite e se estende para o Campo Semântico Vinha e Vinho. No Brasil, consta em Leão 1988:45 e designa “o mesmo que gimba” (‘aquele que não aguenta trabalhar’), vinculado ao Campo Semântico Café.

A Carta Lexical do Campo Semântico Alimentação e Cozinha registra as lexias *empachado/a* (26%), variante de maior frequência, *cheio/a* (24%), que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *empanzinado/a* (22%), *empanturrado/a* (10%), *farto* (6%), *estufado* (4%), *empapuçado/a* (4%) e *satisfeito/a* (4%) no ponto linguístico brasileiro; *enfartado/a* (44%), variante de maior frequência, *cheio/a* (26%), *empanturrado/a* (16%), *farto/a* (8%) e *comi que nem um abade* (6%) no ponto

linguístico português, como respostas à questão 154. Destas, três são coincidentes nos dois *corpora*. Constata-se, portanto, o registro de um expressivo número de significantes para o mesmo significado, fato que enaltece a riqueza sinonímica da Língua Portuguesa. A Figura 174, relativa à Carta Lexical da Questão 154, indica a ocorrência das lexias *empachado/a* e *enfartado/a*, como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

**Figura 174:** Carta Lexical da Questão 154, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Alimentação e Cozinha (Figura 169) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para denominar “uma pessoa que normalmente come demais”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de cinco itens lexicais: *guloso/a* (50%), variante de maior frequência, *larido/a* (24%), *comilão* (20%), *esganado* (4%) e *esfomeado* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as lexias: *alarve* (70%), variante lexical de maior frequência, *comilão* (18%), *glutão* (8%) e *lorpa* (4%). Deste modo, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas oito lexias distintas e apenas uma coincidente (*comilão*), que correspondem ao mesmo sentido. As variantes lexicais de maior frequência identificadas nos dois *corpora* são distintas ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical, como exposto na Tabela 11. A Figura 175, relativa à Carta Lexical da Questão 155, registra as variantes léxicas *guloso/a* e *alarve* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

Apesar de não ter sido identificada na Covilhã, a lexia simples *esganado* está documentada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, nas seguintes acepções: “indivíduo faminto” em Caldeira 1960:272 e Paulino 1959:272, anexada ao Campo Semântico Comida e Bebida; “avarento” em CarvalhoA 1970:519 e SilvaG 1960:244. Este autor também a registra com a acepção de “comilão”, ambas associadas ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais),

conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC). Com relação à variante léxica *larido* é indicada no Português Europeu para designar “conjunto de 4 ou 5 praias de pedras” em Caldeira 1960:305, vinculada ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho.

A variante léxica *alarve*, em distribuição de adjetivo e acepção de “comilão”, encontra-se documentada em trabalhos sobre o léxico do Português Europeu, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), em SilvaM 1972:252, anexada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais). Também há registro deste termo linguístico, em distribuição substantiva, para designar “aquele que é natural de Idanha-a-Nova” em Buescu 1961:357, associado ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações. Quanto à lexia *lorpa*, registra-se com as seguintes acepções: “pessoa que come muito”, “pessoa mole” em Martins 1954:434; “homem que se deixa enganar” em SilvaM 1972:312, vinculada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais).

**Figura 175:** Carta Lexical da Questão 155, Informantes Nativos, 2012/2013.

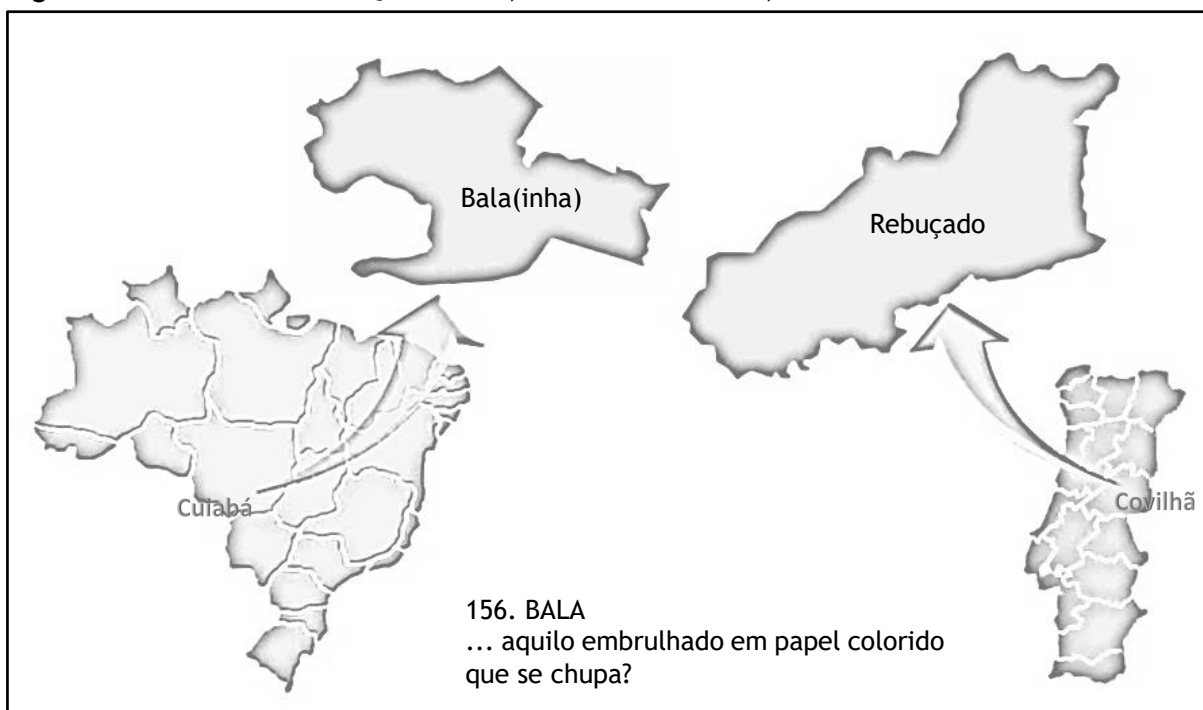


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Tabela 11, relativa ao Campo Semântico Alimentação e Cozinha, registra as lexias *bala/inha* e *rebuçado*, como as respostas de maior frequência apontadas pelos falantes brasileiros e portugueses à questão 156, proposta pelo Questionário Semântico Lexical. Estas lexias foram registradas com o percentual de 48% e 98%, respectivamente. A carta lexical do campo semântico supracitado também inscreve os termos linguísticos: *bombom* (2%) na Covilhã; *caramelo* (36%) e *pirulito* (16%) em Cuiabá. Verifica-se, portanto, um contraste linguístico entre as áreas em estudo, visto que foram obtidos cinco vocábulos diferentes para o mesmo significante. Com relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 176).

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia simples *caramelo* integra o léxico do Português Europeu na acepção de “rebuçado”, por meio da variante *caramel*, em Baptista 1967:357, anexa ao Campo Semântico Comida e Bebida. No entanto, não fora registrada no ponto linguístico Covilhã. Também há registro deste termo linguístico para designar “gelo que se forma no inverno, nas poças de água, ou mesmo em qualquer recipiente deixado ao ar livre”, em CarvalhoS 1974:446, o qual também registra as variantes *água encaramelada*, *caremelo*, *cramelo*, *queramelo*, *codo*, *grudo*; “água gelada em poços” em Braga 1971:316; “gelo em placa muito fina” em Buescu 1961:318; “gelo” em Paulino 1959:251, inscritas no Campo Semântico Meteorologia; “o mesmo que alinhavado” (‘bordado típico da região efectuado sobre fios tirados em pano ou linho’) em Carreiro 1948:163, anexa ao Campo Semântico Vestuário e Higiene, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *caramelo* remete para áreas semânticas distintas.

**Figura 176:** Carta Lexical da Questão 156, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

As lexias *geladeira* e *refrigerador* foram selecionadas, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “o aparelho utilizado para conservar alimentos em baixa temperatura, mas não congelados”. A primeira, inscrita com o percentual de 98%, configura-se como a variante léxica de maior frequência e coincide com a variante da questão proposta pelo QSL, enquanto que a lexia *refrigerador* fora a resposta de 2% dos informantes, conforme Tabela 11 e Figura 169. A Figura 177, relativa à Carta Lexical da Questão 157, indica a ocorrência das lexias *geladeira* e *frigorífico* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve a lexia *geladeira* como regionalismo do Brasil, empregada na acepção de “aparelho constituído por um móvel termicamente isolado, munido de um dispositivo produtor de frio que se destina a conservar, no seu compartimento principal, alimentos e outros itens em baixa temperatura, mas não congelados; refrigerador”.

**Figura 177:** Carta Lexical da Questão 157, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o vocábulo *frigorífico* integra o léxico do Português Brasileiro na acepção de “estabelecimento comercial que compra o pescado diretamente da fonte, para estocá-lo ou transportá-lo aos grandes centros, onde ele é revendido” em Brandão 1988:245, associado ao Campo Semântico Comércio e Emigração.

### 3.12. CAMPO SEMÂNTICO VESTUÁRIO

As questões numeradas de 158 a 168, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico XII - Vestuário e compõem a Tabela 12 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 178) expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses.

A partir da análise dos dados expostos na Tabela 12, verifica-se que as lexias simples *sutiã* e *atacador/es*, relativas às questões 158 e 167, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado, inscritas com o percentual de 100%, no ponto linguístico Covilhã. Enquanto que, a lexia de maior frequência registrada no ponto linguístico Cuiabá fora *cadarço* (100%), como resposta à questão 167, a qual coincide com a variante lexical proposta pelo Questionário Semântico Lexical. As lexias *sutiã* e *porta-seio* foram selecionadas, no ponto linguístico Cuiabá, para designar “a peça do vestuário que serve para segurar os seios”. A primeira, inscrita com o percentual de 98%, configura-se como a variante léxica de maior frequência



e coincide com a variante da questão proposta pelo QSL, enquanto que a lexia composta *porta-seio* fora a resposta de 2% dos informantes, conforme Tabela 12 e Figura 178. A Figura 179, relativa à Carta Lexical da Questão 158, indica a variante lexical *sutiã* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia simples *sutiã* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro como, por exemplo, no *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB:80, 81), anexada ao Campo Semântico Vestuário e Higiene. O ALPB:80, 81 também registra as denominações *corpete*, *califon*, *bustiê*, *porta-seio*, *guarda-seio* e *sutiém* para o conceito de “sutiã”. Destas, somente a lexia composta *porta-seio* concerne ao *corpus* em análise.

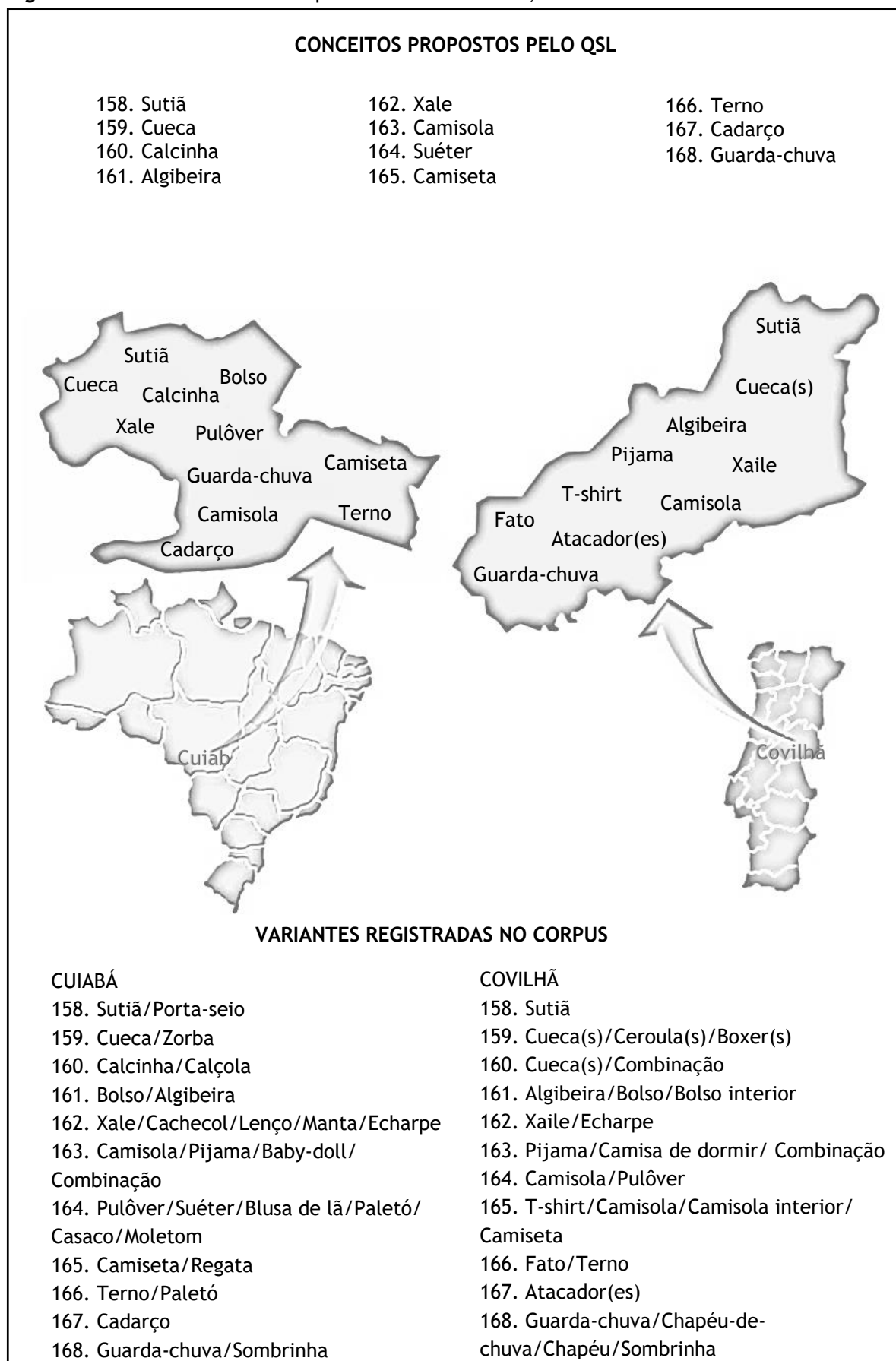
**Tabela 12:** Campo Semântico Vestuário, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
158	Sutiã	02	Sutiã	98%	01	Sutiã	100%
159	Cueca	02	Cueca	90%	03	Cueca(s)	88%
160	Calcinha	02	Calcinha	94%	02	Cueca(s)	94%
161	Algibeira	02	Bolso	92%	03	Algibeira	66%
162	Xale	05	Xale	42%	02	Xaile	98%
163	Camisola	04	Camisola	68%	03	Pijama	54%
164	Suéter	06	Pulôver	32%	02	Camisola	72%
165	Camiseta	02	Camiseta	84%	04	T-shirt	92%
166	Terno	02	Terno	98%	02	Fato	96%
167	Cadarço	01	Cadarço	100%	01	Atacador(es)	100%
168	Guarda-chuva	02	Guarda-chuva	76%	04	Guarda-chuva	44%

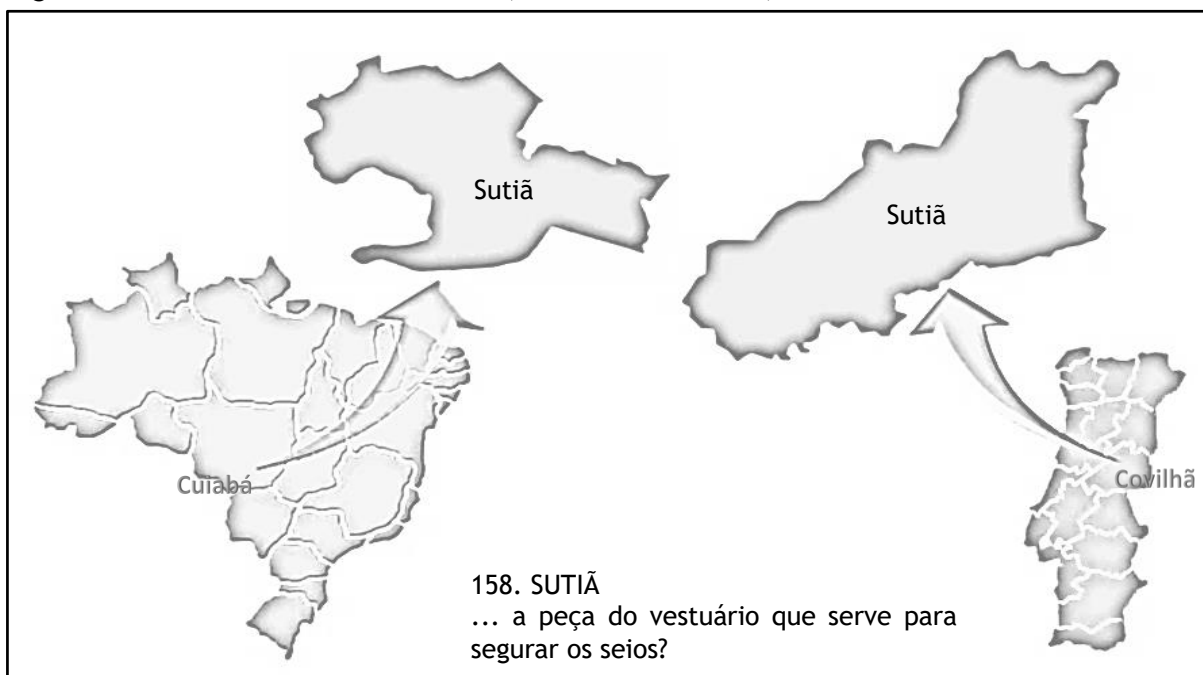
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário (Figura 178) indica as variantes léxicas, empregadas em Cuiabá e Covilhã, para designar “a roupa que o homem usa debaixo da calça”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio dos itens lexicais *cueca* (90%), variante de maior frequência e *zorba* (10%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as seguintes designações: *cueca/s* (88%), variante lexical de maior frequência, *boxer/s* (8%) e *ceroula/s* (4%). As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* coincidem com o conceito proposto pelo QSL, conforme exposto na Figura 12.

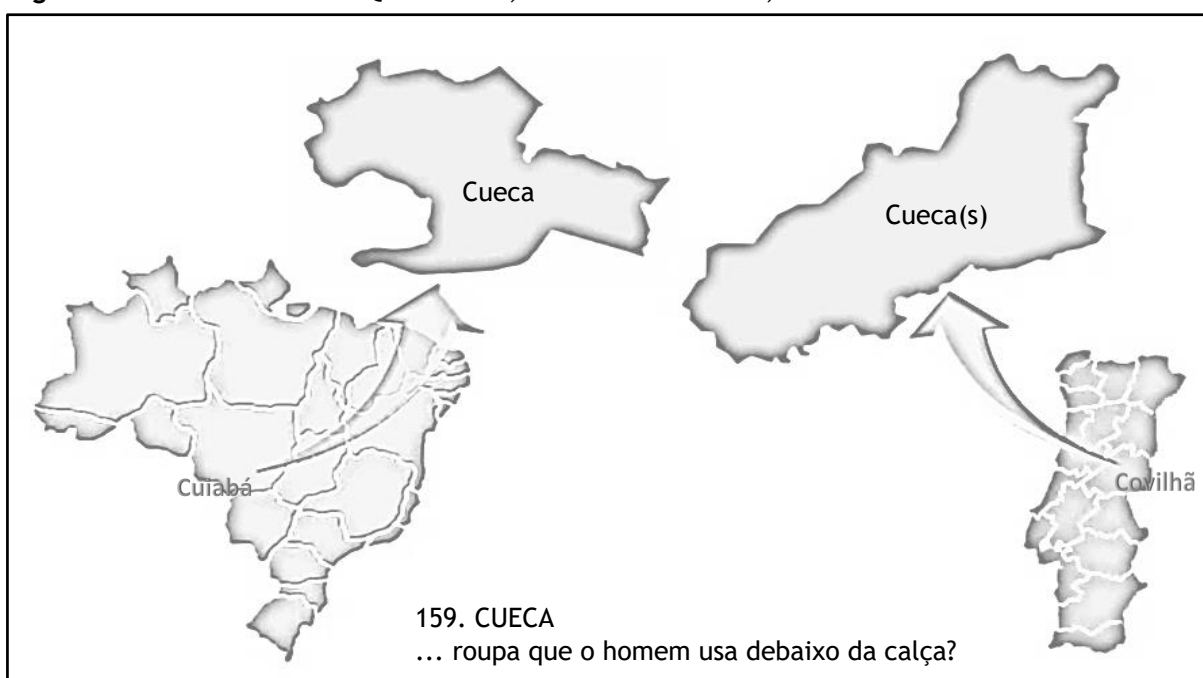
**Figura 178:** Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 179:** Carta Lexical da Questão 158, Informantes Nativos, 2012/2013.

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 180:** Carta Lexical da Questão 159, Informantes Nativos, 2012/2013.

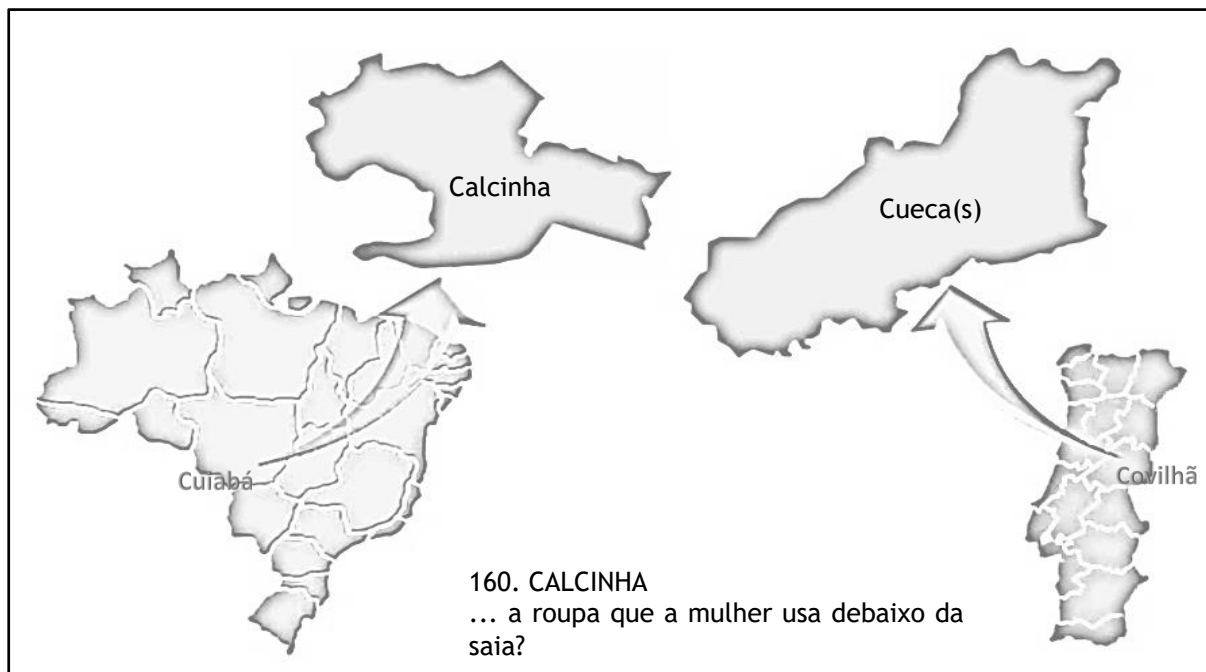
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical da Questão 159 (Figura 180) registra a variante lexical *cueca/s* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã. O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve o termo linguístico *cueca* como regionalismo do Brasil, o qual designa o “m.q. cuecas” (‘peça íntima do vestuário masculino que consiste em um calção de tecido leve usado sob as calças’). Quanto à lexia *ceroulas*, que segundo Antônio Geraldo da Cunha, citado por Houaiss e Villar (2010), provém do “árabe *sarāwil* ‘calças,

calções””, designa “roupa masculina com duas pernas, usado sob as calças, que cobre da cintura até o tornozelo; ceroila, ceroilas, ceroula” e configura-se como um caso de derivação por extensão de sentido, usada informalmente, na acepção de “cuecas”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *ceroula*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Cuiabá, integra o léxico do Português Brasileiro na acepção de “calça de dentro, de tecido mais fino que o da calça de fora, usada por baixo desta e cujo comprimento vai até os joelhos ou mais comprida” em Lino 2000:100, anexada ao Campo Semântico Vestuário e Higiene. Em Portugal, o termo linguístico *ceroulas* está documentado, por exemplo, com a acepção de “calças interiores do homem” em Amorim 1971:233 e “vestuário que os homens usam por debaixo das calças” em Buescu 1961:345, associado ao Campo Semântico Vestuário e Higiene.

A Tabela 12, relativa ao Campo Semântico Vestuário, inscreve as lexias *calcinha* e *cueca/s* como as variantes de maior frequência empregadas pelos inquiridos brasileiros e covilhanenses para nomear “a roupa que a mulher usa debaixo da saia”, ambas indicadas com o percentual de 94%. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 178) registra os termos linguísticos *calçola* (6%) em Cuiabá e *combinação* (6%) na Covilhã. Verifica-se, portanto, um contraste linguístico entre as áreas em estudo, visto que foram obtidas quatro lexias diferentes para designar o mesmo significante. Como pode ser observado na Figura 181, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

**Figura 181:** Carta Lexical da Questão 160, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

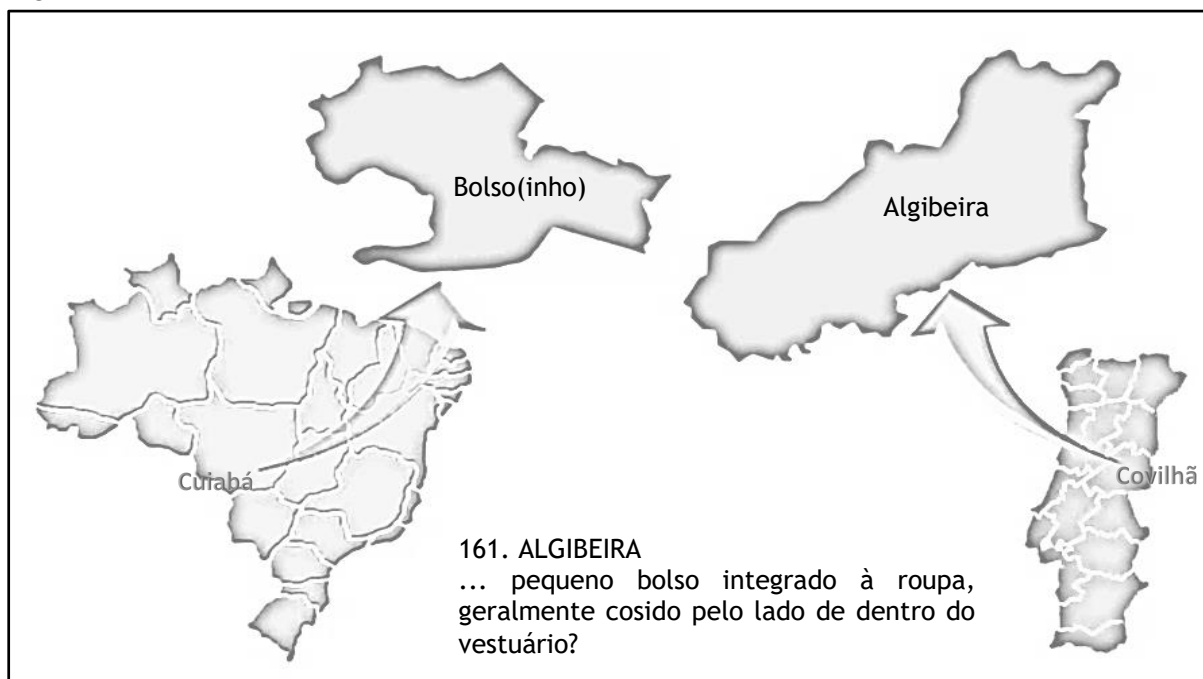
A variante léxica *cuecas* é registrada como Regionalismo de Portugal por Houaiss e Villar (2010) e emprega-se com a mesma acepção de cuequinhas: “calcinha íntima feminina, usada sob as roupas; cuecas”. Quanto à lexia *calcinha*, consta como regionalismo do Brasil, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Moçambique e designa “o m.q. calcinhas” (‘veste feminina íntima que consiste em

uma calça muito curta, bem ajustada ao corpo, ger. de tecido delicado e macio, que se estende da cintura, ou pouco abaixo da cintura, até às virilhas ou ao alto das coxas; calça, calcinha, calças'). Os referidos lexicógrafos explicitam que o termo linguístico *calcinhas* é um caso típico de *pluralia tantum*; a exemplo do que ocorre com o vocábulo *cuecas*. Verifica-se, especialmente no Brasil, a preferência pelo emprego na forma singular, enquanto que em Portugal há primazia pela forma no plural.

A Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário (Figura 178) registra as lexias *bolso* (92%), variante de maior frequência e *algibeira* (8%) no ponto linguístico brasileiro; *algibeira* (66%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *bolso* (28%) e *bolso interior* (6%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 161. Destas, duas são coincidentes nos dois *corpora*. A Figura 182, relativa à Carta Lexical da Questão 161, indica a ocorrência das lexias *bolso/inho* e *algibeira* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o termo linguístico *algibeira*, do “árabe *al-jibairâ* ‘pequeno saco em couro com vários bolsos, usada pelos cavaleiros’” (Houaiss e Villar 2010) integra o léxico do Português Europeu, na acepção de “pequena bolsa separada do fato e que as mulheres do povo prendiam à cintura por cima dos vestidos” em Paulino 1959:293 e “bolso, algibeira”, por meio da variante *alzebêira*, em Oliveira 1966:231, associado ao Campo Semântico Vestuário e Higiene.

**Figura 182:** Carta Lexical da Questão 161, Informantes Nativos, 2012/2013.

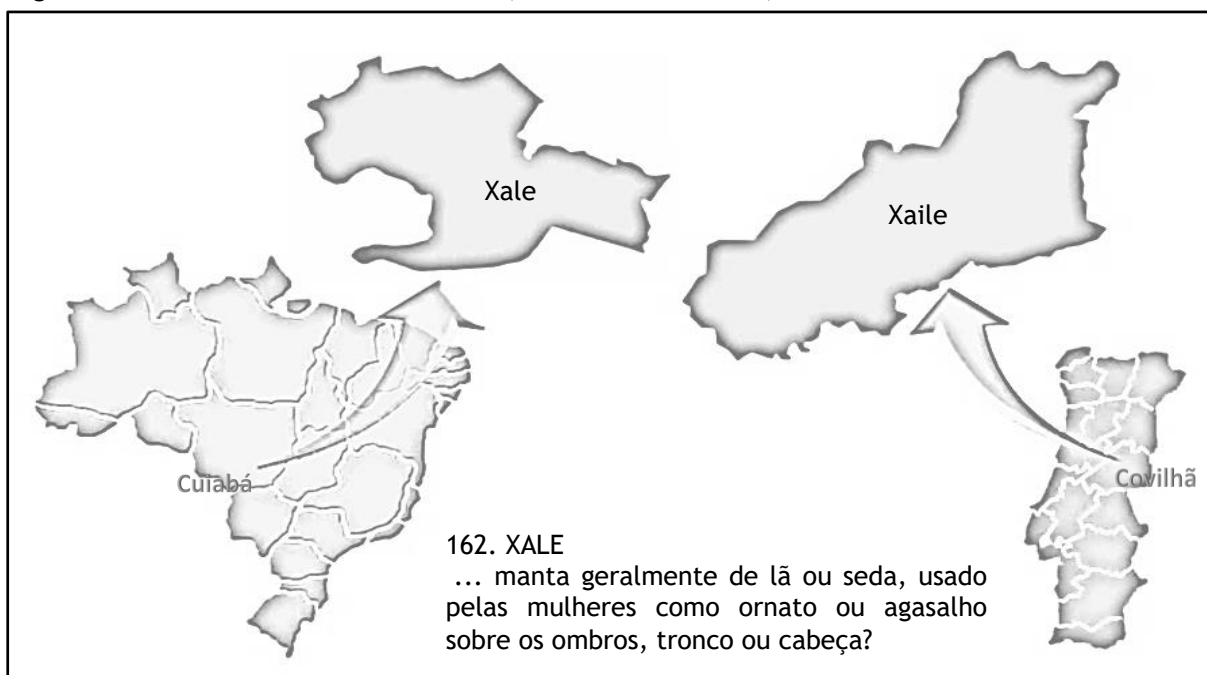


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Figura 178, relativa à Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário, registra as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para denominar “a manta geralmente de lã ou seda, usado pelas mulheres como ornato ou agasalho sobre os ombros”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de cinco itens lexicais: *xale* (42%), variante de maior frequência e que

corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *cachecol* (34%), *lenço* (14%), *manta* (8%) e *echarpe* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as denominações *xaile* (98%), variante de maior frequência e *echarpe* (2%). Com relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 183). Cabe destacar que as lexias *xale*/*xaile* evidenciam ortografia diferente, no entanto, são equivalentes e remetem ao mesmo contexto semântico.

**Figura 183:** Carta Lexical da Questão 162, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

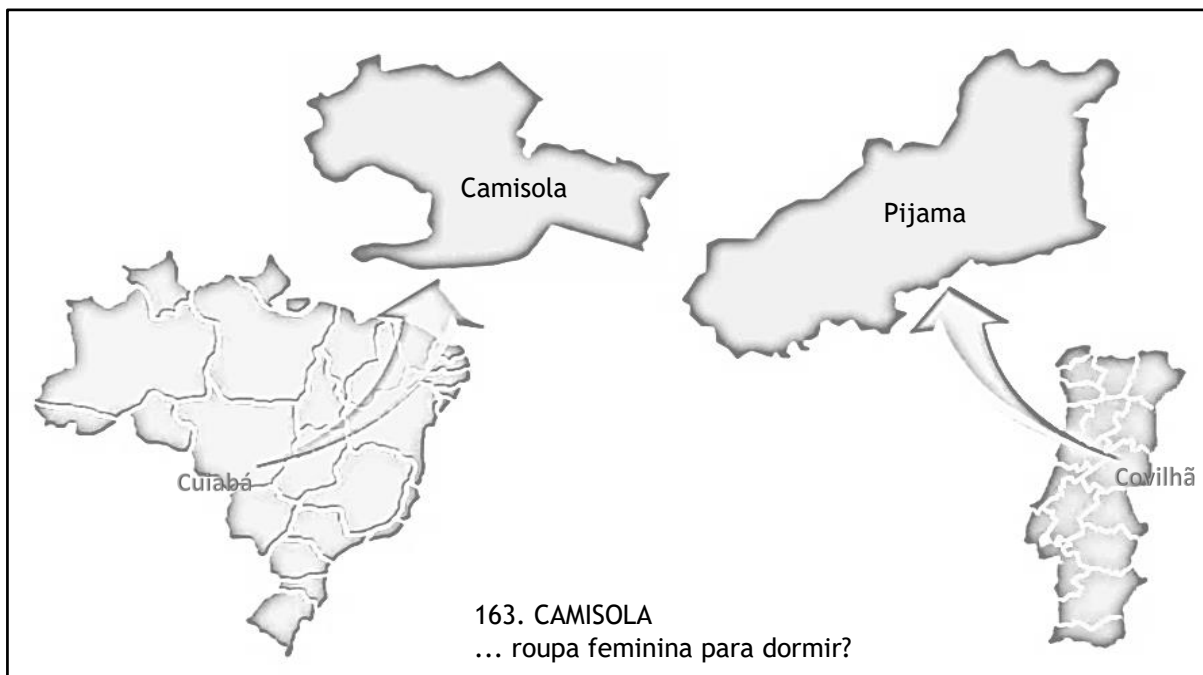
Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *manta*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu, por exemplo, nas seguintes acepções: “espécie de cobertor tecido com algodão e ourelos” em Martins 1954:436; “cobertor” em Baptista 1967:355 e Carrancho 1969:197, associada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica; “tolde em que cai a azeitona quando é ripada” em Martins 1954:436, anexada ao Campo Semântico Azeite; “geada” em Braga 1971:316, vinculada ao Campo Semântico Meteorologia; “embriaguez” em Caldeira 1960:282, inclusa no Campo Semântico Comida e Bebida; “certa quantidade de terra com que se cobrem as tonas ou ervas raspadas pela enxada” em Capão 1957:294, associada ao Campo Semântico Trabalhos Agrícolas; “o trabalho feito pela tecedeira; coberta de farrapos” em Capão 1957:294, anexa ao Campo Semântico Vestuário e Higiene; “peças de toucinho que se esquartejam e são colocadas, depois de esfregadas com sal, numa salgadeira” em Costa 1961:242; “carne magra do porco que está entre o toucinho e as costelas” em Cruz 1991:352, anexadas ao Campo Semântico Gado Suíno; “diz-se do vinho quando ferve” em Lourdes 1946:58, incorporada ao Campo Semântico Vinha e Vinho; “milhano” em Nunes 1965:137; “cardume denso de peixe” em Rezende 1961:295, associadas ao Campo Semântico Animais Bravios e “rêgo largo e profundo onde se plantam as bananeiras” em Nunes 1965:126, anexa ao Campo

Semântico Terras de Cultivo e Delimitação, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *manta* remete para áreas semânticas distintas.

Na Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário (Figura 178) registram-se as lexias que se empregam em Cuiabá e Covilhã para designar “a roupa feminina para dormir”. Essa noção exprime-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de quatro itens lexicais: *camisola* (68%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *pijama* (20%), *baby-dool* (10%) e *combinação* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as designações *pijama* (54%), *camisa de dormir* (42%) e *combinação* (4%), todas distintas à variante da questão proposta pelo Questionário Semântico Lexical. Destas, *pijama* e *combinação* são coincidentes nos dois *corpora*. A Figura 184, relativa à Carta Lexical da Questão 163, registra as variantes léxicas *camisola* e *pijama* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a variante léxica *camisola* como regionalismo do Brasil, na acepção de “roupa feminina para dormir, semelhante a uma camisa comprida ou a um vestido, com ou sem mangas e de material e comprimento variáveis; camisola de dormir”. O termo linguístico *combinação* integra o léxico do Português Europeu, por exemplo, para designar “peça de vestuário interior das raparigas e das mulheres”, em Moura 1960:176 e “peça de vestuário com ombreiras, usada pelas mulheres, que envolve o corpo e desce até aos joelhos” em Costa 1961:223, por meio da variante *convinação*, anexada ao Campo Semântico Vestuário e Higiene, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC).

**Figura 184:** Carta Lexical da Questão 163, Informantes Nativos, 2012/2013.



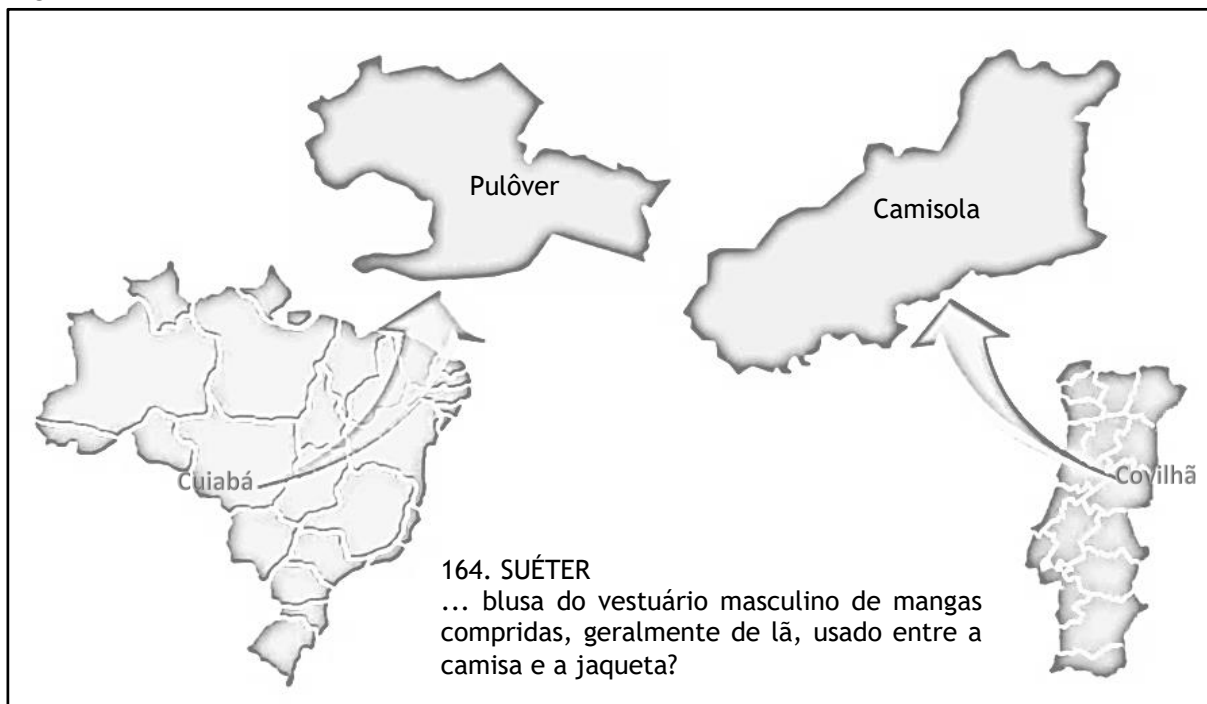
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Tabela 12, relativa ao Campo Semântico Vestuário, registra as lexias *pulôver* e *camisola*, como as variantes de maior frequência empregadas pelos inquiridos brasileiros e portugueses para

designar “blusa do vestuário masculino de mangas compridas, geralmente de lã, usado entre a camisa e a jaqueta”. Estas lexias foram indicadas com o percentual de 32% e 72%, respectivamente. A Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário (Figura 178) registra, ainda, os termos linguísticos: *pulôver* (28%) na Covilhã; *suéter* (26%), *blusa de lã* (6%), *paletó* (6%), *casaco* (6%) e *moletom* (2%) em Cuiabá. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas e apenas uma coincidente (*pulôver*) para designar o mesmo referente. Dentre os informantes cuiabanos 22% afirmaram desconhecer o termo específico. Como pode ser observado na Figura 185, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) inscreve o item lexical *pulôver*, proveniente do “inglês *pullover* ‘suéter’, substantivação do adjetivo *pullover* ‘de vestir pela cabeça’”, como regionalismo do Brasil com o mesmo significado de suéter: “agasalho de lã, tecido à mão ou à máquina, fechado, que se veste pela cabeça; pulôver” e registra como termo equivalente em Portugal a lexia *camisola*, a qual configura-se como regionalismo. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *camisola* é indicada no Português Europeu para designar, por exemplo: “blusa de castorina escocesa” e “camisola exterior de lã grossa, branca” em Alves 1993:204; “blusa de algodão escocês” e “camisola de lã, exterior” em Caldeira 1960:278, associadas ao Campo Semântico Vestuário e Higiene.

**Figura 185:** Carta Lexical da Questão 164, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

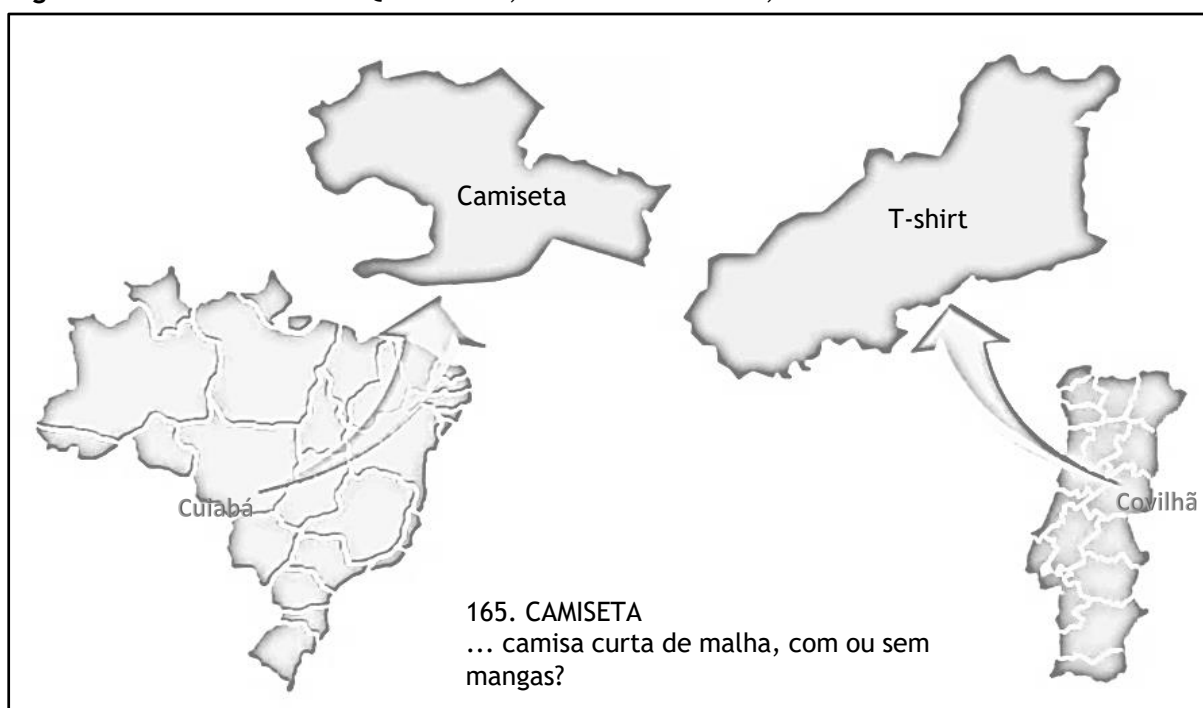
A Figura 186, relativa à Carta Lexical da Questão 165, registra as lexias *camiseta* e *t-shirt* como as variantes de maior frequência, empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã para denominar “camisa curta de malha, com ou sem mangas”. Estas variantes léxicas foram indicadas



com o percentual de 84% e 92%, respectivamente, conforme Tabela 12. A Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário também inscreve os termos linguísticos *regata* (16%) em Cuiabá; *camiseta* (4%), *camisola* (2%) e *camisola interior* (2%) na Covilhã. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas cinco lexias distintas e apenas uma coincidente (*camiseta*) para designar o mesmo referente.

A variante léxica *camiseta* é registrada como regionalismo do Brasil por Houaiss e Villar (2010) na acepção de “camisa curta, sem fralda, gola ou abertura frontal, com ou sem mangas curtas, geralmente feita de tecido de malha; usada diretamente sobre a pele como traje informal e, às vezes, sob uma camisa ou blusa”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *camiseta* é indicada no Português Europeu para designar, por exemplo: “camisola interior” em Caldeira 1960:278 e “camisa de amazona que os pescadores vestem por cima da camisa ordinária. Às vezes os lavradores, para se protegerem do frio, também a usam” em Netto 1949:110, associada ao Campo Semântico Vestuário e Higiene.

**Figura 186:** Carta Lexical da Questão 165, Informantes Nativos, 2012/2013.



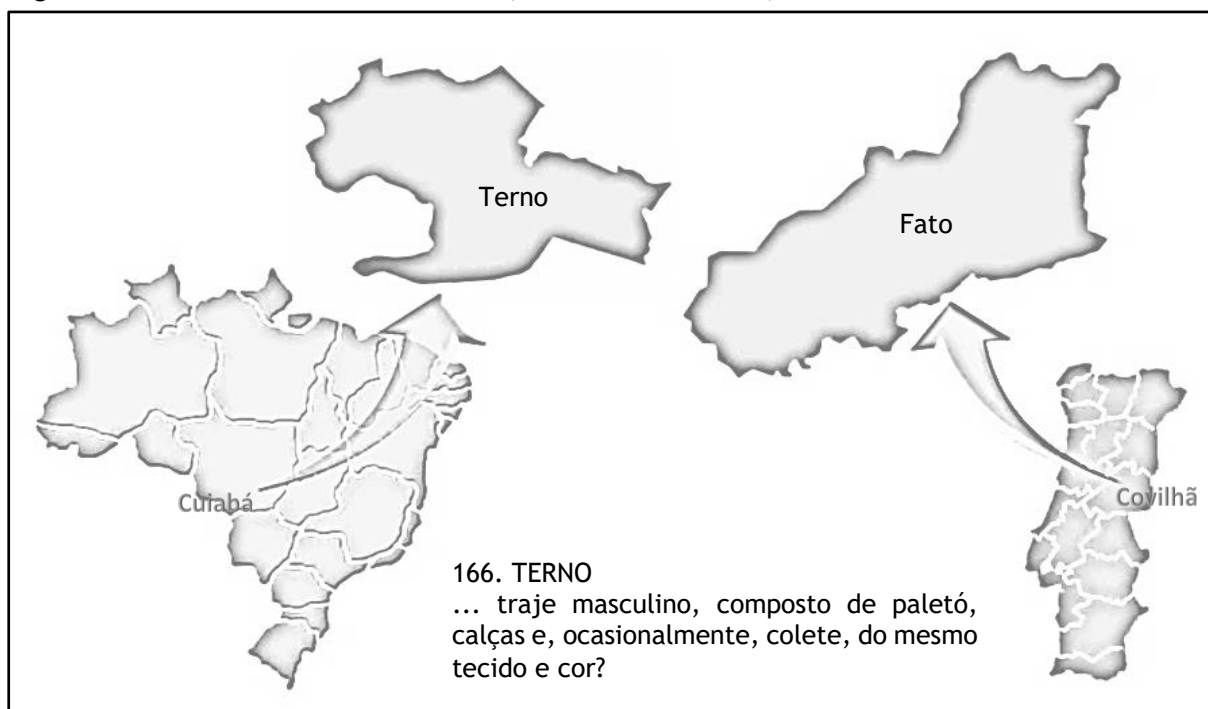
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

As lexias simples *terno* e *fato* empregadas para designar “traje masculino, composto de paletó, calças e, ocasionalmente, colete, do mesmo tecido e cor”, foram registradas com expressiva frequência, 98% e 96%, respectivamente, em Cuiabá e Covilhã (Tabela 12). A Carta Lexical do Campo Semântico Vestuário (Figura 178) também inscreve as lexias *paletó* (2%) em Cuiabá e *terno* (4%) na Covilhã. Como pode ser observado na Figura 187, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não sugerem particularidades locais.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *terno* é um regionalismo do Brasil na acepção mencionada anteriormente. Conforme pesquisa realizada no

Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *terno* está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro com a acepção de “grupo de ensacadores escalado para um serviço. Pode ter de 5 a 30 membros. É composto de: fiscal de terno, emblocador, costurador, balanceiro e carregadores (formigas)” em Leão 1988:115, associada ao Campo Semântico Ofícios e Profissões. Esta variante léxica também integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “grupo de pescadores que, vindos das traineiras, são escalados para tratar das redes” em Caldeira 1960:334, anexada ao Campo Semântico Ofícios e Profissões; “taberna” em Nunes 1965:131; vinculada ao Campo Semântico Comércio e Emigração; “copo de vinho de 0,2l. aproximadamente” em Rezende 1961:307, associada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica; inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *terno* remete para áreas semânticas distintas.

**Figura 187:** Carta Lexical da Questão 166, Informantes Nativos, 2012/2013.



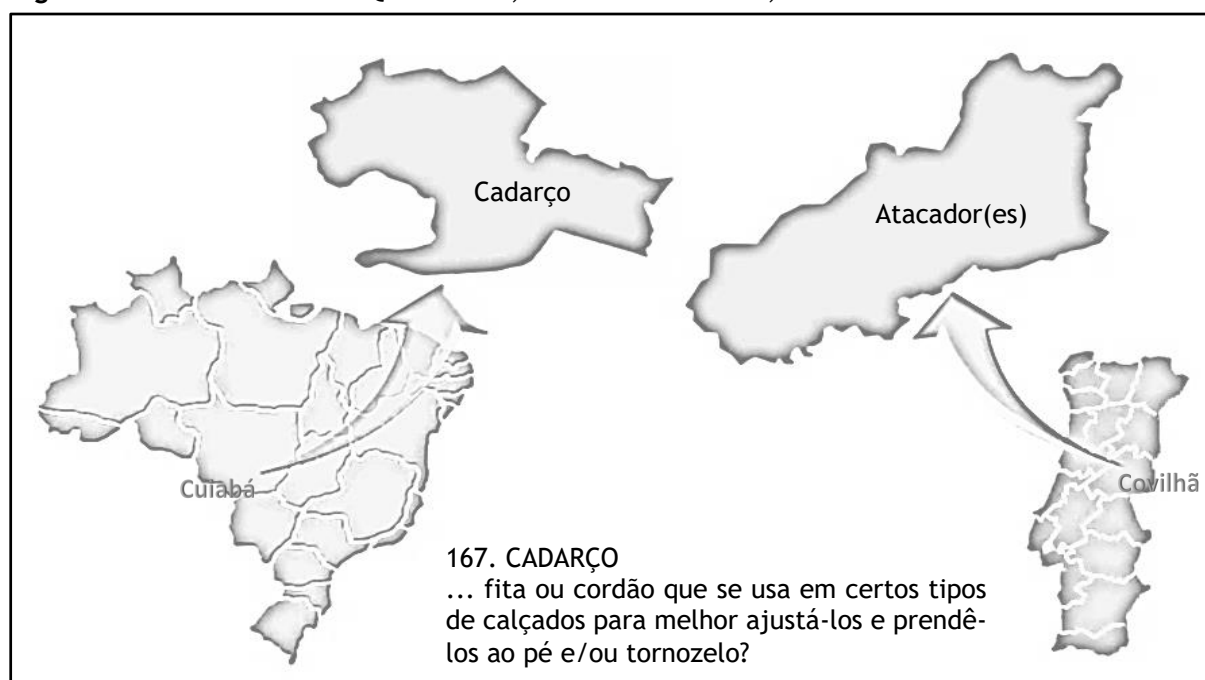
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Com relação ao vocábulo *fato*, consta em Houaiss e Villar (2010) como regionalismo de Portugal na acepção de “terno (traje masculino)”. No Brasil, este termo linguístico designa “ação ou coisa feita, ocorrida ou em processo de realização”; “algo cuja existência pode ser constatada de modo indiscutível; verdade”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *fato* é indicada no Português Europeu para designar, por exemplo: “vísceras do gado” em Amorim 1971:248, anexa ao Campo Semântico Animais Domésticos e Criação de Gado; “qualquer roupa de uso pessoal ou não” em Buescu 1961:345, vinculada ao Campo Semântico Vestuário e Higiene; “rebanho, especialmente de cabras” em Buescu 1961:347, incorporada ao Campo Semântico Gado Ovino e Caprino; “conjunto das tripas do porco” em MaiaB 1965:145, anexada ao Campo Semântico Gado Suíno; “(Peça do mangual) - Peça de couro que reveste uma das extremidades do pírtil” em Martins 1954:425, anexa ao Campo Semântico Ferramenta e Maquinaria Agrícola; “roupa grossa de cor, da cama” em Carreiro 1948:213; “conjunto de mantas de

uma cama. Do ár. hātu. Segundo a opinião de J. P. Machado *Comentários a Alguns Arabismos de A. Nascentes* em Seita 1944:54, associada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica. Este termo linguístico, apesar de não ter sido identificado em Cuiabá, integra o léxico do Português Brasileiro com as seguintes acepções: “estômago” (ALPB:88), anexado ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais); “terno” em Assis 1985:87, incorporado ao Campo Semântico Vestuário e Higiene; “bucho de gado” (*Idem.*), associado ao Campo Semântico Gado, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *fato* remete para áreas semânticas distintas.

A Figura 188, relativa à Carta Lexical da Questão 167, registra as variantes léxicas *cadarço* e *atacador/es* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente. O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia simples *cadarço*, provavelmente do espanhol *cadarzo* ‘id’”, como regionalismo do Brasil na acepção de “fita ou cordão que se usa em certos tipos de calçados para melhor ajustá-los e prendê-los ao pé e/ou tornozelo”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *cadarço*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu com a acepção de “nastro, atilho” e “pessoa velha” em Maia B 1965:169, por meio da variante *cardaço*. Dessa forma, a variante léxica *cadarço* apresenta mobilidade, pois transita, reciprocamente, de um campo semântico para outro, isto é, sai do Campo Semântico Vestuário e Higiene e se estende para o do Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais) e vice-versa. Quanto à variante léxica *atacador*, também é indicada para designar: “ferro com que se apalanca a pedra” em Baptista 1967:360, anexa ao Campo Semântico Caleiras e “usurário” em MaiaB 1965:164, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos físicos, psíquicos e comportamentais), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *atacador* remete para áreas semânticas distintas.

**Figura 188:** Carta Lexical da Questão 167, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Da observação da Tabela 12, relativa à área semântica Vestuário, pode-se inferir que a lexia composta *guarda-chuva*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 76% dos informantes brasileiros e 44% dos informantes beirões. A carta lexical do referido campo semântico também inscreve as lexias *sombrinha* (24%) no ponto linguístico Cuiabá; *chapéu-de-chuva* (42%), *chapéu* (12%) e *sombrinha* (2%) no ponto linguístico Covilhã para designar o mesmo referente. Dentre os informantes nativos, manteve-se a mesma variante. Vide Figura 189.

O dicionário de Língua Portuguesa de Houaiss e Villar (2010) indica que o item lexical *sombrinha* é um regionalismo do Brasil e designa o “m.q. guarda-chuva (‘objeto portátil que consiste em uma armação flexível de hastes metálicas coberta por pano ou outro material que se estica ao abrir-se a armação, protegendo da chuva ou do sol o seu portador’)”. No verbete *guarda-chuva*, registra as seguintes variantes: *barraca*, *chapéu*, *chapéu de chuva*, *chapéu de sol*, *guarda-sol*, *para-chuva*, *para-sol*, *parteira*, *sombrinha*, *umbela*, *umbrela*. Destas variantes, três concernem ao corpus em análise.

**Figura 189:** Carta Lexical da Questão 168, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

De acordo com pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *chapéu*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Cuiabá, integra o léxico do Português Brasileiro com a acepção de “indumentária usada pelo apicultor para que as abelhas não grudem nos cabelos. Completa o chapéu uma tela que cobre toda cabeça e o rosto” em Sozim 1991:128, anexa ao Campo Semântico Apicultura. Em Portugal, a referida variante léxica também é indicada para designar “grande quantidade” em SilvaG 1960:237, anexa ao Campo Semântico Medição (outros) e “chapéu” em Delgado 1970:359 e CarvalhoA 1970:496, associada ao Campo Semântico Vestuário e Higiene.

### 3.13. CAMPO SEMÂNTICO VIDA URBANA

As questões numeradas de 169 a 178, propostas pelo QSL, são relativas ao Campo Semântico XIII - Vida Urbana e compõem a Tabela 13 do *corpus* em análise. Nesta, apresentam-se o número de variantes registradas, as lexias de maior frequência e o efetivo percentual, respectivamente, nos dois pontos linguísticos. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 190) expõe todas as variantes obtidas junto aos informantes brasileiros e portugueses.

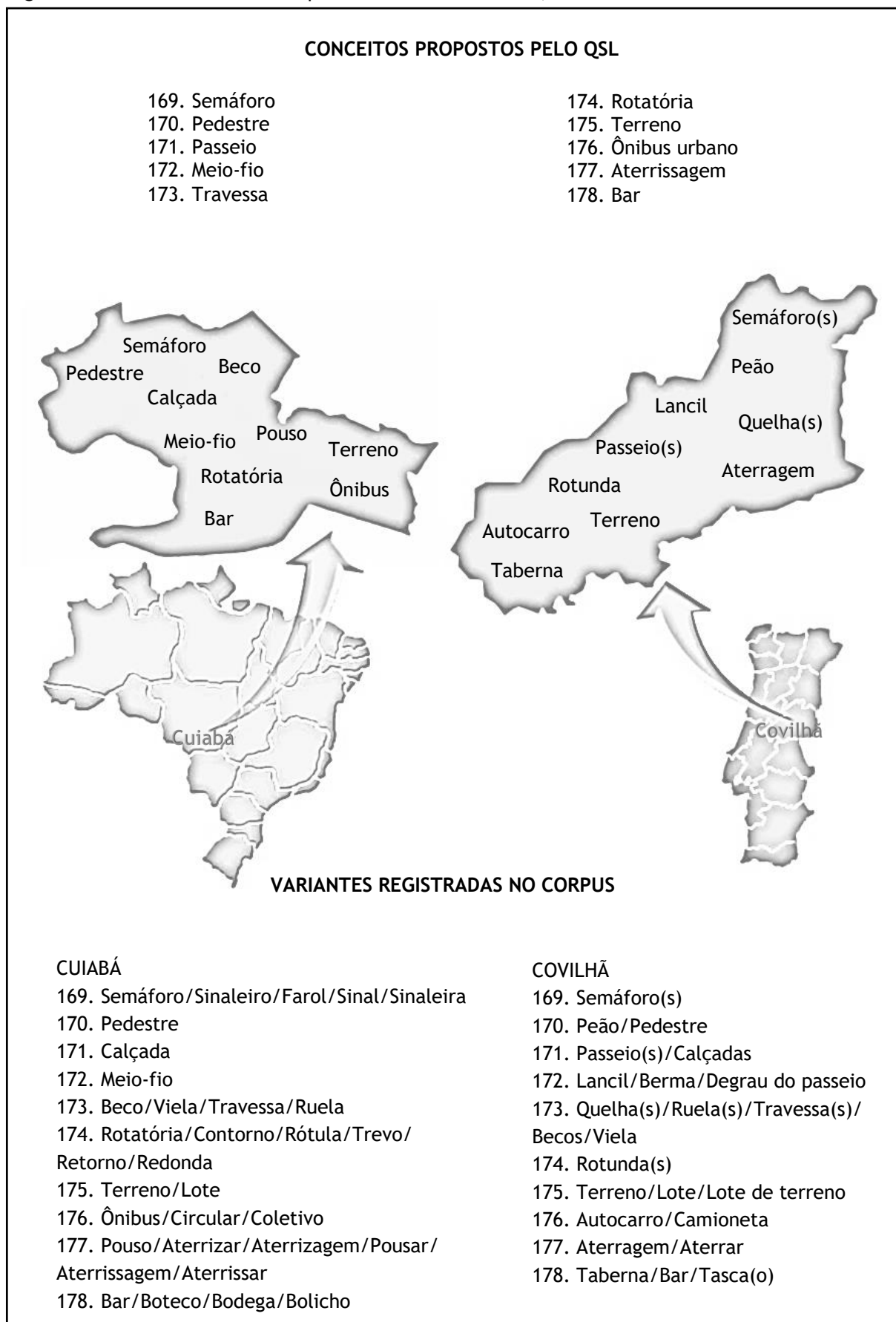
A partir da análise dos dados expostos na Tabela 13, verifica-se que as lexias *pedestre*, *calçada* e *meio-fio*, relativas às questões 170, 171 e 172, respectivamente, são consideradas as respostas de maior frequência identificadas no campo semântico supracitado, inscritas com o percentual de 100% no ponto linguístico Cuiabá. De forma análoga, as lexias de maior frequência registradas no ponto linguístico Covilhã foram *semáforo/s* e *rotunda/s*, como respostas às questões 169 e 174, respectivamente, indicadas com o percentual de 100%.

**Tabela 13:** Campo Semântico Vida Urbana, 2012/2013.

QUESTÕES	CONCEITO	PONTOS LINGÜÍSTICOS					
		CUIABÁ - BR			COVILHÃ - PT		
		Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%	Nº DE VARIANTES REGISTRADAS	VARIANTE DE MAIOR FREQUÊNCIA	%
169	Semáforo	05	Semáforo	66%	01	Semáforo(s)	100%
170	Pedestre	01	Pedestre	100%	02	Peão	96%
171	Passeio	01	Calçada	100%	02	Passeio(s)	98%
172	Meio-fio	01	Meio-fio	100%	02	Lancil	50%
173	Travessa	04	Beco	58%	05	Quelha(s)	42%
174	Rotatória	06	Rotatória	54%	01	Rotunda(s)	100%
175	Terreno	02	Terreno	78%	03	Terreno	64%
176	Ônibus urbano	03	Ônibus	92%	02	Autocarro	96%
177	Aterrissagem	06	Pouso	32%	02	Aterragem	80%
178	Bar	04	Bar	50%	03	Taberna	60%

Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

**Figura 190:** Carta Lexical do Campo Semântico Vida Urbana, 2012/2013.



A Carta Lexical do Campo Semântico Vida Urbana (Figura 190) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para designar “o aparelho de sinalização urbana, que orienta o tráfego de veículos em cruzamentos movimentados, por meio de luz vermelha, verde e amarela”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de cinco itens lexicais: *semáforo* (66%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *sinaleiro* (14%), *farol* (10%), *senal* (6%) e *sinaleira* (4%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se a designação *semáforo/s*, inscrita com o percentual de 100%. As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* coincidem com o conceito proposto pelo QSL, conforme exposto na Figura 13. A Figura 191, relativa à Carta Lexical da Questão 169, registra a variante lexical *semáforo/s* como a de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã.

Segundo Houaiss e Villar (2010), a lexia *sinaleiro*, em distribuição substantiva, designa o “mesmo que semáforo” e configura-se como um regionalismo do Brasil. Quanto à lexia *sinaleira*, consta como regionalismo, porém, da região Nordeste do Brasil. No verbete *sinaleira*, os lexicógrafos registram as seguintes variantes lexicais: *farol*, *semáforo*, *senal* e *sinaleiro*, todas concernentes ao *corpus* em análise.

**Figura 191:** Carta Lexical da Questão 169, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *farol*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu, por exemplo, nas seguintes acepções: “candeeiro de petróleo que levam para o mar; o mesmo que candeio” em Alves 1993:214; “torre em cuja parte mais alta se instala um foco luminoso para que o vejam de longe os navegantes” em Ratinho 1959:266, associadas ao Campo Semântico Pesca e Actividade Marisqueira (outros); “lâmpião na popa da embarcação” em

Caldeira 1960:319; “lâmpião da pôpa do navio” em Ratinho 1959:266; “lanterna que ilumina a bóia, quando o barco está parado” em Carrancho 1969:215, ambas vinculadas ao Campo Semântico Embarcações. No Português Brasileiro também é indicada para designar “espécie de torre, construída próximo à costa, e em cujo ápice há uma luz com características especiais para servir de guia ou ponto de referência aos navegantes” em Brandão 1988:242, anexa ao Campo Semântico Navegação e Porto, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *farol* remete para áreas semânticas distintas.

As lexias *peão* e *pedestre* foram selecionadas, no ponto linguístico Covilhã, para denominar “a pessoa que anda a pé pela calçada/passeio”. A primeira, inscrita com o percentual de 96%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que a lexia *pedestre* fora a resposta de 4% dos informantes e coincide com a variante da questão proposta pelo QSL, como pode ser observado na Tabela 13 e Figura 190. A Figura 192, relativa à Carta Lexical da Questão 170, indica a ocorrência das lexias *pedestre* e *peão* como as variantes lexicais de maior frequência entre os informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

O termo linguístico *peão* é registrado por Houaiss e Villar (2010) como regionalismo de Portugal na acepção de “pessoa que anda a pé; pedestre”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *peão* também é indicada no Português Europeu para designar, por exemplo, “armação de madeira com quatro pés, onde se põe o milho a secar” em MaiaB 1965:141, anexa ao Campo Semântico Cereais e Erva.

**Figura 192:** Carta Lexical da Questão 170, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Tabela 13, relativa ao Campo Semântico Vida Urbana, inscreve as variantes léxicas *calçada* e *passeio/s*, como as respostas de maior frequência indicadas pelos informantes cuiabanos e covilhanenses à questão 171, proposta pelo Questionário Semântico Lexical. Estas lexias foram



registradas com o percentual de 100% e 98%, respectivamente. A carta lexical do campo semântico supracitado também inscreve o termo linguístico *calçadas* (2%), na Covilhã, para designar o mesmo referente. Com relação aos informantes nativos, não houve distinção entre as variantes de maior frequência em ambos os pontos linguísticos (Figura 193).

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra a lexia simples *calçada*, em distribuição substantiva, como regionalismo do Brasil, nas seguintes acepções: “caminho calçado ou pavimentado, destinado à circulação de pedestres, quase sempre mais alto que a parte da rua em que trafegam os veículos; passeio” e “área pavimentada em torno de um edifício, junto às suas paredes externas, para proteger as fundações, impedir infiltrações de água e facilitar o acesso e circulação de pessoas”. Este termo linguístico também consta como regionalismo de Portugal na acepção de “ladeira (‘rua íngreme’)”.

**Figura 193:** Carta Lexical da Questão 171, Informantes Nativos, 2012/2013.



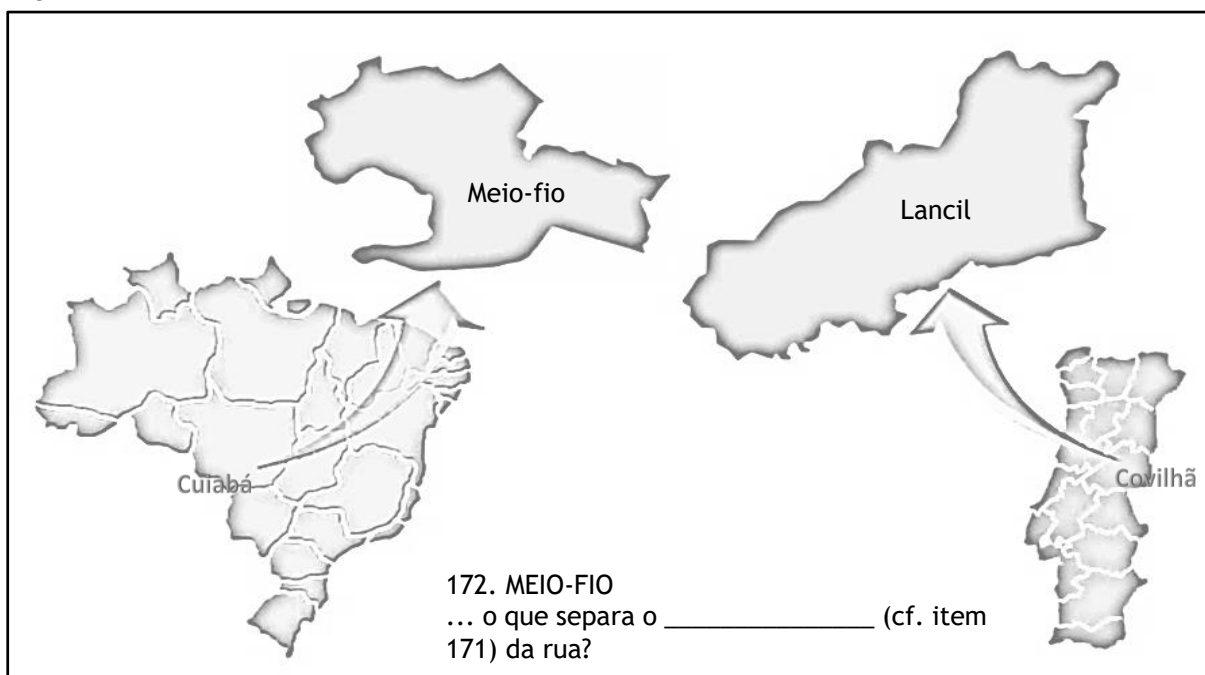
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o termo linguístico *calçada* integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “recinto fora da cozinha ou da atafona, quando é empedrado” em BaptistaF 1970:568; “pavimento” em Carrancho 1969:196; “pavimento de lajes de algumas casas” em Cruz 1991:342, associado ao Campo Semântico Construção; “caminho empedrado e enladeirado”, por meio da variante *cauçada*, em Alves 1993:206, anexo ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações. Quanto à lexia *passeio*, está documentada em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro, com a acepção de “... pequenas muretas de terra batida, que servem de divisórias entre os tanques de carga e as cabeceiras. Os passeios servem também de caminhos por onde se deslocam os operários durante o trabalho das salinas e funcionam como corredores por onde passam os carrinhos de mão, que conduzem o sal dos quadros para os aterrados e armazéns” em AmorimC 1988:278, anexa ao

Campo Semântico Salinas. Esta variante léxica também integra o léxico do Português Europeu para designar a “marcha organizada pelos rapazes (dispostos em duas alas) ao toque do tambor. Costuma fazer-se em frente do adro, no fim da missa da festa da capeia (‘tourada corrida de touros’)” em Fernandes 1965:295, associada ao Campo Semântico Ser Humano (aspectos espirituais), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *passeio* remete para áreas semânticas distintas.

Os itens lexicais *lancil* e *berma*, distintos ao conceito proposto pelo Questionário Semântico Lexical, foram selecionados, no ponto linguístico Covilhã, para designar “o que separa o passeio/calçada (cf. item 171) da rua”. O primeiro, inscrito com o percentual de 52%, configura-se como a variante léxica de maior frequência, enquanto que a lexia *berma* fora a resposta de 48% dos informantes, conforme Tabela 13 e Figura 190. A Figura 194, relativa à Carta Lexical da Questão 172, indica a ocorrência das lexias *meio-fio* e *lancil* como as variantes lexicais de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente. Deste modo, verifica-se um contraste linguístico entre as áreas em estudo, visto que foram obtidas três lexias diferentes para designar o mesmo referente.

**Figura 194:** Carta Lexical da Questão 172, Informantes Nativos, 2012/2013.

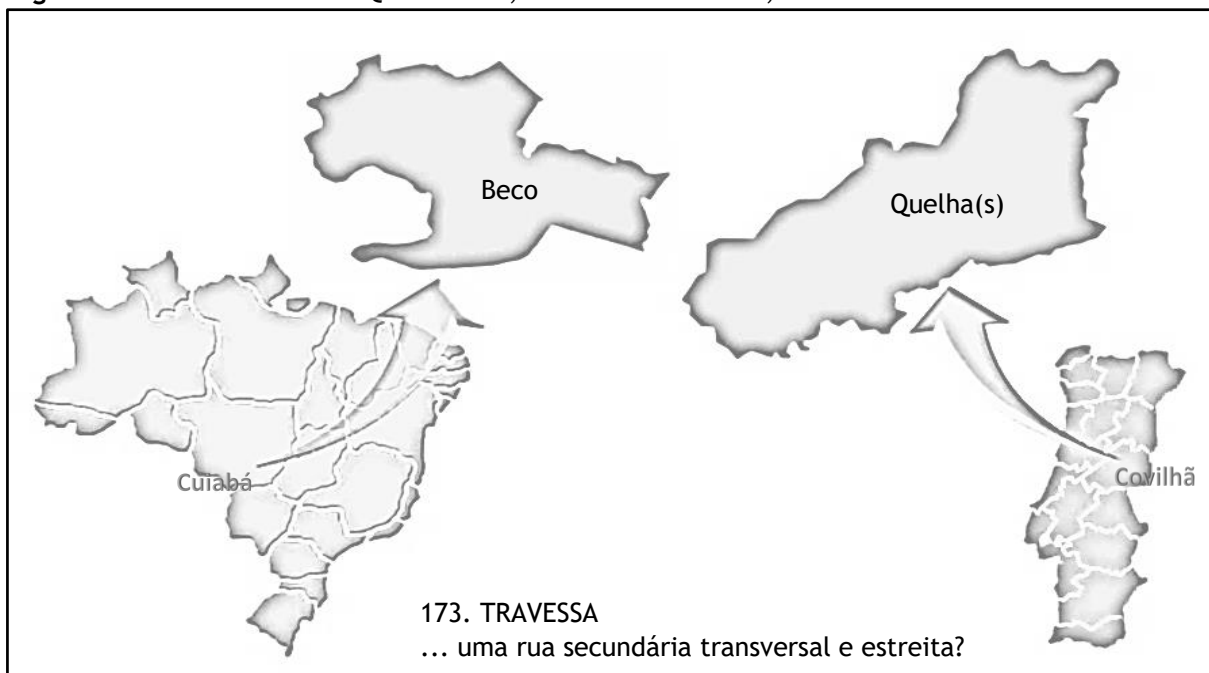


Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Vida Urbana registra as lexias *beco* (58%), variante de maior frequência, *viela* (24%), *travessa* (10%) e *ruela* (8%) no ponto linguístico brasileiro; *quelha/s* (42%), variante de maior frequência, *ruela/s* (32%), *travessa/s* (22%), *becos* (2%) e *viela* (2%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 173. As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* são distintas ao conceito proposto pelo QSL, como exposto na Tabela 13. Como pode ser observado na Figura 195, as variantes lexicais de maior frequência mantêm-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC) a variante léxica *quelha* é indicada no Português Europeu para designar, por exemplo: “rua estreita e tortuosa” em Buescu 1961:320; “caminho estreito e declivoso” em Amorim 1971:280, anexa ao Campo Semântico Povoamento, Instituições e Comunicações; “espécie de funil de madeira, pelo qual o milho cai da dorneira para uma cavidade existente na mó”; “muro tosco”; “ribanceira” em Amorim 1971:280; associada aos Campos Semânticos Construção, Terras de Cultivo e Delimitações, Relevo Terrestre e Marinho, respectivamente. A forma linguística *viela* também é empregada para denominar “cada um dos pequenos círculos em madeira que constituem a massa do carro” em Martins 1954:256, anexo ao Campo Semântico Carro.

**Figura 195:** Carta Lexical da Questão 173, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

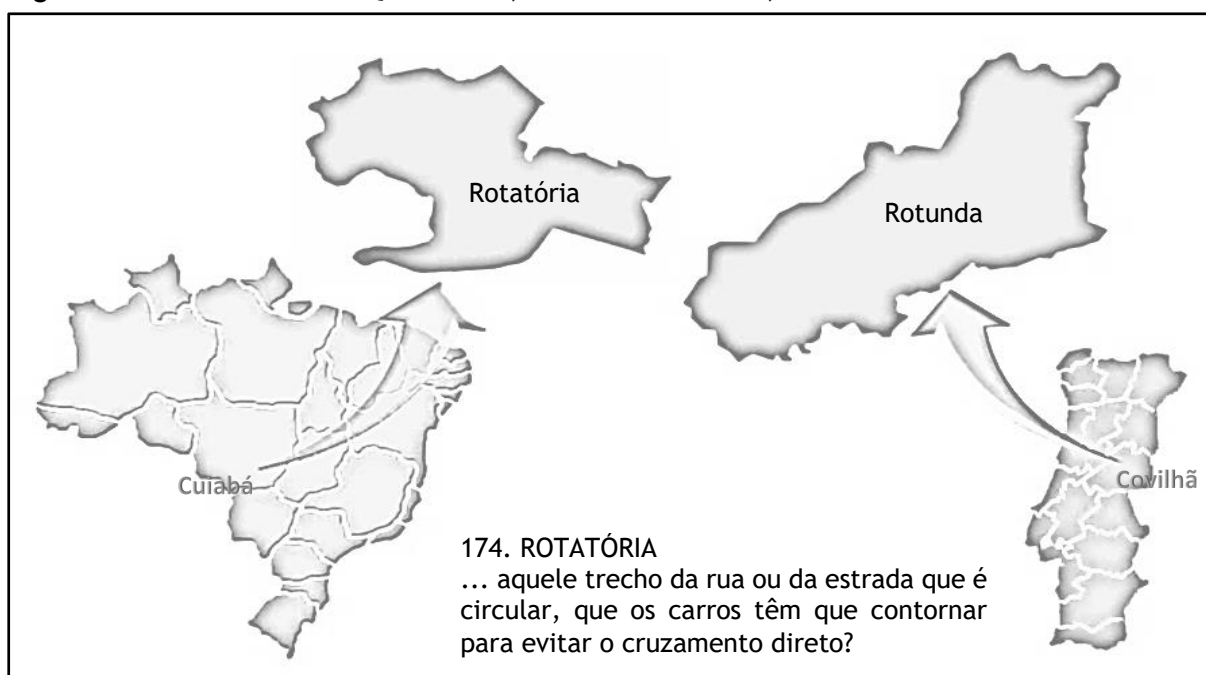
Esta investigação também evidencia o emprego do vocábulo *travessa*, no Português Europeu, com as seguintes acepções: “cada um dos pequenos sarrafos de madeira entre o punho e a pá do remo” em Alves 1993:234, anexo ao Campo Semântico Embarcações; “cada um dos paus perpendiculares aos limões e que aguentam o lête-da-carroça” em Baptista 1967:322, vinculado ao Campo Semântico Carro; “suporte da porta” em Carrancho 1969:199, associado ao Campo Semântico Construção; “saladeira funda, rectangular, de bordas arredondadas, de esmalte” em Cruz 1991:345; “tira larga que faz parte da tampa de determinado tipo de cestos”; “prato rectângular e fundo” em Martins 1954:454, relacionado ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica; “ponto oblongo e estreito que as mulheres usam na cabeça”, incluso no Campo Semântico Vestuário e Higiene; “cada uma das dez ripas horizontais do tear”; anexado ao Campo Semântico Fiação e Tecido, inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *travessa* remete para áreas semânticas distintas.

A Carta Lexical do Campo Semântico Vida Urbana (Figura 190) registra os termos linguísticos *rotunda/s* (100%) no ponto linguístico Covilhã; *rotatória* (54%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *contorno* (24%), *rótula* (10%), *trevo* (6%), *retorno* (4%) e

*redonda* (2%) no ponto linguístico Cuiabá, como respostas à questão 174. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas sete lexias distintas para designar o mesmo referente. A Figura 196, referente à Carta Lexical da Questão 174, registra as lexias *rotatória* e *rotunda/s* como as variantes de maior frequência empregadas pelos informantes nativos de Cuiabá e Covilhã, respectivamente.

Cabe ressaltar, que a variante léxica *rótula* também fora registrada para designar “o osso redondo que fica na frente do joelho”, em ambos os pontos linguísticos, conforme Figura 112, relativa à Carta Lexical da Questão 98. Deste modo, por denominar referentes distintos, caracteriza-se como uma lexia polissêmica no *corpus* em análise.

**Figura 196:** Carta Lexical da Questão 174, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Da observação da Tabela 13, relativa ao Campo Semântico Vida Urbana, pode-se inferir que a variante léxica *terreno*, proposta pelo QSL, fora registrada dentre 78% dos informantes cuiabanos e 64% dos informantes beirões. A carta lexical do referido campo semântico também inscreve as designações *lote* (22%) no ponto linguístico Cuiabá; *lote* (18%) e *lote de terreno* (18%) no ponto linguístico Covilhã para designar o mesmo referente. Dentre os informantes nativos manteve-se a mesma variante. Vide Figura 197.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *terreno* também integra o léxico do Português Brasileiro na acepção de “porção de terra cultivável; campo” em CastroD 2000:118, associada ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho. FonsecaS 1996:128 registra as variantes *esplanada* (‘local onde os tijolos são colocados depois de prontos’), *pátio* (‘local onde se deposita o tijolo depois de queimado...’) e *terreiro* (‘local usado para descansar os tijolos’), com o mesmo significado de *terreno*, anexas ao Campo Semântico Telheiras e Olaria. Quanto à lexia *lote*, é empregada para designar “determinada

quantidade de objetos, geralmente da mesma natureza” em CastroD 2000:101, vinculada ao Campo Semântico Relevo Terrestre e Marinho.

**Figura 197:** Carta Lexical da Questão 175, Informantes Nativos, 2012/2013.



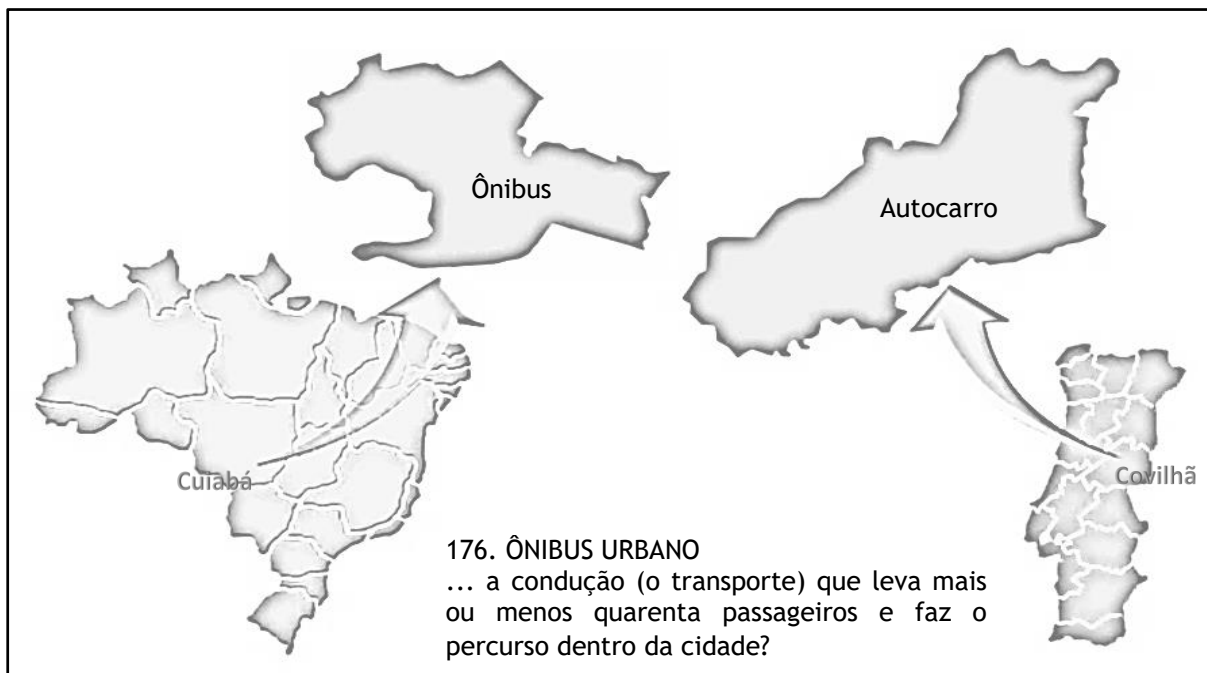
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Tabela 13, relativa ao Campo Semântico Vida Urbana, inscreve as lexias *ônibus* e *autocarro* como as variantes de maior frequência empregadas pelos inquiridos brasileiros e covilhanenses para denominar “o transporte que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade”. Estas lexias foram indicadas com o percentual de 92% e 96%, respectivamente. A carta lexical do referido campo semântico (Figura 190) também registra as denominações *camioneta* (4%) na Covilhã; *circular* (4%) e *coletivo* (4%) em Cuiabá. Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas cinco lexias distintas para designar o mesmo referente. Como pode ser observado na Figura 198, as variantes lexicais de maior frequência mantiveram-se entre os informantes nativos e não indicam particularidades locais.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) inscreve o termo linguístico *autocarro* como regionalismo de Portugal, o qual designa o “m.q. ônibus” (‘veículo grande, automóvel, usado para o transporte coletivo (urbano, interurbano, intermunicipal, interestadual etc.) de passageiros, com rota prefixada’). De forma análoga, a variante léxica *camioneta* também se configura como regionalismo e é empregada com o mesmo significado de “camionete” (‘transporte coletivo que sai do âmbito urbano, ligando cidades, vilas; ônibus turístico’). Quanto à lexia *coletivo*, consta como regionalismo do Brasil na acepção de “veículo para transporte coletivo (ônibus, bonde etc.)”. Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a variante léxica *camioneta* (variantes: *caminhoneta*, *caminhonete*, *camionete*), apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Cuiabá, integra o léxico do Português Brasileiro com a acepção

de “veículo automóvel de passageiros e pequena carga, de quatro ou seis rodas” em CastroD 2000:78, associada ao Campo Semântico Carros.

**Figura 198:** Carta Lexical da Questão 176, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

A Carta Lexical do Campo Semântico Vida Urbana (Figura 190) indica as variantes léxicas empregadas em Cuiabá e Covilhã para designar “a chegada de um avião ao solo”. Essa noção manifesta-se, no primeiro ponto linguístico, por meio de seis itens lexicais: *pouso* (32%), variante de maior frequência, *aterrizar* (28%), *aterrizagem* (24%), *pousar* (8%), *aterriçagem* (6%) e *aterriçar* (2%). No ponto linguístico Covilhã obteve-se as designações *aterragem* (80%), variante lexical de maior frequência, e, *aterrar* (20%). Destarte, constata-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas oito lexias distintas para designar o mesmo referente. As variantes lexicais de maior frequência registradas nos dois *corpora* são distintas ao conceito proposto pelo QSL, conforme exposto na Figura 13. A Figura 199, relativa à Carta Lexical da Questão 177 registra as variantes lexicais *pouso* e *aterragem* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

O termo linguístico *pouso*, apesar de não ter sido identificado na Covilhã, integra o léxico do Português Europeu nas seguintes acepções: “assento de pedra onde se colocam os tabuleiros” em Buescu 1961:351, anexo ao Campo Semântico Farinha e Derivados; “espécie de prateleira de pedra na parede, onde se poisam os asados” em Buescu 1961:343, vinculado ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica; “grande peso de pedra, suspenso do parafuso” em Buescu 1961:349; incluso no Campo Semântico Azeite; “pedra sobre que gira a mó do moinho” em PereiraS 1952:152 e “pedra sobre que gira a galga” em Buescu 1961:348, associado ao Campo Semântico Construção, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), inferindo-se, deste modo, que a diferença de significado da lexia *pouso* remete para áreas semânticas distintas.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) assinala que as variantes léxicas *aterrizar* e *aterrissar* evidenciam ortografia diferente, no entanto, são equivalentes e remetem à acepção de aterrar ('descer ou pousar'), configurando-se como regionalismos do Brasil. Convém ressaltar que as lexias *aterrizar* e *aterrissar*, apesar de não apresentarem divergência quanto ao significado no *corpus* em análise, apresentam diferença ortográfica. Diferença essa, radicada na etimologia, que, "por decalque de *atterrissage*, do francês, culminou em *aterrissagem*, uso brasileiro, preterindo *aterrar(gem)*, uso português, cujo significado reporta a "encher com terra". (TEIXEIRA, 2010, p.28). Segundo Nascentes, o verbo *aterrissar*, etimologicamente "calcado sobre *aterrissagem*, superpôs-se a *aterrar*, em virtude da homonímia com a acepção 'encher de terra' deste mesmo verbo" (HOUAISS e VILLAR, 2010).

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), o item lexical *aterrar* também integra o léxico do Português Europeu com as seguintes acepções: "puxar a terra para junto do caule do milho" em Braga 1971:253, anexo ao Campo Semântico Cereais e Erva; "cobrir com terra os pés de milho" em Buescu 1961:323 e "cavar a terra das culturas e puxá-la para junto dos caules" em Fernandes 1965:230, associado ao Campo Semântico Trabalhos Agrícolas. Desta forma, pode afirmar-se que em Portugal utiliza-se a lexia *aterrar* tanto para designar a chegada de um avião ao solo, quanto para cobrir algo com terra.

**Figura 199:** Carta Lexical da Questão 177, Informantes Nativos, 2012/2013.



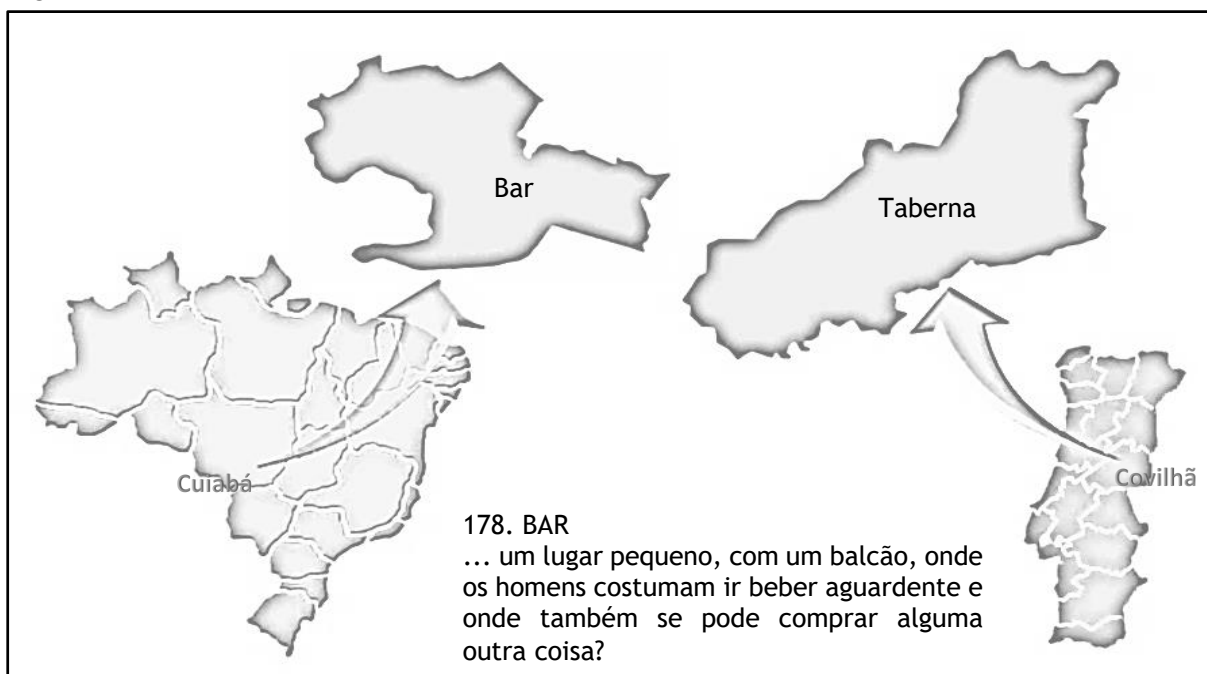
Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss e Villar (2010) registra o item lexical *boteço* como regionalismo do Brasil, o qual designa o "m. q. botequim" ('estabelecimento comercial popular onde servem bebidas, lanches, tira-gostos e, eventualmente, alguns pratos simples; bar, boteço'). Quanto à lexia *taberna*, consta como regionalismo de Portugal utilizada para denominar "estabelecimento de

venda, especialmente de vinho, jeropiga e bagaceira, para consumo local, além de petiscos (queijo, chouriços etc.), mas que não serve pratos de comida”.

A Carta Lexical do Campo Semântico Vida Urbana (Figura 190) registra as variantes lexicais *bar* (50%), variante de maior frequência e que corresponde ao conceito proposto pelo QSL, *boteco* (38%), *bolicho* (10%) e *bodega* (2%) no ponto linguístico brasileiro; *taberna* (60%), variante de maior frequência, *bar* (22%) e *tasca/o* (18%) no ponto linguístico português, como respostas à questão 178. Deste modo, verifica-se uma diferenciação lexical entre os pontos linguísticos, visto que foram obtidas seis lexias distintas e apenas uma coincidente (*bar*) para designar o mesmo referente. A Figura 200, relativa à Carta Lexical da Questão 178, registra as variantes léxicas *bar* e *taberna* como as de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” e os informantes nativos do Concelho da Covilhã, respectivamente.

**Figura 200:** Carta Lexical da Questão 178, Informantes Nativos, 2012/2013.



Fonte: Dados da pesquisa, 2012/2013.

Conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (USC), a lexia *bodega*, apesar de não ter sido registrada no ponto linguístico Covilhã, integra o léxico do Português Europeu com a acepção de “porcaria” em Buescu 1961:356, associada ao Campo Semântico Enxoval e Vida Doméstica. Com relação ao termo linguístico *tasco*, também é indicado para designar “casca do linho, tomento” em Moura 1960:202, anexo ao Campo Semântico Linho.



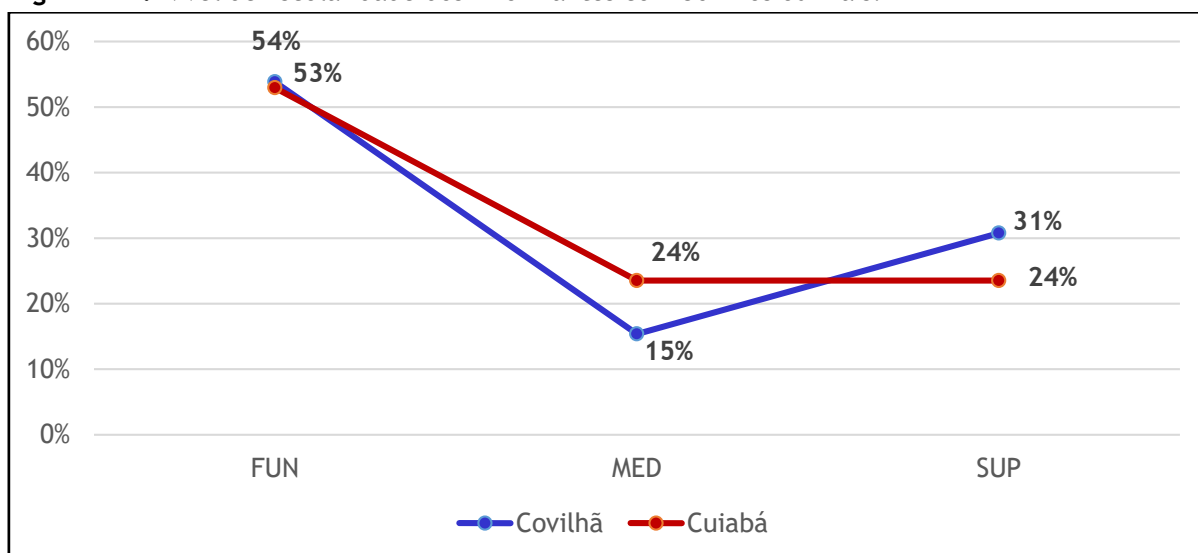
## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

Este capítulo contempla a análise das variáveis extralinguísticas, em correlação com as variantes obtidas junto aos informantes inquiridos nos pontos linguísticos de Cuiabá e Covilhã. Contudo, nem todas as variantes apresentam algum tipo de alteração em sua condição, de modo que apenas constam para observação na Tabela 14 do Anexo 4, com os devidos percentuais calculados. Para subsidiar a análise em questão, os gráficos dispostos tomam em conta apenas as variantes que apresentam alguma tendência, ou seja, que indicam mudança ou conservação da variante linguística em ambos os locais.

Um fator importante considerado consiste nas constatações expostas nos gráficos das Figuras 201 e 202, em que é possível verificar como o nível de escolaridade e a naturalidade estão correlacionados com uma das faixas etárias contempladas na pesquisa. A maioria dos informantes, com 56 anos de idade ou mais, possuem no máximo ensino fundamental completo, ou seja, os informantes mais velhos também são os que apresentam o menor nível de escolaridade, em mais da metade dos casos, como pode ser observado na Figura 201.

**Figura 201:** Nível de Escolaridade dos Informantes com 56 Anos ou mais.



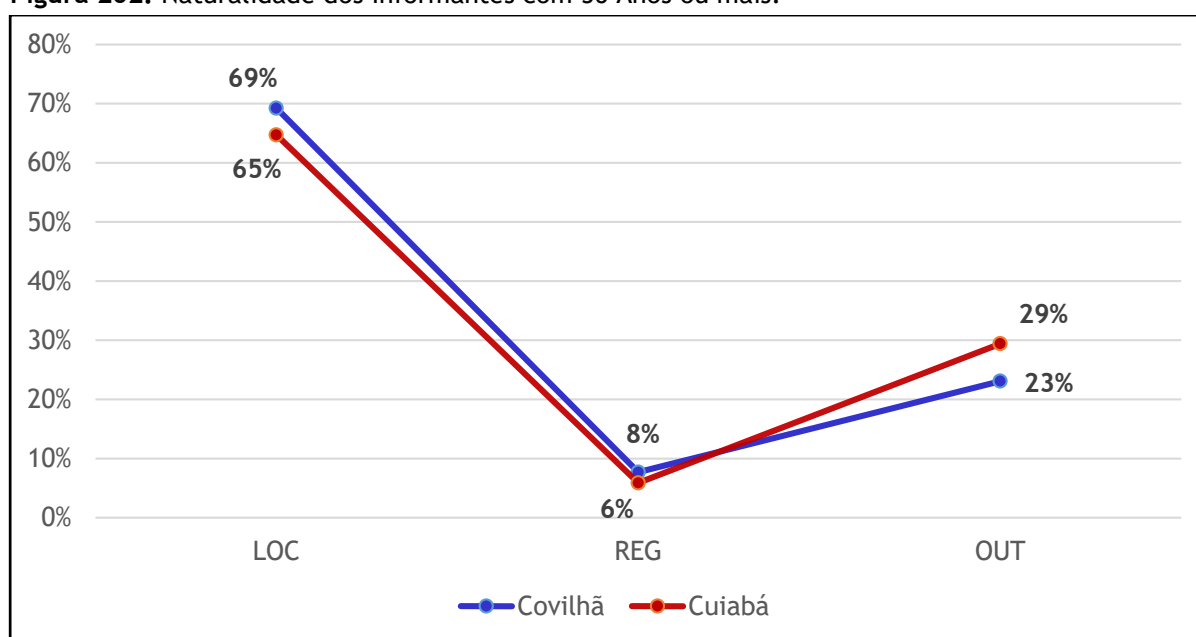
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

No ponto linguístico Covilhã 54% dos informantes com 56 anos ou mais possuem, no máximo, ensino fundamental, 15% possuem ensino médio e 31% possuem nível superior; em Cuiabá, a tendência é correspondente. Trata-se de um fator condicionante de significativa importância, na medida em que se pode correlacioná-lo às premissas de William Labov e, assim, considerar as variantes

informadas pelos inquiridos mais velhos correspondentes às aquelas provenientes do menor nível de escolaridade. Sob esses aspectos, nos pontos linguísticos estudados, o nível de escolaridade inferior tem contribuído para a preservação da língua, por outro lado, as mudanças em progresso a que se refere o mesmo autor e, atribuídas por ele aos mais novos, ficam a cargo daqueles com maior nível de escolaridade.

No que se refere à naturalidade dos informantes, a tendência também é correspondente em ambos os pontos linguísticos, ou seja, os informantes com 56 anos de idade ou mais, além de residentes, são nativos dos locais de estudo (Figura 202). Em sua totalidade, são 69% naturais de Covilhã e 65% de Cuiabá, seguidos de 8% e 6% nascidos na região, além de 23% e 29% de outras regiões ou países, respectivamente.

**Figura 202:** Naturalidade dos Informantes com 56 Anos ou mais.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

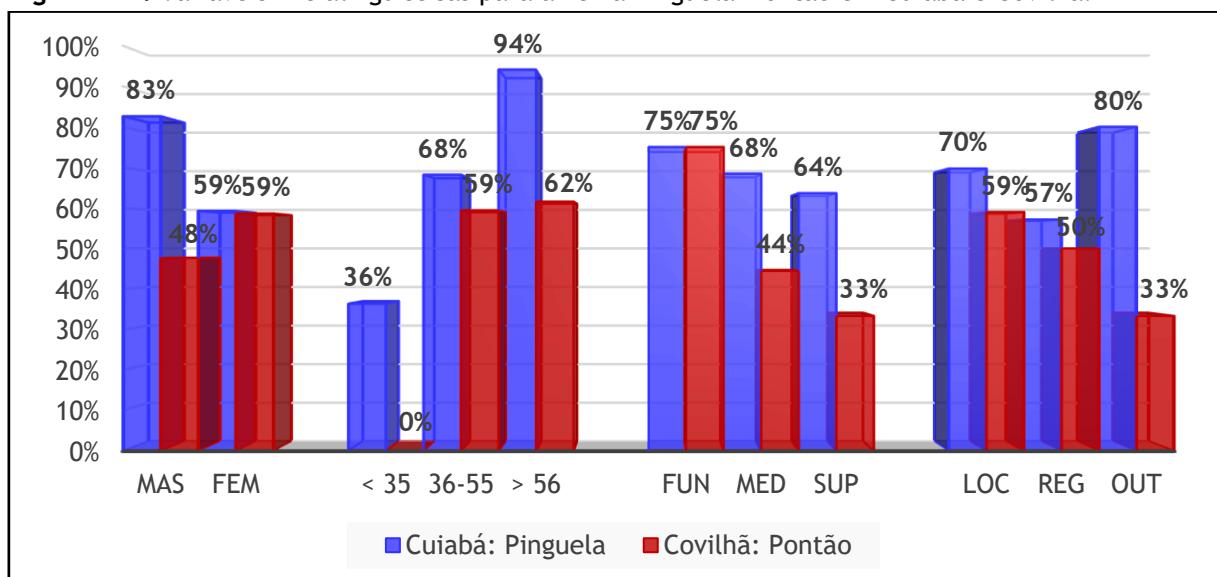
Adotando-se os mesmos critérios para o nível de escolaridade, é possível considerar que as variantes informadas pelos mais velhos correspondem, na maioria dos casos, às aquelas provenientes dos nativos. Sob esse aspecto, nos pontos linguísticos estudados, a variável naturalidade também tem seu contributo para a preservação da língua; os nascidos nos locais de estudo tendem a preservar as variantes mais conservadoras, por outro lado, os indivíduos vindos de outras regiões ou países tendem a adicionar novas variantes à norma vigente das comunidades de fala.

Destarte, com base no que foi exposto na seção 2.5, do capítulo Aspectos Metodológicos, referente às variáveis gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade, bem como a correlação exposta nas figuras 201 e 202, é possível estabelecer alguns padrões importantes acerca de prováveis mudanças linguísticas em curso nos locais de estudo. Quanto maior for a diferença dos percentuais nos grupos de variáveis, mais evidentes são as tendências, ou seja, caso uma variante tenha sido informada, principalmente, por mulheres, com percentual em ordem decrescente dos mais jovens para os mais velhos, por aqueles com maior nível de escolaridade e naturais de outras regiões

ou países, identifica-se uma mudança em progresso. Por outro lado, com percentual em ordem crescente dos mais jovens para os mais velhos, por aqueles com menor nível de escolaridade e nativos dos locais de estudo, identifica-se a conservação da variante em questão (de maior frequência), no entanto, se está diante de uma mudança em potencial a partir do momento em que a geração mais velha for sendo sobreposta.

A partir dos dados expostos na Figura 203, da correlação entre a variante linguística *pinguela* e as variáveis extralinguísticas em Cuiabá, identifica-se um percentual mais elevado em meio ao gênero masculino (83%), assim como apresenta percentual linear crescente dos mais jovens (36%) para os mais velhos (94%). Ainda, fora a resposta da maioria dos informantes que possuem até o nível fundamental (75%) e de 70% dos cuiabanos de “Chapa e Cruz”, corroborado por 80% dos informantes de outras regiões ou países (70% percentual elevado entre os nativos). Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante *pinguela*, a qual poderá ser substituída no futuro pela variante *ponte*, considerada de maior prestígio, vinculada pelos meios de uniformização linguística: a escola e a mídia. A interdependência das variáveis faixa etária e nível de escolaridade sugere, inclusive, uma mudança em potencial nesta comunidade de fala.

**Figura 203:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pinguela/Pontão em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

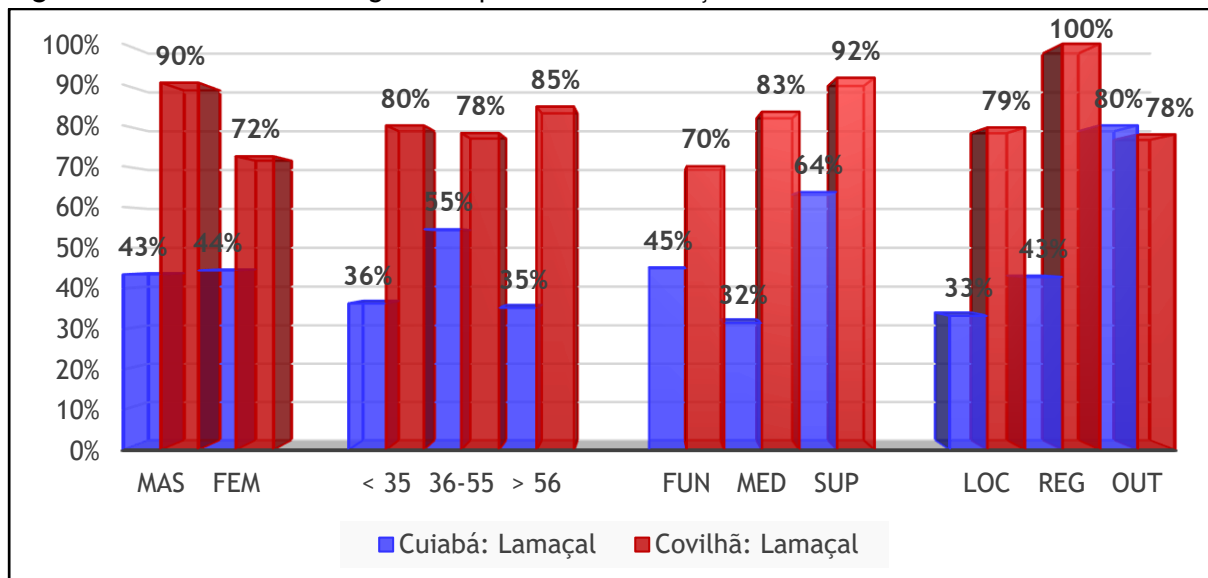
No ponto linguístico Covilhã, a variante *pontão*, embora não apresente diferença expressiva quanto à variável gênero, exprime tendências conservadoras quando correlacionada com as variáveis extralinguísticas faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes. Apesar de conservada entre os mais velhos (62%) e, mesmo na faixa etária intermediária (59%), não há registro da referida variante entre os mais jovens, o que indica o possível desaparecimento da mesma com o passar do tempo. O nível de escolaridade e a naturalidade dos informantes apresentam percentual linearmente decrescente e, da mesma forma, contribuem para a contemporização da variante em questão. A distribuição em tempo aparente mostra claramente que as variantes *pinguela/pontão* ainda estão sendo utilizadas entre os falantes mais velhos, nesta comunidade de fala. Entretanto, a

equivalência das variáveis faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade sugere uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

A partir da correlação da variante *lamaçal* ao fator gênero, exposta na Figura 204, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino (43%) e feminino (44%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto em Cuiabá. No que concerne à variável faixa etária, verifica-se uma elevação no percentual correspondente à idade intermediária (55%), ao mesmo tempo em que mantém o equilíbrio entre os mais jovens (36%) e os mais velhos (35%), um fator que indica variação estável.

Entretanto, as principais diferenças são evidenciadas nas variáveis nível de escolaridade e naturalidade: a variante *lamaçal* foi informada por 45% dos inquiridos com nível fundamental e 64% daqueles com nível superior. A diferença é acentuada e linearmente crescente se observada a variável naturalidade, ou seja, apenas 33% dos nativos corroboram com a variante de maior frequência, percentual elevado a 43% dos nascidos nas regiões próximas a Cuiabá e a 80% daqueles naturais de outras regiões, estados ou países. Contudo, como analisado no capítulo anterior, a variante de maior frequência entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” foi *tijuco*, proveniente da língua “tupi tu’yuca ‘lameiro, charco’” utilizada como base para a denominação de um dos bairros de Cuiabá (Tijucal). Este fato também justifica os percentuais pouco expressivos registrados entre o grupo de menor escolarização e nativos deste local em estudo.

**Figura 204:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia *Lamaçal* em Cuiabá e Covilhã.

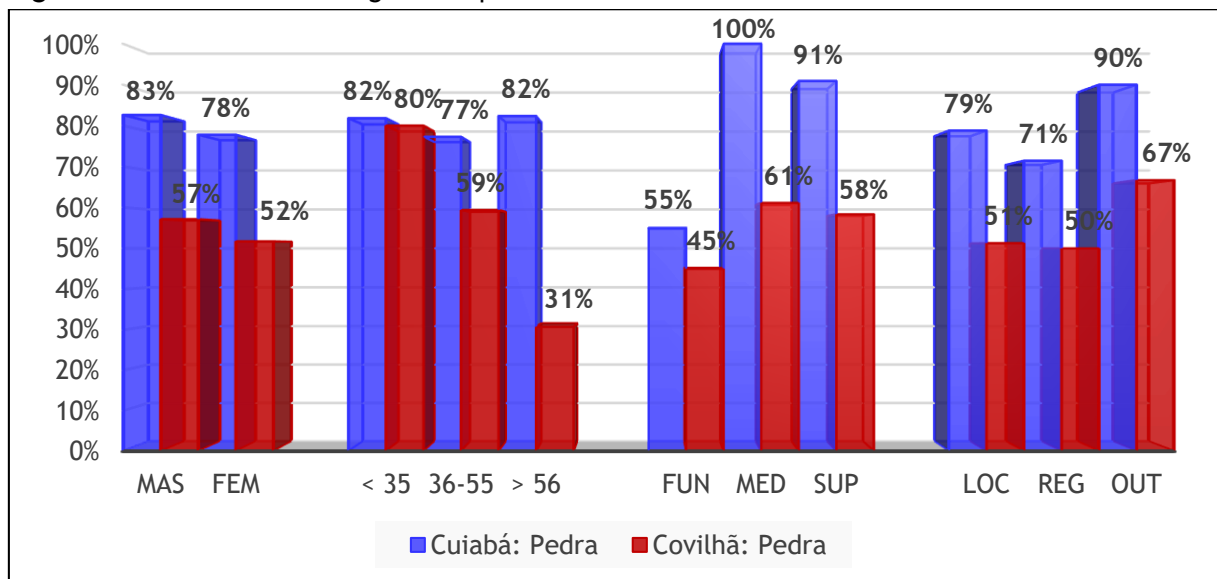


Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Para Covilhã não se identificam tendências a mudanças em relação à variante *lamaçal*, apesar de percentual distinto entre o grupo masculino (90%) e feminino (72%) e crescente entre os níveis de escolaridade: do fundamental (70%) para o superior (92%). Outrossim, apresenta percentuais semelhantes e elevados nos grupos etários, bem como, relativo à naturalidade, de modo a inferir que a referida variante é considerada padrão, conservadora e de maior prestígio nesta comunidade de fala.

A Figura 205 expõe a correlação da variante *pedra* com os fatores extralinguísticos selecionados e contempla situações distintas em cada local de estudo. Em Cuiabá não há tendência à inovação por indicação de gênero ou faixa etária, uma vez que apresenta percentuais equilibrados. Quanto à naturalidade, também não há diferença expressiva entre os percentuais e, portanto, apenas a variável nível de escolaridade não é suficiente para indicar algum processo de mudança para a variante em questão. Neste contexto, conclui-se que a lexia *pedra* apresenta-se como a padrão e de maior prestígio na comunidade de fala, eleita pelos três grupos etários, com tendência à conservação entre as próximas gerações em Cuiabá.

**Figura 205:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pedra em Cuiabá e Covilhã.



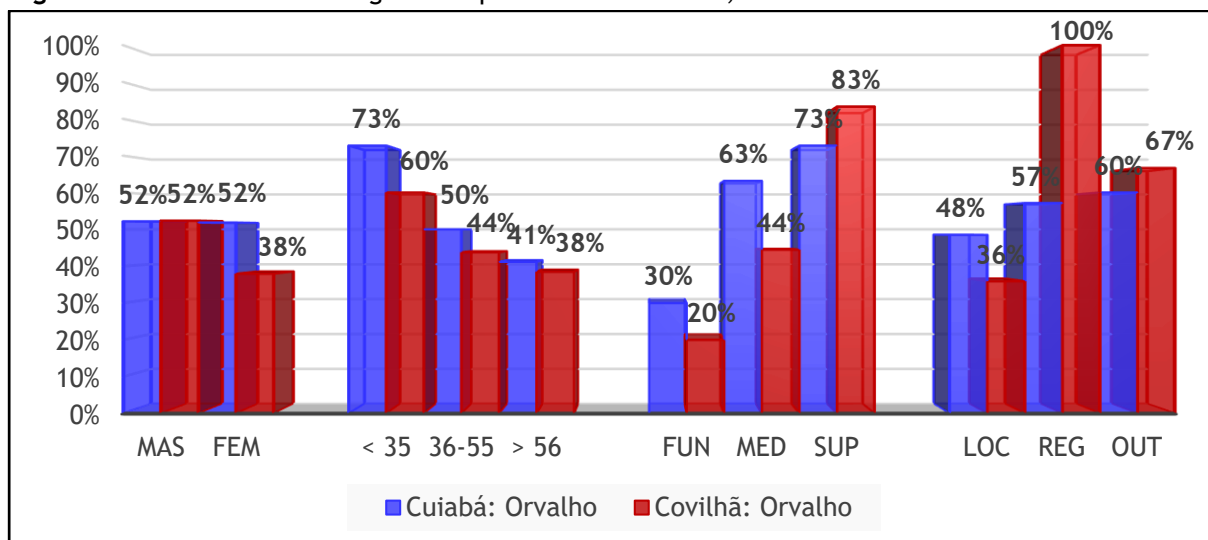
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Por outro lado, na Covilhã, as variáveis faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade apontam para uma tendência inovadora, apesar do equilíbrio entre os gêneros masculino (57%) e feminino (52%). A distribuição da variante *pedra*, em tempo aparente, apresenta percentual linear decrescente dos mais jovens (80%) para os mais velhos (31%), associado a um percentual mais elevado entre os dois grupos de informantes de maior nível de escolaridade, bem como, dentre os naturais de outras regiões ou países. Neste caso, com base nas tendências indicadas pelas variáveis extralinguísticas, pode-se inferir que há uma mudança em progresso nesta comunidade de fala, também porque a referida lexia foi assimilada por apenas 31% dos mais velhos, os quais empregam a variante *calhau*, para esta definição.

A partir da correlação da variante *orvalho* ao fator gênero, exposta na Figura 206, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino (52%) e feminino (52%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto em Cuiabá. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária mais jovem (73%), com um decréscimo na faixa intermediária (50%) e no último grupo etário (41%). Em relação ao nível de escolarização e naturalidade dos falantes, identifica-se uma progressão linear unidirecional, fato que contribui para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala. Entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” há o predomínio de

emprego da variante conservadora *sereno*, substituída pela inovadora *orvalho*, possivelmente introduzida no falar cuiabano pelos meios de uniformização da língua: a escola e a mídia. Ainda, a maior frequência de uso da variante *orvalho* está entre os falantes de nível de escolaridade superior (73%) e entre os inquiridos provenientes de outras regiões e ou países (60%), instituída como padrão e de maior prestígio social.

**Figura 206:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Orvalho, em Cuiabá e Covilhã.



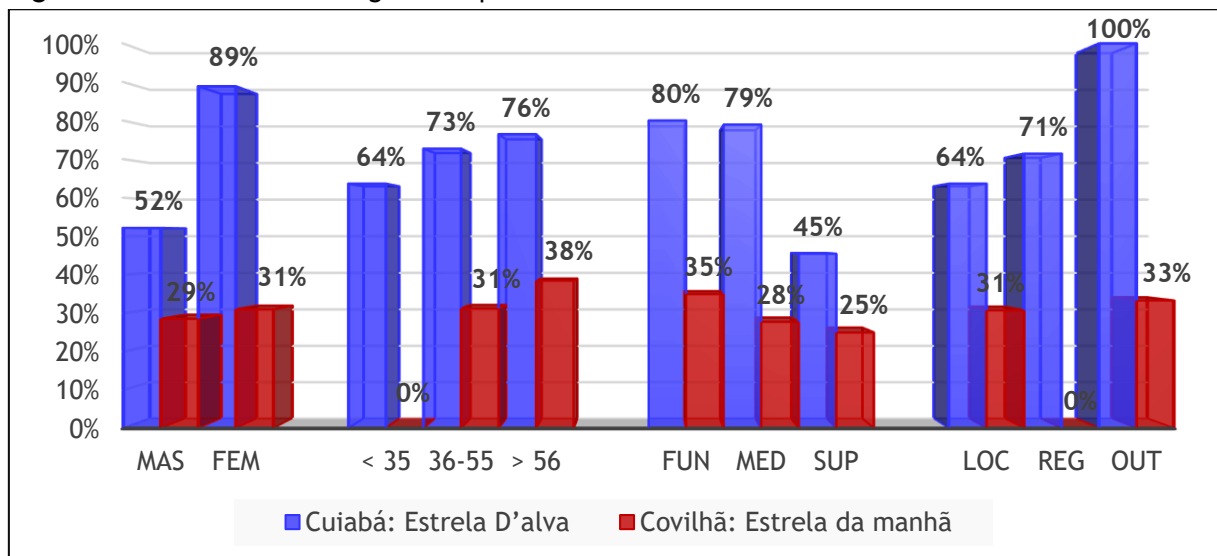
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

No ponto linguístico Covilhã, considerando a distribuição da lexia *orvalho* em tempo aparente, ocorre uma progressão linear decrescente dos mais jovens (60%) para os mais velhos (38%). Quanto à variável escolaridade, apresenta-se de forma linear crescente do nível fundamental (20%) para o superior (83%), complementado por percentuais identificados entre os informantes da região (100%) ou de outras regiões e países (67%). De forma análoga a Cuiabá, apesar de uma diferença não alinhada no que tange ao gênero, a correlação da variante *orvalho* às variáveis sociolinguísticas faixa etária e nível de escolaridade indica uma tendência de mudança em progresso nesta comunidade de fala.

A figura 207 evidencia, pela distribuição da variante *estrela d'alva* por faixa etária, no ponto linguístico Cuiabá, que não há possibilidade de mudança em progresso, visto que os três grupos etários refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais próximos e com certo grau de elevação (64% a 73% e 76%). A partir da relação da variante *estrela d'alva* ao fator extralinguístico nível de escolaridade, pode-se constatar que os primeiros grupos utilizam, quase que categoricamente, a variante conservadora (80% e 79%, respectivamente), enquanto que, o último grupo se apresenta com percentual inferior (45%). Ao correlacionar a variante *estrela d'alva* à variável naturalidade, não se identifica tendência à inovação, visto que os percentuais estão elevados nos três grupos, inclusive todos os informantes de outras regiões ou países não introduziram outra variante linguística. A variável gênero, apesar de um aumento do percentual do grupo masculino (52%) para o feminino (89%), não é suficiente para explicar algum princípio de inovação linguística, de modo que, a lexia *estrela d'alva* fora selecionada como a padrão e de maior prestígio na comunidade de fala cuiabana, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

Na Covilhã, a variante *estrela da manhã*, apesar de exibir baixo índice de frequência, apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos. Ao analisar a distribuição da referida variante, em tempo aparente, evidencia-se que, o grupo intermediário e o grupo mais velho, refletem o uso da variante conservadora *estrela da manhã*, na medida em que os baixos índices de frequência se sobrepõem gradativamente de 31% a 38%. Entretanto, o grupo etário mais jovem não a utiliza, o que pressupõe, neste momento, o possível desaparecimento da variante *estrela da manhã* na prática verbal dos jovens do Concelho da Covilhã num futuro próximo.

**Figura 207:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Estrela D'alva/Manhã em Cuiabá e Covilhã.



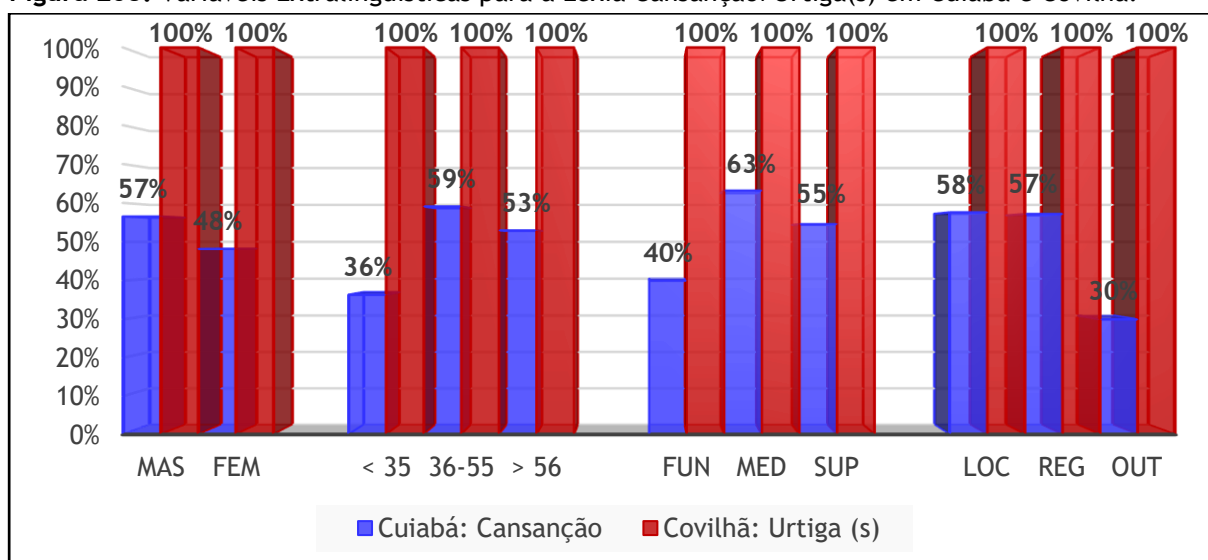
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

O nível de escolaridade dos informantes apresenta percentual linearmente decrescente e, da mesma forma, contribui para a contemporização da variante em questão. São os mais velhos, com nível de escolaridade inferior e os nativos do local em estudo, que atualizam a variante *estrela da manhã* e contribuem para a sua permanência nesta comunidade linguística. A análise da Figura 207 permite evidenciar o equilíbrio entre os gêneros masculino (29%) e feminino (31%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto na Covilhã. O baixo percentual da variante de maior frequência *estrela da manhã*, no ponto linguístico luso, pode estar relacionado ao registro de mais oito itens lexicais, identificados na Figura 32, do capítulo anterior.

A distribuição da variante *cansação*, em tempo aparente, sugere uma variação estável, visto que o ápice de frequência se situa na faixa intermediária (59%), com um leve decréscimo na última faixa etária (53%), ficando o menor índice de frequência com a faixa etária mais jovem (36%), como pode ser observado na Figura 208. A partir da correlação da variante *cansação* ao fator gênero, evidencia-se que o grupo masculino apresenta percentual mais elevado (57%) em relação ao feminino (48%), fato que sugere sua preferência pela forma estigmatizada nesta comunidade de fala. Contudo, a variável nível de escolaridade apresenta o mesmo padrão curvilíneo, característico do fator faixa etária, cuja curva se acentua no nível intermediário (63%), com um decréscimo, em relação ao grupo com escolaridade superior (55%), indicativo de que são os informantes com maior nível de

escolaridade os responsáveis pela conservação da referida variante. Este aspecto pode ser explicado pela correlação da variante *cansanção* com a variável naturalidade, ou seja, os maiores percentuais são identificados entre os informantes nativos (58%) e da região (57%), que a define como uma variante conservadora, não padrão e estigmatizada, no entanto, configura-se como a forma linguística mais forte dentro da comunidade. Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante *cansanção*, a qual poderá ser suplantada no futuro pela variante inovadora *urtiga* (Figura 41), considerada padrão e de maior prestígio sociolinguístico, vinculada pelos meios de uniformização linguística.

**Figura 208:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Cansanção/Urtiga(s) em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

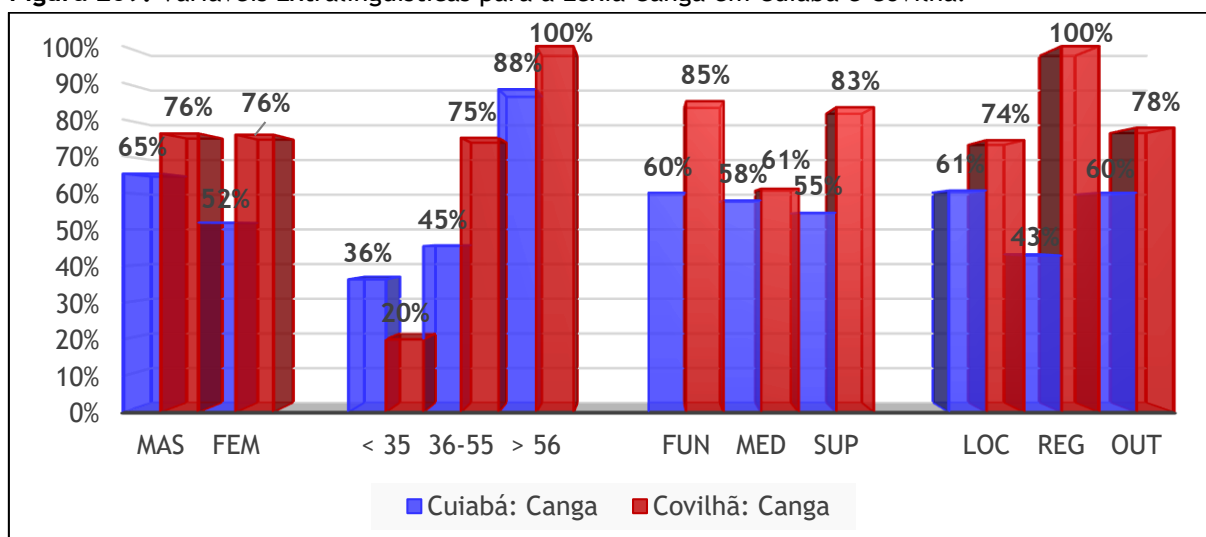
Na Covilhã evidencia-se, pela correlação da variante *urtiga* (s) às variáveis sociolinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, haja vista que todos os grupos em estudo empregam, categoricamente, a variante *urtiga* (s), apresentada com o percentual de 100%. Pode-se concluir que a mesma não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, configurada como conservadora, padrão e, portanto, de maior prestígio sociolinguístico nesta comunidade de fala portuguesa.

A correlação da variante *canga* ao fator extralinguístico gênero, exposta na figura 209, indica que o grupo masculino apresenta percentual mais elevado (65%) em relação ao feminino (52%), fator que contribui para a permanência da forma conservadora em Cuiabá, neste momento. A distribuição desta variante, em tempo aparente, expõe progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (36%), um leve acréscimo na faixa etária intermediária (45%) e gradação maior na faixa etária mais velha (88%), o que equivale a dizer que, é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora *canga*, cujo emprego está subjugado pelos mais jovens, os quais desconhecem o objeto em estudo. Destarte, pressupõe-se que, a variante *canga*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, apresenta uma tendência a desaparecer na prática verbal dos jovens cuiabanos.



Quanto ao fator nível de escolaridade, apresenta percentual linear decrescente do nível fundamental (60%) para o superior (55%). A variável naturalidade exhibe percentuais equilibrados entre os informantes nativos (61%) e de outras regiões ou países (60%), com diminuição no percentual de informantes nascidos nas regiões próximas a Cuiabá (43%), particularidades que contribuem para a contemporização da variante em questão. A partir da correspondência entre as variáveis extralinguísticas faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, foi possível identificar a conservação da variante *canga* no falar cuiabano, entretanto, representa uma mudança em potencial, visto que os maiores percentuais são identificados entre os informantes mais velhos (88%), de nível de escolaridade fundamental (60%) e nativos do local em estudo (61%). Trata-se, portanto, de uma variante conservadora, padrão e de maior prestígio sociolinguístico nesta comunidade de fala.

**Figura 209:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia *Canga* em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

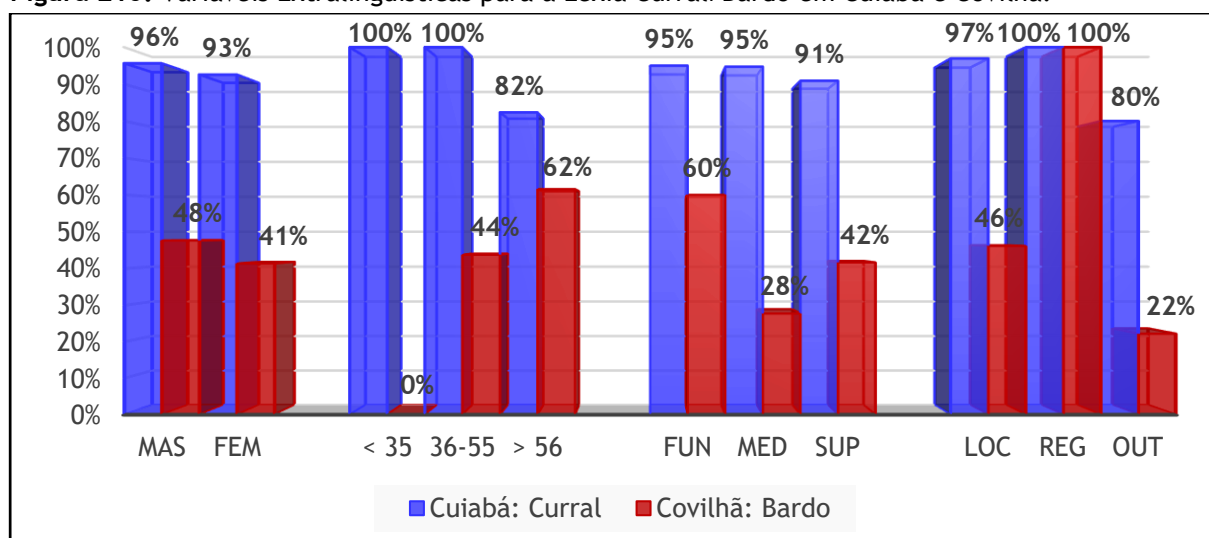
Na Covilhã, a variante *canga* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 209. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, é apresentada com uma progressão linear unidirecional entre os grupos etários, com um avanço dramático no grupo mais velho (100%) em comparação ao grupo mais jovem (20%). Portanto, a análise da variável faixa etária permite inferir que, o grupo intermediário e o grupo mais velho, refletem o uso da variante conservadora *canga*, na medida em que os altos índices de frequência se sobrepõem gradativamente de 75% a 100%. Estes indicativos mostram que, a variante *canga*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, apresenta-se em fase de desaparecimento na prática verbal dos jovens covilhanenses.

A partir da correlação da variante *canga* ao fator extralinguístico nível de escolaridade, pode-se constatar que os grupos com menor e maior nível de escolaridade, utilizam, quase que categoricamente, a variante conservadora (85% e 83%, respectivamente), enquanto que, o grupo com nível de escolaridade média se apresenta com percentual inferior (61%). Em relação à variável naturalidade, não se identifica tendência à inovação, visto que os percentuais estão elevados nos três

grupos e, da mesma forma, contribui para a contemporização da variante em questão. Quanto ao fator gênero, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino e feminino (76%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto na Covilhã. A interdependência das variáveis faixa etária e nível de escolaridade sugere, inclusive, uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

A Figura 210 evidencia, pela correlação da variante *curral* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo empregam, quase que categoricamente, a variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados. Pode-se concluir que a lexia *curral* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio na comunidade de fala cuiabana, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

**Figura 210:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Curral/Bardo em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

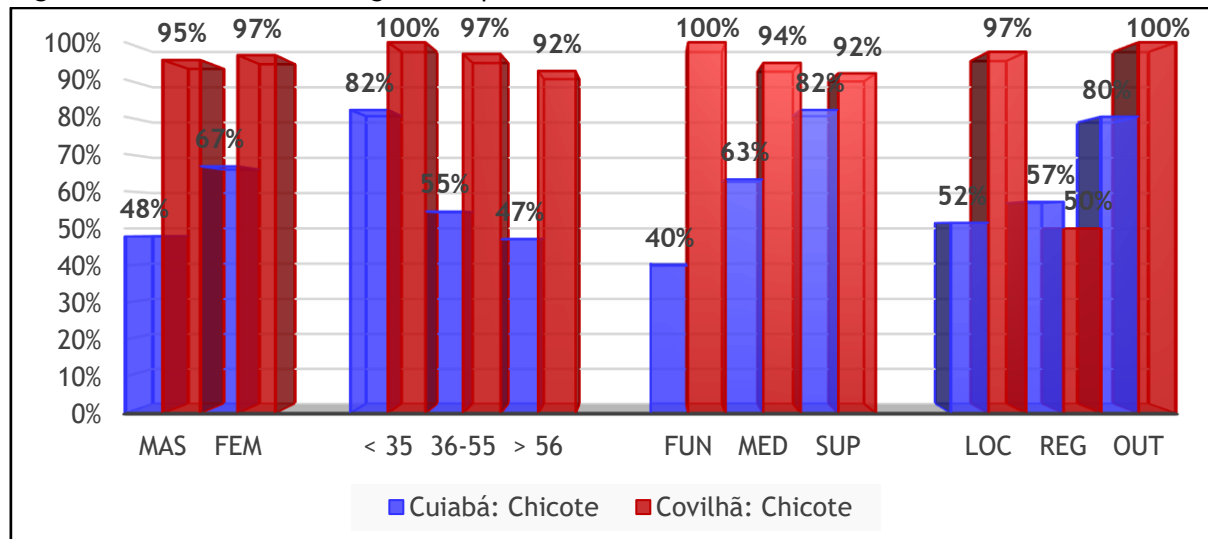
No ponto linguístico Covilhã, a variante *bardo* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes, como pode ser observado na Figura 210. Ao analisar a distribuição da referida variante, em tempo aparente, evidencia-se que, o grupo intermediário e o grupo mais velho, refletem o uso da variante conservadora *bardo*, na medida em que os índices de frequência se sobrepõem gradativamente de 44% a 62%. Entretanto, não foi registrada na faixa etária mais jovem, indicativo de que a variante em questão se encontra em fase de desaparecimento na prática verbal dos mais jovens do Concelho da Covilhã, o que poderá indiciar a extinção da sua realização num futuro próximo. Quanto ao fator gênero, constata-se que o grupo masculino apresenta percentual mais elevado (48%) em relação ao feminino (41%), aspecto que sugere a preferência pela forma estigmatizada nesta comunidade de fala.

A correspondência da variante *bardo* ao fator extralinguístico nível de escolaridade, indica que o grupo com menor escolarização apresenta percentual mais elevado (60%) em relação ao grupo

com escolaridade média (28%) e superior (42%). Considerando a variável naturalidade, o ápice de frequência se situa no grupo composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas a Covilhã (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (46%) e de outras regiões ou países (22%). Destarte, a correlação da variante *bardo* às variáveis extralinguísticas, permite inferir que são os informantes mais velhos, com menor nível de escolaridade e nativos do local em estudo ou das proximidades, os responsáveis pela permanência da forma conservadora na Covilhã, neste momento. Tais especificidades permitem defini-la como uma variante conservadora, não padrão e estigmatizada, porém, é a forma linguística mais forte dentro da comunidade. Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante *bardo*, a qual poderá ser suplantada, no futuro, pela variante inovadora *curral* (Figura 54), considerada padrão e de maior prestígio sociolinguístico, vinculada pelos meios de uniformização linguística.

A partir da correlação da variante *chicote* ao fator gênero, evidencia-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (67%) em relação ao masculino (48%), como exposto na Figura 211. Esta particularidade deve-se ao fato de que as mulheres são mais propensas ao emprego da forma inovadora, determinada como padrão e de maior prestígio sociolinguístico, em comparação aos homens. A distribuição da variante *chicote*, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária mais jovem (82%), com um decréscimo na faixa intermediária (55%) e na faixa etária mais velha (47%).

**Figura 211:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Chicote em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

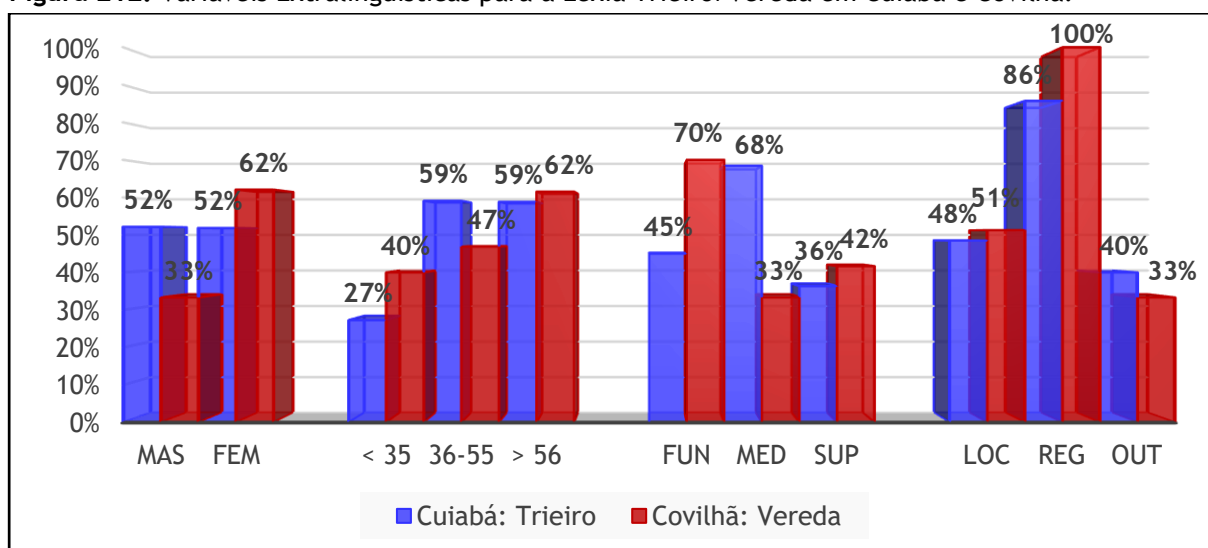
Quanto à variável escolaridade, identifica-se uma progressão linear crescente entre os três grupos, com um avanço dramático no grupo com nível de escolaridade superior (82%) em comparação ao grupo com menor escolaridade (40%). Em relação ao fator extralinguístico naturalidade, a maior frequência de uso da variante *chicote* está entre os informantes inquiridos de outras regiões e ou países (80%). Estas especificidades contribuem para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala. Destarte, a variante *piraim* (Figura 54), identificada no presente estudo, como regionalismo do falar cuiabano, foi suplantada pela forma inovadora *chicote*, estabelecida como

padrão e de maior prestígio sociolinguístico, possivelmente internalizada nesta variedade do Português Brasileiro por influência dos meios de uniformização linguística.

A Figura 211 evidencia, pela correlação da variante *chicote* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados e equilibrados. A partir da relação da variante *chicote* à variável naturalidade, constata-se que os informantes nativos e aqueles nascidos em outras regiões ou países utilizam, categoricamente, a variante conservadora *chicote* (97% e 100%, respectivamente), enquanto que, o grupo de indivíduos nascidos nas regiões próximas a Covilhã, se apresenta com percentual inferior (50%). Pode-se concluir que a lexia *chicote* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio na comunidade de fala covilhanense, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

A partir da correlação da variante *trieiro* ao fator gênero, exposta na Figura 212, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino e feminino (52%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto em Cuiabá. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, permite inferir que, a faixa etária intermediária e a faixa etária mais velha, refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam o mesmo índice de frequência (59%), enquanto que, a faixa etária mais jovem exibe percentual inferior (27%). Estes indicativos revelam que, a variante *trieiro*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, apresenta-se em fase de desaparecimento na prática verbal dos jovens cuiabanos, os quais têm predileção por formas linguísticas inovadoras.

**Figura 212:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Trieiro/Vereda em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

A variável escolaridade exibe um padrão curvilíneo, cuja curva se acentua no grupo com nível de escolaridade média (68%), com um decréscimo, em relação ao grupo com escolaridade inferior (45%) e superior (36%). Neste caso, são os informantes com escolaridade fundamental e média os mantenedores da forma linguística conservadora. De forma análoga, a variável naturalidade apresenta

o mesmo padrão curvilíneo característico do fator escolarização, ou seja, o ápice de frequência se situa no grupo intermediário (86%), (indivíduos nascidos em regiões próximas a Cuiabá), com um decréscimo, em relação ao grupo composto por informantes nativos (48%) e de outras regiões ou países (40%). Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante *trieiro*, a qual poderá ser suplantada no futuro pela variante inovadora trilha/o (Figura 54), considerada padrão e de maior prestígio sociolinguístico, vinculada pelos meios de uniformização linguística. Cabe ressaltar que, a variante léxica *trieiro*, instituída como conservadora, não-padrão e estigmatizada, é a forma linguística mais forte dentro da comunidade. Inclusive, esta variante consta na obra “Do falar cuiabano”, primeiro estudo descritivo de caráter dialetológico, relativo ao léxico cuiabano, datado de 1978. Destarte, a variante *trieiro*, empregada na acepção de “caminho”, após três décadas, permanece conservada no falar cuiabano.

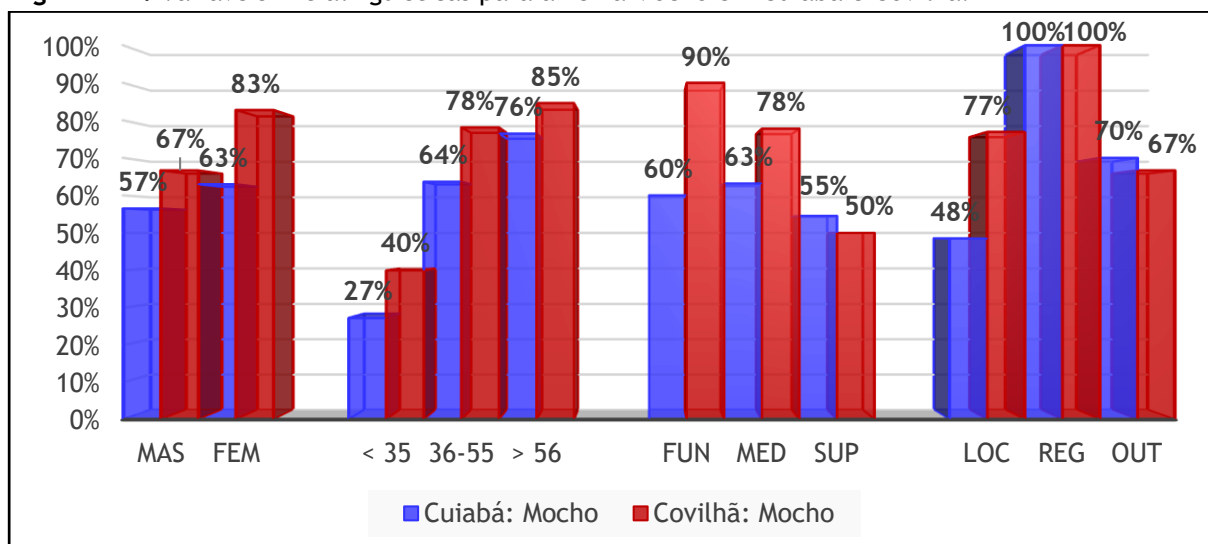
No ponto linguístico Covilhã, a variante *vereda* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 212. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, expõe progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (40%), um leve acréscimo na faixa etária intermediária (47%) e gradação maior na faixa etária mais velha (62%), o que equivale a dizer que, é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora *vereda*, cujo emprego está subjugado pelos mais jovens, os quais privilegiam as formas linguísticas inovadoras. Quanto ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (62%) em relação ao masculino (33%), visto que as mulheres são mais propensas ao emprego de variantes que correspondem a norma padrão ou de maior prestígio social, contribuindo, neste caso, para a preservação da forma linguística conservadora.

A correspondência da variante *vereda* ao fator extralinguístico nível de escolaridade, indica que o grupo com menor escolarização apresenta percentual mais elevado (70%) em relação aos grupos com escolaridade média (33%) e superior (42%). Considerando a variável naturalidade, o ápice de frequência se situa no grupo composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas a Covilhã (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (51%) e de outras regiões ou países (33%). Destarte, a correlação da variante *vereda* às variáveis extralinguísticas, permite inferir que são os informantes mais velhos, com menor nível de escolaridade e nativos do local em estudo ou das proximidades, os responsáveis pela permanência da forma conservadora na Covilhã, neste momento. Tais especificidades permitem defini-la como uma variante conservadora, padrão e de maior prestígio sociolinguístico. A interdependência das variáveis faixa etária e nível de escolaridade sugere, inclusive, uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

No ponto linguístico Cuiabá, a variante *mocho* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 213. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, expõe progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (27%), um acréscimo na faixa etária intermediária (64%) e

gradação maior na faixa etária mais velha (76%), o que equivale a dizer que, é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora *mocho*, cujo emprego está subjugado pelos mais jovens, os quais privilegiam as formas linguísticas inovadoras. Quanto ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (63%) em relação ao masculino (57%). A variável nível de escolaridade exibe um padrão curvilíneo, cuja curva se acentua no grupo com escolarização média (63%), com um decréscimo, em relação ao grupo com escolaridade fundamental (60%) e superior (55%). Neste caso, são os informantes com escolaridade fundamental e média os mantenedores da forma linguística conservadora. Em relação à variável naturalidade, o ápice de frequência se situa no grupo composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas a Cuiabá (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (48%) e de outras regiões ou países (70%). A correspondência da variante *mocho* às variáveis sociolinguísticas faixa etária e nível de escolaridade, permite inferir que há indicativo de mudança em potencial nesta comunidade de fala.

**Figura 213:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Mocho em Cuiabá e Covilhã.



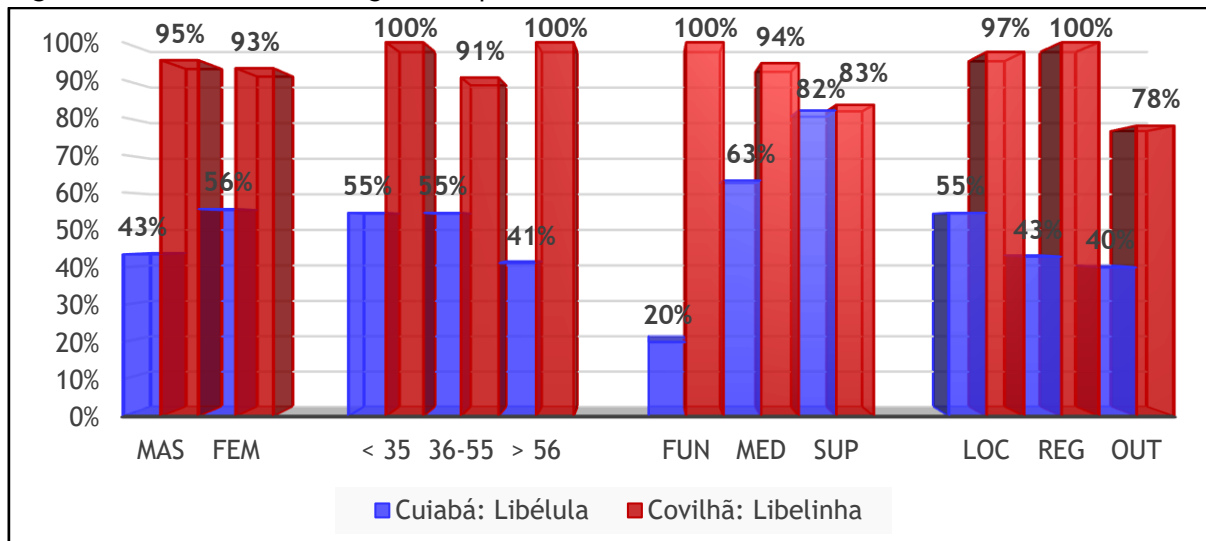
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Na Covilhã, a variante *mocho* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada às variáveis sociolinguísticas faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser constatado na Figura 213. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, é apresentada com uma progressão linear unidirecional entre os grupos etários, com um avanço dramático no grupo mais velho (85%) em comparação ao grupo mais jovem (40%), o qual privilegia as formas linguísticas inovadoras. Portanto, a análise da variável faixa etária permite inferir que, o grupo intermediário e o grupo mais velho, refletem o uso da variante conservadora, na medida em que os altos índices de frequência se sobrepõem gradativamente de 78% a 85%. A partir da relação da variante *mocho* ao fator extralinguístico nível de escolaridade, pode-se constatar que os grupos com escolarização fundamental e média utilizam, quase que categoricamente, a variante conservadora (90% e 78%, respectivamente), enquanto que, o grupo com escolaridade superior se apresenta com percentual inferior (50%) e, da mesma forma, contribui para a contemporização da variante em questão. Considerando a variável naturalidade, o ápice de frequência se situa no grupo

composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas a Covilhã (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (77%) e de outras regiões ou países (67%). Quanto ao fator gênero, verifica-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (83%) em relação ao masculino (67%). Destarte, verifica-se que são os informantes mais velhos, com menor nível de escolaridade e nativos do local em estudo ou das regiões próximas a Covilhã, que atualizam a variante *mocho*, contribuindo, neste caso, para a preservação da forma linguística conservadora. Entretanto, a equivalência das variáveis faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade sugere uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

Em Cuiabá, a variante *libélula* apresenta tendência inovadora quando correlacionada aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 214. A partir da correlação da variante *libélula* ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (56%) em relação ao masculino (43%). Esta particularidade deve-se ao fato de que as mulheres são mais propensas ao emprego de variantes que correspondem a norma padrão ou de maior prestígio social, contribuindo, neste caso, para a implementação da forma linguística inovadora. A distribuição da variante *libélula*, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que os jovens implementam mais a variante inovadora (55%), comparativamente ao segmento etário mais velho (41%).

**Figura 214:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Libélula/Libelinha em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

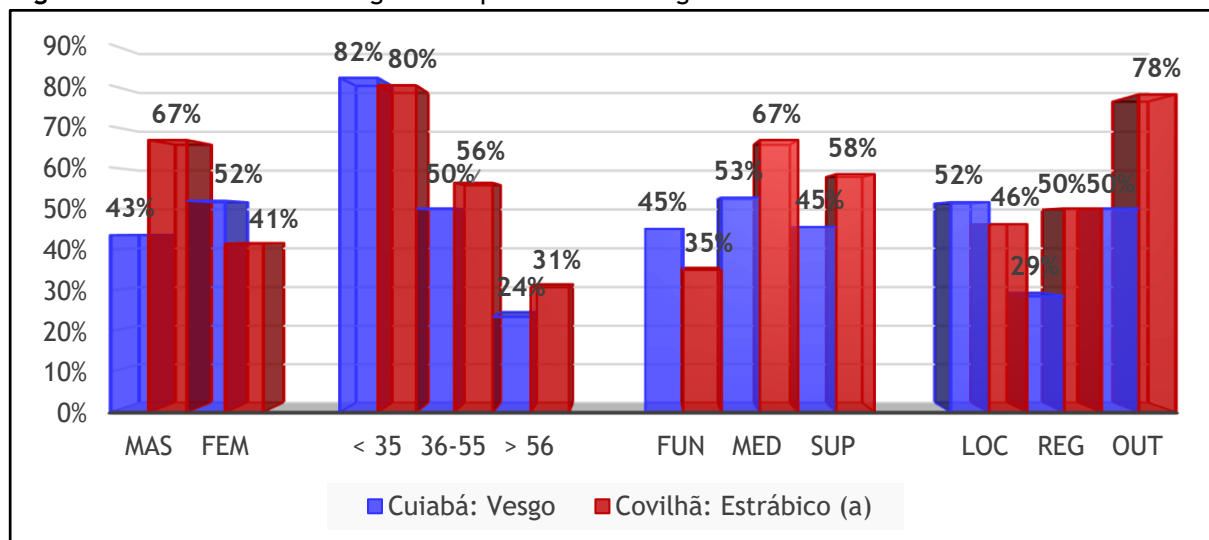
Quanto à variável escolaridade, identifica-se uma progressão linear crescente entre os três grupos, com um avanço dramático no grupo com nível de escolaridade superior (82%) em comparação ao grupo com menor escolaridade (20%), especificidades que contribuem para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala cuiabana. Destarte, a variante léxica *mãe-de-peixe* (Figura 67), regionalismo do falar cuiabano, foi suplantada pela forma inovadora *libélula*, instituída como padrão e de maior prestígio sociolinguístico, possivelmente internalizada nesta variedade do Português Brasileiro por influência dos meios de uniformização linguística.



A Figura 214 evidencia, pela correlação da variante *libelinha* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados e equilibrados. Pode-se concluir que a variante léxica *libelinha* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como não padrão e estigmatizada, no entanto, configura-se como a forma linguística mais forte dentro da comunidade, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

A distribuição da variante *vesgo*, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária mais jovem (82%), com um decréscimo na faixa intermediária (50%) e na faixa etária mais velha (24%). A partir da correlação da variante *vesgo* ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (52%) em relação ao masculino (43%). A variável nível de escolaridade exibe um padrão curvilíneo, cuja curva se acentua no grupo com escolarização média (53%), com um decréscimo, em relação aos grupos com escolaridade fundamental e superior (45%). Em relação ao fator extralinguístico naturalidade, a maior frequência de uso da variante *vesgo* está entre os informantes nativos (52%), com leve decréscimo para o grupo constituído por indivíduos entrevistados de outras regiões e ou países (50%). Estas especificidades contribuem para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala brasileira.

**Figura 215:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Vesgo/Estrábico em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

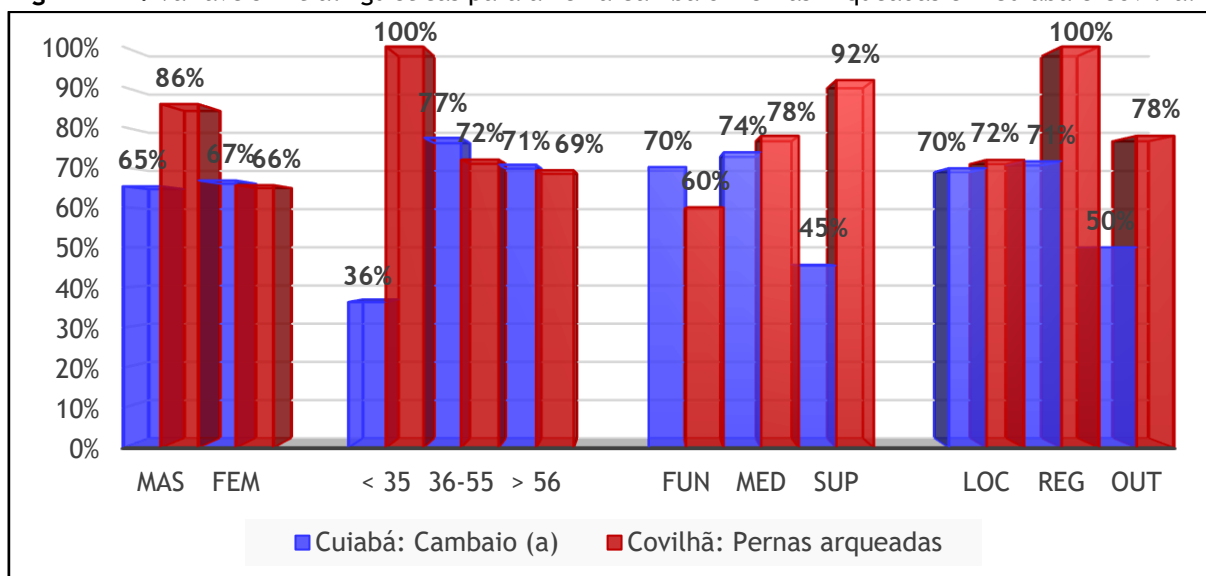
Na Covilhã, a variante *estrábico (a)* apresenta tendência inovadora quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 215. A distribuição da variante *estrábico*, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que os jovens implementam mais a variante inovadora (80%), comparativamente ao segmento etário mais velho (31%). A variável nível de escolaridade exibe um padrão curvilíneo, cuja curva se acentua no grupo com escolarização média (67%), com um decréscimo, em relação aos grupos com escolaridade fundamental (35%) e superior



(58%). Neste caso, são os informantes com maior nível de escolaridade os responsáveis pela implementação da forma linguística inovadora. Em relação ao fator extralinguístico naturalidade, a maior frequência de uso da variante *estrábico* está entre os informantes inquiridos de outras regiões e ou países (78%). Estas especificidades contribuem para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala portuguesa. Destarte, a variante léxica *vesgo*, empregada com maior frequência entre os falantes nativos (Figura 87), foi suplantada pela forma inovadora *estrábico*, instituída como padrão e de maior prestígio sociolingüístico, possivelmente internalizada nesta variedade do Português Europeu por influência dos meios de uniformização linguística.

A distribuição da variante *cambaio/a*, em tempo aparente, sugere uma variação estável, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária intermediária (77%), com um leve decréscimo no segmento etário mais velho (71%), ficando o menor índice de frequência na faixa etária mais jovem (36%), como pode ser observado na Figura 216. A variável nível de escolaridade exhibe o mesmo padrão curvilíneo, característico do fator faixa etária, cuja curva se acentua no grupo com escolarização média (74%), com um decréscimo, em relação aos grupos com escolaridade fundamental (70%) e superior (45%), indicativo de que são os informantes com nível de escolaridade fundamental e média, neste caso, os responsáveis pela preservação da forma linguística conservadora. Ao correlacionar a variante *cambaio/a* à variável naturalidade, verifica-se que os maiores percentuais são identificados entre os informantes nativos (70%) e das regiões próximas a Cuiabá (71%). Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante léxica *cambaio/a*, na comunidade de fala cuiabana.

**Figura 216:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Cambaio/Pernas Arqueadas em Cuiabá e Covilhã.



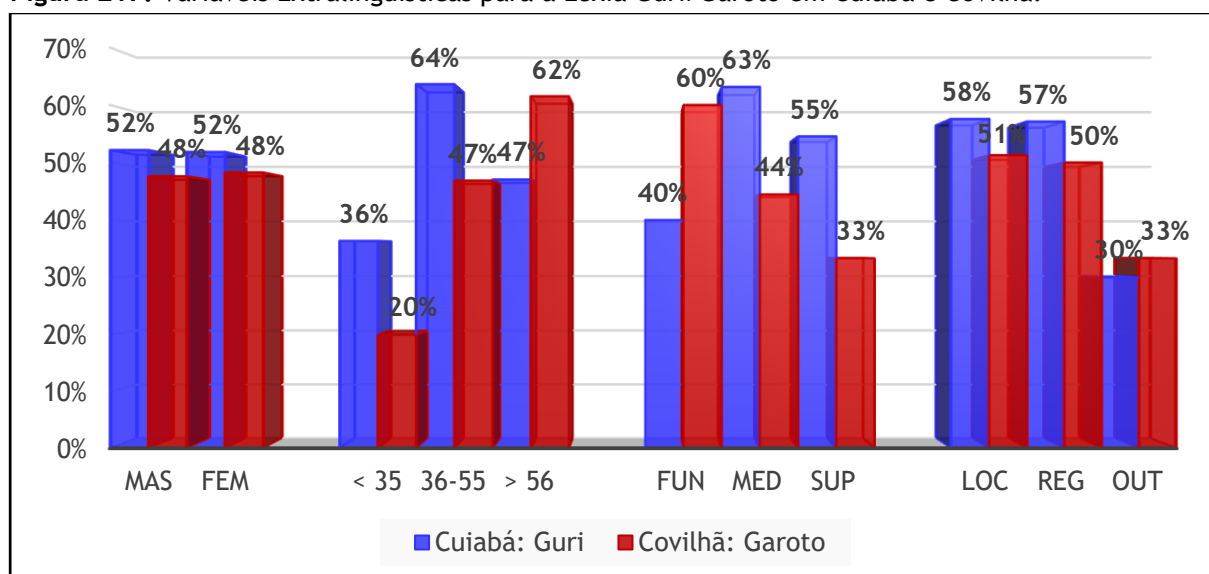
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

No ponto linguístico Covilhã, a variante léxica *pernas arqueadas* apresenta tendência inovadora quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser verificado na Figura 216. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que os jovens implementam mais a variante inovadora (100%), comparativamente ao segmento

etário mais velho (69%). Quanto à variável escolaridade, apresenta-se de forma linear crescente do nível fundamental (60%) para o superior (92%). Considerando a variável naturalidade, o ápice de frequência se situa no grupo composto por indivíduos nascidos nas regiões próximas a Cuiabá (100%), com diminuição no índice de frequência para o grupo de informantes nativos (72%) e de outras regiões ou países (78%). Neste caso, são os informantes mais jovens, com maior nível de escolaridade e que advêm de outras regiões ou países os responsáveis pela implementação da forma linguística inovadora. Estas especificidades contribuem para uma tendência de mudança que se processa na comunidade de fala portuguesa.

A partir da correlação da variante *guri* ao fator gênero, exposta na Figura 217, evidencia-se total simetria entre o grupo masculino (52%) e feminino (52%), o que torna a variável estatisticamente irrelevante sob este aspecto em Cuiabá. A distribuição da variante *guri*, em tempo aparente, sugere uma variação estável, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária intermediária (64%), decrescendo em relação aos demais segmentos etários. A variável nível de escolaridade exhibe o mesmo padrão curvilíneo, característico do fator faixa etária, cuja curva se acentua no grupo com escolarização média (63%), com um decréscimo, em relação aos grupos com escolaridade fundamental (40%) e superior (55%).

**Figura 217:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Guri/Garoto em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Quanto à variável naturalidade, verifica-se que os maiores percentuais são identificados entre os informantes nativos (58%) e das regiões próximas a Cuiabá (57%). Estas particularidades são responsáveis por uma tendência conservadora da variante léxica *guri*, a qual poderá ser suplantada, no futuro, pela variante inovadora *menino* (Figura 113). Inclusive, esta variante consta na obra “Do falar cuiabano” (Drummond, 1978), primeiro estudo descritivo de caráter dialetológico, relativo ao léxico cuiabano. Destarte, a variante *guri*, empregada na acepção de “menino, criança”, após três décadas, permanece conservada, evidenciando a influência da língua indígena na constituição do falar cuiabano.

Na Covilhã, a variante léxica *garoto* apresenta tendências conservadoras quando correlacionada às variáveis sociolinguísticas faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser constatado na Figura 217. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, revela uma progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (20%), um acréscimo na faixa etária intermediária (47%) e gradação maior na faixa etária mais velha (62%), o que equivale a dizer que, é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora, cujo emprego está subjogado pelos mais jovens, os quais privilegiam as formas linguísticas inovadoras. Destarte, pressupõe-se que, a variante *garoto*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, apresenta uma tendência a desaparecer na prática verbal dos jovens covilhanenses.

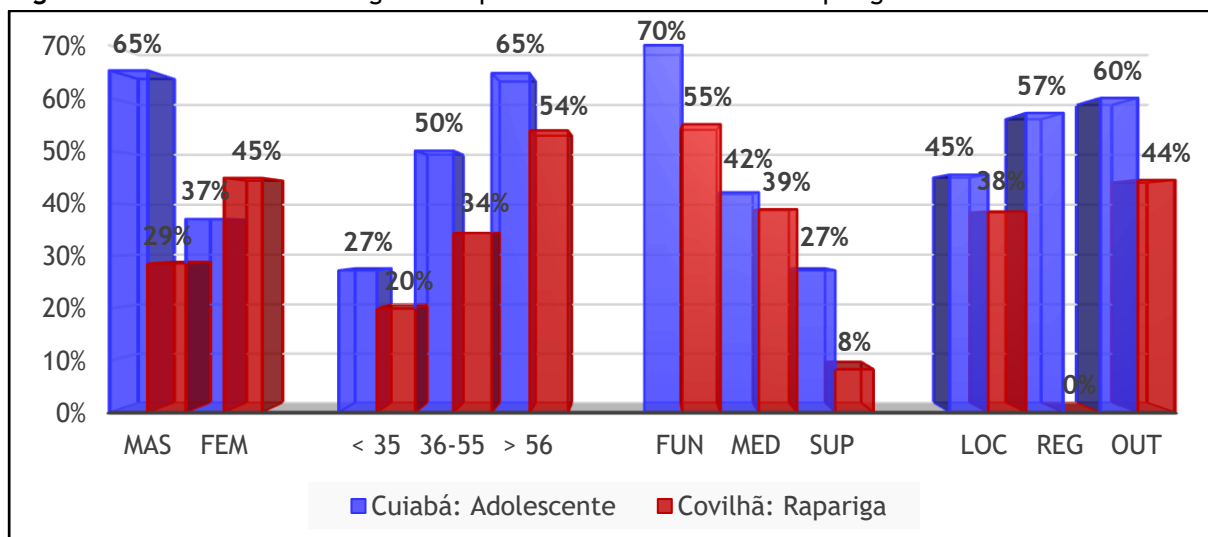
Quanto ao fator extralinguístico escolaridade, apresenta percentual linear decrescente do nível fundamental (60%) para o superior (33%). A variável naturalidade exhibe percentuais equilibrados entre os informantes nativos (51%) e de regiões próximas ao Concelho da Covilhã (50%), com diminuição no percentual de informantes de outras regiões ou países (33%). A correspondência da variante *garoto* às variáveis sociolinguísticas faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, permite inferir que há indicativo de mudança em potencial nesta comunidade de fala beirã, visto que os maiores percentuais são identificados entre os informantes mais velhos, de nível de escolaridade fundamental e nativos do local em estudo.

No ponto linguístico Cuiabá, a variante léxica *adolescente* apresenta tendência conservadora quando correlacionada às variáveis gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, como pode ser verificado na Figura 218. A correspondência da referida variante ao fator extralinguístico gênero, indica que o grupo masculino apresenta percentual mais elevado (65%) em relação ao feminino (37%), fator que contribui para a permanência da forma linguística conservadora em Cuiabá, neste momento. A análise da distribuição da variante *adolescente*, em tempo aparente, permite inferir que, o segmento etário mais velho tem predileção pela forma linguística conservadora (65%), comparativamente às faixas etárias intermediária (50%) e jovem (27%). Quanto à variável escolaridade, apresenta-se de forma linear decrescente do nível fundamental (70%) para o superior (27%), especificidades que pressupõem uma mudança em potencial na comunidade de fala cuiabana, independentemente do comportamento linear crescente no que se refere à naturalidade dos indivíduos entrevistados.

Na Covilhã, a variante *rapariga* apresenta tendência conservadora quando correlacionada aos fatores extralinguísticos gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 218. A partir da correspondência da referida variante ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (45%) em relação ao masculino (29%). Esta característica deve-se ao fato de que as mulheres são mais propensas ao emprego de variantes que correspondem a norma padrão ou de maior prestígio social, contribuindo, neste caso, para a preservação da forma linguística conservadora.

A distribuição em tempo aparente expõe progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor percentual na faixa etária mais jovem (20%), um acréscimo na faixa etária intermediária (34%) e gradação maior na faixa etária mais velha (54%), o que equivale a dizer que é, este último, o grupo que reflete o uso da variante conservadora *rapariga*, cujo emprego está subjugado pelos mais jovens, os quais privilegiam as formas linguísticas inovadoras.

**Figura 218:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Adolescente/Rapariga em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

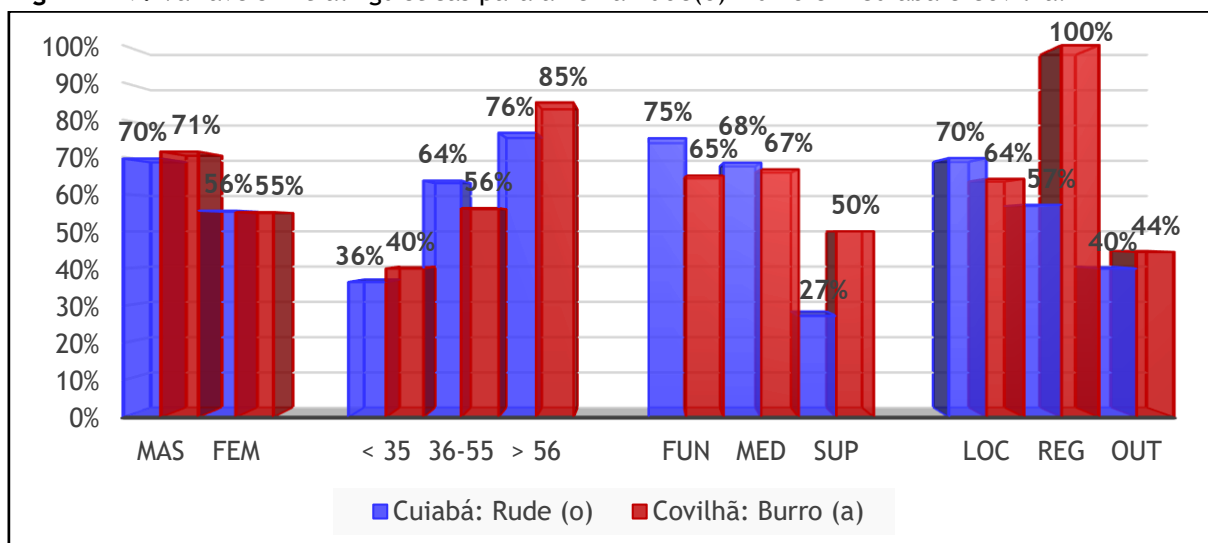
Destarte, pressupõe-se que, a variante *rapariga*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos, apresenta uma tendência a desaparecer na prática verbal dos jovens covilhanenses. O fator extralinguístico nível de escolaridade, indica que o grupo com menor escolarização apresenta percentual mais elevado (55%) em relação aos grupos com escolaridade média (39%) e superior (8%). Tais particularidades sugerem uma mudança em potencial nesta comunidade de fala portuguesa.

Os percentuais apresentados pela estratificação da variante *rude(o)* nos grupos de variáveis sociolinguísticas revelam uma tendência conservadora em Cuiabá. Trata-se da variante mais empregada dentre os homens (70%), por falantes com nível de escolaridade fundamental (75%) e nativos do local de estudo (70%); nos últimos dois casos, com comportamento linear decrescente, devidamente ajustado para a referida característica. Por fim, a distribuição da variante léxica *rude(o)*, em tempo aparente, apresenta-se de forma linear crescente, dos mais jovens (36%) para os mais velhos (76%), reafirma a tendência conservadora exposta e sugere uma mudança em potencial para as próximas gerações, na comunidade de fala cuiabana (Figura 219).

A lexia *burro(a)*, preferência da maioria dos informantes de Covilhã, segue a mesma tendência identificada na comunidade linguística brasileira, apesar de não apresentar comportamentos lineares em todos os casos. Contudo, é a variante selecionada pela maioria dos homens (71%), pelos informantes com nível de escolaridade fundamental (65%) e média (67%), assim como, é mais empregada pelos nativos (64%) em comparação aos informantes de outras regiões ou países (44%). A distribuição em tempo aparente possui característica semelhante à cuiabana, de modo que a

tendência conservadora deve assegurar a predileção pela variante estigmatizada, para as próximas gerações, na comunidade linguística lusitana.

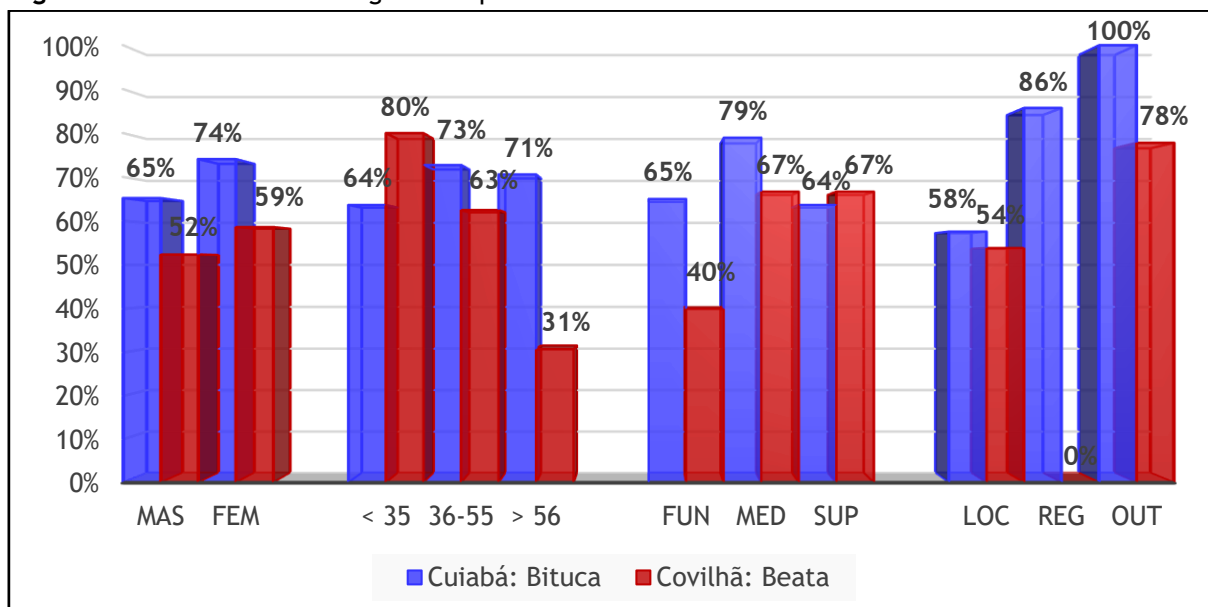
**Figura 219:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Rude(o)/Burro em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

A Figura 220 evidencia, pela correlação da variante *bituca* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária e nível de escolaridade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo refletem o uso da variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais equilibrados. Pode-se concluir que a variante léxica *bituca* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como não padrão e estigmatizada, no entanto, configura-se como a forma linguística mais forte dentro da comunidade de fala cuiabana, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações, independente do comportamento linear crescente no que se refere à naturalidade dos indivíduos entrevistados.

**Figura 220:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Bituca/Beata em Cuiabá e Covilhã.

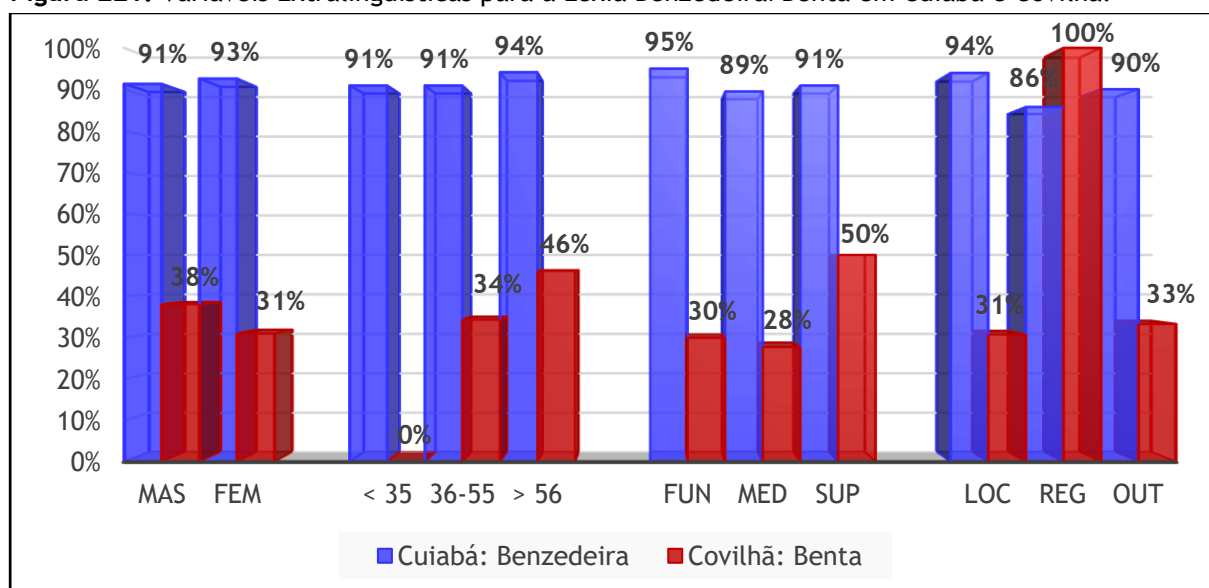


Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Na Covilhã, a variante *beata* apresenta tendência inovadora quando correlacionada às variáveis sociolinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, como pode ser observado na Figura 220. Possui predileção maior entre as mulheres (59%), àqueles com maior nível de escolaridade (67%), bem como, dentre os advindos de outras regiões ou países (78%). Contudo, para corroborar com o exposto, a distribuição em tempo aparente apresenta uma progressão linear decrescente, dos mais jovens (80%) para os mais velhos (31%), de modo a confirmar uma tendência de mudança em progresso para a variante léxica *beata*, caracterizada como inovadora, não padrão e estigmatizada, porém é a forma linguística mais forte dentro da comunidade.

A Figura 221 evidencia, pela correlação da variante *benzedeira* aos fatores sociolinguísticos gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo empregam, quase que categoricamente, a variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados e equilibrados. Pode-se concluir que a variante léxica *benzedeira* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio na comunidade de fala cuiabana, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

**Figura 221:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Benzedeira/Benta em Cuiabá e Covilhã.

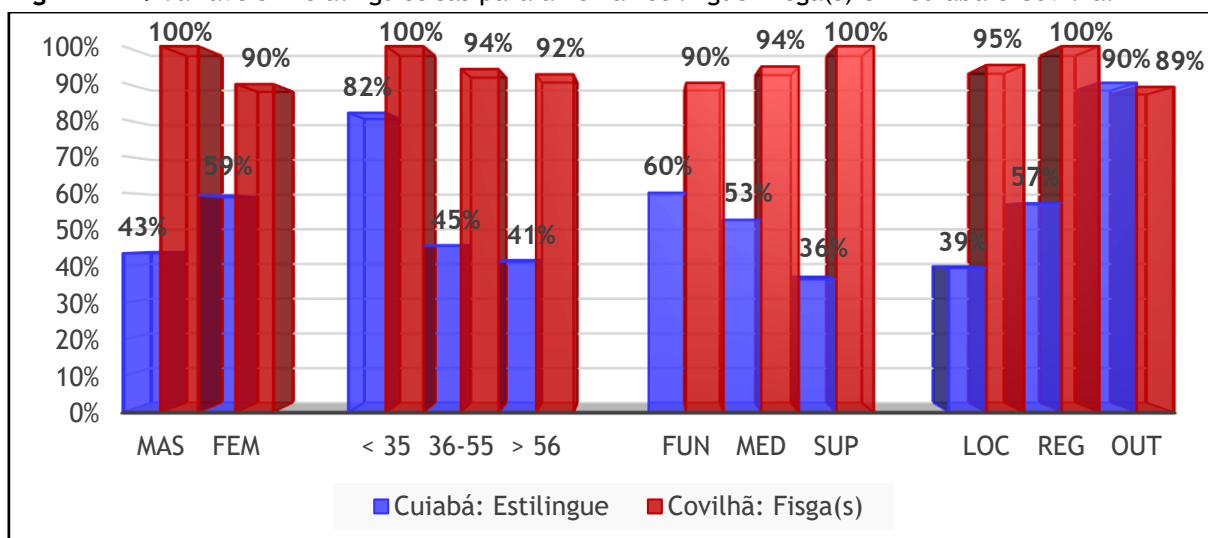


Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Quando analisada a variante *benta* na Covilhã, chama atenção o fato de que, na distribuição em tempo aparente, nenhum informante pertencente ao grupo etário mais jovem a emprega; somente o grupo intermediário (34%) e os mais velhos (46%). Com percentuais relativamente baixos dentre os demais grupos de variáveis, sem qualquer tendência em destaque, a variante em questão sustenta sua predileção entre as faixas etárias mais elevadas, de modo que se mantém conservada até o momento. Contudo, tende a desencadear uma mudança em potencial para as próximas gerações, na medida em que a variante selecionada pelos mais jovens (*bruxa*) tornar-se a mais empregada nesta comunidade de fala.

Na Figura 222, quando observado os percentuais distribuídos nas variáveis extralinguísticas gênero, faixa etária e naturalidade, identifica-se uma tendência inovadora, provocada pela adoção na comunidade de fala cuiabana da variante de maior prestígio social *estilingue*, independentemente da característica contrária apresentada pela variável nível de escolaridade. A mudança em progresso, neste caso, é promovida pelos informantes nativos de outras regiões e ou países (90%), pelas mulheres (59%) e, principalmente, pelos mais jovens (82%), uma vez que os grupos de maior idade possuem predileção pela variante estigmatizada local *funda*. Entre os cuiabanos de “Chapa e Cruz” há o predomínio de emprego da variante conservadora *funda* (Figura 152), a qual foi suplantada pela forma linguística inovadora *estilingue*, possivelmente introduzida no falar cuiabano pelos meios de uniformização da língua.

**Figura 222:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Estilingue/Fisga(s) em Cuiabá e Covilhã.



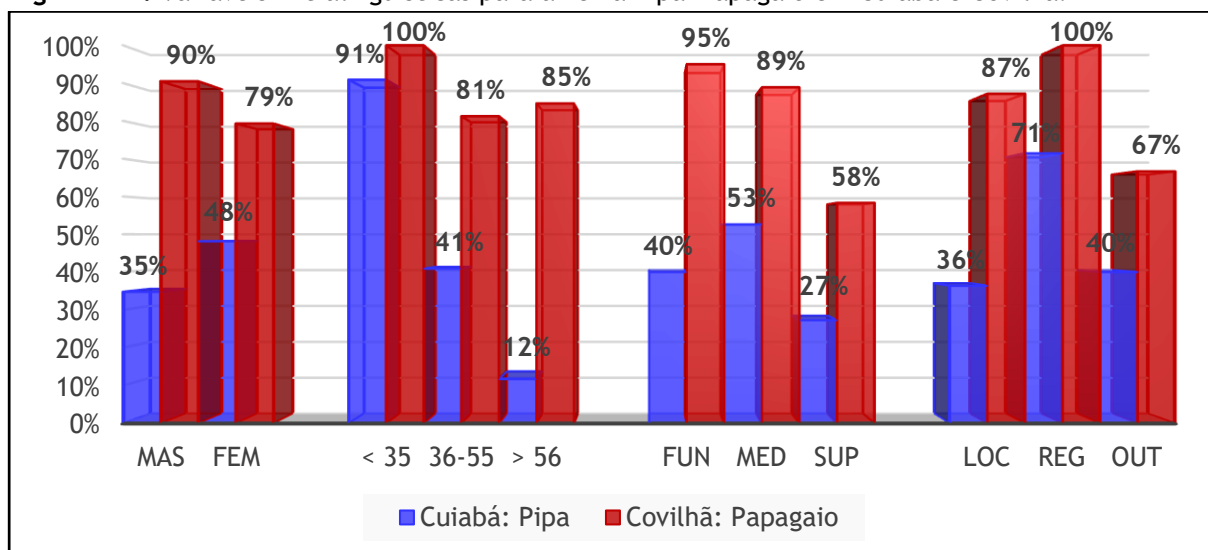
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Na Covilhã evidencia-se, pela correlação da variante *fisga/s* às variáveis sociolinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, haja vista que todos os grupos em estudo empregam, quase que categoricamente a variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados e equilibrados. Pode-se concluir que a variante léxica *fisga/s* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como não padrão e estigmatizada, no entanto, configura-se como a forma linguística mais forte dentro da comunidade de fala covilhanense, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

A distribuição dos percentuais entre os grupos de variáveis sociolinguísticas para a lexia *pipa* em Cuiabá apresenta na faixa etária uma progressão linear decrescente, de 91% no grupo mais jovem, para apenas 12% entre os mais velhos (Figura 223). Também, foi a variante mais empregada entre as mulheres, contudo, os percentuais não ultrapassam 40% quando se trata dos informantes com nível fundamental ou superior, nativos ou de outras regiões, de modo que a tendência de variação linguística está somente condicionada à característica apresentada pela distribuição em tempo aparente. O percentual inexpressivo aqui atribuído aos mais velhos está relacionado a predileção deste grupo pela variante conservadora *pandorga*, forma linguística mais antiga, fator que contribui

para o que William Labov define como mudança em progresso, que tende a se concretizar nas próximas gerações, nesta comunidade de fala.

**Figura 223:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pipa/Papagaio em Cuiabá e Covilhã.

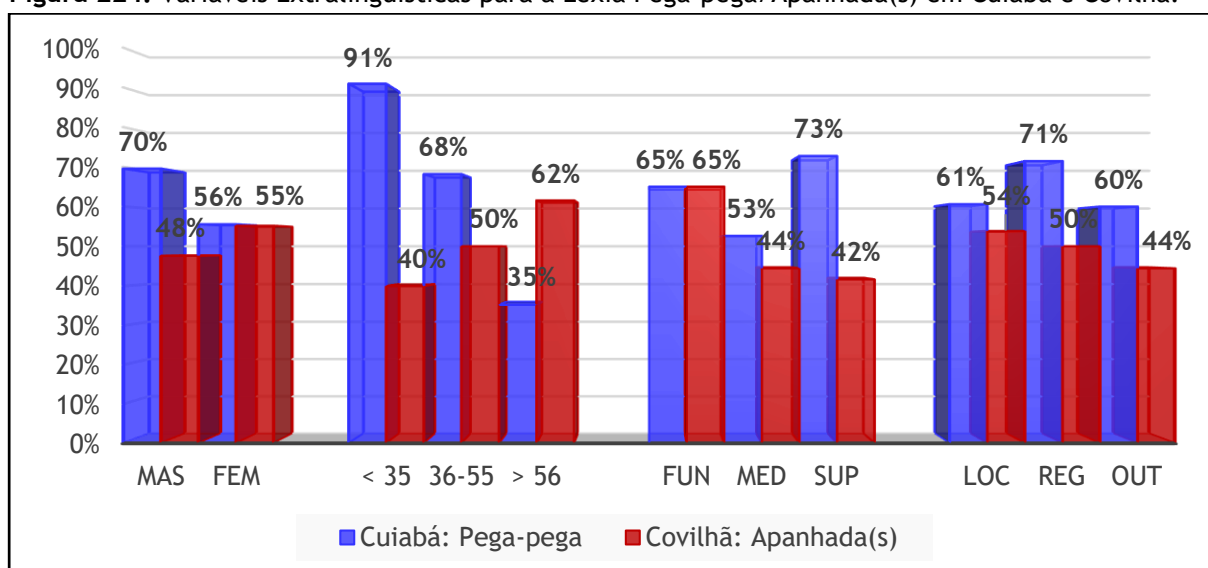


Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Quando se trata do ponto linguístico lusitano, a distribuição dos percentuais entre os grupos de variáveis revela a conservação da variante *papagaio* e não indica qualquer tendência à mudanças. Em todos os casos identificam-se percentuais elevados, de modo que, a predileção pela variante de maior prestígio social tende a se manter nas próximas gerações nesta comunidade linguística.

A estratificação da lexia *pega-pega*, nos grupos de variáveis extralinguísticas, não apresenta diferenças acentuadas quanto ao gênero, nível de escolaridade e naturalidade, fator que assegura sua uniformização quanto ao emprego em Cuiabá. Contudo, a distribuição em tempo aparente revela uma tendência inovadora e a variação linear decrescente dos mais jovens (91%), idade intermediária (68%) para os mais velhos (35%), caracteriza a mudança em progresso nesta comunidade de fala.

**Figura 224:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Pega-pega/Apanhada(s) em Cuiabá e Covilhã.



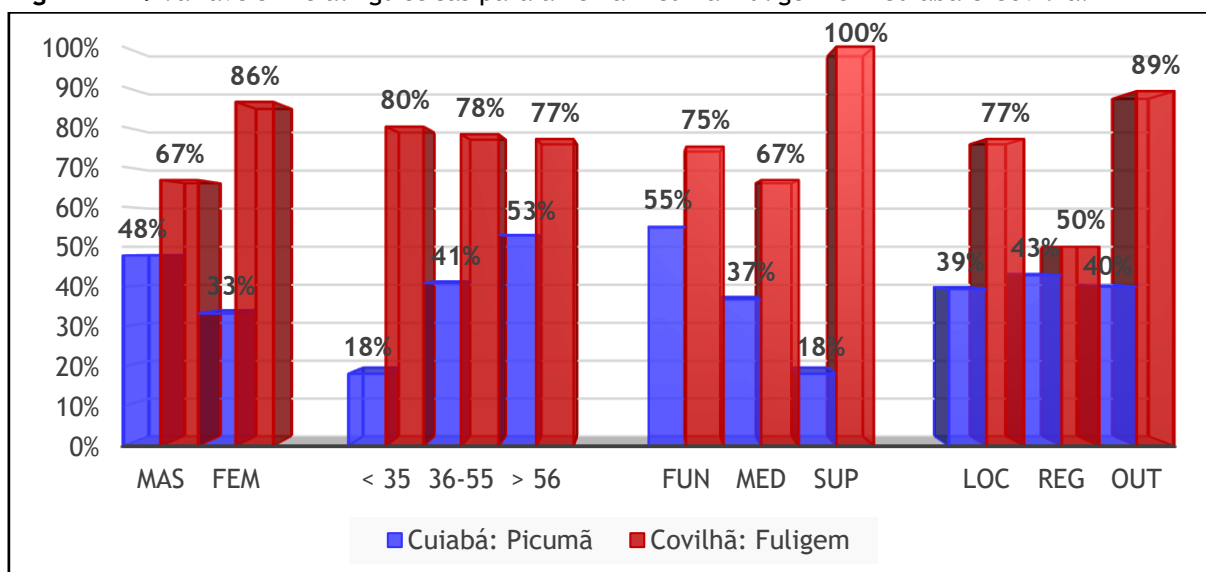
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.



Para Covilhã, a tendência é totalmente contrária à do ponto linguístico brasileiro, na medida em que a variante *apanhada/s* apresenta-se como conservadora e sem pré-disposição de mudança linguística para os próximos anos. Tal fato pode ser explicado pelos percentuais medianos em todos os grupos, no entanto, com tendência crescente dos mais jovens (40%) para os mais velhos (62%) e decrescente do nível fundamental (65%) para o superior (42%), bem como, referente à naturalidade, cujos percentuais reduzem dos informantes nativos para os de outras regiões e ou países, na proporção de 54%, 50% e 44%, respectivamente.

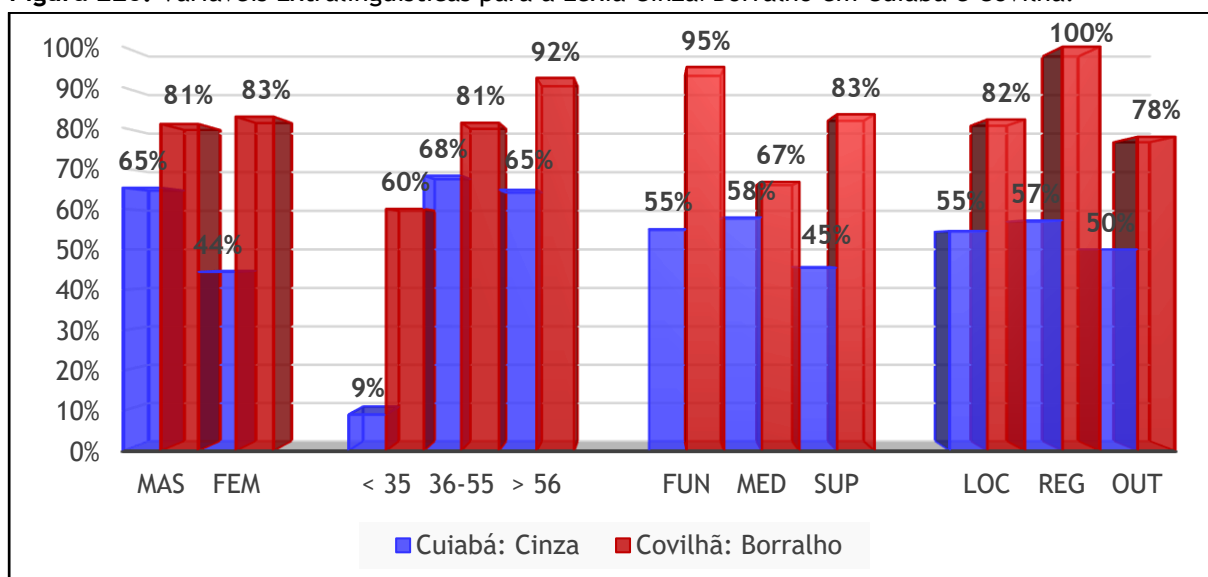
Os percentuais dispostos para a variante léxica *picumã* na Figura 225, em Cuiabá, revelam para as variáveis gênero, faixa etária e nível de escolaridade, uma tendência conservadora na comunidade de fala. A distribuição em tempo aparente manifesta um comportamento linear e crescente, dos mais jovens (18%) para os mais velhos (53%) que, associado a uma progressão linear decrescente do nível de escolaridade fundamental (55%) para o superior (18%), tem contribuído para a preservação da lexia em questão, no entanto, sugere uma mudança em potencial para as próximas gerações. Por outro lado, os percentuais elevados em todos os grupos de variáveis sociolinguísticas na Covilhã não indicam tendências à mudança linguística para a variante *fuligem*. Trata-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio social na comunidade de fala covilhanense, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

**Figura 225:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Picumã/Fuligem em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

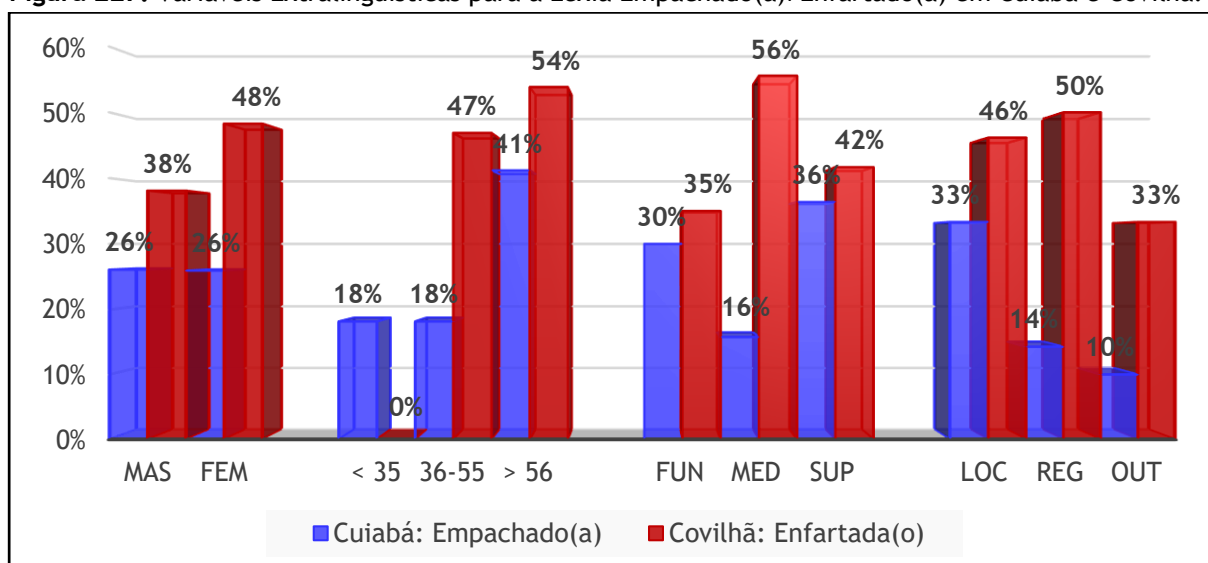
Na avaliação da comunidade de fala cuiabana, a distribuição do percentual nos grupos de variáveis extralinguísticas revela uma tendência conservadora para a variante *cinza*, quando considerado o gênero e, principalmente, a faixa etária. Os dois grupos de maior idade apresentam percentuais elevados e equilibrados (68% e 65%), em comparação ao segmento etário mais jovem (9%). Quanto às variáveis nível de escolaridade e naturalidade, há um equilíbrio nos percentuais medianos em todos os grupos, de modo que a distribuição em tempo aparente é que sugere uma tendência conservadora neste momento e a predisposição à variação linguística nas próximas gerações.

**Figura 226:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Cinza/Borrvalho em Cuiabá e Covilhã.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

A distribuição dos percentuais obtidos para a lexia *borralho* no ponto linguístico Covilhã são elevados em todos os grupos, de modo que não há tendência à variação linguística nesta comunidade de fala. Mesmo que a distribuição em tempo aparente revele uma tendência linear crescente dos mais jovens (60%) para os mais velhos (92%), mais da metade dos informantes inquiridos que compõem o grupo responsável pela inovação também empregam a variante conservadora (Figura 226). Trata-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio sociolinguístico na comunidade de fala covilhanense, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

No caso da lexia *empachado/a*, a significativa diversidade de variantes identificadas no ponto linguístico Cuiabá justifica os percentuais inexpressivos. Contudo, a distribuição em tempo aparente revela uma tendência conservadora, com percentual mais elevado no segmento etário mais velho (41%) em comparação as demais faixas etárias, cujos percentuais são equilibrados (18%).

**Figura 227:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Empachado(a)/Enfartado(a) em Cuiabá e Covilhã.

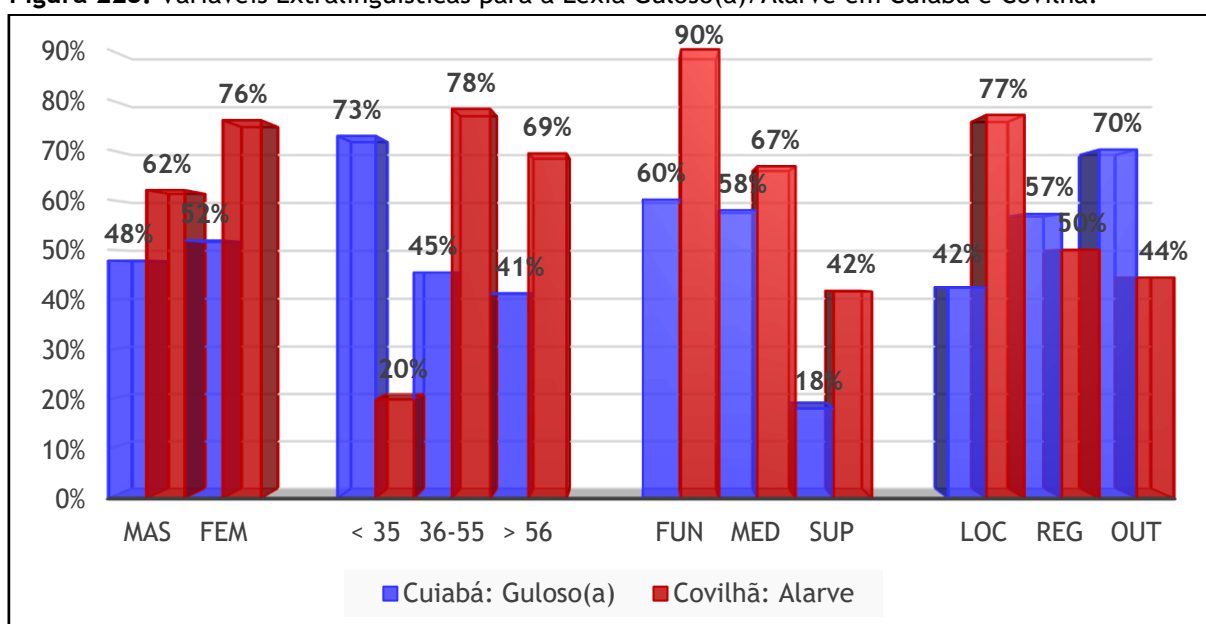
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

O fator extralinguístico naturalidade, expõe progressão linear decrescente, dos falantes nativos (33%) para os advindos de outras regiões ou países, 14% e 10%, respectivamente. Destarte, pressupõe-se que, a variante *empachado/a*, apesar de conservada entre os falantes mais velhos e nativos do local em estudo, tende a desaparecer na prática verbal dos jovens cuiabanos. Quanto à variável escolaridade, identifica-se certo equilíbrio entre os informantes de menor (30%) e maior nível de escolaridade (36%), de modo que, não se apresentam tendências inovadoras para a variante em questão. Da mesma forma, não há indicativo de mudança em potencial nas próximas gerações, uma vez que a diversidade de informações ainda não permite identificar qual seria a variante que subjugaria a estigmatizada em questão.

Na Covilhã, a distribuição em tempo aparente aponta um fator importante relativo à mudança em potencial que deverá ocorrer nas próximas gerações: nenhum informante pertencente ao grupo mais jovem emprega a variante *enfartada/o*. Como não são identificadas diferenças expressivas de percentuais entre os informantes com menor (35%) e maior (42%) nível de escolaridade, assim como, entre os falantes nativos (46%), da região (50%) e de outras regiões ou países (33%), a tendência conservadora apontada pela variável faixa etária tende a se confirmar para as próximas gerações, nesta comunidade de fala.

Os dados expostos na Figura 228 revelam que, na comunidade de fala cuiabana, a variante léxica *guloso* equilibra-se quanto a variável gênero, no entanto, de acordo com a distribuição em tempo aparente de Labov, há um indicativo de mudança em progresso, visto que o ápice de frequência se situa na faixa etária mais jovem (73%), com um decréscimo na faixa intermediária (45%) e no segmento etário mais velho (41%). Este último grupo tem predileção pelas variantes *larido* e *comilão*, de modo que, sob este aspecto, há uma tendência inovadora, também identificada na variável naturalidade, cuja progressão é linearmente crescente dos falantes nativos (42%) para aqueles advindos de outras regiões ou países (70%).

**Figura 228:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Guloso(a)/Alarve em Cuiabá e Covilhã.



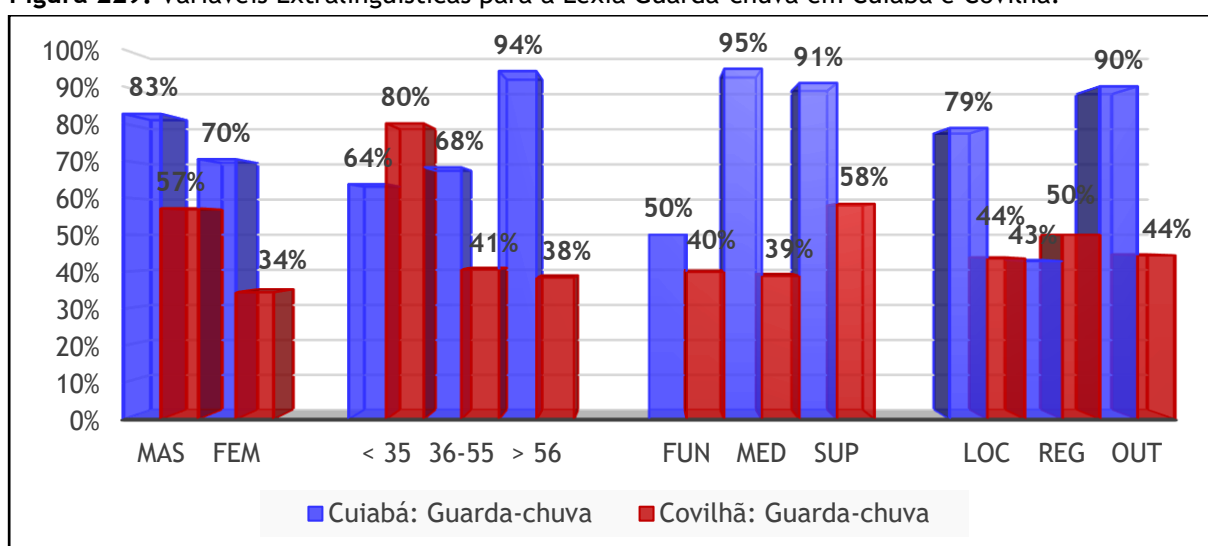
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Contudo, a variável nível de escolaridade não possui a mesma característica, porém, revela que os informantes com menor instrução já assimilaram a variante inovadora. Apenas o percentual de 18% para aqueles com nível superior não é suficiente para determinar alguma tendência para a variante linguística em questão.

Quando analisado o ponto linguístico Covilhã, a tendência observada não converge com a identificada na comunidade de fala brasileira, exceto quanto ao gênero. A distribuição em tempo aparente estratifica os percentuais mais elevados entre os dois grupos de informantes mais velhos, 78% e 69%, respectivamente e, apenas 20% para os mais jovens. Também, os percentuais mais expressivos obtidos entre os informantes de nível de escolaridade média (67%) e, principalmente, fundamental (90%), bem como entre os nativos do local de estudo (77%), quando contrastado com a correlação exposta nas Figuras 201 e 202, revelam que se trata da maior parcela do mesmo grupo. Destarte, apesar da distribuição em tempo aparente não apresentar uma característica linear crescente, os percentuais elevados entre os grupos de maior idade, associados às particularidades apresentadas pelas variáveis nível de escolaridade e naturalidade, revelam uma tendência conservadora para a variante *alarve*. Os percentuais inferiores identificados entre os informantes mais jovens, com maior nível de escolaridade e advindos de outras regiões e ou países, indicam uma mudança em potencial e a substituição da variante em questão pela de maior prestígio sociolinguístico, nas próximas gerações, para esta comunidade linguística.

A correlação da variante *guarda-chuva* às variáveis sociolinguísticas apresentada na Figura 229, revela uma tendência conservadora, tendo em vista a elevada incidência em praticamente todos os grupos de análise. A maior frequência de uso da variante em questão situa-se no grupo masculino (83%), na faixa etária mais velha (94%), nos grupos com nível de escolaridade média (95%) e superior (91%) e no grupo constituído por informantes nativos (79%) e de outras regiões e ou países (90%).

**Figura 229:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Guarda-chuva em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

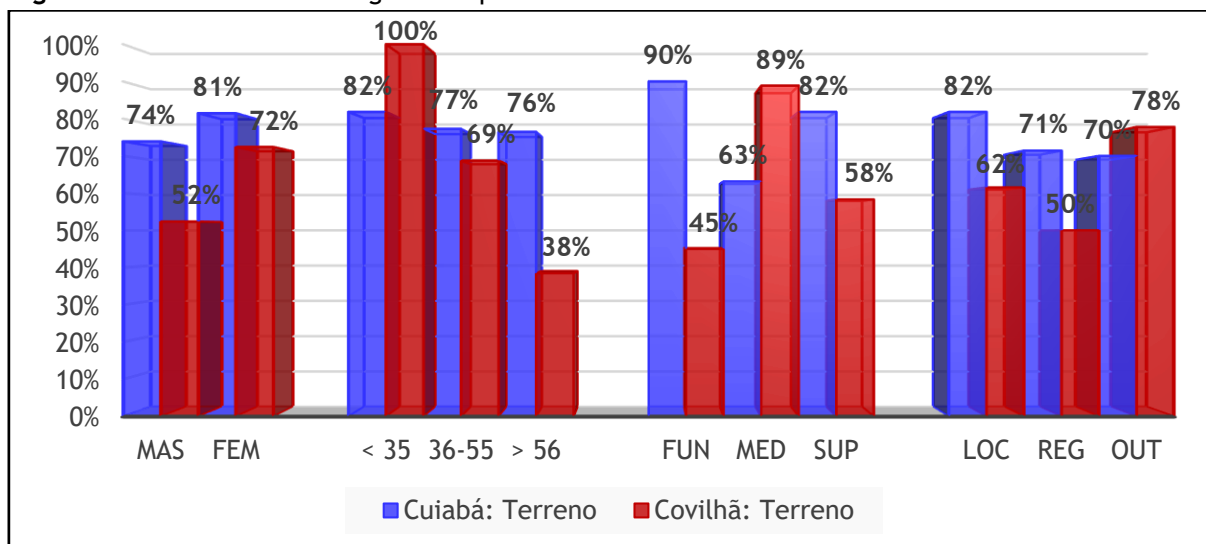
Ao observar os índices apresentados para as quatro variáveis, verifica-se que não há a menor possibilidade de mudança em progresso ou de inovação linguística. Trata-se de uma variante (*guarda-*

*chuva*) estável, em relação de contemporização, instituída como padrão e de maior prestígio sociolinguístico na comunidade de fala cuiabana.

No ponto linguístico Covilhã, a variante léxica *guarda-chuva* expõe uma tendência inovadora, quando correlacionada aos fatores extralinguísticos faixa etária e nível de escolaridade, como pode ser verificado na Figura 229. A distribuição da referida variante, em tempo aparente, permite inferir que há indicativo de mudança em progresso, visto que os jovens implementam mais a variante inovadora (80%), comparativamente ao segmento etário mais velho (38%). Quanto à variável escolaridade, apresenta-se de forma linear crescente do nível fundamental (40%) para o superior (58%). No entanto, essa tendência deve levar vários anos para ser confirmada na referida comunidade de fala, uma vez que, a grande maioria dos informantes inquiridos da faixa etária intermediária e do segmento etário mais velho ainda empregam a variante conservadora *chapéu-de-chuva* para designar este referente.

A Figura 230 evidencia, pela correlação da variante léxica *terreno* às variáveis sociolinguísticas gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, que não há indicativo de mudança em progresso ou de inovação linguística, visto que todos os grupos em estudo empregam, quase que categoricamente, a variante conservadora, na medida em que apresentam percentuais elevados. Pode-se concluir que a lexia *terreno* não se encontra em fase de mudança, trata-se de uma variante estável, instituída como padrão e de maior prestígio social na comunidade de fala cuiabana, cuja tendência à conservação se manterá entre as futuras gerações.

**Figura 230:** Variáveis Extralinguísticas para a Lexia Terreno em Cuiabá e Covilhã.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.

Na Covilhã, identifica-se uma tendência inovadora para a variante *terreno*, ao considerar o comportamento da maioria dos grupos em cada variável sociolinguística. Quanto ao fator gênero, constata-se que o grupo feminino apresenta percentual mais elevado (72%) em relação ao masculino (52%). Esta distinção deve-se ao fato de que as mulheres são mais propensas ao emprego de variantes que correspondem a norma padrão ou de maior prestígio social, contribuindo, neste caso, para a implementação da forma linguística inovadora. A distribuição da variante *terreno*, em tempo

aparente, apresenta percentual linear decrescente dos mais jovens (100%) para os mais velhos (38%). Em relação às demais variáveis, observa-se que a maior frequência de uso da variante em questão está entre os falantes de nível de escolaridade média (89%) e superior (58%), bem como, dentre os inquiridos provenientes de outras regiões e ou países (78%). Destarte, com base nas tendências preconizadas pelas variáveis extralinguísticas, pode-se inferir que há indicativo de mudança em progresso nesta comunidade de fala lusitana. Dado o baixo percentual e a correlação entre os informantes mais velhos (38%) e de menor nível de escolaridade (45%), devidamente justificada na Figura 201, esta tendência inovadora tende a se confirmar nos próximos anos.

## CONCLUSÃO

Os resultados da análise quantitativa permitem inferir que, de um total de 178 questões que compõem o Questionário Semântico Lexical (QSL), aplicado a Cuiabá, 122 (69%) lexias são coincidentes com as variantes propostas pelo ALiB, enquanto que 56 (31%) são divergentes, ou seja, este último grupo representa as variantes léxicas que atuam como norma entre os cuiabanos. Na Covilhã, esta mesma prospecção revela 94 (53%) ocorrências lexicais coincidentes e 84 (47%) divergentes e, da mesma forma, atribui ao último grupo a representatividade das variantes que atuam como norma na comunidade lusitana.

A análise comparativa, que considerou as lexias de maior frequência, entre os pontos linguísticos, independente do conceito proposto, revelou 76 (43%) ocorrências lexicais semelhantes entre duas variedades diatópicas, sendo que destas, 70 (39%) coincidem com o tema da questão proposto pelo ALiB. Por outro lado, com indicadores mais expressivos, 102 (57%) variantes são divergentes e, deste grupo, 26 (15%) além de divergirem entre as comunidades de fala, não contemplam o conceito sugerido e reafirmam as diferenças de realização de formas linguísticas entre falantes da Língua Portuguesa, neste caso, de áreas geográficas intercontinentais.

Quando empregada a mesma estrutura analítica para os informantes nativos, o resultado da análise quantitativa permite inferir que, do mesmo grupo de questões, para a localidade de Cuiabá, 119 (67%) lexias são coincidentes com as variantes propostas pelo ALiB, enquanto que 59 (33%) são divergentes, ou seja, este último grupo representa as variantes léxicas que atuam como norma entre os cuiabanos de “chapa e cruz”. No ponto linguístico lusitano, mantiveram-se as mesmas 94 (53%) ocorrências lexicais coincidentes, bem como, as 84 (47%) divergentes, fator este, que revela o expressivo grau de uniformidade linguística nesta comunidade.

Ainda, em relação aos informantes nativos, com base nas lexias de maior frequência, independente do conceito proposto, os dados revelam 75 (42%) ocorrências lexicais semelhantes entre duas variedades diatópicas, sendo que destas, 68 (38%) coincidem com o tema da questão proposta pelo ALiB. Por outro lado, com indicadores mais expressivos, 103 (58%) variantes são divergentes e, deste grupo, 26 (15%) além de divergirem entre as comunidades de fala, não contemplam o conceito sugerido; uma característica que não se distingue da apresentada por todos os informantes auscultados.

Tais particularidades tencionam de forma semelhante sobre alguns aspectos importantes, relativos à composição dos falares nas comunidades investigadas. Percebe-se que, em Cuiabá, os informantes nativos já incorporaram ao seu léxico formas linguísticas que se aproximam da norma padrão da Língua Portuguesa em 67% dos casos, um percentual muito próximo do aferido junto à totalidade dos informantes (69%). Na Covilhã, esta tendência apresenta-se ainda mais acentuada, uma vez que não há diferença quando confrontadas as variantes selecionadas pelos nativos com a

totalidade dos informantes. Pode-se inferir que, em ambos os locais, identifica-se uma norma já consolidada, independente do grau de concorrência com outras variantes.

No que concerne ao léxico covilhanense, o exame das cartas lexicais permitiu evidenciar i) a resistência de lexias de origem árabe: *albufeira*, *aldeia*, *algibeira*, *açoite*, *ceroula*, *alarve*, *bardo*, introduzidas no falar covilhanense, em decorrência do período da Reconquista aos mouros do Centro e do Sul do território português; ii) a existência de lexias polissêmicas: *barroco*, *cacimba*, *lameiro*, *curral*, *loja*, *passadiço*, *pitosa*, *vesgo*, *coxo*, *manco*, *adolescente*, *miúdo (a)*, *benta*, *papagaio*, *escanchado*, *baloioço*, *balancê*, *cueca*, *camisola*; iii) a presença de regionalismos: *barroco*, *palheira*, *peão*, *rapariga*, *bagaço*, *pincho*, *camioneta*, *autocarro*, *fato*, *berlinde*, *fisga*, *cueca*, *taberna*, vocábulos de uso geral em Portugal.

A exposição cartográfica dos dados permitiu constatar a diversidade do léxico cuiabano composto por: i) tupinismos, como *igarapé*, *tijuco*, *guri*, *piá*, *picumã*, *amendoim*, *carapanã*, *saci*, *pararaca*, *tatu*, *piranha*, *xará*, *bituca*; ii) variantes essencialmente sulistas, como *pega-pega*, *pique*, *salva*, *estilingue*, *pandorga*, *marcela*, *bainha*, *bolita*, *mangueirão*, *chuveiro*; iii) africanismos, tais como *cacimba*, *moleque*, *caçula*, *galpão*, *macumba*; iv) lexias polissêmicas, como *orvalho*, *zarolho*, *manco*, *adolescente*, *cambota*, *maré*, *rótula*; v) lexias arcaicas, como *bodoque*, *fuzilo*, *visagem*, *vendaval*, *queiro*, *paquete*; vi) variantes léxicas próprias da fala cuiabana, como *nambu*, *mãe-de-peixe*, *piraim*, *trieiro*, *orelha seca*; vii) regionalismos que recobrem todo o território brasileiro, como por exemplo *tijuco*, *córrego*, *açude*, *minadouro*, *sítio*, *mandubi*, *paiol*, *chibata*, *peão*, *rapariga*, *pitoco*, *distrito*, *macumba*, *congá*, *cambota* (cambalhota), *amarelinha*, *pernilongo*, *geladeira*, *pinga*, *camisola*, *camiseta*, *terno*, *cadarço*, *sombrinha*, *sinaleiro*, *calçada*, *coletivo*, *aterrizar* e *aterrissar*.

Também, foi possível elencar variantes lexicais inovadoras, resultantes da influência que os grandes centros urbanos podem exercer sobre as outras regiões e dos meios de uniformização linguística: a escola e a mídia. As inovações que se inserem, gradativamente, ao léxico de uma língua, revelam a criatividade e a liberdade humana na linguagem e os momentos históricos e culturais de cada comunidade de fala. Os resultados da análise sociolinguística apontam, de modo geral, para dois caminhos distintos trilhados pelas variantes: a estabilidade e a coexistência das variantes no sistema e a mudança em progresso.

Na tentativa de identificar as inovações, partiu-se do pressuposto laboviano de que é possível captar mudanças em progresso, por meio da análise distribucional e quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias - *tempo aparente*. O padrão curvilíneo de distribuição das variantes, em tempo aparente, daria a indicação de uma variação estável ou de uma mudança em andamento e, consequentemente, a implementação ou a perda de um processo. No entanto, essa distribuição por faixas etárias, pode ser apenas *aparente* e não representar mudanças reais na comunidade de fala, mas constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração. A variação estável se caracteriza por um padrão curvilíneo, no qual a faixa etária intermediária apresenta a maior incidência de uso das formas linguísticas de maior prestígio social, enquanto que, na mudança em progresso, a distribuição exibe uma progressão linear decrescente, com os mais jovens apresentando a maior frequência de uso da variante inovadora, comparativamente aos segmentos



etários mais velhos. Essa predição entre variação estável e mudança em progresso fundamenta-se na combinação dos resultados obtidos, por meio da correlação das variantes linguísticas selecionadas, com as variáveis sociais gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes auscultados, a partir da noção de prestígio.

A metodologia utilizada permitiu identificar possíveis mudanças em curso, por meio da observação do comportamento de uso linguístico diferenciado dos falantes, estratificados em três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 55 anos e 56 anos em diante. Na comunidade de fala cuiabana, a distribuição em tempo aparente mostra claramente uma tendência de mudança em progresso para as lexias *tempestade*, *orvalho*, *neblina*, *anoitecer*, *celeiro*, *chicote*, *libélula*, *vesgo*, *tagarela*, *macumba*, *estilingue*, *pipa*, *pega-pega*, *café-da-manhã* e *guloso*, o que equivale a um total de 8,4% das variantes. Estas formas linguísticas em variação encontram-se em relação de coexistência e concorrência com formas linguísticas mais antigas e representativas do falar cuiabano, as quais tendem a cair em desuso. A variante local conservadora, não-padrão e estigmatizada, tende a ser substituída pela forma inovadora e de maior prestígio social. As variantes linguísticas “se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte...” (TARALLO, 2006, p. 5). Neste caso, a variante mais produtiva deve generalizar-se e o seu uso tornar-se praticamente peremptório dentro da comunidade de fala, configurando a mudança linguística.

Das variáveis sociais selecionadas como prováveis responsáveis pela implementação de formas linguísticas inovadoras e de maior prestígio sociolinguístico, os fatores condicionadores faixa etária, exposto anteriormente, nível de escolaridade e naturalidade, evidenciaram-se determinantes. De modo geral, os maiores percentuais são identificados entre os informantes mais jovens, com nível de escolaridade média e superior e entre os inquiridos de outras regiões e/ou países. A variável gênero não se mostrou determinante na interpretação dos resultados quantitativos, para se atestar uma mudança em progresso, portanto, a oposição entre os gêneros masculino e feminino é neutralizada neste contexto, em virtude do pressuposto de que não há propriamente ‘linguagens’ distintas de homens e mulheres e, sim, uma preferência por certos usos linguísticos em detrimento de outros. Ainda não se definiu, de forma clara, o papel da mulher nos processos de variação e mudança linguísticas. Segundo Chambers (1995), nos estudos sociolinguísticos, que incluem grupos de homens e mulheres, há evidências de que “as mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não-padrão do que os homens, no mesmo grupo social e nas mesmas circunstâncias”. Esta hipótese não se confirmou no presente estudo, visto que há um equilíbrio na preferência de homens e mulheres pelas variantes inovadoras.

Na comunidade de fala covilhanense, a distribuição em tempo aparente exhibe claramente uma tendência de mudança em progresso para as lexias *pedra*, *orvalho*, *estrábico*, *macacos*, *corcunda*, *pernas arqueadas*, *adolescente*, *beata*, *macaca*, *pijama*, *guarda-chuva*, *terreno*, totalizando 6,7% das variantes. Essa tendência inovadora também foi motivada pelas variáveis escolaridade e naturalidade, mais especificamente, pelos falantes com maior nível de escolaridade e advindos de outras regiões e ou países. No que concerne à variável gênero, nas situações de mudança em curso, verificou-se que

os homens tendem a conduzir o processo de mudança linguística em direção às variantes da norma padrão da Língua Portuguesa.

Quando consideradas as contribuições de Eugênio Coseriu, destaca-se neste estudo, que as mudanças linguísticas são necessariamente individuais e as inovações adotadas e disseminadas correspondem às exigências expressivas interindividuais. Tratam-se de necessidades expressivas que atuam de forma diferente em cada falante e, nem mesmo a documentação de que a história linguística dispõe, pode ser suficiente para explicar como isso atuou em cada falante. Estes, muitas vezes, adotam o modo de falar “como os outros”, sem que percebam, isto é, por uma razão cultural e extrínseca. Nesse sentido, qualquer mudança linguística tem, efetivamente, “uma causa eficiente, que é a liberdade lingüística, e uma razão universal, que é a finalidade expressiva (e comunicativa) dos falantes” (COSERIU, 1979: p.175-176).

A análise das variantes linguísticas, em correlação com os fatores da estrutura social, também permitiu identificar variantes léxicas que tendem a se manter no uso linguístico das comunidades de fala, dentro de uma estratificação etária específica, assinalando um processo de variação estável. Dessa forma, a variação estável se caracteriza por uma distribuição geracional curvilínea em que a faixa etária intermediária (36 a 55 anos) apresenta a maior frequência de uso da variante padrão da Língua Portuguesa. Em Cuiabá, as lexias *lamaçal*, *lagoa*, *touceira*, *cansação*, *cotó*, *dor-d’olho*, *cambaio*, *guri*, o equivalente a 4,5% das variantes, encontram-se neste momento em processo de variação estável, enquanto que na Covilhã, as variantes lexicais *chuvisco(s)*, *planície*, *celeiro*, *suor*, totalizando 2,2%, exibem a tendência conservadora exposta. Portanto, esta perspectiva tende a se manter ainda por um longo período de tempo (nas próximas gerações) nas comunidades de fala cuiabana e covilhanense, visto que não se verifica uma tendência eminente de preponderância de uma variante linguística sobre a outra.

Outro prognóstico que se assenta na relação entre as variantes linguísticas e os fatores sociais é o que este estudo define como mudança em potencial. Dentre as variáveis extralinguísticas selecionadas, a faixa etária, o nível de escolaridade e a naturalidade dos informantes inquiridos, evidenciaram-se determinantes à preservação da norma linguística vigente na comunidade de fala covilhanense. A distribuição das variantes, em tempo aparente, caracteriza-se por apresentar progressão linear crescente entre os três grupos etários, com menor incidência de uso da variante conservadora na faixa etária mais jovem, em comparação aos segmentos etários mais velhos. As lexias *pontão*, *estrela da manhã*, *maçaroca*, *canga*, *bardo*, *vereda*, *mocho*, *garoto*, *rapariga*, *burro*, *benta*, *jogo do lenço*, *enfartado*, *alarve*, equivalem a 7,9% das variantes e indicam, neste momento, uma tendência à mudança em potencial, dada a baixa frequência de uso da forma linguística conservadora entre os jovens. Estas lexias se mantêm com percentuais altos de aplicação no segmento etário mais velho, nos grupos com menor nível de escolaridade e nativos do local de estudo, apresentando, portanto, uma tendência conservadora, embora representem fenômenos de mudança em potencial, a partir do momento em que a geração mais velha for sendo sobreposta.

No ponto linguístico Cuiabá, as variantes lexicais *pinguela*, *canga*, *mocho*, *adolescente* (referente às questões 108 e 109), *rude*, *pão-duro*, *mau pagador*, *picumã*, *cinza*, que totalizam 5,6%

das ocorrências, refletem a tendência conservadora exposta no parágrafo anterior. De forma específica, os fatores gênero masculino, faixa etária mais velha e menor nível de escolaridade dos informantes, demonstraram ser condicionadores à preservação das referidas variantes, neste momento histórico. A distribuição em tempo aparente mostra claramente que essas variantes léxicas apresentam alto índice de produtividade entre os falantes mais velhos, no entanto, o comportamento linguístico da faixa etária jovem se afasta dos padrões linguísticos da língua em uso, originando uma tendência inovadora. Significa dizer que a fala do grupo mais velho ainda reflete o uso de uma forma conservadora, que está desaparecendo da fala dos jovens, lenta e gradativamente. Estes, tendem a liderar os processos de mudança em direção à implementação das variantes de maior prestígio social. Consequentemente, neutralizam-se as variantes lexicais que particularizam os falares investigados.

A análise das variantes lexicais de maior frequência, em correlação às variáveis gênero, faixa etária, nível de escolaridade e naturalidade dos informantes inquiridos, permitiu identificar lexias que se mantêm estáveis no sistema linguístico das comunidades de fala investigadas, apesar de coexistirem e concorrerem, simultaneamente, com outras variantes que também enriquecem o léxico da Língua Portuguesa, “incluindo a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade. Esse tesouro constitui um patrimônio da sociedade, juntamente com outros símbolos da herança cultural” (BIDERMAN, 1992, p. 399).

O português começou a ser difundido, de forma precária, pelo interior do território brasileiro, quando da instauração das capitanias hereditárias, em 1532 e a formação do léxico cuiabano está inextricavelmente ligada à interação com a história da ocupação do solo cuiabano pelos bandeirantes paulistas, no ciclo da mineração. A língua trazida por estes desbravadores, em contato com as línguas indígenas, e posteriormente as migrações sulistas, resultou em um amálgama linguístico. Ainda, soma-se a variedade falada pelos colonizadores portugueses e pelos escravos por estes transferidos à região da baixada cuiabana. A constituição do léxico cuiabano se coaduna com o resultado do contato, bastante estreito, entre o dialeto caipira, recheado de elementos próprios do português arcaico e as línguas indígenas faladas na região, em especial o *bororo*. Foi nesse contexto multilíngue e multidialetal que floresceu e se fixou a variedade do português falado em Cuiabá. A tendência conservadora da variedade linguística, verificada atualmente neste estudo decorre, justamente, da contemporização dos arcaísmos, da língua caipira, das variantes indígenas e africanas que circundam este processo histórico-cultural.

Já, a tendência ao conservadorismo, identificado no falar do Concelho da Covilhã, está atrelado às particularidades relacionadas pelo professor Manuel de Paiva Boléo, em relação à situação linguística de Portugal. Mais precisamente ao fato de que, do Norte ao Sul identifica-se uma homogeneidade linguística impressionante, relacionada a uma escassa diferenciação dialetal. De um Norte arcaizante a um Sul inovador de base normativa, destaca-se a região central, que compreende as Beiras (incluindo o ponto linguístico em questão), considerada uma área de transição, de mobilidade sociogeográfica reduzida que, automaticamente, diminui a propensão a criar ou admitir novas formas de falar.

Esse caráter conservador foi constatado nesta investigação, tendo em vista os elevados percentuais registrados em ambos os pontos linguísticos. Em Cuiabá, 81,5% das variantes léxicas se mantêm estáveis e, portanto, preservadas no âmbito da norma vigente, enquanto que na Covilhã o percentual eleva-se para 82,6%. Estes valores expressivos, porém, equilibrados, sustentam uma base conservadora para as variedades diatópicas da Língua Portuguesa, caracterizadas por padrões estruturais e estilísticos específicos que as individualizam. Apesar da heterogeneidade da língua, o seu dinamismo trilha o caminho da uniformização, motivada pelas classes mais escolarizadas e pelos mais jovens.

A documentação cartográfica da variação lexical permitiu construir um quadro da diversidade semântico-lexical de duas áreas geográficas intercontinentais, mais especificamente, dos falares cuiabano e covilhanense, correlacionados às variantes das questões propostas pelo QSL do ALiB, contribuindo para os estudos da Língua Portuguesa falada no Brasil e em Portugal. O estudo não permitiu identificar um léxico específico do falar cuiabano, se comparado às variantes propostas pelo Questionário Semântico Lexical do ALiB, visto que foi identificado um número inexpressivo de variantes léxicas próprias da fala cuiabana. Portanto, pressupõe-se que os traços linguísticos cuiabanos caminham em direção a um processo de arcaização, devido à uniformização do léxico local, com a implementação de lexias inovadoras de maior prestígio social, em detrimento daquelas que resultaram do processo de transmissão linguística irregular, desencadeado pelo contato entre línguas no passado.

O estudo contrastivo semântico-lexical dos falares de Cuiabá e da Covilhã, com base no recorte linguístico sincrônico, exposto nas cartas lexicais, permitiu evidenciar que os falares aludidos não se manifestaram, em sua essência, completamente distintos do léxico de outras regiões brasileiras e portuguesas, conforme pesquisa realizada no Projeto Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português, o qual permitiu constatar que os fenômenos linguísticos registrados no *corpus* já estão documentados em trabalhos anteriores sobre o léxico do Português Brasileiro e Europeu. Não há, portanto, nas variedades aqui descritas, peculiaridades linguísticas que possam individualizá-las, diferenciá-las de outras comunidades de fala brasileira ou portuguesa.

O léxico destas comunidades de fala, em parte representado pelas variantes analisadas nesta investigação, deve ser entendido como o produto de uma hierarquização das múltiplas formas linguísticas alternativas e semanticamente equivalentes, facultadas pela língua, que coocorrem dentro de um estado de sincronia e dá origem à norma. É natural que estas variedades da Língua Portuguesa apresentem um léxico diferenciado, pois a realização coletiva do sistema em si mesmo dá a possibilidade de alternar o uso de elementos não funcionais, todavia de utilização normal em uma comunidade. Apesar de expor traços comuns a outros, o que imprime identidade aos falares analisados não são seus caracteres isolados, mas o conjunto de traços fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical e estilístico, que nenhum outro reproduz em sua plenitude.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, V. A. (2005), *Léxico Regional, Léxico Rural ou Vocabulário de Curiosidade? um olhar sobre aspectos lexicais de Cuiabá*. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral.
- ALIB. (2001), *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: UEL.
- ALKMIN, T. M. (2006), Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 6 ed. São Paulo: Cortez.
- ALMEIDA, M. M. S. (2000), Para a História do Português Brasileiro: lote cuiabano. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. S.; COX, M. I. P. *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral.
- ALVAR, M. (1958), *Diferencias en el Habla de Hombre y Mujeres*. Rio de Janeiro: Revista do Livro.
- \_\_\_\_\_ (1961), *Hacia los Conceptos de Lengua, Dialecto y Hablas*. Nueva Revista de Filología Hispánica, México, Año 15, nº. 1/2 (Jan-Jun).
- \_\_\_\_\_ (1968), *Estudios Canarios*. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria.
- ÁLVAREZ, R. (Coord.), (2013), *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. Disponível em: <<http://ilg.usc.es/Tesouro>>. Acesso em: 25 Ago. 2013.
- AMARAL, A. (1976), *O Dialeto Caipira*. 3 ed. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia.
- ARAÚJO, J. I. (2004), *Serafim da Silva Neto e a Dialectologia*. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8\\_09.htm](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_09.htm)>. Acesso em: 03 Mai. 2004.
- ARAÚJO, M. A. A. (2014), *Linguagem e Identidade Cultural: uma abordagem Sociolinguística*. Disponível em: <<http://www.sociodiaeto.com.br/edicoes/8/09052011091540.pdf>>. Acesso em: 25 Ago. 2014.
- BACHMANN, C. et al. (1981), *Language and Communications Sociales*. Paris: Hatier.
- BAGNO, M. (1999), *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 26 ed. São Paulo: Edições Loyola.
- \_\_\_\_\_ (2002), *Português ou Brasileiro? um convite à pesquisa*. 3 ed. São Paulo: Parábola Editorial.
- \_\_\_\_\_ (2003), *A Norma Oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial.

- BAKHTIN, M. (2006), *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12 ed. São Paulo: Hucitec.
- BASSETTO, B. F. (2001), *Elementos da Filologia Românica*. São Paulo: EDUSP.
- BENVENISTE, E. (1976), *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/USP.
- BIDERMAN, M. T. C. (1992), *O Léxico, Testemunha de uma Cultura*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de La Maza.
- BOLÉO, M. P. (1974), *Inquérito Linguístico (Questionário)*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis.
- BORBA, F. S. (1975), *Introdução aos Estudos Linguísticos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2006), O Estatuto do Erro na Língua Oral e na Língua Escrita. In: GORSKI, M. E; COELHO, I. L. *Sociolinguísticas e Ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: UFSC.
- BRANDÃO, H. H. N. (1998), *Introdução à Análise do Discurso*. 7 ed. São Paulo: Editora da Unicamp.
- BRANDÃO, S. F. (1991), *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática.
- BRONCKART, J. P. (2007), *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Raquel Machado, Pericles Cunha. 2 ed. São Paulo: EDUC.
- BRIGTH, W. (1974), As Dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. F. & NEVES, M. S. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado.
- BRUNOT, F. (1892), *L'Inscription de la Parole*. Paris: La Nature.
- CAGLIARI, L. C. (1999), *Alfabetização e Linguística*. 10 ed. São Paulo: Scipione.
- CAMACHO, R. G. (2001), Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez.
- CÂMARA JR, J. M. (1978), *Dicionário de Linguística e Gramática*. 8 ed. Petrópolis: Vozes.
- CÂMARA MUNICIPAL (2014), *Câmara Municipal da Covilhã*. Disponível em: <<http://www.cm-covilha.pt/>>. Acesso em: 24 Fev. 2014.
- CARDOSO, S. H. B. (1999), *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte: Autêntica.
- CARDOSO, E. A. (2005), A Formação Histórica do Léxico da Língua Portuguesa. In: SILVA, L. A. *A Língua que Falamos Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo.
- CHAMBERS, J. K. (1995), *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. (1980), *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.

CHOMSKY, N. (1965), *Aspects of the Theory of Syntax*. Massachusetts: MIT Press.

CINTRA, L. F. L. (1971), *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses*. Lisboa: Boletim de Filologia, T. XXII, n. 1 e 2.

\_\_\_\_\_ (1995), *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

COSERIU, E. (1956), *La Geografia Lingüística*. Montevideo: Universidad de la República.

\_\_\_\_\_ (1979), *Sincronia, Diacronia e História*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP.

\_\_\_\_\_ (1981), *Los Conceptos de Dialecto, Nivel y Estilo de Lengua y el Sentido Propio de la Dialectología*. Madrid: Linguística Española Actual.

\_\_\_\_\_ (1982), *O Homem e sua Linguagem*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença.

\_\_\_\_\_ (1982b), *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas.

COX, M. I. P. (2005), O Rotacismo no Falar Cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do Português Brasileiro. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral.

\_\_\_\_\_ (2009), *Estudos Linguísticos no/do Mato Grosso: o falar cuiabano em evidência*. Cuiabá: Revista Polifonia n. 17 (Jul-Dez).

CUESTA, P. V.; LUZ, M. A. M. (1971), *Gramática da Língua Portuguesa*. Coleção Lexis. Lisboa: Edições 70.

CUNHA, C. F. (1986), *Conservação e Inovação no Português do Brasil*. Belo Horizonte: O Eixo e a Roda, UFMG, n. 5 (Jan-Jun).

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. (2001), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DETTONI, R. V. (2003), *A Concordância de Gênero na Anáfora Pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana - Mato Grosso*. (Tese de Doutorado), Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG/POSLIN.

\_\_\_\_\_ (2005), A Concordância de Gênero no Falar Cuiabano: a trajetória de uma mudança linguística em curso. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral.

DRUMMOND, M. F. I. (1978), *Do Falar Cuiabano*. Cuiabá: Grupo Gazeta.

DUBOIS, J. et al. (2001), *Dicionário de Linguística*. 8 ed. São Paulo: Cultrix.

- DUCROT, O.; TODOROV, T. (1982), *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- FERREIRA, M. B. *et al* (1996), Variação Linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. A. M. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. (1994), *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- FIORIN, J. L. (2000), *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática.
- GNERRE, M. (1998), *Linguagem, Escrita e Poder*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- GRZEGA, J.; SCHÖNER, M. (2007), *English and General Historical Lexicology: materials for onomasiology seminars*. Eichstätt: Universität.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. (2010), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva.
- IBGE (2014), *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: 21 Jan. 2014.
- JAKOBSON, R. (1970), Linguística e Poética. In: JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- KATZ, J. J. (1975), Semantic Theory. In: STEINBERG, D. D.; JAKOBOVITZ, L. A. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LABOV, W. (1972), *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- \_\_\_\_\_ (1981), What Can be Learned about Change in Progress from Synchrony Descriptions. In: SANKOFF, D; CEDERGREN, H. (Eds.). *Variation Omnibus*. Carbondale; Edmonton: Linguistic Research.
- \_\_\_\_\_ (1982), Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (2008), *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola.
- LUCCHESI, D. (2001), *O Tempo Aparente e as Variáveis Sociais*. Boletim da ABRALIN, v. 26, p. 135-137.
- MARGOTTI, F. W. (2003), *Abordagem Empiricista em Trabalhos de Variação Sociolinguística*. Tubarão: Revista Linguagem em (Dis)curso, v.4, n.1, (Jul-Dez).
- MARQUES, M. H. D. (1999), *Iniciação à Semântica*. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MOLLIKA, M. C.; BRAGA, M. L. (2004), *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2 ed. São Paulo: Contexto.



- MULLER, C. (1968), *Initiation à la Statistique Linguistique*. Paris: Librairie Larousse.
- MURRIE, Z. F. et al. (2004), *Projeto Escola e Cidadania para Todos: Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora do Brasil.
- MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (2001), *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez.
- NASCENTES, A. (1953), *O Linguajar Carioca em 1922*. 2 ed. Rio de Janeiro: Sussekind de Mendonça & Comp.
- NUNES, M. C. R. S. (2010), *Norma e Variedades: estudo do vocalismo e do léxico nos falares do Concelho do Fundão*. (Tese de Doutorado) Covilhã: Departamento de Letras, UBI.
- OSÓRIO, P. (2008), *Linguística Histórica e História da Língua: aportações teóricas e metodológicas*. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G.; ROSSI MARTIN, V. L. *A Língua Portuguesa no Mundo*. São Paulo: Actas do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa.
- POP, S.; POP, R. D. (1959), *Jules Gilliéron: vie, enseignement, élèves, oeuvres, souvenirs*. Préface par Pierre Chantraine, Löwen: Editora PP.
- PORTAL MATO GROSSO (2013), *História de Cuiabá*. Disponível em: <<http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=145&cid=460>>. Acesso em: 14 Set. 2013.
- PORTO EDITORA (2014), *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- POSSENTI, S. (2002). Um Programa Mínimo. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola.
- PRETI, D. (1982), *Sociolinguística: os níveis de fala*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- PROENÇA FILHO, D. (2003), *Por Dentro das Palavras da Nossa Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Record.
- RÉVAH, I. S. (1958), *L'évolution de la Prononciation au Portugal et au Brésil du XVI Siècle à nos Jours*. Salvador: I Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro.
- \_\_\_\_\_ (1959), *Comment et Jusqu'à quel Point les Parlers Brésiliens Permettent-ils de Reconstituer le Système Phonétique des Parlers Portugais des XVI - XVII Siècles?* Lisboa: III Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. (2005), *Ecos Fonético-fonológicos no Falar Cuiabano*. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral.
- SAUSSURE, F. (1999), *Curso de Linguística Geral*. 25 ed. São Paulo: Cultrix.

SILVA, M. P. S. C. (2002), *Estudo Semântico-Lexical com Vistas ao Atlas Linguístico da Mesorregião do Marajó/Pará*. (Tese de Doutorado), São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

SILVA NETO, S. (1955), *Guia para Estudos Dialectológicos*. Florianópolis: PUC.

SOARES, M. (1995), *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. 13 ed. São Paulo: Ática.

SOUZA, U. R. (2005), Um Olhar Crioulo nos Cenários Sócio-históricos do Brasil e do Estado de Mato Grosso. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; COX, M. I. P. *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral.

TARALLO, F. (2006), *A Pesquisa Sociolinguística*. 7 ed. São Paulo: Ática.

VASCONCELOS, J. L. (1987), *Mapa Dialectológico do Continente Português*. Lisboa: Chorografia de Portugal.

VILELA, M. (1994), *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.

VOTRE, S. J. (2003), Relevância da Variável Escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística Variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto.

WEEDWOOD, B. (2005), *História Concisa da Linguística*. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial.

## ANEXO I

# QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO LEXICAL

### CAMPO SEMÂNTICO 1: ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1. CÓRREGO

... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

2. PINGUELA

... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um \_\_\_\_\_(cf. item 1)

3. FOZ

... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?

4. ONDA DE MAR

... o movimento da água do mar? Imitar o balanço das águas.

5. NASCENTE

... local onde brota água do solo?

6. LAMAÇAL

... lugar em que há grande quantidade de lama?

7. LAGOA

... acumulação permanente de água em pequena extensão numa depressão de terreno?

8. PEDRA

... pedaço, fragmento de rocha?

9. SERRA

... longa extensão de montanhas, montes ou rochedos com picos e quebradas?

10. CUME

... ponto ou parte mais alta de monte, montanha, serra?

11. BARROCA

... escavação no solo ou em rocha causada por erosão das águas?

## 12. GRUTA

... grande cavidade em rochedo que forma um abrigo?

**CAMPO SEMÂNTICO 2: FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**

## 13. REDEMOINHO (DO VENTO)

... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

## 14. RELÂMPAGO

... um clarão que surge no céu em dias de chuva?

## 15. RAIOS

... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?

## 16. TROVÃO

... o barulho forte que se escuta logo depois de um \_\_\_\_\_(cf. item 15)?

## 17. TEMPESTADE

... uma chuva com vento forte que vem de repente?

## 18. CHUVA DE PEDRA

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

## 19. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?

## 20. GAROA

... uma chuva bem fininha?

## 21. ÚMIDA

Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?

## 22. ORVALHO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

## 23. GEADA

... orvalho congelado que, sob a forma de fina camada branca, recobre as superfícies onde cai?

## 24. NEVOEIRO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

## 25. AMANHECER

... a parte do dia quando começa a clarear?

## 26. ANOITECER

... o começo da noite?

## 27. ESTRELA-D'ALVA

De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?

## 28. ESTRELA CADENTE

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?

## 29. VIA LÁCTEA

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

## 30. ONTEM

Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?

## 31. ANTEONTEM

... o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?

**CAMPO SEMÂNTICO 3: ATIVIDADES AGROPASTORIS**

## 32. CAMPO

... terreno plano, extenso, com poucos acidentes geográficos e poucas árvores, destinado à agricultura ou às pastagens?

## 33. SÍTIO

... pequena propriedade rural, com moradia, destinada à pequena criação de animais e ao cultivo de frutas, hortaliças e alguns cereais?

## 34. TANGERINA

... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

## 35. SUCO

... líquido nutritivo que se extrai de legumes, frutas por meio de pressão, sucção?

## 36. AMENDOIM

... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?

## 37. CAMOMILA

... umas florzinhas brancas com miolo amarelinho, ou florzinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê / bebê e até de adulto e também para acalmar? Mostrar.

## 38. ESPIGA

Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]

## 39. SABUGO

Quando se tira da \_\_\_\_\_ (cf. item 46) todos os grãos do milho, o que sobra?

## 40. TOUCEIRA

Depois que se corta o pé de arroz, de fumo (tabaco) ou de cana-de-açúcar, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?

## 41. GIRASSOL

... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?

## 42. URTIGA

... erva de folhas com pelos pungentes que causam irritação à pele quando tocadas?

## 43. VAGEM DO FEIJÃO

Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?

## 44. CARRINHO DE MÃO

... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?

## 45. CANGALHA

... a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro / bezerro, vaca), para não atravessarem a cerca (o cercado)?

## 46. CANGA

... a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? Mostrar gravura.

## 47. RASTELO

... ferramenta agrícola constituída por uma travessa dentada (de madeira ou de ferro) presa a um

longo cabo, própria para arrastar e juntar palha, feno etc., usado também em hortas e jardins para preparar a terra para o plantio?

48. CELEIRO

... construção rural onde se juntam e armazenam cereais, forragem ou palha?

49. CURRAL

... lugar geralmente cercado onde se prende e/ou recolhe gado, especialmente bovino?

50. POCILGA

... curral onde são criados ou recolhidos os porcos?

51. CHICOTE

... instrumento resistente e flexível feito de longas tiras de couro ou de cordões entrançados e presos a um cabo que serve para castigar?

52. BORREGO

... a cria da ovelha logo que nasce?

53. LEITÃO

... o porco novo, especialmente até a etapa de desenvolvimento em que deixa de mamar?

54. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho?

55. TRILHA (O)

... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, tanto o animal ou o homem passarem por ali?

**CAMPO SEMÂNTICO 4: FAUNA**

56. URUBU

... a ave de plumagem preta que come animal morto, podre?

57. GALINHA-D'ANGOLA

... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

58. PAPAGAIO

... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?

59. SURA

... uma galinha sem rabo?

## 60. OURIÇO

... pequeno mamífero, com o dorso coberto por espinhos curtos e lisos?

## 61. CRINA DO PESCOÇO

... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?

## 62. LOMBO

... a parte do cavalo onde vai a sela?

## 63. CHIFRE

O que o boi tem na cabeça?

## 64. BOI SEM CHIFRE

... o boi sem \_\_\_\_\_ (cf. item 73)?

## 65. ÚBERE

Em que parte da vaca fica o leite?

## 66. RABO

... a parte com que o boi espanta as moscas?

## 67. MOSCA VAREJEIRA

... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?

## 68. SANGUESSUGA

... um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (cf. item 1)? Mostrar gravura.

## 69. LIBÉLULA

... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

## 70. PERNILONGO

... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, a noite? Imitar o zumbido. Mostrar gravura.

**CAMPO SEMÂNTICO 5: CORPO HUMANO**

## 71. PÁLPEBRAS

... esta parte que cobre o olho? Apontar.



72. CISCO

... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

73. CEGO DE UM OLHO

... a pessoa que só enxerga com um olho?

74. VESGO

... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? Completar com um gesto dos dedos.

75. MÍOPE

... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?

76. TERÇOL

... a bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?

77. CONJUNTIVITE

... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?

78. CATARATA

... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas?

79. DENTES CANINOS

... esses dois dentes pontudos? Apontar.

80. DENTES DO SISO

... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?

81. DENTES MOLARES

... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_ (cf. item 90)? Apontar.

82. DESDENTADO

... a pessoa que não tem dentes?

83. FANHOSO

... a pessoa que parece falar pelo nariz? Imitar.

84. MELECA

... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

85. POMO-DE-ADÃO

... esta parte alta do pescoço do homem? Apontar.

86. CLAVÍCULA

... o osso que vai do pescoço até o ombro? Apontar.

## 87. CORCUNDA

... a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim (mímica)?

## 88. AXILA

... esta parte aqui? Apontar.

## 89. CHEIRO NAS AXILAS

... o mau cheiro embaixo dos braços?

## 90. CANHOTO

... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? Completar com o gesto.

## 91. SEIOS

... a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?

## 92. VOMITAR

Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr / botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?

## 93. RONCAR

... respirar (com ruído) durante o sono?

## 94. ÚTERO

... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer?

## 95. PERNETA

... a pessoa que não tem uma perna?

## 96. MANCO

... a pessoa que puxa de uma perna?

## 97. PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS

... a pessoa de pernas curvas? Mímica.

## 98. RÓTULA

... o osso redondo que fica na frente do joelho?

**CAMPO SEMÂNTICO 6: CICLOS DA VIDA**

## 99. MENSTRUACÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

100. ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba a / o \_\_\_\_\_ (cf. item 115). Quando isso acontece, se diz que a mulher \_\_\_\_\_ .

101. GÊMEOS

... duas crianças que nasceram no mesmo parto?

102. ABORTO

Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve \_\_\_\_\_ .

103. FILHO ADOTIVO

... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?

104. PRIMOGÊNITO

... o primeiro filho de um casal?

105. CAÇULA

... o filho que nasce por último?

106. MENINO

Criança pequeninha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

107. MENINA

E se for do sexo feminino, como se chama?

108. MOÇO

... homem que está na adolescência ou na primeira fase da idade adulta?

109. MOÇA

... mulher que está na adolescência ou na primeira fase da idade adulta?

110. FALECIDO

Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

**CAMPO SEMÂNTICO 7: CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL**

111. PESSOA TAGARELA

... a pessoa que fala demais?

## 112. PESSOA POUCO INTELIGENTE

... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

## 113. PESSOA SOVINA

... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?

## 114. MAU PAGADOR

... a pessoa que deixa suas contas penduradas?

## 115. MARIDO ENGANADO

... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?

## 116. PROSTITUTA

... a mulher que se vende para qualquer homem?

## 117. XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

## 118. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)

Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

## 119. TOCO DO CIGARRO

... o resto do cigarro que se joga fora?

## 120. AÇOUGUEIRO

... indivíduo que abate e esfolia as reses nos matadouros?

## 121. CIDADE

... aglomeração humana localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si, destinadas à moradia e/ou a atividades culturais, mercantis, industriais e financeiras?

## 122. VILA

... povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia. Um povoado pequeno?

## 123. ALDEIA

... povoação de pequenas proporções, menor do que a vila. Povoação rural?

**CAMPO SEMÂNTICO 8: RELIGIÃO E CRENÇAS**

## 124. DIABO

Deus está no céu e no inferno está \_\_\_\_\_ .

## 125. FANTASMA

O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?

## 126. FEITIÇO

O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?

## 127. AMULETO

... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

## 128. BENZEDEIRA

... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

## 129. CURANDEIRO

... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

## 130. MEDALHA

... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?

## 131. PRESEPIO

No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?

**CAMPO SEMÂNTICO 9: JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS**

## 132. CAMBALHOTA

... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? Mímica.

## 133. BOLINHA DE GUDE

... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

## 134. ESTILINGUE

... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (um par de elásticos) presas a uma lingueta de couro, que os meninos lançam pedras para matar passarinho?

## 135. PAPAGAIO DE PAPEL

... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?

## 136. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

## 137. CABRA-CEGA

... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

## 138. PEGA-PEGA

... uma brincadeira em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto escolhido de comum acordo, onde se está a salvo?

## 139. CHICOTE-QUEIMADO

... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?

## 140. GANGORRA

... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? Mímica.

## 141. BALANÇO

... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? Mímica.

## 142. AMARELINHA

... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?

**CAMPO SEMÂNTICO 10: HABITAÇÃO**

## 143. TRAMELA

... aquela pecinha de madeira que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela ... ?

## 144. VASO SANITÁRIO

Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

## 145. FULIGEM

... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?

## 146. BORRALHO

... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?

## 147. ISQUEIRO

Para acender um cigarro, se usa fósforo ou \_\_\_\_\_ ?

## 148. LANTERNA

... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (mímica)?

## 149. INTERRUPTOR DE LUZ

Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

**CAMPO SEMÂNTICO 11: ALIMENTAÇÃO E COZINHA**

## 150. CAFÉ DA MANHÃ

... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

## 151. GELÉIA

... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?

## 152. CARNE MOÍDA

... a carne depois de triturada na máquina?

## 153. AGUARDENTE

... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar, de vinho?

## 154. EMPANTURRADO

Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: comi tanto que estou \_\_\_\_\_ .

## 155. GLUTÃO

... uma pessoa que normalmente come demais?

## 156. BALA

... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? Mostrar.

## 157. GELADEIRA

... aparelho para conservar alimentos em baixa temperatura, mas não congelados?

**CAMPO SEMÂNTICO 12: O VESTUÁRIO**

## 158. SUTIÃ

... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

## 159. CUECA

... roupa que o homem usa debaixo da calça?

## 160. CALCINHA

... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?

## 161. ALGIBEIRA

... pequeno bolso integrado à roupa, geralmente cosido pelo lado de dentro do vestuário?

## 162. XALE

... manta geralmente de lã ou seda, usado pelas mulheres como ornato ou agasalho sobre os ombros, tronco ou cabeça?

## 163. CAMISOLA

... roupa feminina para dormir?

## 164. SUÉTER

... blusa do vestuário masculino de mangas compridas, geralmente de lã, usado entre a camisa e a jaqueta?

## 165. CAMISETA

... camisa curta de malha, com ou sem mangas?

## 166. TERNO

... traje masculino, composto de paletó, calças e, ocasionalmente, colete, do mesmo tecido e cor?

## 167. CADARÇO

... fita ou cordão que se usa em certos tipos de calçados para melhor ajustá-los e prendê-los ao pé e/ou tornozelo?

## 168. GUARDA-CHUVA

... aquele objeto que as pessoas usam pra protegerem-se da chuva ou do sol?

**CAMPO SEMÂNTICO 13: VIDA URBANA**

## 169. SEMÁFORO

Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?

## 170. PEDESTRE

... pessoa que anda a pé pela calçada/passeio?

## 171. PASSEIO

Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?



## 172. MEIO-FIO

... o que separa o \_\_\_\_\_ (cf. item 189) da rua?

## 173. TRAVESSA

... uma rua secundária transversal e estreita?

## 174. RÓTULA

... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?

## 175. TERRENO

... a área que é preciso ter ou comprar para se construir uma casa na cidade?

## 176. ÔNIBUS URBANO

... a condução (o transporte) que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

## 177. ATERRISSAGEM

... a chegada de um avião ao solo?

## 178. BAR

... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber aguardente e onde também se pode comprar alguma outra coisa?



## **ANEXO II**

### **FICHA DA LOCALIDADE**

**1. NOME OFICIAL:**

**2. COORDENADAS E LIMITES:**

**3. NOME REGIONAL:**

**4. NOMES ANTERIORES:**

**5. ATO DE CRIAÇÃO:**

**6. GENTÍLICO:**

**7. DISTÂNCIA DA CAPITAL:**

**8. COMO CHEGAR:**

**9. DADOS POPULACIONAIS E DENSIDADE DEMOGRÁFICA:**

**10. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:**

**11. COMUNICAÇÕES:**

**12. HISTÓRICO SUSCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):**

**13. OBSERVAÇÕES GERAIS:**



## ANEXO III

### FICHA DO SUJEITO

1. NOME COMPLETO:

2. ENDEREÇO:

3. NOME PELO QUAL É CONHECIDO:

algunha:

4. SEXO:        masculino (   )        feminino (   )

5. IDADE:        anos        julga (diz) ter:        parece (calcula) ter:

6. ESTADO CIVIL:    solteiro (   )    casado (   )    viúvo (   )    outro (   )

7. LOCAL DE NASCIMENTO:

8. JÁ VIAJOU:    sim (   )    não (   )    para onde:        por quanto tempo:

9. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:

10. NATURALIDADE DO PAI:        profissão:

11. NATURALIDADE DA MÃE:        profissão:

12. NATURALIDADE DO CÔNJUGE:        profissão:

13. COM QUE IDADE CHEGOU A ESSE LUGAR? (caso pai, mãe ou cônjuge não sejam daqui):

14. PROFISSÃO DO SUJEITO:

15. ONDE EXERCE:

16. SALÁRIO:    menos de um salário mínimo (   )    mais de um salário mínimo (   )

17. ESCOLARIDADE:

18. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS APARENTES: tímido (   ) vivo (   ) sarcástico (   )

19. RELIGIÃO:

20. GRAU DE ESPONTANEIDADE DA FALA:

OBSERVAÇÕES:

DATA DA APLICAÇÃO:

LOCAL DA ENTREVISTA:



## ANEXO IV

## VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

**Tabela 14: Variáveis Extralinguísticas de Cuiabá e Covilhã.**

[illegible]

15	Raio	91%	93%	100%	91%	88%	85%	95%	100%	94%	100%	80%
16	Trovão	87%	100%	100%	95%	88%	95%	89%	100%	94%	100%	90%
17	Tempestade	35%	59%	91%	41%	29%	50%	53%	36%	45%	43%	60%
18	Granizo	57%	81%	91%	77%	47%	75%	74%	55%	76%	43%	70%
19	Arco-íris	96%	100%	100%	100%	94%	95%	100%	100%	100%	100%	90%
20	Garoa	78%	74%	100%	68%	71%	75%	79%	73%	70%	86%	90%
21	Úmida	91%	96%	100%	95%	88%	95%	89%	100%	94%	100%	90%
22	Orvalho	52%	52%	73%	50%	41%	30%	63%	73%	48%	57%	60%
23	Geada	83%	74%	91%	86%	59%	60%	95%	82%	73%	71%	100%
24	Neblina	65%	59%	82%	59%	53%	65%	58%	64%	55%	57%	90%
25	Amanhecer	52%	48%	64%	55%	35%	45%	58%	45%	39%	71%	70%
26	Anoitecer	57%	56%	64%	68%	35%	45%	68%	55%	42%	71%	90%
27	Estrela D'alva	52%	89%	64%	73%	76%	80%	79%	45%	64%	71%	100%
28	Estrela cadente	74%	81%	91%	82%	65%	70%	79%	91%	76%	86%	80%
29	Via Láctea	13%	19%	27%	14%	12%	10%	11%	36%	12%	0%	40%
30	Ontem	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
31	Antes de ontem	57%	56%	64%	68%	35%	50%	74%	36%	55%	71%	50%

Nº	COVILHÃ	MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
13	Remoinho	90%	93%	60%	100%	85%	95%	94%	83%	90%	100%	100%
14	Relâmpago	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
15	Raio	90%	83%	100%	81%	92%	80%	89%	92%	85%	100%	89%
16	Trovão	90%	100%	100%	94%	100%	100%	94%	92%	95%	100%	100%
17	Tempestade	43%	38%	40%	38%	46%	45%	28%	50%	36%	50%	56%
18	Granizo	71%	90%	100%	88%	62%	85%	89%	67%	82%	50%	89%
19	Arco-íris	95%	97%	100%	97%	92%	95%	100%	92%	97%	50%	100%
20	Chuveiro (s)	52%	41%	20%	59%	23%	40%	44%	58%	49%	50%	33%
21	Húmida	95%	90%	100%	94%	85%	100%	94%	75%	97%	50%	78%
22	Orvalho	52%	38%	60%	44%	38%	20%	44%	83%	36%	100%	67%
23	Geada	95%	100%	100%	97%	100%	100%	94%	100%	97%	100%	100%
24	Nevoeiro	100%	90%	80%	97%	92%	100%	94%	83%	97%	100%	78%
25	Amanhecer	67%	79%	100%	72%	69%	80%	67%	75%	72%	100%	78%
26	Anoitecer	95%	93%	100%	94%	92%	95%	100%	83%	95%	100%	89%
27	Estrela da manhã	29%	31%	0%	31%	38%	35%	28%	25%	31%	0%	33%
28	Estrela cadente	95%	90%	100%	97%	77%	90%	100%	83%	95%	100%	78%
29	Via Láctea	43%	31%	40%	38%	31%	25%	44%	42%	33%	0%	56%
30	Ontem	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
31	Anteontem	76%	83%	60%	91%	62%	90%	67%	83%	79%	50%	89%

## CAMPO SEMÂNTICO ATIVIDADES AGROPASTORIS

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
32	Campo	30%	30%	36%	27%	29%	45%	16%	27%	36%	29%	10%
33	Sítio	65%	67%	64%	68%	65%	60%	74%	64%	73%	57%	50%
34	Mexerica	43%	41%	55%	27%	53%	40%	53%	27%	30%	43%	80%



35	Suco	65%	81%	73%	73%	76%	65%	79%	82%	82%	57%	60%
36	Amendoim	100%	93%	100%	100%	88%	95%	100%	91%	94%	100%	100%
37	Camomila	91%	93%	100%	86%	94%	90%	95%	91%	91%	100%	90%
38	Espiga	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
39	Sabugo	96%	96%	100%	91%	100%	100%	95%	91%	94%	100%	100%
40	Touceira	30%	33%	27%	41%	24%	35%	32%	27%	33%	57%	10%
41	Girassol	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
42	Cansação	57%	48%	36%	59%	53%	40%	63%	55%	58%	57%	30%
43	Vagem	91%	89%	82%	95%	88%	95%	95%	73%	88%	86%	100%
44	Carrinho de mão	74%	67%	73%	64%	76%	70%	58%	91%	64%	86%	80%
45	Forquilha	74%	74%	64%	82%	71%	75%	84%	55%	79%	86%	50%
46	Canga	65%	52%	36%	45%	88%	60%	58%	55%	61%	43%	60%
47	Rastelo	87%	89%	91%	86%	88%	100%	89%	64%	85%	100%	90%
48	Celeiro	35%	30%	73%	23%	18%	35%	37%	18%	24%	43%	50%
49	Curral	96%	93%	100%	100%	82%	95%	95%	91%	97%	100%	80%
50	Chiqueiro	87%	96%	100%	91%	88%	90%	95%	91%	94%	100%	80%
51	Chicote	48%	67%	82%	55%	47%	40%	63%	82%	52%	57%	80%
52	Cordeiro	30%	15%	36%	27%	6%	25%	21%	18%	24%	29%	10%
53	Leitão	91%	93%	100%	95%	82%	95%	95%	82%	88%	100%	100%
54	Diarista	43%	56%	55%	41%	59%	55%	53%	36%	61%	43%	20%
55	Trieiro	52%	52%	27%	59%	59%	45%	68%	36%	48%	86%	40%
Nº	COVILHÃ	MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
32	Planície	67%	31%	40%	56%	23%	35%	61%	42%	44%	100%	44%
33	Quinta	86%	79%	60%	84%	85%	90%	89%	58%	82%	50%	89%
34	Tangerina	95%	90%	100%	91%	92%	85%	94%	100%	90%	100%	100%
35	Sumo	81%	93%	60%	94%	85%	90%	78%	100%	90%	100%	78%
36	Amendoim	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
37	Camomila	76%	79%	100%	81%	62%	70%	89%	75%	77%	50%	89%
38	Maçaroca	76%	83%	40%	84%	85%	90%	78%	67%	82%	100%	67%
39	Carolo	33%	38%	20%	41%	31%	35%	39%	33%	36%	50%	33%
40	Restolho	86%	83%	60%	81%	100%	90%	83%	75%	85%	100%	78%
41	Girassol	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
42	Urtiga (s)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
43	Vagem	95%	100%	100%	97%	100%	95%	100%	100%	97%	100%	100%
44	Carrinho de mão	100%	97%	100%	97%	100%	95%	100%	100%	100%	100%	89%
45	Forquilha	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
46	Canga	76%	76%	20%	75%	100%	85%	61%	83%	74%	100%	78%
47	Ancinho (s)	100%	86%	100%	94%	85%	85%	94%	100%	90%	100%	100%
48	Celeiro	57%	66%	40%	69%	54%	50%	67%	75%	62%	50%	67%
49	Bardo	48%	41%	0%	44%	62%	60%	28%	42%	46%	100%	22%
50	Curral	62%	76%	100%	75%	46%	70%	72%	67%	74%	50%	56%
51	Chicote	95%	97%	100%	97%	92%	100%	94%	92%	97%	50%	100%
52	Borrego	81%	97%	80%	88%	100%	100%	89%	75%	87%	100%	100%

53	Leitão	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
54	Jornaleiro	62%	52%	60%	50%	69%	45%	44%	92%	54%	0%	78%
55	Vereda	33%	62%	40%	47%	62%	70%	33%	42%	51%	100%	33%

## CAMPO SEMÂNTICO FAUNA

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
56	Urubu	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
57	Galinha d'angola	83%	96%	100%	91%	82%	90%	89%	91%	91%	100%	80%
58	Papagaio	100%	96%	100%	100%	94%	100%	100%	91%	97%	100%	100%
59	Cotó	30%	41%	18%	50%	29%	15%	58%	36%	39%	29%	30%
60	Porco-espinho	65%	78%	82%	73%	65%	70%	68%	82%	76%	57%	70%
61	Crina	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
62	Lombo	65%	85%	64%	86%	71%	60%	95%	73%	76%	71%	80%
63	Chifre	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
64	Mocho	57%	63%	27%	64%	76%	60%	63%	55%	48%	100%	70%
65	Teta (s)	52%	44%	55%	45%	47%	35%	58%	55%	52%	29%	50%
66	Rabo	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
67	Varejeira	96%	96%	91%	100%	94%	95%	95%	100%	97%	100%	90%
68	Sanguessuga	100%	96%	100%	95%	100%	95%	100%	100%	97%	100%	100%
69	Libélula	43%	56%	55%	55%	41%	20%	63%	82%	55%	43%	40%
70	Pernilongo	57%	44%	64%	45%	47%	45%	58%	45%	30%	86%	90%

Nº	COVILHÃ	MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
56	Abutre (s)	62%	52%	60%	56%	54%	50%	61%	58%	51%	50%	78%
57	Galinha pedrês	33%	24%	0%	38%	15%	25%	28%	33%	26%	50%	33%
58	Papagaio	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
59	Cota	19%	10%	20%	13%	15%	15%	17%	8%	15%	0%	11%
60	Ouriço-cacheiro	76%	66%	60%	72%	69%	90%	61%	50%	77%	100%	33%
61	Crina (s)	100%	97%	100%	97%	100%	95%	100%	100%	97%	100%	100%
62	Lombo	67%	72%	80%	66%	77%	70%	78%	58%	72%	100%	56%
63	Cornos	81%	76%	60%	81%	77%	95%	67%	67%	85%	50%	56%
64	Mocho	67%	83%	40%	78%	85%	90%	78%	50%	77%	100%	67%
65	Tetas	76%	76%	100%	75%	69%	70%	89%	67%	74%	100%	78%
66	Rabo	100%	93%	100%	94%	100%	100%	100%	83%	97%	100%	89%
67	Varejeira	95%	100%	100%	100%	92%	100%	94%	100%	97%	100%	100%
68	Sanguessuga	100%	93%	100%	94%	100%	95%	94%	100%	95%	100%	100%
69	Libelinha	95%	93%	100%	91%	100%	100%	94%	83%	97%	100%	78%
70	Melga (s)	86%	93%	100%	88%	92%	95%	78%	100%	87%	100%	100%

## CAMPO SEMÂNTICO ACIDENTES CORPO HUMANO

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
71	Pálpebra (s)	52%	70%	55%	68%	59%	30%	84%	82%	61%	43%	80%
72	Cisco	91%	100%	100%	100%	88%	95%	95%	100%	97%	86%	100%
73	Caolho	39%	48%	45%	50%	35%	40%	53%	36%	39%	43%	60%

74	Vesgo	43%	52%	82%	50%	24%	45%	53%	45%	52%	29%	50%
75	Míope	74%	74%	64%	77%	76%	55%	89%	82%	76%	71%	70%
76	Terçol	96%	100%	91%	100%	100%	100%	95%	100%	100%	86%	100%
77	Dor-d 'olho	39%	63%	27%	64%	53%	50%	58%	45%	58%	57%	30%
78	Catarata	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
79	Presa (s)	57%	70%	36%	77%	65%	70%	79%	27%	70%	71%	40%
80	Dentes do siso	70%	78%	73%	77%	71%	55%	89%	82%	79%	71%	60%
81	Molar (es)	43%	44%	55%	32%	53%	25%	47%	73%	52%	14%	40%
82	Banguela (o)	83%	78%	82%	77%	82%	95%	79%	55%	76%	86%	90%
83	Fanho	52%	63%	73%	50%	59%	35%	68%	82%	55%	71%	60%
84	Meleca	26%	41%	36%	27%	41%	30%	42%	27%	39%	29%	20%
85	Gogó	83%	78%	73%	82%	82%	80%	89%	64%	82%	86%	70%
86	Clavícula	74%	74%	73%	68%	82%	65%	89%	64%	70%	57%	100%
87	Corcunda	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
88	Sovaco	74%	56%	27%	73%	76%	60%	63%	73%	61%	71%	70%
89	Cê-cê	52%	81%	55%	73%	71%	55%	84%	64%	70%	71%	60%
90	Canhoto (a)	96%	74%	91%	82%	82%	70%	89%	100%	79%	86%	100%
91	Seios	65%	67%	82%	73%	53%	75%	63%	64%	76%	57%	50%
92	Vomitar	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
93	Ronco	43%	52%	55%	50%	41%	35%	63%	45%	58%	14%	40%
94	Útero	57%	41%	45%	45%	53%	45%	53%	45%	48%	71%	30%
95	Perneta	39%	33%	18%	32%	53%	20%	42%	55%	36%	14%	50%
96	Manco (a)	70%	78%	73%	77%	71%	75%	68%	82%	73%	71%	80%
97	Cambaio (a)	65%	67%	36%	77%	71%	70%	74%	45%	70%	71%	50%
98	Rótula	65%	48%	36%	50%	76%	40%	68%	64%	45%	71%	80%
Nº	COVILHÃ	MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
71	Pálpebra (s)	76%	90%	100%	84%	77%	90%	83%	75%	85%	100%	78%
72	Cisco	90%	90%	100%	94%	77%	90%	89%	92%	90%	50%	100%
73	Zarolho (a)	90%	79%	100%	84%	77%	80%	89%	83%	87%	100%	67%
74	Estrábico (a)	67%	41%	80%	56%	31%	35%	67%	58%	46%	50%	78%
75	Míope	95%	86%	100%	88%	92%	90%	83%	100%	87%	100%	100%
76	Terçolho	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
77	Conjuntivite	95%	93%	100%	97%	85%	85%	100%	100%	92%	100%	100%
78	Catarata (s)	90%	83%	100%	88%	77%	80%	89%	92%	85%	100%	89%
79	Dentes caninos	100%	97%	100%	97%	100%	100%	94%	100%	97%	100%	100%
80	Dentes do siso	81%	76%	80%	75%	85%	75%	67%	100%	74%	50%	100%
81	Dentes molares	81%	90%	100%	94%	62%	80%	94%	83%	87%	50%	89%
82	Desdentado(a)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
83	Fanhoso (a)	100%	93%	100%	100%	85%	90%	100%	100%	95%	100%	100%
84	Macacos (as)	38%	59%	60%	53%	38%	30%	50%	83%	49%	0%	67%
85	Maça-de-Adão	62%	45%	60%	50%	54%	40%	61%	58%	51%	100%	44%
86	Clavícula	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
87	Corcunda	43%	45%	80%	50%	15%	30%	61%	42%	46%	0%	44%

88	Sovaco	57%	34%	40%	50%	31%	50%	33%	50%	49%	100%	11%
89	Suor	29%	41%	20%	44%	23%	40%	44%	17%	31%	50%	56%
90	Canhoto (a)	86%	93%	80%	91%	92%	95%	89%	83%	92%	50%	89%
91	Mamas	48%	62%	40%	50%	77%	60%	44%	67%	59%	100%	33%
92	Vomitar	100%	97%	100%	97%	100%	100%	94%	100%	97%	100%	100%
93	Ressonar	90%	93%	100%	91%	92%	95%	83%	100%	92%	100%	89%
94	Útero	62%	62%	80%	56%	69%	50%	67%	75%	62%	50%	67%
95	Perneta	90%	90%	100%	94%	77%	75%	100%	100%	87%	100%	100%
96	Coxo (a)	81%	72%	80%	75%	77%	70%	89%	67%	79%	50%	67%
97	Pernas arqueadas	86%	66%	100%	72%	69%	60%	78%	92%	72%	100%	78%
98	Rótula	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

## CAMPO SEMÂNTICO CICLOS DA VIDA

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
99	Menstruação	91%	85%	100%	82%	88%	95%	84%	82%	85%	86%	100%
100	Menopausa	96%	96%	91%	95%	100%	90%	100%	100%	94%	100%	100%
101	Gêmeos (as)	96%	100%	100%	100%	94%	100%	100%	91%	97%	100%	100%
102	Aborto	96%	100%	100%	100%	94%	95%	100%	100%	100%	100%	90%
103	Filho adotivo	57%	48%	27%	59%	59%	50%	63%	36%	52%	43%	60%
104	Primogênito	30%	52%	64%	41%	29%	35%	53%	36%	42%	57%	30%
105	Caçula	87%	96%	91%	91%	94%	85%	95%	100%	91%	86%	100%
106	Guri	52%	52%	36%	64%	47%	40%	63%	55%	58%	57%	30%
107	Menina	74%	78%	64%	73%	88%	70%	89%	64%	85%	57%	60%
108	Adolescente	57%	56%	36%	59%	65%	75%	47%	36%	45%	71%	80%
109	Adolescente	65%	37%	27%	50%	65%	70%	42%	27%	45%	57%	60%
110	Finado (a)	65%	59%	45%	73%	59%	75%	53%	55%	64%	57%	60%
Nº	COVILHÃ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
99	Menstruação	67%	59%	100%	53%	69%	50%	78%	58%	62%	50%	67%
100	Menopausa	57%	38%	60%	44%	46%	55%	39%	42%	49%	50%	33%
101	Gêmeos (as)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
102	Aborto	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
103	Filho adotivo	52%	55%	60%	50%	62%	50%	67%	42%	56%	50%	44%
104	Primogênito	52%	72%	40%	69%	62%	55%	61%	83%	56%	50%	100%
105	Filho mais novo	71%	72%	80%	72%	69%	70%	83%	58%	67%	100%	89%
106	Garoto	48%	48%	20%	47%	62%	60%	44%	33%	51%	50%	33%
107	Menina	52%	45%	40%	50%	46%	25%	67%	58%	46%	50%	56%
108	Adolescente	52%	41%	80%	50%	23%	40%	56%	42%	56%	0%	11%
109	Rapariga	29%	45%	20%	34%	54%	55%	39%	8%	38%	0%	44%
110	Falecido (a)	52%	66%	80%	59%	54%	70%	50%	58%	67%	0%	44%

## CAMPO SEMÂNTICO CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
111	Tagarela	57%	44%	82%	41%	41%	40%	53%	64%	55%	14%	60%

112	Rude (o)	70%	56%	36%	64%	76%	75%	68%	27%	70%	57%	40%
113	Pão-duro	39%	33%	18%	36%	47%	45%	37%	18%	39%	29%	30%
114	Mau pagador	48%	37%	27%	36%	59%	55%	32%	36%	39%	43%	50%
115	Corno	43%	44%	64%	41%	35%	40%	47%	45%	39%	43%	60%
116	Prostituta	65%	63%	91%	50%	65%	80%	58%	45%	58%	71%	80%
117	Xará	87%	96%	100%	86%	94%	100%	95%	73%	88%	100%	100%
118	Bêbado	48%	52%	64%	45%	47%	60%	32%	64%	42%	57%	70%
119	Bituca	65%	74%	64%	73%	71%	65%	79%	64%	58%	86%	100%
120	Açougueiro	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
121	Cidade	87%	81%	100%	77%	82%	75%	84%	100%	88%	86%	70%
122	Vila	43%	44%	55%	45%	35%	50%	42%	36%	45%	43%	40%
123	Corrutela	74%	70%	82%	64%	76%	80%	68%	64%	64%	100%	80%
Nº	COVILHÃ	MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
111	Fala barato	48%	34%	40%	38%	46%	30%	56%	33%	41%	0%	44%
112	Burro (a)	71%	55%	40%	56%	85%	65%	67%	50%	64%	100%	44%
113	Forreta	62%	79%	80%	69%	77%	80%	61%	75%	72%	100%	67%
114	Caloteiro	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
115	Cornudo	38%	55%	60%	53%	31%	40%	56%	50%	49%	0%	56%
116	Prostituta	86%	76%	80%	78%	85%	80%	89%	67%	85%	50%	67%
117	Homônimo (a)	86%	62%	100%	75%	54%	60%	83%	75%	72%	100%	67%
118	Bêbado	95%	97%	100%	97%	92%	90%	100%	100%	95%	100%	100%
119	Beata	52%	59%	80%	63%	31%	40%	67%	67%	54%	0%	78%
120	Carniceiro	57%	31%	20%	44%	46%	50%	22%	58%	41%	50%	44%
121	Cidade	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
122	Vila	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
123	Aldeia	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
CAMPO SEMÂNTICO RELIGIÃO E CRENÇAS												
Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
124	Diabo	70%	67%	73%	77%	53%	70%	68%	64%	70%	71%	60%
125	Assombração	74%	78%	64%	77%	76%	75%	84%	55%	79%	71%	60%
126	Macumba	48%	44%	73%	41%	35%	50%	53%	27%	33%	71%	70%
127	Amuleto	61%	59%	45%	59%	71%	40%	74%	73%	70%	14%	60%
128	Benedeira	91%	93%	91%	91%	94%	95%	89%	91%	94%	86%	90%
129	Curandeiro	78%	85%	64%	86%	88%	90%	79%	73%	85%	71%	80%
130	Medalha	65%	44%	27%	55%	71%	50%	58%	55%	55%	57%	50%
131	Presépio	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Nº	COVILHÃ	MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
124	Diabo	90%	90%	100%	84%	100%	95%	89%	83%	92%	100%	78%
125	Fantasma(s)	90%	86%	80%	91%	85%	90%	94%	75%	90%	50%	89%
126	Bruxaria(s)	48%	62%	60%	56%	54%	55%	56%	58%	56%	50%	56%
127	Amuleto	95%	100%	100%	97%	100%	100%	94%	100%	97%	100%	100%
128	Benta	38%	31%	0%	34%	46%	30%	28%	50%	31%	100%	33%

129	Curandeiro(a)	71%	83%	80%	78%	77%	90%	78%	58%	82%	50%	67%
130	Medalha	67%	97%	80%	84%	85%	90%	78%	83%	85%	50%	89%
131	Presépio	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

## CAMPO SEMÂNTICO JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
132	Cambalhota	74%	78%	82%	73%	76%	55%	89%	91%	79%	57%	80%
133	Bolita	83%	78%	82%	77%	82%	85%	74%	82%	82%	100%	60%
134	Estilingue	43%	59%	82%	45%	41%	60%	53%	36%	39%	57%	90%
135	Pipa	35%	48%	91%	41%	12%	40%	53%	27%	36%	71%	40%
136	Esconde-esconde	91%	96%	91%	95%	94%	95%	95%	91%	91%	100%	100%
137	Cobra-cega	78%	81%	91%	86%	65%	90%	79%	64%	73%	100%	90%
138	Pega-pegas	70%	56%	91%	68%	35%	65%	53%	73%	61%	71%	60%
139	Corre-cutia	39%	67%	64%	50%	53%	45%	58%	64%	64%	43%	30%
140	Gangorra	91%	89%	91%	86%	94%	100%	84%	82%	91%	100%	80%
141	Balanço	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
142	Amarelinha	96%	96%	100%	95%	94%	95%	100%	91%	100%	86%	90%

Nº	COVILHÃ	MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
132	Cambalhota	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
133	Berlinde(s)	76%	93%	80%	84%	92%	95%	72%	92%	82%	100%	100%
134	Fisga(s)	100%	90%	100%	94%	92%	90%	94%	100%	95%	100%	89%
135	Papagaio	90%	79%	100%	81%	85%	95%	89%	58%	87%	100%	67%
136	Escondidas	71%	69%	60%	69%	77%	80%	67%	58%	74%	100%	44%
137	Cabra-cega	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
138	Apanhada(s)	48%	55%	40%	50%	62%	65%	44%	42%	54%	50%	44%
139	Jogo do lenço	48%	52%	20%	50%	62%	70%	33%	42%	54%	100%	22%
140	Balancê	62%	48%	40%	59%	46%	50%	50%	67%	51%	100%	56%
141	Baloíço	95%	97%	100%	94%	100%	95%	94%	100%	100%	50%	89%
142	Macaca	62%	31%	60%	50%	23%	35%	44%	58%	46%	50%	33%

## CAMPO SEMÂNTICO HABITAÇÃO

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
143	Tramela	100%	89%	73%	100%	100%	100%	89%	91%	91%	100%	100%
144	Vaso	87%	78%	82%	86%	76%	90%	79%	73%	79%	86%	90%
145	Picumã	48%	33%	18%	41%	53%	55%	37%	18%	39%	43%	40%
146	Cinza	65%	44%	9%	68%	65%	55%	58%	45%	55%	57%	50%
147	Isqueiro	100%	93%	100%	95%	94%	100%	100%	82%	94%	100%	100%
148	Lanterna	91%	74%	64%	86%	88%	65%	89%	100%	79%	86%	90%
149	Tomada	52%	56%	45%	55%	59%	75%	32%	55%	55%	86%	30%
Nº	COVILHÃ	MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
143	Caravelha	81%	93%	60%	88%	100%	95%	78%	92%	90%	50%	89%
144	Sanita	90%	97%	100%	94%	92%	90%	100%	92%	92%	100%	100%
145	Fuligem	67%	86%	80%	78%	77%	75%	67%	100%	77%	50%	89%

146	Borrvalho	81%	83%	60%	81%	92%	95%	67%	83%	82%	100%	78%
147	Isqueiro	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
148	Lanterna	81%	79%	100%	78%	77%	85%	89%	58%	79%	50%	89%
149	Interruptor	90%	100%	100%	97%	92%	90%	100%	100%	95%	100%	100%

**CAMPO SEMÂNTICO ALIMENTAÇÃO E COZINHA**

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
150	Café-da-manhã	65%	44%	73%	59%	35%	55%	53%	55%	52%	43%	70%
151	Geleia	91%	100%	91%	95%	100%	95%	95%	100%	97%	86%	100%
152	Carne moída	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
153	Pinga	74%	93%	82%	91%	76%	75%	95%	82%	85%	86%	80%
154	Empachado(a)	26%	26%	18%	18%	41%	30%	16%	36%	33%	14%	10%
155	Guloso(a)	48%	52%	73%	45%	41%	60%	58%	18%	42%	57%	70%
156	Bala(inha)	65%	33%	45%	41%	59%	40%	47%	64%	45%	43%	60%
157	Geladeira	96%	100%	100%	95%	100%	95%	100%	100%	100%	86%	100%
Nº	COVILHÃ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
150	Pequeno-almoço	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
151	Compota(s)	48%	52%	80%	38%	69%	55%	50%	42%	59%	0%	22%
152	Carne picada	86%	72%	80%	81%	69%	75%	89%	67%	79%	100%	67%
153	Aguardente	95%	93%	80%	94%	100%	95%	100%	83%	95%	100%	89%
154	Enfartada(o)	38%	48%	0%	47%	54%	35%	56%	42%	46%	50%	33%
155	Alarve	62%	76%	20%	78%	69%	90%	67%	42%	77%	50%	44%
156	Rebuçado	100%	97%	100%	100%	92%	95%	100%	100%	97%	100%	100%
157	Frigorífico	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

**CAMPO SEMÂNTICO VESTUÁRIO**

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
158	Sutiã	96%	100%	100%	100%	94%	95%	100%	100%	100%	100%	90%
159	Cueca	83%	96%	91%	91%	88%	80%	95%	100%	88%	100%	90%
160	Calcinha	100%	89%	100%	95%	88%	95%	95%	91%	91%	100%	100%
161	Bolso	87%	96%	100%	91%	88%	95%	84%	100%	91%	100%	90%
162	Xale	43%	41%	18%	41%	59%	30%	47%	55%	42%	29%	50%
163	Camisola	65%	70%	64%	64%	76%	70%	74%	55%	76%	71%	40%
164	Pulôver	35%	30%	36%	18%	47%	35%	11%	64%	36%	14%	30%
165	Camiseta	78%	89%	73%	91%	82%	85%	84%	82%	85%	100%	70%
166	Terno	96%	100%	100%	100%	94%	95%	100%	100%	100%	100%	90%
167	Cadarço	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
168	Guarda-chuva	83%	70%	64%	68%	94%	50%	95%	91%	79%	43%	90%
Nº	COVILHÃ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
158	Sutiã	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
159	Cueca(s)	95%	83%	60%	88%	100%	95%	78%	92%	85%	100%	100%
160	Cueca(s)	81%	103%	100%	94%	92%	95%	94%	92%	95%	50%	100%
161	Algibeira	62%	69%	60%	66%	69%	60%	72%	67%	72%	50%	44%

162	Xaile	95%	100%	100%	100%	92%	100%	94%	100%	97%	100%	100%
163	Pijama	38%	66%	100%	53%	38%	60%	50%	50%	62%	0%	33%
164	Camisola	71%	72%	80%	63%	92%	80%	67%	67%	72%	100%	67%
165	T-shirt	90%	93%	100%	94%	85%	90%	94%	92%	95%	100%	78%
166	Fato	90%	100%	100%	100%	85%	100%	94%	92%	97%	100%	89%
167	Atacador(es)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
168	Guarda-chuva	57%	34%	80%	41%	38%	40%	39%	58%	44%	50%	44%

## CAMPO SEMÂNTICO VIDA URBANA

Nº	CUIABÁ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
169	Semáforo	57%	74%	73%	64%	65%	65%	74%	55%	61%	71%	80%
170	Pedestre	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
171	Calçada	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
172	Meio-fio	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
173	Beco	61%	56%	45%	64%	59%	75%	42%	55%	67%	57%	30%
174	Rotatória	61%	48%	55%	59%	47%	30%	79%	55%	55%	43%	60%
175	Terreno	74%	81%	82%	77%	76%	90%	63%	82%	82%	71%	70%
176	Ônibus	87%	96%	91%	95%	88%	90%	89%	100%	100%	71%	80%
177	Pouso	30%	33%	64%	18%	29%	35%	26%	36%	36%	14%	30%
178	Bar	39%	59%	73%	45%	41%	55%	42%	55%	55%	57%	30%
Nº	COVILHÃ	Gênero		Faixa Etária			Escolaridade			Naturalidade		
		MAS	FEM	< 35	36-55	> 56	FUN	MED	SUP	LOC	REG	OUT
169	Semáforo(s)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
170	Peão	95%	97%	60%	100%	100%	100%	94%	92%	97%	100%	89%
171	Passeio(s)	100%	97%	100%	100%	92%	95%	100%	100%	97%	100%	100%
172	Lancil	62%	41%	60%	41%	69%	60%	50%	33%	49%	100%	44%
173	Quelha(s)	38%	45%	40%	41%	46%	60%	22%	42%	46%	0%	33%
174	Rotunda(s)	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
175	Terreno	52%	72%	100%	69%	38%	45%	89%	58%	62%	50%	78%
176	Autocarro	100%	93%	100%	94%	100%	100%	100%	83%	97%	100%	89%
177	Aterragem	81%	79%	100%	78%	77%	80%	89%	67%	82%	0%	89%
178	Taberna	52%	66%	60%	59%	62%	65%	50%	67%	64%	50%	44%

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012/2013.